Marcia de Paula Gregorio Razzini

O ESPELHO DA NAÇÃO: A ANTOLOGIA NACIONAL E O ENSINO DE PORTUGUÊS E DE LITERATURA (1838-1971)

Tese apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras na Área de Teoria Literária

Orientadora: Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo - Unicamp

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
2000

200125525

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

NIDADE BC
CHAMADA:
TUNICAMP
R219e
Ex.
OMBO BC/ 43086
ROC. 16-278100
C [ ] D [x]
REÇO R$ 11,00
ATA 14/11/00
CPD

CM-00153272-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Razzini, Márcia de Paula Gregório

R219e O espelho da nação: a Antologia Nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971) / Márcia de Paula Gregório Razzini. - - Campinas, SP: [s.n.], 2000.

Orientador: Marisa Philbert Lajolo

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Antologias. 2. Ensino secundário - Brasil - História. 3. Língua portuguesa - Livros de leitura. 4. Literatura e história. I. Lajolo, Marisa Philbert. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo - Orientadora - UNICAMP

Prof. Dr. Eduardo Guimarães - UNICAMP

Profa. Dra. Orna Messer Levin - UNICAMP

Profa. Dra. Magda Becker Soares - UFMG

Profa. Dra. Regina Zilberman - PUCRS

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Márcia de Paula Gregório Razzini e aprovada pela Comissão Julgadora em 27/09/2000.

Para o Fábio,

Para nossos filhos, Beatriz e Felipe

E para as avós de nossos filhos, Alminda e Egle

Agradecimentos

Agradeço ao Sr. Antonio Gomes da Costa, à Profa. Gilda da Conceição Santos, ao Sr. Francisco Luiz Borges Silveira, ao Sr. Artur Soares Pinho, à Vera Lúcia de Almeida e à Carla Rosa Martins Gonçalves, do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, pela permissão e pelo tratamento atencioso e cordial para que eu fotografasse diversos livros estudados na tese; agradeço à Profa. Vera Lúcia Cabana de Andrade, ao prof. Geraldo Pinto Vieira, à Elizabeth Monteiro da Silva e ao Hélio de Oliveira Fonseca do NUDOM - Núcleo de Documentação do Colégio Pedro II, que me facilitaram ao máximo a pesquisa nos *Programas de Ensino* e na biblioteca; agradeço à Sra. Giacomina Faldini, à Maria Lúcia Beffa e à Luciana Maria Napoleone da Biblioteca da Faculdade de Direito da USP pela permissão para que eu fotografasse três compêndios; agradeço à Marita e aos funcionários do IEB - Instituto de Estudos Brasileiros da USP, sempre eficientes e muito gentis; agradeço ao gentilíssimo prof. Aníbal Bragança da Universidade Federal Fluminense, pelas valiosas informações sobre a *Antologia Nacional* garimpadas em seu acervo sobre a Livraria Francisco Alves; agradeço à Maria Paula Parisi por ter me apresentado e me emprestado a 5ª edição da *Antologia*; agradeço aos Profs. Eduardo Guimarães e Orna Messer Levin pelas importantes sugestões no Exame de Qualificação; agradeço especialmente à Profa. Marisa Lajolo pela orientação e por ter plantado em mim a semente da pesquisa em seu curso "Leituras Infanto-Juvenis", de 1988 na ECA-USP; agradeço aos meus amigos Bárbara Heller, Cilza Carla Bignoto, Luís Camargo e Maílde Trípoli, pelo companheirismo, sugestões, incentivo e empréstimos; agradeço ao meu sobrinho Sacha, um grande fotógrafo amador (por enquanto), o empréstimo de seu equipamento fotográfico; e finalmente agradeço ao CNPQ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo apoio financeiro concedido no período de março de 1993 a fevereiro de 1997.

Pour une large part, cet enjeu renvoie à la définition du "peuple" pris à la fois comme auteur collectif et comme public destinataire de la littérature nationale dont l'anthologie a la prétention de donner le reflet. [...]

Cette affirmation de l'identité littéraire de la nation ou du groupe - souvent en relation avec le monde de l'école - est pour partie une des causes du développement, mais aussi de la critique opérée face à la forme anthologique.

Emmanuel Fraisse [1]

O hábito das antologias - tão característico do nosso tempo - parece ter sido uma das vias por que se estabeleceram a análise e o estudo da literatura portuguesa e brasileira.

Antonio Candido [2]

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

[1] FRAISSE, Emmanuel. *Les anthologies en France*, p. 131-32.

[2] CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Silvio Romero*, p. 18.

SUMÁRIO

I . INTRODUÇÃO 15

A) Modelo europeu e herança colonial 19
B) O ensino superior e o ensino secundário no Brasil 23
C) O Colégio Pedro II 31

II . BREVE HISTÓRICO DO PORTUGUÊS E DA LITERATURA NO ENSINO SECUNDÁRIO: "a ascensão do Português e da Literatura Brasileira" 35

III . APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA *ANTOLOGIA NACIONAL* 113

A) Século XIX (e Século XX): "Yes, nós temos literatura" 143
B) Século XVIII: "Tupi or not tupi ... e a pena brasileira escreve mais que a portuguesa" 187
C) Século XVII: "A hora e a vez do púlpito" 215
D) Século XVI: "Navegar é preciso" 229

IV . CONCLUSÃO: A implantação da cultura brasileira na escola 237

V . CRONOLOGIA DO ENSINO DE PORTUGUÊS E DE LITERATURA 247

VI . REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 271

VII . ANEXOS

A) ANEXO I - Programas de português e de literatura do Colégio Pedro II 279
B) ANEXO II - Legislação sobre programas de português e de literatura 339
C) ANEXO III - Tabelas de horário do curso secundário 373
D) ANEXO IV - Quadro de carga horária das disciplinas do curso secundário (1838-1961)..... 411
E) ANEXO V - Gráfico das aulas de Português, Latim, Retórica e Literatura (1838-1961)..... 415
F) ANEXO VI - LISTA GERAL e TABELAS (de 1 a 15) da *Antologia Nacional* 419
G) ANEXO VII - Xerocópia da carta da Livraria Francisco Alves a Carlos de Laet 439

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 Jerônimo Soares Barbosa, 1807 ..... pág. 39
Fig. 2 Jerônimo Soares Barbosa, 1830 ..... pág. 40
Fig. 3 Francisco de Paula Menezes, 1856 ..... pág. 43
Fig. 4 Frei Francisco de São Luiz, 1840 ..... pág. 45
Fig. 5 Francisco Freire de Carvalho, 1834 ..... pág. 47
Fig. 6 Francisco Freire de Carvalho, 1840 ..... pág. 48
Fig. 7 José Feliciano de Castilho, 1868 ..... pág. 51
Fig. 8 Antonio Marciano da Silva Pontes, 1860 ..... pág. 53
Fig. 9 Francisco Júlio Caldas Aulete, 1866 ..... pág. 57
Fig. 10 José Ignácio Roquette, 1849 ..... pág. 60
Fig. 11 Vergueiro e Pertence, 1861 ..... pág. 61
Fig. 12 Francisco Sotero dos Reis, 1870 ..... pág. 62
Fig. 13 Francisco Júlio Caldas Aulete, 1873 ..... pág. 65
Fig. 14 Francisco Júlio Caldas Aulete, 1882 ..... pág. 67
Fig. 15 José Manuel Garcia, 1877 ..... pág. 68
Fig. 16 Aprendei a Língua Vernácula, 1893 ..... pág. 69
Fig. 17 Bento José de Oliveira, 1879 ..... pág. 77
Fig. 18 Antonio Cardoso Borges de Fiqueiredo, 1845 ..... pág. 78
Fig. 19 José da Fonseca, 1837 ..... pág. 80
Fig. 20 Júlio Ribeiro, 1881 ..... pág. 81
Fig. 21 Maximino de Araújo Maciel, 1887 ..... pág. 84
Fig. 22 Seleção Literária, 1887 ..... pág. 85
Fig. 23 Seleção Literária, 1891 ..... pág. 87
Fig. 24 Alfredo Gomes, 1895 ..... pág. 91
Fig. 25 Antologia Nacional, 1ª ed., 1895 ..... pág. 92
Fig. 26 Antologia Nacional, 1ª ed., 1895, "zoom" ..... pág. 115
Fig. 27 Antologia Nacional, 2ª ed., 1896 ..... pág. 123
Fig. 28 Antologia Nacional, 3ª ed., 1901 ..... pág. 125
Fig. 29 Antologia Nacional, 4ª ed., 1903 ..... pág. 126
Fig. 30 Antologia Nacional, 5ª ed., 1909, capa ..... pág. 127
Fig. 31 Antologia Nacional, 5ª ed., 1909, rosto ..... pág. 128
Fig. 32 Antologia Nacional, 6ª ed., 1913 ..... pág. 130
Fig. 33 Antologia Nacional, 12ª ed., 1927 ..... pág. 132
Fig. 34 Antologia Nacional, 20ª ed., 1936 ..... pág. 134
Fig. 35 Antologia Nacional, 25ª ed., 1945 ..... pág. 136
Fig. 36 Antologia Nacional, 33ª ed., 1956 ..... pág. 139
Fig. 37 Antologia Nacional, 43ª ed., 1969 ..... pág. 140

Resumo

Para entender a ***Antologia Nacional*** (1895-1969) de Fausto Barreto e Carlos de Laet, uma seleta escolar usada durante mais de setenta anos, foi feito um histórico do ensino de Português e de Literatura na escola secundária brasileira, tomando como referência os *Programas de Ensino* do Colégio Pedro II (escola secundária padrão) e a legislação vigente.

Até 1931, a conclusão do curso secundário não era obrigatória para entrar nos cursos superiores, cuja seleção era feita pelos "Exames Preparatórios". Isto fez com que, na prática, o currículo do curso secundário ficasse dependente destes exames.

Assim, até 1869 o ensino de Português era insignificante no currículo da escola secundária, onde predominavam as disciplinas clássicas, sobretudo o Latim. Depois de 1869, quando o exame de Português foi incluído entre os Preparatórios, houve a ascensão desta disciplina no Colégio Pedro II, cujo desenvolvimento, ainda que sujeito a variações, foi sempre crescente.

A literatura nacional era ensinada no currículo de Retórica e Poética, disciplina exigida nos Preparatórios das faculdades de Direito até 1890, quando foi excluída dos exames e do curso secundário. Em seu lugar era ensinada a História da Literatura Nacional, cuja ausência dos Exames Preparatórios tirou-a também do curso secundário (1911).

A ***Antologia Nacional*** (1895) nasceu logo após a Proclamação da República, quando novos ventos sopravam a favor da implantação de uma cultura nacional na escola brasileira, reservando ao ensino de Português e de Literatura o papel de representar a pátria.

A organização da ***Antologia Nacional*** (oficialmente adotada nas aulas de Português) e seu sucesso editorial refletem o momento nacionalista e a centralização do ensino secundário a partir do Colégio Pedro II, cujos programas e compêndios tornaram-se referência legal para as demais escolas secundárias, públicas e privadas.

Os autores e excertos (brasileiros e portugueses) selecionados na ***Antologia Nacional*** eram apresentados de forma moderna, divididos por períodos históricos (e não mais por gêneros), dispostos na ordem cronológica inversa, "do 19° ao 16° Século", privilegiando os brasileiros contemporâneos (já separados dos portugueses), por onde o estudo do vernáculo começava.

A adoção compulsória (até 1930) e as sucessivas reedições (a última, a 43ª edição, é de 1969) indicam que a ***Antologia Nacional*** foi um livro de leitura "intensiva" de várias gerações de brasileiros que passaram pela escola secundária.

A pouca importância da literatura nacional no currículo secundário, resultado de sua ausência nos Exames Preparatórios, maximizou o papel da ***Antologia Nacional*** na transmissão e conservação da literatura brasileira, tornando-a representante da nação. As inclusões maciças de brasileiros contemporâneos e o deslocamento da ***Antologia Nacional*** para as séries finais do curso secundário, reforçaram seus laços com a literatura nacional, inserida no currículo de Português e nos exames vestibulares em 1943.

A legislação de 1971 trocou o "bem falar e bem escrever" dos textos literários *antológicos* por uma profusão de textos de origens diversas que transmitissem a eficácia da comunicação e a compreensão da "Cultura Brasileira", sucateando a ***Antologia Nacional***, até então difusora e reprodutora da "vernaculidade" brasi-lusa.

Palavras-chave: 1. Antologias. 2. Ensino secundário - Brasil - História. 3. Língua portuguesa - Livros de leitura. 4. Literatura e história. I. Lajolo, Marisa Philbert. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

I - INTRODUÇÃO

A ***Antologia Nacional*** (1895-1969) de Fausto Barreto e Carlos de Laet, objeto de minha dissertação de mestrado[3], foi uma das compilações literárias mais lidas pelos brasileiros que passaram pela escola secundária até a década de 1960.

Adotada oficialmente em colégios tradicionais do Rio de Janeiro (capital brasileira até 1960), tais como o Colégio Militar, a Escola Normal do Distrito Federal, e sobretudo, o Colégio Pedro II, instituição modelo durante décadas, teve seu consumo disseminado em outras escolas, contribuindo para a formação de inúmeras gerações ao longo de seus 74 anos e 43 edições. Manuel Bandeira e Pedro Nava, por exemplo, citam a ***Antologia Nacional*** em suas memórias e comentam a função formadora que ela representou. [4]

No mestrado, absolutamente encantada com meu objeto de estudo e suas relações históricas, enfatizei os aspectos externos da ***Antologia Nacional***, suas circunstâncias de produção, edição e circulação, e suas relações com a história literária, área de minha formação.

Assim, tentei descrever e traçar o percurso histórico da ***Antologia Nacional***, comparando suas edições e tentando estabelecer um parâmetro de comparação para analisar o quadro de autores e excertos selecionados. As alterações mais significativas, extraídas a partir da comparação interna entre as várias edições da ***Antologia***, revelaram, além da mudança de editora em 1913[5], o acréscimo maciço de autores contemporâneos (dos séculos XIX e XX), a exclusão de 6 autores e alguns cortes nos excertos.

Com o intuito de esclarecer os pressupostos de seleção da ***Antologia Nacional***, a título de comparação externa, elaborei um BANCO DE DADOS, com o qual foi possível confrontar o *corpus* de autores e excertos compilados na ***Antologia*** com o *corpus* de autores e excertos estabelecido em três antologias do século XIX, que historiaram a literatura brasileira (*Parnaso Brasileiro* de João Manoel Pereira da Silva, *Florilégio da Poesia Brasileira* de Francisco de Varnhagen e *Le Brésil Littéraire* de Ferdinand Wolf) e em dois manuais adotados no Colégio Pedro II, também no século XIX, um de história literária, usado nas aulas de retórica (*Curso Elementar de Literatura Nacional* do Cônego Fernandes Pinheiro), e outro,

---

[3] RAZZINI, Marcia P. G. *Antologia Nacional (1895-1969) Museu Literário ou Doutrina?* Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1992.

[4] BANDEIRA, Manuel. *Obras completas*. "Itinerário de Pasárgada" e "Crônicas da Província do Brasil". e NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. Memórias 2, *Chão de Ferro*. Memórias 3.

uma seleta de textos para leitura nas aulas de português (*Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza), única obra que não tinha informações históricas como as outras, mas que foi escolhida porque tinha dado origem à ***Antologia Nacional***.

Os dados estatísticos mostraram pequenos, mas importantes, resultados, como a presença de Basílio da Gama, Santa Rita Durão e Tomás Antonio Gonzaga em *todas* as obras consultadas. Foi apurada, também, a repetição de dois excertos em todas as obras elencadas no BANCO DE DADOS: um d*O Uraguai* de Basílio da Gama, que conta a "morte de Lindóia", e outro do *Caramurú* de Santa Rita Durão, que narra a "morte de Moema".

No caso do *Caramurú* o efeito da repetição é particularmente curioso, pois o trecho da "morte de Moema" tornou-se "clássico", reproduzido em histórias literárias, antologias e manuais escolares, e sua presença isolada do contexto da obra fez com que Moema, uma personagem secundária (retratada, aliás, no quadro de Victor Meireles em 1866) parecesse a heroína do poema épico de Santa Rita Durão, em detrimento de Paraguaçu.

A repetição dos trechos de Lindóia e de Moema, no século XIX e depois no século XX, até nossos dias [6], indica que o ensino de literatura, no que diz respeito a José Basílio e a Santa Rita Durão, vem reproduzindo até hoje a receita da crítica romântica, preocupada com a construção de mitos que representassem o caráter nacional. De certa forma, tal reprodução determinou também o gosto dos leitores de antologias e livros didáticos, privilegiando uma recepção "romântica" para estas duas epopéias do século XVIII.

Neste sentido, notei que boa parte dos excertos da ***Antologia Nacional*** davam preferência aos assuntos nacionais, fomentados pela crítica romântica: descrições da terra e de seus habitantes, biografias e trechos históricos. Ao patriotismo nacionalista juntavam-se vários excertos que privilegiavam uma visão mais tradicional da literatura e da língua, com a predominância da oratória moralista e dos autores do período clássico português, sobretudo Camões.

Assim, terminei o mestrado (1992) concluindo que a ***Antologia Nacional***, apesar de concebida no final do século XIX, ofereceu a seus pupilos uma formação literária e lingüística que mesclava o gosto romântico com o clássico, ignorando a literatura brasileira pós-1922 e os autores vivos. O trabalho apresentava ainda algumas hipóteses tanto para a longevidade do livro quanto para seu desaparecimento no final da década de 1960. Entretanto, muitas perguntas sobre a ***Antologia Nacional*** ficaram sem respostas, o que me moveu a continuar o trabalho no doutorado.

Quando prestei o Exame de Qualificação do doutorado (1996) havia desenvolvido sumariamente as hipóteses do mestrado, delineando um modelo cultural (humanista de extração francesa) e um modelo educacional (determinado por alguns programas de ensino do Colégio Pedro II), que serviriam de pano de

---

[5] Depois descobri que a *Antologia Nacional* mudou-se para a Livraria Francisco Alves em 1909.

[6] RAZZINI, Marcia P. G. "A Morte de Lindóia e a Morte de Moema enquanto excertos formadores do gosto literário na escola".

fundo para a análise que pretendia fazer dos excertos da ***Antologia Nacional***, análise, aliás, que ficara prometida à banca na defesa do mestrado. Para esta análise tinha adiantado a apuração exaustiva do número de autores e de excertos da ***Antologia*** divididos conforme a nacionalidade, o gênero e a época, organizando os dados em tabelas. Da análise dos excertos tinha me limitado a apenas alguns autores do século XIX. Incluí, ainda, no texto da qualificação, um capítulo sobre Tomás Antonio Gonzaga, onde mostrava a discrepância da tímida acolhida que ele teve na ***Antologia*** comparada ao esforço contínuo dos historiadores literários para lhe construir uma imagem de grande poeta nacional.

A banca examinadora da qualificação me apontou dois caminhos: ou escolhia estudar o modelo educacional como ponto de partida para a análise do *corpus* de autores e excertos da ***Antologia***, ou aprofundava e desenvolvia o capítulo sobre Tomás Antonio Gonzaga. A segunda opção era sedutora, pois sua conclusão tinha horizontes previsíveis, aliados ao conforto de não sair dos domínios literários.

Entretanto, fiel às minhas promessas do mestrado, de analisar os textos da ***Antologia Nacional***, escolhi o primeiro caminho e tratei de fazer o levantamento dos programas de ensino do curso secundário e da respectiva legislação educacional. No princípio, limitei o período de estudo, entre 1850 (ano do primeiro *Programa de Ensino do Colégio Pedro II*) e 1930 (final da República Velha), mas, no decorrer da pesquisa e da análise da ***Antologia***, este período foi sendo dilatado, e passou a abranger desde o primeiro Regulamento do Colégio Pedro II, que é de 1838, até a Lei 5.692 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1971.

Com o propósito de fazer um breve histórico das transformações que o ensino de português e de literatura brasileira sofreram ao longo dos séculos XIX e XX, reuni, no final de 1996, o maior número que pude de *Programas de Ensino* do Colégio Pedro II, localizados em sua biblioteca no centro do Rio de Janeiro, e comecei a pesquisar e analisar a bibliografia sobre história da educação no Brasil e a legislação educacional, que é quase interminável.

Como os *Programas de Ensino* do Colégio Pedro II constituem um material raro, mas não cobrem todo o período estudado, reproduzi, no ANEXO I (folhas verdes), os currículos de português e de literatura do Pedro II, e juntei a estes, no ANEXO II (folhas amarelas), alguns currículos de português e de literatura publicados em decretos e leis, procurando preencher as lacunas dos primeiros. Incluí, ainda, no ANEXO I, dois Ofícios encontrados com os Programas de 1865 e de 1877 (p. 287-88 e p. 294).

Levando em conta as observações de Jorge Nagle sobre a importância, nas análises escolares, da "divisão e distribuição do tempo dedicado ao desenvolvimento de cada matéria do currículo" [7], fiz também o levantamento da carga horária das disciplinas do curso secundário, usando como base de informação os próprios programas de ensino e a bibliografia de história da educação. Transcrevi no ANEXO III (folhas azuis) as tabelas de horário das disciplinas do curso secundário que encontrei, reproduzindo-as da forma como apareceram na fonte.

---

[7] NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*, p. 340.

Para se ter idéia da distribuição e do peso de cada matéria no currículo do curso secundário durante o período estudado, elaborei um QUADRO DO NÚMERO DE AULAS SEMANAIS, com a carga horária semanal (somadas todas as séries) das disciplinas do curso secundário nos anos em que foi possível obter estas informações, reunindo-as no ANEXO IV (folhas brancas). Desta maneira, é possível visualizar no ANEXO IV através da quantidade de aulas semanais (em todas as séries), a decadência do ensino humanista clássico, com o desaparecimento do grego, da retórica, do latim; e a implantação da cultura nacional, com a ascensão do português (aí embutida a ascensão da literatura brasileira).

Partindo das informações do ANEXO IV, elaborei ainda um **Gráfico** para comparar a carga horária de português, literatura, retórica e latim, em cada ano letivo, onde ficou patente a ascensão do português (e da literatura correspondente) e o declínio e desaparecimento do latim e da retórica.

A quantidade de informações começou a se avolumar de uma tal maneira que foi preciso elaborar uma CRONOLOGIA para que eu não me perdesse no mar de programas, carga horária, leis e decretos, viabilizando a identificação e a análise das variações (e permanências) no ensino de português e de literatura. Incluí nesta CRONOLOGIA as informações que pude localizar sobre a legislação que regulamentava as aulas de português e de literatura, a distribuição destas disciplinas nas séries do curso secundário com a respectiva carga horária, os professores encarregados de lecioná-las no Colégio Pedro II e os respectivos compêndios adotados. Confiante na utilidade da CRONOLOGIA como guia de leitura deste trabalho, resolvi incorporá-la no final do texto.

Toda a documentação exposta acima deu origem ao primeiro capítulo da tese, o qual procura construir, mesmo que de forma incompleta, a história do ensino das disciplinas português e literatura na escola secundária brasileira durante o período 1838-1971. E é neste cenário educacional que, em seguida, desenvolvo a apresentação e a análise da ***Antologia Nacional*** de Fausto Barreto e Carlos de Laet.

Entretanto, para entender a história do ensino destas disciplinas, é necessário contextualizar alguns aspectos culturais e educacionais de nossa sociedade neste período.

A) Modelo europeu e herança colonial.

O historiador Arno J. Mayer, em seu livro *A Força da Tradição*, destaca a longevidade do "Antigo Regime" até a Primeira Guerra nos principais países europeus, quer seja na permanência da monarquia e da elite fundiária, quer seja na aceitação e prolongamento dos valores e instituições das antigas elites pela burguesia ascendente. Assinalando que os "burgueses auto-renegados estavam entre" os defensores mais entusiásticos da alta cultura clássica e de suas instituições, Mayer diz que:

> O resultado foi o fortalecimento das linguagens, convenções e símbolos clássicos e acadêmicos nas artes e letras, em vez do estímulo aos impulsos modernistas. Os burgueses se permitiram ser envolvidos por um sistema cultural e educacional que defendia e reproduzia o *ancien régime*. [8]

No Brasil, a permanência do Antigo Regime ("monarquia e elite fundiária") está ligada ao sucesso duradouro da empresa colonial portuguesa (1500-1822) e, depois da Independência, ao prolongamento de sua estrutura econômica, social e política. Não se pode esquecer que os maiores benefiados com nossa Independência foi o filho (D. Pedro I) e o neto (D. Pedro II) do rei de Portugal.

Ao que parece, a aceitação e prolongamento dos valores e instituições dos colonizadores portugueses era disfarçada com a adoção de outros modelos culturais europeus (franceses e ingleses, por exemplo), cujo cultivo (e adestramento) dava distinção à elite emergente.

Assim, a passagem da colônia para o estado autônomo fez surgir uma elite política autoritária, porém, não deixamos de ser uma nação periférica, agrária e extrativista com base na mão-de-obra escrava, dependente do mercado internacional, até o final do século XIX, quiçá até meados do século XX.

Luiz Felipe de Alencastro, preocupado em matizar alguns traços históricos do autoritarismo político brasileiro, discute a marginalização do elemento popular na nossa Independência, perdido na malha densa de uma sociedade heterogênea e ameaçada na sua unidade nacional. O jogo político restrito à classe dominante, incutia a idéia de que o Brasil existia enquanto nação graças a ação de suas elites, ressaltando que:

> No espírito das classes dominantes, essas clivagens culturais justificavam a recusa dos direitos de cidadania às camadas da população dessocializadas em virtude da organização do trabalho. Até recentemente a proibição do voto dos anlfabetos ilustrava essa recusa à cidadania.
>
> Assim se consolidava a ideologia "civilizadora", difundida entre os altos funcionários do Estado, que atribuía às classes dominantes a tarefa histórica de "civilizar" a população brasileira. [9]

A continuidade do modelo de exploração colonial retardou, e muito, a industrialização e a urbanização e permitiu que a cultura européia e suas instituições para aqui transplantadas tivessem um papel central de dominação sobre o grande contingente de escravos e analfabetos, tornando, obviamente, seu acesso restrito à classe dirigente.

---

[8] MAYER, Arno J. *A força da tradição. A persistência do Antigo Regime*, p. 23-24.

[9] ALENCASTRO, Luiz Felipe de. "O Fardo dos Bacharéis". *Novos Estudos CEBRAP*, p. 70.

Os censos de 1920 e de 1950 informaram os coeficientes da população brasileira segundo o grau de instrução em 1872, 1890, 1900, 1920, 1940 e 1950, os quais podem ser resumidos da seguinte maneira: [10]

População brasileira	**1872**	**1890**	**1900**	**1920**	**1940**	**1950**
Sabem ler e escrever	1.564.481	2.120.559	4.448.681	7.493.357	10.379.990	14.916.779
% sobre o total de hab. considerados	16 %	15 %	25 %	24 %	44 %	49 %
Não sabem ler e escrever	8.365.997	12.213.356	12.989.753	23.142.248	13.269.381	15.272.632
Total de habitantes de 15 anos e mais	-	-	-	-	23.649.371	30.189.411
Total de habitantes de todas as idades	9.930.478	14.333.915	17.438.434	30.635.605	41.236.315	51.944.397

Obs.: Os censos de 1940 e 1950 consideraram o grau de instrução da população de "15 anos ou mais".

Um contingente tão significativo de analfabetos pode indicar, além do restrito acesso às escolas, que o consumo de bens culturais, sobretudo jornais e livros, era parcimonioso e circunscrito a uma pequena elite.

Ao enumerar as "Condições do Meio", desfavoráveis à produção e consumo de literatura, no começo do século XIX, Antonio Candido configurou a imagem de intelectual que persistiria até metade do século seguinte:

> A raridade e dificuldade da instrução, a escassez de livros, o destaque dado bruscamente aos intelectuais (pela necessidade de recrutar entre eles funcionários, administradores, pregadores, oradores, professores, publicistas) deram-lhes um relevo inesperado. [...] Não espanta que se tenha gerado um certo sentimento de superioridade, a que não eram alheias algumas implicações da Ilustração - inclinada a supervalorizar o *filósofo*, detentor das luzes e capaz, por isso, de conduzir os homens ao progresso. Aí se encontram porventura as raízes da relativa jactância, reforçada a seguir pelo Romantismo, que deu aos grupos intelectuais, no Brasil, exagerada noção da própria importância e valia.
>
> É preciso, naturalmente, lembrar o fator complementar decisivo que foi a profunda ignorância do povo e a mediocridade passiva dos públicos disponíveis - o que só concorreu para aumentar o hiato entre massa e *élite* e reforçar a autovalorização desta. Nesse estado de coisas, agiu como corretivo o caráter participante com que o intelectual surgiu aqui. [...] Este estado de coisas, referente sobretudo ao orador, o jornalista, o legista, repercutiu também na posição do escritor, relativamente acatado no Brasil, mesmo quando as suas obras não eram lidas. [11]

Portanto, o acesso à cultura européia, no Brasil, não só legitimava o poder da classe dirigente (fazendo-a digna representante do nosso país frente às nações mais adiantadas, conferindo-lhe o aval de negociar com o exterior e governar o país), como também supervalorizava a elite letrada, muitas vezes coincidente com a elite política.

---

[10] *Sinopse do Recenseamento Realizado em 1 de Setembro de 1920*, População do Brasil, "Coeficientes da população dos Estados do Brasil em 1872, 1890 e 1920 segundo o grau de instrução e a idade", p. 26-27. e *A população do Brasil: dados censitários - 1872/1950*, 1958, p. 3.

[11] CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. v. 1, p. 235.

Ao longo do século XIX, nossa pequena classe dominante passou a apreciar cada vez mais as formas modernas de civilização burguesa. [12] Porém, ao mesmo tempo, a aclimatação do modelo europeu de civilização tinha que conviver numa sociedade de estrutura colonial, assentada sobre a escravidão, cuja permanência sustentava a elite local e reproduzia o alheamento da maioria da população.

Dentre as importações culturais européias, destaca-se o modelo francês, que sempre exerceu entre nós grande fascínio durante o século XIX, prolongando-se até a metade do século XX. A França se fez presente desde o financiamento, por D. João VI, da "missão artística francesa", no início do século XIX, passando pela fundação de instituições nela inspiradas, como o Colégio Pedro II (1837), o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), a Academia Brasileira de Letras (1897), além de salões, clubes, teatros, associações, até a disseminação do consumo de bens importados, tais como, arquitetura, decoração, companhias teatrais (e *cocotes*), moda, culinária, além, é claro, de muito material impresso (folhetins, romances, compêndios, etc.).

Um fato bem posterior, mas que ilustra a durabilidade do gosto francófilo entre nós, foi a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1937, parte da então recém-criada Universidade de São Paulo, justificando a despesa do Estado de São Paulo com a importação de mais uma "missão francesa" (Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide, etc.) para compor seu corpo docente, cujas aulas eram dadas em francês.

Quanto às letras, dois fatos importantes estão relacionados com a França: o primeiro crítico que influenciou nossa literatura (1826) foi o francês Ferdinand Denis, tornando-se depois uma espécie de consultor e interlocutor de nossos escritores na Europa [13], e o Romantismo, nosso primeiro movimento literário que se auto-intitulava nacionalista, teve início em Paris, com o grupo da Revista Niterói (1836). Muitas vezes, também, a influência francesa vinha através de Portugal, nas traduções portuguesas de obras francesas e na adesão de alguns escritores lusitanos à cultura francófila.

No caso dos livros, além da grande influência de editores franceses no Brasil como Plancher, Laemmert e Garnier, até meados da década de 1930, 50% dos livros importados vinham da França. [14]

Se a importação dos bens e dos modelos culturais europeus era capaz de criar para a elite uma atmosfera de civilização nos trópicos, sua aclimatação numa sociedade escravista e agrária, sinônimos de barbárie e atraso (segundo a ótica da civilização central), gerava (na periferia) o "sentimento aflitivo da civilização imitada", ou "macaqueada", como disse Silvio Romero, ao considerar nossa cultura cópia da cultura européia:

> Com o primeiro imperador e a Regência, a pequena fresta (aberta) no muro de nosso isolamento por D. João VI alargou-se, e começamos a copiar o romantismo político e literário dos franceses.

---

[12] *História da vida privada no Brasil: Império*. Org. Luiz Felipe de Alencastro.

[13] CÉSAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do romantismo*; ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em Berço Esplêndido*; RAZZINI, Marcia P. G. "Um compadre do Brasil no século XIX". *Letras de Hoje*.

[14] HALLEWELL, Lawrence. *O Livro no Brasil*, p. 328-29.

> Macaqueamos a carta de 1814, transplantamos para cá as fantasias de Benjamin Constant, arremedamos o parlamentarismo e a política constitucional do autor de *Adolphe*, de mistura com a poesia eos sonhos do autor de *René* e *Atala*.
>
> O povo, este continua a ser analfabeto.
>
> O segundo reinado, com sua política vacilante, incerta, incapaz, durante cinqüenta anos, escancarou todas as portas, e fê-lo tumultuariamente, sem discrímem, sem critério. A imitação, a macaqueação de tudo, modas, costumes, leis, códigos, versos, dramas, romances, foi a regra geral. [15]

Através deste trecho de Silvio Romero, Roberto Schwarz trata do "problema da cópia" como ideologia, em seu ensaio "Nacional por Subtração", e mostra que o "falso problema" oculta a inadequação do modelo em face de nossa realidade sócio-econômica, apontando, entre outros inconvenientes, que:

> O que é um mal-estar de classe dominante, ligado à dificuldade de conciliar moralmente as vantagens do progresso e do escravismo ou sucedâneos, aparece como feição nacional. [16]

Schwarz assinala, também, que além de excluir a maioria da população, que não tinha acesso à cultura burguesa, a "ideologia da cópia" impedia de notar "as relações de poder em jogo, internacionais inclusive". [17]

Juntando as afirmações de Schwarz com as anteriores, de Candido e de Alencastro, percebe-se que a absorção da cultura européia no Brasil era um dos traços distintivos mais visíveis na classe dominante, conferindo-lhe prestígio e autorizando-lhe o exercício do poder (traduzido como "fardo"). Tal "missão civilizadora" assumia os valores dos colonizadores europeus e desprezava, naturalmente, a cultura popular, enquanto a discussão da cultura nacional ("o problema da cópia", por exemplo) girava em torno da relação "elite e modelo", desconsiderando a maior parte da população, segregada na pobreza e no analfabetismo, impedida, portanto, de votar e de participar "do universo da cultura contemporânea".

Nesse sentido, creio que o estudo da educação secundária e superior, restrita à elite, pode oferecer alguns traços da aclimatação do modelo cultural europeu no Brasil e, talvez, refletir os mecanismos de reprodução e de autoconservação da classe dominante.

---

[15] ROMERO, Silvio. *Machado de Assis*, p. 122.

[16] SCHWARZ, Roberto. *Que Horas são? : ensaios*, p. 47.

[17] Id., ibid., p. 48.

B) Ensino superior e ensino secundário.

No Brasil a infra-estrutura educacional para a formação dos altos escalões do serviço público civil e militar, do clero e dos profissionais liberais, era raquítica, se comparada à estrutura européia. Ao contrário dos centros europeus, não tínhamos nem universidade nem escolas secundárias aristocráticas e muito menos programas abrangentes para a educação elementar do povo.

A primeira universidade brasileira, foi formada tardiamente no Rio de Janeiro, em 1920, com a junção das faculdades de Medicina, Direito e a Politécnica, seguida da Universidade Federal de Minas Gerais, que é de 1927. A Universidade de São Paulo foi organizada só em 1934. Na década de 40 apareceram a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1944), a Universidade Federal da Bahia (1946), a Universidade Federal de Pernambuco (1946) e, a particular, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1946). Nos anos de 1950 foram criadas mais 13 universidades, mas foi na década seguinte que o ensino superior alcançou expressividade nacional, com a fundação de 31 universidades.[18] O quadro seguinte mostra, resumidamente, o aparecimento das universidade públicas e privadas no Brasil e sua evolução:

universidades	**1920**	**1930**	**1940**	**1950**	**1960**	**1970**
Federais	2	1	3	7	15	1
Estaduais		1		1	4	2
municipais					4	
particulares			4	5	8	1
Total	2	2	7	13	31	4

No século XIX, havia no Brasil três tipos de cursos superiores: os militares (da marinha e do exército), impulsionados pela Guerra do Paraguai; os seminários episcopais, exigência da carreira eclesiástica; e os cursos das carreiras liberais, sendo os dois de maior prestígio, direito e medicina. Todos eles realizavam exames de ingresso e muitos deles (escolas militares, seminários e cursos jurídicos) mantinham cursos que preparavam os candidatos para esse exame.

Havia duas faculdades de Medicina (Rio de Janeiro e Bahia), fundadas por D. João VI, de onde também saíam os farmacêuticos, as parteiras e, mais tarde, os dentistas. As duas faculdades de Direito (São Paulo e Recife) foram fundadas em 1827, enquanto as ciências físicas e matemáticas ficavam a cargo da Escola Central (Rio de Janeiro), reinaugurada na década de 1870 como Escola Politécnica, incluindo a formação de engenheiros e arquitetos. A Escola de Minas (Ouro Preto), que também apareceu nesta década, tinha o ensino voltado para a mineração.

Geralmente fundadas para atender as necessidades do Estado, essas instituições eram mantidas pelo poder público central.

---

[18] CARVALHO, Guido Ivan de. *Ensino Superior: legislação e jurisprudência*, p. 153-58.

Para entrar nos cursos jurídicos, em 1827, eram exigidas "certidões de aprovação" de latim, francês, retórica, filosofia e geometria, às quais, eram conferidas por professores autorizados pelo governo que mantinham aulas públicas (ou privadas) avulsas de uma ou mais disciplinas. Januário da Cunha Barbosa, por exemplo, autor do primeiro *Parnaso Brasileiro* (1829-31), ocupou "durante vários anos a cadeira de Filosofia e de Retórica" [19] na cidade do Rio de Janeiro. O conhecimento das matérias certificadas era verificado "através de exames realizados junto aos próprios Cursos Jurídicos" [20], chamados de "Exames Preparatórios".

Em São Paulo e Olinda (antes da faculdade de Direito ser transferida para Recife, a partir de 1854), foram instituídas em 1831 as "Aulas Menores Anexas aos Cursos Jurídicos" ou "Aulas Preparatórias", ou ainda "Curso Anexo", cuja missão era preparar os jovens para os exames que davam acesso a esses cursos superiores. Foram criadas seis cadeiras: "Latim, Francês e Inglês, Retórica, Filosofia Racional e Moral, Aritmética e Geometria, História e Geografia." No ano seguinte, as Faculdades de Medicina também passaram a exigir alguns "Preparatórios", sem contudo instalar qualquer curso anexo para ensiná-los. [21]

Desta forma, parece possível compreender porque a origem da escola secundária brasileira foi eminentemente propedêutica, para atender aos cursos superiores.

No século XIX, inicialmente "anexa" às faculdades de Direito e a outros cursos superiores, a escola secundária cresceu com o aumento da demanda dos cursos superiores, justificando o aparecimento de vários colégios, liceus, ginásios, ateneus, etc., e o desenvolvimento significativo de seu respectivo aparato (corpo docente, currículos e livros didáticos), logo controlado pelo estado.

É neste contexto que surge e se destaca o Imperial Colégio de Pedro II. [22]

Inicialmente ancorado "nos regulamentos dos colégios de França", o Colégio Pedro II foi fundado na corte pelo governo regencial em 1837, sendo inaugurado solenemente em 25 de março de 1838, depois da reforma das instalações do antigo Seminário de São Joaquim, confiada ao "famoso arquiteto Grandjean de Montigny".[23] Nosso colégio modelo era também independente dos "Exames Preparatórios", pois seu diploma de "Bacharel em Letras" dava direito ao ingresso em qualquer faculdade do Império.

Exceto o Colégio Pedro II e os cursos preparatórios mantidos pelas escolas superiores públicas, que contavam com os recursos do poder central, o ensino público secundário era custeado pelas províncias, em forma de curso e/ou de aulas avulsas, nos chamados liceus provinciais, estabelecidos geralmente nas capitais.

---

[19] ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)*, p. 87.

[20] HAIDAR, Maria de Lourdes M. *O Ensino Secundário no Império Brasileiro*, p. 47.

[21] Id., ibid., p. 48 e 80.

[22] Ao longo de sua existência o colégio teve várias denominações: Imperial Colégio de Pedro II, até 1889, quando foi substituído por Instituto Nacional de Instrução Secundária. A partir de 1890, passou a chamar-se Ginásio Nacional. Em 1909, mudou para Internato Nacional Bernardo de Vasconcelos e Externato Nacional Pedro II. Finalmente, em 1911, recebeu o nome definitivo de Colégio Pedro II. Atualmente, o Colégio Pedro II continua a ser mantido pelo governo federal e possui várias unidades na cidade do Rio de Janeiro.

[23] HAIDAR, Maria de Lourdes M., op. cit., p. 98-99. Montigny veio para o Brasil com a "missão francesa" importada por D. João VI.

Contudo, a conclusão do curso secundário não era pré-requisito para entrar nas escolas superiores, como geralmente acontecia na Europa. Com isso as escolas secundárias brasileiras cumpriam mera função de cursos especializados no treinamento de candidatos aos exames preparatórios, função que viria a ser exercida pelas escolas particulares com maior eficácia e em menor tempo, provocando a afluência de grandes contingentes de alunos para este segmento de ensino, em detrimento das instituições públicas.

Assim, ao contrário do ensino superior, o ensino secundário atendia a maior parte de sua clientela nas escolas particulares, segundo informações de Pires de Almeida e de Maria de Lourdes Haidar. Em 1870, por exemplo, havia no Brasil 104 estabelecimentos públicos de ensino secundário, os quais atendiam, em média, 2.490 alunos, enquanto que nos 338 estabelecimentos particulares, estudavam 5.881 alunos. Só no Rio de Janeiro, neste mesmo ano, estudavam no Internato e no Externato do Colégio Pedro II, 330 alunos, enquanto que, nas demais 56 escolas secundárias particulares, estudavam 2.828 alunos. [24]

Outra conseqüência da longa subordinação do curso secundário aos exames preparatórios, foi a obediência dos currículos secundários aos padrões impostos pelos exames, concentrando nos primeiros anos do curso as disciplinas exigidas nos preparatórios, inclusive no Colégio modelo. Este fato explica o baixo número de alunos nos últimos anos do Colégio Pedro II, bem como sua reduzida concessão de diplomas. No interior, a situação escolar era ainda mais dependente dos exames: aulas públicas avulsas ou cadeiras nos liceus provinciais que não entravam nos preparatórios, por exemplo, "grego, física e química e história natural", desapareceram por falta de alunos.[25]

Vejamos, a seguir, ainda que de maneira geral e com lacunas, como funcionavam os exames preparatórios.

Os exames preparatórios eram feitos apenas junto à faculdade escolhida até 1854, quando foram criadas na corte "Bancas de Exames Preparatórios" (Decreto 1.331A de 17 de fevereiro)[26], que habilitavam para qualquer curso superior, "tomando por base os compêndios e programas adotados para o ensino oficial" [27], ou seja, aqueles adotados no Colégio Pedro II. Tais medidas repercutiram em 1856 no *Regulamento das Aulas Preparatórias das Faculdades de Direito*, que, de acordo com a Portaria de 4 de maio, impunha também os mesmos programas e compêndios "adotados pelo governo para a instrução secundária" na corte [28], dando início, através do Colégio Pedro II, à centralização do curso secundário e dos exames preparatórios.

Em 1873, pelo Decreto 5.249 de 2 de outubro, foram criadas "mesas gerais de exames nas Províncias onde não havia Faculdades", com o objetivo de facilitar o acesso aos exames preparatórios. [29] Tal medida,

---

[24] ALMEIDA, José Ricardo Pires de, op. cit., p. 119-20.

[25] HAIDAR, Maria de Lourdes M., op. cit., p. 70-71.

[26] Id., ibid., p. 51.

[27] Id., p. 113.

[28] Id., p. 82.

[29] Id., p. 58.

entretanto, contribuiu para a desmoralização dos exames nas províncias onde era "fácil" conseguir os certificados de aprovação em virtude de fraudes, e consagrar definitivamente os estudos secundários parcelados, por matéria, com freqüência livre, inclusive no Colégio Pedro II a partir de 1878.[30]

A última década do Império presenciou o alargamento dos currículos e a hierarquização das disciplinas dos preparatórios, sendo que o decreto 9.647 de 2 de outubro de 1886, que dava "novas instruções regulando os exames de preparatórios", condicionava "a realização das provas das demais disciplinas à aprovação em português". [31]

Mas, se por um lado havia o esforço de centralização e uniformização dos preparatórios a partir do Colégio Pedro II, com a oficialização de regulamentos e programas para manter um bom padrão nacional, por outro lado, sua aplicação nas províncias não surtia o resultado esperado, dada a dificuldade de supervisão, a grande distância da corte e pelas variações de infra-estrutura. Muitas vezes vencia o patronato e imperavam as fraudes na obtenção dos certificados de aprovação dos preparatórios.

Enquanto hoje são as universidades que preparam e corrigem seus exames vestibulares, durante o Segundo Império e a República Velha eram os colégios e liceus públicos (e, às vezes, particulares) que ofereciam a infra-estrutura para a realização dos exames preparatórios, quer seja no uso das instalações que serviam de local de exames, quer seja no recrutamento dos docentes, como examinadores, sob a supervisão dos diretores, inspetores da instrução pública ou algum representante do governo.

Ser nomeado examinador dos preparatórios significava quase sempre ter poder frente ao clientelismo e, às vezes, ter sucesso financeiro como professor particular ou como professor de escolas privadas, as quais usavam tal contratação como "chamariz". [32] O prestígio era crescente se o professor-examinador estivesse próximo do poder central, cujo ápice era fazer parte do seleto corpo docente do Colégio Pedro II. Os autores da **Antologia Nacional**, por exemplo, integravam este grupo ilustre, Carlos de Laet desde 1873 e Fausto Barreto desde 1879, ambos professores de português.

O poder dos professores do Colégio Pedro II era hegemônico, se considerarmos que eram eles que decidiam, cada um na sua cátedra, o programa curricular e os compêndios adotados no Pedro II e, por conseguinte, nos exames preparatórios.

Depois da Proclamação da República tal centralização tornou-se mais rígida e homogênea. O currículo e os compêndios adotados no Colégio Pedro II converteram-se em referência dos decretos que regulamentavam os exames preparatórios e o ensino secundário nacional. Sua execução pelas outras escolas secundárias, públicas ou particulares, tornou-se obrigatória para que estas obtivessem "a equiparação" (decreto 981 de 8 de novembro de 1890 e decreto 1.232-H de 2 de janeiro de 1891) e, consequentemente,

---

30 Id., p. 58-60.

31 Id., p. 66.

32 Id., p.49, 69 e 73.

gozassem dos mesmos privilégios do Colégio Pedro II, ou seja, de realizar exames preparatórios que valessem para a matrícula nos cursos superiores.[33]

Portanto, qualquer análise do curso secundário referente a esta época, passa pelos programas e compêndios adotados no Colégio Pedro II.

O reconhecimento, durante o Império, de que o sistema de exames preparatórios era o responsável pela degradação do ensino secundário e pela má formação dos indivíduos que chegavam aos cursos superiores, gerou protestos dos diretores de faculdades, discussões parlamentares e projetos de reforma de ensino, os quais, no entanto, nunca foram implementados.[34] A República acabou herdando um sistema onde "o patronato e a condescendência eram o cadinho, pode-se dizer, por onde depuravam as provas dos candidatos à matrícula na Faculdades". [35]

O "exame de madureza", preconizado desde a década de 1880, como a solução vinda dos "países cultos", que passaria a ser feito depois do término do curso secundário, foi finalmente aprovado em 1890, pela Reforma Benjamin Constant. Embora o exame de madureza tenha sido aprovado pelo Decreto nº. 981 de 8 de novembro de 1890, Maria Thetis Nunes assinala que na República foram restabelecidos os privilégios e as facilidades dos exames preparatórios da época do Império:

> O exame de madureza, talvez o ponto mais interessante da reforma Benjamim Constant, pois tirava ao ensino secundário o aspecto de mera via de acesso aos cursos superiores, foi o mais combatido, e a execução, protelada. Só há notícias de sua realização em 1899. Daí em diante, são feitas sucessivas prorrogações no prazo de obrigatoriedade, em favor dos exames preparatórios. Retornam em 1909 e em 1910, nivelados, porém, aos preparatórios. [36]

Não obstante a Reforma Rivadávia Correia (Lei Orgânica de 1911) ter instituído o exame vestibular, que passou a ser feito pelas faculdades, na prática, os exames preparatórios e/ou seu sistema de provas perduraram até 1931, data da Reforma Francisco Campos, que deu:

> organicidade ao ensino secundário, estabelecendo definitivamente o currículo seriado, a freqüência obrigatória, dois ciclos, um fundamental e outro complementar, e a exigência de habilitação neles para o ingresso no ensino superior. [37]

Só depois da Reforma Francisco Campos, o currículo do curso secundário passou a ser a base do exame vestibular, sobretudo o currículo do "Ciclo Complementar", já especializado em três segmentos: 1°) para candidatos à Faculdade de Direito; 2°) para candidatos às Faculdades de Medicina, Odontologia e Farmácia; e 3°) para candidatos aos cursos de Engenharia e Arquitetura. [38] Os exames vestibulares das outras

---

33 DODSWORTH, Henrique. *Cem Anos de Ensino Secundário no Brasil (1826-1926)*, p. 164-167.

34 HAIDAR, Maria de Lourdes M., op. cit., p. 47-80.

35 Ramiz Galvão (inspetor geral da instrução pública). Apud MOACYR, Primitivo. *A Instrução e a República*. v. 1, p. 111.

36 NUNES, Maria Thetis. *Ensino secundário e sociedade brasileira*, p. 91.

37 ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*, p. 135.

38 Id., ibid., p. 136.

faculdades e escolas superiores (por exemplo, de Filosofia, de Administração, de Educação Física) tinham instruções específicas, cujos programas das disciplinas exigidas, às vezes, coincidiam com os programas do ciclo complementar. [39]

Na década de 1940, a Reforma Capanema manteve a fórmula da reforma anterior, dividindo o curso secundário, em 1° Ciclo (ginasial) e 2° Ciclo (Curso Clássico e Curso Científico), e adotou o currículo do 2° Ciclo, subdividido em dois cursos, como referência do exame vestibular. [40]

O exame vestibular ou exame de habilitação continuou a ser feito, na década de 1950, nos moldes da Reforma Capanema.

Na década de 1960, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 4.024 de 20 de dezembro de 1961), o curso secundário (ginasial e colegial) passou a oferecer "disciplinas obrigatórias" e "disciplinas complementares", dando liberdade às escolas secundárias para comporem seus currículos, os quais, no entanto, deveriam, no colegial, se articular com o exame vestibular "dos diferentes estabelecimentos de ensino superior". [41]

Quanto às disciplinas exigidas, em 1831 e 1832, nos exames preparatórios para direito e medicina (os cursos mais procurados do século XIX e até meados do século XX), nota-se que, no decorrer do Império, as exigências foram quase niveladas entre ambos:

> **Direito**: Latim, Francês, Inglês, Filosofia Racional e Moral, Aritmética e Geometria, História e Geografia e Retórica.
>
> **Medicina**: Latim, Francês, Inglês, Filosofia Racional e Moral, Aritmética e Geometria. [42]

Em 1854, entraram dois exames nos preparatórios de medicina: álgebra (até equações do primeiro grau) e história e geografia. O decreto 4.430, de 30 de outubro de 1869, introduziu o exame de português para ambos os cursos, o qual passaria a vigorar a partir de 1871. Em 1882, foi incluído o exame de álgebra para direito. Em 1886, o decreto 9.647 estabeleceu a precedência do exame de português sobre os demais e adotou a hierarquização dos exames finais do Colégio Pedro II nos preparatórios. Em 1887, entraram, ainda, os exames de alemão e de ciências naturais para medicina.

Não é difícil prever que essa ênfase dos exames nas disciplinas humanísticas (latim, filosofia, línguas vivas, história e geografia, e retórica) e nas matemáticas elementares, durante longo período, seria sentida no currículo da escola secundária, uma vez que esta estava voltada, principalmente, para a aparelhagem de candidatos aos exames preparatórios.

---

[39] BICUDO, Joaquim de Campos. *O ensino secundário no Brasil e sua atual legislação (de 1931 a 1941 inclusive).*

[40] ROMANELLI, Otaíza de Oliveira, op. cit., p. 156-58.

[41] FONTOURA, Amaral. *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, p.246-257.

[42] Id., ibid., p. 48, 60-61 e 82.

Nota-se, ainda, a ligação íntima que se estabeleceu entre a retórica (junto com a poética) e as faculdades de direito, com a exigência do exame desta disciplina. Aos cursos de direito, podem ser acrescentados os cursos da carreira eclesiástica, que também incluíam a retórica (e poética) em seus currículos e exames de acesso, fazendo com que a literatura e suas questões estivessem constantemente próximas desses dois extratos da sociedade: a magistratura e o clero.

Depois da Proclamação da República, segundo as "Instruções provisórias de 2 de fevereiro de 1890" e as "Instruções de 11 de outubro de 1890", foram estabelecidas 16 mesas examinadoras para os exames preparatórios das principais faculdades, aumentando as disciplinas exigidas durante o Império: "português, francês, inglês, alemão, latim, aritmética, álgebra, geometria, trigonometria, geografia, história geral, história e cosmografia do Brasil, física e química, história natural e higiene, filosofia e retórica". [43]

Já as "Instruções" do ano seguinte, aprovadas pelo decreto 668, de 14 de novembro de 1891, reduziram e juntaram disciplinas, formando 11 mesas examinadoras: "português, francês, inglês, alemão, latim, aritmética e álgebra, geometria e trigonometria, geografia especialmente do Brasil, história universal, física e química e história natural". [44] Tais "Instruções" interessam especialmente para este trabalho, pois foi a partir delas que desapareceu o exame de retórica, e foi quando, também, o exame de português voltou a ser o mais importante, reeditando a hierarquização das disciplinas estabelecida em 1886, ou seja, "a aprovação em português, voltou a ser condição indispensável para que o candidato se inscrev[esse]a em qualquer outra matéria". [45]

Com exceção da história universal, transformada em "história especialmente do Brasil", as "Instruções para os exames gerais de preparatórios" do ano seguinte (decreto 1.041 de 11 de setembro de 1892), repetiram as mesmas disciplinas exigidas em 1891. Para a prova de português foram indicados dois compêndios: *Estudinhos da língua pátria* de Silva Túlio e *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza, a qual também era indicada para "versão" dos exames de línguas estrangeiras (francês, inglês e alemão). [46]

As "Instruções" de 1895 (decretos 2.172 e 2.173 de 21, de novembro), conservaram as mesmas "mesas examinadoras" de 1891-1892. Mas para os exames de português foram adotados outros livros: a ***Antologia Nacional*** de Fausto Barreto e Carlos de Laet e os *Autores contemporâneos* de João Ribeiro. [47]

Em 1900 (decreto 3.863, de 15 de dezembro) tanto as mesas examinadoras quanto a adoção da ***Antologia Nacional*** repetiram as medidas de 1895. A partir de 1901, porém, foram discriminadas as disciplinas conforme o curso superior, sendo que o latim passou a ser exigido só para os cursos de medicina e

---

[43] MOACYR, Primitivo. *A Instrução e a República*, v. 1, p. 114-117.

[44] Id., ibid., p. 120-122.

[45] Id., p. 121.

[46] Id., v. 2, p. 117-19.

[47] Id., p. 123-27.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

de direito, enquanto que o português, o francês e o inglês (ou alemão) eram exigidos nestes dois cursos e nos demais cursos superiores, da Escola Politécnica, da Escola de Minas, no curso de farmácia, no curso de odontologia, no curso de obstetrícia, no curso de belas-artes e no curso de agrimensor. [48]

Não encontrei informações sobre os exames preparatórios na década de 1920, mas há notícias da realização esporádica de exames preparatórios ("para candidatos que já tivessem pelo menos cinco preparatórios aprovados") no ano de 1930. [49] A partir da Reforma Francisco Campos (1931), que extingüiu os exames preparatórios, o currículo do "2° Ciclo" passaria a fornecer as disciplinas e os programas para o exame vestibular, ou "exame de habilitação".

Durante o Império e a República Velha, os exames preparatórios sempre foram apontados como o vilão do curso secundário, responsável pela má formação dos jovens que entravam nos cursos superiores. [50] Tal deficiência foi tratada como um problema nacional, quando, na verdade, era um fato específico da educação da elite quando confrontada com seu modelo, a educação européia.

O mau preparo dos filhos da elite não era resultado apenas dos exames preparatórios, mas de todo o sistema educacional brasileiro que penalizava a maior parte da população com o analfabetismo enquanto facilitava o acesso da elite aos cursos superiores, quer seja com a não obrigatoriedade da conclusão do curso secundário, quer seja com exames de ingresso pouco sérios.

O problema maior não eram os exames preparatórios, mas seu complemento inseparável, o caráter facultativo dos estudos secundários, atropelados pela pressa que a elite tinha de chegar a seu principal objetivo, o diploma de bacharel. Afinal, quem precisaria estudar muito num país de analfabetos, onde a moeda forte era o patronato e o clientelismo?

O consentimento do acesso aos cursos superiores sem a obrigatoriedade da conclusão do curso secundário, durante longo período, além de revelar a óbvia resistência da elite, para manter seus privilégios, permitiu que o currículo da escola secundária se restringisse às exigências dos exames preparatórios, cujo melhor exemplo parece ter sido o currículo do Colégio Pedro II.

---

[48] Id., v. 3, p. 123-29.

[49] BICUDO, Joaquim de Campos, op. cit.

[50] Primitivo Moacyr e Maria de Lourdes Haidar transcreveram várias críticas aos exames preparatórios feitas por paralamentares, diretores de faculdades e inspetores de ensino.

C) O Colégio Pedro II.

O destaque do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, foi um caso isolado. Sob os cuidados do já então Imperador Pedro II, e depois, sob os auspícios da República, o Colégio Pedro II (ou Ginásio Nacional, como quiseram os republicanos da primeira hora) tornou-se a escola média mais importante do Brasil, servindo de modelo para as outras instituições públicas e privadas até meados do século XX. Seu curso completo conferia o grau de *Bacharel em Letras*, o qual permitia a matrícula em qualquer curso superior. O Colégio congregou em seu corpo docente homens de letras e ciências nacionais e preparou durante décadas a elite brasileira, destacando-se políticos e escritores. [51]

Jeffrey Needell, dedicando-se à análise da influência da cultura européia no gosto da elite carioca durante a *belle époque*, historiou as "instituições formais" e informais dessa elite, apontando as transformações urbanísticas na cidade do Rio de Janeiro como conseqüência da "ênfase em determinados valores culturais".

Ao focalizar as "instituições formais da elite", Needell também constatou que a educação secundária era um privilégio de poucos "no Segundo Reinado (1840-89) e na República Velha (1889-1930)" e que seguia, sobretudo, "a receita da França da Restauração: humanista, conservadora e católica".[52]

Enquanto as moças do Collège de Sion do Rio de Janeiro recebiam uma formação católica e francesa, a cargo de freiras francesas, o Colégio Pedro II fornecia aos rapazes:

> a formação intelectual básica necessária para um burocrata ou um político (base à qual ele provavelmente adicionaria o bacharelado na faculdade de direito de Recife ou na de São Paulo). O colégio fornecia também a cultura humanística exigida de um cavalheiro europeu. [...]
>
> O colégio buscou sua inspiração e seu currículo na educação clássica francesa. Desde o início, a preferência recaiu sobre línguas e literaturas antigas e modernas, religião, história, filosofia e retórica, em detrimento da matemática e das ciências naturais. [53]

Arno Mayer, ao tratar rapidamente da formação cultural nos principais países da Europa durante o século XIX, avalia que a permanência dos estudos clássicos, especialmente do latim, nas instituições mais elitizadas (universidades e escolas secundárias) era indicativa da forma de ascensão social, garantindo, ao mesmo tempo, a seletividade e *status*:

> Ao longo do século XIX, as disciplinas clássicas realmente assumiram um espaço ainda maior no currículo dessas escolas. O domínio do latim, em particular, se converteu no pré-requisito para a participação numa classe superior que se dedicava a dirigir a cultura estatal e oficial, incluindo igrejas e escolas superiores, mais do que a fazer dinheiro. A concepção dominante era a de que apenas o

---

[51] DORIA, Escragnolle. *Memória Histórica Comemorativa do 1° Centenário do Colégio de Pedro Segundo.*

[52] NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*, p. 75.

[53] Id., ibid., p. 75-76.

> estudo dos textos clássicos poderia fornecer a essa elite as normas e os modelos de ação heróica, serviço público civil e perspectiva nobre. [54]

Com Needell, percebe-se que o currículo do Colégio Pedro II refletia o modelo europeu escolhido, no caso, o modelo humanista, de extração francesa, modelo que, como vimos na generalização de Mayer, tinha em comum com os demais modelos dos centros europeus, a ênfase na formação clássica, especialmente o estudo do latim e de sua respectiva literatura.

O ANEXO IV, resultado do levantamento da carga horária semanal do Colégio Pedro II e do curso secundário, aponta que, até o final da década de 1860, o latim era a disciplina com a maior carga horária do secundário. A partir de 1870, por causa da inclusão do exame de português entre os exames preparatórios, a carga horária de português aumentou no Colégio Pedro II, ascensão que, provavelmente, determinou a diminuição da carga horária de latim neste mesmo currículo, marcando o início da decadência desta disciplina. No final do século XIX (1899), a carga horária de latim tinha sido reduzida a um quinto da carga horária do primeiro Regulamento do Colégio Pedro II, de 1838. Entretanto, o latim sobreviveria como disciplina obrigatória até 1960. Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, transformou-o em disciplina complementar, acantonando-o no currículo "clássico". [55] Finalmente, na década de 1970, o latim desapareceu de forma irreversível dos currículos da escola secundária (Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971).

Já a influência francesa no Colégio Pedro II, sobretudo até o final do Império, não atingia apenas regulamentos e programas, ela alcançava também a adoção dos compêndios, usados nas edições francesas importadas ou já traduzidos em português.

Assim, através dos *Programas de Ensino do Colégio Pedro II*, no período entre 1862 e 1898, verifica-se que, além dos compêndios adotados nas aulas de francês (*Gramática francesa* de Emile Sevène, *Petit Cours de Littérature Française* de Charles André, *Théâtre classique* de Regnier, *Seleta francesa* de Leopold Marcou, *Grammaire historique* de A. Brachet), os alunos do Pedro II, aprendiam outras disciplinas através de livros franceses importados ou traduzidos, tais como:

a) História - *História romana* de Rosoir e Dumont, *Manuel d'études pour la preparation au Baccalauréat en lettres - Histoire de temps modernes - Histoire du moyen âge, Histoire contemporaine* par Chantrel;

b) Filosofia - *Cours abregé d'histoire de l'Église* par J. Chantrel, *Cours élémentaire de Philosophie* de Barbe [traduzido, a partir de 1870], *Précis d'un cours complet de Philosophie élémentaire* de A. Pellissier [depois traduzido por Emílio Zaluar], *Cours de Philosophie* por L. P. Jaffre;

c) Ciências Naturais - *Histoire naturelle* de J. Langlebert, *Histoire naturelle* de F. Hement, *Zoologia* de Paul Gervais, *Geologia* de Paul Gervais, *Botânica* de Soubeirou, *Nouveaux eléments de botanique* de L. Crié, *Mineralogia* de Delafosse, *Cours élémentaire de hygiene á l'usage des élèves des Lycées* par Henri

---

[54] MAYER, Arno, op. cit., p. 247-48.

[55] FONTOURA, Amaral, op. cit., p. 247.

Perrussel, *Higiene* por Lacassagne, *Premiers soins à donner avant l'arrivée du medecin* par le Dr. Constantin James (Accidents), *Traité élémentaire de physique* par Ganot, *Física* de Drion e Fernet, *Lições normais de física* por D. Pouille (d'Amiens);

d) Matemática - *Arithmétique* de Guilmin, *Algébre* de Bourdon, *Geometrie analytique* de Sonnet et Frontera, *Calcul infinitesimal* de Sonet, *Cours élémentaire de geometrie descriptive* de Julien;

e) Música - *Manuel du solfége* par Alexis de Garaudé, *Solfèges des enfants* par A. de Garaudé

f) Geografia - *Atlas* de Delamarche, *Atlas* de Schrader & Anthoine (ed. Hachette), *Eléments de cosmographie* de F. I. C.; além de

g) Obras variadas - *Astronomia popular* de Augusto Comte, *Les bases de la morale evolutioniste* de Herbert Spencer, *Précis d'economie politique* de Leroy-Beaulieu e *Sociologie gènèrale elémentaire* de Guillaume de Greeff.

Há, ainda, indicações nesses *Programas* de que muitos autores latinos (e alguns gregos) eram ensinados em edições francesas ou preparadas por autores franceses, como: Quicherat (também autor do adotado *dicionário latino e francês*), Regnier, Marchand, Legouez, Sommer, Paret, Cuvillier, Genouille, Lemaire, Pessoneaux, entre outros, fazendo com que os jovens brasileiros da elite entrassem em contato com a cultura clássica através do ponto de vista que os franceses tinham das obras latinas e gregas.

A falta de compêndios nacionais e a adoção de compêndios franceses, por vezes, fazia com que o estudante do Pedro II parecesse um aluno de liceu francês. Maria de Lourdes Haidar comenta que o programa de geologia de 1856 "ignorava as particularidades do solo brasileiro enquanto incluía o estudo cuidadoso do solo parisiense e das formações subapeninas". [56]

A grande quantidade de compêndios franceses nos *Programas de Ensino* do Colégio Pedro II demonstra a importância que a língua francesa (e sua cultura) havia assumido na educação da elite brasileira, tornando-se um de seus traços distintivos.

Apesar do inglês [57] e do alemão também estarem presentes nos currículos do Colégio Pedro II, a língua francesa teve sempre lugar de destaque e era geralmente colocada nos primeiros anos do curso por ser considerada fundamental. Sua aprendizagem incluía, além da aparelhagem lingüística (ler, escrever, falar), a história da literatura francesa e a leitura de seus clássicos.

Na Reforma Francisco Campos (1931), o francês e o inglês aparecem como disciplinas obrigatórias do "curso fundamental", enquanto o alemão é facultativo.

---

[56] HAIDAR, Maria de Lourdes M., op. cit., p. 117.

[57] Para o estudo do ensino do inglês no Brasil, com ótimas referências sobre a legislação da escola secundária, consultar OLIVEIRA, Luiz Eduardo Meneses de. A Historiografia Brasileira da Literatura Inglesa: uma história do ensino do inglês no Brasil. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1999.

Na década seguinte (Reforma Capanema de 1942), por causa da Segunda Guerra Mundial, o alemão desapareceu do currículo, enquanto o francês e o inglês passaram a ser estudados nos dois "Ciclos" do curso secundário (ginasial e cursos clássico e científico).

A partir de 1961, o aluno podia optar entre o francês e o inglês, transformados (como o latim) em disciplinas complementares do currículo secundário.

Na década seguinte, depois da Lei 5.692, de 1971, o inglês se torna a única língua estrangeira obrigatória na escola secundária, provocando o desaparecimento do ensino de francês.

Contudo, se por um lado, o estudo dos Programas de Ensino do Colégio Pedro II confirma a ênfase no ensino clássico e no modelo francês durante muito tempo, como traços distintivos de nossa elite, por outro lado, ele também aponta que, aos poucos, sobretudo a partir de 1870, houve a ascensão do ensino de língua portuguesa, e consequentemente, da literatura brasileira, ascensão de que tratarei no capítulo a seguir.

II - BREVE HISTÓRICO DO PORTUGUÊS E DA LITERATURA NO ENSINO SECUNDÁRIO: "a ascensão do português e da literatura brasileira".

A expressão acima foi adaptada do título do primeiro capítulo "A Ascensão do Inglês", do livro *Teoria da Literatura: Uma Introdução* de Terry Eagleton. Neste capítulo, ele mostra como foi tardia (depois da Primeira Guerra Mundial) a inclusão de estudos "sérios" de inglês e de literatura inglesa em Oxford e Cambridge, as universidades mais tradicionais da Inglaterra.

Antes de 1918, como já vimos em Arno Mayer, e como agora Eagleton confirma, a cultura humanística centrada no estudo dos clássicos greco-latinos e na língua latina era muito prestigiada, constituindo a formação básica da classe dominante européia (aristocracia e/ou alta burguesia, estado e clero), sendo que, no caso da Inglaterra, Eagleton diz que:

> O inglês foi literalmente o Clássico dos pobres - uma maneira de proporcionar uma educação "liberal" barata aos que estavam fora dos círculos encantadores das escolas particulares e das universidades de Oxford e Cambridge. [58]

Já no Brasil, do outro lado do Atlântico da primeira potência econômica do século XIX, a realidade escolar, como vimos, era bem diferente dos centros europeus: enquanto a maioria da população permanecia analfabeta, uma pequena elite se preparava às pressas no curso secundário incompleto, visando obter o diploma de bacharel o mais cedo possível. A industrialização, assim como a educação popular, chegariam muito mais tarde por aqui , por volta de 1950.

Mas, entre nós, o vernáculo também era "o Clássico dos pobres"?

Apesar de alguns momentos de pico nacionalista, sem escolas populares nossa literatura esmaecia no gosto do leitor brasileiro de fino trato, frente à concorrência das literaturas clássicas e das literaturas modernas européias, especialmente da francesa, inglesa e portuguesa. A literatura brasileira foi, por muito tempo, o clássico pobre dos ricos, ou ainda, dos poucos alfabetizados. Sua precariedade foi reconhecida inclusive por aqueles que a elegeram seu objeto principal de estudo, como Antonio Candido, numa época (1959) em que talvez ela estivesse se tornando o centro das atenções nas universidades brasileiras:

---

58 EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*, p. 30.

> Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem; e se não a amarmos, ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que a compõe, ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão. Ninguém, além de nós, poderá dar vida a essas tentativas muitas vezes débeis, outras vezes fortes, sempre tocantes, em que os homens do passado, no fundo de uma terra inculta, em meio a uma aclimação penosa da cultura européia, procuravam estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentaram, as observações que faziam, - dos quais se formaram os nossos. [59]

Evidentemente, o objetivo deste capítulo não é estabelecer a ascensão da literatura brasileira em nossas universidades, sem contudo menosprezá-la, pois acredito que ela esteja intimamente ligada com o mesmo processo na escola secundária. E o recurso a Eagleton permite estabelecer contraponto externo e de outra tradição cultural que confirma a hipótese de que algumas disciplinas, hoje sólidas, adquiriram seu *status* há pouco tempo, e de que "nossas definições de literatura" são "um fenômeno historicamente recente", do século XIX. [60]

Com este pressuposto, acompanhei a trajetória da literatura brasileira no currículo secundário (de 1838 até 1961), expresso em grande parte pelos *Programas de Ensino* do Colégio Pedro II, com o propósito de compreender a ***Antologia Nacional*** de Fausto Barreto e Carlos de Laet, peça central desta tese, que permaneceu no currículo secundário durante mais de 70 anos.

Embora seja uma seleta literária, a ***Antologia Nacional*** foi adotada sobretudo nas aulas de português (e não nas de literatura), por isso tive que seguir também a história desta disciplina, a qual se revelou tão ou mais esclarecedora quanto a primeira.

As informações reunidas neste capítulo, baseadas nos dados dos ANEXOS (embora incompletas), apontam as principais transformações do ensino de português e de literatura brasileira entre 1838 e 1961.

Este breve histórico apoia no estudo dos programas oficiais do curso secundário (ANEXOS I, II e III) as transformações e permanências do ensino de português e de literatura que propiciaram o aparecimento e o sucesso editorial da ***Antologia Nacional*** de Fausto Barreto e Carlos de Laet, orientando, em seguida, sua análise e interpretação. Assim, os comentários sobre as alterações no ensino de gramática e de literatura serão desenvolvidos na medida em que puderem iluminar a compreensão da ***Antologia Nacional***.

A "CRONOLOGIA", localizada logo após a "Conclusão" da tese, identifica, sumariamente, as principais alterações no ensino de português e de literatura e serve de roteiro para este capítulo.

Com o intuito de facilitar a exposição, a história do ensino de português e literatura será apresentada seguindo a divisão por décadas. Como há poucas informações nos dois primeiros Regulamentos do Colégio Pedro II (1838 e 1841), começarei juntando esses dois períodos. Depois, a apresentação seguirá década por década, até a de 1970.

---

[59] CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. "Prefácio da 1ª Edição", v. 1, p. 10.

[60] EAGLETON, Terry. Op. Cit., p. 20.

1830-1840

O estudo da gramática sempre antecedeu o aprendizado da retórica e da poética (e, mais tarde, da literatura), tidas como matérias mais adiantadas. Tal ordem de estudos, herdada da formação clássica [61] e depois reproduzida no ensino das línguas vivas, pode ser acompanhada também nos currículos do Colégio Pedro II. A pequena participação da "Gramática Nacional" até 1869, ensinada apenas no primeiro ano, deveu-se, sobretudo, à supremacia da formação clássica nesse período.

Dos poucos dados do Regulamento de **1838**, salta aos olhos a superioridade das disciplinas clássicas (latim, grego, retórica e filosofia), cuja carga horária somada ocupava 52% do currículo. Entre elas nota-se, ainda, a primazia do latim, ao qual se destinava 25% da carga horária. O vernáculo e as outras línguas modernas (francês e inglês) apareciam juntos com tímidos 10%. (cf. p. 375 e 413)

O primeiro professor de "gramática portuguesa, retórica e grego do Colégio Pedro II", nomeado em 1838, foi o médico Joaquim Caetano da Silva (1810-1873), o qual exerceu diversos cargos públicos no Império, entre eles, reitor do Colégio Pedro II, diretor da instrução pública da corte, cônsul do Brasil na Holanda e diretor do arquivo nacional. [62]

José da Silva Pinheiro Freire também foi nomeado em 1838 "professor de gramática nacional e latina" do primeiro ano do Colégio Pedro II.

Já o Regulamento de **1841** caracteriza-se, entre outras coisas, pela diminuição significativa da carga horária de Gramática Nacional, de Retórica e de Latim, refletindo talvez a abreviação do curso secundário, que de oito passara para sete anos. Por outro lado, as aulas de línguas estrangeiras (francês, inglês e alemão) aumentaram 270%, indicando que a formação da elite passava a incrementar o estudo das línguas modernas e o contato com a cultura dos principais países da Europa. (cf. p. 376 e 413)

O aumento pode indicar, também, a necessidade de uma sociedade periférica de conhecer e de se comunicar com a civilização européia, acessível, às vezes, apenas em compêndios e livros não traduzidos.

Tal civilização, como vimos, supervalorizava a formação clássica, bem representada no currículo do Pedro II, sobretudo pela hegemonia do latim, que ocupou entre 17% e 25% da carga horária total do curso do Colégio Pedro II até 1869. A preponderância do latim era reforçada pelo fato de que o ensino das línguas modernas se fazia pautado na gramática latina. Desta forma, parece lícito considerar que, neste período, o ensino de língua portuguesa estava mais dependente do ensino de latim do que estaria posteriormente. Sua subordinação talvez justificasse a acumulação das cadeiras de Português e de Latim no primeiro ano, pelo mesmo professor, durante mais de trinta anos (de 1838 a 1869), e também explicasse a denominação "Gramática Geral e Gramática Nacional" no currículo de português em 1841.

---

[61] Segundo Roland Barthes, os antigos recomendavam que o aluno, "por volta dos sete anos", freqüentasse as aulas do "*grammaticus*", e depois, "por volta dos catorze anos", aprendesse retórica com o "*rhetor*". Ele lembrou ainda que Quintiliano, no livro I das *Instituições Oratórias*, "aborda[va] a primeira educação (convivência com o gramático; em seguida com o retor)." BARTHES, Roland. "A retórica antiga". In: COHEN, Jean et alii. *Pesquisas de Retórica*, p. 159-160.

A gramática geral, segundo Sylvain Auroux, "nascida depois da gramatização" [63] "e encontrando seu apogeu no século XVIII em torno dos enciclopedistas franceses, [...] se propõe ser a ciência do que é comum a todas as línguas. [...] a ciência das leis da linguagem às quais devem se submeter todas as línguas". [64] Esta ciência geral, no entanto, também se assenta no referencial clássico, na medida em que "[...] a maior parte das gramáticas gerais se apoiam principalmente sobre a língua do seu redator e sobre as línguas clássicas, latim e grego." [65]

A gramática geral, também conhecida como gramática filosófica, parece ter orientado o ensino de língua portuguesa durante quase todo o século XIX, comparando o vernáculo com o latim.

Em 1807, Jerônimo Soares Barbosa publicou em Coimbra *As Duas Línguas ou Gramática Filosófica da Língua Portuguesa, comparada com a latina, para ambas se aprenderem ao mesmo tempo.* **(fig. 1)** Na 2ª edição, de 1830, o título foi alterado para *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa, ou Princípios da Gramática Geral aplicados à nossa linguagem.* **(fig. 2)**

As denominações gramática geral e gramática filosófica apareceram nos *Programas de Ensino* do Colégio Pedro II até 1879. A partir de 1881, o estudo comparativo da língua portuguesa passou a considerar não só o latim, mas também contribuições de outras línguas na formação do português.

Em 1841, João Dias Ferraz da Luz era o professor de "Gramática Geral e Gramática Nacional" do Colégio Pedro II.

A cadeira de Retórica era do português Tibúrcio Antonio Craveiro (1800-1845), que teve uma brevíssima passagem pelo Colégio Pedro II. Sabe-se que ele publicou um *Discurso acerca da retórica*, o qual recitara *na abertura do curso do Colégio Pedro II no dia 15 de fevereiro de 1842.* [66] Seu sucessor, o chileno Santiago Nunes Ribeiro (? - 1847), além de reger a cadeira de Retórica do Pedro II, defendeu a autonomia da literatura brasileira (contra um artigo de Gama e Castro, publicado no *Jornal do Comércio*) no ensaio "Da nacionalidade da literatura brasileira", publicado na *Minerva Brasiliense*. Este ensaio foi apontado por Antonio Candido como "o momento decisivo na elaboração de uma teoria geral da literatura brasileira como algo independente". [67]

---

[62] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. v. 4, p. 113-114.

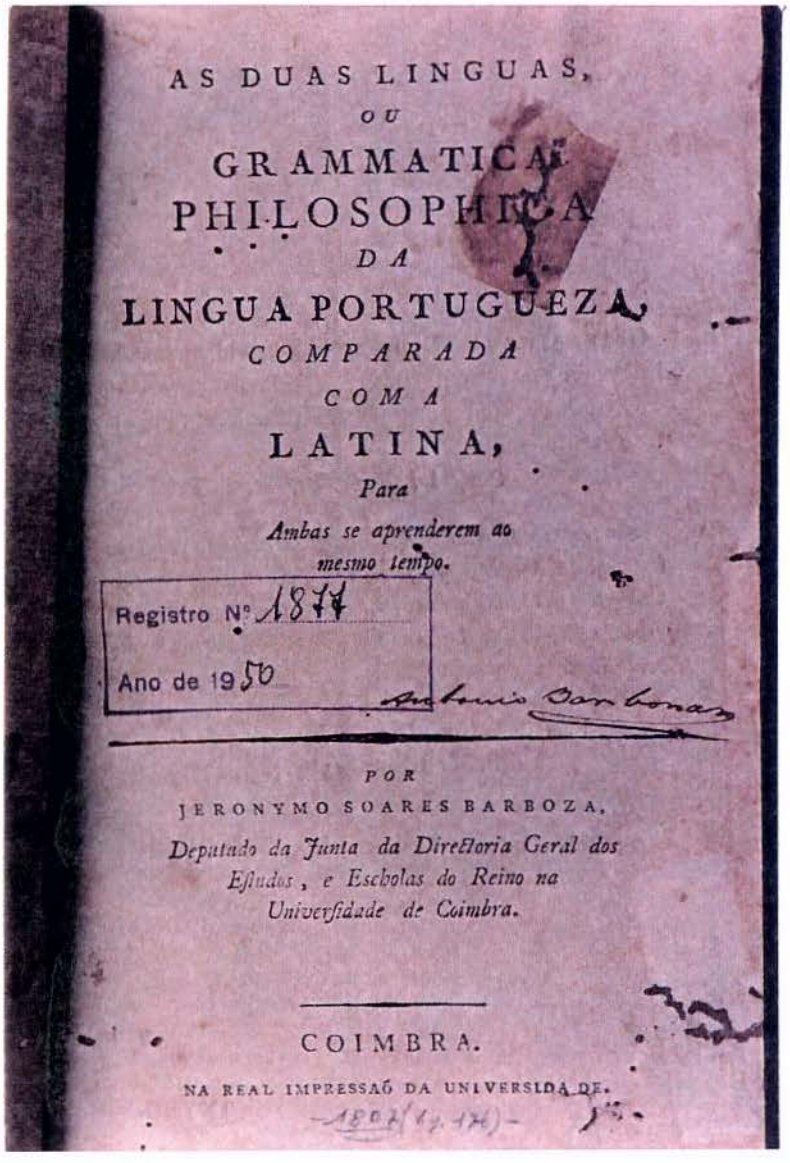
[63] "Por gramatização deve-se entender o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário." In: AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*, p. 65.

[64] Id., ibid., p. 88.

[65] Id. ibid.

[66] BLAKE, Sacramento. Op. cit. v. 7, p. 301-302. e SOUZA, Roberto Acizelo de. *O império da eloqüência: retórica e poética no Brasil oitocentista*, p. 46.

[67] CANDIDO, Antonio. Op. cit., v. 2, p. 338. Para a polêmica entre Gama e Castro e Santiago Nunes Ribeiro, consultar: MOREIRA, Maria Eunice. *Nacionalismo literário e crítica romântica*, p. 62-75.



AS DUAS LINGUAS,

OU

GRAMMATICA PHILOSOPHICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA,

COMPARADA

COM A

LATINA,

Para

Ambas se aprenderem ao mesmo tempo.

Registro Nº 1877

Ano de 1950

POR

JERONYMO SOARES BARBOZA,

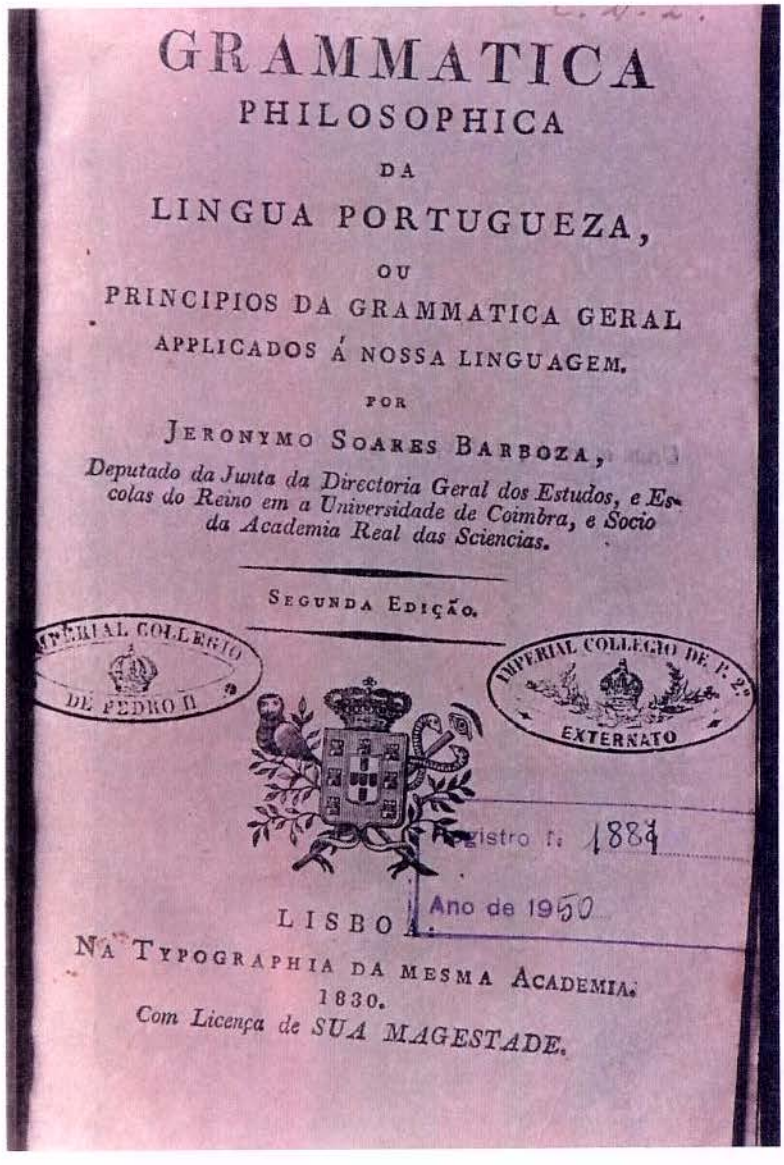
Deputado da Junta da Directoria Geral dos Eſtudos, e Eſcholas do Reino na Univerſidade de Coimbra.

COIMBRA.

NA REAL IMPRESSAÓ DA UNIVERSIDADE.

1807 (1, 174)

Fig. 1 - Jerônimo Soares Barbosa, 1807.



GRAMMATICA
PHILOSOPHICA
DA
LINGUA PORTUGUEZA,
OU
PRINCIPIOS DA GRAMMATICA GERAL
APPLICADOS Á NOSSA LINGUAGEM.
POR
JERONYMO SOARES BARBOZA,
Deputado da Junta da Directoria Geral dos Estudos, e Escolas do Reino em a Universidade de Coimbra, e Socio da Academia Real das Sciencias.

SEGUNDA EDIÇÃO.

IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II
IMPERIAL COLLEGIO DE P. 2º EXTERNATO
Registro n. 1884
Ano de 1950

LISBOA.
NA TYPOGRAPHIA DA MESMA ACADEMIA.
1830.
Com Licença de SUA MAGESTADE.

Fig. 2 - Jerônimo Soares Barbosa, 1830.

1850

Nos Programas do Colégio Pedro II de **1850** e **1851**, o estudo do português manteve-se no primeiro ano e o estudo da retórica e poética nos dois últimos anos do curso. A Gramática Nacional, ensinada junto com a Gramática Latina, pelo professor Gabriel de Medeiros Gomes, tratava apenas de alguns itens do que hoje denominamos morfologia, com grande ênfase nos verbos, e talvez de uma pequena parte da sintaxe, denominada "partes da oração". (cf. p. 281)

A Retórica era tratada no sexto ano e a Poética no sétimo, pelo professor Francisco de Paula Menezes (1811-1857), médico que "foi nomeado lente de retórica do município da corte em 1844, e em 1848 lente da mesma cadeira no Colégio Pedro II, onde também lecionou interinamente filosofia."[68]

Os "pontos" de retórica e de poética eram baseados nos gêneros definidos por Aristóteles (e depois sistematizados por Quintiliano), ressaltando, de um lado, o estudo dos tropos e figuras retóricas, e de outro, a epopéia, onde foram introduzidos novos elos à tradição greco-romana, exemplificando a épica européia e já incluindo a épica brasileira. (cf. p. 281-83)

Neste período, parecia fundamental que a escola estabelecesse a ligação da poesia brasileira com a poesia greco-latina e com a poesia européia, através da aferição das regras poéticas, inserindo *O Caramurú* e o *Uraguai* como a última parte do estudo da épica ocidental, conferindo-lhes, portanto, *status* de igualdade com as anteriores.

Os programas de retórica e poética (1850-1851) ensinam, então, que foi através das epopéias de Basílio da Gama e de Santa Rita Durão que a literatura brasileira entrou no currículo secundário, ponto de chegada do estudo da épica antiga e moderna, que havia passado pelas obras de Homero, Virgílio, Lucano, Tasso, Ariosto, Camões, Fenelon, Voltaire e Milton.

Assim como o estudo da gramática portuguesa estava filiado ao estudo de gramática latina, o ensino de literatura nacional (portuguesa e brasileira) permaneceria sob custódia da retórica e da poética.

O livro de retórica, adotado nas aulas do Pedro II, a partir de **1854**, conforme informação de Sacramento Blake, foi a "***Nova Retórica*** de J. Viet Leclerc, traduzida e acomodada para o ensino da mocidade brasileira e autorizada pelo conselho diretor da instrução pública. Rio de Janeiro, 1854, 202 pags. In-4° - segunda edição, 1856" **(fig. 3)**, preparada por Francisco de Paula Menezes, o professor da cadeira. Este compêndio apareceu indicado depois no *Programa de Ensino do Colégio Pedro II* de 1858.

No entanto, Paula Menezes explica que seu trabalho não se limitava à simples tradução, mas era a adaptação dos conceitos de retórica e poética aos modelos "colhidos" na literatura nacional:

> A tradução, pois, que ora damos à luz, em que fielmente seguimos o método, e as doutrinas do autor francês, não é todavia, tão servil que nada lhe tenhamos adicionado, ou suprimido. Não; devendo apropriar aquela Retórica ao ensino de nossa mocidade, entendemos que convinha cortar de muitos de seus capítulos o

[68] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Op. cit., v. 3, p. 77-79.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

> que havia de supérfluo e inaplicável ao nosso caso; esclarecer algumas de suas definições que achávamos um tanto obscuras; desenvolver mais a doutrina de vários artigos; e finalmente, para de algum modo naturalizar o livro, acrescentar, quando não nos fosse possível substituir, aos exemplos da Literatura francesa citados pelo autor, outros colhidos em nossos poetas e oradores distintos.
>
> Cuidamos que deste modo se poderá tirar mais utilidade, para o ensino dos princípios de Eloqüência Nacional, de uma Retórica escrita em língua estranha; por isso que traduzida e com as modificações que lhe fizemos, não só a tornamos mais apropriada ao fim, como diminuímos o número de livros estrangeiros, para instrução da mocidade, cuja contínua leitura, tanto concorre para corromper a língua, viciando-a desde os bancos colegiais. [69]

A nacionalização do ensino secundário não era só uma preocupação dos professores. Em **1855**, Couto Ferraz reformou os estudos do Colégio Pedro II introduzindo a "Corografia brasileira e história nacional", no 4° ano. Os currículos de Português e de Retórica também foram ampliados com a entrada da "Leitura e Recitação de Português" e "Exercícios Ortográficos", no 1° ano, e dos "Quadros da literatura nacional", no 7° ano. [70]

A entrada da "Leitura e Recitação" no currículo de Português, até então atividades exclusivas da Retórica e Poética, implicava no uso de textos de autores nacionais, o que de fato acabou acontecendo em 1856, com a regulamentação dos compêndios, quando foram indicadas obras de Antonio Vieira, Souza Caldas e a seleta de Barker para as aulas de português. (cf. p. 341).

A introdução dos "Exercícios Ortográficos" demonstra atenção com a uniformização da escrita, mas nos faz refletir sobre a maneira que a ortografia era fixada na escola do século XIX, pois os primeiros decretos oficiais que regulamentaram a ortografia portuguesa são do século XX, de 1911 em Portugal e de 1931 no Brasil. [71]

Portanto, a falta de regulamentação ortográfica oficial transferia para os livros didáticos (sobretudo dicionários, gramáticas, manuais de retórica e seletas literárias) a função extra de definir a ortografia portuguesa.

No 6° ano, a Retórica e a Poética foram unidas, aprendendo-se a teoria de ambas ("Retórica: regras da eloqüência e de composição"), enquanto que a parte prática era ensinada no 7° ano ("Eloqüência prática: composição de discursos e de narrações em português"), juntamente com a literatura brasileira, que ganhara mais expressão com os "quadros da literatura nacional" também do professor Paula Menezes.

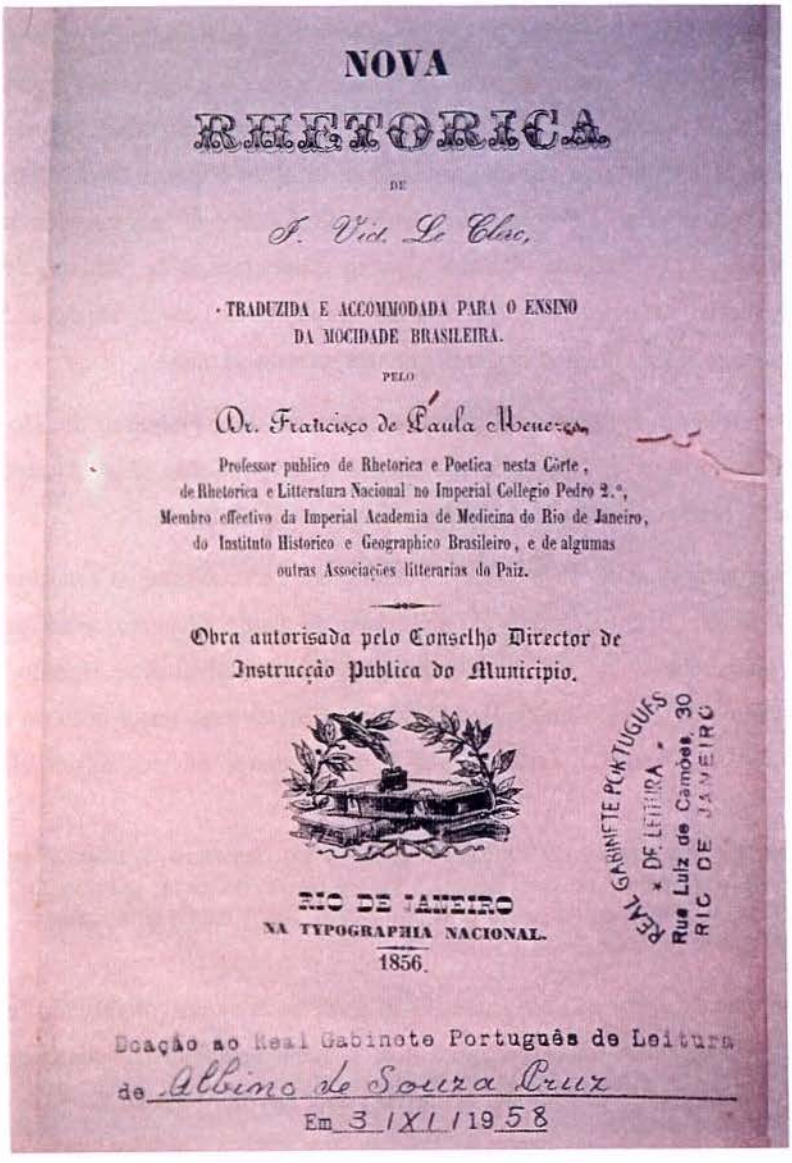
A reforma de 1855 marcou uma discreta, porém segura, ascensão do estudo da língua portuguesa e de sua literatura, a qual passou a servir de exemplo do bem falar e do bem escrever/compor em vernáculo, predicados indispensáveis para aqueles que se destinavam às carreiras públicas e às profissões liberais.

---

[69] MENEZES, Francisco de Paula. *Nova Retórica de J. Vict. Le Clerc*, p. V-VI.

[70] HAIDAR, Maria de Lourdes M. Op. Cit., "Regulamento de 17 de fevereiro de 1855", p. 146-147.

[71] MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à Filologia Portuguesa*. "O Problema Ortográfico", p. 201-19; SOUZA, Tania da Conceição Clemente de e MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. "Reformas Ortográficas ou Acordos Políticos?" In: GUIMARÃES, Eduardo e ORLANDI, Eni Puccinelli. (Orgs.) *Língua e Cidadania*, p. 85-93.



NOVA

RHETORICA

DE

J. Vict. Le Clerc,

TRADUZIDA E ACCOMMODADA PARA O ENSINO
DA MOCIDADE BRASILEIRA.

PELO

Dr. Francisco de Paula Menezes,

Professor publico de Rhetorica e Poetica nesta Côrte,
de Rhetorica e Litteratura Nacional no Imperial Collegio Pedro 2.°,
Membro effectivo da Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro,
do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e de algumas
outras Associações litterarias do Paiz.

Obra autorisada pelo Conselho Director de
Instrucção Publica do Municipio.

REAL GABINETE PORTUGUES
DE LEITURA
Rua Luiz de Camões, 30
RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO
NA TYPOGRAPHIA NACIONAL.
1856.

Doação ao Real Gabinete Português de Leitura
de Albino de Souza Cruz
Em 3/XI/1958

Fig. 3 - Francisco de Paula Menezes, 1856.

Na portaria nº. 52 de 24 de janeiro de **1856**, o governo fixou o currículo e os compêndios do Colégio Pedro II, os quais também foram adotados nas "Aulas Preparatórias" dos cursos anexos às faculdades e nos Exames Preparatórios. (cf. p. 341).

Entre os livros destinados às aulas de português destacam-se a *Gramática da língua portuguesa* de Cyrillo Dilermando, a *Biblioteca Juvenil* de Barker e os *Sinônimos* de Frei Francisco de São Luiz.

Não consegui encontrar a *Gramática* de Cyrillo Dilermando, mas através do prefácio de outro compêndio seu, de 1870, soube que esta gramática fora adotada no Colégio Pedro II desde 1855 e que seu autor era "natural do Ceará" e "Diretor do Colégio Dilermando". [72]

Da seleta de Antonio Maria Barker (1792-1853), professor português radicado no Brasil, só se tem notícia da 4ª edição, publicada em 1859, com o título de *Biblioteca juvenil, ou fragmentos morais, históricos, políticos, literários e dogmáticos, extraídos de diversos autores, e oferecidos à mocidade brasileira.* "Esta seleta em prosa", segundo Inocêncio da Silva, era composta por excertos da *Pequena Crestomatia Portuguesa* (1809) de Pedro Gabe de Massarellos, pelo *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa* (introdução histórica do *Parnaso Lusitano*, v. I, 1826) de Almeida Garrett, e por trechos da *História da Criação do Mundo* de Manuel Dias de Souza. [73] A entrada do *Bosquejo* de Garrett marca a escolarização da historiografia romântica, a qual valorizava a produção literária original, que representasse a nação.

Já o *Ensaio sobre alguns sinônimos da língua portuguesa* de Frei Francisco de São Luiz (1766-1845), medalhão da coroa portuguesa e "laboriosíssimo escritor", foi publicado pela "Academia Real das Ciências" de Lisboa em 1821, tendo também uma edição brasileira em 1840 (**fig. 4**). [74]

Os livros indicados para as aulas de retórica e poética, em 1856, *Lições de Literatura* (6º ano) e *Quadros da literatura nacional* (7º ano), ambos de Francisco de Paula Menezes, eram provavelmente apostilas do professor, as quais não se tem notícia de impressão. Joaquim Manuel de Macedo, professor de História e Corografia do Brasil do Colégio Pedro II, ao relatar a história desta instituição no seu livro *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, confirma que Paula Menezes havia deixado algumas obras manuscritas:

> Sobressaíam entre esses manuscritos *Os quadros da literatura brasileira*, a que faltava a última parte, de que ele mais fervoroso se ocupava, quando foi atacado pela enfermidade que o levou à sepultura em 1857, tendo então apenas quarenta e seis anos de idade. (v. 2, p. 272)

O currículo de retórica do sexto ano dava uma visão geral da literatura, oferecendo "exemplos dos principais escritores, oradores e poetas, antigos e modernos, e mais especialmente dos gregos, latinos e portugueses", enquanto que o professor de retórica, no sétimo ano, deveria oferecer "a seus discípulos os quadros de literatura nacional, fazendo-lhes sentir as belezas dos autores clássicos, tanto poetas, como prosadores". Além da "literatura nacional", estavam previstos exercícios de composição, no currículo do sétimo ano, a fim de treinar os alunos a "escrever elegantemente e procurando imitar os modelos indicados pelo professor". (cf. p. 341)

A definição do currículo e a indicação de compêndios em 1856 deram início à centralização pedagógica e conseqüente hegemonia do Colégio Pedro II, acenando para o mercado de livros didáticos que a

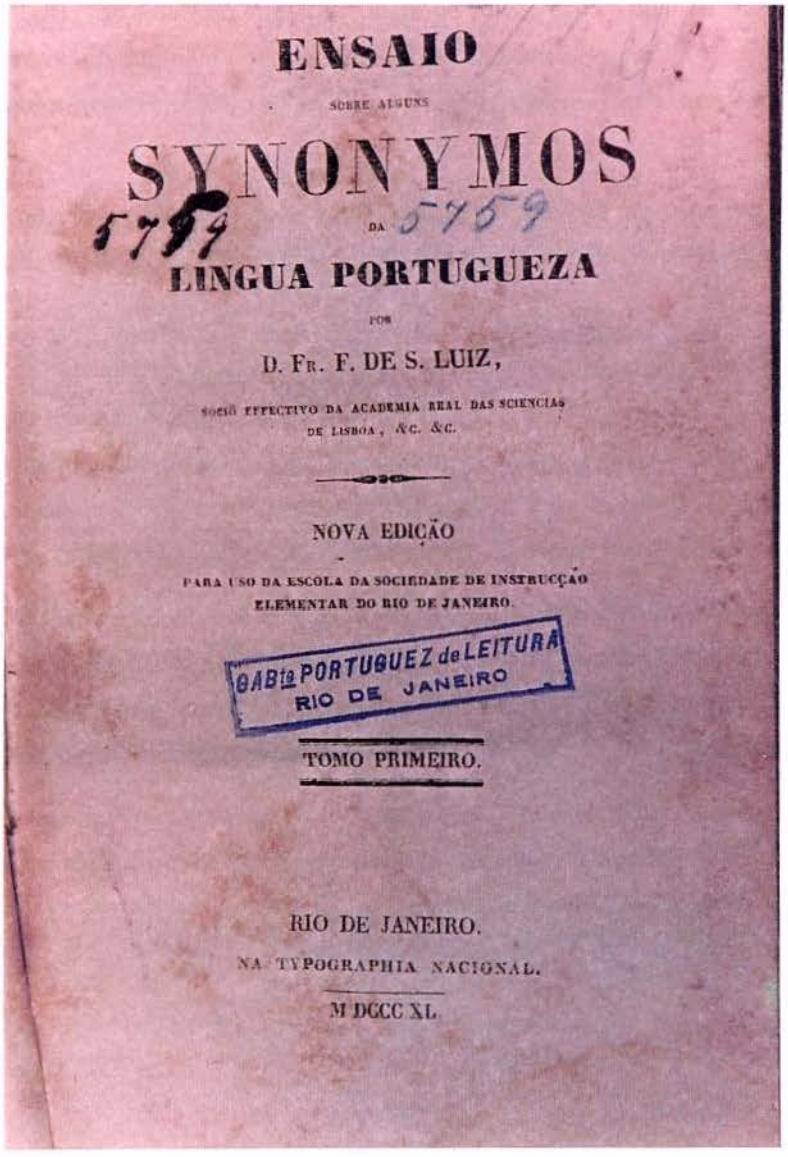
---

[72] DILERMANDO, Cyrillo. *Exercícios de Análise Lexicográfica ou gramatical e de análise sintática e lógica*, p. V.

[73] SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. v. 8, p. 241-242.

[74] Id., v. 2, p. 423-430 e v. 9, p. 323-325.

partir desta medida deveria expandir-se.[75] Porém, sujeito às vicissitudes do Império, o controle estatal sobre o ensino secundário malograria várias vezes, tornando-se efetivo só depois da República.



ENSAIO

SOBRE ALGUNS

SYNONYMOS

DA LINGUA PORTUGUEZA

POR

D. Fr. F. DE S. LUIZ,

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, &C. &C.

NOVA EDIÇÃO

PARA USO DA ESCOLA DA SOCIEDADE DE INSTRUCÇÃO ELEMENTAR DO RIO DE JANEIRO.

BIBLIa PORTUGUEZ de LEITURA
RIO DE JANEIRO

TOMO PRIMEIRO.

RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA NACIONAL.
M DCCC XL.

Fig. 4 - Frei Francisco de São Luiz, 1840

[75] HAIDAR, Maria de Lourdes M. Op. cit., p. 149-152.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

O decreto 2006 de 24 de outubro de **1857** [76], acrescentou ao currículo de "Retórica e Poética", do sétimo ano, a "análise e crítica dos clássicos portugueses", estabelecendo os modelos de nossa literatura, e substituiu os "quadros da literatura nacional" pela "história da literatura portuguesa e nacional", imprimindo pela primeira vez uma perspectiva histórica à nossa literatura. Parece que foi também neste *Programa de Ensino* que entraram as *Lições elementares de Poética nacional* de Francisco Freire de Carvalho (1779-1854), que, na opinião de Antonio Cândido, era "o mau imitador português" das *Lições de Retórica e Belas Letras* de Hugh Blair.[77] De qualquer forma, os compêndios de Francisco Freire de Carvalho[78] **(fig. 5** e **fig. 6)**, ex-professor de Coimbra e reitor do Liceu Nacional de Lisboa, exerceram muita influência no ensino de retórica e poética em Portugal e no Brasil, com várias reedições. No Colégio Pedro II, eles foram adotados até o final da década de 1860.

A mudança no currículo de Retórica e Poética, inclusive a troca de compêndio, pode ter sido resultado da substituição do professor Paula Menezes (falecido em 1857) pelo Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.

Até aqui, segundo os *Programas de Ensino do Colégio Pedro II*, a aproximação com os clássicos greco-latinos parece ter sido a maneira para o estabelecimento dos clássicos nacionais, portugueses e brasileiros (1850-1851). Depois, vieram a crítica e a história literária, encarregadas de definir os *clássicos* portugueses e brasileiros e de construir uma história literária específica (1857), procurando estabelecer também o "caráter nacional" de nossa literatura [79], a grande tese do Romantismo brasileiro.

Assim, tanto as gramáticas da língua portuguesa e os manuais de retórica e poética abonavam seus conceitos com numerosos exemplos dos clássicos nacionais, quanto a emergente história da literatura nacional e as antologias escolares tratavam de defini-los, formando uma rede de ensino do vernáculo voltada para a implantação da cultura nacional, cujo lento processo brasileiro, só se completaria no século XX.

Ao que parece, a antiga técnica de ensino da gramática e da retórica latina (e grega), exemplificadas através de textos de autores considerados *clássicos*, foi incorporada ao ensino gramatical e retórico dos vernáculos europeus, dando origem aos clássicos nacionais.

---

76 Id. ibid., p. 154-155.

77 CANDIDO, Antonio. Op. cit., v. 2, p. 346.

78 O *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio da Silva informa que as *Lições elementares de eloqüência nacional* foram publicadas em 1834, no Rio de Janeiro e as *Lições elementares de Poética nacional* foram impressas em 1840, em Lisboa, na Tip. Rollandiana. Ambas tiveram reedições nas décadas seguintes.

79 A definição do "caráter nacional" da literatura brasileira e a discussão sobre sua independência da literatura portuguesa foram questões que sempre preocuparam os homens de letras, brasileiros ou estrangeiros que, ao longo do século XIX, ajudaram a criar nossa história literária: desde Ferdinand Denis e Almeida Garrett, em 1826, passando por Januário da Cunha Barbosa, Abreu e Lima, Gonçalves de Magalhães, Pereira da Silva, Santiago Nunes Ribeiro, Joaquim Norberto, Varnhagen, Álvares de Azevedo, José de Alencar, Sotero dos Reis, Fernandes Pinheiro, Ferdinand Wolf, José da Gama e Castro, Antonio Feliciano de Castilho, Camilo Castelo Branco, chegando até Machado de Assis, no seu ensaio "Instinto de Nacionalidade" (1873), e Silvio Romero, em sua *História da Literatura Brasileira* (1888), obra fundadora de nossa crítica e história literária.

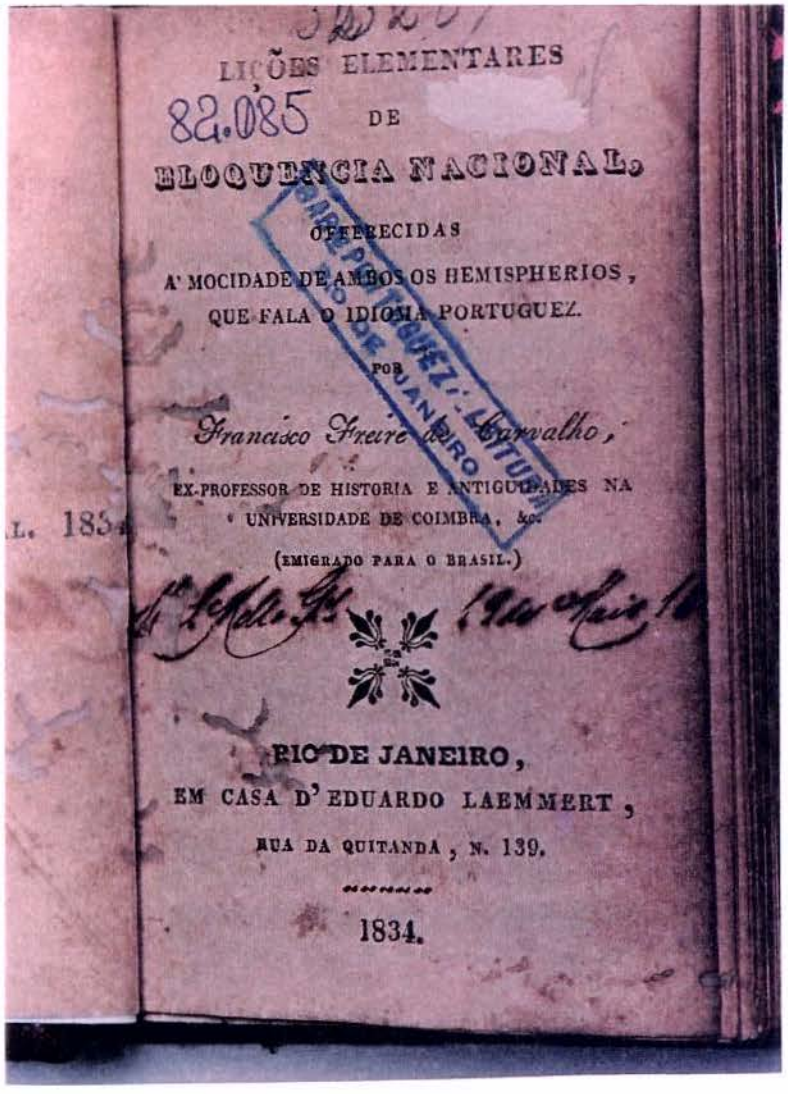
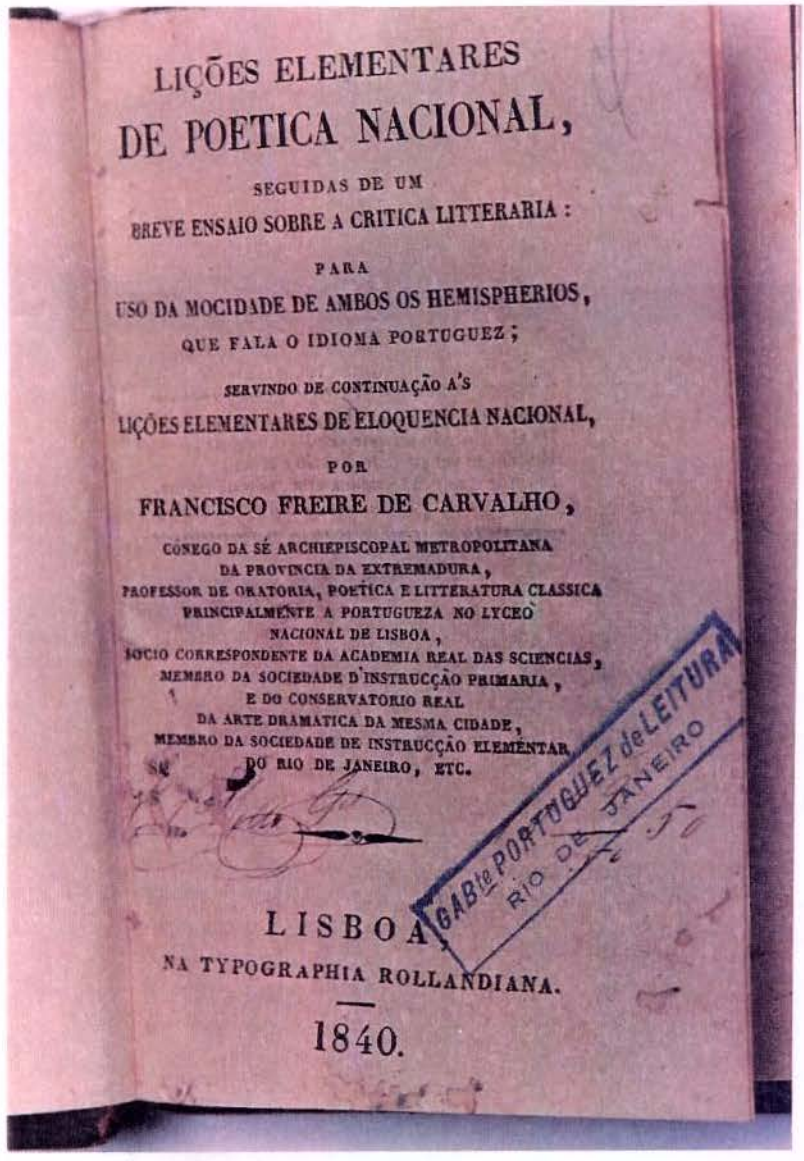


Fig. 5 - Francisco Freire de Carvalho, 1834.



LIÇÕES ELEMENTARES
DE POETICA NACIONAL,
SEGUIDAS DE UM
BREVE ENSAIO SOBRE A CRITICA LITTERARIA:
PARA
USO DA MOCIDADE DE AMBOS OS HEMISPHERIOS,
QUE FALA O IDIOMA PORTUGUEZ;
SERVINDO DE CONTINUAÇÃO Á'S
LIÇÕES ELEMENTARES DE ELOQUENCIA NACIONAL,
POR
FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO,
CONEGO DA SÉ ARCHIEPISCOPAL METROPOLITANA
DA PROVINCIA DA EXTREMADURA,
PROFESSOR DE ORATORIA, POETICA E LITTERATURA CLASSICA
PRINCIPALMENTE A PORTUGUEZA NO LYCEO
NACIONAL DE LISBOA,
SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS,
MEMBRO DA SOCIEDADE D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA,
E DO CONSERVATORIO REAL
DA ARTE DRAMATICA DA MESMA CIDADE,
MEMBRO DA SOCIEDADE DE INSTRUCÇÃO ELEMENTAR
DO RIO DE JANEIRO, ETC.
LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.
1840.
GABte PORTUGUEZ de LEITURA
RIO DE JANEIRO

Fig. 6 - Francisco Freire de Carvalho, 1840.

Nos liceus franceses, por exemplo, o uso de autores clássicos nacionais (geralmente do século XVII) "nas aulas de retórica no século XIX (Chervel, 1986) pertencem quase todos à lista dos que já eram estudados durante o Antigo Regime".[80]

Por outro lado, Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard destacam que a literatura francesa se desenvolveu mais no "ensino sem latim", chamado de ensino "especial ou moderno", das escolas de agricultura, indústria, comércio e das artes. A estas juntavam-se as escolas encarregadas do "ensino das

[80] CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRARD, Jean. *Discursos sobre a Leitura - 1880-1980*, p. 275. Os autores indicam o trabalho de Andre Chervel. *Les auteurs français, latins et grecs au programme de l'enseignement secondaire de 1800 à nos jours*. Paris, INRP et Sorbonne, 1986.

moças" e as escolas normais, "dos futuros professores primários".[81] O ensino com pouco latim ou sem latim era considerado "ensino de segunda linha" em relação ao curso "*clássico*" dos liceus. Assim, como no caso da Inglaterra, descrito por Eagleton, onde os clássicos ingleses eram os "clássicos dos pobres", chegando a Ox-Bridge só depois da Grande Guerra, os clássicos franceses (cujo *corpus* foi significativamente ampliado no final do século XIX) também obtiveram *status* no ensino das elites francesas somente no século XX, depois de Gustave Lanson. [82]

O ensino da literatura brasileira tinha pequena expressão no currículo do Colégio Pedro II, predominantemente clássico. Além disso, nossa condição periférica nos obrigava a estudar as literaturas européias, quer seja para ter contato com a *civilização* moderna, cujos expoentes eram Inglaterra e França, quer seja para encontrar modelos para a construção de uma história de nossa literatura, nascida da literatura portuguesa e ainda dependente dela.

No programa de **1858**, nossa literatura ganhou o adjetivo pátrio, tanto no sexto ano, "Princípios de retórica e poética exemplificados com as melhores passagens dos autores antigos e modernos, especialmente portugueses e brasileiros", quanto no sétimo ano, ao estabelecer que "enquanto não houver um compêndio próprio, o Professor fará em preleções um curso de literatura antiga e moderna, especialmente da portuguesa e brasileira". (cf. p. 284)

A distinção entre autores "portugueses e brasileiros", no entanto, ainda não implicava a independência da nossa literatura da portuguesa, como queriam alguns românticos, implicava sim na filiação da literatura brasileira à tradição clássica e européia, via Portugal, posição que seria enfraquecida depois da Proclamação da República, mas que sobreviveria durante décadas nos compêndios do século XX.

O ponto de vista histórico, ainda que atado ao enfoque retórico tradicional, da divisão literária por gêneros, foi fundamental para a entrada da literatura contemporânea, permitindo a adição de novos gêneros. Desta forma, mesmo dependente e filiada, nossa literatura romântica tinha arrombado a porta do panteão literário escolar, entrando no programa de Retórica e Poética (6° ano) de 1858, como seu último item: "Juízo acerca das escolas clássica e romântica". (cf. p. 284)

Assim, na década de 1850, a literatura brasileira, apesar de fazer parte de uma história geral da retórica e da poética no Ocidente, além do adjetivo pátrio, ganhou espessura e auto-afirmação, servindo cada vez mais de exemplo nas aulas de português e nas aulas de retórica e poética. Com a inclusão da "história da literatura portuguesa e nacional", no sétimo ano, o *Programa* de 1858, marca a introdução, mesmo que tímida, da "vertente historicista" no ensino secundário, ao lado do enfoque eminentemente retórico-poético do estudo da literatura. A "vertente historicista", conforme apontou Roberto Acízelo de Souza, triunfaria, apagando a memória da vertente "retórico-poética", a qual o estudo de Roberto Acízelo procura recuperar. [83]

---

[81] Id., ibid., p. 264.

[82] Id. ibid., p. 273.

[83] SOUZA, Roberto Acízelo de. Op. cit., p. 1-4 e 26-29.

1860

Em **1860**, o termo *clássico* chegou às aulas de português do Colégio Pedro II, com a adoção do *Íris Clássico* (**fig. 7**) de José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (1810-1879), uma antologia de "bons exemplos de dizer: bons na elegância, na variedade, na pureza, no mimo, na opulência" [84], que permaneceu no currículo do Pedro II até 1869.

O *Íris Clássico, ordenado e oferecido aos mestres e alunos das escolas brasileiras*, segundo Inocêncio da Silva, foi "impresso em Lisboa, na Tip. Franco-portuguesa de Lallemant & C.ª" em 1859.[85] O prefácio da segunda edição informa que foram impressos "dez mil exemplares" da primeira edição.[86] Parece que este livro foi adotado só nas escolas brasileiras, inclusive nas escolas primárias. Tal adoção talvez tenha sido resultado da permanência de José Feliciano de Castilho no Rio de Janeiro desde 1847, possibilitando a aprovação do *Íris Clássico* pelo imperador Pedro II, a quem o livro era dedicado.

Como informa a "Advertência do coletor", na quinta edição [87], o livro era composto de quatro partes, sendo que uma "Quinta Parte" foi acrescentada nesta edição, de 1868. Os excertos eram introduzidos por um título e finalizados pelo nome de seu autor. Não havia qualquer ordenação de gênero ou de tempo. Assim, os raros excertos em verso estão juntos com os de prosa, e autores dos variados séculos aparecem lado a lado, "na desordem que aí lavra".[88] Os temas mais abordados são aqueles que se referem à moral e à religião católica, à história de Portugal e do Brasil, e à língua portuguesa, de cuja "vernaculidade" este compêndio se lançou representante e defensor.

O *Íris Clássico* contemplava autores portugueses e brasileiros como modelos a serem imitados, sendo que Manuel Bernardes e Antonio Vieira eram os autores com maior número de excertos e Luís de Camões aparecia apenas com um excerto. Entre os brasileiros mais conhecidos, estão o Pe. Souza Caldas, Frei São Carlos, Frei Santa Rita Durão, Tomás Antonio Gonzaga, Januário da Cunha Barbosa, José Bonifácio e o marquês de Paranaguá (Francisco Vilela Barbosa).

Ao contrário dos franceses, que, até a década de 1880, praticamente restringiram o uso do termo clássico, assim qualificando apenas os autores do século XVII, o *clássico* português, ao menos no *Íris Clássico*, englobava quatro séculos. Além dos autores mais assíduos, dos séculos XVI e XVII, há trechos de autores dos séculos XVIII e XIX, inclusive do irmão do compilador, Antonio de Castilho.[89] No "Epílogo da

---

[84] CASTILHO, José Feliciano de. 5ª ed. *Íris Clássico*, p. V.

[85] SILVA, Inocêncio Francisco da. Op. cit., v. 4, p. 318.

[86] CASTILHO, José Feliciano de. Op. cit., p. IX-X.

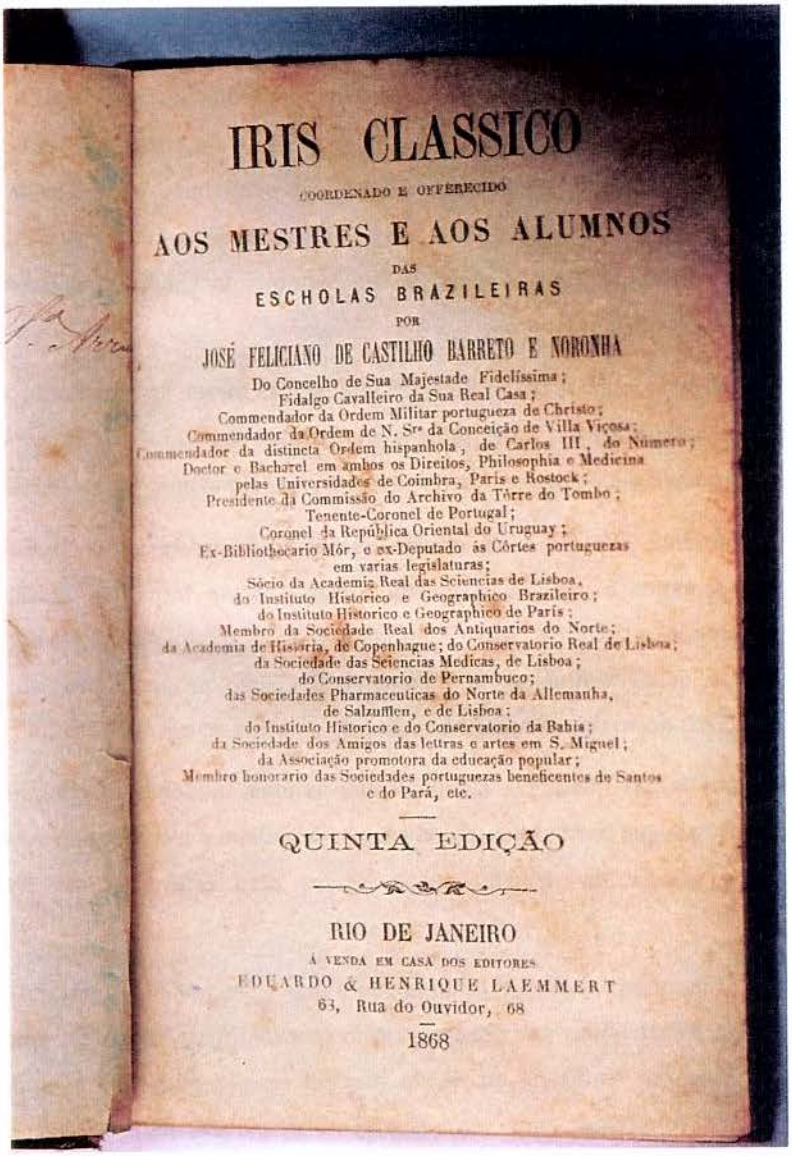
[87] Id., ibid., p. 259.

[88] Id., p. V.

[89] Antonio Feliciano de Castilho (1800-1875), conhecido escritor português do Romantismo, e autor do *Método Castilho de leitura repentina*, livro dirigido aos estudos primários, empenhara-se na década de 1850, para ser adotado no Brasil. In: LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Formação da Leitura no Brasil*, p. 184-189.

terceira edição", José de Castilho justifica a seus leitores a inclusão de "produções de engenhos, egrégios sim, mas que nenhuma Academia canonizou ainda como clássicos":

> Todo escritor abalizado, por excelência de linguagem, altura de idéias, e primor de estilo, não só merece, senão que de si vem requerendo o título de clássico da língua. [...]
>
> A promoção a clássico não pende de diploma com referenda; é resultado do consenso dos eruditos. A esse pedi alguns dos nomes que aí vedes estampados; [...] [90]



IRIS CLASSICO

COORDENADO E OFFERECIDO

AOS MESTRES E AOS ALUMNOS

DAS

ESCHOLAS BRAZILEIRAS

POR

JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA

Do Concelho de Sua Majestade Fidelissima;
Fidalgo Cavalleiro da Sua Real Casa;
Commendador da Ordem Militar portugueza de Christo;
Commendador da Ordem de N. Sra da Conceição de Villa Viçosa;
Commendador da distincta Ordem hispanhola, de Carlos III, do Numero;
Doctor e Bacharel em ambos os Direitos, Philosophia e Medicina
pelas Universidades de Coimbra, Paris e Rostock;
Presidente da Commissão do Archivo da Tôrre do Tombo;
Tenente-Coronel de Portugal;
Coronel da República Oriental do Uruguay;
Ex-Bibliothecario Mór, e ex-Deputado ás Côrtes portuguezas
em varias legislaturas;
Sócio da Academia Real das Sciencias de Lisboa,
do Instituto Historico e Geographico Brazileiro;
do Instituto Historico e Geographico de Paris;
Membro da Sociedade Real dos Antiquarios do Norte;
da Academia de Historia, de Copenhague; do Conservatorio Real de Lisboa;
da Sociedade das Sciencias Medicas, de Lisboa;
do Conservatorio de Pernambuco;
das Sociedades Pharmaceuticas do Norte da Allemanha,
de Salzuffen, e de Lisboa;
do Instituto Historico e do Conservatorio da Bahia;
da Sociedade dos Amigos das lettras e artes em S. Miguel;
da Associação promotora da educação popular;
Membro honorario das Sociedades portuguezas beneficentes de Santos
e do Pará, etc.

QUINTA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

A VENDA EM CASA DOS EDITORES

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

63, Rua do Ouvidor, 68

1868

Fig. 7 - José Feliciano de Castilho, 1868.

[90] José F. de Castilho, op. cit., p. 330.

O que fica patente neste e nos outros trechos dirigidos aos leitores é que as regras definidoras de "clássico" e de "vernaculidade" estavam sendo cunhadas nesta época e, talvez por isso, o compilador tenha gastado tantas linhas para explicá-las. Além disso, um livro didático deste calibre, com adoção tão nobre, era um dos espaços discursivos disponíveis, autorizado pelo "consenso dos eruditos" para estabelecer os clássicos nacionais. Com o passar do tempo, a denominação de "clássico" nos livros didáticos, para indicar os autores considerados modelos de vernaculidade, vai sendo substituída por adjetivos pátrios: nacional, português, brasileiro. É certo, porém, que este livro influenciou seus sucessores, como a *Seleta Nacional* de Caldas Aulete, cuja introdução, "Preceitos para Escrever em Bom Português", é um trecho de José de Castilho extraído do *Íris Clássico*. [91]

Para as aulas de retórica e poética, do sexto ano, entrou, no lugar da "tradução" de Le Clerc, a *Nova Retórica Brasileira* de Antonio Marciano da Silva Pontes (**fig. 8**), obra impressa em 1860 que, segundo Sacramento Blake, tinha sido "apresentada ao conselho diretor e aprovada para o colégio de Pedro II". [92] Interessante notar as credenciais de Antonio Marciano da Silva Pontes, reproduzidas na página de rosto de seu compêndio, "Secretário da Província de Minas Gerais" e "Ex-Membro do Conselho Diretor da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte".

Ainda em 1860, dentro do currículo de Retórica e Poética, foram acrescentados trinta tópicos históricos, reunidos como *Literatura Nacional*, e dez tópicos gramaticais, chamados de *Gramática Filosófica*, incrementando o estudo do vernáculo e da literatura correspondente, no sétimo ano. (cf. p. 285-86)

No currículo de *Gramática Filosófica*, foi a primeira vez que apareceram a *Análise Lógica* e a *Análise Gramatical* (análise sintática e morfológica), cujos exercícios se tornariam prática pedagógica corrente nos programas de português a partir de 1870. O último item do currículo, *Aplicação dos princípios às lições dos clássicos*, reforça o desenvolvimento da didática inserida no primeiro ano, ou seja, do uso sistemático dos clássicos nacionais no ensino gramatical, repetindo a receita do ensino de latim.

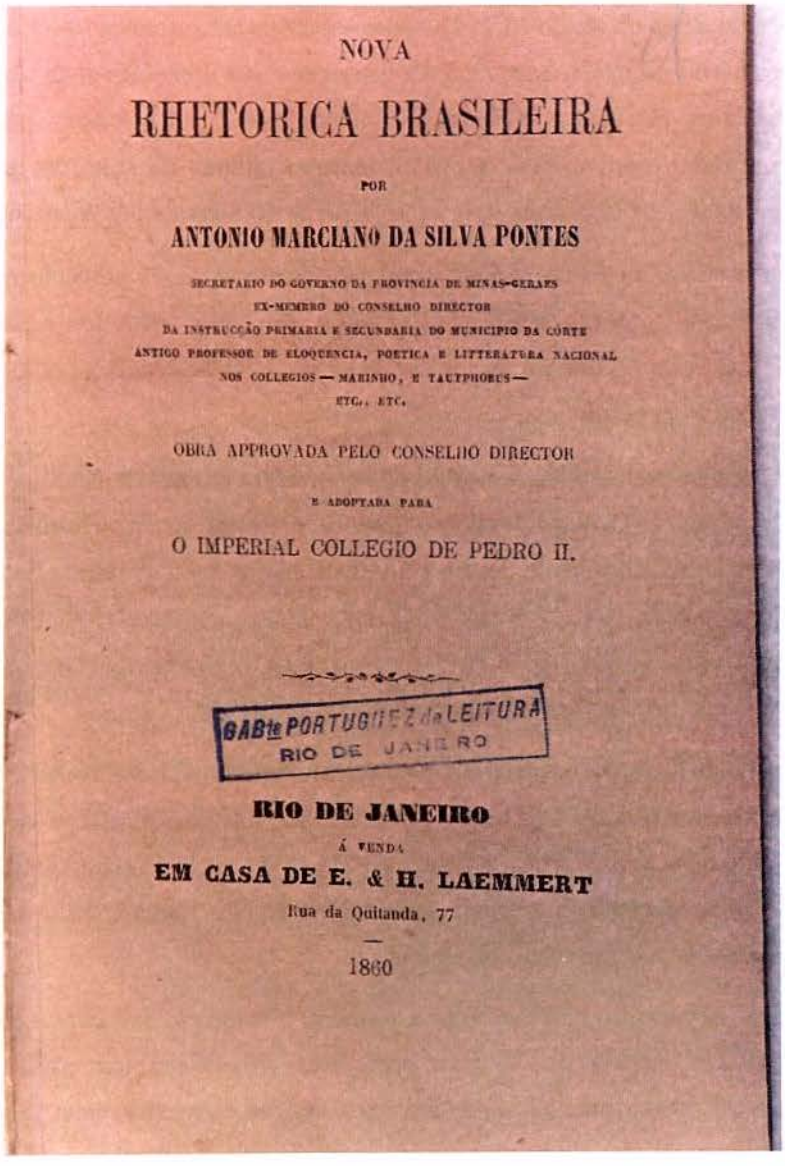
O grande percurso que ia das literaturas clássicas para as mais modernas continuou presente em 1860; entretanto, a intensidade com que o estudo da literatura luso-brasileira e a da gramática portuguesa era recomendado no sétimo ano, parece ter deixado pouco espaço para esta parte do programa, que, provavelmente, foi abreviada.

Os trinta itens da "Literatura Nacional" compunham uma história da literatura portuguesa e brasileira, centrada nos autores, ora divididos por gênero literário (poetas líricos, didáticos, épicos; oradores; historiadores; etc.), ora dispostos por tendência ou escola literária (escola petrarquista, gongorista, etc.), obedecendo sempre uma ordem cronológica, uma vez que o ponto de partida desta história passou a ser a "Origem da língua portuguesa" (cf. p. 285), e não mais o gênero, como aparecia no currículo de Retórica do sétimo ano em 1850-1851.

---

[91] AULETE, Júlio Caldas. 17ª ed. *Seleta Nacional*. Curso Prático de Literatura Portuguesa. Primeira Parte. Literatura, p. 1-9.

[92] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Op. cit., v.1, p. 254.



NOVA

RHETORICA BRASILEIRA

POR

ANTONIO MARCIANO DA SILVA PONTES

SECRETARIO DO GOVERNO DA PROVINCIA DE MINAS-GERAES
EX-MEMBRO DO CONSELHO DIRECTOR
DA INSTRUCÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA DO MUNICIPIO DA CORTE
ANTIGO PROFESSOR DE ELOQUENCIA, POETICA E LITTERATURA NACIONAL
NOS COLLEGIOS — MARINHO, E TAUTPHOEUS —
ETC., ETC.

OBRA APPROVADA PELO CONSELHO DIRECTOR

E ADOPTADA PARA

O IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II.

GABte PORTUGUEZ de LEITURA
RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO
Á VENDA
EM CASA DE E. & H. LAEMMERT
Rua da Quitanda, 77
1860

Fig. 8 - Antonio Marciano da Silva Pontes, 1860.

Sem abandonar a geografia universal da oratória e da poesia antiga e seus exemplos modernos, o novo foco do currículo de 1860 recaía sobre a origem e transformações de uma língua viva, a portuguesa, cuja literatura era testemunha documental de cada época, legitimando diferentes manifestações literárias, valorizando tanto a poesia e a oratória vernácula, como também os gêneros menos nobres (história, biografia, crônica, monografia). Havia espaço inclusive para as obras mais recentes, dos escritores do Romantismo, tratados nos dois últimos itens do programa: "Natureza e reforma de Garrett" e "Idem do Sr. Magalhães".

A apresentação da literatura nacional, em 1860, através de escritores e não de obras: (poetas, historiadores, biógrafos, oradores, etc.), repetida nos currículos de 1863, 1865 e 1870, vinha da crença iluminista (apropriada pelas estéticas do século XIX) de que os escritores representavam a nação civilizada e, como homens de letras e/ou heróis nacionais, eram reunidos constantemente desde o final do século XVIII em bibliotecas, parnasos, florilégios, panteões e dicionários bibliográficos. Tanto a história política como a história literária tinham o mesmo objetivo: criar símbolos nacionais através do culto dos heróis. Alguns historiadores brasileiros do século XIX dedicaram-se a ambas histórias com as mesmas tintas patrióticas. [93]

Depois da Proclamação da República, algumas antologias escolares que se propunham a representar a nação, incluíram notas biobibliográficas sobre os autores contemplados antes dos excertos, como a ***Antologia Nacional*** (1895) de Fausto Barreto e Carlos de Laet e a *Antologia Brasileira* (1900) de Eugênio Werneck, acrescentando à leitura dos textos, uma introdução histórica.

No Programa de **1862** (Decreto 2.883), a retórica foi novamente separada da poética. No sexto ano eram dadas seis aulas semanais de "Gramática Filosófica e Retórica" e, no sétimo ano, três aulas de "Poética e Literatura Nacional", a qual teve seu currículo reduzido a dez itens, um terço do que era antes. Parece haver uma preocupação maior com a parte teórica, enquanto que os exercícios práticos (composição, análise e declamação) não foram mencionados. Em 1863 e 1865 a parte prática da Gramática Filosófica, "Aplicação dos princípios às lições dos clássicos", também foi suprimida.

A novidade das aulas de literatura nacional em 1862 foi a adoção do *Curso Elementar de Literatura Nacional* do professor de Retórica, Poética e Literatura Nacional do Colégio Pedro II, Cônego Fernandes Pinheiro (1825-1876). [94] Indicado nos *Programas de Ensino* até 1875, este manual, segundo Sacramento Blake, recebeu vários elogios na imprensa brasileira e serviu de passaporte para a entrada de seu autor na Academia Real de Ciência de Lisboa, como sócio correspondente.

No *Curso Elementar*, Fernandes Pinheiro tentava conciliar a tendência historicista com a tradição retórico-poética, apresentando a história da literatura portuguesa e brasileira em ordem cronológica, subdividindo-a em seis épocas, sendo que, em cada época, os autores e excertos eram desdobrados em gêneros e espécies, dando à literatura uma perspectiva histórica com um formato clássico.

O quadro de horário das aulas do Colégio Pedro II, de **1865**, aponta a diminuição de 23% na carga horária de latim, assinalando mais um degrau rumo ao declínio da formação clássica, queda que se tornaria

---

[93] Francisco de Varnhagen publicou o *Florilégio da Poesia Brasileira* e a *História Geral do Brasil*; Pereira da Silva, o *Parnaso Brasileiro*, *Plutarco Brasileiro*, e duas histórias sobre o Reinado de D. Pedro I; Joaquim Norberto, introduções críticas e biográficas às obras poéticas de autores do século XVIII e XIX (Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, Casimiro de Abreu, etc.), e *História da Conjuração Mineira*; Silvio Romero, *História da Literatura Brasileira* (1888) e *História do Brasil Ensinada Pela Biografia Dos Seus Heróis* (1890).

[94] O **Cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro**, segundo Sacramento Blake, "um dos brasileiros que melhores serviços prestaram às letras pátrias e ao magistério superior", fez carreira eclesiástica brilhante na corte (secretário particular do bispo Conde de Irajá, lente de retórica no seminário episcopal, examinador sinodal, cônego da capela imperial e lente da cadeira de teologia e moral do seminário de S. José). Foi nomeado também vice-reitor e capelão do Instituto dos Meninos Cegos e lente de retórica, poética e literatura nacional do Colégio Pedro II (1857). Foi, ainda, secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e cronista do império. Em sua extensa bibliografia sobressaem as obras didáticas de religião, história do Brasil e literatura, destinadas às escolas primárias e secundárias. In: BLAKE, Sacramento. Op. cit., v. 4, p. 107-113.

irreversível e acentuada nos programas seguintes. Nota-se também a diminuição de 33% na carga horária de português.

Talvez por isso, Joaquim Caetano da Silva, "Inspetor Geral da Instrução", reconheceu no Ofício dirigido ao Ministro dos Negócios do Império, em 1865, a necessidade de se criar duas cadeiras de português para as séries mais adiantadas do Colégio Pedro II. Mas, enquanto isso não era possível, ele propôs que fossem adotados alguns autores nacionais nos currículos de línguas estrangeiras (Latim, Francês, Inglês, Alemão) e no currículo de Retórica e Poética, com o intuito de introduzir "bons exemplares [...] da língua que mais nos cumpre saber, e que nos nossos estabelecimentos de instrução menos se ensina". (cf. p. 287-88)

Desta forma, foram acrescentados em 1865 dois volumes da *Livraria Clássica Portuguesa*, dos irmãos José de Castilho e Antonio de Castilho: *Manuel Bernardes* para francês, latim (2° e 3° Ano) e inglês (3° Ano), e *Fernão Mendes Pinto* para francês, inglês e latim (4° Ano). Entraram também, no sexto ano, Vieira (latim) e Lucena (retórica), e no sétimo ano, *Os Lusíadas* de Camões (latim). (cf. p. 287-88)

Tanto o clássico anunciado na coleção dos irmãos Castilho como os outros autores, são todos dos séculos XVI e XVII, cujas obras (algumas completas) tematizam a moral e a religião cristãs, e os feitos dos viajantes portugueses, ressaltando a crença na pedagogia do exemplo em prol da eloqüência vernácula e da exatidão gramatical. A única exceção foi a entrada do brasileiro Odorico Mendes no currículo de Poética (7° Ano). Entretanto, a obra escolhida, *Virgílio Brasileiro*, era a tradução do autor latino, ratificando o valor da formação clássica, mas já posta em vernáculo por um autor brasileiro, tocando nossa auto-estima, principalmente por se tratar de uma lista quase exclusiva de autores portugueses.

1870

O decreto 4.430, de 30 de outubro de 1869, que incluiu entre os preparatórios o "exame de Português" (entrando em vigor em 1871) [95], foi o responsável pelo significativo aumento de carga horária desta disciplina no Colégio Pedro II, a partir de **1870**, muito embora o interesse em alargar os estudos do vernáculo já tenha ficado visível na inclusão da "Gramática Filosófica" (1860) e nas adoções de livros de escritores "nacionais" nas aulas de línguas estrangeiras (1865).

O decreto 4.468 de 1° de fevereiro de 1870 [96], aumentou a carga horária das aulas de português do primeiro ano, passando de seis para catorze horas semanais, as quais foram distribuídas nos três anos iniciais do curso secundário. Simultaneamente, o *Programa* dava sinais de declínio da formação tradicional, com nova queda do latim e da retórica: enquanto a carga horária de Português aumentou 123%, a carga horária de

[95] HAIDAR, Maria de Lourdes M. Op. Cit., p.56 e 86.

[96] Id., ibid., p. 125 e 158-159.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Latim diminuiu 30% e a carga horária de Retórica (no sexto ano) ficou reduzida a um terço do que era em 1865. (cf. p. 413).

O *Programa* de 1870 ampliou o estudo de português absorvendo práticas pedagógicas que até então estavam reservadas às matérias mais adiantadas, do sexto e sétimo anos, como a "Gramática Filosófica", a "Retórica", a "Poética" e a "Literatura Nacional".

A gramática filosófica, retirada do sexto ano, foi absorvida pelo currículo de português, principalmente as análises "lógica e gramatical". A redação e a composição, exercícios exclusivos da retórica, também passaram para o currículo de português (2° e 3° anos). O ponto de vista histórico passou a orientar o estudo da língua portuguesa no terceiro ano, cujas "preleções" deveriam "ser sempre acompanhadas de numerosos exemplos". (cf. p. 293)

A base oferecida no primeiro ano do Colégio Pedro II foi modificada, com a saída do latim, que passou a ser ensinado a partir do segundo ano. Desta maneira, o ensino de português, no primeiro ano, abandonava sua subordinação ao ensino de latim, cujas cadeiras (latim e português) pertenceram ao mesmo professor de 1838 a 1869, e entrava numa fase de ascensão e supremacia em relação às outras disciplinas, que juntas compunham uma só cadeira: Português (6,5 horas), Aritmética (5 horas) e Geografia (4 horas), ministradas por apenas um professor, José Manuel Garcia[97], no "Internato do Colégio Pedro II" e o Cônego Francisco Bernardino de Souza[98], no "Externato" do mesmo colégio.

Foi para esta cadeira (Português, Geografia e Aritmética), encarregada de "cobrir as lacunas do ensino elementar" [99], que Carlos de Laet, um dos autores da ***Antologia Nacional***, ganhou o concurso em 1873, e entrou para o corpo docente do Colégio Pedro II.

A grande inovação deste currículo, porém, foi a introdução, no texto legal, de comentários pedagógicos, os quais pregavam um ensino baseado em exemplos e exercícios, argumentando em nome da compreensão. Para o estudo da "sintaxe", por exemplo, as notas do primeiro ano desaconselhavam "fórmulas abstratas, distinções teóricas e sutilezas gramaticais" que castigariam a memória dos alunos, prescrevendo, de um lado, clareza na exposição de regras e, de outro, um "ensino prático, [...] ressaltado de exemplos bem escolhidos e repetidos até que lhes calem com firmeza no espírito". (cf. p. 290)

Com o crescimento dos exercícios "orais e escritos", a "análise gramatical" (ou morfológica) e a "análise lógica" (ou sintática), passaram a ocupar lugar de destaque no currículo e nos exames de português.

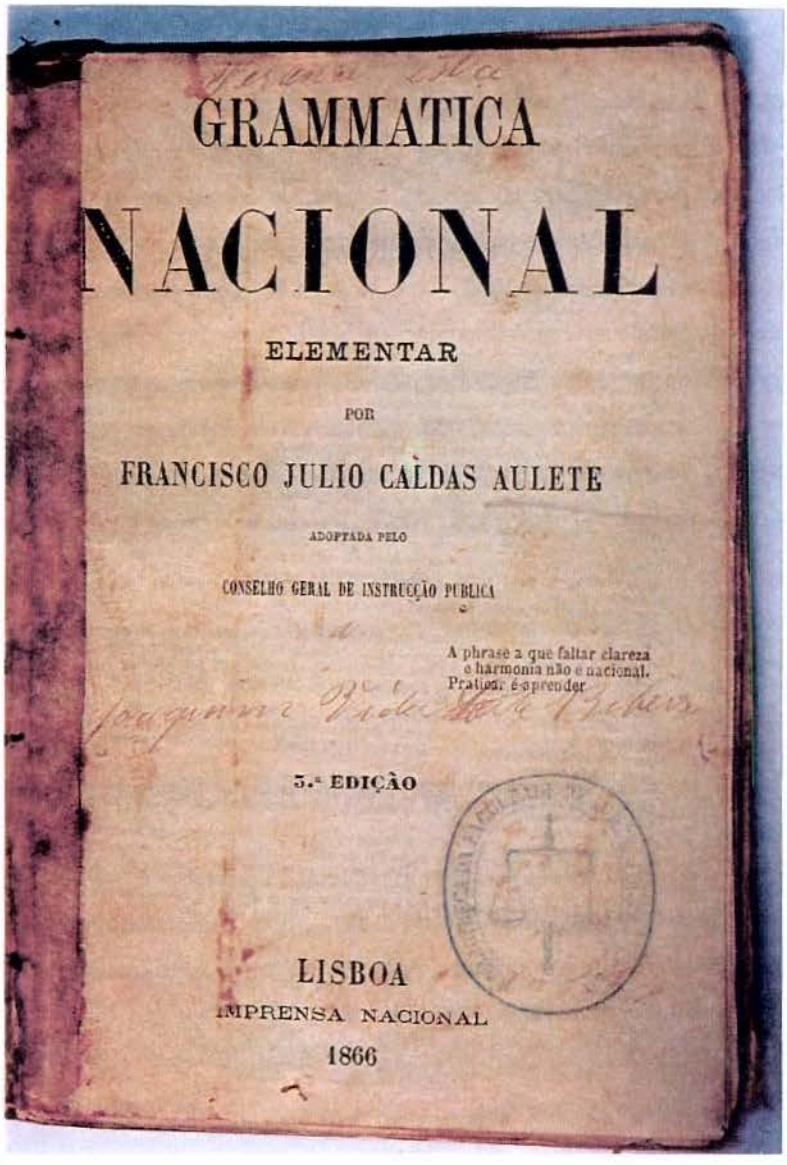
---

[97] **José Manuel Garcia** (? - 1884), foi nomeado em 1857, repetidor interino de filosofia e retórica do Colégio Pedro II, o que queria dizer que, depois das aulas normais, o repetidor ajudava os alunos a memorizarem "os pontos" do programa. No ano seguinte foi nomeado secretário do externato do Pedro II e na década de 1870, ao que parece, foi também nomeado (sem concurso) para a cadeira de português, do segundo ao quinto ano. Em 1877, reviu, corrigiu e aumentou "com 125 trechos e com uma crestomatia do português antigo" os *Ornamentos da memória* do padre Roquette, seleta adotada no Pedro II desde 1870. In: BLAKE, Sacramento. Op.cit., v. 5, p. 24-25.

[98] **Francisco Bernardino de Souza** (1834-?), foi cônego da capela imperial, capelão e professor de religião, latim e português do Colégio Pedro II e lente de geografia e retórica do curso preparatório anexo ao seminário episcopal. In: BLAKE, Sacramento. Op.cit., v. 2, p. 410-12.

[99] HAIDAR, Maria de L. Mariotto. Op. cit., p. 126.

A didática do comentário, do exemplo e do exercício pode ser observada também na *Gramática Nacional Elementar* (1864) de Caldas Aulete [100], adotada no primeiro ano do Pedro II (**fig. 9**).


GRAMMATICA

NACIONAL

ELEMENTAR

POR

FRANCISCO JULIO CALDAS AULETE

ADOPTADA PELO

CONSELHO GERAL DE INSTRUCÇÃO PUBLICA

A phrase a que faltar clareza e harmonia não é nacional. Pratica: é aprender

5.ª EDIÇÃO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1866

Fig. 9 - Francisco Júlio Caldas Aulete, 1866.

Como nos informa o autor, na "Advertência", os parágrafos numerados se ocupam da definição de regras, as quais "os alunos devem entregar à memória". Cada item gramatical é recheado de exemplos e

[100] **Francisco Júlio Caldas Aulete** (? -1878), foi deputado, jornalista e professor do Liceu Nacional de Lisboa. Foi autor popular de livros didáticos: *Cartilha Nacional*, *Gramática Nacional*, *Seleta Nacional* e *Enciclopédia das Escolas Primárias* (em co-autoria com Latino Coelho). Mas ficou mais conhecido pelo seu *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, publicado postumamente, em 1881. In: SILVA, Inocêncio Francisco da. Op. cit., v. 9, p. 317-8 e v. 13, p. 251-2; *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, p. 1841 e *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, p. 470.

exercícios, cuja impressão em "corpo menor encerra as explicações sobre o método prático de usar deste compêndio".[101] Caldas Aulete reitera este seu "método prático" na *Seleta Nacional*,

> [...] todo aquele que se dedicar ao ensino da língua materna, deverá adotar por divisa o seguinte aforismo: - GRAMÁTICA POUCA, EXERCÍCIOS MUITOS. [102]

antologia que, segundo ele, junto com a *Gramática Nacional* e com a *Cartilha Nacional* formavam um "sistema completo" de ensino da língua materna, desde a "escola elementar" até o "liceu".

Antes, porém, de chegar ao currículo do Colégio Pedro II (1870), a *Gramática Nacional* de Caldas Aulete tinha sido amplamente adotada "para compêndio obrigatório com exclusão de qualquer outro, por tempo de três anos, nas escolas públicas de ensino primário em todo o reino" pelo Conselho Geral de Instrução Pública de Portugal, em dezembro de 1864, como informa Inocêncio da Silva. [103]

A leitura dos autores clássicos, expressamente recomendada no *Programa* de 1870 (2° ano), é o ponto de partida e a referência do estudo da língua nos três anos, não só para os famigerados "exercícios de leitura, recitação e ortografia", associados ao ensino de gramática nacional desde 1855, mas agora também indicados para os "exercícios de redação" e para as "composições", estabelecendo a ligação entre ler e produzir textos com qualidade, práticas até então exclusivas da retórica e poética.

Assim, os excertos de autores clássicos (do século XVI ao XIX) estão presentes tanto nas seletas indicadas no currículo como nas gramáticas adotadas. A *Gramática Nacional Elementar* de Caldas Aulete incluiu:

> [...] excertos clássicos, que devem ser reiteradas vezes lidos e copiados pelos alunos, e quando possa ser, decorados. [...] Com estes exercícios adquirem não só o conhecimento da ortografia, mas também a forma do dizer clássico, o perfume da verdadeira linguagem nacional; [...] [104]

Em 1870, a seleta que complementava o estudo gramatical no primeiro ano do Pedro II intitulava-se *Ornamentos da Memória* do padre José Ignácio Roquette (1801- ?) [105], cujo subtítulo aponta a seleção dos clássicos portugueses, *exercícios seletos para formar o bom gosto e verdadeiro estilo da língua portuguesa, extraídos dos melhores clássicos em prosa e verso*. **(fig. 10)**

---

101 AULETE, F. Júlio Caldas. 3ª ed. *Gramática Nacional Elementar*. Lisboa, p. 2.

102 AULETE, F. Júlio Caldas. *Seleta Nacional*, p. XIV.

103 SILVA, Inocêncio Francisco da. Op. cit., v. 9, p. 317-318. A adoção oficial e exclusiva deste compêndio em Portugal aponta o controle do estado sobre o ensino primário, uma das características crescentes da educação na Europa do século XIX.

104 AULETE, Júlio Caldas. *Gramática Nacional Elementar*, p. 2.

105 **José Ignácio Roquette**, clérigo português, viveu muitos anos em Paris até ser nomeado em 1858 professor de Hermenêutica e Eloqüência Sagrada do Seminário Patriarcal de Lisboa, cidade onde serviu também como secretário de despachos do cardeal patriarca D. Manuel Bento Rorigues. Em 1847, recebeu do Imperador do Brasil a Ordem de Cavaleiro Imperial da Rosa. O contato com o Imperador brasileiro talvez tenha animado o autor a dedicar seu compêndio à "educação da mocidade portuguesa e brasileira" Foi nomeado sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa em 1850. In: SILVA, Inocêncio Francisco da. Op. cit., v. 4, p. 377.

No "prólogo", o padre Roquette aponta a leitura (e memorização) dos *clássicos* reunidos por ele (sobretudo Camões, Vieira e Bernardes), como a melhor solução para combater diversos males da educação dos jovens "mancebos":

> Que a lição aturada e refletida de nossos Clássicos seja o meio único e seguro de bem aprender a língua materna, verdade é de todos mui conhecida e aprovada. Como suceda porém que este estudo, não tão fácil nem tão breve como parece, não possa fazer-se senão de findos os estudos preparatórios e os maiores das ciências e faculdades superiores da universidade; e como por outro lado faleçamos de um bom método de ensino literário em que a língua e literatura materna figure a par das línguas estranhas, antigas e modernas, até se completar por uma retórica nacional; acontece quase sempre que, tendo adquirido nas aulas e liceus, nas academias e escolas superiores, mui avultados conhecimentos das línguas estranhas antigas e modernas, achamo-nos por extremo pobres de conhecimentos da nossa, que falamos só por a ouvir falar, e talvez com os erros vulgares a que não atendemos, ou que por ventura defendemos só porque os bebemos com o leite, e ninguém deles nos advertiu.
>
> Acontece mais, que familiarizados com as belezas das outras línguas, e não tendo nenhuma notícia das da nossa, a acusamos de imperfeita e pobre, e por ventura a desprezamos, sendo que a imperfeição e a pobreza estão em nós, e não nela, e devêramos começar por bem aprendê-la, para a compararmos com as outras, e então conheceríamos nossa injustiça, e faríamos dela o bem merecido apreço que fizeram Camões e Vieira.
>
> Também acontece que muitos, grandes admiradores da língua em que tantos Poetas cantaram os heróicos feitos nacionais, e justos apreciadores de suas belezas poéticas, desdenham dar-se ao estudo de seu mecanismo gramatical, e não se acham bem providos de um sem número de expressões elegantes e formosas, de que abundam nossos bons escritores, e que uma educação incompleta não soube dar-lhes.
>
> Para obviar a estes inconvenientes um só meio há, mas seguro e eficaz, o qual consiste em fazer aprender de cor aos meninos, desde seus primeiros anos, os lugares mais notáveis de nossos bons autores, mormente os poetas, para deste modo se familiarizarem com a boa linguagem de seus maiores, e não ficarem, por assim dizer, estranhos em sua própria terra.
>
> Os pais e os mestres que, durante a educação de seus filhos e alunos, lhes fizerem aprender todos os dias alguns pedaços bem escolhidos de nossos clássicos, dar-lhes-ão um tesouro de eloqüência, cuja utilidade ao diante conhecerão, e saberão apreciar quando houverem de compor ou falar no pátrio idioma; e lhes darão ao mesmo tempo o melhor antídoto contra a peste de linguagem peregrina, mormente francesa, que impunemente tem desfigurado a formosa língua que nos legaram Barros, Camões, Luiz de Souza, Vieira e Bernardes.
>
> Para facilitar este aperfeiçoamento, tanto para desejar na educação dos mancebos portugueses e brasileiros, escolhemos dos nossos melhores autores os lugares mais distintos, em que há mais riqueza de linguagem, e em que o gênio, nobreza e harmonia da língua se ostentam com mais vigor e amenidade, dando sempre preferência aos assuntos morais e descritivos, como os mais úteis e recreativos, e fizemos deles esta pequena Seleta, cuja utilidade será por certo maior que seu tamanho se bem se atender às razões que levamos expendidas. [...] [106]

[106] ROQUETTE, José Inácio. *Ornamentos da Memória*, p. V-VIII.

O que o padre Roquette dissera no "prólogo" dos *Ornamentos da Memória* em 1849 parecia fazer mais sentido na escola brasileira em 1870, quando seu compêndio foi adotado oficialmente e quando o ensino da língua vernácula havia ganho maior atenção e carga horária.

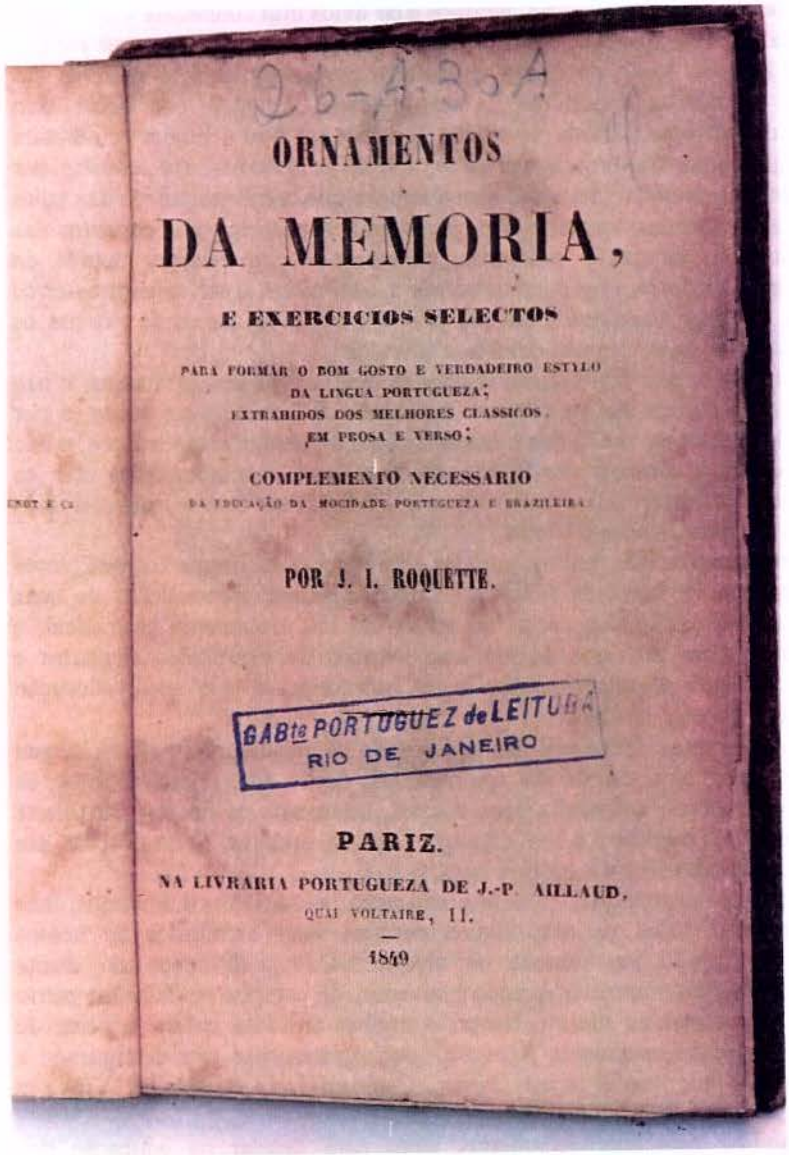
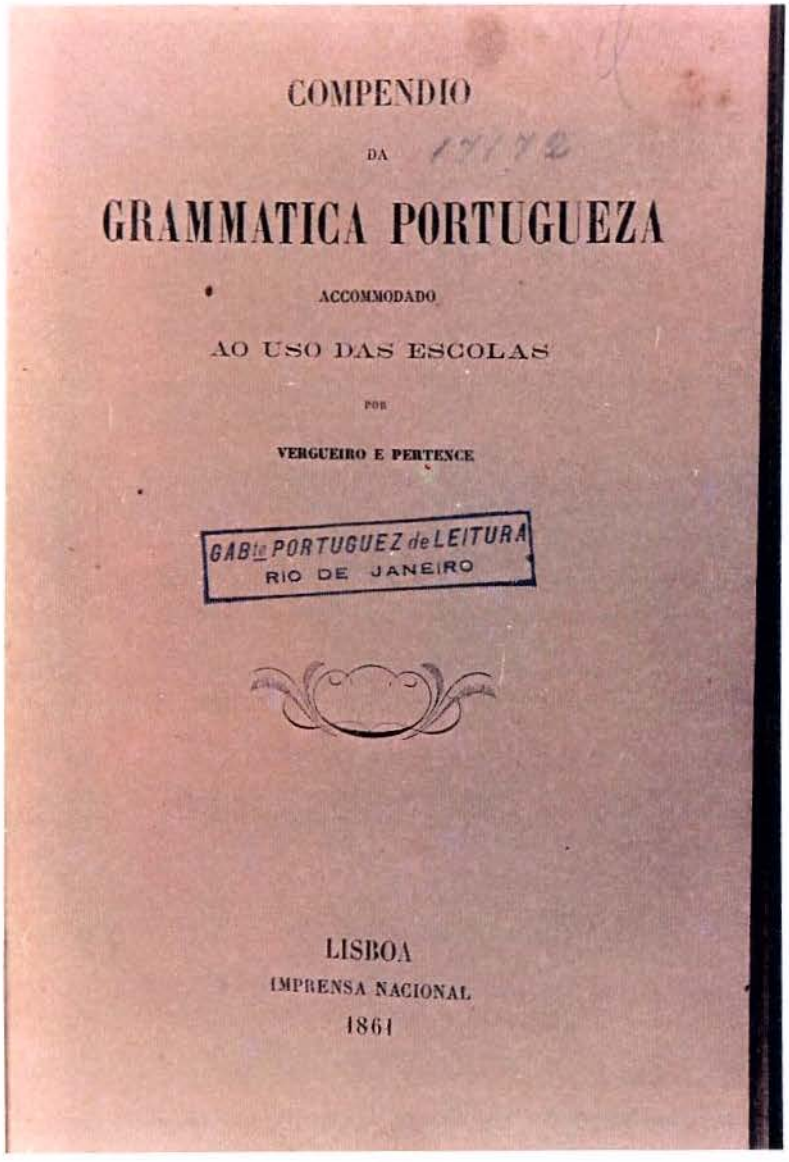


Fig. 10 - José Ignácio Roquette, 1849.

Para o segundo ano, foi adotada a *Gramática Portuguesa* de Vergueiro e Pertence **(fig. 11)**, impressa em Lisboa em 1861. Foram adotadas ainda duas antologias lusitanas, a *Seleta Portuguesa para uso das escolas* de Francisco Martins de Andrade, publicada em Lisboa em 1859, e as *Poesias Seletas* (1860) de

Henrique Carlos Midosi, advogado e professor de retórica, poética e literatura clássica do Liceu Nacional de Lisboa, cuja décima quarta edição foi publicada em Lisboa, pela Imprensa Nacional, em 1884. [107]


COMPENDIO

DA

GRAMMATICA PORTUGUEZA

ACCOMMODADO

AO USO DAS ESCOLAS

POR

VERGUEIRO E PERTENCE

GAB.te PORTUGUEZ de LEITURA
RIO DE JANEIRO

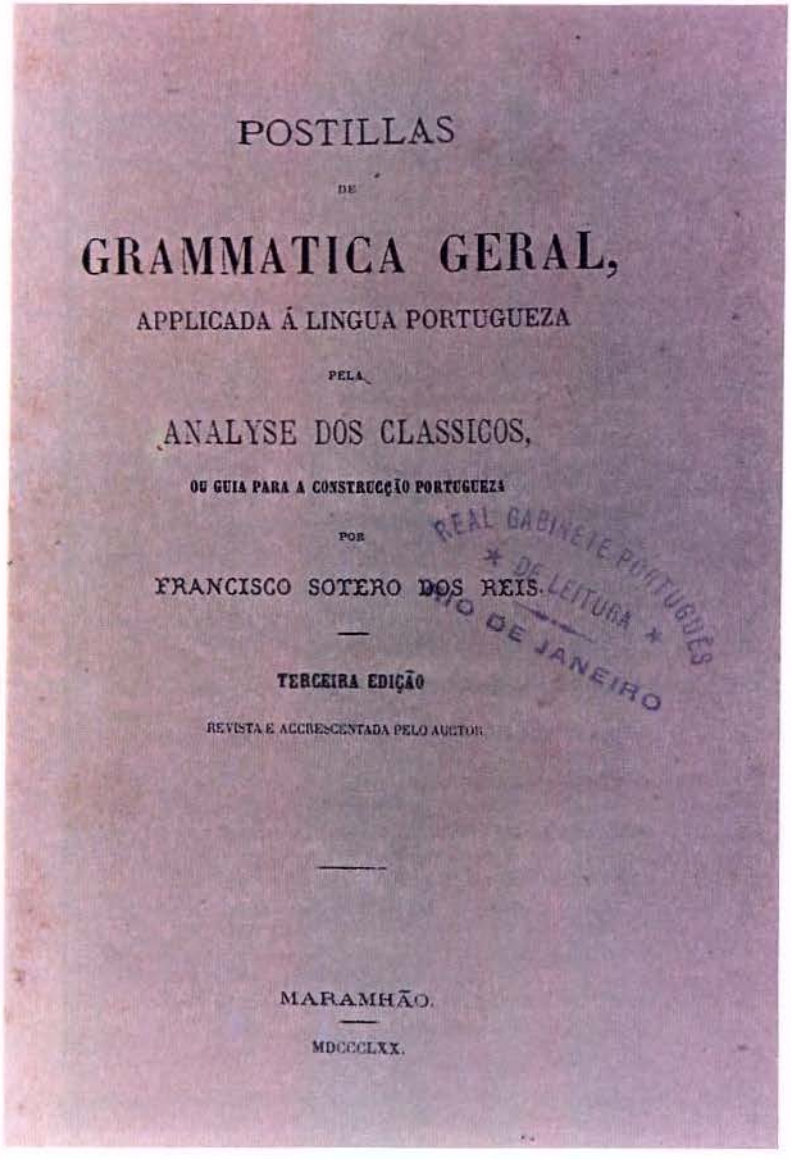
LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1861

Fig. 11 - Vergueiro e Pertence, 1861.

O estudo histórico da língua portuguesa, no terceiro ano, foi outro acréscimo importante no currículo de 1870. Baseado, em parte, na gramática geral (que comparava o vernáculo com o latim), expressa pela adoção do compêndio de Sotero dos Reis (1ª edição 1862) *Postilas de gramática geral aplicada à língua portuguesa pela análise dos clássicos, ou guia para a construção portuguesa* **(fig. 12)**, o programa também dá sinais de que novas teorias lingüísticas chegavam à escola, propondo a comparação do vernáculo com o

[107] SILVA, Inocêncio Francisco da. Op. cit., v.10, p. 16-17 e v. 11, p. 261.

latim e estudando as influências que ele recebeu de "outras línguas modernas" e "das línguas arábica e indígena". (cf. p. 292)



POSTILLAS

DE

GRAMMATICA GERAL,

APPLICADA Á LINGUA PORTUGUEZA

PELA

ANALYSE DOS CLASSICOS,

OU GUIA PARA A CONSTRUCÇÃO PORTUGUEZA

POR

FRANCISCO SOTERO DOS REIS.

TERCEIRA EDIÇÃO

REVISTA E ACCRESCENTADA PELO AUCTOR.

MARAMHÃO.

MDCCCLXX.

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA DO RIO DE JANEIRO

Fig. 12 - Francisco Sotero dos Reis, 1870.

A inclusão da influência indígena, em particular, aponta que o estudo histórico da língua portuguesa no Colégio Pedro II desembocava no Brasil, lembrando questões nevrálgicas debatidas por escritores dos dois lados do Atlântico, sobre a existência ou não de uma língua e de uma literatura especificamente brasileiras. [108]

[108] Estou me referindo às censuras de escritores portugueses sobre nossa produção literária, que suscitaram respostas indignadas de autores brasileiros. Algumas discussões acabaram em polêmicas, veiculadas pela imprensa, como a de José de Alencar e José Feliciano de Castilho (1871), e a de Carlos de Laet e Camilo Castelo Branco (1879). O epicentro das polêmicas se resumia na discussão sobre a originalidade da língua e da literatura produzidas no Brasil.

A ascensão da língua portuguesa, em 1870, não se restringiu ao aumento de carga horária e à ampliação de currículo, foi determinado, ainda, que nossa gramática servisse de referência às outras línguas, ou melhor, o *Programa* definiu que toda gramática estrangeira ensinada no Pedro II (latina, grega, francesa, inglesa e alemã), deveria ser "sempre comparada com a da língua portuguesa". (cf. p. 293) Por outro lado, ao contrário do que ficou estabelecido no *Ofício* de 1865, não foi adotada nenhuma obra em português para os exercícios de versão no currículo das línguas estrangeiras.

De qualquer forma, a preeminência da língua portuguesa, aliada à perspectiva histórica e à comparação com gramáticas estrangeiras, apesar de ainda estarem ligadas à gramática geral, iam ao encontro dos estudos históricos das línguas, empreendidos na primeira metade do século XIX (Friedrich Bopp, 1833-52 e Friedrich Diez, 1836-43), e que chegavam ao Brasil, através de Portugal, a partir da publicação de Adolfo Coelho, *A Língua Portuguesa* (1868). Era o aparecimento e a disseminação de uma nova perspectiva face aos estudos da linguagem, enveredando pela lingüística[109], que dava novo rumo às práticas pedagógicas das línguas modernas, assim como das línguas mortas, através do método comparativo, inventando a gramática comparada e/ou a gramática histórica, melhor definidas na década de 1880:

> A gramática comparada em sentido estrito, ou gramática histórica, estuda as normas gramaticais de duas ou mais línguas que são transformação d'outra, como o português é transformação do latim, o inglês do anglo-saxão, etc., o latim e o grego d'uma antiga língua perdida, etc. [110]

O método histórico-comparativo foi responsável não só pelos avanços no conhecimento dos vernáculos e do parentesco entre as línguas antigas e modernas, mas também tornou-se agente de resgate, conservação e estudo de textos que representassem cada época da evolução de uma língua.

O *Programa* de 1870 deu também nova organização ao currículo de Retórica, Poética e Literatura, do sexto e sétimo ano. Como vimos, a Gramática Filosófica foi transferida para o currículo de português (3° ano). No sexto ano, foram unidas a retórica e a poética, mas com a carga horária reduzida, de seis para três horas semanais. As aulas se apoiavam nas *Postilas do professor* Fernandes Pinheiro, publicadas em 1872 como *Postilas de retórica e poética, ditadas aos alunos do Imperial Colégio de Pedro II*, que, segundo Sacramento Blake, teve segunda edição em 1877 e 3ª em 1884. A matéria era dividida entre uma parte teórica e outra prática: "Preleções. Leitura, apreciação literária dos melhores clássicos da língua portuguesa: exercícios de estilo". No décimo quarto item do currículo, intitulado "do modo de escrever a história, obras filosóficas, diálogos, epístolas, novelas e romances históricos", observa-se a entrada da novela e do romance históricos, gêneros mais recentes de prosa, que tradicionalmente ficavam de fora da divisão retórica. (cf. p. 293)

---

109 Lingüística para os franceses e glotologia para os italianos, eram termos sinônimos usados nos livros didáticos e nos programas de ensino do século XIX.

110 COELHO, Francisco Adolfo. *Curso de Literatura Nacional Para Uso dos Liceus. I - A Língua Portuguesa* (Noções de glotologia geral e especial portuguesa). 2ª ed., p. 23. (o Prefácio da 1ª edição é de 1881)

No sétimo ano, com três aulas semanais, além da "composição de discursos e narrações", e da "declamação", era ensinada a "História da Literatura em geral e especialmente da portuguesa e nacional". O curso de história literária, introduzido por quatro itens gerais, que resumiam as "principais épocas" da poesia, da eloqüência e da historiografia "entre os povos cultos", destacava o ensino da literatura nacional, composta de doze itens, apoiados ainda no *Curso Elementar de Literatura Nacional* do Cônego Fernandes Pinheiro. (cf. p. 294)

Em **1876**, o Regulamento anexo ao decreto 6.130 de 1° de março, diminuiu um ano de estudo do vernáculo. Mas, conforme tabela de horário de 1877, verifica-se o ganho de 15% na carga horária de português. (cf. p. 383) Tal compressão, aliada à antecipação das aulas de retórica e poética para o quinto ano (cuja carga horária aumentara para seis horas semanais), reconhecia a tendência de "aligeirar os estudos requeridos para matrícula nas Faculdades", dispondo-os "nas primeiras cinco séries do curso". [111]

Um fato importante do citado Regulamento, estabelecido pelo Artigo 11, foi a possibilidade de se firmar contrato entre o governo e os professores do Colégio Pedro II, para a elaboração de compêndios, cuja adoção estaria garantida, desde que merecesse "a aprovação do mesmo Governo" (cf. *Ofício* de 27 de setembro de 1876, p. 294).

Desta maneira, o poder público subsidiava nossos autores didáticos e garantia o consumo da obra no colégio modelo, facilitando a concorrência com os livros didáticos portugueses (como, por exemplo, os compêndios de Caldas Aulete), sempre assíduos nos *Programas de Ensino do Colégio Pedro II*, fomentando a nacionalização do livro escolar brasileiro.

Com incentivo ou não do Artigo 11, o *Programa* de **1877**, valorizando a prata da casa, adotou a *Gramática Portuguesa* do baiano Manoel Olímpio Rodrigues da Costa[112], professor de português do primeiro ano do externato do Colégio Pedro II. Junto com ela, foi indicado o *Meandro Poético* (1864) do Cônego Fernandes Pinheiro, que reuniu versos e notícias biográficas de catorze autores brasileiros do século XVIII e início do XIX, abrasileirando um pouco o currículo de português que, cada vez mais, buscaria a implantação da cultura nacional. (cf. p. 295)

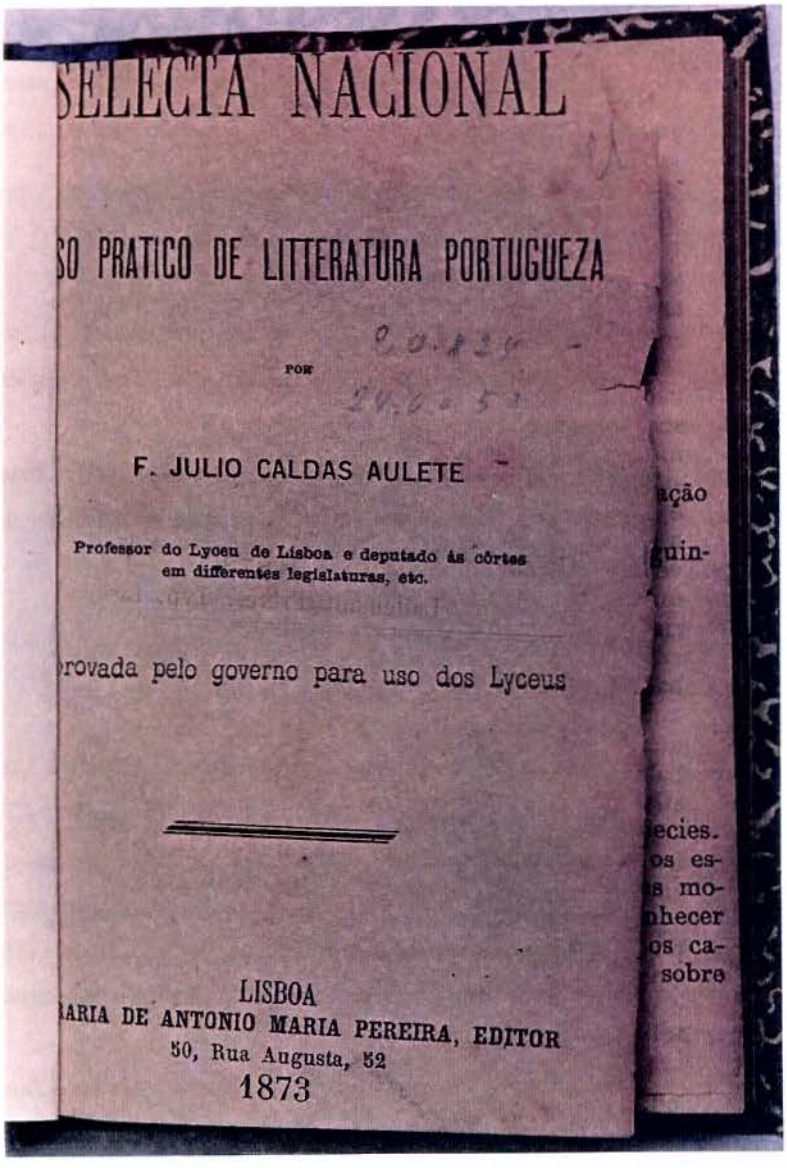
Na contrapartida lusa, junto com a gramática de Olímpio da Costa e o *Meandro Poético*, entrou ainda o primeiro volume da *Seleta Nacional* **(fig. 13)**[113] de Caldas Aulete, publicado em 1873, adoção particularmente importante, pois permaneceria no currículo do Colégio Pedro II até 1886.

---

111 HAIDAR, Maria de Lourdes M. Op. Cit., p.127 e p. 159.

112 **Manoel Olímpio Rodrigues da Costa** (?-1891) foi professor do Ginásio baiano, da Escola Normal da corte e professor de português, aritmética e geografia do primeiro ano do Colégio Pedro II. Publicou dois compêndios: *Gramática portuguesa* e *Noções de aritmética*, (o último "sob as vistas" de Abílio Cesar Borges), ambos adotados pelo governo imperial. In: BLAKE, Sacramento. Op. cit., v. 6, p. 176-77.

113 Inocêncio não forneceu a data da 1ª edição do primeiro volume da *Seleta Nacional*, mencionou que a 6ª edição é de 1884. Informou, ainda, que o segundo volume foi publicado em 1875 e o terceiro em 1877. Na relação que fez das obras de Caldas Aulete, a *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, atribui o ano de 1873 para a *Seleta Nacional*, enquanto que a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, deu o ano de 1875 para o primeiro e o segundo volume da *Seleta Nacional*, e 1877 para o terceiro volume, todos publicados em Lisboa.


SELECTA NACIONAL

SO PRATICO DE LITTERATURA PORTUGUEZA

POR

F. JULIO CALDAS AULETE

Professor do Lyceu de Lisboa e deputado ás côrtes em differentes legislaturas, etc.

rovada pelo governo para uso dos Lyceus

LISBOA
ARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA, EDITOR
50, Rua Augusta, 52
1873

Fig. 13 - Francisco Júlio Caldas Aulete, 1873.

O sucesso deste volume da *Seleta Nacional*, que teve várias edições, consagrou os excertos em prosa, tradicionalmente usados no primeiro ano desde a *Biblioteca Juvenil* de Barker (1856), cuja presença vinha aumentando junto com a carga horária de português. Segundo Caldas Aulete, este volume se dirigia tanto ao ensino primário quanto ao secundário, pois havia

> grande porção de trechos apropriados, pela simplicidade do estilo e aprazível do assunto, para os exercícios de leitura, de redação oral, de composição por escrito,

> e de análise nas escolas elementares; ficando os trechos de estilo ornado contidos no presente volume [...] para estudo da língua materna nos liceus. [114]

Os três volumes da *Seleta Nacional* de Caldas Aulete (*Primeira Parte - Literatura*, *Segunda Parte - Oratória* e *Terceira Parte - Poesia*), ilustram a convivência dos gêneros clássicos (oratória e poesia) com uma profusão de gêneros em prosa que passaram a circular na escola, entre eles, a prosa contemporânea.[115]

Entretanto, a terminologia dos gêneros em prosa variava conforme o compilador. A própria *Seleta Nacional* (Primeira Parte - Literatura) foi dividida de maneiras diferentes. Na 1ª edição, de 1873, Caldas Aulete, dividiu e subdividiu os excertos em prosa apresentando-os num "quadro metódico":

a) 1° gênero - Prosas narrativas (parábolas, alegorias, apólogos, amenidades, historietas, conto moral, conto infantil, conto oriental, breves narrações, anedotas históricas, história, viagem, biografias, retratos, romance, lendas) ;
b) 2° gênero - Prosas descritivas (descrições dos entes da natureza, quadros da natureza, descrições das obras do homem, quadros morais, descrições geográficas, usos e costumes, descrições de edifícios, quadros históricos);
c) 3° gênero - Prosas dialogadas (diálogos familiares, tragédia, drama);
d) 4° gênero - Prosas epistolares (cartas);
e) 5° gênero - Prosas didáticas (ciência, papéis oficiais, moral).

Na 5ª edição deste mesmo volume da *Seleta Nacional*, publicada em 1882 (**fig. 14**), "correta e aumentada" por Antonio da Silva Túlio (cunhado de Caldas Aulete), foram reunidos sob o título genérico de *Literatura*: "parábolas do evangelho; apólogos; anedotas; contos; breves narrações; descrições; definições; lendas; romances; prosa dialogada; prosa bucólica; alegorias; tipos nacionais; paralelos; caracteres e retratos; pensamentos e sentenças; provérbios e rifões; história e biografia; religião, filosofia, moral e ciência; papéis oficiais; cartas; estilo gongórico; estilo bíblico e estado da língua portuguesa nos primeiros séculos da monarquia".

Composta sobretudo de autores portugueses, com destaque para Manuel Bernardes e Antonio Vieira, o primeiro volume da *Seleta Nacional* de Caldas Aulete ampliou o *corpus* de textos escolares, ao introduzir vários excertos do Romantismo português e brasileiro.[116]

Para o segundo ano, em 1877, foram indicados dois fecundos escritores portugueses: Teófilo Braga (*Gramática Portuguesa*) e o padre Roquette (*Dicionário Português* e *Ornamentos da Memória*). Interessante notar que foi publicada no Rio de Janeiro, em 1877, uma "novíssima edição dos *Ornamentos da Memória*" do

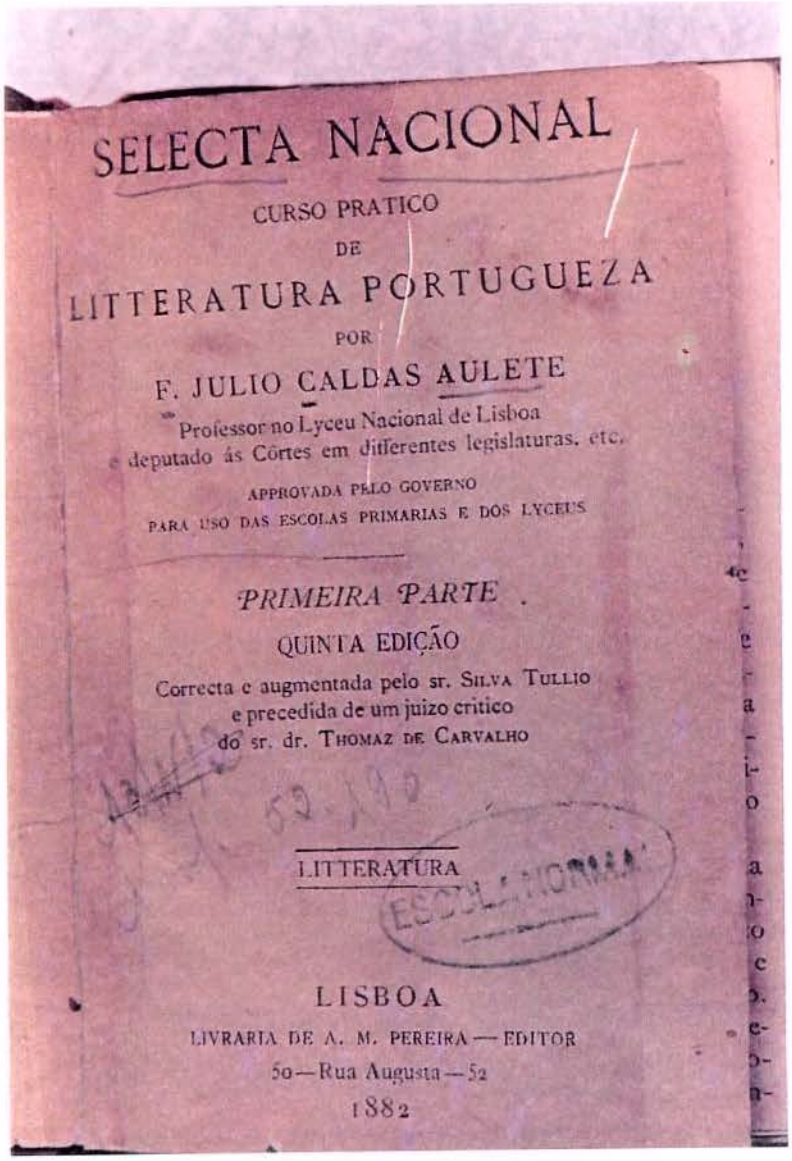
---

[114] AULETE, Júlio Caldas. *Seleta Nacional*, v. 1, p. cit.,p. XII.

[115] Em 1877, o primeiro volume da *Seleta Nacional* foi adotado no currículo de português (1° ano) e o segundo volume entrou nos currículos de Retórica (5° ano) e de Literatura (7° ano). O terceiro volume, dedicado à *Poesia*, foi admitido no currículo de português só em 1882.

[116] Na 5ª edição, de 1882, portanto após a morte de Caldas Aulete, o primeiro volume da *Seleta Nacional* foi revisto e teve seu quadro de autores e excertos aumentado pelo cunhado do autor, Antonio da Silva Túlio, e "saiu com um juízo crítico do sr. dr. Tomás de Carvalho", amigo íntimo de Caldas Aulete. In: SILVA, Inocêncio Francisco da. Op. cit., v. 13, p. 251. A 17ª edição, de 1909, traz na página de rosto a informação de que foi "corrigida e aumentada pelo Dr. Tomás de Carvalho".

Padre Roquette, a qual foi "revista, correta e aumentada com 125 trechos e com uma crestomatia do português antigo pelo dr. José Manuel Garcia" **(fig. 15)** professor de português do Colégio Pedro II.[117] É muito provável que esta tenha sido a edição escolhida no Pedro II. (cf. p. 296)


SELECTA NACIONAL

CURSO PRATICO

DE

LITTERATURA PORTUGUEZA

POR

F. JULIO CALDAS AULETE

Professor no Lyceu Nacional de Lisboa
e deputado ás Côrtes em differentes legislaturas, etc.

APPROVADA PELO GOVERNO

PARA USO DAS ESCOLAS PRIMARIAS E DOS LYCEUS

PRIMEIRA PARTE

QUINTA EDIÇÃO

Correcta e augmentada pelo sr. SILVA TULLIO
e precedida de um juizo critico
do sr. dr. THOMAZ DE CARVALHO

LITTERATURA

LISBOA

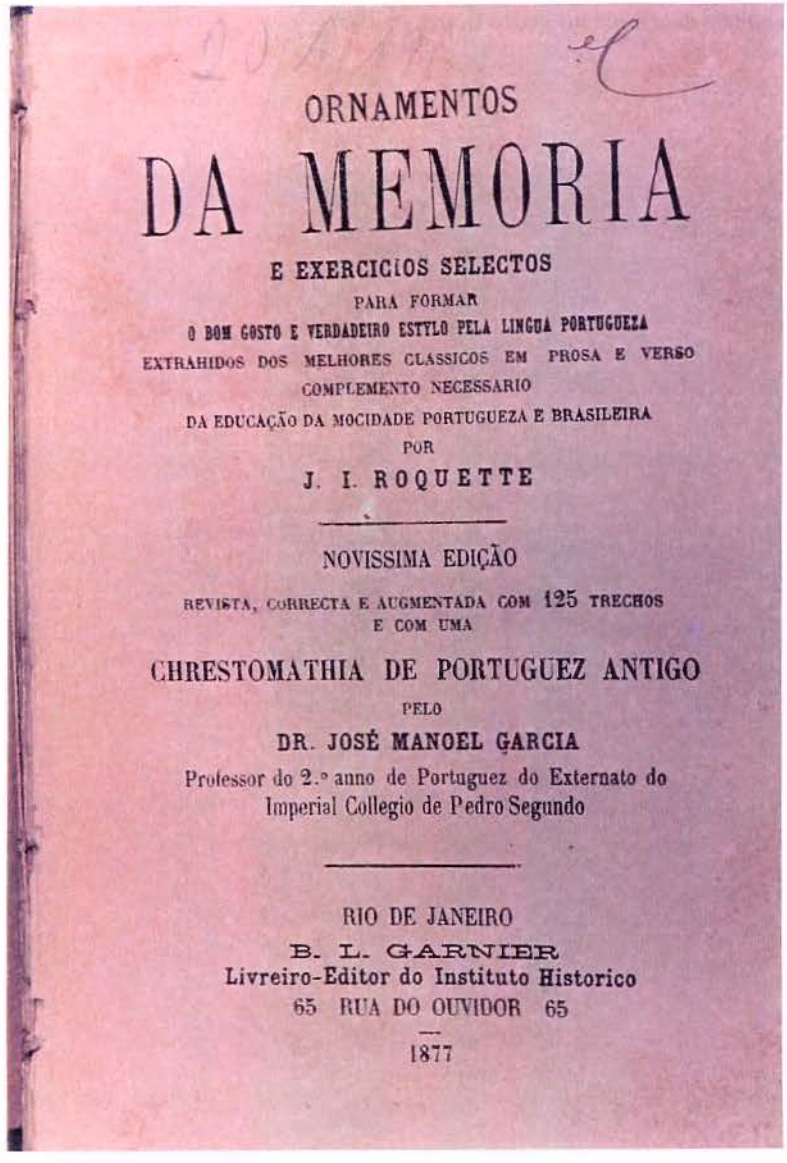
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA — EDITOR

50—Rua Augusta—52

1882

Fig. 14 - Francisco Júlio Caldas Aulete, 1882.

[117] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Op. cit., v. 5, p.24.



ORNAMENTOS

DA MEMORIA

E EXERCICIOS SELECTOS

PARA FORMAR

O BOM GOSTO E VERDADEIRO ESTYLO PELA LINGUA PORTUGUEZA

EXTRAHIDOS DOS MELHORES CLASSICOS EM PROSA E VERSO

COMPLEMENTO NECESSARIO

DA EDUCAÇÃO DA MOCIDADE PORTUGUEZA E BRASILEIRA

POR

J. I. ROQUETTE

NOVISSIMA EDIÇÃO

REVISTA, CORRECTA E AUGMENTADA COM 125 TRECHOS

E COM UMA

CHRESTOMATHIA DE PORTUGUEZ ANTIGO

PELO

DR. JOSÉ MANOEL GARCIA

Professor do 2.º anno de Portuguez do Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

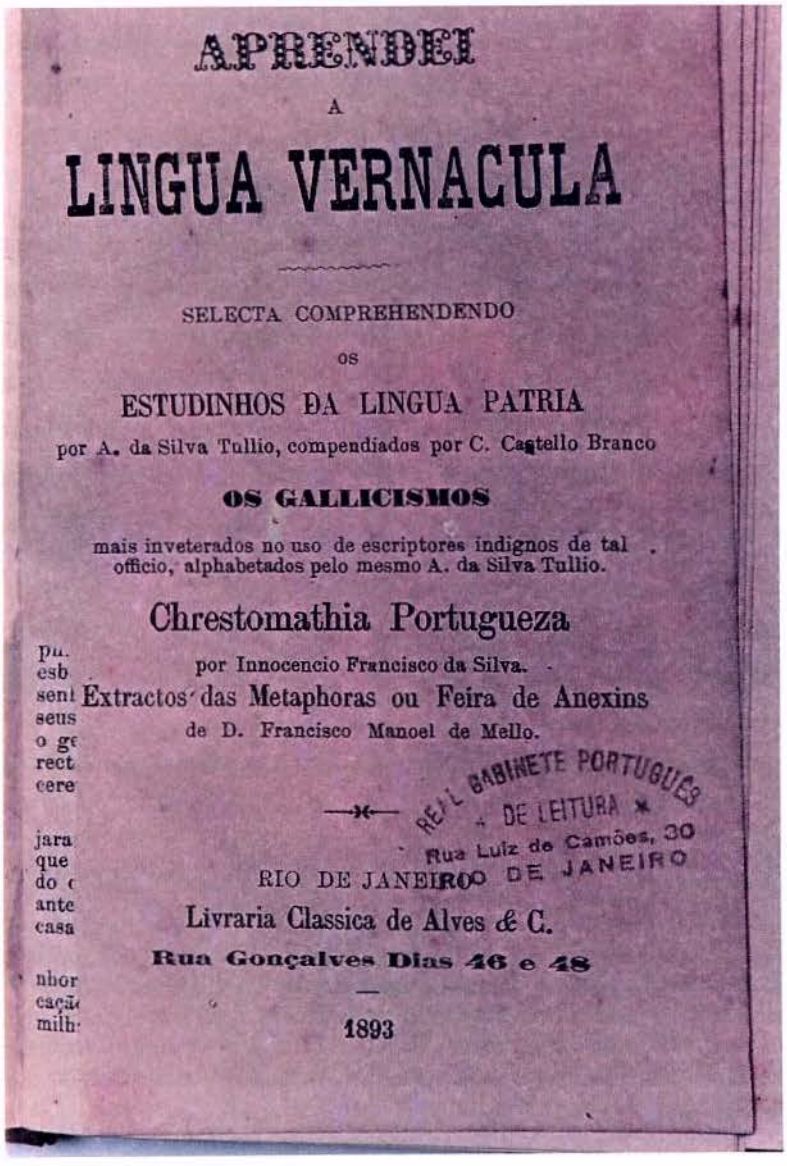
Livreiro-Editor do Instituto Historico

65 RUA DO OUVIDOR 65

1877

Fig. 15 - José Manuel Garcia, 1877.

Entrou também, nas aulas de português do segundo ano, uma seleta de autoria desconhecida, intitulada *Aprendei a língua vernácula*, publicada no Rio de Janeiro. Encontrei no Real Gabinete Português de Leitura (RJ) uma seleta com este mesmo título (**fig. 16**), também de autoria desconhecida, mas impressa em 1893. Pelo seu conteúdo, que reúne partes de outros compêndios (todos impressos antes de 1877), é possível que ela seja a mesma seleta recomendada no Ofício de 1876. (cf. p. 294)



APRENDEI

A

LINGUA VERNACULA

SELECTA COMPREHENDENDO

OS

ESTUDINHOS DA LINGUA PATRIA

por A. da Silva Tullio, compendiados por C. Castello Branco

OS GALLICISMOS

mais inveterados no uso de escriptores indignos de tal officio, alphabetados pelo mesmo A. da Silva Tullio.

Chrestomathia Portugueza

por Innocencio Francisco da Silva.

Extractos das Metaphoras ou Feira de Anexins

de D. Francisco Manoel de Mello.

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA
Rua Luiz de Camões, 30
RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

Livraria Classica de Alves & C.

Rua Gonçalves Dias 46 e 48

1893

Fig. 16 - Aprendei a Língua Vernácula, 1893.

Os compêndios do segundo ano, principalmente a *Gramática portuguesa elementar* (1876) de Teófilo Braga, que segundo Inocêncio da Silva, era "fundada sobre o método histórico comparativo" [118], permitiam um enfoque gramatical histórico, pois alguns exercícios mais difíceis estavam previstos no último trimestre: "conversão de português antigo em português moderno" e "análise etimológica".

Nas aulas de retórica e poética, adiantadas para o quinto ano, os gêneros de prosa e de poesia passaram a ser tratados do ponto de vista teórico, histórico e crítico. À definição tradicional ("regras"), foram

[118] SILVA, Inocêncio Francisco da. Op. cit., v. 12, p. 160.

acrescentados o "desenvolvimento histórico" e a "análise crítica de modelos" de cada gênero. O ensino da prosa incluía ainda os "exercícios de composição", incrementados neste *Programa*.

O currículo de *Retórica* apresenta, como novidade, o alargamento do estudo da prosa, que passa a englobar tanto os gêneros antigos como os modernos ("gênero histórico ou narrativo, romance, conto, novela, gênero epistolar, gênero didático, escritos filosóficos, crítica literária"), colocados em oposição aos gêneros de poesia. (cf. p. 297-98)

O curso de história literária, que permaneceu no sétimo ano, também foi ampliado em 1877, notadamente a parte dedicada à literatura européia. Sete itens tratavam da "história da literatura portuguesa" e três itens da "história da literatura brasileira". A divisão por gêneros desapareceu por completo, permanecendo apenas a divisão lingüístico-política (literatura grega, latina, francesa, italiana, espanhola, alemã, inglesa, portuguesa, brasileira), disposta por séculos. Como não há indicação de compêndio para a literatura brasileira e ocidental, destaca-se a visão lusa dos autores adotados: Teófilo Braga, no *Manual da história da literatura portuguesa* (1875), Caldas Aulete (segundo volume da *Seleta Nacional*, dedicado à *Oratória*) e Henrique Midosi (*Poesias Seletas*). (cf. p. 298-99)

No prefácio do *Manual da história da literatura portuguesa*, Teófilo Braga comenta sobre a necessidade de se adotar o ponto de vista histórico no estudo da literatura, único método capaz de ligá-la à nação e despertar o interesse dos alunos:

> A reforma do ensino da Literatura deve partir da conclusão a que chegou a ciência moderna: que o estudo das criações intelectuais não se pode fazer em abstrato; é necessário nunca abandonar a comunicação direta com os monumentos, explicando-os e apreciando-os pelas suas relações históricas com o meio e circunstâncias em que foram produzidos. O estudo das Literaturas feito nas vagas generalidades conduz a essas receitas retóricas de tropos, que tiram a seriedade às mais altas concepções do espírito humano. Na instrução de um país deve entrar com toda a sua importância um elemento *nacional*; no ensino fundado nas ôcas abstrações nunca esse sentimento se desperta; pelo desenvolvimento histórico, mostrando como se chegou à unidade sistemática de qualquer ciência, é que se pode imprimir uma direção justa e um vivo interesse nos espíritos que desabrocham. [119]

Entretanto, o *Programa* de 1876-77 teve vigência muito curta.

Em **1878**, novo Regulamento, baixado com o decreto nº. 6884 de 20 de abril, "redistribuiu as matérias de instrução secundária pelos 7 anos do curso, suprimindo o primeiro ano elementar" [120]. O decreto de 1878 suprimiu também o estudo básico do vernáculo, que era de dois anos, e introduziu no sétimo ano, juntamente com a "Literatura Geral", um programa restrito e avançado de "Português", composto de "gramática filosófica, análises e exercícios de redação verbal e escrita". A "História da Literatura Brasileira", separada das demais (portuguesa e estrangeira), foi anexada ao curso de "Retórica e Poética", no sexto ano, ganhando maior destaque. (cf. p. 299)

---

[119] BRAGA, Teófilo. *Manual da História da Literatura Portuguesa*, p. VI-VII.

A idéia do ministro Leôncio de Carvalho, segundo Maria de Lourdes Haiddar, era reformar as escolas primárias e fornecer uma educação elementar mais sólida através da criação de escolas primárias de 2° grau, enquanto uma formação mais graduada ficaria reservada ao curso secundário.[121] Assim, as disciplinas do primeiro e do segundo ano do Colégio Pedro II passaram a ser: Latim, Francês, Geografia e Aritmética; transferindo o estudo da língua materna feito no secundário, para o curso primário.

Não há detalhes sobre o currículo de português no sétimo ano, nem há registro sobre indicação de livros no *Programa de Ensino* de 1879. Por outro lado, os livros adotados no sexto ano dimensionam o currículo de "Retórica, Poética e Literatura Nacional". A retórica e a poética eram estudadas através do *Compêndio de Retórica e Poética para uso dos alunos do Colégio Pedro II* do cônego pernambucano Manoel da Costa Honorato[122], professor do Pedro II desde 1877. Para o ensino de literatura brasileira, foi escolhida a obra de Ferdinand Wolf, impressa em 1863, sob o título de *Le Brésil Littéraire. Histoire de la Littérature Brésilienne*, a qual Silvio Romero atribuiu a primazia da história literária brasileira. [123]

O *Compêndio de Retórica e Poética* do Cônego Manoel da Costa Honorato, conforme prefácio "Ao Leitor", é a refusão da *Sinopse de Eloqüência, Poética e Crítica Literária*, que havia atingido três edições, (1861, 1870 e 1876) e, quando foi publicado em 1879, o *Compêndio* saiu como *4ª Edição*, e foi adotado oficialmente no Colégio Pedro II. Costa Honorato tinha adaptado e composto seu livro rigorosamente de acordo com os trinta itens do programa de Retórica e Poética de 1877, transformando-o portanto em interpretação do currículo, a qual, reconheceu ele, poderia estar "longe do pensamento dos autores do referido programa". [124]

Os "pontos" numerados de poética são recheados de exemplos, principalmente de trechos de poetas brasileiros, enquanto que nos "pontos" de retórica (e de prosa) há apenas a nomeação de autores e obras, sem exemplos. Os conceitos e exemplos de Costa Honorato são, várias vezes, permeados de moralidade religiosa, o que talvez fosse natural, dado o autor ser um cônego. Assim, no "8° Ponto", entre os "gêneros de prosa", temos:

> 288. A literatura propriamente dita compreende todas as composições relativas às questões do mundo moral, que podem ser classificadas em quatro grupos: a *eloqüência*, a *história*, a *filosofia* e os *gêneros secundários*. [...]
>
> 290. A *história* é o quadro dos acontecimentos que se deve conservar na lembrança dos homens. É ela que nos mostra os grandes exemplos, as grandes virtudes e os grandes vícios da humanidade, para imitação dos bons exemplos, e

---

120 HAIDAR, Maria de Lourdes M. Op. Cit.,p. 127 e 160.

121 Id., p. 127-128.

122 **Manoel da Costa Honorato** (1838-1891) nasceu em Recife, formou-se advogado em 1863, recebeu ordens de presbítero em 1864 e, no ano seguinte, participou da Guerra do Paraguai. Foi vigário da Candelária e da Glória no Rio de Janeiro e publicou várias obras religiosas e diversas. Publicou também a *Sinópse de eloqüência e poética nacional* (1861), cuja 4ª edição saiu com o título de *Compêndio de retórica e eloqüência nacional* (1879); e uma *Sinópse de gramática inglesa* (1875). In: BLAKE, Sacramento. Op.cit., v. 6, p. 52-55.

123 ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*, 2ª ed., v. 1, p. 1-2.

124 HONORATO, Cônego Manoel da Costa. *Compêndio de Retórica e Poética*. 4ª ed., p. V-VII.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

> instruir-nos sobre o modo de evitar os maus. Verdadeira e viva, inspirando a mais pura moral sem moralizar diretamente, a história deve ser exposta com uma linguagem precisa, clara e sóbria de ornatos. Pode descer ao estilo simples e familiar nas *memórias*; ou elevar-se ao sublime na *filosofia da história*, que procura descobrir nos mesmos fatos a lei suprema que manifestam, para advinhar o pensamento soberano da Providência que rege e dirige a humanidade no seu livre desenvolvimento. [...] [125]

No "14° Ponto", que se ocupa de alguns "gêneros secundários" de prosa, aprendia-se sobre o romance e seus perigos:

> 379. *Romance* é o conto de aventuras e de paixões imaginárias. É um quadro da vida moral, cujos acontecimentos interessam nossa imaginação e nossa sensibilidade por uma mistura de realidade e de ficção. Todos os estilos acham igualmente seu emprego neste gênero, que no século presente tem sido muito cultivado. [...]
> Além de muitos outros romancistas brasileiros, podemos citar, com vantagem para as letras pátrias, José de Alencar, J. M. de Macedo e Franklin Távora. [...]
> 382. Além das regras literárias supra mencionadas, existe uma que é *moral*, e que apesar de sua importância tem sido desprezada por grande número de romancistas, que é a *instrução do espírito e a correção dos costumes*, na bela frase de Huêt, bispo de Abranches. - O escritor deve instruir sob o véu da ficção, polir o espírito e formar-lhe o coração apresentando um quadro da vida humana; censurar os ridículos e os vícios, mostrar o triste efeito das paixões desordenadas, inspirar amor à virtude e fazer sentir, que só ela é digna de nossas homenagens, só ela é a fonte de nossa felicidade. [126]

Entre as "poesias ligeiras", matéria do "30° Ponto", estudava-se o "acróstico", cujos *modelos* vão contra o dito popular e apostam no "milagre com santo de casa", com exemplos do próprio Cônego Honorato, que coloca suas iniciais depois de cada acróstico, e não perde a chance de evocar a religião:

> 405. *Acróstico* é uma poesia ligeira feita de modo, que juntas as letras iniciais ou as últimas de cada verso, forma-se um nome diferente. Exemplo:
>
> DEOS
>
> **D**eu a vida... mas legou à humanidade
> **E**m toda a grandeza do seu ser
> **O** mais frisante exemplo de humildade:
> **S**eus crimes redimiu ao falecer. (M. C. H.)
>
> Outro exemplo de acróstico juntando as letras iniciais debaixo para cima:
>
> DEOS
>
> **S**ofreste numa cruz morte infamante
> **O**h! Filho de Maria Gloriosa
> **E**mbalde! A verdade radiante
> **D**eles riu e seguiu sempre orgulhosa. (M. C. H.)

A existência e adoção de livros didáticos deste tipo reforçam pilares antigos do ensino literário, plantados na formação clássica religiosa. Por outro lado, a curta permanência do compêndio do Cônego

---

[125] Id., p. 109-111.

[126] Id., p. 151-152.

Honorato no Colégio Pedro II, de 1879 a 1881, pode indicar o desgaste dos conceitos que veiculava, principalmente numa época de excessiva instabilidade de programas e com clara tendência à laicização do ensino, fato que, no entanto, só aconteceria no Colégio Pedro II depois da Proclamação da República, quando foram extintas as aulas de religião .

Já o livro do austríaco Ferdinand Wolf, *Le Brésil Littéraire, Histoire de la Littérature Brésilienne*, de cunho essencialmente histórico, representava o ponto de vista moderno de um europeu sobre a literatura brasileira, sem contudo abandonar a clássica divisão dos gêneros literários.

Segundo Guilhermino César, "o estudo de Wolf é a primeira visão orgânica da literatura nacional". [127] Porém, é uma *visão* voltada sobretudo para a consagração da poesia brasileira, sendo que, dos 133 excertos de autores brasileiros acrescentados por Wolf depois do ensaio histórico, apenas quatro exemplificavam a prosa nacional: dois trechos de Macedo (*O Moço Loiro* e *Rosa*), um trecho de Teixeira e Sousa (*A Providência*) e um trecho de Varnhagen (*História Geral do Brasil*).

É interessante notar que os comentários de Ferdinand Wolf sobre o romance brasileiro resvalam, às vezes, no julgamento moral. A apreciação de *O Filho do Pescador* e de *A Providência*, ambos de Teixeira e Sousa, exemplifica tal tendência. Sobre o primeiro romance, escreveu Wolf:

> Diz o autor, no prefácio, ter pretendido escrever não só um livro interessante, mas também um livro moral, apropriado à juventude ("Escrevo para agradar-vos; junto aos meus escritos o quanto posso de moral"). Mas a personagem principal, a mulher do pescador, é uma criminosa tão ignóbil que desperta mais repulsa que interesse. Seu arrependimento tardio, e muito pouco espontâneo, a pena relativamente branda (a reclusão num convento) que lhe é imposta por crimes como o adultério, o incêndio, tentativas de morte na pessoa do marido, não são de natureza a satisfazer o sentimento moral. [...] [128]

Quanto ao segundo romance de Teixeira e Sousa, Wolf o considera bem melhor, pois:

> É um romance que prova o grande engenho inventivo do poeta; os caracteres, ademais, são mais bem desenhados e desenvolvidos. Com isto, o romancista representa com uma veracidade impressionante, quase trágica, a idéia moral que constitui o fundo da composição, a vingança tardia, mas segura, que detém o criminoso na senda de seus crimes. [129]

Porém, ao contrário do Cônego Costa Honorato, que professava uma crítica literária moralista-cristã, Ferdinand Wolf está criticando a fraca realização estética de Teixeira e Sousa em *O Filho do Pescador*, cujo objetivo era declaradamente moral, enquanto que em *A Providência*, ele elogia a eficácia de sua composição, de fundo moral.

---

[127] CÉSAR, Guilhermino. *Historiadores e Críticos do Romantismo*, p. 138.

[128] Id., p. 177-178.

[129] Id., p. 178.

A obra de Ferdinand Wolf era importante principalmente porque não tinha rival, permanecendo no currículo do Colégio Pedro II de 1879 até a caída do Império, quando foi substituída por obra nacional, a *História da Literatura Brasileira* de Silvio Romero.

Como a reforma de Leôncio de Carvalho, proposta em 1878 para o ensino primário não se concretizou, o decreto 8051 de 25 de março de 1881, reformulou o plano de estudos do colégio modelo, reintroduzindo a formação básica da língua portuguesa, juntamente com a formação mais avançada.

Por outro lado, algumas medidas introduzidas na década de 1870 (matrículas avulsas, exames finais por disciplina e exames vagos, que liberavam os alunos da freqüência às aulas), que haviam reduzido o Colégio Pedro II a um curso preparatório, permaneceram em vigor, reforçando o interesse só pelas disciplinas que eram exigidas nos *Exames Preparatórios*. [130]

A carga horária do curso secundário reforça a já assinalada ascendência do português e o declínio da retórica e poética, até sua extinção em 1890. Entretanto, a análise dos Programas do Colégio Pedro II revela a lenta transferência e adaptação de velhas técnicas retóricas e poéticas para o currículo de português, ao invés de registrar seu simples desaparecimento. É, pelo menos nesse sentido, que se pode interpretar a introdução, no currículo de português, de leitura e recitação (1855), autores clássicos nacionais, portugueses e brasileiros (1860), redação e composição (1870).

Todas estas características, aliadas ao desenvolvimento da gramática, foram significativamente ampliadas, como veremos, na década de 1880, testemunha da preponderância da língua portuguesa nos *Exames Preparatórios* e no currículo secundário.

1880

O *Programa* de **1881** restaurou a importância do português no curso secundário, que passou a ser ensinado nas cinco séries iniciais, e, como informa o *Horário das Aulas* de 1882, com aumento de 19% na carga horária em relação ao currículo de 1877, ultrapassando, pela primeira vez, a carga horária de latim, que havia despencado mais 33%, sendo reduzida a doze aulas semanais, contra dezenove aulas de português. (cf. p. 413)

O novo currículo de língua materna preocupava-se, sobretudo, com o detalhamento de práticas pedagógicas, ao invés de simplesmente elencar os pontos do programa. (cf. p. 299-305) Talvez por isso, ele seja o currículo mais extenso dentre os analisados neste trabalho. Tanto para as aulas de português como para as de outras línguas, havia o cuidado do legislador em reproduzir, no *Programa*, os artigos 14, 15, 16 e 17 das *Instruções* de 27 de Outubro de 1880, com o objetivo de uniformizar o ensino gramatical das línguas vivas e mortas, oferecendo as mesmas definições e a mesma terminologia, apesar de destacar "o que for peculiar a

---

[130] HAIDAR, Maria de Lourdes M. Op. cit., p. 126-130.

cada uma dessas línguas [...] deixando de parte as exceções que não forem de aplicação freqüente". (cf. p. 300-301) Os artigos ainda preconizavam um ensino mais individualizado, tanto para a correção de exercícios gramaticais como para a chamada oral.

Este *Programa* marcou também a intensificação dos exercícios de composição (descrições, narrações e cartas) no currículo de português, aprofundando tal prática nas aulas de retórica e de literatura.

Com o objetivo de ensinar a escrever através da apreciação de modelos escolhidos pelo professor nas antologias adotadas oficialmente, os exercícios de composição iam dos mais elementares, do primeiro ano ("reprodução e imitação de pequenos trechos"); passando pelas "breves descrições, narrações e cartas" do segundo ao quarto ano; da "redação livre" do quinto ano, e culminando com a "composição de lavra própria" e discursos de improviso no sexto ano.

Certamente, este foi o Programa de Ensino que mais excertos ofereceu para o estudo de português com o intuito de ensinar a ler, escrever e falar corretamente. Os compêndios de trechos escolhidos formavam a base para o estudo do vernáculo nas aulas, enquanto obras completas de vários autores eram indicadas para os exames finais de cada série.

Porém, a característica inovadora do currículo de português de 1881, foi a introdução da ordem cronológica inversa no estudo dos trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses, começando pelos brasileiros contemporâneos no primeiro ano, e seguindo na direção dos autores portugueses mais antigos, indo até o século XVI, no quinto ano.

O estudo do currículo de 1881 é muito importante para este trabalho, pois é a partir dele que algumas características marcantes da ***Antologia Nacional*** podem ser explicadas. As mais evidentes são a apresentação histórica da literatura luso-brasileira na ordem cronológica inversa e a valorização da literatura brasileira no currículo de português.

É provável que a ordem cronológica inversa na apresentação de autores e excertos tenha se cristalizado como prática escolar, justificando a organização cronológica e inversa da **Antologia Nacional**, publicada na década seguinte, em 1895, cujo sucesso duradouro indica também a estabilidade de tal critério de seleção.

No currículo de 1881, a história da língua portuguesa podia ser ensinada *ao contrário*, porque o novo ponto de vista era, ao mesmo tempo, histórico, lingüístico e brasileiro. O estudo de alguns excertos contemporâneos, de construção simples, era mais apropriado aos iniciantes por estarem mais próximos do falante brasileiro, enquanto que a comparação estilística e o estudo lingüístico-filológico eram indicados aos alunos mais adiantados, incluindo todo tipo de texto, de autores modernos e autores antigos.

Desta forma, para o primeiro ano, havia a preocupação exclusiva de se estudarem os prosadores e poetas brasileiros contemporâneos, usando a mesma gramática adotada em 1877, do professor Manoel Olímpio Rodrigues da Costa, e introduzindo a seleta do médico baiano Alexandre José de Mello Morais

Filho, intitulada *Curso de Literatura Brasileira ou escolha de vários trechos em prosa e verso de autores nacionais, antigos e modernos*, publicada em 1876 (segunda edição 1881). [131]

Organizada por critérios retóricos e poéticos, dividindo os excertos por gêneros, a seleta de Mello Morais Filho foi a primeira a ser usada no Colégio Pedro II dedicada exclusivamente aos prosadores e poetas brasileiros. [132] Apesar de ser composto sobretudo por autores do século XIX, o *Curso de Literatura Brasileira* trazia também alguns brasileiros de séculos anteriores.[133] Podemos dizer então, que em 1881, o estudo do português, ao menos no primeiro ano, tinha sido completamente *abrasileirado*, com compêndios nacionais.

Nos anos seguintes do curso, ao contrário, havia a predominância de autores didáticos portugueses, como o professor coimbrão Bento José de Oliveira, cuja 14ª edição da *Nova Gramática Portuguesa* (primeira edição 1862), foi adotada do segundo ao quinto ano. **(fig. 17)**

E, como complemento do estudo gramatical, o Programa de 1881 incluiu cinco seletas, cuja autoria era predominantemente lusitana.

Para o segundo e o terceiro ano, foram indicados dois volumes da *Seleta Nacional* de Caldas Aulete (*Literatura* e *Poesia*), que já haviam entrado no programa do Pedro II de 1877.

Para o terceiro ano, foram escolhidos os *Trechos Seletos de Autores Clássicos* (1879) do carioca Felix Ferreira, que compilou trechos de "Bernardes, Fr. Luís de Souza, Rodrigues Lobo e Camões". [134]

Para o quarto e o quinto ano, foi adotada a *Antologia Portuguesa* (1876) de Teófilo Braga, que incluiu trechos de poetas portugueses do século XIII ao século XVIII e de alguns brasileiros, divididos em épocas e escolas ("provençal, espanhola, quinhentista, seiscentista e arcádica"), mas subdivididos por gênero (épico, lírico, dramático). Os brasileiros do século XVIII são Gonzaga, Cláudio, Santa Rita Durão e Silva Alvarenga. [135] Ainda para o quinto ano, foram selecionados os já consagrados *Lugares Seletos dos clássicos portugueses nos principais gêneros de discurso prosaico: para uso das escolas* **(fig. 18)**, do professor de "Oratória, Poética e Literatura Clássica no Liceu Nacional de Coimbra", padre Antonio Cardoso Borges de Figueiredo (1792-1878). Como informa Inocêncio da Silva, de 1845 a 1875, data da 14ª edição, "tinham tido estes livros [Lugares Seletos] a extração de 70.000 exemplares". [136]

---

[131] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Op. cit., v. 1, p. 39

[132] Em 1877, o *Meandro Poético* (1864) do cônego Fernandes Pinheiro, uma antologia só de poetas brasileiros, foi adotada nas aulas de português do 1º ano.

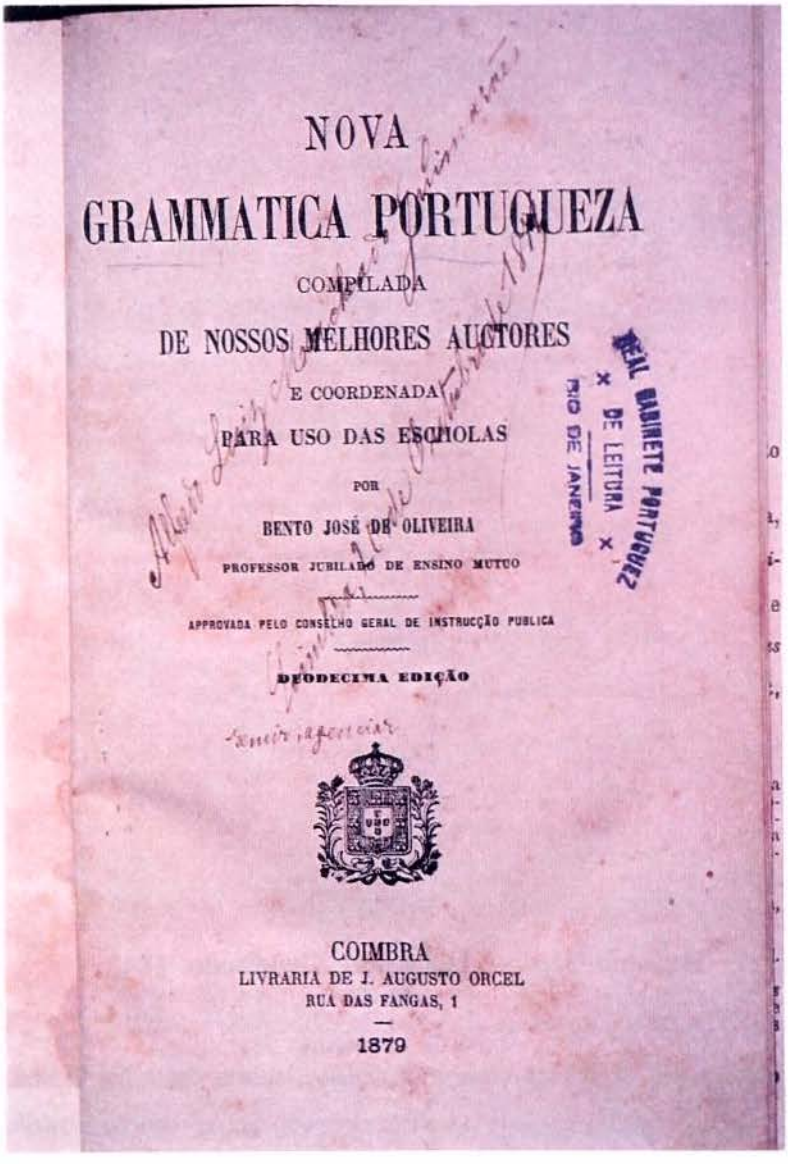
[133] MORAIS FILHO, Mello. *Curso de Literatura Brasileira*.

[134] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Op. cit., v. 2, p.332.

[135] BRAGA, Joaquim Teófilo Fernandes. *Antologia Portuguesa. Trechos seletos coordenados sob a classificação dos gêneros literários e precedidos de uma poética histórica portuguesa*, p. 157-239.

[136] SILVA, Inocêncio Francisco da. Op. cit., v. 1, p. 104 e v. 20, p. 189.

É importante notar que, com exceção do livro de Teófilo Braga, que mesclava a divisão cronológica com a classificação por gêneros, as outras antologias adotadas não seguiam a divisão cronológica, recomendada neste Programa de 1881. Elas seguiam os critérios tradicionais da retórica e da poética e apresentavam os excertos por gêneros.



NOVA

GRAMMATICA PORTUGUEZA

COMPILADA

DE NOSSOS MELHORES AUCTORES

E COORDENADA

PARA USO DAS ESCHOLAS

POR

BENTO JOSÉ DE OLIVEIRA

PROFESSOR JUBILADO DE ENSINO MUTUO

APPROVADA PELO CONSELHO GERAL DE INSTRUCÇÃO PUBLICA

DUODECIMA EDIÇÃO

REAL GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA DO RIO DE JANEIRO

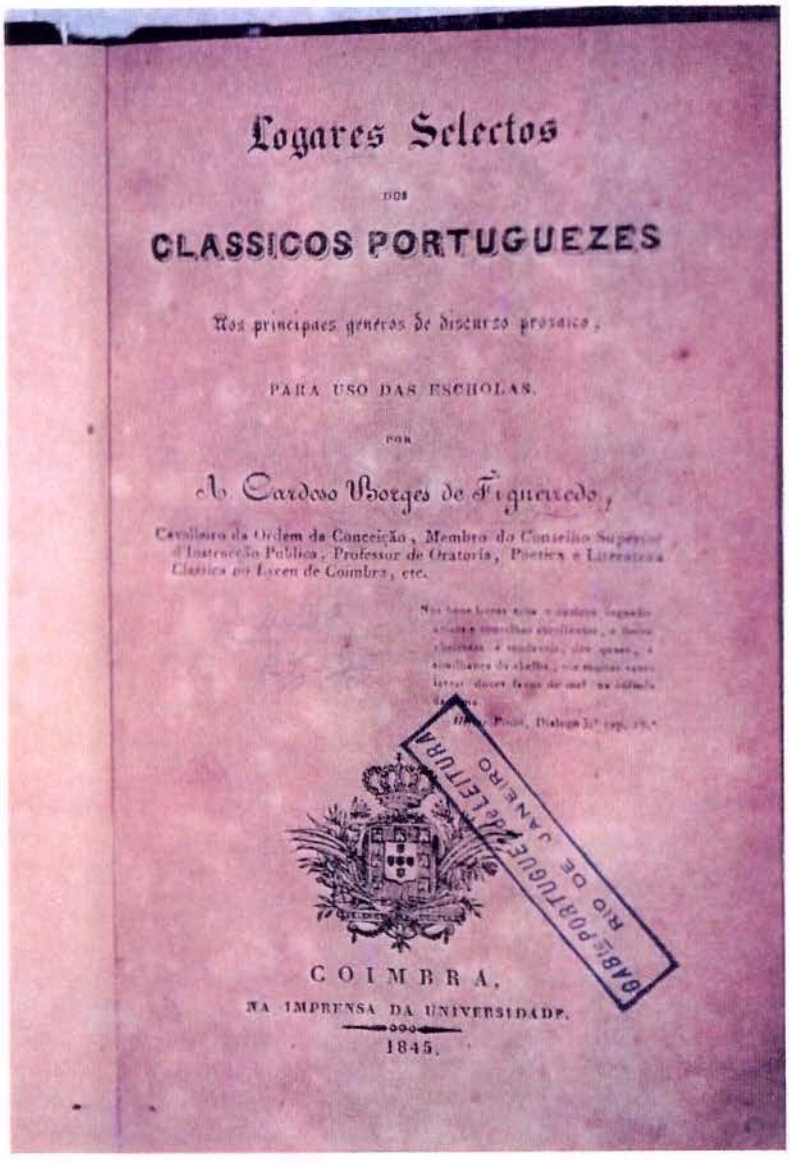
COIMBRA

LIVRARIA DE J. AUGUSTO ORCEL

RUA DAS FANGAS, 1

1879

Fig. 17 - Bento José de Oliveira, 1879.



Logares Selectos

DOS

CLASSICOS PORTUGUEZES

Nos principaes generos de discurso prosaico,

PARA USO DAS ESCHOLAS,

POR

A. Cardoso Borges de Figueiredo,

Cavalleiro da Ordem da Conceição, Membro do Conselho Superior d'Instrucção Publica, Professor de Oratoria, Poetica e Litteratura Classica no Lyceu de Coimbra, etc.

BIBLIOTECA PORTUGUEZA RIO DE JANEIRO

COIMBRA,

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1845.

Fig. 18 - Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, 1845.

Apesar da manutenção dos exercícios orais tradicionais (leitura, recitação, chamada oral), este também foi o *Programa* que incrementou bastante a escrita com cópias, reproduções, ditados, redações e composições, tanto no "quadro negro" como no "caderno dos alunos".

No sexto ano, era ensinada a disciplina *Retórica, Poética e Literatura Nacional*, dividida entre dezessete itens de retórica, oito de poética e seis de literatura brasileira. Esta divisão privilegiava a prosa, tendência que vinha se consolidando desde a metade do século. Os compêndios eram os mesmos de 1879, o de Costa Honorato e o de Ferdinand Wolf..

No sétimo ano, havia a cadeira de Português e História Literária, cuja primeira parte (vinte e nove pontos) dedicava-se ao estudo da lingüística, da análise etimológica e de comentários filológicos.

Em 1881, o currículo de português do sétimo ano, marcou a primeira aparição das expressões "lingüística" e "glotologia" na escola secundária brasileira. Porém, todas as estratégias de estudo de português, no sétimo ano, assinalam ainda um período de convivência entre a gramática geral e a lingüística, mesclando definições. De um lado, havia o esforço de atualizar o ensino do vernáculo, "dando assim à gramática o cunho de uma ciência e não mais de uma arte", e de outro, havia o cuidado de manter o estabelecido, guardando "a escrupulosa reserva de não romper de uma vez com as noções tradicionais".[137]

Revela-se aqui outra faceta do Colégio Pedro II: fincado na tradição mas atento às inovações.

O desaparecimento dos comentários didáticos no *Programa* seguinte, de 1882, deixa a impressão de que a lingüística já tinha assegurado sua posição, transformando-se em único paradigma do currículo de português no sétimo ano.

A segunda parte do currículo do sétimo ano, em 1881, a "História Literária", ficou a cargo dos compêndios de Teófilo Braga e de Lévi Alvarès. Composta de trinta e um pontos, o plano traçava um panorama dos "principais períodos literários das línguas mortas e vivas".

O *Programa* de **1882**, "de conformidade com o parágrafo 1° do art. 2° do Decreto n. 8.227 de 24 de Agosto de 1881", foi enxugado dos excessos e das copiosas explicações e prescrições do programa de 1881, abandonando as referidas *Instruções*, mas mantendo a mesma orientação pedagógica e alguns compêndios. Assim, desapareceram os longos períodos sobre a didática do ensino de português, mas foram conservados os blocos de estudo: leitura e recitação, exercícios ortográficos, gramática (regras e análises) e composição. Os livros para exames finais foram abolidos, o que pode sugerir que os compêndios das aulas deveriam ser os mesmos adotados nos exames. (cf. p. 309-12)

A gramática e a antologia, indicadas para o primeiro ano, eram as mesmas de 1881, ratificando o uso de compêndios brasileiros e a ordem cronológica inversa no estudo do vernáculo, que começava pelos nossos prosadores e poetas do século XIX.

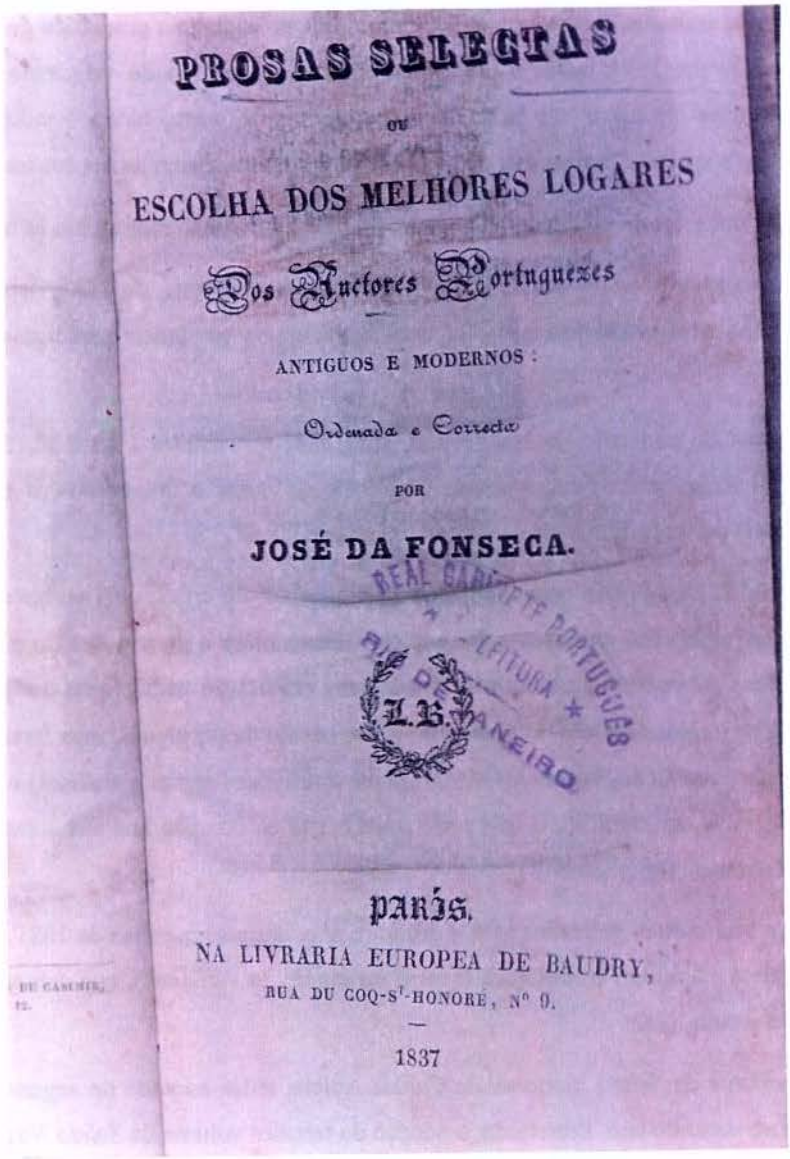
O primeiro volume da *Seleta Nacional* de Caldas Aulete, antes adotado no segundo e terceiro ano, passou a ser usado só no segundo ano. Entretanto, a adoção do terceiro volume da *Seleta Nacional*, dedicado à poesia, estendeu-se do segundo ao quinto ano.

Tais adoções reafirmavam o prestígio de Caldas Aulete no currículo do Pedro II sem se incomodar com seus critérios de seleção: maioria de autores portugueses, cujos excertos eram divididos por gêneros, sem considerar qualquer noção cronológica.

---

[137] *Instruções* de 27 de Outubro de 1880, artigos 12 e 13, cf. ANEXO I.

Já o compêndio de José da Fonseca, adotado do terceiro ao quinto ano, apresentava os prosadores cronologicamente. Intitulado *Prosas Seletas ou Escolha dos melhores lugares dos autores portugueses antigos e modernos*, foi impresso pela primeira vez em Paris em 1837 (**fig. 19**).


PROSAS SELECTAS

OU

ESCOLHA DOS MELHORES LOGARES

Dos Auctores Portuguezes

ANTIGUOS E MODERNOS:

Ordenada e Correcta

POR

JOSÉ DA FONSECA.

PARIS,

NA LIVRARIA EUROPEA DE BAUDRY,

RUA DU COQ-S^T-HONORÉ, N° 9.

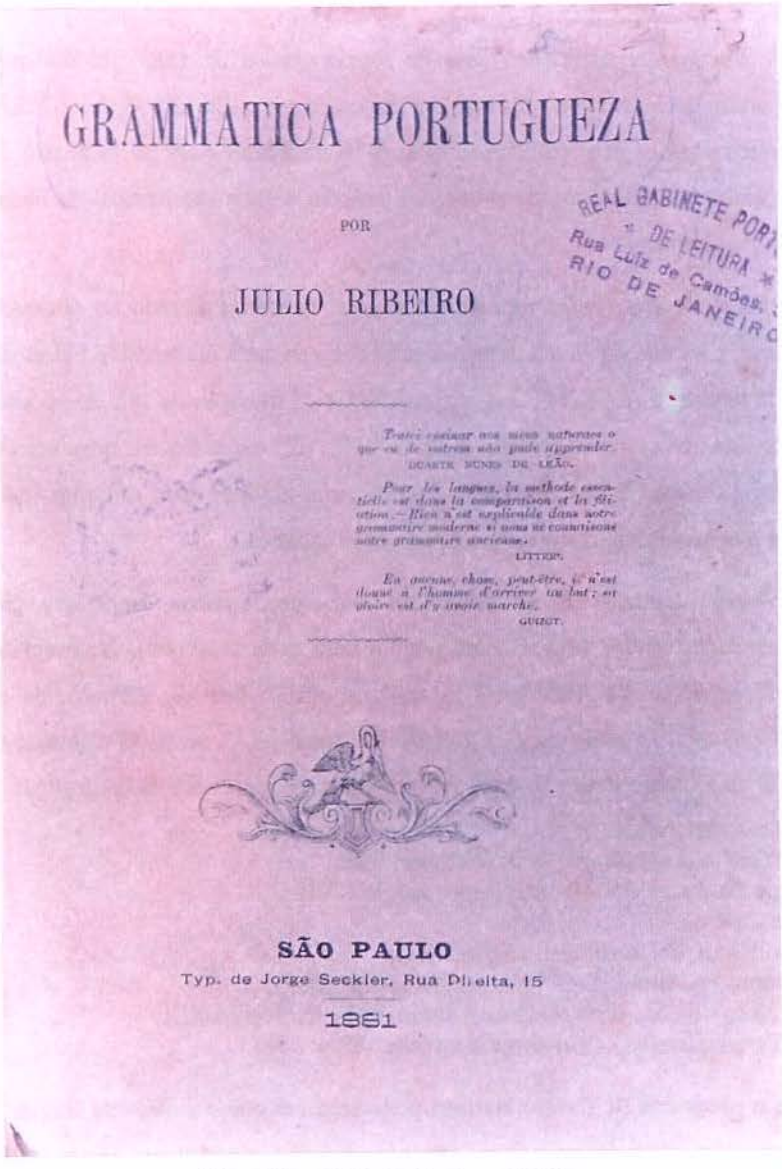
1837

Fig. 19 - José da Fonseca, 1837.

Do segundo ao quinto ano, os conceitos gramaticais passaram a se apoiar na *Gramática Portuguesa* de Júlio Ribeiro (**fig. 20**), impressa em 1881, a qual deu início ao que Antenor Nascentes chamou de período gramatical. [138] De acordo com o prefácio da segunda edição (1884), Júlio Ribeiro tinha se baseado em

138 Apud. GUIMARÃES, Eduardo. "Sinopse dos Estudos do Português no Brasil: A Gramatização Brasileira.", In GUIMARÃES, Eduardo e ORLANDI, Eni Puccinelli (Orgs.). Op. cit., p. 129.

precursores como Michel Bréal e Adolfo Coelho, e em gramáticos ingleses como Mason, Whitney, Bain e Holmes, para compor sua gramática, a primeira publicada entre nós de acordo com os preceitos da lingüística. [139]



GRAMMATICA PORTUGUEZA

POR

JULIO RIBEIRO

REAL GABINETE PORT
DE LEITURA
Rua Luiz de Camões,
RIO DE JANEIRO

Traire examiner nos meus naturaes o que eu de outrem não pude apprender.
DUARTE NUNES DE LEÃO.

Pour les langues, la méthode essentielle est dans la comparaison et les filiations.—Rien n'est explicable dans notre grammaire moderne si nous ne connaissons notre grammaire ancienne.
LITTRÉ.

En avant, chose, peut-être, il n'est donné à l'homme d'arriver au but; en allant il est d'y aller marche.
GUIZOT.

SÃO PAULO
Typ. de Jorge Seckler, Rua Direita, 15
1881

Fig. 20 - Júlio Ribeiro, 1881.

O decreto 9647 de 2 de outubro de **1886** estabeleceu uma hierarquia entre os Exames Preparatórios, e o *Artigo 3°* determinou que o "exame de português preceder[ia]á a qualquer outro" [140], coroando a ascensão da língua materna no currículo secundário, que começara em 1870.

---

139 RIBEIRO, Júlio. *Gramática Portuguesa*. 13ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1911, p. I-III.

Tal supremacia parece ter sido também conseqüência de duas tendências gerais, então em expansão na Europa: o avanço do nacionalismo estatal (visível principalmente no crescimento da escola primária), "que tornaria a língua a condição principal da nacionalidade"[141], e a nova perspectiva histórica e prática no ensino das línguas e literaturas vivas (baseada na lingüística e na história literária) dando preferência à divisão cronológica para ilustrar as várias fases da história da língua nacional e de sua respectiva literatura.

O *Programa de Português para os Exames de Preparatórios* de **1887**, foi elaborado por Fausto Barreto (1852-1915), a pedido do *Inspetor da Instrução Pública* da corte, Emídio Vitório.[142] Ele exemplifica a influência da lingüística nos exames preparatórios, a qual já havia ficado clara no currículo de português do sétimo ano, em 1881. A elaboração do *Programa* marcou também a ascensão pessoal de Fausto Barreto, um dos autores da ***Antologia Nacional.***

O programa de Fausto Barreto era composto de uma prova escrita de redação, chamada "composição livre", e de uma prova oral, dividida em duas partes: a primeira consistia na "análise fonética, etimológica e sintática de um trecho de extensão razoável", e a segunda era a "exposição de um dos pontos gramaticais" dentre os quarenta e seis elencados no programa. (cf. p. 342-43) Tal extensão era proporcional à ampliação dos estudos de português no Colégio Pedro II, a partir de 1881, e as novidades do programa de Fausto Barreto eram as análises fonética e etimológica, conquistas da recente lingüística.

Fausto Barreto incluiu também em seu programa uma lista de livros, sendo que, para cada dia de exame, um livro seria sorteado, sendo sorteada uma página para cada candidato. A comissão examinadora escolheria "um trecho de extensão razoável" para as análises orais (fonética, etimológica e sintática). Os "Livros de Exame" selecionavam obras do mesmo período (do século XVI ao XIX) estudado nos *Programas* de português (1881-1882) do Colégio Pedro II, com destaque para as epopéias e as biografias:

> Camões, *Lusíadas*, século XVI.
> Lucena, *História do padre Francisco Xavier*, idem.
> Frei Luís de Souza, *A vida do Arcebispo*, século XVII.
> Gabriel de Castro, *A Ulisséia*, idem.
> Santa Rita Durão, *O Caramurú*, século XVIII.
> Padre Teodoro de Almeida, *O Feliz Independente*, idem.
> João Francisco Lisboa, *Vida do Padre Antonio Vieira*, Século XIX.
> Barão de Paranapiacaba, *A Camoneana*, idem. (cf. p. 342)

De acordo com o programa de Fausto Barreto pode-se dizer que o ensino da língua materna estava preocupado com três aspectos: a teoria gramatical vigente, fazendo o candidato expor oralmente um dos *pontos gramaticais*; a demonstração prática da teoria através das análises (orais) fonética, etimológica e sintática; e a parte escrita, da *composição livre sobre assunto que a sorte designar dentre os pontos organizados diariamente pela comissão julgadora.*

---

140 *Coleção das Leis do Império do Brasil de 1886*, p. 423.

141 HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios*. 1875-1914, p. 214.

142 MALVEIRA, Antonio Nunes. "Fausto Carlos Barreto o reformador dos estudos da língua portuguesa". In. *Cadernos Avulsos da Biblioteca do Professor do Colégio Pedro II.* (Fausto Carlos Barreto - Teses de Concurso), p. 8.

Graças a Júlio Ribeiro que dedicou sua *Procelária* de 17 de abril de 1887 ao programa de português para os exames gerais de preparatórios, reproduzindo-o integralmente, podemos saber como era o programa de Fausto Barreto. Sem citar o autor do programa, Júlio Ribeiro elogiou:

> Não há negar; é este um programa organizado cientificamente, sobre as bases largas, sólidas, da ciência da linguagem. De uma parte a *lexeologia*, isto é, as palavras consideradas em si fonológica, morfológica, taxeonomicamente; de outra, a *sintaxe*, as palavras constituindo expressão de juízo, formando sentenças. [143]

Como se pode constatar no fim do texto de Júlio Ribeiro, tanto a reprodução do programa como os benévolos comentários, faziam apologia de sua *Gramática Portuguesa* (1ª ed. 1881), a mesma que havia sido indicada no *Programa de Ensino do Colégio Pedro II* de 1882, cuja adoção ele defendia junto ao "Curso Anexo à Academia de Direito de São Paulo", como "a única gramática por onde se possa preparar um aluno para enfrentar com o atual programa de exames". [144]

Júlio Ribeiro talvez estivesse defendendo seu compêndio da concorrência, pois ainda em 1887 foram publicadas duas gramáticas que seguiam o programa de Fausto Barreto: a *Gramática da Língua Portuguesa* de Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade, e a *Gramática Analítica* **(fig. 21)** de Maximino Maciel [145], ambas adotadas no Colégio Pedro II. [146]

O que se deduz a partir do programa de Fausto Barreto e dos comentários de Júlio Ribeiro é que no final do Império, apesar do esforço de centralização e uniformização do ensino secundário, tanto o currículo como os compêndios adotados no Colégio Pedro II não eram plenamente seguidos por todos estabelecimentos. Daí a necessidade e a importância de fixar um programa de português para os Exames Preparatórios com o intuito de manter o nível de ensino do colégio modelo. Quanto aos livros didáticos, apesar do aval oficial e da notoriedade que circundavam uma adoção no Pedro II, não havia garantia de sua indicação nos outros estabelecimentos, públicos (Cursos Anexos e Liceus provinciais) ou particulares.

Os estudos lingüísticos, feitos do ponto de vista histórico e introduzidos no Colégio Pedro II na década de 1880, fizeram com que, paulatinamente, se abandonasse a divisão exclusiva da retórica e da poética, a qual compartimentava os textos por gêneros, e criaram condições para que os livros escolares classificassem os excertos também cronologicamente, limitando-se a uma distinção genérica entre prosa e poesia.

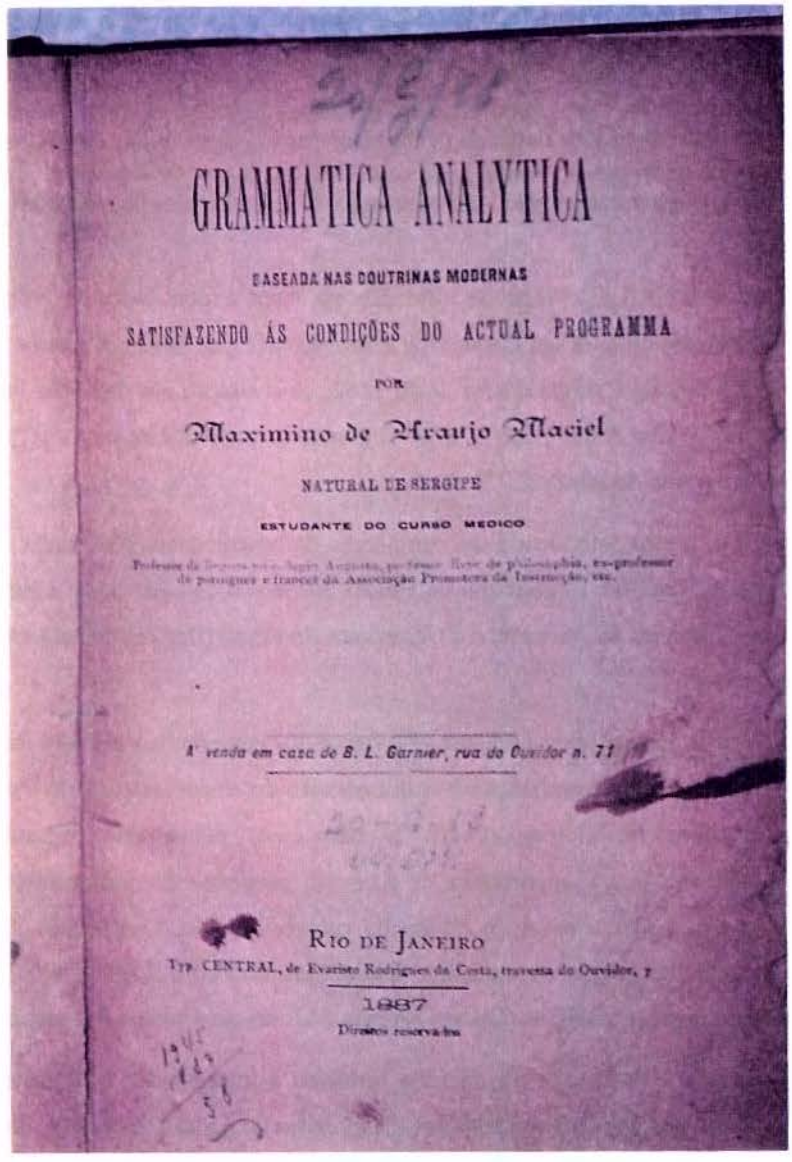
---

143 RIBEIRO, Júlio. *Procelárias*, p. 92.

144 Id., ibid., p. 93-94.

145 GUIMARÃES, Eduardo. Op. cit., p. 129.

146 A *Gramática Analítica* de Maximino Maciel foi adotada em 1892 e 1893. Voltou ao currículo de português em 1896, mas com novo título, de *Gramática descritiva baseada nas doutrinas modernas, satisfazendo as condições do programa de preparatórios*. As *Noções de Gramática Portuguesa* de Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade, presentes em todos os *Programas* da década de 1890, eram indicadas para as aulas de gramática histórica, do terceiro ano.



GRAMMATICA ANALYTICA

BASEADA NAS DOUTRINAS MODERNAS

SATISFAZENDO ÁS CONDIÇÕES DO ACTUAL PROGRAMMA

POR

Maximino de Araujo Maciel

NATURAL DE SERGIPE

ESTUDANTE DO CURSO MEDICO

Professor de [illegible] Augusto, ex-lente Reitor de philosophia, ex-professor de portuguez e francez da Associação Promotora da Instrucção, etc.

A' venda em casa de B. L. Garnier, rua do Ouvidor n. 71

RIO DE JANEIRO

Typ. CENTRAL, de Evaristo Rodrigues da Costa, travessa do Ouvidor, 7

1887

Direitos reservados

Fig. 21 - Maximino de Araújo Maciel, 1887

A *Seleção Literária* (**fig. 22**), de Fausto Barreto e Vicente de Souza, impressa no mesmo ano que Fausto Barreto elaborou o programa de português para os Exames Preparatórios, foi o primeiro compêndio usado nas aulas de português do Colégio Pedro II, que seguiu esta orientação moderna, deixando-a de herança para sua sucessora, a **Antologia Nacional**.


SELECÇÃO LITTERARIA

DE

Alguns dos principaes escriptores da lingua portugueza do seculo XVI ao XIX

POR

FAUSTO BARRETO

E

VICENTE DE SOUZA

Professores do Imperial Collegio de Pedro II

PRECEDIDA DE UMA INTRODUCÇÃO GRAMMATICAL E DE OUTRA SOBRE VERSIFICAÇÃO PORTUGUEZA PELOS MESMOS PROFESSORES

RIO DE JANEIRO

NA LIVRARIA [illegible] I. G. DE AZEVEDO — EDITOR

33 RUA DA URUGUAYANA 33

1887

180

Fig. 22 - Seleção Literária, 1887.

1890

Depois da Proclamação da República, o Colégio Pedro II foi renomeado, ainda em 1889, como "Instituto Nacional de Instrução Secundária". No ano seguinte passou a denominar-se "Ginásio Nacional". A simples troca de nome da primeira instituição secundária do país, quase sem alteração em sua estrutura política, administrativa ou educacional, como havia acontecido com a mudança de alguns topônimos da cidade, lembra muito o caso da troca de tabuleta no romance *Esaú e Jacó* de Machado de Assis, ao se referir à República. [147]

Com exceção de professores como Carlos de Laet, que era publicamente contra o novo regime e por isso foi exonerado do cargo, depois da República o corpo docente do Colégio Pedro II permaneceu inalterado, mas o poder de sua Congregação aumentou com relação à definição dos programas e compêndios que deveriam ser usados no ensino secundário e nos exames preparatórios.

Assumindo de fato as funções de paradigma da educação secundária brasileira, os programas do então Ginásio Nacional tornaram-se referência dos exames preparatórios, e deveriam ser cumpridos por todos os estabelecimentos de ensino público e privado, que depois de inspeção e controle federais poderiam obter a "equiparação", a qual tornaria seus exames válidos como preparatórios.

A decisão sobre o currículo e a escolha de livros didáticos era função praticamente exclusiva dos professores do colégio modelo, que obviamente tinham a preferência, mesmo quando lecionavam outra disciplina. João Ribeiro (1860-1934), por exemplo, que era professor de história desde 1890, teve vários livros didáticos adotados nas aulas de português (1892, 1893, 1895). Exemplo semelhante foi o de Silvio Romero (1851-1914), professor de filosofia desde 1871, autor da *História da Literatura Brasileira* (1888) e do *Compêndio de História da Literatura Brasileira* (1906), em co-autoria com o mesmo João Ribeiro, lá adotados na cadeira de Literatura Nacional.

Caso ilustrativo da importância da adoção oficial, antes e depois da República, foi o da *Seleção Literária*, de Fausto Barreto (professor de português) e Vicente de Souza (professor de latim). Publicada em 1887, ela se beneficiava do prestígio de seus compiladores, demonstrado pelo registro na página de rosto: "Professores do Imperial Colégio de Pedro II" **(fig. 22)**.

Em 1891, a *Seleção Literária* teve uma segunda edição, "correta e aumentada", cujo sucesso editorial passou a ser garantido sobretudo pela ampla adoção obrigatória, inscrita na página de rosto: "Adotada no Ginásio Nacional e em outros estabelecimentos de ensino e para os exames gerais de preparatórios na Capital Federal e em todos os Estados" **(fig. 23)**.

---

[147] ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Esaú e Jacó*. Obras Completas. v. 1., cap. LXII, p. 1028-1030. Estou me referindo ao caso da *Tabuleta Nova* do personagem Custódio, dono de uma confeitaria, que se viu aflito com a recém-pintada tabuleta *Confeitaria do Império* em pleno dia 15 de novembro de 1889 e foi pedir ajuda ao conselheiro Aires, o qual, depois de sugerir vários nomes, conclui que Custódio deveria adotar seu próprio nome no negócio.

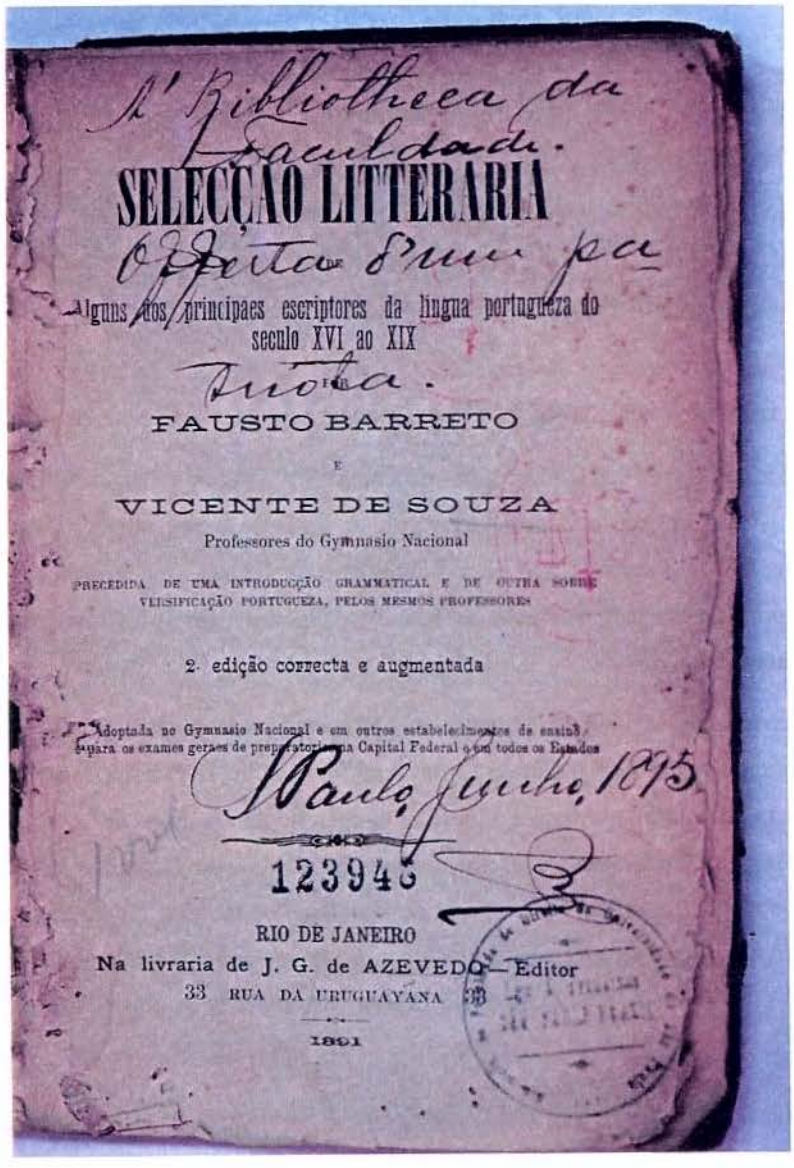


Fig. 23 - Seleção Literária, 1891.

Na primeira reforma republicana do ensino, em **1890**, conhecida como reforma Benjamim Constant (decreto 981 de 8 de novembro de 1890 e decreto 1.075 de 22 de novembro de 1890), nota-se a valorização do ensino do vernáculo, a ênfase nos assuntos brasileiros dentro das disciplinas história, geografia e literatura, e o desaparecimento de disciplinas ligadas ao "antigo regime" (religião, filosofia, retórica).

O decreto 981, de 8 de novembro de 1890, que estabeleceu o "Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal", deu maior importância ao ensino de "língua portuguesa" nas recém-criadas "escola primária de 1° grau" (com duração de 6 anos) e "escola primária de 2° grau" (com duração de 3 anos).

Na de 1° grau, estudava-se português em todas as séries ("leitura, língua portuguesa, exercícios orais, recitação, exercícios escritos, redação e composição"), e na de 2° grau, aprendia-se "português" ("gramática, redação, leitura, recitação, análise, noções de literatura nacional") nos dois primeiros anos.

O aumento da carga horária de português na escola primária de 2° grau (5 horas), provocou a redução da carga horária no curso secundário, para 9 horas semanais. (cf. p. 413)

Em compensação, pela primeira vez em sua história a disciplina tornou-se uma "cadeira" autônoma no primeiro ano do curso secundário, não mais dependente do latim (como fora de 1838 a 1869), nem em conjunto com a aritmética e a geografia (como foi de 1870 a 1889).

Em 1890, o estudo do vernáculo no secundário concentrava-se nas duas séries iniciais, com três horas cada, enquanto nas três séries seguintes havia só revisão, com apenas uma hora cada. (cf. p. 385-86)

A onda nacionalista da República tentava imprimir um ensino "moderno", mais comprometido com a ciência e com a pátria. Nesse sentido, nota-se no currículo o aumento significativo da carga horária de matemática e das ciências físicas e naturais, e o estudo autônomo da "História do Brasil" e da "História da Literatura Brasileira". O processo de nacionalização do ensino incluía, além das novas disciplinas históricas, a preferência pelos compêndios brasileiros.

Nas aulas de português do Ginásio Nacional, em **1892**, com exceção da *Antologia Portuguesa* de Teófilo Braga e dos *Estudinhos de língua pátria* de Antonio da Silva Túlio, indicados, respectivamente, para o segundo e para o quinto ano, todos os outros seis compêndios adotados eram de autores brasileiros, a maioria professores do Pedro II. Entre estes, sobressaía a adoção da *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza, amplamente usada nos cinco anos de português e também no programa das línguas estrangeiras, para os exercícios de versão. Neste mesmo ano, a *Seleção Literária* foi igualmente indicada para o exame de português e para a versão nos exames de línguas estrangeiras, conforme regulamentação das *Instruções* para os *Exames Preparatórios de 1892* (decreto 1.041 de 11 de setembro de 1892). [148]

Quanto ao conteúdo, a *Seleção Literária de alguns dos principais escritores da língua portuguesa do século XVI ao XIX*, inovou e simplificou a adoção de antologias no currículo de português com sua estrutura compacta de trechos de prosadores e poetas portugueses e brasileiros em apenas um volume. Como vimos, até então eram escolhidas várias seletas para dar conta do programa, cujos excertos eram divididos, geralmente, por gênero. O compêndio de Fausto Barreto e Vicente de Souza vinha atender às necessidades do currículo de português que, desde 1881, estava mais centrado nas fases históricas da língua materna, organizadas por séculos.

Enquanto a ascensão do português atingia vários níveis (do ensino primário aos exames de ingresso nos cursos superiores), a ascensão da literatura brasileira, apesar de muito significativa com a introdução da disciplina História da Literatura Nacional, era bem mais tímida, restrita ao curso de Letras.

---

148 MOACYR, Primitivo. Op. cit., v. 2, p. 117-120.

Até 1889 a literatura e a história literária eram sub-ítens das aulas de retórica e poética, disciplina que vinha declinando no currículo secundário, mas que devia sua sobrevivência (até 1890) aos exames preparatórios para as concorridas faculdades de Direito, que exigiam o exame de retórica. A partir das *Instruções* de 11 de outubro de 1891, que deliberavam sobre os exames preparatórios (aprovadas pelo decreto 668, de 14 de novembro de 1891), as disciplinas que haviam sido eliminadas do currículo secundário no ano anterior (retórica e filosofia), saíram também dos exames preparatórios.

Contudo, a substituição da "Retórica" pela "História da literatura brasileira" no currículo secundário, não se repetiu nos exames preparatórios, transformando a nova disciplina (literatura brasileira) em adorno exclusivo do bacharel em Letras, título que receberia o aluno que concluísse o curso secundário do Ginásio Nacional (ou de estabelecimento equiparado a ele).

Como demonstram os *Programas de Ensino*, a Retórica e a Poética vinham sendo absorvidas pelas disciplinas em ascensão, Português e Literatura Nacional. Assim, paralelamente à apresentação histórica da língua portuguesa e da literatura brasileira, a redação e a composição eram enfatizadas nas aulas de português, e as categorias retóricas e poéticas, da divisão por gêneros, sobreviviam nas aulas de literatura e nos compêndios de história literária.

No Programa de 1892, a literatura brasileira havia ganho *status*, reinando sozinha no sexto ano do curso secundário no lugar da retórica e poética, e agora era tratada do ponto de vista histórico e nacional, por um autor brasileiro, Silvio Romero, cuja *História da Literatura Brasileira*, publicada em 1888 (obra fundadora de nossa historiografia literária), era adotada como compêndio (cf. p. 316-17).

Mas, enquanto a literatura brasileira era ignorada pelos exames preparatórios, crescia o interesse pelo vernáculo, intensificado nas *Instruções para os preparatórios* de 1891, com a reedição da hierarquia entre as disciplinas (de 1886), que restabeleceu a precedência do exame de português sobre os demais preparatórios. Além da redação, a prova escrita de português foi ampliada com a análise gramatical e com a análise sintática, denominadas "lexicológica e lógica", as quais seriam feitas a partir "de um trecho clássico de português" [149], exercícios que até então eram feitos oralmente.

Nota-se no currículo de português de 1892 o aumento dos exercícios escritos, sobretudo no primeiro e no segundo ano, aumento que pode ter sido ocasionado pela ampliação da prova escrita de português nos exames preparatórios de 1891.

Tanto no *Programa* de 1892 como no de **1893** os compêndios adotados eram praticamente os mesmos. Para as três séries iniciais o estudo da gramática se apoiava nos manuais de João Ribeiro: *Gramática portuguesa* (curso médio e curso superior) e *Lições de gramática portuguesa*, publicados entre 1886 e 1887.

Para o 4° e 5° ano vigoravam ainda, respectivamente, os preceitos da *Gramática analítica* de Maximino Maciel e das *Noções de gramática portuguesa* de Pacheco da Silva e Lameira de Andrade.

149 MOACYR, Primitivo. *A Instrução e a República*, v. 1, p. 120-122.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

A semelhança dos currículos de 1892 e de 1893 pode indicar que o ganho de carga horária de português verificado na tabela de horário de 1893 (cf. p. 387), que de 9 horas em 1890, saltou para aproximadamente 20 horas em 1893, pode ter ocorrido em 1892. (cf. p. 413)

Em **1895**, o estudo de português foi novamente abreviado, voltando aos limites de 1870, ou seja, restrito aos três primeiros anos e, provavelmente, com perda de carga horária, dada a redução da matéria elencada neste Programa. (cf. p. 320)

Por outro lado, quase todos os compêndios indicados no Programa de 1895 eram de autoria de professores brasileiros, marcando a nacionalização do ensino de português no colégio modelo.

A gramática expositiva ou normativa era dada no primeiro e segundo anos, apoiada no livro de Alfredo Gomes **(fig. 24)**, e a gramática histórica, reservada ao terceiro ano, permaneceu com o compêndio de Pacheco Junior e Lameira de Andrade.

A gramática era complementada por três seletas. A *Antologia Portuguesa* de Teófilo Braga era usada só no terceiro ano, enquanto que os *Autores Contemporâneos* de João Ribeiro e a **Antologia Nacional** de Fausto Barreto e Carlos de Laet **(fig. 25)**, eram adotadas nas três séries. A adoção da **Antologia Nacional** no lugar da *Seleção Literária* foi particularmente significativa, pois esta seleta permaneceria no ensino brasileiro até 1969, data de sua última edição.

Como tradicionalmente havia a preocupação de se estudar primeiro a gramática normativa e depois a gramática histórica, era natural que os textos mais modernos fossem apresentados em primeiro lugar, enquanto que os textos dos autores mais antigos eram reservados para ilustrar as alterações gramaticais ocorridas nos vários "períodos" da língua portuguesa.

Esta tendência de apresentar autores e trechos em ordem cronológica inversa, que vinha desde a década de 1880, transformou-se em projeto editorial da **Antologia Nacional**, a qual solidificou tal prática pedagógica devido seu sucesso duradouro na escola. Os motivos deste tipo de apresentação estavam mais ligados ao estudo da língua do que da literatura, conforme declararam seus autores no prefácio da primeira edição:

> Acertado julgamos principiar pela fase contemporânea, e desta remontar às nascentes da língua, pois que tal é o caminho natural do estudioso, que primeiro sabe como fala para depois aprender como se falava. [150]

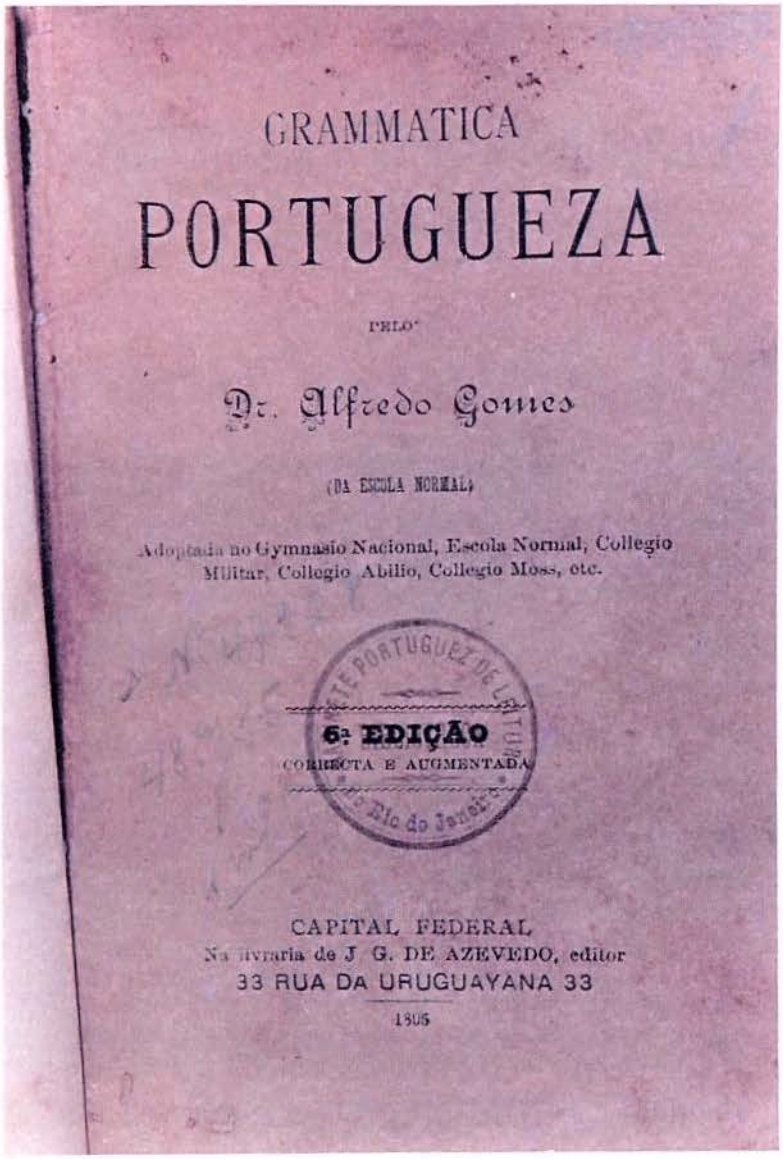
Assim como a *Seleção Literária*, a adoção da **Antologia Nacional** não se limitava ao curso de português: ela foi indicada no currículo das línguas estrangeiras, para versão, e também para os exames preparatórios de português e de línguas estrangeiras, em 1895.

Privilegiando os assuntos nacionais, o compêndio de Fausto Barreto e Carlos de Laet vinha atender nova demanda, implícita no adjetivo nacional, com uma seleção de textos que representassem a nação. A ***Antologia Nacional*** e os *Autores Contemporâneos* de João Ribeiro, juntamente com as gramáticas brasileiras

---

150 BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., 6ª ed. , p. 7.

e com a obra de Silvio Romero, parecem refletir neste momento o sucesso da implantação da cultura nacional no currículo secundário.


GRAMMATICA

PORTUGUEZA

PELO

Dr. Alfredo Gomes

(DA ESCOLA NORMAL)

Adoptada no Gymnasio Nacional, Escola Normal, Collegio Militar, Collegio Abilio, Collegio Moss, etc.

6ª EDIÇÃO

CORRECTA E AUGMENTADA

CAPITAL FEDERAL

Na livraria de J. G. DE AZEVEDO, editor

33 RUA DA URUGUAYANA 33

1895

Fig. 24 - Alfredo Gomes, 1895.

Por outro lado, eram ainda a língua e a literatura de Portugal que explicavam a existência das nossas (língua e literatura) e, por isso, elas estavam presentes tanto na ***Antologia Nacional*** quanto no currículo de história da literatura nacional, o qual em 1895 recebeu o reforço do *Curso de história da literatura portuguesa* de Teófilo Braga . (cf. p. 320)

Em **1897** os currículos de português e de literatura nacional repetiram as instruções dos Programas de 1893 e de 1895. (cf. p. 320-21)

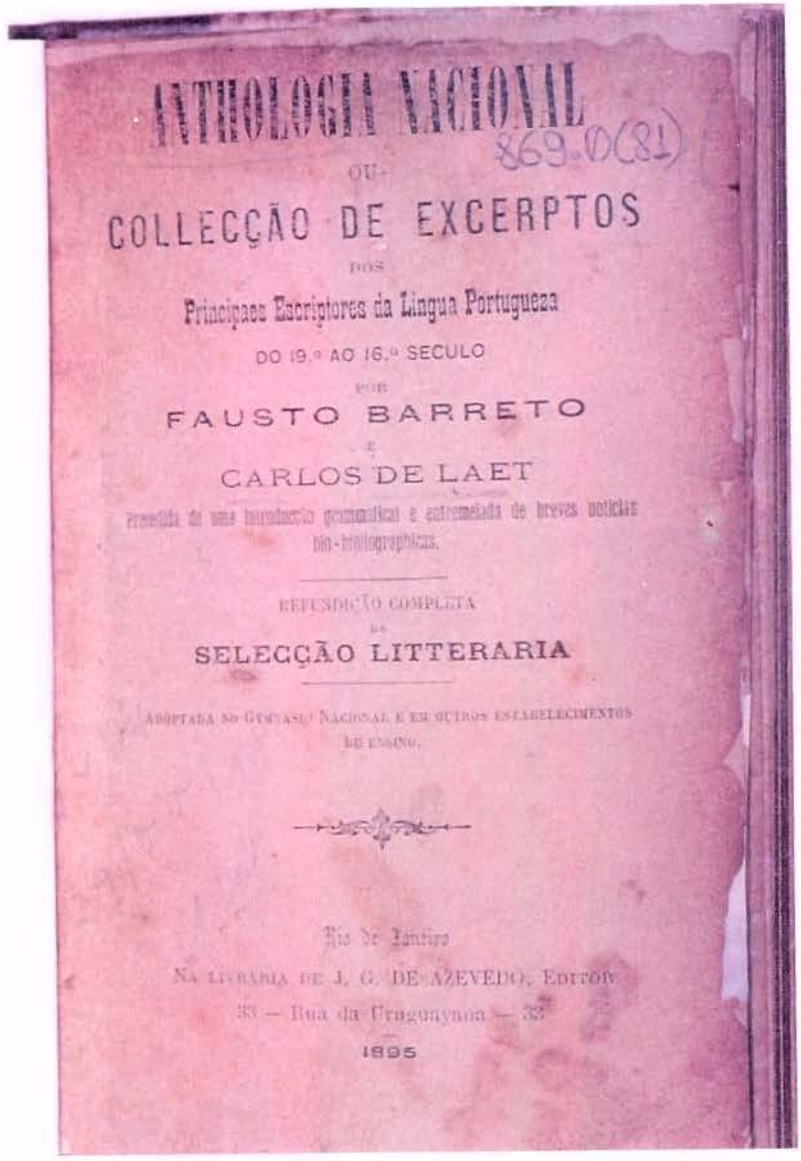

ANTHOLOGIA NACIONAL
869.0(81)
OU
COLLECÇÃO DE EXCERPTOS
DOS
Principaes Escriptores da Lingua Portugueza
DO 19.º AO 16.º SECULO
POR
FAUSTO BARRETO
E
CARLOS DE LAET
Precedida de uma introducção grammatical e enriquecida de breves noticias bio-bibliographicas.
REFUNDIÇÃO COMPLETA
DA
SELECÇÃO LITTERARIA
ADOPTADA NO GYMNASIO NACIONAL E EM OUTROS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO.
Rio de Janeiro
NA LIVRARIA DE J. G. DE AZEVEDO, EDITOR
33 — Rua da Uruguayana — 33
1895

Fig. 25 - Antologia Nacional, 1895.

Em **1898**, outra reforma do ensino mudou novamente os currículos. O Ministro Amaro Cavalcanti aprovou novo Regulamento para o Ginásio Nacional (decreto 2.857 de 30 de março), dividindo o curso secundário em dois: um de seis anos, sem latim, chamado "curso propedêutico ou realista", e outro de sete anos, com latim e grego, intitulado "curso clássico ou humanista". O ensino de português foi estendido para seis anos, em ambos os cursos, com a carga horária semanal aumentada para 24 horas. Esta reforma reintroduziu, no último ano do curso clássico (7º ano), a "história da filosofia" e juntou novamente a história da literatura geral à literatura nacional. (cf. p. 321-24)

Mas, no ano seguinte (**1899**), a reforma de ensino do Ministro Epitácio Pessoa unificou o curso do Ginásio Nacional, distribuindo as disciplinas "por seis anos de estudo", inclusive latim, grego e literatura (decreto 3.251 de 8 de abril de 1899). No lugar da história da filosofia entrou a "lógica", no 6° ano. As aulas de português, com carga horária reduzida para 10 horas semanais, se concentraram nos quatro anos iniciais, enquanto as aulas de literatura (com 4 horas semanais), ficaram reservadas aos dois últimos anos. (cf. p. 391)

1900

O decreto 3.863, de 15 de dezembro de **1900**, discriminou as disciplinas obrigatórias para os exames de acesso dos diversos cursos superiores, sendo que o latim ficava restrito aos exames para Direito e Medicina, enquanto o português, assim como o francês e o inglês (ou alemão), eram exigidos em todos os cursos superiores.

A reforma Epitácio Pessoa, de **1901**, conservou basicamente o Regulamento anterior do Ginásio Nacional, de 1899. A carga horária e a seriação de português e de literatura continuaram as mesmas de 1899. (cf. p. 392)

O decreto 7.472 de 24 de julho de **1909**, mudou novamente a denominação do Ginásio Nacional, cujo internato passou a "Internato Nacional Bernardo de Vasconcelos", enquanto o externato, voltou a ter o nome de seu antigo patrono, "Externato Nacional de Pedro II".

1910

Em **1911**, o ministro Rivadávia Correia promulgou a "Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental da República" e instituiu o "exame vestibular", ou seja, o exame feito no vestíbulo das faculdades e não mais nos estabelecimentos secundários. Na sua exposição de motivos, Rivadávia Correia explica que:

> Conferindo às faculdades do ensino superior o direito de, por um exame de admissão, selecionarem os candidatos à matrícula em seus cursos, libertei o ensino fundamental, desoprimindo-o da condição subalterna de mero preparatório para o assalto às faculdades. [151]

A reforma Rivadávia Correia, além de trocar novamente o nome da primeira instituição secundária do país, unificando o internato e o externato como Colégio Pedro II, acabou com sua função de paradigma com a "abolição de privilégio de qualquer espécie concedida aos institutos criados pela União", estabelecendo o "ensino livre" e retirando "do Estado a interferência no setor educacional". Tais medidas, segundo Maria

[151] *Atos do Poder Executivo*, p. 490.

Thetis Nunes, produziu "resultados desastrosos", tais como o aparecimento indiscriminado de "escolas superiores nas capitais" e o sensível enfraquecimento do curso secundário e do Colégio Pedro II, cujas aulas tinham sido diminuídas com o objetivo de "proporcionar uma cultura geral de caráter essencialmente prático, aplicável a todas as exigências da vida". [152]

O novo "regulamento do Colégio Pedro II", aprovado pelo decreto 8.660 de 5 de abril de 1911, determinou que o ensino de português fosse colocado nas quatro primeiras séries, com carga horária semanal de 12 horas, nestas já incluído o estudo de literatura, que, a partir de então, ficou eliminado como disciplina autônoma das últimas séries. (cf. p. 393)

Como "linhas gerais" do estudo do vernáculo, o "regulamento" estabeleceu que:

> a) o estudo de gramática portuguesa nas primeiras séries será descritivo ou prático. O trabalho do aluno se desenvolverá com o auxílio de exercícios em que a leitura, a dicção, o pensamento e a redação se aperfeiçoem gradativamente. O emprego dos vocábulos, a redução da prosa literária à linguagem comum, a transformação do verso em prosa literária ou vulgar, as composições variadas e sucessivamente mais difíceis, que versarão sobre conhecimentos adquiridos ou assuntos de literatura portuguesa e de literatura nacional, explicados anteriormente, fornecerão o ensino para o aprendizado do vernáculo. A gramática histórica constituirá o objeto da quarta série. Em suma, o estudo do português e de sua literatura se fará de forma que o aluno, ao terminá-lo, não só esteja apto a exprimir-se, oralmente ou por escrito, com correção, mas também conheça o movimento literário, clássico e contemporâneo de Portugal e do Brasil. [153]

Desta maneira, percebe-se que o ensino do vernáculo passa a acompanhar a mesma tendência do ensino das línguas estrangeiras modernas, ou seja, além de habilitar o aluno "a exprimir-se, oralmente ou por escrito, com correção", o familiarizaria com sua correspondente evolução literária, tornando assim dispensáveis as aulas avulsas de história literária.

A junção das disciplinas (português e literatura) ocasionou o acúmulo de funções das antologias usadas nas aulas de português, as quais, antes da fusão eram complemento das noções de gramática e, depois da fusão, passaram a ser também complemento da história literária nacional. Considerando o longo período desta fusão entre língua e literatura, vigente até 1924, pode-se dizer que seletas como a ***Antologia Nacional***, adotadas nas aulas de português, tiveram seu papel de preservação e transmissão da literatura maximizados, pois não tinham rivais.

E foi neste panorama, ou por causa dele, que o novo editor da ***Antologia Nacional*** (Francisco Alves) resolveu aumentá-la, em 1913, registrando-se o acréscimo de 23 autores, a maioria brasileiros.

Por outro lado, o Programa de português de **1912** mostra que o estudo da literatura nacional havia encolhido bastante, ocupando apenas um pequeno espaço no currículo da 4ª série. (cf. p. 325-26)

---

[152] NUNES, Maria Tetis. Op. cit., p. 96-98.

[153] *Atos do Poder Executivo*, p. 513-14.

Mas, conforme observou Maria Thetis Nunes, a "situação caótica" criada pela reforma Rivadávia Correia de 1911, desvinculando o ensino do controle estatal, fez com que logo aparecesse outra reforma, "reoficializando o ensino". [154]

A reforma de **1915**, assinada pelo ministro Carlos Maximiliano (decreto 11.530 de 18 de março de 1915), reduziu o ensino secundário para 5 anos, extinguiu a cadeira de grego, diminuiu a carga horária de português para 9 horas, conservou a fusão do ensino de português e literatura e acrescentou a cadeira de psicologia, lógica e história da filosofia. (cf. p. 395 e 413)

A eliminação do grego, mais um fato indicativo do declínio da formação clássica, seria praticamente definitiva. Só em 1942, com a reforma Capanema, é que o grego voltaria a ser oferecido de novo no curso secundário, mas como disciplina optativa do curso clássico.

Os Programas de Ensino desta década não acusaram qualquer informação sobre a adoção de compêndios. Contudo, o registro da adoção da ***Antologia Nacional*** no Colégio Pedro II continuou a ser impresso na página de rosto de suas sucessivas edições.

1920

Nos *Programas de Ensino do Colégio Pedro II* , até 1924, não há registro de aulas de literatura separadas das aulas de português.

A partir de **1925**, com a Lei Rocha Vaz (decreto 16.782-A de 13 de janeiro de 1925), assinada pelo ministro João Luiz Alves, as aulas de vernáculo voltaram a crescer (66%), passando para quinze horas e ocupando cinco séries do curso secundário, o qual foi estendido para 6 anos. Nossa literatura ganhou o adjetivo pátrio, "literatura brasileira", e foi separada do ensino do vernáculo e, como antes da reforma de 1911, passou a ser ensinada no 6° ano, com carga horária de 3 horas. Foi acrescentada também no 6° ano, com a mesma carga horária da brasileira, a "literatura das línguas latinas", uma espécie de reedição abreviada da antiga "literatura geral" ou universal. (cf. p. 399 e 413)

Esta reforma vigorou até 1930. Neste período de quarenta anos de educação republicana, embora sujeito a muitas variações de carga horária, percebe-se que o ensino do vernáculo foi consolidado através da expansão da leitura, da redação e da gramática. Entretanto, a base de textos que serviu para o estudo de português permaneceu quase a mesma com a adoção da **Antologia Nacional** , que tinha recebido alguns autores e excertos na 6ª e na 7ª edição.

Tal estabilidade expressa não só a manutenção de práticas pedagógicas e a ideologia correspondente, mas aponta a hegemonia de um pequeno grupo, o então ilustre corpo docente do Colégio Pedro II, como

---

154 NUNES, Maria Tetis. Op. cit., p. 98.

autoridade lingüística e literária, autoridade visível ainda nesta década nas adoções dos compêndios, quase todos de professores da casa (Antenor Nascentes, José Oiticica, Júlio Nogueira, Said Ali, etc.).

Creio que o sucesso editorial da **Antologia Nacional** foi devedor, sobretudo, da longa influência que exerceu o Colégio Pedro II no ensino secundário brasileiro. Com um formato moderno, esta seleta teve papel importante na conservação e reprodução do ensino do vernáculo (e da literatura) calcado em modelos de "bem dizer" e de "bem escrever".

O Programa de Ensino de **1926** apresentou a matéria distribuída nos três primeiros anos, pois no quarto e no quinto ano eram feitas as "revisões" dos anos anteriores.

Comparado com os Programas anteriores, o ensino do vernáculo em 1926 era predominantemente gramatical. A gramática normativa era enfatizada no primeiro e no segundo ano, enquanto que alguns tópicos da gramática histórica eram reservados para o terceiro ano. (cf. p. 328-31)

A leitura e a redação, apesar de serem mencionadas no currículo do primeiro ano, parecem comprimidas pela avalanche de "pontos" gramaticais.

A lista de "livros indicados" durante o curso ilustra a ênfase no ensino gramatical. Dos dez livros adotados nas três séries, oito eram gramáticas ou manuais gramaticais e apenas dois eram livros de textos, a ***Antologia Nacional*** de Fausto Barreto e Carlos de Laet e os *Lusíadas* de Camões, cuja função era fornecer a base para a aplicação dos conceitos e análises gramaticais.

Nota-se no currículo das outras línguas, inclusive no de latim, a mesma preferência pelo ensino gramatical.

O currículo de literatura, no sexto ano, focalizava rapidamente a história literária das línguas latinas (latim, italiano, romeno, francês, provençal, espanhol e português) e detia-se um pouco mais na história da literatura brasileira.

O interesse pelo estudo das literaturas latinas refletia a influência da lingüística sobre o ensino de literatura, então mais concentrado nas línguas e literaturas que tinham "parentesco" com as nossas. Todos os compêndios indicados são de "história literária" apesar da leitura de textos ter sido mencionada no final, como "Observação importante". (cf. p. 334)

Em **1928**, o currículo de português conservou praticamente os mesmos "pontos" do currículo de 1926 no primeiro, segundo e terceiro ano, acrescentando, porém, mais três compêndios gramaticais. A novidade foi a introdução da gramática histórica no quarto ano, com dois novos compêndios, aumentando ainda mais o número de livros gramaticais indicados. (cf. p. 334-35)

Apesar de não constar da lista de livros do quarto ano, a ***Antologia Nacional*** foi recomendada no final do programa para o estudo dos autores "quinhentistas", "seiscentistas" e "oitocentistas".

No sexto ano as cadeiras de literatura brasileira e de literatura das línguas latinas foram unificadas e, com o rótulo genérico de "literatura", foram acrescentadas ao currículo anterior a literatura grega, a inglesa e a alemã. (cf. p. 335-37)

Em **1929**, não houve alterações no currículo de português do primeiro ao quarto ano. No quinto, porém, foram introduzidos 19 tópicos sobre "composição literária" em prosa e em verso, ressaltando "o estilo" de autores e obras, cuja apresentação se orientava pela forma desgastada da retórica e poética, da divisão por gêneros. (cf. p. 337-38)

Estas alterações, porém, tiveram vigência muito curta, pois, a Revolução de outubro de 1930, que depôs o presidente Washington Luís e marcou a ascensão de Getúlio Vargas, trouxe novas determinações para o ensino no Brasil.

1930

A reforma do ensino secundário, empreendida pelo ministro Francisco Campos (decreto 19.890 de 18 de abril de **1931** e decreto 21.241 de 4 de abril de **1932**) separou o curso em dois ciclos de estudos, um fundamental, de cinco anos, "obrigatório para o ingresso em qualquer escola superior", e outro complementar, de dois anos, subdividido em três seções: para os candidatos ao curso jurídico; para os candidatos aos cursos de medicina, farmácia e odontologia; e para os candidatos aos cursos de engenharia, arquitetura e química industrial. [155] Otaíza Romanelli aponta que:

> A Reforma Francisco Campos teve o mérito de dar organicidade ao ensino secundário, estabelecendo definitivamente o currículo seriado, a freqüência obrigatória, dois ciclos, um fundamental e outro complementar, e a exigência de habilitação neles para o ingresso no curso superior. Além disso, equiparou todos os colégios secundários oficiais ao Colégio Pedro II, mediante a inspeção federal e deu a mesma oportunidade às escolas particulares que se organizassem, segundo o decreto, e se submetessem à mesma inspeção. [156]

A principal medida desta reforma foi, sem dúvida, a exigência de habilitação no secundário para o ingresso nos cursos superiores, porque, a partir dela, puderam ser implementadas, de fato, a seriação e a freqüência obrigatória no curso secundário.

As exigências do vestibular para as principais faculdades passaram a se orientar pelo currículo do ciclo complementar, onde o candidato estudaria, principalmente, latim e literatura se fosse prestar o exame para direito; física, química e história natural, para o exame de medicina; e matemática, física e química, para o de engenharia. (cf. p. 401)

---

155 ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. Op. cit., p. 134-36.

156 Id., p. 135.

A reforma Francisco Campos promoveu, também, a equiparação de todas escolas secundárias oficiais ao Colégio Pedro II, sob inspeção federal, medida que foi estendida às escolas particulares que se submetessem à mesma inspeção.

A obrigatoriedade da conclusão do curso secundário fundamental para a entrada nos cursos superiores, deu estabilidade ao curso fundamental e a suas disciplinas. Assim, independente da carreira que o aluno fosse escolher depois, o tempo de sua formação "fundamental" era composto de um terço de línguas, um terço de matemática e ciências, e um terço dividido entre história e geografia e desenho e música (cf. p. 400 e 413).

A distribuição das aulas de línguas, em que eram dadas 16 horas semanais de português, 9 horas de francês, 9 horas de inglês (o alemão era optativo) e apenas 6 horas de latim, ressalta a precedência do estudo do vernáculo sobre as outras línguas e a queda do ensino clássico na formação fundamental.

O programa de português, expedido pelo Ministério da Educação e Saúde com os demais programas do curso fundamental em 30 de junho de 1931 (cf. p. 344-46), privilegiou a leitura "dos bons escritores" como "ponto de partida de todo o ensino". A leitura dos textos literários, sem definir a nacionalidade dos autores, seguia a ordem cronológica inversa, começando pelos "prosadores e poetas contemporâneos" nas duas primeiras séries, passando pelos "modernos" e os do século XIX, na 3ª e na 4ª série, indo até os do "período" clássico, na 5ª série.

A grande preferência pelas "obras modernas" vinha da crença de que, estando mais próximas do leitor, elas provocavam "emoções sinceras", despertavam "o prazer dos estudos" literários e contribuíam para "educar o gosto literário", ao qual se juntaria depois as obras clássicas, mas só na 5ª série. A valorização da literatura moderna fez com que aparecessem livros de leitura voltados para a produção literária dos dois últimos séculos, tais como a *Nova antologia brasileira* de Clóvis Monteiro, também professor de português do Colégio Pedro II, cujo prefácio é de 1933.[157] Em contrapartida, metade dos textos da ***Antologia Nacional*** (cf. TABELA 8), que eram anteriores ao século XIX, ficavam confinados ao programa da 5ª série. Tal restrição, entretanto, parece não ter sido relevante para a ***Antologia Nacional***, porque quando saiu sua 19ª edição, em 1933, não houve acréscimos de autores modernos, mas apenas "a revisão e adaptação da obra à nova grafia".

Além da dosagem dos textos por períodos, os exercícios de leitura estavam sujeitos a uma ordem que ia da "explicação dos textos" e do "estudo metódico do vocabulário" (da 1ª à 3ª série) até a "interpretação" dos trechos e a "análise literária" nas últimas séries (4ª e 5ª).

A habilidade de "exprimir-se corretamente", seja de forma oral ou escrita, derivada da leitura, também era gradativa, começando sempre com exercícios orais, os quais, a partir da 3ª série, eram seguidos de exercícios escritos. Tanto na "composição oral" quanto na "composição escrita", os alunos aprendiam primeiro a descrever, depois a narrar e, por último, a dissertar.

O ensino da gramática, também derivado da leitura e feito de forma gradativa, concentrava-se inicialmente na morfologia e na sintaxe (1ª à 3ª série), acrescentando depois a fonética (3ª série). A gramática histórica, drasticamente reduzida a alguns tópicos, permaneceu na quarta série. A gramática ficava de fora da 5ª série, então reservada para o estudo da literatura (noções, história e análise) e para os exercícios escritos mais depurados ("composição e estilo").

O que fica evidente, tanto na precedência da leitura quanto na abordagem menos teórica da gramática (e na maior atenção com os exercícios orais e escritos), é que o ensino de português na década de 1930 arrefecia a febre gramatical dos anos de 1920 e tentava recuperar a função "tradicional" do ensino do vernáculo e da retórica:

> Desde o princípio do curso, o professor procurará tirar o máximo proveito da leitura, ponto de partida de todo o ensino, não se esquecendo de que, além de visar a fins educativos, ela oferece um manancial de idéias que fecundam e disciplinam a inteligência, prevenindo maiores dificuldades nas aulas de redação e estilo. (cf. p. 344)

A maior atenção dada ao ensino "prático" do vernáculo, visível nos programas de ensino, foi reafirmada por Abgar Renault, diretor geral do Departamento Nacional de Educação, quando expediu a Portaria 190, em 24 de abril de 1939, para instruir "inspetores, diretores e professores de estabelecimentos de ensino secundário [...] sobre o ensino da língua e da história nacional". Depois de orientar o ensino da história nacional e as aulas de português, que deveriam ser compostas de dois terços de exercícios orais e de redação, sendo que, a esta última caberia 60% da nota das provas, Abgar Renault concluiu que:

> O estudo da língua e da história nacional está a exigir de mestres e alunos um esforço de exceção, que é um imperativo da própria nacionalidade. Cumpre, pois, dedicar-lhe o maior carinho, o mais intenso labor, a mais viva decisão. [158]

A ênfase na língua e na história nacional num currículo estável e obrigatório propiciou a implantação da cultura nacional na escola secundária brasileira, processo que havia começado em meados do século XIX, mas que não se completara por causa das condições impróprias de ensino, até então vigentes.

O extenso programa de literatura, restrito àqueles que se preparavam para a entrada no curso jurídico, foi publicado em **1936** (cf. p. 347-52). As dez aulas semanais de literatura deste "curso complementar" tinham o objetivo universal (e megalomaníaco) de "habilitar os discentes a conhecer e a julgar da atividade intelectual do homem", através de um programa amplo de literatura universal, que privilegiava a literatura ocidental, sobretudo a européia, de onde derivavam a literatura portuguesa e a literatura brasileira. O programa da 1ª série do "2º Ciclo", de "literatura geral" é igual aos programas de "literatura geral" ou universal, que vicejaram na escola secundária a partir de 1898. A diferença é que agora eles saíam da condição de ornato do curso de letras para a obrigatoriedade nos cursos jurídicos.

---

[157] MONTEIRO, Clóvis. *Nova antologia brasileira*, p. 7-12.

[158] Apud. BICUDO, Joaquim de Campos. *O ensino secundário no Brasil e sua atual legislação*, p. 358.

Na 1ª série, com 4 horas semanais de aula, o aluno tomava conhecimento das "noções preliminares" da literatura, as quais misturavam a antiga retórica (gêneros literários, noção de estilo) e a novas correntes da história literária (apreciação das influências do meio, da época e dos costumes; escolas literárias). Depois disso, ele entrava em contato com a "literatura geral" (literaturas orientais antigas, grega, latina, italiana, francesa, espanhola, inglesa e alemã).

Na 2ª série, com 6 horas semanais de aula, estudava-se a "literatura portuguesa", a "literatura brasileira" e as "literaturas americanas e literaturas européias contemporâneas". O programa de literatura portuguesa ia do "período medieval", iniciando pela origem da língua portuguesa, até o "período moderno", que queria dizer, sobretudo, o século XIX. O programa de literatura brasileira também começava pela língua, discutindo sua transplantação para o Brasil e influências que recebera. A literatura dos séculos XVI, XVII e XVIII era tratada em três econômicos itens, enquanto a literatura do século XIX era estudada nos dez itens seguintes, apresentando as correntes literárias (romantismo, naturalismo, parnasianismo, simbolismo) e suas fases, misturadas com uma divisão por gênero (poesia, romance, conto, teatro, crônica, eloqüência, etc.). Machado de Assis ganhou relevo, ao ser tratado sozinho no item "21". O último item tratava do "movimento modernista na poesia e na prosa", mas sem citar autores. (cf. p. 351) Centrada nos principais autores e obras, vinham, sumariamente, representadas as literaturas hispano-americanas, dos Estados Unidos e da Europa, sobretudo do século XIX em diante.

Outra mudança significativa desta década, já sob o Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas, foi a centralização e controle dos livros didáticos a partir do Ministério da Educação e Saúde, tirando mais esta função do Colégio Pedro II. O decreto 1.006 de 30 de dezembro de **1938**, que estabeleceu "as condições de produção, importação e utilização do livro didático" no país, criou a Comissão Nacional do Livro Didático, encarregada de examinar, julgar e autorizar o uso de todos os livros didáticos do ensino primário e secundário. O controle estatal dos compêndios era compensado pela proibição da adoção obrigatória, deixando livre a escolha do livro didático a cada professor do secundário e a cada diretor de escola primária. Os livros didáticos autorizados receberiam um número de registro, o qual deveria ser impresso na capa do livro, junto com os dizeres "Livro de uso autorizado pelo Ministério da Educação", e seu preço de venda não poderia ser alterado "sem prévia licença da Comissão". Aos infratores da lei que não fossem empregados públicos ficavam previstas multas "de cem mil réis a dois contos de réis", e aos servidores que não cumprissem a lei, a pena era a exoneração do cargo público. [159]

Quanto às "causas" que impediam "a autorização do livro didático", dizia a lei:

> Art. 20 - Não poderá ser autorizado o uso do livro didático:
> a) que atente, de qualquer forma, contra a unidade, a independência ou a honra nacional;
> b) que contenha, de modo explícito ou implícito, pregação ideológica ou indicação da violência contra o regime político adotado pela Nação;
> c) que envolva qualquer ofensa ao chefe da Nação, ou às autoridades constituídas, ao Exército, à Marinha, ou às demais instituições nacionais;

[159] Id., ibid., p. 115-22.

d) que despreze ou escureça as tradições nacionais, ou tente deslustrar as figuras dos que se bateram ou se sacrificaram pela pátria;

e) que encerre qualquer afirmação ou sugestão, que induza o pessimismo quanto ao poder e ao destino da raça brasileira;

f) que inspire sentimento da superioridade ou inferioridade do homem de uma região do país, com relação ao das demais regiões;

g) que incite ódio contra as raças e as nações estrangeiras;

h) que desperte ou alimente a oposição e a luta entre as classes sociais;

i) que procure negar ou destruir o sentimento religioso, ou envolva combate a qualquer confissão religiosa;

j) que atente contra a família, ou pregue, ou insinue contra a indissolubilidade dos vínculos conjugais;

k) que inspire o desamor à virtude, induza o sentimento da inutilidade ou desnecessidade do esforço individual, ou combata as legítimas prerrogativas da personalidade humana.

Art. 21 - Será ainda negada autorização de uso ao livro didático:

a) que esteja escrito em linguagem defeituosa, quer pela incorreção gramatical, quer pelo inconveniente ou abusivo emprego de termos ou expressões regionais ou da gíria, quer pela obscuridade do estilo;

b) que apresente o assunto com erros de natureza científica ou técnica;

c) que esteja redigido de maneira inadequada, pela violação dos preceitos fundamentais da pedagogia ou pela inobservância das normas didáticas oficialmente adotadas, ou que esteja impresso em desacordo com os preceitos essenciais da higiene da visão;

d) que não traga por extenso o nome do autor ou dos autores;

e) que não contenha a declaração do preço de venda, o qual não poderá ser excessivo em face de seu custo.

Art. 22 - Não se concederá autorização para uso no ensino primário, de livros didáticos que não estejam escritos na língua nacional.

Art. 23 - Não será autorizado o uso de livro didático que, escrito em língua nacional, não adote a ortografia estabelecida pela lei.

Art. 24 - Não poderá ser negada autorização para uso de qualquer livro didático, por motivo de sua orientação religiosa. [160]

Se o sentido das "causas" ideológicas que impediam a adoção do livro didático, arroladas acima no art. 20, for invertido, talvez tenhamos as idéias norteadoras do livro didático que o governo de Getúlio Vargas esperava aprovar, ou seja, que ele promovesse, de preferência, a unidade, a honra e o regime político nacionais, o chefe da Nação, nossas tradições e figuras históricas, que fosse otimista quanto ao nosso destino, que apaziguasse o regionalismo e o racismo, que tolerasse várias religiões, que promovesse a família e o casamento, que inspirasse o amor à virtude e induzisse ao esforço individual. Em suma, que o livro didático cumprisse, além das funções pedagógicas intrínsecas, que ele pudesse veicular também a propaganda do regime que se instalava no país.

Já as "causas" técnicas e materiais que impediam a autorização do livro didático, elencadas nos art. 21, 22 e 23, dão visibilidade a questões importantes de sua produção que passaram a ser definidas, tais como as normas de apresentação gráfica e a oficialização de uma ortografia nacional.

---

[160] Id., p. 119-20.

O primeiro acordo ortográfico firmado em 30 de abril de 1931 entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa foi implantado "nas repartições públicas", "nos estabelecimentos de ensino", "no Diário Oficial e nas demais publicações oficiais", pelo decreto 20.108, de 15 de junho de 1931. [161] A Academia Brasileira de Letras, "enquanto autoridade oficial", foi incumbida de preparar o *Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa*, o qual se tornou vigente no país a partir de sua publicação, em 1932. [162]

Assim, como o currículo de português, o acordo ortográfico assinalava a importância que a língua assumiu na implantação da cultura nacional, sujeita, cada vez mais, à intervenção do Estado.

1940

Uma série de reformas de ensino, conhecidas como Leis Orgânicas, quase todas realizadas sob o Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas, caracterizou a década de 1940. Em **1942**, foi promulgada a Lei Orgânica do Ensino Secundário através do decreto-lei 4.244, assinado pelo ministro Gustavo Capanema. A reforma Capanema, como a anterior, dividiu o curso secundário em dois ciclos: o 1° ciclo, intitulado "curso ginasial", era composto de quatro séries, e o 2° ciclo, subdividido em "curso clássico" e "curso científico", estendia-se por três séries. A conclusão dos dois ciclos do curso secundário era exigida para a entrada em qualquer curso superior, dando estabilidade às disciplinas do 2° ciclo, cujos programas serviriam de base para o vestibular ou "exame de habilitação". Segundo Otaíza Romanelli, o decreto-lei 4.244, de 9 de abril de 1942, conservava a tradição e refletia o conflito mundial da Segunda Guerra:

> Em síntese, a julgar pelo texto da lei, o ensino secundário deveria:
> a) proporcionar cultura geral e humanística;
> b) alimentar uma ideologia política definida em termos de patriotismo e nacionalismo de caráter fascista;
> c) proporcionar condições para ingresso no curso superior;
> d) possibilitar a formação de lideranças.
>
> Na verdade, com exceção do item b), constituído de um objetivo novo e bem característico do momento histórico em que vivíamos, a lei nada mais fazia do que acentuar a velha tradição do ensino secundário acadêmico, propedêutico e aristocrático. [163]

O lustro da "cultura clássica humanista", pregado nos objetivos da lei, foi expresso na organização do currículo dos dois ciclos, com a extensão das aulas de latim às quatro séries do ginasial, ocasionando o aumento significativo da carga horária de latim no curso secundário, que, de 6 aulas no currículo anterior,

---

[161] Id., p. 571-79.

[162] "Reformas ortográficas ou acordos políticos?" de Tania C. Clemente de Souza e Bethania S. Corrêa Mariani. In: GUIMARÃES, Eduardo e ORLANDI, Eni P. (org.), op. cit., p. 85-93.

[163] ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. Op. cit., p. 157.

passou para 24 aulas semanais no ginasial e no clássico. [164] (cf. p. 413) Para completar, no curso clássico (que quer dizer estudo com latim), havia ainda a possibilidade de se escolher o grego, língua que estivera ausente do currículo secundário desde sua eliminação, em 1915, e que reaparecia agora como disciplina optativa.

O objetivo patriótico e nacionalista do ensino, presente nas entrelinhas da reforma Francisco Campos (como vimos, no programa de português do curso fundamental e na adoção de uma ortografia oficial), foi enfatizado na lei de 1942, privilegiando o estudo da língua, da história e da geografia nacionais. A "história do Brasil" e a "geografia do Brasil" foram destacadas das cadeiras de história geral e de geografia geral e passaram a ter existência autônoma. As aulas de português, antes restritas ao ciclo fundamental (1932), foram estendidas por todo o curso secundário, aumentando significativamente sua carga horária, de 16 para 23 aulas semanais. O ministro Capanema, na sua "Exposição de motivos", salientou que:

> O estudo da língua, da história e da geografia pátrias - O conhecimento seguro da própria língua constitui para uma nação o primeiro elemento de organização e de conservação de sua cultura. Mais do que isto, o cultivo da língua nacional interessa à própria existência da nação, como unidade espiritual e como entidade independente e autônoma.
>
> Na conformidade deste pressuposto, o ensino da língua portuguesa é ampliado, tornando-se obrigatório em todas as sete séries, com a mesma intensificação para todos os alunos. [165]

A reforma Capanema assinalou, portanto, a ascensão definitiva do ensino de português no curso secundário, uma vez que sua abrangência e carga horária, daí em diante, só tenderiam a aumentar. Com poucas modificações e ajustes, a reforma Capanema marcaria o ensino secundário até o início dos anos de 1960. Além do aumento de aulas do vernáculo, o patriotismo ditou também os temas preferenciais dos textos de leitura no curso ginasial.

O programa de português do curso ginasial, expedido com os programas das demais "disciplinas de línguas e de ciências" pela portaria 170, de 11 de julho de 1942, conservou a preeminência da leitura sobre as outras atividades (gramática, exercícios, redação). No entanto, nas três séries iniciais, a tradicional leitura literária, de "prosadores e poetas contemporâneos e modernos", presente até a Reforma de 1932, foi substituída pela leitura patriótica e nacionalista, de "trechos, em prosa e em verso" que tivessem "por assunto principal", na 1ª série, "a família, a escola e a terra natal"; na 2ª série, "a paisagem e a vida em cada uma das regiões naturais do Brasil "; e na 3ª série, "o amor ao Brasil" e "a conquista da terra, o melhoramento dela e a atualidade brasileira". [166] (cf. p. 353-54)

Tais "assuntos" parecem estar estreitamente ligados com as "causas" ideológicas que impediam "a autorização" de uso dos livros didáticos, decretadas em 1938 (decreto-lei 1.006) e citadas aqui anteriormente, confirmando o projeto ideológico do Estado Novo, embutido na lei do livro didático, a qual seria reeditada, em 1945 (decreto-lei 8.460), com pouquíssimas alterações.

---

[164] Em 1946, a carga horária das aulas de latim no Ginásio foi reduzida para 8 horas semanais, enquanto sua carga horária no clássico permaneceu a mesma (10 horas).

[165] *Ensino secundário no Brasil: organização, legislação vigente, programas*, p. 25.

Já a leitura na última série do curso ginasial, "por já aspirar a constituir uma iniciação literária", seria feita "em excertos da literatura brasileira e portuguesa", privilegiando "cartas, prosa literária e poesia". (cf. p. 354) Será que a expressão "prosa literária", que aparecia pela primeira vez no programa de português, se referia à prosa de ficção, dos romances, contos, etc., como a consideramos hoje? A indicação do excerto de Garrett "sobre a utilidade do conhecimento do grego e do latim" (excerto, aliás, presente na ***Antologia Nacional***), para uso nas aulas de português da 4ª série (cf. p. 358), revela que não, pois este trecho em prosa, que pregava a manutenção do ensino clássico, tinha sido extraído do tratado de Garrett sobre a *Educação*. Provavelmente, a noção de "prosa literária", expressa no programa da 4ª série do curso ginasial, coincidia com a noção de "prosa" expressa pelo conjunto de excertos reunidos na ***Antologia Nacional***, ou seja, vários gêneros de prosa (discursos, história, romance, etc.), escritos por autores consagrados e acatados na escola como modelo de boa linguagem.

Nas "*Observações finais*" das mesmas "Instruções Metodológicas" para o ensino do vernáculo, ficou definido que seriam usadas uma gramática para as quatro série e dois "livros de leitura": um volume para a primeira e segunda séries, e outro volume para a terceira e quarta séries (cf. p. 359-60). Esta resolução, além de apontar a simplificação do estudo gramatical, tornava impossível a adoção da ***Antologia Nacional*** no ginásio, impedimento que provocaria sua remodelação e a mudança de público, em 1945 (25ª edição), passando a ser usada no 2º ciclo, ou seja, no curso clássico e no curso científico.

Nota-se, ainda, no programa de português do curso ginasial, um crescimento acentuado da gramática "expositiva" (ou normativa) em relação à reforma anterior, principalmente da morfologia e da sintaxe, nas três séries iniciais, enquanto a fonética e algumas noções de gramática histórica foram introduzidas na 4ª série.

O programa de português para o 2º ciclo do curso secundário, expedido pela portaria 87, de 23 de janeiro de **1943**, era o mesmo para o curso clássico e para o curso científico. Ao contrário do 1º ciclo, o programa do 2º ciclo privilegiava o estudo da literatura, mas da literatura brasileira e portuguesa, descartando de vez a literatura geral (ou universal) dos programas precedentes. Desta maneira, além de registrar o aumento significativo da carga horária de português, a reforma Capanema, ao concentrar o estudo literário nos autores de língua portuguesa, assinalou também a ascensão da literatura brasileira na escola secundária, não mais diluída entre tantas outras. Além disso, a unificação do currículo de português no curso clássico e no curso científico propiciou que a literatura entrasse no exame vestibular de todos os cursos superiores, e não apenas no exame para a faculdade de direito, como fora até a década anterior. (cf. p. 360-62)

Na 1ª série do "2º Ciclo", eram dadas as "noções gerais de literatura", fornecendo informações sobre "escolas literárias", figuras de linguagem (metáfora, por exemplo), versificação e "gêneros literários"; na 2ª série, eram ensinadas as "noções de história da literatura portuguesa", que iam da "era medieval" à "era moderna"; e na 3ª série, vinham, finalmente, as "noções de história literária brasileira", divididas entre "introdução", "era colonial" e "era nacional". Obviamente, a fase nacional era a mais desenvolvida, elencando

---

[166] Id., ibid., p. 478-79.

os principais escritores brasileiros do século XIX, apresentados por escola literária, mas subdivididos por gênero. O último item desta parte, sem citar nomes, evocou rapidamente a literatura contemporânea, registrando, talvez, a entrada dos autores vivos na história literária brasileira: "O movimento modernista. Principais autores atuais.".

A leitura admitida nas aulas de português do 2° ciclo era só a leitura literária, centrada na transmissão da história da literatura portuguesa e brasileira, por isso ela abrangia textos de autores portugueses e brasileiros "desde trovadores medievais até escritores do século XX". Sua função tradicional, de ponto de partida para outras atividades, foi preservada. Além do estudo da gramática (só na 1ª e 2ª séries), feito através de "comentário filológico-gramatical", a leitura servia de inspiração para os exercícios de redação e composição, e era a base da análise literária. Podemos dizer que a leitura literária, privilegiada no programa de português do 2° ciclo, atingia o objetivo patriótico e nacionalista, estabelecido na lei, quando tratava de nossa literatura, na 3ª série.

Daí a inclusão, na 25ª edição da ***Antologia Nacional*** (1945), da "fase medieval", de vários autores brasileiros da "fase contemporânea" e das "notas esclarecedoras", fazendo comentários gramaticais e filológicos, para que ela pudesse se adaptar às exigências do ensino de português no 2° ciclo. A mudança de público fez com que a ***Antologia Nacional*** acumulasse as funções de complemento do estudo gramatical e de complemento do estudo da história literária.

Em 2 de janeiro de **1946**, logo após a queda de Getúlio Vargas (em 29 de outubro de 1945) e no início do governo Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), foi publicado novo quadro de horário das disciplinas dos curso ginasial e dos cursos clássico e científico (portaria 5). A carga horária de português permaneceu a mesma (22 horas semanais), mas a de latim foi cortada pela metade no curso ginasial, de 16 para 8 horas. (cf. p. 404-405 e p. 413)

1950

Agora sob o governo democrático de Getúlio Vargas (1951-1954), o Ministério da Educação e Saúde incumbiu a Congregação do Colégio Pedro II de elaborar "os programas das disciplinas" que lá fossem lecionadas, programas que seriam "adotados por todos os estabelecimentos de ensino secundário do país" (portaria 614, de 10 de maio de 1951), revivendo a longa tradição do Colégio Pedro II, citado novamente como "o estabelecimento padrão do ensino secundário".

Em 2 de outubro de **1951**, através da portaria 966, o ministro Simões Filho aprovou as modificações nos programas elaborados no Pedro II, as quais, segundo entrevista do ministro à imprensa, haviam eliminado os "excessos" e reduzido as "prolixidades", simplificando os programas até então vigentes. Ao relacionar "as modificações introduzidas", Simões Filho comentou as alterações no ensino de português:

> PORTUGUÊS - No programa de Português houve redução de matéria teórica para evitar que os professores fossem obrigados a sacrificar aquela que deve estar no primeiro plano: - a leitura explicada, com todos os exercícios proveitosos a que dá ensejo. É preciso não esquecer que a leitura inteligente de textos bem escolhidos, além de atender a fins educativos, é a melhor fonte de conhecimentos do idioma e o melhor curso de elocução e estilo.
>
> As noções de português histórico passarão a ser ministradas, elementarmente, na 1ª série do curso colegial, quando os alunos já contam quatro anos de familiaridade com o latim.
>
> O ensino da literatura não consistirá, como acontece atualmente, em notícias e indicações, mais ou menos inúteis, de obras e autores; os movimentos literários serão tratados, a propósito da apreciação dos modelos mais expressivos, feito com espírito de investigação e de crítica. [167]

Com efeito, o programa de português publicado juntamente com a portaria 966 foi reduzido em relação ao programa expedido por Capanema.

Com diminuição considerável da gramática, tanto no curso ginasial quanto no "curso colegial" (clássico e científico), todas atividades se apoiavam na leitura, à qual foi adicionada a "interpretação". Os excertos de "prosadores e poetas brasileiros e portugueses dos dois últimos séculos" eram indicados para o ginasial, e os trechos de autores mais antigos ficavam restritos ao colegial. (cf. p.362-63)

Aparentemente, a leitura patriótica não era enfatizada. A transferência da gramática histórica para a 1ª série colegial ocasionou a redução das noções gerais de literatura, as quais passaram para a 2ª série, juntamente com a história da literatura portuguesa. Tanto a portuguesa quanto a literatura brasileira, (que continuou a ser estudada sozinha na 3ª série do curso Colegial), eram apresentadas por escola literária, sem a divisão por gêneros ou a citação de autores. Contudo, na aparência histórica mais moderna continuavam implícitos os objetivos tradicionais da leitura, expostos acima pelo ministro, sobretudo sua função retórica, de "melhor curso de elocução e estilo".

Quando foram expedidas as "instruções metodológicas para a execução dos programas" (previstas no art. 3º da portaria 966) pela portaria 1.045 de 14 de dezembro de 1951, apareceram antes das "instruções", os "planos de desenvolvimento dos programas mínimos do ensino secundário", sugerindo que a simplificação, mencionada pelo ministro, não ocorrera na prática (cf. p. 364-68).

Nestes "planos" e "instruções metodológicas", a gramática aparecia bem desenvolvida, mais à maneira da reforma Capanema do que fora exposto na Portaria 966.

A leitura também tinha o formato parecido com a da reforma anterior. Nas duas séries iniciais do secundário, a leitura deveria despertar "o amor do idioma" e concorrer "para a boa formação do espírito e para a consciência patriótica", reabilitando a leitura patriótica do Estado Novo. Nas séries seguintes, ela deveria "estimular" o "gosto literário" nos alunos, dos quais seria exigido "cada vez mais, expressão correta e elegante" tanto "no falar" quanto "no escrever". (cf. p. 366)

---

[167] Id., p. 516.

As aulas de português do curso ginasial e do curso colegial começariam sempre com a leitura, seguida de exercícios orais ("interpretação", "análise das idéias", "significação das palavras", "reprodução resumida do pensamento do autor"), além dos "proveitosos exercícios de elocução", que contribuiriam para os "trabalhos escritos" de redação e de composição, executados "de preferência na aula".

A "composição livre", iniciada na 4ª série ginasial deveria recorrer aos "exercícios de estilo" e à "análise literária", feita, a partir de então, do ponto de vista retórico (gênero, estilo, idéias principais e acessórias), agregado ao ponto de vista histórico, "estudando a obra em seu conjunto e situando-a no seu tempo". (cf. p. 367)

O estudo da literatura mesclaria ainda as duas tendências, a retórica e a histórica, discutindo-se, porém a variação desta última, cuja "divisão em épocas é apresentada de maneiras diversas nos compêndios mais em uso". (cf. p. 367)

Na fase colonial, a literatura brasileira seria estudada comparativamente à portuguesa e às outras literaturas transplantadas para o continente americano, apontando-se "as fontes intelectuais" européias "que nutriam, obrigatoriamente, antes da Independência, o espírito das Américas". Nota-se, neste ponto, uma correção de rumo no estudo histórico de nossa literatura, mais preocupado com a situação geral americana, sobretudo com os Estados Unidos, do que filiado ao estudo das literaturas européias de línguas latinas, como havia sido até a década de 1930. A menção aos Estados Unidos talvez refletia a importância econômica e cultural que este país passou a exercer cada vez mais sobre nós, desde o começo da década de 1940, quando financiou a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional no Rio de Janeiro.

Entretanto, no geral, os programas de português da década de 1950 revelam a manutenção das diretrizes do ensino secundário estabelecidas durante o Estado Novo, cujo decreto-lei 4.244, era sempre evocado nas portarias ministeriais. Enquanto isso, o projeto de lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, encaminhado em 1948, dando maior liberdade às escolas para organizarem seus currículos mediante a fixação de disciplinas obrigatórias e disciplinas optativas, jazia no Congresso sem aprovação. [168]

1960

Já sob o governo de João Goulart, após a renúncia de Jânio Quadros (em agosto de 1961), finalmente foram aprovadas as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, através da lei 4.024 de 20 de dezembro de **1961**. O curso secundário continuou dividido em dois ciclos, o ginasial, de quatro anos, e o já definitivamente denominado "colegial", de três anos. Tanto o curso ginasial quanto o curso colegial ofereciam aos alunos alternativas de currículos, compostos de "disciplinas obrigatórias" e de "disciplinas complementares" nos dois ciclos. Esta medida visava diminuir os "monstruosos currículos de treze disciplinas" exigidos até então no

[168] NUNES, Maria Thetis. Op. cit., p. 115-16.

secundário, dando "maior flexibilidade" ao curso secundário com o objetivo final (no colegial) de preparar melhor e mais especificamente, os candidatos ao exame vestibular ou "concurso de habilitação". [169]

A política de descentralização da Lei de Diretrizes e Bases, deu autonomia às faculdades e universidades para a realização dos concursos de habilitação, desde que sua regulamentação constasse dos estatutos da instituição superior e fosse aprovada pelo Conselho Federal de Educação. Conforme o parecer 58 do Conselho Federal de Educação, emitido em 9 de maio de 1962, a "finalidade" do concurso de habilitação era "classificar os candidatos aos cursos superiores de graduação, no limite das vagas fixadas por cada estabelecimento, e reunir dados uniformes para a sua posterior observação e orientação após a matrícula". [170]

O concurso de habilitação poderia abranger "um ou mais" tipos de "apreciação, escolhidos entre provas intelectuais, exames psicológicos e análise de vida escolar". O primeiro tipo de apreciação, as provas intelectuais, deveriam ser obrigatoriamente feitas "com a amplitude e ao nível do ciclo colegial".[171] Como as provas intelectuais eram a forma preferida de seleção entre os estabelecimentos superiores, o currículo do curso colegial teve seu caráter preparatório mais acirrado na década de 1960 com o crescimento da demanda pelos cursos superiores e as disciplinas obrigatórias tornaram-se mais relevantes pois passaram a ser exigidas nos vestibulares de todas faculdades.

As disciplinas obrigatórias do curso ginasial e do curso colegial eram as mesmas: português, história, geografia, matemática e ciências, mas tinham distribuição diferenciada entre as séries (cf. p. 369-70). As disciplinas complementares, estabelecidas para as escolas federais, eram as seguintes: no ginasial, organização social e política brasileira, desenho, 1ª língua estrangeira moderna, 2ª língua estrangeira moderna e uma língua clássica (latim); e no colegial, física, química, biologia, filosofia, língua estrangeira moderna, língua clássica e desenho. [172]

As escolas deveriam compor seus currículos com as disciplinas obrigatórias, estabelecidas pelo governo federal, e escolher duas disciplinas complementares, de acordo com suas preferências e necessidades, desde que elas fossem aprovadas pelos conselhos de educação, estaduais ou federal.

Desta maneira, tornava-se praticamente optativo o estudo do latim, escolhido pelo governo federal como disciplina complementar, marcando o fim da longa hegemonia da formação clássica na escola secundária. Àqueles que combateram a saída do latim do currículo, Clóvis Salgado, membro do Conselho Federal de Educação, esclarecia:

> "O Latim não foi eliminado dos currículos. O sistema federal o manteve em um dos currículos apontados, tanto no ciclo ginasial como no colegial. Ainda mais, dentro da opção permitida, os Estados e estabelecimentos de ensino poderão incluí-lo nas listas. Assim, quem quiser estudar Latim não está impedido de fazê-

---

169 *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.*

170 FONTOURA, Amaral. *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, p. 343.

171 Id., ibid., p. 344.

172 Id., p. 247.

> lo. O que está havendo com o Latim, base da formação clássica, é uma recusa dos alunos e colégios para adotá-lo. Para a grande maioria, esta disciplina constitui-se em estudo penoso e sem motivação. O moço de hoje quer aprender ciência e técnica para enfrentar a vida moderna, mecanizada e automatizada". [173]

Enquanto isso, o vernáculo reinava entre as disciplinas obrigatórias. Teve sua carga horária aumentada para, pelo menos, 30 horas semanais (20 horas no ginasial e 10 horas ou mais no colegial) e era lecionado em todas as séries do ginasial e do colegial. (cf. p. 413)

Conforme "indicações" do Conselho Federal de Educação, publicadas com o título de "Amplitude e desenvolvimento das matérias obrigatórias", o "ensino da Língua Portuguesa no curso Secundário" passou a ter como objetivo principal "proporcionar ao educando adequada expressão oral e escrita", subordinando as outras atividades (gramática e estilística) a este objetivo (cf. p. 370-71).

Nas duas primeiras séries do ginasial deveriam ser escolhidos "textos simples, em prosa e verso, descritivos, com real valor literário, de autores brasileiros dos dois últimos séculos"; enquanto na 3ª e na 4ª série, os textos deveriam ser descritivos, narrativos e dissertativos, "de prosadores e poetas modernos, brasileiros e portugueses". A lei não esclarece o uso do termo "moderno", ficando indefinido se ele aludia aos textos de autores modernos (do século XIX em diante), em oposição aos autores clássicos (até o século XVIII), ou se ele já se referia aos autores vivos, a partir do modernismo.

No curso colegial, com ensino caracteristicamente literário, os textos acompanhariam as "diversas fases" da literatura brasileira e da literatura portuguesa.

O novo ensino de português, no ginasial, passou a ser composto de três partes: "expressão oral", "expressão escrita" e "gramática expositiva". Em cada parte, tinha-se o cuidado de oferecer os conteúdos de forma gradativa. Assim, a leitura partiria de textos simples, descritivos, em direção aos textos dissertativos; a escrita se iniciaria com frases breves e seguiria até a redação com tema livre e a análise literária; a gramática, calcada na leitura dos textos, partiria da oração para o estudo das classes de palavras, estudo que seria progressivamente sistematizado.

As duas maiores novidades do ensino de português, entretanto, a partir de 1961 eram a permissão e até estímulo da "liberdade de expressão individual" nos exercícios escritos de redação, e a introdução dos estudos de fonética que estabeleciam a "pronúncia normal brasileira", considerada padrão em 1956. Apesar de continuar a oferecer modelos "com real valor literário", a instituição escolar reconhecia, portanto, a criatividade do aluno no ensino de redação, a qual seria, cada vez mais, incentivada e exigida nas décadas seguintes.

Seguindo o estudo progressivo, o ensino de português no colegial aprofundaria os conhecimentos gramaticais adquiridos no ginasial acrescentando a gramática histórica. O estudo das "diversas fases" da literatura brasileira e portuguesa e a análise literária seriam feitos do ponto de vista da "formação e

---

[173] Apud. FONTOURA, Amaral. Op. cit., p. 251.

desenvolvimento da civilização brasileira", ou seja, a abordagem histórica da literatura passou a considerar também o ponto de vista sociológico.

O extraordinário crescimento da demanda escolar em todos os níveis de ensino devido o inchaço cada vez maior da população urbana, pode ser medido pelo aparecimento de vários cursos superiores, (sobretudo dos cursos de filosofia, ciências e letras) e pelo aumento assombroso da matrícula nos cursos superiores, que cresceu 389% no período 1960-1971.[174] A corrida aos cursos superiores aumentou a competição no vestibular, potencializou a função preparatória do curso colegial, a qual se revelou ineficiente, propiciando o desenvolvimento dos "cursinhos" pré-vestibulares.

1970

A maior liberdade de ensino, conferida pela lei de 1961, e os grandes contingentes discentes e docentes que brotaram dos cursos secundário e superior, seriam cerceados com a repressão política que se instalou com o regime militar após o golpe de 1964.

Em **1971**, foram aprovadas novas Diretrizes e Bases da Educação Nacional, através da lei 5.692 de 11 de agosto deste ano. A partir dela o ensino brasileiro ficou dividido em: ensino fundamental ou de 1° grau, com 8 séries, o qual juntava o antigo primário com o antigo ginasial; ensino médio ou ensino de 2° grau, com 3 séries, chamado de curso colegial, ou com mais uma série, quando se tratava de ensino técnico; e ensino superior ou de 3° grau, cuja duração variava de acordo com o curso e com a especialização pretendida, tanto na graduação como na pós-graduação.

Para o ensino de 1° e de 2° graus foram estabelecidos currículos com um "núcleo-comum", composto de três áreas: "comunicação e expressão, estudos sociais e ciências"; e com uma "parte diversificada" voltada para o ensino técnico. O latim desapareceu completamente deste nível de ensino, fixando-se apenas nos cursos de letras. As disciplinas do núcleo-comum eram:

> (a) Língua Portuguesa, em Comunicação e Expressão; (b) Geografia, História e Organização Social e Política do Brasil, em Estudos Sociais; e (c) Matemática e Ciências Físicas e Biológicas, em Ciências. [175]

Eram exigidas ainda, a educação física, a educação artística, a educação moral e cívica e os programas de saúde. Foi mencionada também uma "Língua Estrangeira Moderna", a qual deveria ser incluída no currículo "quando tenha o estabelecimento condições para ministrá-la com eficiência". Mais tarde, o inglês foi introduzido como língua estrangeira obrigatória no 1° grau, da 5ª à 8ª série, e nas séries do 2° grau.

---

[174] ROMANELLI, Oraíza. Op. cit., p. 89 e 122-23.

[175] Parecer 853/71, do Conselho Federal de Educação, aprovado em 12/11/1971, que fixou "o núcleo-comum para os currículos do ensino de 1° e 2° Graus". In: *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, p. 45.

Conforme os objetivos gerais do núcleo-comum, traçados no Parecer 853/71, a função instrumental do ensino do vernáculo, articulada com as outras disciplinas e sob a influência dos meios de comunicação de massa (visível desde o seu novo título "comunicação e expressão"), deslocava o eixo da função ideológica, centrada até então no ensino do falar e escrever bem e corretamente, para a aprendizagem de diversas linguagens, centradas na eficácia da comunicação e na compreensão e apreciação da "Cultura Brasileira":

> A Língua Portuguesa, portanto, será encarada como o instrumento por excelência de comunicação no duplo sentido de transmissão e compreensão de idéias, fatos e sentimentos e sob a dupla forma oral e gráfica, o que vale dizer: leitura, escrita e comunicação oral. Nesta última encontra-se um dos elementos mais evidentes de conexão entre a Língua e os Estudos Sociais, encarados como mecanismo de integração do educando ao meio. Também não se há de esquecer, neste particular, a importância cada vez maior que assume nos dias atuais a linguagem falada, ao impacto dos meios de comunicação "audiovisual", a ponto de que, se já não vivemos uma cultura predominantemente oral, pelo menos as duas vias tendam a equilibrar-se.
>
> A marcha do ensino será decerto aquela que se vem preconizando. No início da escolarização, a aprendizagem se fará principalmente à base de atividades, a serem desenvolvidas de modo e com intensidade que o idioma surja diante do aluno, menos como uma sucessão de palavras do que sob a forma natural de comportamento. Neste "saber lingüístico prévio", que à escola compete orientar e disciplinar, reside uma das diferenças básicas entre a didática da língua vernácula e a dos idiomas estrangeiros. Daí por diante, insinua-se e amplia-se progressivamente a preocupação da língua como tal, até que se chegue às sistematizações gramaticais, a partir das séries finais do primeiro grau, para ordenar as experiências assim colhidas.
>
> Ao lado de sua função instrumental, o ensino da Língua Portuguesa há de revestir, como antes se assinalou, um indispensável sentido de "expressão da Cultura Brasileira". As situações criadas e os textos escolhidos para leitura, em articulação com as outras matérias, devem conduzir a uma compreensão e apreciação da nossa Literatura, da Civilização que vimos construindo e dos nossos valores mais típicos. Isto, evidentemente, não há de conduzir a exclusivismos estreitos. Assim como nossa História é parte da História Universal, a Literatura Brasileira não poderá ser estudada com abstração de suas raízes portuguesas e sem inserir-se no complexo cultural europeu de que se origina. Seja como for, é preciso não esquecer que "atrás de uma língua há um país, nesse país existem homens, e o que se pretende é conduzir a eles"(C. M. Laloum). [176]

Desta forma, o ensino de português passou a admitir, cada vez mais, um número maior e mais variado de textos para leitura, desde os tradicionais excertos literários, consideravelmente ampliados com a literatura contemporânea, até todo tipo de manifestação "gráfica", incluindo textos das outras disciplinas do currículo (sociais, científicos), textos de jornais, revistas, quadrinhos, propaganda, etc.

Além da espetacular expansão do mercado do livro didático, resultante do aumento da escolarização, a grande multiplicação de textos de leitura aceitos na escola, combinada com fatores sócio-econômicos, permitiram, nesta época, que a literatura direcionada ao público infantil crescesse a uma taxa explosiva. [177]

---

[176] Id., p. 47.

[177] Para o estudo da literatura infantil ver LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina., sobretudo em: *Literatura infantil brasileira: história e histórias*; *Um Brasil para crianças*; *A leitura rarefeita. Leitura e livro no Brasil.*

Tal variedade mudaria, naturalmente, a orientação de livros didáticos das aulas de português, ao mesmo tempo que condenaria a adoção de seletas como a ***Antologia Nacional*** de Fausto Barreto e Carlos de Laet, cuja função literária tornara-se também inadequada por causa da "nova" hegemonia da literatura brasileira na escola.

A portaria 853/71, ao referir-se à amplitude do núcleo-comum no currículo, citou o art. 5° da lei 5.692, o qual escalonava "o ensino de 1° e 2° graus, da maior para a menor amplitude, constituindo atividades, áreas do estudo e disciplinas", apresentando-o da seguinte maneira:

> "I - No ensino de 1° Grau:
> a) nas séries iniciais, sem ultrapassar a quinta, sob as formas de Comunicação e Expressão, Integração Social e Iniciação às Ciências (incluindo Matemática), tratadas predominantemente como atividades;
> b) em seguida, e até o fim desse grau, sob as formas de Comunicação em Língua Portuguesa, Estudos Sociais e Matemática e ciências, tratadas predominantemente como áreas de estudo;
>
> II - No ensino de 2° grau, sob as formas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, História, Geografia, Matemática e Ciências Físicas e Biológicas, tratadas predominantemente como disciplinas e dosadas segundo as habilitações profissionais pretendidas pelos alunos". [178]

Considerando os objetivos da língua portuguesa e sua apresentação nos dois níveis de ensino, nos deparamos com o ensino progressivo de português, que partia do "saber lingüístico prévio" para as "sistematizações gramaticais", no 1° grau, através de "textos em articulação com outras matérias", os quais conduziriam, no 2° grau, a "uma compreensão e apreciação" de nossa cultura, expressa pela literatura brasileira e por "nossos valores mais típicos.

Apesar da determinação de que a história da literatura brasileira deveria ser estudada à luz "de suas raízes portuguesas" e inserida "no complexo cultural europeu", a literatura brasileira deixava de ser "um galho" da portuguesa para se tornar o centro das atenções do estudo de português no 2° grau. Sua ascensão foi generalizada de forma efetiva pelo concurso vestibular, cuja base era obrigatoriamente fornecida pelas disciplinas do núcleo-comum do 2° grau.

Foi, então, este enfoque abrangente do ensino de português e a particularização da língua e da literatura encaradas como "expressão da Cultura Brasileira", e não mais como exemplificação exclusiva da linguagem "culta", "correta" e "bela", que sucateou compêndios como a ***Antologia Nacional*** de Fausto Barreto e Carlos de Laet, que privilegiavam apenas a vertente tradicional, sob obediência lusa.

Vejamos a seguir, a apresentação e a análise da ***Antologia Nacional***, levando em conta a trajetória do ensino de português e de literatura brasileira no curso secundário, até aqui esboçada.

---

[178] Parecer 853/71, do Conselho Federal de Educação, aprovado em 12/11/1971, que fixou "o núcleo-comum para os currículos do ensino de 1° e 2° Graus". In: *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Op. cit., p. 52.

III - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA *ANTOLOGIA NACIONAL* [179]

A apresentação dos autores e excertos de todos os períodos da ***Antologia Nacional*** pode ser contemplada numa LISTA GERAL, alocada no ANEXO VI. Nesta LISTA foram respeitadas as divisões originais e a seqüência, ou seja, a ordem cronológica inversa, que vai da fase contemporânea à fase medieval, a divisão em épocas (séculos) e a divisão entre prosa e poesia. Na frente do nome de cada autor, copiado do índice da ***Antologia***, foi colocada a data de nascimento (e morte), pois, na maioria das vezes, ela definia a ordem interna de apresentação de cada período. Entraram ainda nesta LISTA GERAL, os títulos dos excertos compilados. Optei por não incluir as obras de onde os excertos foram tirados, porque elas serão oportunamente mencionadas, na análise de cada período da ***Antologia Nacional***.

Os títulos dos excertos foram copiados como eles apareceram na ***Antologia Nacional***: a maioria dos excertos, sobretudo os de prosa, parecem ter sido batizados pelos próprios compiladores, tendo o título atribuído ao texto a função de anunciar o assunto e preparar o leitor para sua recepção. Alguns títulos foram tomados da *Seleção Literária* (1887) de Fausto Barreto e Vicente de Souza, compêndio que deu origem à ***Antologia Nacional***.

Apesar de ter tido 43 edições, os acréscimos (e exclusões) de autores e excertos na ***Antologia Nacional*** ocorreram apenas em três momentos: na 6ª edição, de 1913, na 7ª, impressa em 1915 e na 25ª edição, publicada por volta de 1945. Para destacar estes acréscimos, foram colocados um, dois ou três asteriscos, antes do nome dos autores para indicar, respectivamente, a inclusão na 6ª, 7ª e 25ª edição, critério, aliás, adotado em algumas edições da ***Antologia***. Na frente de cada excerto (ou na frente do nome do autor), quando foi o caso, há informações sobre cortes ou exclusões, destacadas em caracteres vermelhos.

Como Fausto Barreto e Carlos de Laet separaram os autores brasileiros dos portugueses só na fase contemporânea (séculos XIX e XX), nos séculos anteriores fiz a contagem da nacionalidade baseada no local de nascimento, com exceção de Tomás Antonio Gonzaga, que, apesar de ter nascido no Porto, considerei brasileiro, porque nossos historiadores literários sempre se esforçaram para naturalizá-lo brasileiro.[180]

---

[179] Veja o ANEXO VI, LISTA GERAL e TABELAS (de 1 a 15) de autores e excertos da *Antologia Nacional*.

[180] RAZZINI, Marcia. "Imagens de Tomás Antonio Gonzaga no Século XIX". *Horizontes*/ Universidade São Francisco. p. 223-32.

Na pesquisa sobre a história das disciplinas português e literatura, em que vários compêndios foram consultados, notei que muitos excertos da ***Antologia Nacional*** já tinham estado presentes em livros didáticos adotados no Colégio Pedro II antes de 1895, data da 1ª edição da ***Antologia Nacional***. Destes, selecionei cinco compêndios, sendo, quatro adotados nas aulas de português do Colégio Pedro II por, no mínimo, 5 anos, e uma história literária usada nas aulas de retórica e poética, citada em algumas notas biobibliográficas da própria ***Antologia Nacional***.

Assim, depois de cotejar os excertos da ***Antologia Nacional*** com o *Íris Clássico* (1860) de José Feliciano de Castilho, com o *Curso Elementar de Literatura Nacional* (1862) do Cônego Fernandes Pinheiro, com a *Seleta Nacional* (1873-1877) de Francisco Júlio Caldas Aulete, com o *Curso de Literatura Brasileira* (1876) de Melo Moraes Filho e, claro, com a *Seleção Literária* (1887) de Fausto Barreto e Vicente de Souza, foi feita a apuração da quantidade de excertos "repetidos" e da quantidade de excertos "novos". O registro deste trabalho encontra-se na referida LISTA GERAL da ***Antologia Nacional***, com a inclusão da sigla (e da página) dos cinco compêndios confrontados, na frente de cada excerto repetido. (Veja a legenda dos compêndios no início da LISTA)

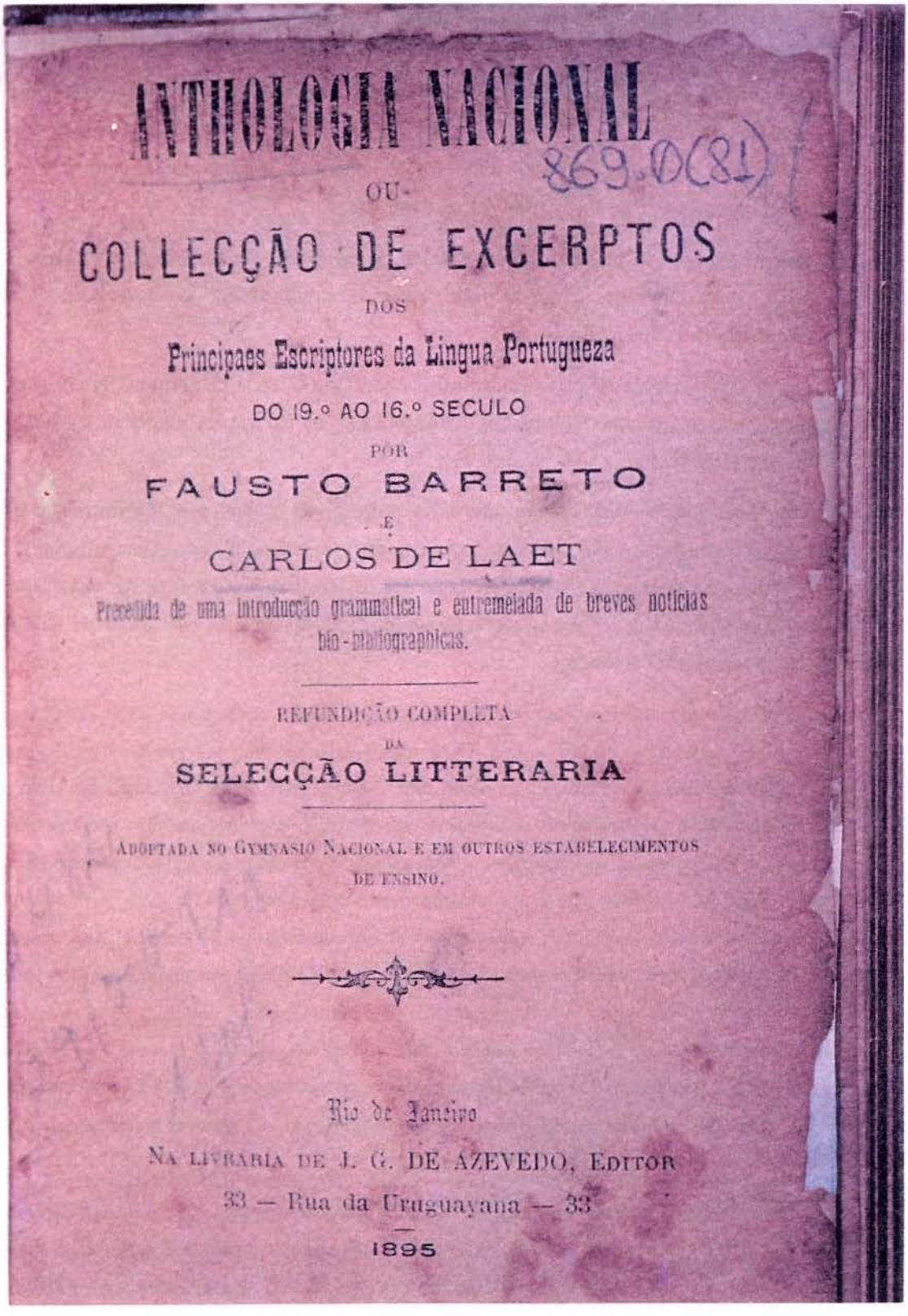
Com base na LISTA GERAL parti para a apuração de dados da ***Antologia Nacional*** que julguei mais relevantes para a análise, tais como, a distribuição de autores e excertos (conforme a nacionalidade, o gênero e a época), a quantidade de excertos "repetidos" das obras anteriores e a quantidade de excertos "novos". Os resultados foram dispostos em TABELAS numeradas (de 1 a 15), permitindo a rápida visualização dos aspectos que definiram esta seleta.

A 1ª edição da ***Antologia Nacional***, publicada em 1895 **(fig. 26)**, foi composta por 69% de excertos que já haviam aparecido em compêndios anteriores, adotados no Colégio Pedro II de 1860 a 1894, e apenas 31% de excertos "novos" (TABELA 9). Desta maneira, observa-se que dentre os 154 excertos da 1ª edição, 54 vieram de quatro compêndios tradicionais, dos quais três eram antologias usadas nas aulas de português (*Íris Clássico*, *Seleta Nacional* e *Curso de Literatura Brasileira*) e o outro uma história literária adotada nas aulas de retórica e poética (*Curso Elementar de Literatura Nacional*).

Outros 52 excertos vieram, ou foram conservados, da *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza, seleta usada nas aulas de português, entre 1887 e 1894, cuja refusão resultou na ***Antologia Nacional***. A maioria destes excertos pertenciam aos escritores chamados "clássicos", ou seja, anteriores ao século XIX.

Constituíam, assim, novidade os 46 excertos restantes, ou seja, menos de um terço do livro, sendo que destes, 33 eram de autores do século XIX, a maioria brasileiros.

Portanto, se a ***Antologia Nacional*** conservou tantos excertos já tradicionais na escola, por que ela foi fabricada como nova proposta de ensino? Qual era sua vantagem sobre os compêndios anteriores, além dos 31% de excertos "novos"? E, sobretudo, por que ela permaneceu tanto tempo na escola brasileira?



ANTHOLOGIA NACIONAL

869.0(81)

OU

COLLECÇÃO DE EXCERPTOS

DOS

Principaes Escriptores da Lingua Portugueza

DO 19.º AO 16.º SECULO

POR

FAUSTO BARRETO

E

CARLOS DE LAET

Precedida de uma introducção grammatical e entremeiada de breves noticias bio-bibliographicas.

REFUNDIÇÃO COMPLETA

DA

SELECÇÃO LITTERARIA

ADOPTADA NO GYMNASIO NACIONAL E EM OUTROS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO.

Rio de Janeiro

NA LIVRARIA DE J. G. DE AZEVEDO, EDITOR

33 — Rua da Uruguayana — 33

1895

Fig. 26 - Antologia Nacional, 1ª edição, 1895.

O breve histórico sobre as disciplinas português e literatura, construído ao longo do capítulo anterior, aponta que a ***Antologia Nacional*** nasceu num momento muito especial, logo após a Proclamação da República, quando houve um esforço para "modernizar" o ensino brasileiro, tornando-o mais *científico* e comprometido com a nação, e menos clássico e *livresco*. Além disso, a adoção dos programas e compêndios do Colégio Pedro II (onde a ***Antologia*** apareceu) tornou-se obrigatória nas outras escolas (públicas ou privadas), e nos Preparatórios, os exames que davam acesso às faculdades.

O ensino do vernáculo e o ensino de literatura nacional, nesta época dois itens importantes para a representação da nação, eram encarados como processo histórico, modernizando e rearranjando seus conteúdos através da classificação cronológica.

Por suas características declaradamente nacionalistas, a produção literária do século XIX tinha um lugar de destaque neste processo. No caso do Brasil, o destaque era ainda maior, pois o Romantismo era o marco de nossa autonomia literária.

Nesse sentido, a ***Antologia Nacional*** era uma nova proposta de ensino, pois ela rearranjou os conteúdos tradicionais, apresentando-os por períodos cronológicos, e enfatizou a "Fase Contemporânea", invertendo a ordem cronológica e separando a literatura brasileira da literatura portuguesa. Por outro lado, além dos excertos, a ***Antologia Nacional*** parece ter incorporado também algumas características que já estavam presentes nesses compêndios anteriores.

O *Íris Clássico* (1859) de José Feliciano de Castilho, adotado durante a década de 1860, enfatizava os excertos de autores portugueses do século XVI e XVII, mas incluía também autores portugueses dos séculos XVIII e XIX, além de alguns brasileiros. O nome do autor vinha assinalado no final de cada excerto e não havia qualquer informação biobibliográfica. A ordem de apresentação era quase caótica, não havendo qualquer divisão que indicasse a época, os gêneros ou a nacionalidade dos autores. A poesia, com poucos excertos, vinha emaranhada entre os textos de prosa, desempenhando papel modesto no livro. A ênfase na "vernaculidade" calcada em modelos "clássicos", sobretudo em autores dos séculos XVI e XVII, fica visível não só em alguns excertos sobre a língua portuguesa, agrupados na *Primeira Parte*, mas também nos prefácios, prólogos, conversas preambulares e epílogos escritos pelo compilador. A história portuguesa e os tradicionais temas morais dos padres e freis são também assuntos privilegiados. A presença de autores brasileiros e de temas históricos relacionados com o Brasil devia-se, provavelmente, ao público destinatário, evocado na página de rosto da 5ª edição do *Íris Clássico*, que era *oferecido aos mestres e aos alunos das escolas brasileiras*.

O *Curso Elementar de Literatura Nacional* (1862) do Cônego Fernandes Pinheiro, adotado nas décadas de 1860 e 1870, narrava aos alunos de Retórica, Poética e Literatura Nacional do Colégio Pedro II a "história da literatura portuguesa e nacional", inserida no currículo desde 1857. Fernandes Pinheiro dividiu seu livro em "épocas" literárias, que seguiam mais ou menos a história dos reinados portugueses, enfocando desde a "fundação da monarquia" em 1140 até o movimento romântico em Portugal e no Brasil. A forma de organização de cada época seguia os preceitos da retórica e da poética, apresentando os gêneros e sub-gêneros

de cada período, divididos pelos autores, que eram repetidos de acordo com a variação de gêneros. Luís de Camões, por exemplo, apareceu na "Terceira Época - 1479-1580", no "gênero lírico" ("espécie bucólica" e "espécie lírica"), no "gênero didático" ("espécie epigramática"), no "gênero épico" e no "gênero dramático" ("comédia"). Junto com a informação sobre a vida e a obra dos autores contemplados, Fernandes Pinheiro tinha o cuidado de acrescentar opiniões (suas e alheias) sobre o valor literário de cada obra, exemplificando a escolha com excertos, o que não o impedia, porém, de apontar, às vezes, alguns defeitos do autor. Por ser um compêndio de história literária e não uma antologia, os excertos não receberam títulos.

Selecionei o *Curso Elementar de Literatura Nacional* do Cônego Fernandes Pinheiro para cotejá-lo com a ***Antologia Nacional***, porque além de ter sido mencionado por Carlos de Laet em algumas notas biobibliográficas que antecedem os excertos da ***Antologia Nacional***, sua influência parece ter sido mais abrangente do que aparenta. A análise individual dos autores e excertos da ***Antologia*** tentará mostrar o diálogo estabelecido entre estes dois compêndios.

A *Seleta Nacional* (1873-1877) de Caldas Aulete, seguindo principalmente a orientação retórica, desdobrou o estudo da língua e da literatura vernácula em três volumes: "Parte I - Literatura", "Parte II - Oratória" e "Parte III - Poesia". O primeiro volume, adotado nas décadas de 1870 e 1880 nas aulas de português, obteve maior sucesso do que os demais, ultrapassando vinte edições. Neste volume, como vimos, o compilador reuniu sob a denominação de "Literatura", um conjunto de trechos em prosa, ora divididos por gêneros e sub-gêneros, ora aglutinados por assunto. A maior parte deles eram de autores do século XVI e XVII, mas havia trechos dos dois séculos seguintes, sem obedecer, contudo, qualquer ordem de tempo ou de nacionalidade. Como no *Íris Clássico*, cada trecho era introduzido por um título, vindo ao final registrado o nome do autor. A *Seleta Nacional* mencionava ainda a fonte de onde o excerto tinha sido extraído e, provavelmente, a partir da 5ª edição (1882), foram incluídas notas de rodapé com informações biobibliográficas. Os outros dois volumes, "Oratória" e "Poesia", conservaram a tradicional divisão por gêneros.

O *Curso de Literatura Brasileira* (1876) de Mello Morais Filho, adotado nas aulas de português do primeiro ano, na década de 1880, selecionou apenas autores brasileiros, sobretudo do século XIX. Além da divisão entre *Prosa* e Verso, os excertos também foram separados por gêneros e assuntos: *quadros e descrições, narrações, lendas, diálogos, filosofia, história pátria e universal, eloqüência política e sagrada*, etc., *poesia lírica, descritiva, indianas, filosóficas, elegias*, etc. Como nos livros didáticos anteriores, os excertos receberam títulos e, no final de cada um, vinha o nome do autor. A maioria das fontes bibliográficas foi citada.

A *Seleção Literária* (1887) de Fausto Barreto e Vicente de Souza, como vimos, teve seu consumo muito ampliado na década de 1890, quando foi adotada oficialmente nas escolas secundárias e nos Exames Preparatórios. Esta foi a primeira antologia brasileira, usada nas aulas de português, que apresentava num só volume, excertos de autores brasileiros e portugueses, divididos entre prosa e poesia, em ordem cronológica, "do século XVI ao XIX". A distinção entre prosadores e poetas vinha sendo observada tanto no currículo de

português, desde 1877, quanto em alguns compêndios. Já a indicação da leitura e recitação de textos escalonados por séculos (geralmente do 19° ao 16° século), apareceu, pela primeira vez, no currículo de 1881. Desta forma, a *Seleção Literária* atendia às expectativas curriculares com a vantagem de abranger todo o currículo de português e, com a adoção de apenas um volume para todos os anos, barateava o custo dos livros didáticos. Como as outras antologias, a *Seleção Literária* atribuiu um título para cada excerto e o nome do autor, junto com a fonte bibliográfica, vinham no final de cada trecho. Não havia, porém, qualquer outra informação biobibliográfica, nem foi feita distinção de nacionalidade. Os autores com maior número de excertos pertenciam aos séculos XVI e XVII e a participação dos brasileiros contemporâneos era acanhada.

Ao que parece, a ***Antologia Nacional*** aproveitou não só os 69% de excertos presentes nos compêndios anteriores, mas absorveu e reelaborou alguns traços pedagógicos e editoriais de seus antecessores.

Do *Íris Clássico*, ela adotou o compromisso com a "vernaculidade" (usando, inclusive, a mesma epígrafe de Antonio Ferreira), e o interesse pelos trechos históricos que falavam do Brasil. Do *Curso Elementar* de Fernandes Pinheiro, ela manteve o enfoque histórico (e crítico), da língua e da literatura, relacionando-as com a nação. Assim, distribuiu autores e excertos por períodos cronológicos, introduzindo-os com dados biobibliográficos e julgamentos "críticos". Da *Seleta* de Caldas Aulete, além de tomar o adjetivo "nacional" do título (que possibilitava a reunião de brasileiros e portugueses, uma vez que seu objetivo era ilustrar as "culminâncias da pátria literatura"), ela aprendeu sobre a variedade dos assuntos e gêneros que podiam interessar ao público escolar, aproveitando vários excertos. Do *Curso de Literatura* de Melo Morais, ela imitou a separação entre prosa e poesia, a valorização dos autores brasileiros do século XIX e o gosto pelos assuntos nacionais. E, por último, da *Seleção Literária*, ela herdou a divisão cronológica (que depois inverteu), o formato compacto (encerrando autores e excertos de quatro séculos num só volume), a introdução gramatical (de Fausto Barreto) e, principalmente, a valiosa herança da adoção compulsória nas principais instâncias do curso secundário, o Colégio Pedro II e os Exames Preparatórios.

O resultado foi uma seleção que, em geral, privilegiou os excertos portugueses (TABELA 6), e , em particular, os excertos brasileiros contemporâneos. (TABELAS 5, 6 e 15) Nesse sentido, podemos afirmar que os compiladores da ***Antologia Nacional*** fizeram uma espécie de síntese dos compêndios anteriores, alguns dos quais eles tiveram oportunidade de utilizar em suas próprias aulas, pois ambos lecionavam no Colégio Pedro II desde a década de 1870.

Carlos Maximiano Pimenta de Laet (1847-1927) era professor de "português, geografia e aritmética" do 1° ano, desde 1873. Escrevia no Jornal do Comércio e foi redator de debates do senado de 1877 a 1888. No final da década de 1880 escreveu com Fausto Barreto na Tribuna Liberal, sob o comando do Visconde de Ouro Preto. As boas relações com Ouro Preto valeram, em 1889, a nomeação de Laet para oficial de gabinete e a nomeação de Fausto Barreto para a presidência da província do Rio Grande do Norte, cargos, no entanto, extintos neste mesmo ano com a virada do regime político. Carlos de Laet se indispôs publicamente contra o

novo regime e, em 1890, foi afastado do Colégio Pedro II. Isso não impediu, entretanto, que a ***Antologia Nacional*** fosse adotada em 1895 pelo mesmo governo que o havia banido, e que só o perdoaria em 1915.

Fausto Carlos Barreto (1852-1915) foi professor substituto de *português e literatura geral* do 7° ano, de 1879 a 1883, quando ganhou o concurso para professor titular de português do 2° ao 5° ano. Em 1887 publicou junto com o professor de latim, Vicente de Souza, a *Seleção Literária*, cuja 2ª edição, de 1891, teve acolhida oficial. Assim como Laet, Fausto Barreto era monarquista, mas, ao contrário deste, parece ter se acomodado à nova ordem, pois foi nomeado pelo governo republicano, em 1892, professor de *gramática histórica* do Colégio Militar. O prestígio e o poder de Fausto Barreto no ensino secundário e a adoção oficial da *Seleção Literária* devem ter pesado na adoção oficial da 1ª edição da ***Antologia Nacional***. Além do mais, durante o longo afastamento de Carlos de Laet do Colégio Pedro II (de 1890 a 1915), Fausto Barreto deve ter sido o maior responsável pela continuidade da adoção oficial da ***Antologia Nacional*** naquela instituição e no Colégio Militar.

No prefácio da 1ª edição os compiladores traçam o plano da obra e comentam sobre os principais aspectos de sua composição, revelando aos leitores sua concepção de ensino de língua e de literatura:

> Convidados pelo prestimoso editor J. G. de Azevedo para corrigir a *Seleção Literária* compilada por um dos coletores desta *Antologia* e outro professor, mais acertado nos pareceu refundi-la de todo, dando-lhe a forma com que ora a deparamos à publicidade.
>
> Se alguns trechos foram conservados, e avisadamente o deveram ser, muitos foram substituídos, e acrescentados outros, procurando nós não omitir nenhuma das culminâncias da pátria literatura.
>
> Acertado julgamos principiar pela fase contemporânea, e desta remontar às nascentes da língua, pois que tal é o caminho natural do estudioso, que primeiro sabe como fala para depois aprender como se falava. Nessa aprazível viagem, muito a contragosto tivemos de parar como que nos limites da navegabilidade do formoso rio gótico, isto é, no 16° século. Ir mais adiante nos vedava a incumbência do editor, que não desejava encarecer a obra, avolumando-a sem maior necessidade; mas talvez que em subsequente edição, dado que esta seja bem sucedida, concluamos a encetada viagem, aventurando-nos pelas alpestres e recônditas alturas donde manou a língua portuguesa.
>
> Nos espécimens da literatura coeva pusemos especial cuidado; e bem desenvolvida vai esta parte. Há de notar-se que omitimos os escritores vivos; foi de propósito: assim cuidadosos evitamos o acrescer à dificuldade da escolha o receio de magoarmos vaidosos melindres. *Irritabile genus*...
>
> Em geral procuramos uniformizar a ortografia; mas por exceção a deixamos com sua fisionomia irregular em certos autores; e isto de proveitosa lição poderá servir nas aulas.
>
> Esmeramo-nos em repelir tudo que não respirasse a honestidade que cumpre manter no ensino, observando, como pais de família e educadores, o máximo respeito que, como disse um romano, todos devemos à puerícia.
>
> O apartamento dos escritores em brasileiros e portugueses fizemo-lo só na fase contemporânea, em que claramente se afastaram as duas literaturas como galhos vicejantes a partirem do mesmo tronco. Antes disso razão de ser não houvera tal apartamento, que apenas se fundara em ciúmes de nacionalidade, muito mal cabidos na serena esfera das letras.
>
> Já não se nos afigurou desarrazoado, na escolha dos assuntos, optarmos por aqueles que entendessem com a nossa terra; e por isto nos sorriu que do Brasil falassem, não somente Rocha Pita, Magalhães ou Alencar, mas ainda o

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

quinhentista João de Barros, o seiscentista Francisco Manuel de Melo e o coevo Latino Coelho. Ouvir da pátria por boca estrangeira e imparcial é sempre delícia para todo coração bem nascido.

Antecede aos excertos um estudo gramatical sobre a sintaxe da proposição simples e da proposição composta, da lavra de um dos compiladores, o professor Fausto Barreto; e da do outro compilador são as notícias biobibliográficas antepostas ao primeiro trecho de cada autor. Nesses pequenos resumos são as sentenças críticas quase sempre proferidas por juizes especiais e competentes.

Idéia tivemos também de anotar os trechos, solvendo as maiores dúvidas que a jovens leitores neles pudessem ocorrer; porém no-lo vedou a escassez do tempo, ficando para melhor ocasião o que em tal sentido havíamos começado.

O título de *Antologia* muito de indústria o adotamos. Se os vocábulos podem ter cheiro, este é de certo um dos mais odoríferos. Em seus dois elementos efetivamente reúne a idéia da *flor* e a da *palavra*, que é a flor do entendimento. Não havia senão os Gregos para formarem vocábulos como esse! Aproveitemo-lo.

E ele também prevenirá o leitor benigno de que se não escandalize de quaisquer lacunas. Um ramalhete não é um horto botânico. Basta que formosas e aromáticas sejam as flores aqui reunidas, e que oferecemos à mocidade de ambos os países onde se fala o português.

FAUSTO BARRETO.
CARLOS DE LAET. [181]

Ao explicar a origem da ***Antologia Nacional***, os compiladores atribuem ao editor da *Seleção Literária*, J. G. de Azevedo, a iniciativa de emendá-la. Porém, a decisão de transformá-la em outro compêndio parecia estar acordada entre as partes *a priori*, pois Carlos de Laet foi contratado no lugar do professor de latim, Vicente de Souza. Ao mesmo tempo, o aproveitamento de alguns e o descarte de outros dentre os excertos da *Seleção Literária* configuram alteração suficiente para a substituição.

O histórico das disciplinas português e literatura mostrou que a ordem cronológica inversa e o espaço de tempo (do século XIX ao século XVI) escolhidos na ***Antologia Nacional*** guiavam-se pelas práticas curriculares (explicitamente, a partir do currículo de 1881), independentemente do gosto pessoal dos compiladores ou da "incumbência do editor". A ***Antologia Nacional*** foi inovadora porque incorporou uma prática escolar específica das aulas de português na sua forma de apresentação, com a vantagem econômica de concentrar os conteúdos exigidos num só volume.

Àqueles que a julgassem incompleta, os compiladores acenavam com a possibilidade de incluir trechos anteriores ao século XVI em futuras edições, porque eles eram exigidos para o estudo de *gramática histórica*, geralmente ensinada nas séries mais adiantadas de português. Tal ausência foi suprida com a *Antologia Portuguesa* (1876) de Teófilo Braga, que trazia excertos do século XIII ao século XVIII, e foi adotada em 1881, sendo também mencionada nos currículos da década de 1890.

Na outra ponta, dedicada à literatura contemporânea, residia o "especial cuidado" dos compiladores, pois a ela estava confiada a tarefa de introduzir os alunos no estudo da língua e da literatura nacionais. Desta forma, eles selecionaram 29 excertos de prosadores brasileiros e portugueses do século XIX, na primeira

[181] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., 1ª ed., p. V-IX.

parte, e 29 excertos de poetas brasileiros e portugueses na segunda parte, totalizando 58 excertos, contra os 34 excertos contemporâneos da *Seleção Literária*. Se a ordem cronológica inversa é a mais indicada ao estudioso da língua, ela também destaca a literatura contemporânea, sobretudo a brasileira, já desmembrada e independente da portuguesa. A inversão formal, portanto, determina a inversão histórica, ou seja, o estudo da língua portuguesa na escola brasileira inicia-se pelo período literário final, no século XIX, quando a literatura brasileira começa a ter vida própria e pode representar a nação.

Assim, o critério de incluir só os autores mortos entre os contemporâneos para não magoar "vaidosos melindres", demonstra que os compiladores tinham consciência de que suas escolhas extrapolavam os muros da escola quando se tratava, mesmo num livro didático, de eleger um *corpus* representativo da boa língua e da boa literatura nacional.

Tratava-se de definir ou de instaurar a cultura nacional - ou ainda avalizar um certo recorte dela.

A reprodução da ortografia original de alguns excertos antigos mostrou-se improdutiva, tendo que ser corrigida na 2ª edição da ***Antologia Nacional***, pois ao invés de ajudarem a servir de base "para estudos de ortografia comparada", na prática verificou-se "que a não poucos alunos induziam a erro tais anomalias". [182]

Por ser um livro destinado a um público em formação (alunos do secundário), os compiladores previam a necessidade de censurar trechos que eles considerassem desonestos. A "lira XXVIII" de Tomás Antonio Gonzaga e o capítulo XXVIII do *Quincas Borba* de Machado de Assis, são exemplos de excertos que sofreram este tipo de expurgo. Do primeiro foram cortadas três estrofes carregadas de sensualismo, e do segundo (incluído a partir da 6ª edição) foram retirados quatro parágrafos que aludiam ao adultério.

A subdivisão dos autores do século XIX, por nacionalidade, seguiu o mesmo princípio romântico de Fernandes Pinheiro no seu *Curso Elementar*. O critério de separar brasileiros e portugueses da fase contemporânea, assumia vital importância num compêndio que, além de cumprir funções tradicionais, de cultivar a vernaculidade através da apresentação das "culminâncias da pátria literatura", pretendia também representar a nação brasileira. A figuração de nossa cultura revelou-se tão importante para a sobrevivência da ***Antologia Nacional***, que, nas edições seguintes, os acréscimos de autores e excertos se concentraram neste segmento, dos brasileiros contemporâneos.

Para complementar a escolha de autores brasileiros, os compiladores entenderam que também caberia ao esboço da pátria a escolha de assuntos "que entendessem com a nossa terra", na prática, geralmente temas históricos, e, se o autor fosse português, tanto melhor, pois suas opiniões pareceriam isentas.

A conservação do estudo de análise sintática antes dos excertos, intitulado "Noções Elementares da Sintaxe da Proposição Simples e da Proposição Composta", que vinha desde a *Seleção Literária*, assinalava a preocupação dos compiladores (e da escola secundária) com o ensino desta parte da gramática, endossando a autoridade de Fausto Barreto, autor do "estudo gramatical". É impressionante a vigência destas notas

---

[182] Id., ibid., 2ª ed., 1896, "Prefácio da Segunda Edição", p. XII.

gramaticais, válidas até 1960, fato que pode indicar a longevidade do modelo pedagógico que privilegiava a análise sintática nas aulas de português.

Já as "notícias biobibliográficas", de autoria de Carlos de Laet, que, juntamente com a divisão por épocas, promoveram a fusão da história e da crítica literária com o estudo da língua portuguesa, permaneceram praticamente inalteradas até a última edição da ***Antologia Nacional***. Desta forma, o ensino do vernáculo passou a ser feito através da leitura (e análise) de autores e excertos compartimentados por séculos, cuja ordem e divisão não eram mais ditadas pela retórica, e sim pela história (e crítica) literária, permitindo que fosse construída uma imagem de língua e de literatura especificamente nacionais. A vantagem do enfoque histórico sobre o ensino retórico foi a possibilidade de unir o tradicional com o moderno, por um lado, fazendo com que a convivência entre portugueses e brasileiros fosse quase natural ao reconhecer nossa dependência colonial, e por outro lado, assegurando nossa auto-estima ao acrescentar e desenvolver o período contemporâneo, posterior à independência, representante da nova nação.

A idéia de incluir notas explicativas de alguns termos facilitaria o entendimento dos alunos e o trabalho do professor, agilizando o trabalho em classe sem ter que recorrer constantemente a dicionários e a gramáticas, mas aumentaria sobremaneira o tamanho do volume, além de tomar mais tempo dos compiladores. Tal intenção só vingaria algumas décadas depois, na 25ª edição (1945), quando as "notas esclarecedoras" entraram na ***Antologia Nacional*** (juntamente com novos autores) pelas mãos do professor Daltro Santos, sendo que alguns excertos e autores foram cortados para compensar o acréscimo.

Fausto Barreto e Carlos de Laet encerraram o prefácio da 1ª edição fazendo apologia do termo que adotaram como título de seu compêndio, usando metáforas florais, tão afeitas ao gosto romântico que, ao que parece, dominava a literatura escolar no final do século XIX.

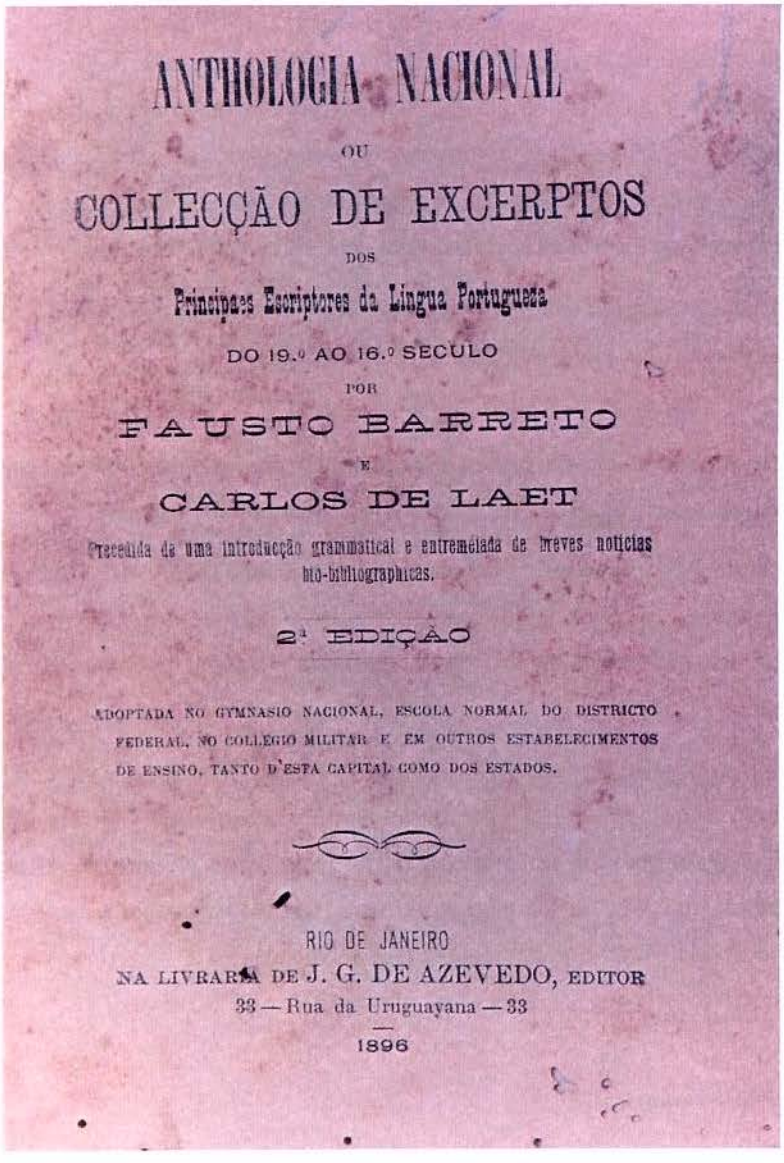
As principais características da ***Antologia Nacional***, expostas pelos próprios compiladores no prefácio da 1ª edição, parecem responder, ao menos em parte, porque ela foi feita como nova proposta de ensino, anunciando suas vantagens em relação aos compêndios antecessores.

Tanto o *Curso Elementar de Literatura Nacional* de Fernandes Pinheiro quanto a *Seleta Nacional* de Caldas Aulete privilegiaram a divisão retórica, salientando em quase todos os gêneros a superioridade dos autores portugueses sobre os brasileiros. Usando o mesmo critério retórico, mas excluindo os portugueses, o *Curso de Literatura Brasileira* de Mello Morais Filho, reuniu só autores brasileiros (principalmente os do século XIX), procurando desenvolver gêneros e assuntos, restringindo sua adoção ao primeiro ano do currículo de português, pois o ensino do vernáculo seguia com os autores mais antigos, principalmente os portugueses. O *Íris Clássico* pecava pela falta de qualquer organização, além de não incluir a literatura contemporânea. A *Seleção Literária* apesar de expor os excertos em ordem cronológica e dividi-los em prosa e poesia, superestimava os autores mais antigos, sobretudo os padres e freis, dando pouca atenção aos autores mais modernos, e sem dispor de notas biobibliográficas, que davam maior legitimidade à seleção.

A ***Antologia Nacional***, respeitando a tradição pedagógica, foi composta com 69% de excertos que já circulavam na escola.

Sua inovação foi então reelaborar o velho *corpus*, dispondo-o segundo critérios históricos, recentemente adotados no currículo de Português, permitindo que a literatura contemporânea brasileira fosse acrescentada como um novo elo no estudo do vernáculo, com o mesmo *status* dos períodos anteriores. Sua adoção oficial no Colégio Pedro II e nos Exames Preparatórios permitiu que fosse aceita com sucesso.

O "Prefácio da Segunda Edição" (**fig. 27**) dimensiona a importância da adoção oficial:



ANTHOLOGIA NACIONAL

OU

COLLECÇÃO DE EXCERPTOS

DOS

Principaes Escriptores da Lingua Portugueza

DO 19.º AO 16.º SECULO

POR

FAUSTO BARRETO

E

CARLOS DE LAET

Precedida de uma introducção grammatical e entremeiada de breves noticias bio-bibliographicas.

2ª EDIÇÃO

ADOPTADA NO GYMNASIO NACIONAL, ESCOLA NORMAL DO DISTRICTO FEDERAL, NO COLLEGIO MILITAR E EM OUTROS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO, TANTO D'ESTA CAPITAL COMO DOS ESTADOS.

RIO DE JANEIRO

NA LIVRARIA DE J. G. DE AZEVEDO, EDITOR

33 — Rua da Uruguayana — 33

1896

Fig. 27 - Antologia Nacional, 2ª edição, 1896.

> Estampou-se a 1ª edição da *Antologia Nacional* em princípios de 1895, e mal decorrera um ano quando pelo editor fomos avisados da escassez de exemplares.
>
> Tão rápido consumo bem claro demonstra quão benévolo acolhimento obteve este opúsculo, cujo mérito, somos os primeiros a reconhecê-lo, quase se reduz a discretamente escolher no opulento vergel da pátria literatura; e, posto que não nos deslumbrem os animadores juízos que saudaram o nosso humilde trabalho, assim na imprensa diária como em particulares conceitos de mestres e colegas, sem requintes de modéstia nos é lícito acreditar que não muito nos distanciamos do que devera ser feito.
>
> Não desejando, por ora, o honrado editor alongar um livro oficialmente adotado em várias casas de ensino, e que cumpre não tornar caro, principalmente na quadra atual, resolvemos não ampliar a obra, limitando-nos a expurgá-la de alguns senões.
>
> FAUSTO BARRETO.
> CARLOS DE LAET. [183]

Infelizmente não consegui obter muitas informações sobre a quantidade de exemplares das edições da ***Antologia Nacional***, mas estima-se (conforme informações que obtive de um funcionário da Francisco Alves em 1988) que, no final do século XIX, as tiragens de livros didáticos eram, em média, de três mil exemplares. O "Prefácio da Segunda Edição" testemunha, um ano depois, o rápido consumo e o sucesso da 1ª edição da ***Antologia Nacional***, a qual permaneceu na editora de J. G. de Azevedo até sua quarta edição.

A terceira edição da ***Antologia Nacional*** **(fig. 28)** é de 1901 e foi impressa pela Livraria da Viúva Azevedo & C., de onde se pressupõe a morte do editor J. G. de Azevedo.

A quarta edição é de 1903 **(fig. 29)** e foi publicada com o mesmo registro editorial da terceira edição.

A partir da 5ª edição, de 1909, ela passou para as mãos de Francisco Alves, "o primeiro editor brasileiro a fazer" da publicação de livros didáticos "o principal esteio de seu negócio". [184]

A Livraria Francisco Alves cresceu muito nas duas primeiras décadas do século XX, comprando várias concorrentes. Segundo Hallewell, "a pequenina livraria da Viúva Azevedo" (antiga Livraria J. G. de Azevedo), foi comprada apenas para obter os direitos da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet.[185]

Segundo informações do professor Aníbal Bragança [186], o editor Francisco Alves comprou a Livraria da Viúva Azevedo & Cia em 19 de maio de 1909, conforme escritura lavrada no 8º Cartório do Tabelião Paula e Costa, no Rio de Janeiro. Talvez por isso, tenha saído a chancela da Livraria Francisco Alves na **capa** da 5ª edição da ***Antologia Nacional*** **(fig. 30)** e na sua **página de rosto (fig. 31)** ainda aparece o registro da Livraria da Viúva Azevedo & C., pois esta edição é exatamente igual à 4ª edição.

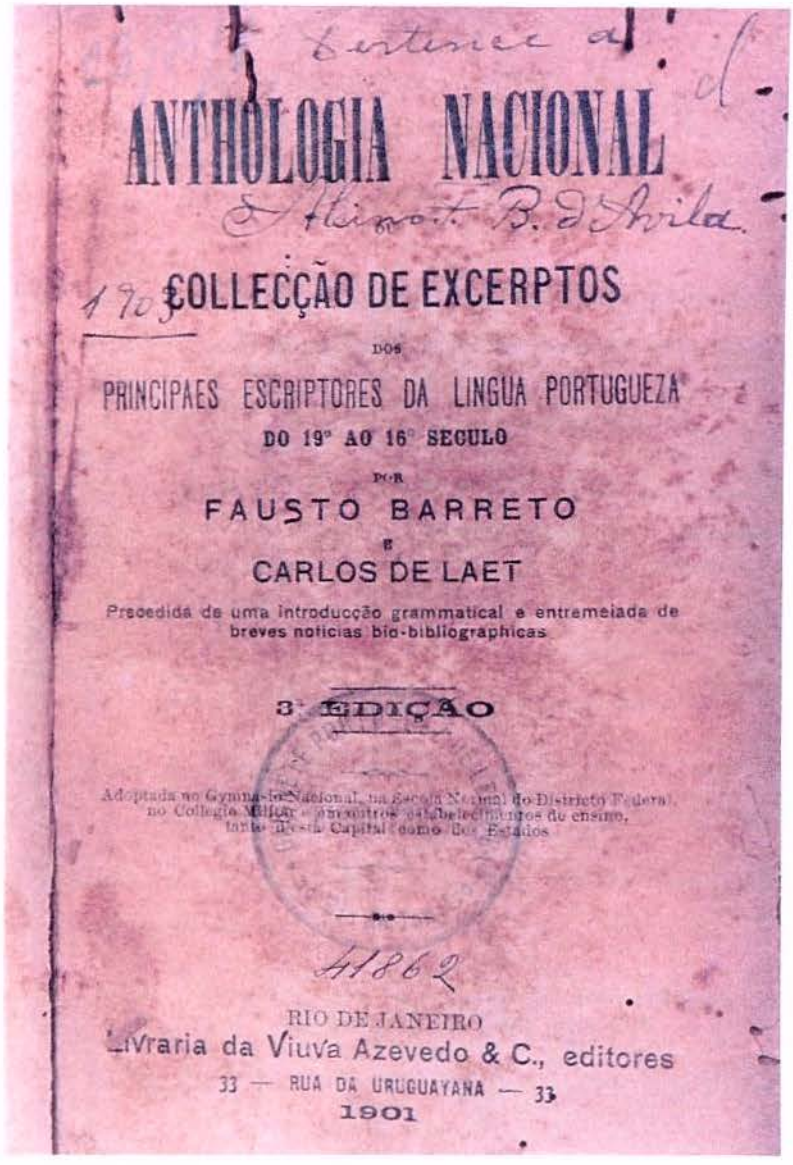
---

[183] Id., p. XI-XII.

[184] HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, p. 207.

[185] Id., ibid., p. 210-11.

[186] **Aníbal Bragança** é professor da Universidade Federal Fluminense e está fazendo uma tese sobre o editor Francisco Alves, cujo título provisório é "Livro e Leitura no Brasil: a trajetória do livreiro e editor Francisco Alves no contexto da expansão da cultura letrada na sociedade brasileira - 1870 - 1920."



ANTHOLOGIA NACIONAL

COLLECÇÃO DE EXCERPTOS

DOS

PRINCIPAES ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

DO 19° AO 16° SECULO

POR

FAUSTO BARRETO

E

CARLOS DE LAET

Precedida de uma introducção grammatical e entremeiada de breves noticias bio-bibliographicas

3ª EDIÇÃO

Adoptada no Gymnasio Nacional, na Escola Normal do Districto Federal, no Collegio Militar e nos principaes estabelecimentos de ensino, tanto desta Capital como dos Estados

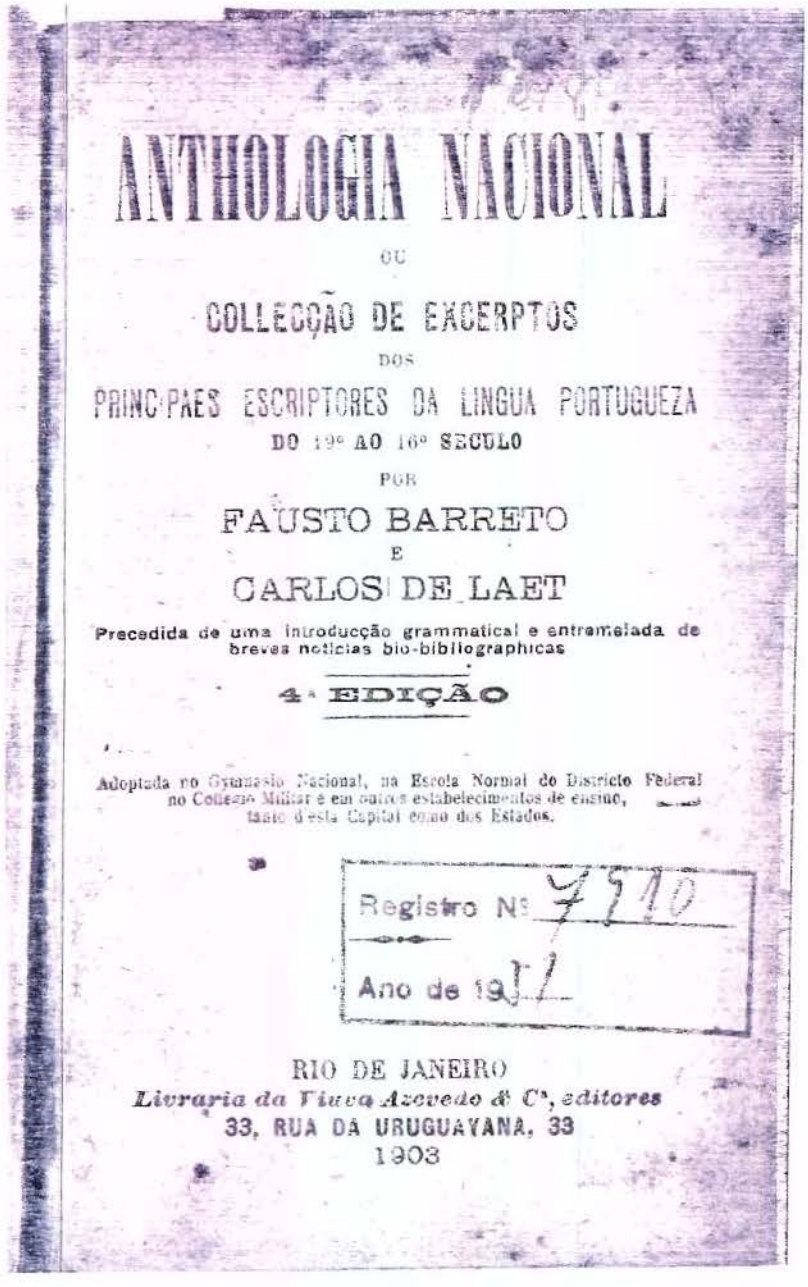
RIO DE JANEIRO

Livraria da Viuva Azevedo & C., editores

33 — RUA DA URUGUAYANA — 33

1901

Fig. 28 - Antologia Nacional, 3ª edição, 1901.



ANTHOLOGIA NACIONAL

OU

COLLECÇÃO DE EXCERPTOS

DOS

PRINCIPAES ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

DO 13º AO 16º SECULO

POR

FAUSTO BARRETO

E

CARLOS DE LAET

Precedida de uma introducção grammatical e entremeiada de breves noticias bio-bibliographicas

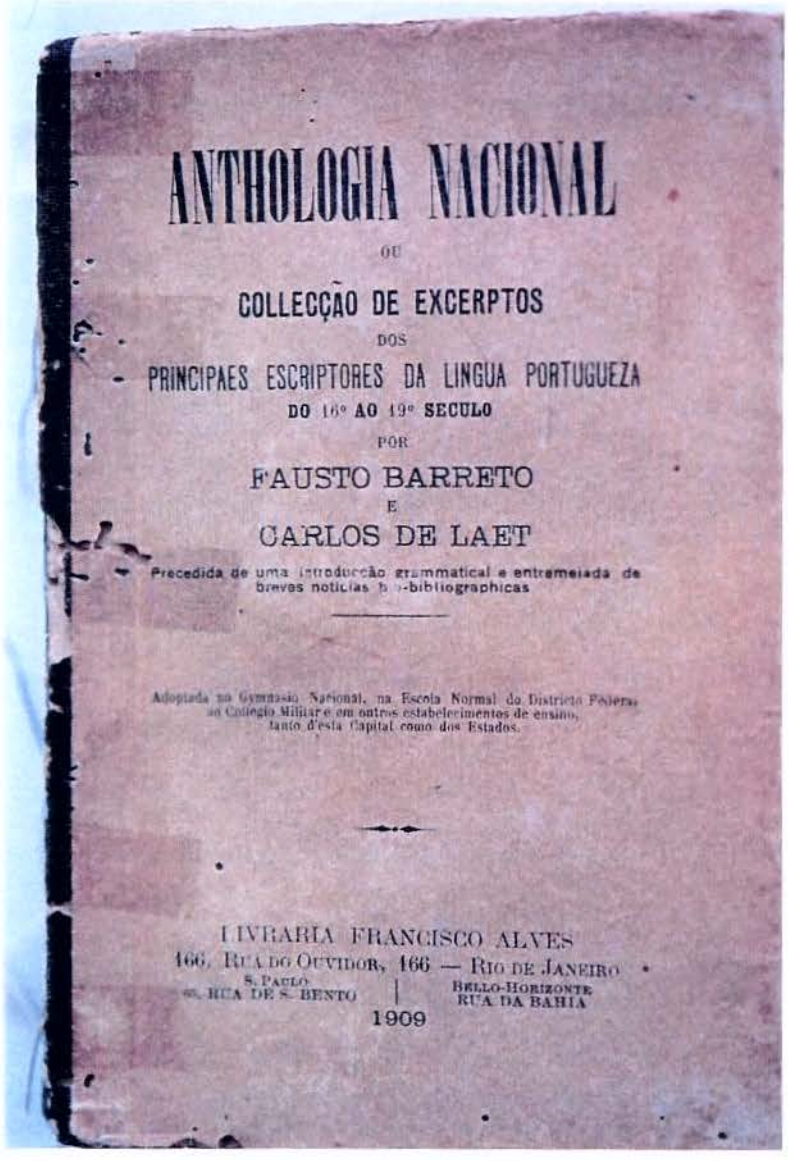
4ª EDIÇÃO

Adoptada no Gymnasio Nacional, na Escola Normal do Districto Federal no Collegio Militar e em outros estabelecimentos de ensino, tanto desta Capital como dos Estados.

Registro Nº 7710
Ano de 1911

RIO DE JANEIRO
Livraria da Viuva Azevedo & Cª, editores
33, RUA DA URUGUAYANA, 33
1903

Fig. 29 - Antologia Nacional, 4ª edição, 1903.



ANTHOLOGIA NACIONAL

OU

COLLECÇÃO DE EXCERPTOS

DOS

PRINCIPAES ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

DO 16º AO 19º SECULO

POR

FAUSTO BARRETO

E

CARLOS DE LAET

Precedida de uma introducção grammatical e entremeiada de breves noticias b[illegible]-bibliographicas

Adoptada no Gymnasio Nacional, na Escola Normal do Districto Federal, no Collegio Militar e em outros estabelecimentos de ensino, tanto d'esta Capital como dos Estados.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

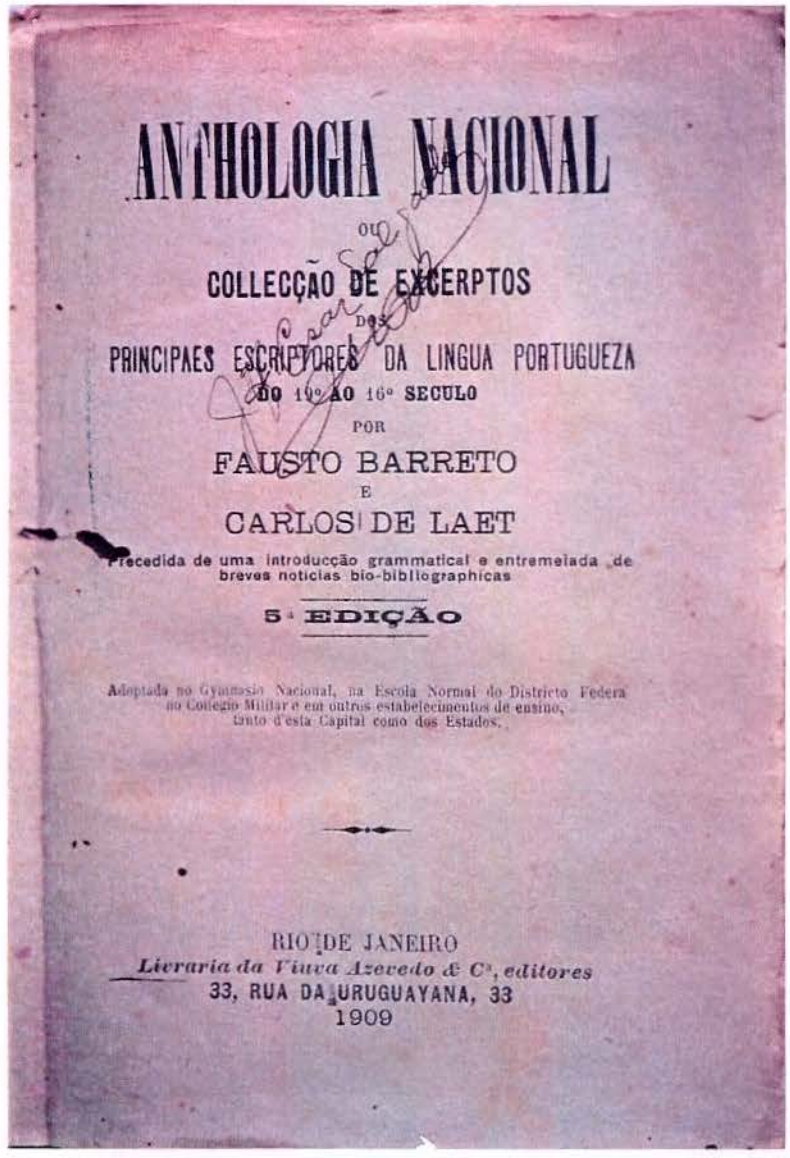
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

S. PAULO
65, RUA DE S. BENTO

BELLO-HORIZONTE
RUA DA BAHIA

1909

Fig. 30 - Antologia Nacional, 5ª edição, 1909, capa.



ANTHOLOGIA NACIONAL

OU

COLLECÇÃO DE EXCERPTOS

DOS

PRINCIPAES ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

DO 16º AO 16º SECULO

POR

FAUSTO BARRETO

E

CARLOS DE LAET

Precedida de uma introducção grammatical e entremeiada de breves noticias bio-bibliographicas

5ª EDIÇÃO

Adoptada no Gymnasio Nacional, na Escola Normal do Districto Federal no Collegio Militar e em outros estabelecimentos de ensino, tanto d'esta Capital como dos Estados.

RIO DE JANEIRO
Livraria da Viuva Azevedo & Cª, editores
33, RUA DA URUGUAYANA, 33
1909

Fig. 31 - Antologia Nacional, 5ª edição, 1909, página de rosto.

Informou ainda o professor Aníbal Bragança que na página 127 do *Livro de Entradas de Edições feitas em Paris e Lisboa* da Editora Francisco Alves, consta que a 5ª edição da ***Antologia Nacional*** ("1ª feita em Paris", em 9 de novembro de 1912), foi de 10.000/11.000 exemplares, tendo custado 8.110 francos. Aníbal diz que as remessas, feitas de Paris para o Rio de Janeiro, iniciaram-se nesse mesmo dia 9 de novembro de 1912 e se estenderam até 5 de julho de 1913, totalizando 11.041 exemplares.

Já a publicação feita para comemorar o centenário da Livraria Francisco Alves indica a 6ª edição da ***Antologia Nacional*** como a primeira feita na nova casa editorial.[187]

Sem dúvida há uma pequena confusão de datas e de edições, que os próprios exemplares podem esclarecer. Como vimos, a 5ª edição da ***Antologia Nacional*** foi impressa em 1909 (e não em 1912, como foi registrado no *Livro de Entradas de Edições feitas em Paris e Lisboa*), repetindo a página de rosto e o mesmo quadro de autores e excertos da 4ª edição.

Em novembro de 1912 começou a ser impressa em Paris a 6ª edição da ***Antologia Nacional***, da qual possuo um exemplar, com a data de 1913 (**fig. 32**), cujo quadro de autores e excertos sofreu vários acréscimos.

Como o prefácio da 6ª edição, "Duas palavras como antelóquio desta edição", informou que esta foi a primeira edição feita pela Francisco Alves, a confusão de datas e de edições persistiu. [188]

Portanto, a 6ª edição não foi a primeira feita pela Livraria Francisco Alves (e sim a 5ª edição), mas a 6ª foi a primeira edição que acrescentou autores e excertos do século XIX, sobretudo brasileiros.

O prefácio, portanto, da 6ª edição, além de registrar a mudança de casa editorial, acusou o acréscimo de autores contemporâneos:

> Por incumbência do Sr. Francisco Alves, aumentei a última edição da *Antologia Nacional*, que por mim e pelo meu estimável colega Sr. Fausto Barreto foi organizada em 1895, e desde então nunca perdeu a primeira linha entre as congêneres obras didáticas.
>
> Tendo tomado, como firme propósito, a resolução de só incluir nesta coleção os excertos de escritores que além de outras consagrações também tivessem a da morte, nesta edição se hão de achar nomes e artigos de alguns contemporâneos distintíssimos e que infelizmente já não figuram entre os vivos.
>
> Em tudo e por tudo ficou mantido o aspecto da obra, respeitando-se nisto a opinião que geralmente a tinha aplaudido.
>
> Se numerosas assim foram as ampliações na parte relativa à época atual, nada aumentei no tocante aos escritores de outras quadras; e para isto, bem como para a discreta limitação dos excertos, claro está que contribuiu a índole deste livro, que demasiado não se poderia alongar sem perder as suas vantagens de econômico e portátil.
>
> CARLOS DE LAET. [189]

Enquanto os prefácios anteriores foram assinados pelos dois compiladores, este, da 6ª edição, levou apenas o nome de Carlos de Laet. Procurando alguma explicação nos programas do Colégio Pedro II, é possível acreditar que Carlos de Laet poderia ter se dedicado mais aos autores e excertos contemporâneos, uma vez que estes eram indicados para os alunos do primeiro ano de Português, disciplina de que ele foi "catedrático" de 1873 a 1890. Portanto, para acrescentar novos autores contemporâneos na 6ª edição, parece

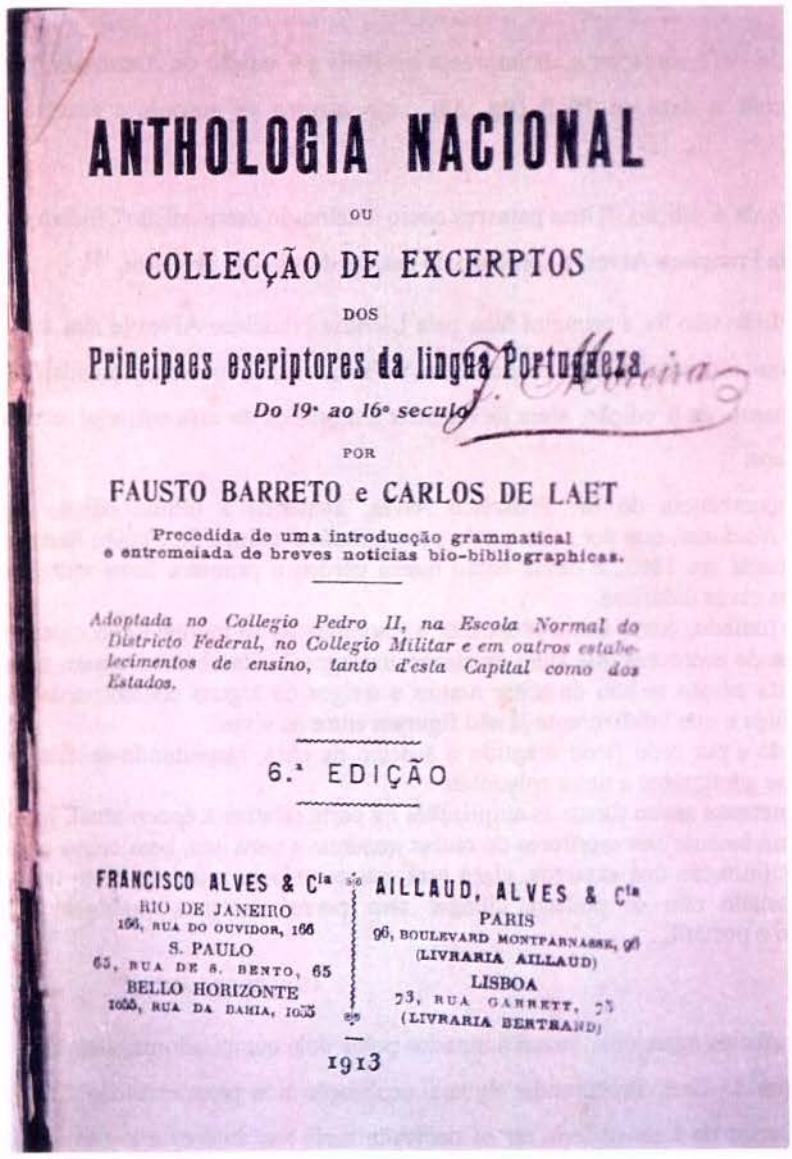
---

[187] *Histórico da Livraria Francisco Alves* (seguido de uma relação completa das obras publicadas desde o início de suas atividades editoriais).

[188] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., 6ª ed., p. 13.

[189] Id., ibid., p. 13.

possível que Carlos de Laet tenha sido chamado. Seguindo esse raciocínio, é possível também conjeturar que Fausto Barreto tenha se ocupado dos autores mais antigos, indicados para as séries mais adiantadas, uma vez que ele era professor titular de Português do segundo ao quinto ano.



ANTHOLOGIA NACIONAL

OU

COLLECÇÃO DE EXCERPTOS

DOS

Principaes escriptores da lingua Portugueza

Do 19º ao 16º seculo

POR

FAUSTO BARRETO e CARLOS DE LAET

Precedida de uma introducção grammatical
e entremeiada de breves noticias bio-bibliographicas.

Adoptada no Collegio Pedro II, na Escola Normal do Districto Federal, no Collegio Militar e em outros estabelecimentos de ensino, tanto d'esta Capital como dos Estados.

6.ª EDIÇÃO

FRANCISCO ALVES & Cia
RIO DE JANEIRO
166, RUA DO OUVIDOR, 166
S. PAULO
65, RUA DE S. BENTO, 65
BELLO HORIZONTE
1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & Cia
PARIS
96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96
(LIVRARIA AILLAUD)
LISBOA
73, RUA GARRETT, 73
(LIVRARIA BERTRAND)

1913

Fig. 32 - Antologia Nacional, 6ª edição, 1913.

No entanto, em carta da Livraria Francisco Alves a Carlos de Laet (cf. ANEXO VII), cuja xerocópia me foi gentilmente enviada pelo professor Aníbal Bragança, nota-se através do breve histórico dos direitos autorais pagos aos compiladores da ***Antologia Nacional***, que a remuneração de Fausto Barreto e Carlos de Laet (exposta na carta) nem sempre coincidiu com o que vinha anunciado nos prefácios.

Pela 1ª edição da ***Antologia Nacional*** os autores receberam de J. G. de Azevedo a quantia de "um conto de réis" cada um. Para o "novo prefácio e a revisão de provas da 2ª edição" foi pago a um deles (não está claro na carta quem recebeu) a quantia de quinhentos mil réis. Para a "5ª edição" (na verdade a 6ª, impressa em Paris em 9 de novembro de 1912), a direção da Francisco Alves afirmou que em 27 de agosto de 1912 ou 1913 (a data foi rasurada) Fausto Barreto assinou o recibo de um conto e quinhentos mil réis referente aos "acréscimos e alterações feitos para a quinta edição" da ***Antologia Nacional***.

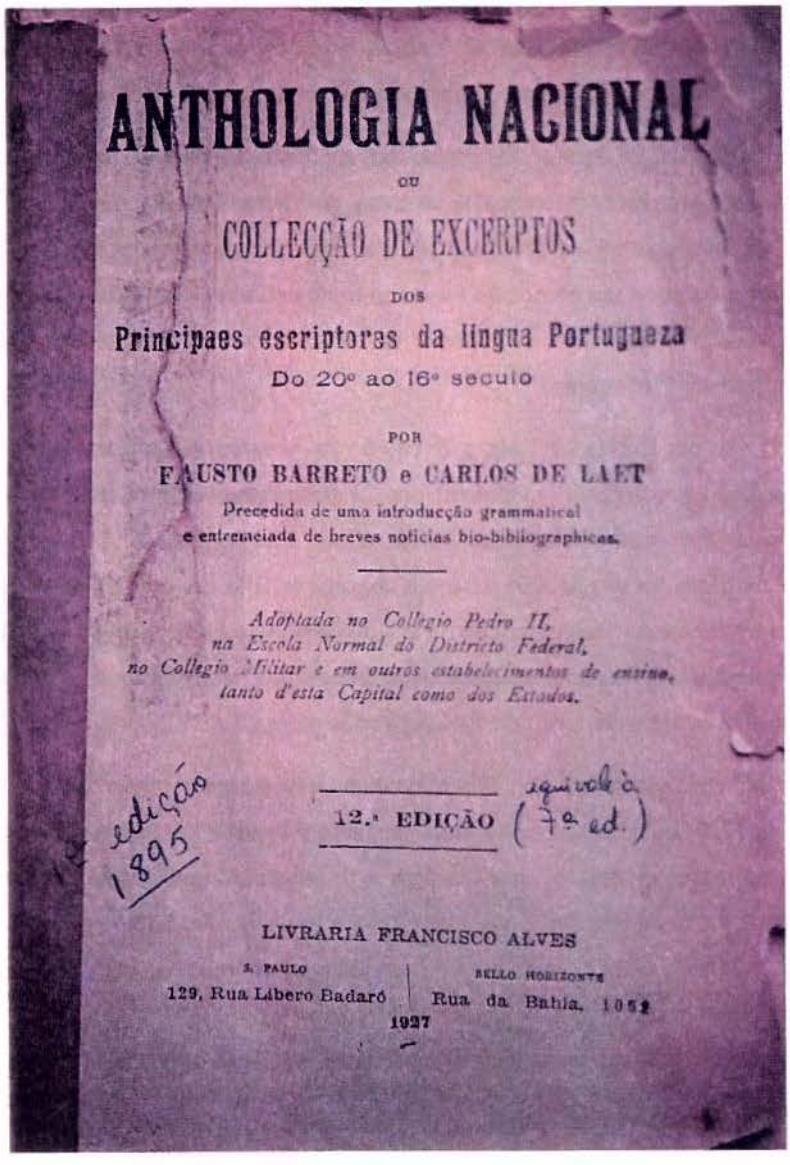
Portanto, se Carlos de Laet foi o autor dos acréscimos da 6ª edição, como ficou indicado no prefácio, parece não ter sido pago para isso. Pelas informações da carta, só Fausto Barreto assinou recibo referente a esta edição, mencionada na carta como 5ª edição. Logo, não se pode afirmar também que Fausto Barreto não tenha participado desta edição porque seu nome não foi incluído no prefácio. Como foi dito no final da carta, pode ter havido algum acordo verbal entre o editor e os compiladores o que talvez possa explicar as divergências entre os documentos disponíveis.

"Aumentada" ou não por Carlos de Laet, a 6ª edição da ***Antologia Nacional*** caracterizou-se pela ampliação do espaço dedicado aos autores brasileiros: dos 23 autores contemporâneos que entraram nesta edição, 17 eram brasileiros e 6 eram portugueses. Além disso, com a inclusão dos novos 37 excertos contemporâneos, a parte dedicada ao século XIX passou a concentrar 50% do total de excertos da ***Antologia Nacional***, confirmando a tendência de nacionalização do ensino de português na escola secundária, através do acréscimo de autores e excertos contemporâneos brasileiros. Como na 1ª edição, a quantidade de excertos de prosa e de poesia permaneceu estável, em torno de 50% para cada parte. (TABELAS 2, 6, 7 E 8)

Na citada carta da Francisco Alves, há ainda mais dois recibos assinados por Carlos de Laet, ambos datados de 26 de julho de 1915, informando que o autor recebera a quantia de dois contos e quinhentos mil réis pelos "acréscimos, alterações e revisão" que fez para a 7ª edição. Como a data do recibo de Laet é posterior à data do falecimento de Fausto Barreto (29.05.1915), é provável que Laet tenha trabalhado sozinho nesta 7ª edição (**fig. 33**), publicada neste mesmo ano. No prefácio subentende-se, através da primeira pessoa do plural, que o compêndio tenha sido preparado pelos compiladores:

> Levemente aumentada sai a lume esta 7ª edição. Consagrados pela morte, entraram neste modesto panteon João Cardoso (Barão de Paranapiacaba) e Silvio Romero: e já desde muito tempo aqui devêramos ter colocado o popular comediógrafo Martins Pena, a quem ora abrimos espaço.
>
> Na fase seiscentista pareceu-nos acertado admitir o moralista D. Frei Amador Arrais, e Fr. Antonio Brandão, escritor este que com outros arquitetou a *Monarquia Lusitana*: bem como o baiano Botelho de Oliveira, que primeiro poetou sobre a natureza da nossa pátria.
>
> Suprimiu-se apenas um trecho, não divertidamente alongado, do romancista Francisco de Morais.
>
> Mais não fizemos pelo receio de que o livro deixasse de ser comodamente portátil: e por contentes nos damos se continuar merecendo o favor público que até hoje o tem galardoado. [190]

[190] Id., ibid., 12ª ed., p. 16.


ANTHOLOGIA NACIONAL

OU

COLLECÇÃO DE EXCERPTOS

DOS

Principaes escriptores da lingua Portugueza

Do 20º ao 16º seculo

POR

FAUSTO BARRETO e CARLOS DE LAET

Precedida de uma introducção grammatical
e entremeiada de breves noticias bio-bibliographicas.

Adoptada no Collegio Pedro II,
na Escola Normal do Districto Federal,
no Collegio Militar e em outros estabelecimentos de ensino,
tanto d'esta Capital como dos Estados.

12ª edição 1895

12.ª EDIÇÃO (equivale à 7ª ed.)

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

S. PAULO
129, Rua Libero Badaró

BELLO HORIZONTE
Rua da Bahia, 1052

1927

Fig. 33 - Antologia Nacional, 12ª edição, 1927.

A tendência de acrescentar mais brasileiros (e menos portugueses) é confirmada também nesta edição, cuja fase contemporânea passou a estender-se até o século XX. Por outro lado, a entrada dos dois religiosos portugueses do século XVII, reforça os pilares da formação clássica humanista, que, apesar de ter perdido espaço para a implantação da cultura nacional, representada sobretudo pelos autores contemporâneos, continuaria sólida na escola secundária brasileira até metade do século XX. Por se tratar de pequena alteração

(entraram 6 autores e 7 excertos, e saiu 1 excerto), o quadro de autores e excertos da 7ª edição manteve-se, praticamente, com a mesma distribuição percentual da 6ª edição.

A 7ª edição foi a versão da ***Antologia Nacional*** que permaneceu mais tempo na escola, sendo reproduzida de 1915 a 1944, pois em 1933, quando Jorge Jobim [191] preparou a 19ª edição (**fig. 34**), limitou-se apenas a atualizar a ortografia:

> Havendo sido distinguidos e honrados com a incumbência que nos foi confiada pelo nosso generoso amigo e benemérito editor sr. Paulo de Azevedo[192], de fazer, para esta nova edição, a revisão e adaptação à nova grafia da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet, pusemos logo mão nesse delicado trabalho, do qual agora, com justa satisfação, nos vemos desobrigados.
>
> Falara-nos algumas vezes o inolvidável Mário Barreto[193] da necessidade de uma revisão cuidadosa àquela obra, em cuja elaboração e bom acabamento tanto empenho pusera o seu ilustre pai. Chegamos a perceber, não raro, que lhe sorria a idéia da realização dessa empresa, na qual teria ele visto mais uma homenagem prestada à memória que lhe era, por muitos títulos, tão cara.
>
> Atalhou a morte, infelizmente, a profícua atividade daquele estrênuo e robusto defensor da boa linguagem portuguesa, e aprouve à benevolência de um amigo que fôssemos nós os incumbidos de levar a termo a tarefa que a piedade filial não pode executar.
>
> Sobre os méritos deste livro seriam inúteis quaisquer comentários. Os respeitáveis nomes de seus organizadores, que, sobre serem profundamente versados na história do idioma, eram servidos por aturado bom gosto, tendo sido eles mesmos exímios artistas da palavra, dispensam cediços encômios a esta antologia, em cujas páginas milhares e milhares de jovens brasileiros aperfeiçoaram os seus conhecimentos da língua natal e respiraram algumas das mais belas flores que a opulentam.
>
> De para mais de cem descuidos de revisão, alguns insignificantes, outros graves, sai expurgada a atual edição. Sempre que nos foi possível, recorremos às fontes, e não a citações de segunda mão, quase sempre suspeitas, para verificar se na transcrição dos diversos trechos de prosa e poesia que aqui figuram os primitivos textos tinham sido respeitados. Adotado esse critério, deparou-se-nos ensejo de fazer algumas retificações que não acudiram aos revisores desta obra, que nos precederam.
>
> É da condição das coisas humanas o trazerem todas elas o selo da imperfeição. Seria, pois, estulta veleidade o preconizar havermos feito um trabalho impecável. Que nos é dado, porém, apresentar hoje uma edição muito melhorada e fidedigna da *Antologia Nacional* é o que, para nosso desvanecimento, a probidade literária consente que proclamemos. [194]

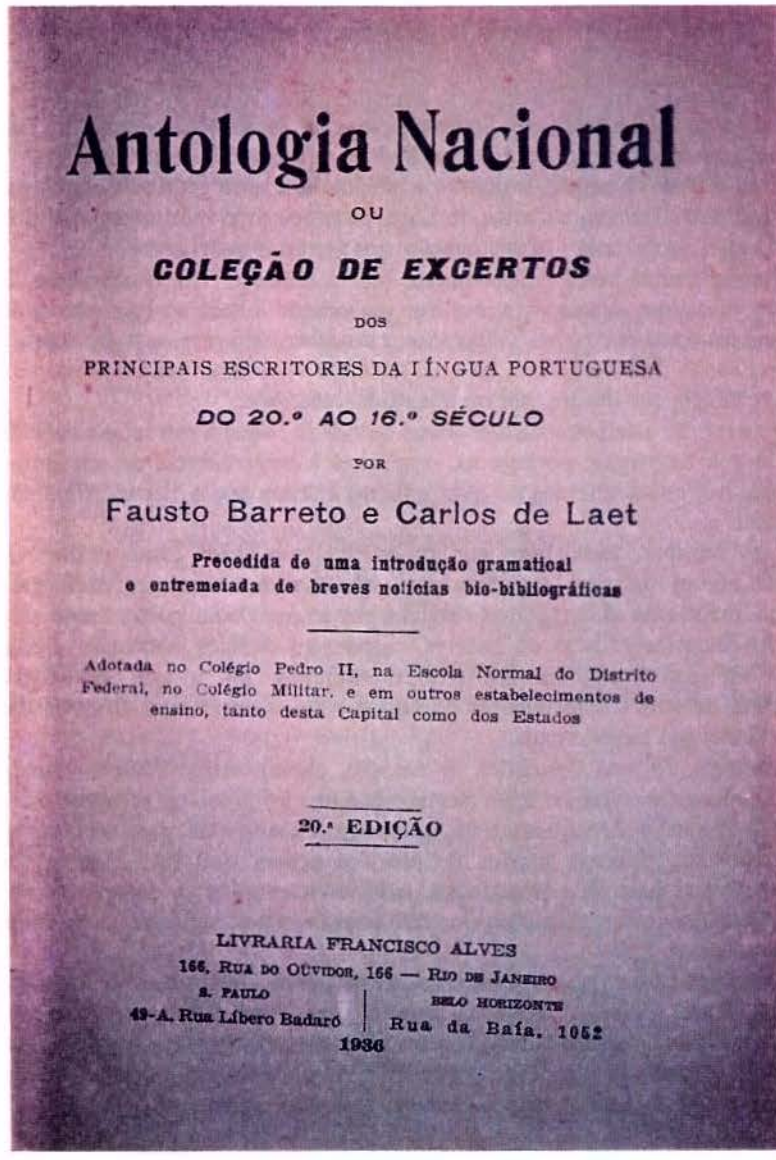
---

[191] O gaúcho **Jorge Jobim** (1889-1935), pai do compositor e cantor Antonio Carlos Jobim (1927-94), era formado em Direito e seguiu a carreira diplomática. Foi professor da Faculdade de Direito de Porto Alegre e fiscal da Faculdade de Direito de Niterói. Também era escritor, crítico e jornalista. In: MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*, p. 337.

[192] **Paulo Ernesto de Azevedo** era gerente da filial de São Paulo até 1913, quando substituiu, a pedido de Francisco Alves, seu sócio paulista, Manuel Pacheco Leão, que havia falecido. Depois da morte de Francisco Alves (1917), Paulo de Azevedo comprou, em 1919, de sua herdeira legal, a Academia Brasileira de Letras, o acervo mercantil da Livraria, fundando a firma Paulo de Azevedo & Cia., a qual dirigiu até 1943. In: *Histórico do Centenário da Livraria Francisco Alves*. Op. cit..

[193] **Mário Castelo Branco Barreto** (1879-1931), filho de Fausto Barreto, bacharelou-se em 1902 pela Faculdade de Direito do Distrito Federal. Professor catedrático do Colégio Militar, era filólogo respeitado, publicando vários estudos de língua portuguesa. In: MENEZES, Raimundo. Op. cit., p. 96.

[194] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., 22ª ed., p. 17.


Antologia Nacional

OU

COLEÇÃO DE EXCERTOS

DOS

PRINCIPAIS ESCRITORES DA LÍNGUA PORTUGUESA

DO 20.º AO 16.º SÉCULO

POR

Fausto Barreto e Carlos de Laet

Precedida de uma introdução gramatical
e entremeiada de breves noticias bio-bibliográficas

Adotada no Colégio Pedro II, na Escola Normal do Distrito Federal, no Colégio Militar, e em outros estabelecimentos de ensino, tanto desta Capital como dos Estados

20.ª EDIÇÃO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro
S. Paulo
49-A, Rua Líbero Badaró | Belo Horizonte
Rua da Baía, 1052
1936

Fig. 34 - Antologia Nacional, 20ª edição, 1936.

A consagração da ***Antologia Nacional*** na década de 1930, segundo Jorge Jobim, era matéria de consenso geral. Os anos decorridos e o número de edições comprovam-no. Com a morte dos compiladores e de Francisco Alves, é possível que o novo editor não quisesse (ou não pudesse) alterar um livro didático tradicional. Pode ser, também, que a inclusão de novos autores tornara-se desnecessária com a adoção paralela de antologias específicas, que privilegiavam os brasileiros contemporâneos, tais como a *Antologia Brasileira* (1900) de Eugenio Werneck, que em 1935 tinha atingido a 17ª edição, publicada também pela Livraria Francisco Alves.

Embora seja inegável a importância do trabalho de Jorge Jobim, corrigindo a ortografia e conferindo os textos da ***Antologia Nacional*** com as fontes, a permanência do mesmo quadro de autores e excertos da 7ª edição, reproduzido até a metade da década de 1940, indica que o *corpus* de textos exemplares destinado ao ensino do vernáculo manteve-se congelado nos moldes de 1915. Isso atesta que as exigências curriculares não sofreram alteração na base, apesar da reforma de 1932, sob a batuta de Francisco Campos, ter dado "organicidade ao ensino secundário, estabelecendo definitivamente o currículo seriado, a freqüência obrigatória, dois ciclos, um fundamental e outro complementar, e a exigência de habilitação neles para o ingresso no ensino superior". [195]

A paralisação dos acréscimos por longo período, sobretudo da inclusão de autores contemporâneos, característica marcante das primeiras edições da ***Antologia Nacional***, a qual selava seu comprometimento com a implantação da cultura nacional na escola secundária brasileira, fez com que ela se tornasse, com o passar dos anos, um compêndio "tradicional", alheio às transformações literárias do seu tempo.

Contudo, as novas regras para adoção de livros didáticos, estabelecidas com o Decreto-Lei 1.006, de 30 de dezembro de 1938, devem ter afetado a hegemonia da ***Antologia Nacional***, restringindo, talvez, seu uso.

Entre as novas medidas, destacam-se a liberdade de escolha de livros didáticos (pelos professores do secundário), a proibição da adoção compulsória e a transferência do poder de decisão sobre a adoção de livros didáticos da Congregação do Colégio Pedro II para a recém-criada Comissão Nacional do Livro Didático, que passou a julgar e autorizar o uso de todos os livros didáticos no país. [196] Não foi possível localizar a data nem o processo de autorização de uso da ***Antologia Nacional*** pela Comissão Nacional do Livro Didático, mas sei que ela foi autorizada com o "Registro nº. 429". [197]

Em 1942, Gustavo Capanema reformou o ensino secundário, separando-o em dois ciclos, o "Ginasial", de quatro séries, e o "2º Ciclo", com três séries, subdividido em "Curso Clássico" e "Curso Científico". As aulas de português foram estendidas a todos os anos do secundário, tanto do 1º quanto do 2º Ciclo, acarretando o aumento de carga horária, para 22 horas semanais (13 horas no ginasial e 9 horas no clássico e no científico).

O programa de Português do Ginasial (expedido em 1942) passou a exigir, nas três primeiras séries, a leitura temática (a família, a escola, a terra natal, o Brasil, etc.), enquanto a leitura literária só começava na 4ª série, prosseguindo nas três séries do 2º ciclo (cf. ANEXO II), tornando o uso da ***Antologia Nacional*** ainda mais restrito, à 4ª série, pois, até então, a ***Antologia Nacional*** tinha sido sempre indicada para as aulas de português das séries iniciais do curso secundário, ou seja, ela era o complemento do ensino de gramática. Assim, a indicação de dois volumes de "livro de leitura" direcionados para os temas exigidos no ginasial (cf.

---

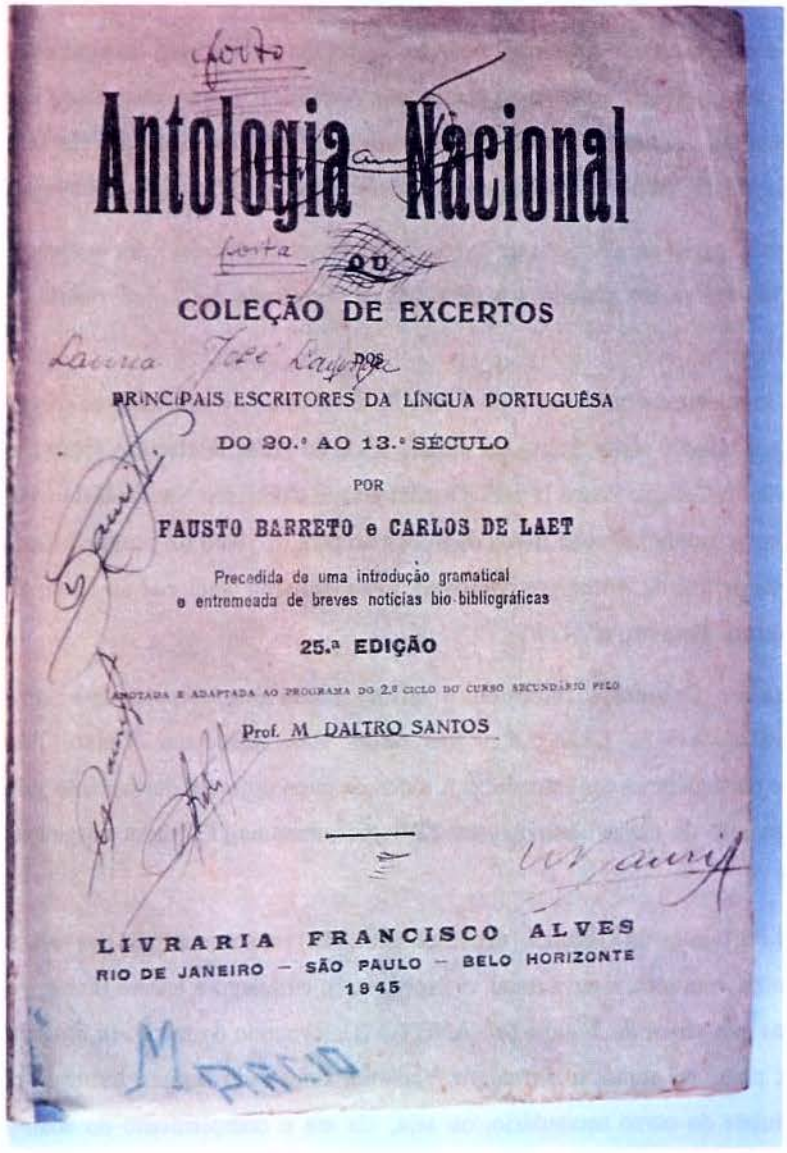
[195] ROMANELLI, Otaíza de Oliveira.. Op. cit., p. 135.

[196] BICUDO, Joaquim de Campos. Op. cit., p. 115-122.

[197] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., 33ª ed. Na folha de rosto aparece a seguinte inscrição: "Livro de uso autorizado pelo Ministério da Educação (Registro no. 429)".

"Instruções Metodológicas para a Execução do Programa de Português", p. 355-60), tirou a ***Antologia Nacional*** definitivamente do *páreo*.

Desta maneira, só restava a seus editores reelaborá-la, para que pudesse atingir os leitores das séries mais adiantadas. Assim, na 25ª edição, o quadro de autores e excertos foi alterado novamente e a ***Antologia Nacional*** passou a ser "anotada e adaptada ao programa do 2º Ciclo do Curso Secundário", ou seja, ela foi redirecionada para o Curso Clássico e para o Curso Científico. **(fig. 35)**


Antologia Nacional

OU

COLEÇÃO DE EXCERTOS

DOS

PRINCIPAIS ESCRITORES DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

DO 20.º AO 13.º SÉCULO

POR

FAUSTO BARRETO e CARLOS DE LAET

Precedida de uma introdução gramatical
e entremeada de breves noticias bio-bibliográficas

25.ª EDIÇÃO

ANOTADA E ADAPTADA AO PROGRAMA DO 2.º CICLO DO CURSO SECUNDÁRIO PELO

Prof. M. DALTRO SANTOS

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — BELO HORIZONTE

1945

Fig. 35 - Antologia Nacional, 25ª edição, 1945.

No prefácio, o professor Daltro Santos [198], encarregado de modificar um compêndio gravado na memória de muitos brasileiros, comenta sobre as alterações desta 25ª edição:

> Convidado pela administração da "Livraria Francisco Alves" a rever e modificar esta consagrada obra, com que, há cinqüenta anos, vem beneficiando a juventude escolar os inolvidáveis professores FAUSTO BARRETO e CARLOS DE LAET, afiguraram-se-me de responsabilidade as alterações que lhe introduzisse, por tratar-se de conhecido livro, em cujas páginas está gravada a autoridade daqueles mestres, e nas quais se abeberaram, na adolescência, inúmeros e vigorosos espíritos da atualidade brasileira.
>
> Mas, professor, que tenho sido a vida toda, não me seria lícito esquivar-me ao trabalho, visto o interesse que invariavelmente hão merecido de mim os moços estudantes, junto de cujas almas me encontrei sempre, dadivoso e amigo, durante quase meio século.
>
> Eis porque, submetido à obrigação de adaptar esta obra ao programa do Segundo Ciclo dos estudos secundários, comecei por proceder à revisão meticulosa da grafia, pondo-a sob as normas da simplificação, aprovadas pelo Governo e fixadas no *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras. Conservei, entretanto, nos trechos, que só agora se inserem, de escritores da fase medieval, a desordenada escrita arcaica, de cujas irregularidades é natural que os estudantes do Segundo Ciclo tenham conhecimento.
>
> Mantendo a orientação que deram à *Antologia Nacional* aqueles dois acatadíssimos filólogos, incluí, entretanto, no conjunto, por obedecer ao programa em vigor, alguns dos nossos maiorais das letras, já vencidos da morte todos eles; e respeitei, na augusta seleção, ora o valor e atuação das obras, ora a corrente literária a que se prendem.
>
> Valoriza-se, destarte, a presente edição não só com fragmentos do período anteclássico, senão também mediante novas páginas, colhidas à produção artística dos seguintes prosadores e poetas: DOMINGOS CALDAS BARBOSA, MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA, FRANÇA JÚNIOR, RUI BARBOSA, ALUÍSIO AZEVEDO, COELHO NETO, FARIAS BRITO, GRAÇA ARANHA, ALBERTO DE OLIVEIRA, OLAVO BILAC, VICENTE DE CARVALHO, CRUZ E SOUZA, MÁRIO PEDERNEIRAS, ALPHONSUS DE GUIMARAENS, AUGUSTO DOS ANJOS E HERMES FONTES. Para efetuar esse acréscimo - a que, a pesar meu, faltam diversos nomes de relevo - vi-me forçado a encurtar ou suprimir à coletânea vários trechos, excedentes da justa medida, procurando, com esse equilíbrio indispensável, manter o volume portátil e o preço acessível da obra.
>
> Pareceu-me, por fim, de certa utilidade aos jovens do Segundo Ciclo, a subministração às páginas desta *Antologia* de rápidas notas esclarecedoras: com o que, aliás, cumpro, embora apoucadamente, o desejo dos organizadores deste florilégio, manifestado no prefácio da primeira edição.
>
> Essas anotações, leves e breves, sem feição erudita, mas apenas adstritas a casos emergentes, são menos um ensino aos que aprendem do que simples avivamento do que sabem, ou adequado influxo para que se lhes volva o espírito às perquirições e colheitas, com que possam ampliar a aquisição e efetuar a prática superior do idioma, através dos prosadores e poetas com que se honram as letras brasileiras. [199]

---

[198] **Miguel Daltro Santos** (1878-1953), bacharelou-se, em 1900, pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Dedicou-se ao magistério e foi professor do Colégio Militar. Participou da elaboração do *Dicionário brasileiro da língua portuguesa* da Academia Brasileira de Letras. In: MENEZES, Raimundo. Op. cit., p. 616-17.

[199] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., 33ª ed., p. 13-14.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Interessante notar o tempo decorrido entre a publicação dos novos programas de português do Curso Ginasial e do 2° Ciclo, expedidos respectivamente em julho de 1942 e em janeiro de 1943, e a reformulação da ***Antologia Nacional***, cuja 25ª edição só saiu em 1945.

O motivo alegado das várias alterações no quadro de autores e excertos foi a mudança do público destinatário, que passou a ser os alunos do *clássico* e do *científico*, últimos três anos do secundário. A entrada dos excertos da fase medieval tem ligação direta com a mudança de público, pois, além de fazer parte do programa da história literária portuguesa (2ª série), acreditava-se que o estudante mais graduado era capaz de entender melhor as alterações filológicas da língua vernácula. Nesta parte, entraram 21 excertos, sendo 9 de prosadores e 12 de poetas.

No entanto, esta edição caracteriza-se, sobretudo, pela introdução maciça de autores e excertos brasileiros contemporâneos citados no programa de história literária brasileira (3ª série). Pela primeira vez na história da ***Antologia Nacional***, a quantidade de excertos brasileiros (54%) superou a quantidade de excertos portugueses (46%). (TABELA 6)

Os números apurados nas TABELAS apontam que 51 excertos brasileiros contemporâneos foram acrescentados na 25ª edição, sendo 20 excertos de prosadores e 31 de poetas, invertendo a tendência da 6ª edição, a qual havia incluído mais excertos de prosa do que de poesia. (TABELAS 6 E 8)

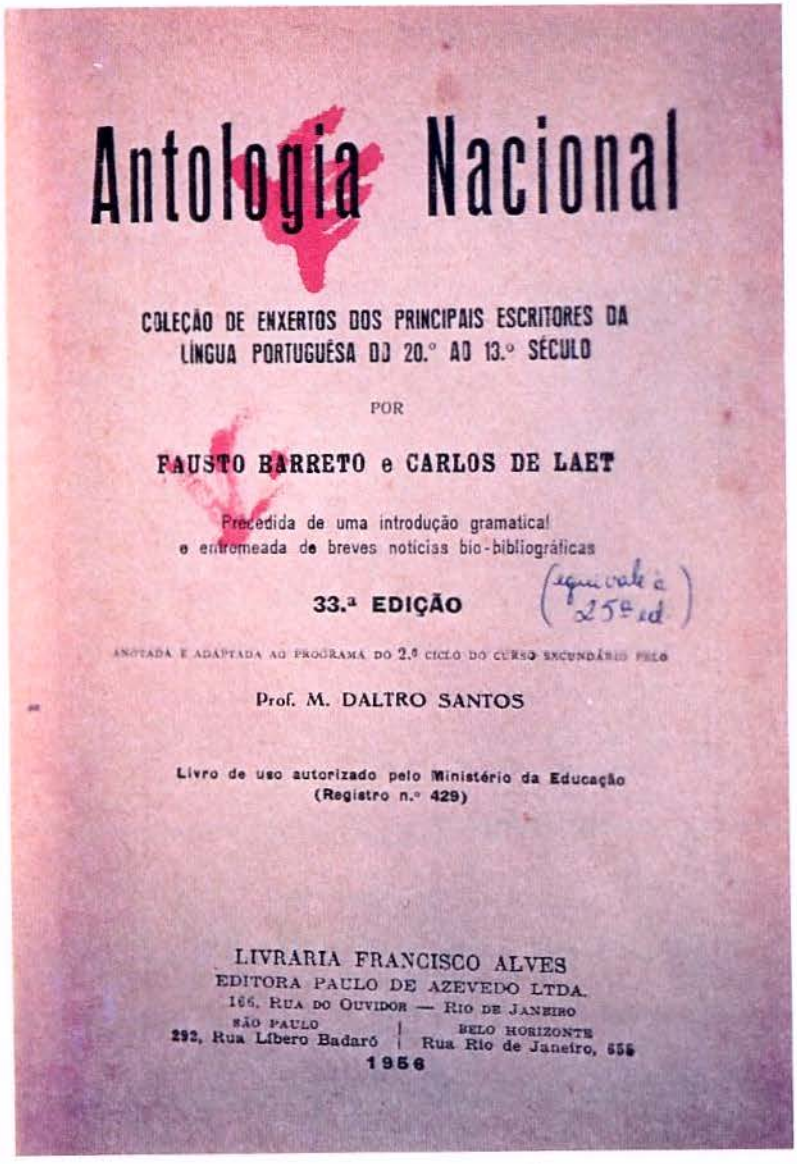
Não foi só a inclusão significativa de autores e excertos que modificou a feição da ***Antologia Nacional*** nesta 25ª edição: pela primeira vez, foram retirados 5 autores portugueses e 1 autor brasileiro, e, quanto aos excertos, 25 foram excluídos, sendo que, mais da metade pertencia a prosadores portugueses. Muitos excertos, ainda, foram encurtados. (TABELAS 2 e 4)

Outra inovação, também com vistas aos leitores do 2° ciclo do secundário, para que pudessem "efetuar a prática superior do idioma", foi a entrada das "rápidas notas esclarecedoras", uma espécie de glossário, contendo sinônimos, mesclado com orientação ortográfica, explicações sintáticas e informações etimológicas. Essas "notas esclarecedoras" vinham subsidiar as novas exigências da leitura, estabelecidas no programa de português dos cursos clássico e científico (expedido em 1943), onde a leitura passou a ser "acompanhada de comentário filológico-gramatical, no qual se dará grande atenção ao estudo do vocabulário e da sintaxe e se recordarão as generalidades de gramática expositiva e histórica ministradas no curso ginasial" (cf. p. 360 *Portaria Ministerial nº. 87, de 23 de janeiro de 1943*, no ANEXO II).

Com as modificações da 25ª edição, a adoção da ***Antologia Nacional*** no 2° Ciclo a transformaria também em complemento do ensino de história literária. A reprodução do mesmo quadro de autores e excertos nas edições seguintes **(fig. 36)**, até a última, a 43ª, de 1969 **(fig. 37)**, indica que ela cumpriu sua nova função, pois continuou a ser reeditada por mais 25 anos, não obstante as duas reformas de ensino, em 1951 e 1961.

Em 1951, a Congregação do Colégio Pedro II foi encarregada de simplificar os programas do curso secundário, os quais deveriam ser "adotados por todos os estabelecimentos de ensino secundário do país"

(Portaria no. 614, de 10 de maio de 1951). A leitura literária foi restabelecida nas aulas de português do curso ginasial, mas só com "textos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses dos dois últimos séculos", enquanto que para as aulas do já denominado curso colegial (clássico ou científico), permanecia a ligação da leitura com a história literária (cf. ANEXO II).



Antologia Nacional

COLEÇÃO DE ENXERTOS DOS PRINCIPAIS ESCRITORES DA LÍNGUA PORTUGUÊSA DO 20.º AO 13.º SÉCULO

POR

FAUSTO BARRETO e CARLOS DE LAET

Precedida de uma introdução gramatical e entremeada de breves notícias bio-bibliográficas

33.ª EDIÇÃO (equivale à 25ª ed)

ANOTADA E ADAPTADA AO PROGRAMA DO 2.º CICLO DO CURSO SECUNDÁRIO PELO

Prof. M. DALTRO SANTOS

Livro de uso autorizado pelo Ministério da Educação (Registro n.º 429)

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
EDITORA PAULO DE AZEVEDO LTDA.
166, Rua do Ouvidor — Rio de Janeiro
São Paulo
292, Rua Líbero Badaró
Belo Horizonte
Rua Rio de Janeiro, 656
1956

Fig. 36 - Antologia Nacional, 33ª edição, 1956.

A reforma do ensino de 1961 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) estabeleceu que os programas da disciplinas obrigatórias, incluindo português, seriam organizados pelas escolas de nível médio, desde que fossem observadas as recomendações indicadas na lei. Tais recomendações para as aulas de português reproduziam o modelo de leitura de 1951, permitindo a sobrevivência da ***Antologia Nacional***.

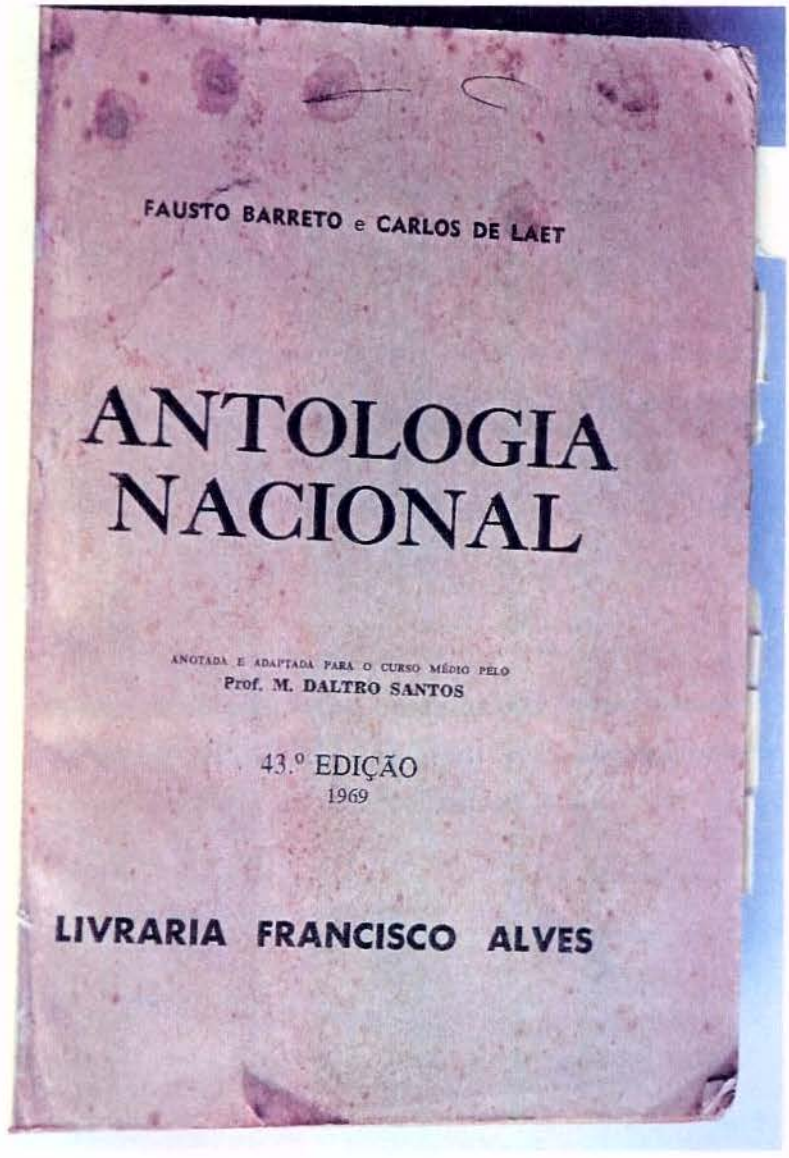


Fig. 37 - Antologia Nacional, 43ª edição, 1969.

Na década seguinte, entre as modificações implantadas no ensino brasileiro com a lei 5.692, de 11 de agosto de 1971 (1º grau, com oito anos de estudo, e 2º grau, com mais três anos), destaca-se o objetivo do ensino de português no 1º grau, resumido nas suas novas denominações, "comunicação e expressão" (da 1ª à 5ª série) e "comunicação em língua portuguesa" (da 6ª à 8ª série). Assim, o ensino de português, desviado de seus objetivos tradicionais (aquisição do vernáculo através da leitura dos bons escritores e educação literária) e centrado na eficácia da "comunicação", previa a ampliação (ou a mudança) do *corpus* de textos, passando a

admitir tanto a literatura contemporânea, dos escritores vivos, quanto os textos destinados à chamada comunicação de massa.

No 2° grau, apesar de continuar valendo a aliança entre leitura e história literária, expressa desde o título da disciplina, "língua portuguesa e literatura brasileira", a ênfase na literatura brasileira aumentou significativamente o *corpus* de textos, com a inclusão dos escritores brasileiros contemporâneos, do modernismo em diante, provocando, por sua vez, a abreviação do *corpus* tradicional dos séculos anteriores, cortando muitos autores portugueses. Desta maneira, a sobrevivência da ***Antologia Nacional*** tornou-se insustentável, pois implicaria na sua total reformulação, fato que não aconteceu.

Antes, porém, de desaparecer, nota-se uma última alteração na ***Antologia Nacional***. Na 38ª edição, de 1961, o velho estudo de análise sintática, intitulado "Noções Elementares de Sintaxe da Proposição Simples e da Proposição Composta", copiado da *Seleção Literária* e reproduzido em todas as edições da ***Antologia Nacional***, foi substituído pela "*Nomenclatura Gramatical Brasileira* recentemente aconselhada pelo Ministério da Educação". [200]

A longa permanência das "Noções Elementares" de Fausto Barreto, de 1887, data da 1ª edição da *Seleção Literária*, até 1961, comprova a força e o prestígio que a análise sintática sempre gozou no ensino secundário brasileiro, quiçá em detrimento de outras partes da gramática. Ela aponta também o sucesso duradouro da aliança entre certos textos literários (reconhecidamente vernáculos) e o ensino gramatical.

Passo agora para a análise de cada período da ***Antologia Nacional***, onde suas características gerais poderão ser matizadas.

Gostaria de assinalar que a análise da seleção de autores e de excertos estará mais preocupada com os bastidores da ***Antologia Nacional***, ou seja, com os motivos que poderiam ter determinado as escolhas dos compiladores originais (Barreto e Laet). Por isso, a seleção feita na 25ª edição, por Daltro Santos, terá pequeno destaque e a análise literária, quando houver, será pouco canônica.

---

[200] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., 42ª ed., "Da 38ª edição", p. 15.

A) Século XIX (e século XX): "yes, nós temos literatura". [201]

Este foi o século da emancipação de nossa literatura na ***Antologia Nacional***, o período onde ela começou a ser tratada como literatura autônoma. A própria divisão do índice da ***Antologia Nacional*** é categórica tanto na especificação da data próxima da independência política, "Século XIX, depois de 1820", quanto na subdivisão dos autores por nacionalidade, separando os brasileiros dos portugueses.

A separação dos autores por nacionalidade a partir do século XIX vinha legitimar a literatura brasileira como símbolo da nova nação, especialmente no momento da 1ª edição da ***Antologia Nacional***, logo após a Proclamação da República, quando o patriotismo da época da independência foi reativado. Por outro lado, entendiam os compiladores que tal separação nos séculos anteriores era sem fundamento, pois as literaturas (portuguesa e brasileira) não haviam ainda se afastado "como galhos vicejantes a partirem do mesmo tronco". [202]

O reconhecimento da especificidade da literatura brasileira, apenas a partir do Romantismo, alinhava a ***Antologia Nacional*** com escritores como José da Gama e Castro, Camilo Castelo Branco, Abreu e Lima, Álvares de Azevedo, Fernandes Pinheiro e Francisco Sotero dos Reis, os quais não reconheciam diferenças entre a língua e/ou as idéias das literaturas de Portugal e de sua colônia americana antes deste período.

Os separatistas, como Santiago Nunes Ribeiro e Joaquim Norberto de Sousa e Silva, viam nossa independência literária já nas obras dos autores coloniais, principalmente nos do século XVIII, cujo caráter nacional poderia ser aferido na escolha de assuntos representantes da pátria, como a natureza tropical ou os índios. Daí a importância das epopéias de Basílio da Gama e de Santa Rita Durão como obras fundadoras de nossa nacionalidade, pois haviam retratado a natureza brasileira e os habitantes nativos.

A autonomia da literatura brasileira a partir da independência política foi construída ao longo do século XIX à custa de muita discussão transformada, às vezes, em polêmica entre os literatos dos dois lados do Atlântico. Quando a ***Antologia Nacional*** apareceu, em 1895, a emancipação da literatura brasileira contemporânea estava consolidada e era reconhecida por todos.

---

[201] Consultar os séculos XIX e XX no ANEXO VI, LISTA GERAL de autores e excertos e TABELAS 13, 14 e 15.

[202] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de., op. cit., 6. ed., p. 8.

A inovação que a ***Antologia Nacional*** trouxe foi a adoção da ordem cronológica inversa, introduzida tanto na primeira parte, dedicada à prosa, como na segunda parte, que se ocupava da poesia. Como vimos, esta era a seqüência cronológica de alguns currículos de português (1881, 1882, 1893, 1895, 1898, 1931), preocupados em introduzir o aluno do primeiro ano na literatura moderna brasileira (e portuguesa), deixando os autores mais antigos, então chamados de "clássicos", para as séries adiantadas, pois eram considerados mais difíceis, além de estarem distantes do nosso falar contemporâneo.

Nesse sentido, a ***Antologia Nacional*** representa uma forma especificamente brasileira de se estudar a língua portuguesa (e a literatura nacional) na escola secundária. É pouco provável que os portugueses, por exemplo, escolhessem tal modelo de estudo para suas escolas.

A distinção entre as literaturas brasileira e portuguesa do século XIX aliada à inversão cronológica, além de ressaltarem a produção literária brasileira contemporânea, pois esta vinha em primeiro lugar, criou o efeito de emancipação capaz de identificar a nova nação com a literatura brasileira do século XIX, neutralizando, de certa forma, sua dependência nos séculos anteriores.

Tal identificação entre nação independente e literatura contemporânea, tão bem captada e expressa pela ***Antologia Nacional***, tornou-se mais acentuada nas edições seguintes onde foi contabilizado principalmente o acréscimo de autores e excertos brasileiros do século XIX (TABELAS 8, 14 e 15). Na 6ª edição, por exemplo, o total de excertos do século XIX (95) representava a metade do total de excertos (191) de todos os períodos da ***Antologia Nacional*** (TABELA 8). Destes 95 excertos do século XIX, 61% eram de brasileiros e 39% de portugueses (TABELA 15). A proporção de brasileiros contemporâneos só aumentaria nas edições seguintes, enquanto nenhum português do século XIX entraria na ***Antologia Nacional*** depois da 6ª edição, cujo número declinaria ainda mais na 25ª edição, quando 12 excertos portugueses foram excluídos.

Assim, ao contrário do que aconteceu nos séculos anteriores, o período contemporâneo se caracterizou por inclusões maciças de autores e de excertos, sobretudo de brasileiros. As maiores inclusões aconteceram em dois momentos: na 6ª edição, de 1913, e na 25ª edição, de 1945. Os acréscimos da 6ª edição (entrada de 17 brasileiros e 6 portugueses) preservam o ponto de vista dos compiladores, pois foram feitos pelos próprios Fausto Barreto e Carlos de Laet, enquanto que as alterações na 25ª edição (inclusão de 16 brasileiros e exclusão de 4 portugueses e 1 brasileiro), segundo seu preparador, o professor Daltro Santos, obedeciam a critérios impostos pelo "programa do Segundo Ciclo dos estudos secundários".[203] Verifica-se, ainda, o acréscimo de 3 brasileiros do século XIX na 7ª edição da ***Antologia Nacional***, publicada em 1915, ano da morte de Fausto Barreto e do retorno de Carlos de Laet ao Colégio Pedro II.

A TABELA 14, das alterações de autores, torna patente o desenvolvimento da tendência de incluir mais brasileiros do que portugueses no período contemporâneo, tendência manifestada numericamente desde a 1ª edição, onde foram selecionados 21 brasileiros e 16 portugueses. Na 6ª edição, com o acréscimo

---

[203] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit. 33ª ed., p. 13. Depois da Reforma Capanema, de 1942, a *Antologia Nacional* passou a ser adotada nas três últimas séries do secundário, período então denominado de *2º Ciclo*, onde se podia optar entre *Curso Clássico* e *Curso Científico*.

principalmente de prosadores brasileiros, os números subiram para 38 brasileiros e 22 portugueses. Na 7ª edição, os brasileiros já somavam 41 e na 25ª edição eles passaram a ser 56 brasileiros, contra 18 portugueses.[204]

O abrasileiramento do quadro de autores contemporâneos foi acompanhado pelo abrasileiramento dos respectivos excertos, os quais passaram da pequena vantagem na 1ª edição (32 excertos brasileiros e 26 excertos portugueses), para a diferença sensivelmente aumentada na 6ª edição (58 excertos brasileiros e 37 excertos portugueses) e na 7ª edição (62 excertos brasileiros e 37 excertos portugueses), atingindo a hegemônica cifra de 110 excertos brasileiros contra 28 excertos portugueses na 25ª edição. (TABELA 15)

As grandes inserções de trechos brasileiros dos séculos XIX e XX nas edições assinaladas reorganizaram a distribuição dos excertos brasileiros nos períodos da ***Antologia Nacional***. A comparação entre o número de excertos brasileiros e portugueses dos séculos XIX e XX (TABELA 15) e o total de excertos brasileiros e portugueses de todos os períodos da ***Antologia Nacional*** (TABELA 6) mostra que a maioria dos brasileiros se concentrou na fase contemporânea. Na 1ª edição, os excertos brasileiros do século XIX (32) eram responsáveis por 57% do total de excertos brasileiros na ***Antologia Nacional*** (56), enquanto na 6ª e na 7ª edição (58 e 62) eles já ocupavam 71% do total de excertos brasileiros (82 e 87). Na 25ª edição (110) eles passaram a responder por 82% do total de excertos brasileiros (134).

Com efeito, esta ciranda de números e porcentagens aponta que a fase contemporânea foi a maior representante da literatura brasileira na ***Antologia Nacional***, principalmente a partir da 6ª edição, de 1913.

O período contemporâneo, também de forma inversa dos anteriores, caracteriza-se desde a 1ª edição da ***Antologia Nacional*** pela seleção de excertos "novos", ou seja, 59% dos excertos do século XIX (brasileiros e portugueses) não tinham aparecido nos compêndios anteriores quando ela foi impressa pela primeira vez. Quanto aos outros excertos (41%), que já tinham sido selecionados no *Curso Elementar de Literatura Nacional*, na *Seleta Nacional*, no *Curso de Literatura Brasileira* e na *Seleção Literária*, nota-se que grande parte deles era de poesia, provavelmente porque o movimento romântico iniciou-se neste gênero.

Nas edições subseqüentes a proporção de excertos "novos" aumentou, atingindo mais de 70% do total de excertos contemporâneos, e avançou na 25ª edição para 83%. (TABELA 13)

Se esmiuçarmos o mesmo aspecto aplicando o critério da nacionalidade notamos que os excertos "novos" dos séculos XIX e XX vinham muito mais do lado brasileiro do que do lado português, tendência que seria acentuada pela entrada de excertos brasileiros "novos" nas edições posteriores. Dos 26 excertos portugueses coligidos na 1ª edição da ***Antologia Nacional***, mais da metade (14) já tinha aparecido na *Seleta Nacional* de Caldas Aulete e/ou na *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza. Enquanto isso, só um terço dos 32 excertos brasileiros (10) tinha sido escolhido em compêndios anteriores.

---

[204] Os AUTORES que apareceram na parte de prosa e na parte de poesia foram considerados DUAS vezes.

Desta maneira, considerando seu sucesso editorial e o longo período que durou sua adoção no ensino de português, podemos dizer que, desde a 1ª edição, a ***Antologia Nacional*** foi responsável pela popularização dos excertos brasileiros "novos" dos séculos XIX e XX que, uma vez selecionados por ela, tornaram-se parte de um conjunto de excertos tradicionais na escola. Até certo momento, portanto, ela pode ser considerada um agente de difusão da literatura brasileira moderna.

Quanto ao gênero, a quantidade de autores e de excertos apurada nas TABELAS 14 e 15 indica que, na 1ª edição da ***Antologia Nacional***, o século XIX está mais representado pela poesia brasileira, cujo número de poetas e de excertos supera os demais. Em seguida vem os prosadores portugueses, os prosadores brasileiros e, por fim, os poetas portugueses. Com o acréscimo de 13 prosadores brasileiros (e respectivos 14 excertos) na 6ª edição, a caracterização do século XIX, pela quantidade, se alterou, passando os prosadores brasileiros para o segundo lugar. O número de excertos, apurado na TABELA 15, aponta ainda que esta seqüência (poetas e prosadores brasileiros, prosadores e poetas portugueses) iria permanecer até a última edição da ***Antologia Nacional***, sinalizando a importância da poesia brasileira contemporânea.

No entanto, a precedência física da prosa sobre a poesia e a ordem cronológica inversa parecem dissolver tal hierarquia, apresentando, em primeiro lugar, os prosadores brasileiros do século XIX, seguidos dos prosadores portugueses, para depois introduzir, na segunda parte, os poetas brasileiros e os poetas portugueses deste período.

A apresentação dos autores da fase contemporânea obedeceu uma ordem interna, cronológica direta, guiada pela data de nascimento, critério que foi seguido também nas edições subseqüentes. Entretanto, a trinca de brasileiros (Domingos de Magalhães, Araújo Porto-Alegre e Gonçalves Dias) e a trinca de portugueses (Almeida Garrett, Antonio de Castilho e Alexandre Herculano) são a exceção da regra, aparecendo sempre em primeiro lugar, sempre nesta ordem, porque tais autores foram considerados, respectivamente, os iniciadores do romantismo no Brasil e em Portugal.

Assim, tirando estes fundadores, não há hierarquização na ordem de apresentação deste período.

De qualquer maneira, seja pela quantidade de autores e excertos, seja pela ordem inversa de apresentação dos períodos, a fase contemporânea é a legítima representante da literatura brasileira autônoma. Olhando para seus representantes em todas as edições da ***Antologia Nacional***, nos deparamos com um grupo de prosadores e poetas brasileiros, cuja formação pode ser definida como bacharelesca. Quase todos fizeram o curso preparatório (ou secundário), muitos estudaram no Colégio Pedro II e alguns obtiveram o diploma de bacharel em letras. A maior parte deles estudou em escola superior, principalmente em curso jurídico. Dos 53 autores brasileiros reunidos em todas as edições, 28 se formaram advogados e 4 estudaram direito sem concluir o curso. Havia ainda 4 médicos, 4 comerciários, 3 militares, 2 padres e 2 farmacêuticos. Podemos dizer, portanto, que a participação dos bacharéis em nossa independência literária foi preponderante.

Contudo, só a formação escolar não é suficiente para explicar a ação deste grupo.

Sua proximidade com as várias instâncias do poder determinou, em muitos casos, a relevância de seu papel intelectual. Desta forma, além de constatarmos que todos os autores brasileiros tinham exercido algum cargo público, notamos que muitos deles tinham sido funcionários graduados, dentre os quais sobressaíam os diplomatas. Muitos acumularam cargos. Houve casos em que o título de nobreza ou a nomeação para ministro coroava este perfil de "medalhão", tratado ironicamente por Machado de Assis no conto "Teoria do Medalhão".[205]

Alguns autores foram eleitos deputados, outros se acomodaram em algum posto que a carreira pública permitiu. É notória, ainda, na grande malha do funcionalismo público, a freqüência de professores e de juízes. A presença do clero, que tanto marcou a autoria dos textos do século XVII e até mesmo do século XVIII, é pequeníssima nesta fase dita "contemporânea".

O escoamento da produção intelectual através dos jornais e revistas da época é outro aspecto importante da atuação deste grupo de escritores, sendo que muitos deles fizeram do jornalismo uma atividade profissional paralela. Desta forma, muitos excertos reunidos na ***Antologia Nacional*** circularam primeiro em jornais e revistas antes de serem impressos em livro.

O comentário individual e a análise do conjunto de autores e textos, estabelecido em cada edição da ***Antologia Nacional***, a seguir, tentará captar tanto os significados lingüísticos, literários e políticos dos excertos, quanto seu vínculo com a formação, cargos e atuação dos escritores.

1ª edição - 1895

Os brasileiros do século XIX reunidos na 1ª edição da ***Antologia Nacional***, formam um grupo social coeso. Todos eram funcionários públicos, muitos ocuparam cargos elevados e alguns tinham título de nobreza. A maioria estudou em curso superior, principalmente jurídico (Torres Homem, Francisco Otaviano, José Bonifácio, José de Alencar, Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Castro Alves) e muitos pertenciam ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, uma entidade cultural patrocinada por d. Pedro II. Todos podiam ser lidos nas poucas revistas prestigiadas do Império (*Niterói, Guanabara, Minerva Brasiliense, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*) e/ou nos principais jornais.

O grupo de portugueses do século XIX, por seu turno, também tinha características semelhantes, trasladadas, porém, ao ambiente de Portugal: formação superior, pertencimento à Academia de Ciências de Lisboa, emprego público e circulação em jornais e revistas importantes do reino. Muitos eram advogados, alguns professores públicos e outros tinham título de nobreza, mas quase todos eram políticos. Garrett, Herculano e Rebelo da Silva chegaram a "par do reino", participando do conselho da coroa.

Na eqüidade de gênero, que reuniu 29 excertos de prosa e 29 excertos de poesia do século XIX na 1ª edição da ***Antologia Nacional***, percebe-se o esforço dos compiladores na dosagem de modelos.

---

[205] ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos*. [1882] In: *Obra Completa*. v. 2., p. 288-295.

As sucessivas observações sobre a "correção" da linguagem, inseridas nas notas biobibliográficas dos autores brasileiros e portugueses do século XIX, apontam que este foi um atributo muito procurado na seleção da 1ª edição. Nos casos em que a "vernaculidade" não consistia o ponto principal de atração encontrava-se a compensação romântica do tema nacional (ou do tema sentimental), a compensação retórica do estilo e/ou a compensação social da elevação do autor como figura pública. Quando havia alguma censura à forma (Macedo, Casimiro, Varela), ainda o tema nacional e a hipótese da falta de tempo para corrigir os escritos justificavam a escolha.

A julgar pelas observações nas notas biobibliográficas e pelo assunto (e extensão) dos excertos, parece que os autores portugueses tinham mais autoridade do que os brasileiros para legislar sobre a correção da língua, sendo sintomática a presença de três excertos em prosa relacionados com o ensino da língua, cujos autores eram portugueses: "O Grego e o latim" de Almeida Garrett, "Infinitivo pessoal e impessoal" de Silva Túlio e "A palavra" de Latino Coelho.

Além destes, Castilho, Herculano e Camilo são também considerados pela ***Antologia*** os paladinos da vernaculidade, sendo que a prosa de Herculano era a preferida, ocupando 13 páginas, enquanto a de Castilho se estendia por 8 páginas e a prosa de Camilo por 4 páginas. Isto é muito se ponderarmos que a cada prosador brasileiro permitia-se a extensão média de 3 páginas.

Outro fator que vem reforçar a maior autoridade dos portugueses nas questões de língua é o tratamento de José de Alencar, cuja posição - de defesa da diferenciação da língua falada no Brasil da matriz portuguesa - era vista na ***Antologia Nacional*** quase como um capricho, resultado dos ataques que o escritor havia sofrido. Apesar de não censurá-lo, a nota biobibliográfica de Alencar emite no último parágrafo sinais de que o projeto do romancista cearense não vingara:

> Sabia a fundo a língua portuguesa; mas, atacado por Castilho (José Feliciano) e outros rigoristas sustentou a diferenciação do idioma no meio americano, e assim lançou as bases de uma escola cujo fim seria a formação do dialeto brasileiro.[206] [grifos meus]

O ensino tradicional de língua materna, apoiado nos "clássicos", tinha continuidade, sem dúvida, na ***Antologia Nacional***, quer seja supervalorizando os autores considerados modelos da língua portuguesa, que tinham grande volume de excertos nos compêndios escolares, quer seja introduzindo trechos contemporâneos que cultuassem a memória dos modelos expoentes (Camões, Bernardes, Vieira), como o excerto de Oliveira Martins, extraído do livro *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal*; os de Antonio Feliciano de Castilho, "O padre Manuel Bernardes" e "Paralelo entre Bernardes e Vieira"; e os de João Francisco Lisboa, "Vocação de Vieira" e "Importância política de Vieira".

Nesse sentido, a ***Antologia Nacional*** está muito mais próxima do "rigorismo" de José de Castilho do que do "dialeto brasileiro" de José de Alencar, e não podia ser de outra forma nesta época (1895), pois a crença no ensino da língua pura, calcado nos clássicos (e em seus seguidores) e a liberdade ortográfica

---

[206] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. *Antologia Nacional*. 6ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913, p. 64.

resultante da falta de normas oficiais internas e de acordos externos (com Portugal), transformavam este tipo de compêndio em repositório de modelos que seriam lidos, recitados, analisados gramaticalmente, imitados, examinados, enfim, estudados e exigidos na escola secundária. Mas, enquanto a língua valorizada tinha os mesmos papas dos dois lados do Atlântico, a literatura brasileira contemporânea tinha sido desmembrada da matriz porque havia adquirido feição própria através do tema nacional.

Observa-se neste período, com maior vitalidade, a introdução do critério do caráter nacional, o qual, sozinho ou acompanhado do critério da vernaculidade e do critério retórico, iria julgar os autores e obras do século XIX com o intuito de expressar (e representar) o "galho vicejante" da literatura brasileira.

Assim, tanto os discursos de Torres Homem, Francisco Otaviano, José Bonifácio e D. Antonio de Macedo Costa, como os trechos dos romances de Macedo e de Alencar, ou ainda o excerto de Varnhagen, além de não arranharem a boa linguagem, tratavam de questões pontualmente brasileiras, surgindo a facção "tupiniquim" que, mesmo em desvantagem, ombreava com os exemplares de discurso (José Estevão), romance (Camilo, Júlio Diniz) e história (Castilho, Herculano, Camilo, Latino Coelho) do lado português. Havia ainda entre os gêneros de prosa, a lenda nacional (Herculano e Rebelo da Silva), cujo correspondente brasileiro só entraria na 6ª edição, com Franklin Távora.

O tema nacional parece ter sido também bem explorado na seleção de poetas, cuja vertente brasileira (Magalhães, Porto-Alegre, Gonçalves Dias, Dutra e Melo, Junqueira Freire, Casimiro, Castro Alves) era bem maior do que a portuguesa (Garrett, João de Lemos).

Chama muito a atenção a recorrência do tema da morte na seleção de poesias, tanto dos brasileiros (Macedo, Otaviano, Laurindo Rabelo, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela) como dos portugueses (Garrett, Castilho, Mendes Leal). Ao que parece, através da lembrança da morte, explorava-se também outro veio romântico importante, o cristianismo, expresso nas poesias de Francisco Otaviano e de Alexandre Herculano.

Respeitando a ordem de nascimento dos prosadores brasileiros, o jornalista maranhense **João Francisco Lisboa** abriu o período contemporâneo com dois excertos. Estes, porém, não foram extraídos dos jornais nem da história do Maranhão. Eles foram tirados de sua obra póstuma, *A vida do padre Antonio Vieira* (1891). Além da figura de Vieira ter sido explorada no século XVII, sua importância foi reiterada no século XIX, através de dados biográficos contados por um brasileiro que tinha sido avalizado por Inocêncio Francisco da Silva como "um espírito penetrante, que reunia às teorias uma dicção copiosa, castiça e fluente", conforme assinalou a nota biobibliográfica de Francisco Lisboa. [207]

O primeiro excerto de Francisco Lisboa, intitulado "Vocação de Vieira", como já foi comentado na parte que trata do padre Antonio Vieira, é uma anedota escolar e religiosa que reforça dois grandes pilares da formação clássica, no caso, do orador religioso, mas que pode ser extensiva à formação do orador em geral: uma educação católica com pedagogia de base mneumônica. Já o segundo excerto, "Importância política de

[207] Id., p. 27.

Vieira", exalta a habilidade retórica de Vieira, mostrando-o simpatizante do Brasil junto ao trono de Portugal, simpatia que parece ter sido exagerada pelos escritores brasileiros.

Francisco de Sales Torres Homem, o segundo na ordem de apresentação, foi médico e advogado. Adversário da monarquia, depois se retratou com o regime e obteve o título de Visconde de Inhomerim. Ele compareceu na ***Antologia Nacional*** como "estrênuo adversário da escravidão" [208], característica verificável através do excerto escolhido, publicado em 1843 na *Minerva Brasiliense*, o qual falava sobre a necessidade de substituir a escravidão pela colonização européia. Torres Homem pregava neste discurso a colonização como forma de depuração da nossa raça, conspurcada durante três séculos pela escravidão africana. Para ele, o negro representava um problema econômico para o país porque era uma "máquina caduca" que atrasava a agricultura, e era um problema moral no seio das famílias que confiavam seus meninos "aos desvelos de estúpidos escravos, só pedagogos da infâmia e preceptores do crime". [209]

A crítica racista do Visconde de Inhomerim, que aliás era mulato, parece ter sido o ponto de vista dominante de nossa elite. Por outro lado, ela parece mostrar aos leitores do curso secundário que a escravidão é abominável aos olhos dos civilizados.

Francisco Adolfo de Varnhagen, "pai da nossa história", segundo João Francisco Lisboa, conforme destacou a nota biobibliográfica, entrou na ***Antologia Nacional*** com um trecho de sua obra capital, a *História Geral do Brasil*. Entretanto, o excerto selecionado é menos um relato histórico e mais a reunião de informações bibliográficas. Assim, apesar do título do excerto apontar para os autores, "Escritores do reinado de D. João VI", Varnhagen estava mais interessado em inventariar as obras que falavam sobre o Brasil do que biografar escritores, daí a citação de vários estrangeiros. O título do excerto ainda remete para as crônicas históricas mais antigas, cuja divisão era guiada pelo período de tempo que cada monarca governava. Entre reticências, encontra-se também referências sobre algumas obras poéticas ou menção de alguns poetas brasileiros da época: Frei São Carlos, Sousa Caldas, Januário da Cunha Barbosa, José Elói Otoni, etc. A inserção deste trecho parece apontar aos leitores os livros recomendados sobre o Brasil, ao mesmo tempo que revela a erudição de Varnhagen.

Ao contrário de Varnhagen, a amostragem de **Joaquim Manuel de Macedo**, o "pintor dos costumes nacionais", reúne dois excertos descritivos de *O Rio do Quarto* (1869), romance secundário se comparado com *A Moreninha* (1844), *O Moço Loiro* (1845), *Rosa* (1849) e *Vicentina* (1853), citados na nota biobibliográfica como "suas mais notáveis produções neste gênero". [210] A referência a Itaboraí, cidade natal de Macedo, parece ter guiado a escolha destes trechos.

O primeiro excerto, intitulado "O torrão natal", faz apologia do patriotismo desde a célula familiar, a partir do local de nascimento, até atingir a nação:

---

[208] Id., p. 32.

[209] Id., p. 34-35.

[210] Id., p. 52.

> Há nesse santo amor uma escala ascendente, que vai do lar doméstico à paróquia, da paróquia ao município, do município à província, da província ao império: ama-se o todo porque se ama cada uma de suas partes. [211]

O segundo, "Itaboraí", começa com a vista que se tem da vila, descrevendo a paisagem de "imensos vales semeados de campos e estabelecimentos agrícolas", fornecendo uma visão próspera do campo. Depois expõe os principais edifícios de Itaboraí, uma vila "de pouco mais de cem casas" e "quatro ruas".

Enquanto o primeiro trecho aponta para uma educação cívica, reforçando a crença nas instituições burguesas, especialmente a família e a pátria, o segundo, com exceção de Macedo e de seus conterrâneos, cativa mais pela forma do que pelo assunto, talvez incitando os leitores a descreverem sua terra natal. É provável que na década de 1940, esse tipo de descrição tenha perdido o interesse, pois o segundo trecho foi suprimido na 25ª edição da ***Antologia Nacional***.

O doutor Macedinho, como era conhecido o médico e professor de História e Corografia do Brasil do Colégio Pedro II, apareceu também na *Parte II* da ***Antologia***, com um poema chamado "A harpa quebrada", extraído de *A Nebulosa*, segundo a nota biobibliográfica "a mais importante composição poética de Macedo".

Francisco Otaviano de Almeida Rosa, nascido na cidade do Rio de Janeiro, entra com um discurso a favor da maior participação dos mineiros na liderança política brasileira. Este artigo, extraído da *Tribuna Liberal* de 29 de maio de 1889, jornal comandado pelo então ministro da fazenda, o Visconde de Ouro Preto, (onde também escreviam Fausto Barreto e Carlos de Laet) parece fazer campanha para o patrão, que era mineiro:

> Estrela brilhante do Sul, formosa província de Minas - por que desmaias no céu de nossa pátria quando ela precisa que cintiles com toda tua pureza?
>
> Berço das idéias liberais, formosa província de Minas, que deste os primeiros mártires à causa da independência nacional; tu, que tiveste por largo tempo a primazia no paço dos Césares e nos comícios do povo - por que te aniquilas na indiferença e no desânimo?
>
> Teu eclipse é fatal ao sistema representativo.
>
> [...]
>
> Formosa província de Minas, surge do abatimento, volta a ocupar a tua primazia.
>
> Está ainda vago o teu lugar nos conselhos e na tribuna: nenhuma de tuas irmãs pôde usurpá-lo. Os tenentes de Alexandre reconheceram que nenhum deles por si podia governar o império fundado por seu chefe: dividiram-no.
>
> Formosa província de Minas, surge, surge; não te é lícito tão longo repouso. [grifos meus] [212]

As referências às "idéias liberais" dos inconfidentes, à "primazia no paço" e ao "lugar nos conselhos" podem endossar a propaganda a favor de Ouro Preto, membro do partido liberal que disputava a presidência do conselho de ministros com o partido conservador, cargo para o qual Ouro Preto acabou sendo escolhido em 7 de junho de 1889, alguns dias após a publicação deste artigo, formando o último Gabinete do Império.

---

[211] Id., p. 53.

[212] Id., p. 61.

Na segunda parte, reservada à poesia, Francisco Otaviano entra com um poema de 5 quadras, intitulado "Para que ver?", onde fala dos benefícios da cegueira para ouvir e meditar a doutrina de Deus num mundo "de sórdido interesse". Há também outro trecho mais extenso, da tradução que fez do poema de Thomas Hood, "A ponte dos suspiros", cujo assunto é a morte de uma bela jovem.

José Bonifácio de Andrada e Silva (o moço), sobrinho do patriarca da Independência, integra o grupo de prosadores brasileiros do século XIX com um "discurso proferido na Câmara dos Deputados" em 1865, censurando o protecionismo aos produtos nacionais, ao que parece, pregado por um deputado da Bahia. O excerto deste advogado e político parece querer mostrar as qualidades assinaladas na nota biobibliográfica: "Grandes foram seus triunfos oratórios, pelo brilho da frase e arrojo das imagens". [213] Bonifácio rebate o argumento protecionista da "independência nacional", observando que seu oponente vivia cercado de produtos e serviços estrangeiros, desde o cozinheiro e criado, passando pelas carnes e vinhos, cavalos, jóias e adereços da mulher, objetos de arte, indo até os produtos do espírito: filosofia, poesia, aritmética e geometria e a religião. Fora o interesse retórico, o trecho revela os produtos estrangeiros consumidos pela elite da época, cuja importação havia aumentado dramaticamente a partir de 1850, em conseqüência do excedente de capital gerado pela suspensão do tráfico negreiro.[214]

José Martiniano de Alencar é apresentado na ***Antologia Nacional*** como o cantor indianista de *Iracema* e de *O Guarani*, pois provavelmente tinham mais peso para a amostragem da literatura nacional do que seus outros romances. Os dois excertos de Alencar foram os únicos trechos em prosa do século XIX que foram trasladados da *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza.

O primeiro excerto é o capítulo II completo de *Iracema*, onde a "virgem dos lábios de mel" é apresentada ao leitor e onde há seu primeiro encontro com o homem branco, Martim. A idealização romântica do índio tem neste capítulo um forte exemplo.

O segundo trecho, foi tirado do capítulo VII de *O Guarani*, "A prece". A cena era "ao mesmo tempo simples e majestosa" como disse Alencar, era a "hora solene" do "ocaso" e da "ave-maria", quando todos se reuniam, ajoelhavam e oravam. Era também a prova de que os colonizadores brancos de valor como o fidalgo D. Antonio de Mariz (e os seus), mesmo em terras tão remotas e selvagens, cultivavam a doutrina cristã, condição que legitimava a posse da terra. O excerto acaba quando termina a prece. Os dois terços restantes do capítulo que mencionam Peri ficam de fora. O recorte ressalta, portanto, o homem branco e sua religião ao invés de focalizar o índio.

A nota biobibliográfica da ***Antologia Nacional*** faz referência ao crítico Araripe Júnior, que era sobrinho de José de Alencar e havia publicado em periódicos (1879) e depois em livro (1882) um estudo

---

[213] Id., p. 62.

[214] SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998, p. 102.

sobre o escritor cearense, cujo título era *José de Alencar - Perfil Literário*. [215] O trabalho de Araripe Júnior é, portanto, anterior à *Seleção Literária* (1887), a qual havia escolhido estes dois excertos. Assim, é possível reconhecer a influência de Araripe Júnior na ***Antologia Nacional***, tanto na nota biobibliográfica, que reproduz sua observação sobre o estilo inconfundível de Alencar [216], quanto na amostragem de *O Guarani*, cuja mesma passagem da prece foi usada pelo crítico para exemplificar a "magia" da natureza com seus "efeitos de luz anestesiante". [217]

O último prosador brasileiro selecionado na primeira edição da ***Antologia Nacional***, foi o bispo do Pará, **D. Antonio de Macedo Costa**, com seu discurso a favor do catolicismo no Brasil, o qual deixa entrever a simpatia panfletária dos compiladores pela causa do catolicismo, principalmente de Carlos de Laet, que chegou a receber do Vaticano, em 1913, o título de Conde da Santa Sé, devido à sua atuação na imprensa e no Centro Dom Vital, defendendo o catolicismo.

D. Antonio de Macedo Costa tomara parte com D. Vital no conflito religioso de 1873-75, contra a maçonaria e as idéias de Augusto Comte, conflito que ficou conhecido como "questão religiosa" ou "questão dos bispos". Os bispos foram condenados por 4 anos e presos na Ilha das Cobras. Um indulto do Imperador libertou-os meses depois. A nota biobibliográfica diz que D. Macedo:

> Anistiado, prosseguiu no seu labor episcopal, intrepidamente pelejando pela causa do catolicismo, onde quer que fosse agredida. [218]

Depois da Proclamação da República, a Igreja foi separada do estado e através do decreto 119A de 9 de janeiro de 1890, o governo proibiu "a intervenção Federal e dos Estados federados em matéria religiosa" e deu "plena liberdade de cultos". [219] Pelas decisões n°. 12 e n°. 17 de abril de 1890, foram também eliminadas as aulas de religião das escolas primárias e dos estabelecimentos de ensino público, incluindo o Colégio Pedro II, o qual tivera seu nome mudado para Instituto Nacional de Instrução Secundária. [220]

A presença do discurso de D. Antonio Costa na ***Antologia Nacional*** em 1895, com sua frase "*O Brasil precisa de Catolicismo!*", além de oferecer a seus leitores um modelo retórico, conforme foi ressaltado na nota biobibliográfica (*Pela sua erudição, amena eloqüência e segura dialética, os discursos e escritos deste prelado honram a literatura brasileira.*), parece defender e querer preservar a religião que havia sido excluída do currículo secundário em 1890.

---

[215] BOSI, Alfredo. *Araripe Júnior: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978, p. 32 e 421.

[216] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p.64.

[217] Id., p. 56.

[218] Id., p. 69. Obs.: D. Macedo Costa morreu em 1891 e não em 1901, como noticia a nota biobibliográfica.

[219] Decretos do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890-1891, p. 10.

[220] Decisões do governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, fasc. 1, 1892, p. 8 e p. 12.

A amostragem dos 13 poetas brasileiros da 1ª edição da ***Antologia Nacional*** consagra o gênero lírico, mas a poesia épica é quem abre o século XIX, com dois excertos de *A Confederação dos Tamoios* de **Domingos José Gonçalves de Magalhães**, médico, visconde e diplomata do império. O primeiro trecho, tirado do Canto I e intitulado "O Amazonas", o qual já havia aparecido na *Seleção Literária* e no compêndio de Melo Morais Filho, descreve o rio Amazonas e seu encontro com o mar. O segundo excerto, extraído do Canto VI, trata da descrição da cidade natal do poeta, o Rio de Janeiro, comparando-a com Nápoles. O índio, tema central do poema, não entra na amostragem. Os compiladores mencionam que o poema foi "vivamente atacado por José de Alencar", mas não tomam partido. [221]

Foi incluído, ainda, um trecho do *Napoleão em Waterloo*, o poema mais citado dos *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836), obra considerada fundadora do romantismo no Brasil. Este trecho também já tinha sido selecionado por Caldas Aulete (*Seleta Nacional*) e por Fausto Barreto e Vicente de Souza (*Seleção Literária*).

Manuel de Araújo Porto-Alegre, pintor, barão e diplomata do império, tem também seu poema épico privilegiado, com 4 excertos do *Colombo*. Os três primeiros, tirados do *Prólogo* do poema, tratam da vitória dos reis católicos (Fernando e Isabel) sobre os mouros e de sua expulsão da Espanha. O último trecho retrata o momento exato da descoberta da América por Colombo. Fernandes Pinheiro havia considerado o *Colombo* "a obra monumental do Sr. Porto-Alegre, a que à mais remota posteridade deve levar o seu preclaro nome".[222] A amostragem da ***Antologia Nacional*** parece endossar a opinião do cônego, pois só selecionou trechos do *Colombo*, deixando de fora *As Brasilianas*.

O advogado **Antonio Gonçalves Dias**, considerado na nota biobibliográfica como o melhor poeta indianista "que do jugo do classicismo libertou as letras brasileiras" [223], aparece com três excertos. O primeiro é o Canto do Piaga, que, com exceção do *Íris Clássico*, estava presente em todos os compêndios cotejados com a ***Antologia Nacional***. O segundo excerto, também indianista, é a Canção do Tamoio. O último, o poema "O mar", parece relacionar seu assunto com a morte de Gonçalves Dias, "no naufrágio do *Ville de Boulogne*", mencionada na nota biobibliográfica.

Depois da apresentação dos três patriarcas do nosso Romantismo, foi restabelecida a ordem cronológica direta, pela data de nascimento. O poeta mais velho era o advogado **Manuel Odorico Mendes**, que entra na ***Antologia*** com um trecho clássico, traduzido de Virgílio, intitulado "Tempestade/ Descrita por Virgílio", o qual já havia aparecido na *Seleta Nacional* de Caldas Aulete junto com outros três excertos de autores portugueses dedicados à mesma tradução. Odorico Mendes ficou conhecido como o "Virgílio Brasileiro", por ter traduzido a *Eneida* e as *Geórgicas e bucólicas* do poeta latino, mas traduziu também a *Ilíada* de Homero e duas tragédias de Voltaire. Além de tradutor dos clássicos antigos, Odorico Mendes era um poeta que "acompanhou a escola filintista, primando na correção da linguagem", conforme assinalou a

---

[221] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 347.

[222] PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. *Curso Elementar de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Garnier, 1862, p. 544.

[223] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p.360.

nota biobibliográfica. [224] Seu único poema original, o *Hino à tarde*, segundo Silvio Romero, *são os últimos raios da tarde da velha escola, são o canto do cisne do classicismo*. Romero elogia o trabalho "erudito" de Odorico Mendes, publicado em 1860 com o título de *Opúsculo acerca do "Palmeirim de Inglaterra" e do seu autor*, provando que a autoria era de Francisco de Morais.

Mas, se Odorico Mendes escrevia ainda nos moldes clássicos, por que ele foi incluído entre os poetas românticos do século XIX, ainda mais com um trecho de Virgílio? Por que os compiladores não usaram o mesmo critério que colocou Monte Alverne entre os prosadores do século XVIII? Este parece ser um exemplo da instabilidade dos critérios de seleção e apresentação da ***Antologia Nacional***, pois enquanto Monte Alverne foi separado do seu grupo (Magalhães e Cia.), Odorico permaneceu com os seus.

A colocação de Monte Alverne junto de Frei São Carlos e Frei Sampaio (seguindo o modelo de Fernandes Pinheiro) deu mais força à oratória sagrada brasileira no século XVIII e deixou D. Antonio de Macedo Costa sozinho defendendo o catolicismo no século XIX.

Tradicionalmente, Odorico Mendes foi sempre colocado nas histórias literárias próximo de seus conterrâneos. Era considerado por Silvio Romero como o *patriarca da escola maranhense*, da qual também fizeram parte Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, Sotero dos Reis e Antonio Henriques Leal. Consta do programa de poética (7° Ano) de 1865, a adoção do livro *Virgílio Brasileiro* de Odorico Mendes.

Antonio Francisco Dutra e Melo foi inserido com uma poesia publicada em 1844 na revista *Minerva Brasiliense*, intitulada " Madrugada na ilha dos Ferreiros" (6ª edição) ou " Madrugada e tarde na ilha dos Ferreiros" (22ª edição). Neste poema, também conhecido como "Manhã na ilha dos Ferreiros", o professor do Colégio de Instrução Elementar (RJ), que havia publicado uma tradução da gramática de Robertson como *Curso prático de língua inglesa* (1842), descreve a baía e alguns pontos da cidade do Rio de Janeiro (clarabóias, casas, colinas, conventos, Pão de Açucar, Candelária), durante a manhã, vista da ilha mencionada. O poeta fala ainda do "ocaso", da natureza e de suas emoções.

O "cirurgião do exército" e "professor de gramática, geografia e história na escola anexa à militar", **Laurindo José da Silva Rabelo**, apelidado de *Poeta Lagartixa* por ser magro, entrou na ***Antologia Nacional*** com trechos do poema "Adeus ao mundo", onde aborda a morte longe da pátria. O poema incompleto, entrecortado de reticências, ressalta a "nota melancólica" e a falta da família, correspondendo, portanto, às características biográficas ressaltadas na nota que o antecede: "Lutou sempre com a penúria e teve grandes amarguras pela perda de parentes e amigos que estremecidamente amava". [225] Assim como Dutra e Melo, Laurindo Rabelo é também autor didático do *Compêndio de gramática da língua portuguesa*, publicado postumamente no Rio de Janeiro, em 1872.

---

[224] Id., p. 370.

[225] Id., p. 384.

A morte é também o tema do excerto seguinte, "Tristeza", de **Manuel Antonio Álvares de Azevedo**, "formado em letras no Colégio Pedro II" e falecido "antes de terminar os estudos jurídicos" em São Paulo.[226] Poeta muito festejado pela crítica brasileira, considerado por Silvio Romero como um lírico moderno, na ***Antologia*** ele aparece, através do crítico Rodrigues Cordeiro[227], como um poeta dividido entre o romantismo e a literatura clássica de Propércio e Rufino. Tanto na pequena amostragem, como na ultrapassada crítica de 1877, nota-se uma certa má vontade, ou reserva dos compiladores no tratamento de Álvares de Azevedo.

O poeta seguinte é o **Frei Luís José de Junqueira Freire**, cuja amostragem, "O hino da cabocla", poema também recolhido no compêndio de Melo Morais Filho na seção de poesias *indianas e sertanejas*, dá voz a uma índia guerreira e viril. O tema do excerto está completamente desligado das características apontadas na nota biobibliográfica:

> Nas poesias de Junqueira Freire principalmente se nota a pugna incessante e dolorosa entre os ditames da consciência e as aspirações de uma alma sequiosa de amor e glória mundana. [228]

Os compiladores da ***Antologia Nacional***, ao contrário de Melo Morais Filho que reproduziu o poema completo, cortaram cinco estrofes: a terceira e o intervalo que vai da nona à décima segunda estrofe. A terceira estrofe pode ter sido censurada por causa de algum sensualismo, ou talvez tenha sofrido restrição, como as demais, por causa do tom subversivo da índia contra os reis brancos e suas leis.

Como Dutra e Melo e Laurindo Rabelo, Junqueira Freire foi também autor didático, dos *Elementos de retórica nacional* (1869), compêndio publicado depois de sua morte.

Casimiro José Marques de Abreu, entrou na ***Antologia Nacional*** com o poema "Meus oito anos", o qual fora antes compilado por Caldas Aulete na *Seleta Nacional*. Seu poema fala da infância no cenário idílico da pátria. A nota biobibliográfica faz uma restrição lingüística que em seguida é compensada pelo efeito emotivo de sua obra:

> Não é escritor correto, mas poeta cujos maviosos acordes sabem o caminho do coração. [229]

Outro poeta selecionado, cuja melhor característica era a inspiração e não a forma foi o quase advogado **Luís Nicolau Fagundes Varela**. A nota biobibliográfica parece desculpá-lo, ressaltando que ele "foi um poeta inspirado, que escrevia quase de improviso e não teve tempo de corrigir seus escritos." [230] O excerto escolhido, o "Cântico do Calvário", tem um motivo biográfico, a morte do primeiro filho, Emiliano.

---

[226] Id., p. 387.

[227] Trata-se do português Antonio Xavier Rodrigues Carneiro, que publicou um artigo "Manuel Antonio Álvares de Azevedo" no *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1877*. Lisboa: Lallemant Frères, 1877, p. 3-18.

[228] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p.388.

[229] Id., p. 390.

[230] Id., p. 396.

Antonio de Castro Alves, também estudante de direito, foi o último poeta brasileiro do século XIX inserido na 1ª edição da ***Antologia Nacional***. Sua amostragem foge do tema biográfico e da abolição dos escravos, assunto que o popularizou. Trata-se do poema "O livro e a América", que fala da implantação da cultura européia no "Novo Mundo", cujo ícone é o livro. Na linha do tempo o poeta chega na reflexão sobre seu papel social no presente e no futuro:

> [...]
> Oh! bendito o que semeia
> Livros... livros à mão cheia,
> E manda o povo pensar!
> [...]
>
> Bravo! O quem salva o futuro
> Fecundando a multidão!
> Num poema amortalhada,
> Nunca morre uma nação.
> [...]

A idéia de que o livro e a poesia são mensageiros do progresso da nova nação valida não só a função social do poeta e da poesia, mas também da escola e do compêndio como veículos difusores desse progresso.

Completam o quadro da 1ª edição da ***Antologia Nacional*** os prosadores e poetas portugueses do século XIX. Ao contrário dos brasileiros, cuja maioria de excertos não aparecia em compêndios anteriores, 54% dos trechos portugueses selecionados na ***Antologia Nacional*** eram conhecidos no ambiente escolar através da *Seleta Nacional* de Caldas Aulete e da *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza.

Os três primeiros autores (Garrett, Castilho e Herculano), presentes tanto na parte de prosa como na de poesia, formam a "gloriosa trindade romântica em Portugal", como assinalou a nota biobibliográfica de Garrett. [231]

João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, advogado, exilado duas vezes, foi depois de 1832 político influente (deputado e ministro) e tinha o título de visconde. Seu único excerto em prosa, intitulado "O Grego e o Latim", defende o estudo das duas línguas clássicas e suas respectivas literaturas como condição fundamental "desta educação nobre" para formar o homem público. Reconhecendo a influência dos antigos sobre os autores modernos, Garrett advoga em favor da linguagem e do estilo clássico, da retórica enfim, como única forma de ser eloqüente, de ter leitores e de "escrever bem" na língua vernácula.

Enquanto o trecho em prosa, tirado da *Carta I* do tratado da *Educação* (1829) apreende idéias pedagógicas conservadoras direcionadas para os jovens aprendizes, como os leitores da ***Antologia Nacional***, a seleção do poeta incluiu dois excertos do poema *Camões* (1825), considerado o marco do romantismo em Portugal, onde o próprio Garrett declarou no prefácio:

> Conheço que está fora das regras, e que se pelos princípios clássicos o quiserem julgar, não encontrarão senão irregularidades e defeitos. Porém declaro desde já que não olhei a regras, nem a princípios, que não consultei a Horácio,

---

[231] Id., p. 146.

> nem a Aristóteles, mas fui insensivelmente depós o coração, e os sentimentos da natureza, que não pelos cálculos da arte e operações combinadas de espírito. [232]

O primeiro excerto em verso, intitulado "A visão", já tinha sido coletado na *Seleção Literária*, enquanto que o segundo, que fala da "Morte de Camões", e o terceiro, "Retrato", tirado do Poema-canto *Adozinda* também já haviam aparecido na *Seleta Nacional* de Caldas Aulete. O segundo excerto, como outros de autores portugueses, foi excluído da ***Antologia Nacional*** na 25ª edição.

Antonio Feliciano de Castilho, que também formou-se em direito, entrou na ***Antologia Nacional*** como "eminente vulto das letras portuguesas". A observação final da nota biobibliográfica elegeu-o como digno modelo a ser imitado:

> Operário e mestre infatigável, só descansou pouco antes de morrer: e assim na prosa como no verso é corretíssimo escritor e profundamente versado nos arcanos melodiosos do idioma. [233]

Os três excertos em prosa de Castilho já eram conhecidos pelos leitores escolares. O primeiro trecho, "O padre Manuel Bernardes", que trata da formação de Bernardes e, depois do corte (reticências), do final de sua vida, já havia aparecido antes na *Seleta Nacional* de Caldas Aulete e na *Seleção Literária*. O segundo, "Paralelo entre Bernardes e Vieira", e o terceiro excerto, "Conselhos do Conde D. Henrique a seu filho", extraído dos *Quadros Históricos*, também já tinham sido recolhidos na *Seleção Literária*.

Os dois primeiros excertos, tirados do volume da coleção *Livraria Clássica*, intitulado *Vida e obra de M. Bernardes*, serão comentados na parte que trata de Manuel Bernardes (Século XVII), pois eles reforçam a maior importância atribuída a Bernardes em oposição ao Padre Vieira. Este volume de Antonio de Castilho, era indicado também nos *Programas de Ensino* do Colégio Pedro II, às vezes para as aulas de português, às vezes para os exames finais do Colégio, ou ainda para os *Exames Preparatórios*.

Na segunda parte, dedicada à poesia, Castilho entra com o "Cântico da noite", aludindo à noite, à morte, a Deus e à pátria. Este poema também já havia circulado na *Seleta Nacional* de Caldas Aulete e na *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza.

O terceiro autor da "trindade romântica em Portugal", **Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo**, entrou na ***Antologia Nacional*** com quatro excertos em prosa ("Alcácer do Sal", "Perseguição religiosa", "O rei e o arquiteto", "Morte de Afonso Domingues") e uma poesia ("A Cruz mutilada"), tirada do livro *Harpa do Crente*. A preferência numérica pela prosa foi esclarecida na nota biobibliográfica:

> Não logra o poeta ocultar as durezas do estilo granítico; mas o prosador é sem dúvida um dos mais valentes escultores do nosso idioma.[grifos meus] [234]

---

[232] GARRETT, Almeida. Prefácio do poema *Camões* In: PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. *Curso Elementar de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Garnier, 1862, p. 523.

[233] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 148.

[234] Id., p. 157.

Enquanto o primeiro e o segundo excerto em prosa já tinham sido coligidos na *Seleta Nacional* e na *Seleção Literária*, o terceiro e o quarto, que pareciam "novos" no contexto escolar, foram tirados de "A Abóbada", inserida nas *Lendas e Narrativas*, livro elogiado por Fernandes Pinheiro:

> Digna dos precedentes trabalhos [*Eurico* e *Monge de Cister*] é essa grinalda romântica belamente enastrada com o título de Lendas e Narrativas: *A Abóbada*, as *Arrhas por foro d'Hespanha* são a exumação do passado com as cores do presente; [235]

A menção ao "estilo granítico" parece aludir à opinião do crítico português Lopes de Mendonça, reproduzida no compêndio de Fernandes Pinheiro:

> "..... Usamos de propósito aqui da palavra *cinzelar*. É que o estilo do Sr. Alexandre Herculano não possui os toques maviosos, o colorido vaporoso e ligeiro, o traço elegante e fugitivo do pincel: grava-se e entranha-se na pedra; sente-se gemer, partindo em lascas a superfície dura e rebelde do mármore, ou do granito, figura-se-nos o imutável e poderosamente indestrutível da estatuária e arquitetura; é como os *baixos relevos* dos edifícios antigos que adquirem cor tisnada que lhe imprime o tempo, sopro dos séculos que entristece e ao mesmo tempo santifica a face dos monumentos." [236]

O que no entanto é elogio para o crítico português e para Fernandes Pinheiro, na ***Antologia*** aparece como falta, compensada em seguida com a expressão também tirada da estatuária "um dos mais valentes escultores do nosso idioma". Na 25ª edição a amostragem de Herculano foi diminuída com a exclusão do primeiro e do quarto excerto em prosa.

Depois dos três patriarcas, o prosador **José Estevão Coelho de Magalhães** entrou na ***Antologia Nacional*** como um dos representantes da oratória portuguesa do século XIX. Seu discurso, "acerca do aprisionamento do navio *Charles et Georges*", em 1857, intitulado "Heróis", tinha aparecido antes na *Seleta Nacional* de Caldas Aulete.

Já o "empregado na Biblioteca de Lisboa", **Antonio da Silva Túlio**, que era cunhado de Caldas Aulete, foi selecionado pelos compiladores da ***Antologia Nacional*** por ter sido "um grande estudioso da história e língua maternas" e por ter sustentado "as excelências da vernaculidade contra a cáfila sistematicamente deturpadora do nosso idioma". [237] O trecho escolhido, "Infinitivo pessoal e impessoal", foi extraído do livro *Estudinhos de língua pátria*, adotado nas aulas de português do Colégio Pedro II nos programas de 1892 e 1893. Tanto as regras sobre o emprego do infinitivo como suas transgressões foram respaldadas por exemplos tirados de autores clássicos, tais como: Fernão Mendes Pinto, Vieira, Bernardes e Camões. Como este livro de Silva Túlio foi "*anotado por Camilo Castelo Branco*", há também, no final do excerto, comentários do autor de *Amor de Perdição* sobre o emprego do infinitivo, cujos exemplos abonadores foram tirados de Frei Luís de Souza e de Antonio Feliciano de Castilho.

---

[235] PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit., p. 526.

[236] MENDONÇA, A. P. Lopes de. *Memórias da Literatura Contemporânea*. Apud PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit., p. 526.

[237] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 173.

Luís Augusto Rebelo da Silva entrou na ***Antologia*** como "escritor fluente", cujo "estilo não falta[va] decorosa amplidão, nem movimento e brilho".[238] Apesar de ter seus romances e seus livros históricos ressaltados na nota biobibliográfica, o trecho selecionado, "Última corrida de touros em Salvaterra", foi extraído da obra *Contos e Lendas*, trecho que já havia aparecido na seção de "Descrições" da *Seleta Nacional* de Caldas Aulete. Rebelo da Silva é citado ainda como crítico na nota biobibliográfica de José da Silva Mendes Leal, elogiando a "criação lírica" deste poeta português.

Depois de Rebelo da Silva, foi inserido o "general das letras lusitanas" **José Maria Latino Coelho**, militar e professor da Escola Politécnica de Lisboa. Sua principal característica era a vernaculidade:

> Apaixonado cultor de línguas vivas e mortas, possuía o mais copioso cabedal de idéias e, ao mesmo tempo, admirável faculdade de expressá-las com propriedade. Tem seus escritos sabor clássico, que aliás não peca por incôngruo purismo. [239]

O primeiro excerto, intitulado "A palavra", que já tinha sido coligido por Caldas Aulete, foi tirado da "bela" tradução da *Oração da Coroa* de Demóstenes. O segundo trecho, "América e Portugal" que trata da colonização portuguesa, foi tirado do *Elogio Histórico de José Bonifácio*, panegírico que também serviu de base a Caldas Aulete para a escolha de outro trecho na *Seleta Nacional*.

Camilo Castelo Branco, um dos paladinos da língua portuguesa, entrou na ***Antologia Nacional*** com a bênção de João Cardoso de Meneses e Souza, o nosso Barão de Paranapiacaba:

> A frase era castiça, de lei, e, na opinião do Sr. Paranapiacaba - "Um período de escrito seu semelha finíssima cabaia, que mãos de fada houvessem bordado a diamante e matizado de pérolas." [240]

Apesar de ser reconhecido como romancista de muito sucesso na nota biobibliográfica, apenas um trecho descritivo do romance *A Brasileira de Prazins* foi coligido na **Antologia**. Os outros dois excertos estão relacionados com a história de Portugal e com sua galeria de celebridades. O "Suplício da marquesa de Távora", cuja cabeça foi cortada em praça pública em 1759, é um trecho que foi extraído da obra *Perfil do Marquês de Pombal*. O outro excerto, "Casamento de Sá de Miranda", saído da *História e sentimentalismo: poetas e raças finas*, trata da união do poeta quinhentista com *D. Briolanja de Azevedo*, corrigindo algumas informações de Teófilo Braga e de Gonçalo Coutinho. Na 25ª edição este último trecho foi suprimido da ***Antologia Nacional***.

Joaquim Guilherme Gomes Coelho, mais conhecido pelo "nome literário", **Júlio Diniz**, teve o reconhecimento de Fausto Barreto e Carlos de Laet como escritor de "romances popularíssimos". Sua amostragem, "O solar e o casal", foi um trecho descritivo tirado de um de seus romances conhecidos, chamado *Os fidalgos da Casa Mourisca*.

---

[238] Id., p. 178.

[239] Id., p. 188.

[240] Id., p. 195.

Pelas observações nas notas biobibliográficas de Júlio Diniz e de Camilo Castelo Branco percebe-se que os romances realistas e naturalistas eram vistos com muita reserva e cautela pelos compiladores, que haviam prometido aos leitores, desde o prefácio da 1ª edição da ***Antologia Nacional***, "repelir tudo que não respirasse a honestidade que cumpre manter no ensino": [241]

> [...] **Júlio Diniz** [...] Romancista, foi no dizer do Sr. A. X. Rodrigues Cordeiro, um verdadeiro realista - "mas do realismo que se radica na honra e na moralidade, e que não apresenta senão o que é digno de ser imitado". [242]
>
> **Camilo Castelo Branco** [...] Em seus romances exibiu-se naturalista fidelíssimo, posto que não desasseado, exceto talvez nas últimas produções com que imitava por *troça* os processos do zolismo. (*Vulcões de Lama*, *Eusébio Macário*, *A Corja*, etc.). [243]

Tais comentários nos remetem para aquela "regra *moral*" do romance, ensinada no *Compêndio de Retórica e Poética* (1879) do Cônego Manuel da Costa Honorato, a qual pregava "a *instrução do espírito e a correção dos costumes*". [244]

A prevenção de que "o naturalismo não recuou diante da torpeza" no *Primo Basílio* de Eça de Queirós [245] e a inclusão tardia de Aluísio de Azevedo, que entrou só em 1945 (25ª edição), são indícios na própria ***Antologia Nacional*** que o romance continuaria a ser julgado, durante muito tempo, pela mesma regra moral do compêndio de retórica.

Visto com muita reserva pela escola leiga, o romance moderno é praticamente abominado na escola religiosa, cujo exemplo mais notório é o trecho do compêndio *Noções Gerais de Literatura* por F. T. D., ou melhor, Frei Teodoro Duran, autor didático de muito sucesso no Brasil (cujas iniciais deram o nome à editora FTD):

> **376. Perigos do romance**. - Resultam da extrema volubilidade da imaginação. Esta faculdade, no romance, encontra uma tentação à qual dificilmente resiste. Rompe-se, a favor das faculdades inferiores da imaginação e sensibilidade, o imprescindível equilíbrio da hierarquia (parte 1ª cap. X) e resultam estragos lamentáveis.
>
> *a) Que se verifica no estado da literatura contemporânea de gênero romance?*
>
> 1º Que a maior parte dessas obras constituem provocação despudorada ao vício.
>
> **"Muitos são os heróis cínicos, muitas as descrições obscenas, muitos os desvarios e os crimes no romance moderno. Histórias de júri quase sempre. Ali se estadeiam com alarde todas as paixões perversas. Caso milagroso, si não despertassem emoções e desejos maus nos leitores, essas obras venenosas. Zombem da nossa ingenuidade, os que pretendem efeito salutar do conjunto desses amontoamentos de imoralidades." DUBUISSON,** lente da Faculdade de Paris.
>
> 2º que os romances, quase todos, espalham teses errôneas, que, a pouco e pouco, vão desnorteando e desequilibrando os espíritos.

---

[241] Id., p. 8.

[242] Id., p. 200.

[243] Id., p. 195.

[244] HONORATO, Cônego Manoel da Costa. Op. cit., p. 152. Vide citação completa no Capítulo I, sobre a ascensão do português.

[245] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 215.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

> 3° que a leitura habitual de romances, por melhores que sejam, desvia dos estudos sérios e proveitosos. [...] [246] [os tipos foram reproduzidos como aparecem no compêndio]

O último prosador português do século XIX selecionado na 1ª edição da ***Antologia Nacional*** foi o historiador **Joaquim Pedro de Oliveira Martins**, equiparado a Michelet. O texto escolhido, cujo título remete à história portuguesa ("Portugal em 1580"), foi tirado da obra que homenageia o mais importante escritor nacional: *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal*.

Além dos três fundadores do romantismo em Portugal, foram incluídos mais três poetas: Mendes Leal, João de Lemos e Gonçalves Crespo.

José da Silva Mendes Leal sobressaiu como escritor de teatro, mas para provar a opinião de Rebelo da Silva, transcrita na nota biobibliográfica, sobre ser sua melhor característica "a criação lírica", foi escolhida a poesia "Ave, César!". Incluída no Curso Elementar de Literatura Nacional, o Cônego Fernandes Pinheiro achava que com esta composição Mendes Leal se igualava a Victor Hugo:

> No *Ave, César*, dedicado à memória de Carlos Alberto, elevou-se o Sr. Mendes Leal a uma altura incomensurável; pousou ao lado de Victor Hugo, e amesquinhou todos os êmulos em seu olímpico arrojo. [247]

Ao contrário do *Curso Elementar* e da ***Antologia***, esta poesia, dedicada "*à morte de Carlos Alberto, rei do Piemonte*", entrou sem cortes na *Seleta Nacional* de Caldas Aulete.

O poeta **João de Lemos Seixas Castelo Branco** entrou na ***Antologia Nacional*** também com uma poesia conhecida dos leitores da *Seleta Nacional* de Caldas Aulete, intitulada "A lua de Londres". Antes de Aulete, Fernandes Pinheiro a elogiara, embora não a tenha reproduzido em seu compêndio:

> Na *Lua de Londres*, sofremos da nostalgia do poeta, com ele nos identificamos em seu saudoso suspiro à pátria, e voando pela imaginação às pitorescas ribas do Lima e do Mondego mais melancólico achamos o céu de Albion. Acreditamos que imorredoura será esta produção do Sr. João de Lemos, a quem saudamos como um dos mais distintos romeiros da nova peregrinação literária. [248]

A nota biobibliográfica de João de Lemos na ***Antologia*** refere-se ao crítico português Lopes de Mendonça, o qual tinha sido reiteradas vezes citado por Fernandes Pinheiro, como vimos anteriormente, a propósito de Alexandre Herculano. É importante notar que a ***Antologia Nacional*** reproduziu uma frase de Lopes de Mendonça que também havia sido citada por Fernandes Pinheiro, o que pode indicar que, ou a fonte crítica era comum aos dois livros didáticos, ou o compêndio mais novo (1895) tinha se aconselhado com o compêndio mais velho (1862):

---

[246] *Noções Gerais de Literatura* por F. T. D. (Coleção de Livros Clássicos F. T. D./ Deus - Pátria - Família). São Paulo: Livraria Francisco Alves/Paulo Azevedo & C., 1929, p. 542.

[247] PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit., p. 530.

[248] Id., p. 531.

" É um poeta que nasceu no seio da civilização (diz o Sr. Lopes de Mendonça), cuja musa parece revestir-se de todos os primores da elegância e do luxo. [...] " [249]

"É um poeta que nasceu no seio da civilização - escreveu Lopes de Mendonça - e cuja musa parece revestir-se de todos os primores da elegância e do luxo." [250]

Enquanto Teófilo Braga incluiu **Antonio Cândido Gonçalves Crespo** entre *Os líricos brasileiros* no seu *Parnaso Português Moderno* (1877), Fausto Barreto e Carlos de Laet colocaram-no entre os "Poetas Portugueses" do século XIX, talvez porque, nascido no Rio de Janeiro, tivesse vivido "no Brasil até a idade de quatorze anos", estabelecendo-se depois em Portugal.[251] Os compiladores selecionaram Gonçalves Crespo porque admiravam "o mimo da imagem, a melodia da frase e a delicadeza do sentimento" de suas poesias. "O minuete", composição em dísticos coletada na ***Antologia Nacional***, tinha sido escolhida também na *Seleta Nacional* de Caldas Aulete.

6ª edição - 1913

A seleção de autores e excertos da 6ª edição da ***Antologia Nacional***, como vimos, privilegiou, e muito, os autores brasileiros. Foram incluídos 13 prosadores e 4 poetas brasileiros, e apenas 3 prosadores e 3 poetas portugueses. A ordem de apresentação continuou a mesma da 1ª edição, incrustando os autores da 6ª edição entre os anteriores para respeitar a ordem de nascimento. Mas, como na 1ª edição, a regra não atingiu o trio de fundadores do romantismo no Brasil (Magalhães, Porto-Alegre e G. Dias) e o respectivo trio de Portugal (Garrett, Castilho e Herculano), que permaneceram em primeiro lugar.

Com exceção de Machado de Assis, que não tinha freqüentado sequer o curso secundário, a formação dos autores brasileiros da 6ª edição passava pelos bancos do liceu e do curso superior, sendo que a maioria concluiu o curso de direito (Pereira da Silva, Ouro Preto, Couto de Magalhães, Franklin Távora, Rio Branco, Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, Raul Pompéia, Luís Guimarães, Raimundo Correia), reiterando, como na 1ª edição, a proximidade entre leis e letras. Todos eram funcionários públicos, alguns graduados (diplomatas e ministros), e alguns tinham título de nobreza, porém todos circulavam pelos jornais e revistas da época e muitos pertenciam ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Com a fundação da Academia Brasileira de Letras em 1897, foi acrescentado nas notas biobibliográficas (geralmente junto com o registro de sócio do Instituto Histórico) o pertencimento à Academia (Machado, Taunay, Rio Branco, Nabuco, Patrocínio, Raimundo Correia), funcionando como um galardão que, no caso de Euclides da Cunha e de Luís Guimarães (membros da Academia), foi omitido. [252]

---

[249] Id.

[250] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 433.

[251] Id., p. 452.

[252] Vale lembrar que muitos autores do século XIX, presentes na ***Antologia Nacional***, que haviam morrido antes da existência da Academia, lá entraram como patronos de cadeiras (Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Gonçalves Magalhães, Fagundes Varela, Francisco Otaviano, Franklin Távora, Gonçalves Dias, Francisco Lisboa, Macedo, Alencar, Junqueira Freire, Laurindo Rabelo, Porto Alegre, Raul Pompéia e Varnhagen). In: http\\:www.academia.org.br

Se a seleção da 1ª edição estava mais preocupada com a pureza da língua e com o caráter nacional, o principal critério de escolha da 6ª edição parece ter sido a preferência política. Assim, como os próprios compiladores, sobretudo Carlos de Laet, a maioria dos autores brasileiros da 6ª edição era monarquista, alguns bem chegados ao imperador Pedro II. Depois da proclamação da República, alguns se recolheram e outros protestaram contra o banimento do imperador e, com o passar dos anos, a República aproveitou muitos sobreviventes do Império, até os mais renitentes.

Fausto Barreto, por exemplo, foi nomeado em 1892 pelo novo regime, lente de Gramática Histórica do Colégio Militar, reduto republicano. Carlos de Laet, ao contrário, foi demitido do Colégio Pedro II por ter protestado contra a mudança de nome da instituição e, em 1893, refugiou-se por alguns meses em Minas Gerais por causa do estado de sítio no Distrito Federal. Carlos de Laet não se vergaria diante da República, além de defensor ardoroso do catolicismo, seria sempre um combatente da causa monárquica. Sua carta de 3 de outubro de 1908 ao Príncipe D. Luís de Orléans e Bragança dimensiona sua ação:

> Sou monarquista pela indignação que me causou a traição miserável de 1889, e mais ainda pela certeza, cada vez mais radicada, dos males e desgovernos trazidos ao Brasil pelo vigente regime. [...] [e referindo-se "à causa monárquica"] Avivá-la, revigorá-la no jornalismo com a evocação das glórias do império e a crítica dos descalabros da república, - tal tem sido o meu papel, obscuro, mas pertinazmente sustentado. [253]

Na 6ª edição da ***Antologia Nacional***, tanto os comentários nas notas biobibliográficas (feitos por Laet) quanto os excertos que "revigoravam a monarquia", "evocando as glórias do império", refletiam a militância monarquista e o ambiente político mais tolerante da década de 1910, contrastando com a época repressora dos primeiros dez anos de República. Em 1915, Laet foi finalmente perdoado pelo governo e, em 1º de setembro, voltou ao corpo docente do Colégio Pedro II, dirigindo-o também de 1918 a 1925.

Desta maneira, nota-se na 6ª edição, na parte de prosa brasileira, a preferência escancarada pela história nacional durante o império. Dos 14 trechos selecionados, 8 estão ligados a fatos históricos e a seus vultos. Há ainda 3 extratos descritivos de romances (*Quincas Borba*, *Inocência*, *Os Sertões*), um trecho religioso, uma lenda e um excerto sobre a língua dos índios.

Enquanto Francisco de Varnhagen, considerado na nota biobibliográfica "pai da nossa história", havia entrado na 1ª edição da ***Antologia Nacional*** com um pequeno excerto de 4 páginas, extraído de sua *História Geral do Brasil*, outros três excertos históricos, introduzidos na 6ª edição, tinham formato caudaloso. O mais extenso deles, "A batalha de Riachuelo" com 15 páginas, parece pagar tributo ao ex-chefe dos compiladores na *Tribuna Liberal*, o Visconde de Ouro Preto, figura política provavelmente aludida, como vimos, no artigo de Francisco Otaviano.

Afonso Celso de Assis Figueiredo, ou como ficou mais conhecido, **Visconde de Ouro Preto**, teve tratamento *vip* na ***Antologia Nacional***, com nota biobibliográfica longa e pormenorizada e amostragem farta.

---

[253] Apud LOPES, Pe. Francisco Leme. *Carlos de Laet: textos escolhidos*. (Coleção Nossos Clássicos) Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1964.

Esta parece que foi a maneira encontrada por Fausto Barreto e Carlos de Laet para homenagear aquele que os havia brindado com o mais alto cargo público de suas vidas: Fausto foi nomeado presidente de província (RN) e Laet foi nomeado oficial de gabinete do próprio Ouro Preto em junho de 1889, quando este passou a presidir o conselho de ministros. A nota biobibliográfica assinala a combatividade de Ouro Preto contra a República:

> Deposto pelo movimento de 1889, foi banido e partiu para a Europa, revelando em todos os transes que então curtiu, a mais impertérrita compostura.
> [...] *Advento da Ditadura Militar no Brasil*, obra escrita no exílio logo após a revolução, e que no país teve a maior repercussão [...]
> Neste mesmo ano [1899] entrou a ser publicada a *Década Republicana*, apreciação da política e da administração da República em seu primeiro decênio, e nessa publicação escreveu Ouro Preto duas extensas e ótimas monografias sobre a marinha e sobre as finanças.
> Havendo colaborado em diversas folhas políticas, e notadamente na *Reforma*, Ouro Preto fundou a *Tribuna Liberal*, que se publicou de 1888 a 1889 e a *Liberdade*, que se estampou de 1896 a 1897 sendo então atacado e destruído pelos adversários. [254]

A batalha naval tirada do "longo e documentado trabalho histórico" [255] *A Marinha de Outrora*, uma das poucas cenas de guerra da ***Antologia Nacional***, narra de forma sangrenta a primeira grande campanha do Brasil (junho de 1865) na Guerra do Paraguai, conflito que se iniciara em dezembro de 1864 e se estenderia até março de 1870. Entre a terminologia bélica da época e cenas de crua violência, "conquista[va]m imorredoura glória" os brasileiros que tombaram pela pátria.[256] No final do excerto, disse o Visconde de Ouro Preto:

> A batalha de Riachuelo, considerada pelo seu aspecto exclusivamente militar, foi um dos maiores feitos navais de que reza a história. Ela assinalou uma época notável nos anais da marinha, inovando audaciosamente a tática até então conhecida.
> [...]
> Riachuelo foi um fato culminante na guerra provocada pelo ditador do Paraguai. A vitória que ali ganhou o Brasil, graças à inexcedível bravura de seus marinheiros e à perícia do intrépido comandante [Barroso], influiu decididamente na sorte de toda a campanha. [257]

O excerto de Ouro Preto reflete o "tom de ufanismo" do início do conflito, pois, como observou Lilia Schwarcz, "o primeiro ano da guerra, quando a participação no evento era considerada um grande ato de patriotismo" foi marcado por "uma grande euforia" e "um otimismo geral, sobretudo por parte do imperador [...] que acumulava, até aí, pontos em sua popularidade". [258]

---

[254] Id., p. 72-73.

[255] Id., p. 73.

[256] Id., p. 82.

[257] Id., p. 87-88.

[258] SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., p. 303-305.

A "recordação" da vitória em Riachuelo, como disse Ouro Preto, era "motivo de orgulho nacional" [259], e assim permaneceu na ***Antologia Nacional***, não obstante o pequeno corte de duas páginas na 25ª edição, o qual não prejudicou a mensagem encorajadora de atos heróicos e patrióticos.

Outro autor que teve tratamento parecido ao de Ouro Preto foi o **Barão do Rio Branco** (José Maria da Silva Paranhos), filho do Visconde de Rio Branco, figura importante do Império que, por sua vez, também entraria nesta edição da ***Antologia Nacional***, mas através da pena de Machado de Assis.

A nota biobibliográfica do Barão do Rio Branco, mais extensa que a de Ouro Preto, ressaltou sua carreira diplomática e seus "triunfos" nas questões de limites do Brasil com países vizinhos (Argentina, Guiana Francesa, Bolívia e Perú), cujo "ganho de causa" rendeu ao Brasil os territórios das Missões (ou de Palmas) ao sul, o Amapá (ou Oiapoque) ao norte e o Acre a oeste. [260]

Entretanto, o longo trecho escolhido, de 11 páginas, ao invés de sair de seus "triunfos", foi tirado do *Esboço biográfico do General José de Abreu, Barão do Serro Largo*, obra publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* em 1868, "escrita" antes, porém, "em São Paulo, em 1865, quando ainda era estudante, [...] e com a qual entrou para o Instituto". [261]

O cenário deste excerto é também uma batalha, mas desta vez da Guerra da Cisplatina (1825-1828), cuja derrota brasileira em fevereiro de 1827 enfraqueceu o reinado de D. Pedro I. Neste excerto, Rio Branco procurou ressaltar o papel heróico do Barão de Serro Largo e os desacertos da tropa brasileira. Na 25ª edição da ***Antologia*** este excerto sofreu corte de 5 páginas, enfraquecendo a participação do Barão de Serro Largo na batalha, procedimento que pode indicar que o assunto havia perdido o interesse.

Apesar da nota biobibliográfica advertir o leitor sobre as falhas de **João Manuel Pereira da Silva** como historiador, ele entrou na ***Antologia*** com um longo trecho, de 11 páginas, intitulado "A Revolução de 1831". Esta escolha, onde Pereira da Silva narra a abdicação do trono feita por D. Pedro I em favor de seu filho, fez valer mais suas qualidades e compensou os defeitos:

> **João Manuel Pereira da Silva** [...] foi incontestavelmente, um homem de trabalho e mérito, cujos escritos históricos, objeto, aliás, de várias contestações razoáveis, não devem ser postos de parte pelos estudiosos das coisas pátrias.
> [...]
> Pereira da Silva freqüentemente se enganava em nomes e datas; mas na apreciação moral dos fatos tinha sisudo critério, nem falece às suas narrativas, em mais de uma página, viva e comunicativa emoção. [262]

Pereira da Silva deixa transparecer em sua narração que seu "sisudo critério" para a "apreciação moral dos fatos" era simpatizante da monarquia constituída. Assim, trata como "conspiradores" "das mais disparatadas pretensões" o "povo" que queria a demissão do novo ministério escolhido por D. Pedro I,

---

[259] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 88.

[260] Id., p. 107-108.

[261] WERNECK, Eugênio. *Antologia Brasileira*. 12ª ed.Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927, p. 368. (1ª ed. 1900)

[262] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Antologia Nacional. Op. cit., p. 40.

noticiando com pesar, tanto a adesão das "tropas" ao movimento, como "as comoções" do imperador e sua esposa:

> Não tardou infelizmente o 1° batalhão de granadeiros em imitar o exemplo da artilharia, aparecendo no Campo às 10 horas da noite. O movimento já não era só de paisanos: avultava com a junção de tropas arregimentadas.
> [...]
> Se não pode o pincel pintar, quanto mais a pena descrever as comoções por que D. Pedro e D. Amélia passaram o resto da noite! Constituem cenas que apenas se advinham pelo sentimento. [263]

Além de focalizar o papel de D. Pedro I na história brasileira, retratando-o como patriota honrado e defensor da Constituição (afinal ele era pai de Pedro II), o trecho de Pereira da Silva enfoca a gênese do Segundo Império, período privilegiado na ***Antologia Nacional***. Na 25ª edição, 4 páginas deste excerto foram cortadas, suprimindo a ação intermediária dos juizes de paz, o abatimento de D. Pedro I depois da abdicação e sua partida para a Europa. A supressão, no entanto, não demoliu a imagem cunhada por Pereira da Silva em 1871.

Embora seus excertos fossem bem menores do que os anteriores, dois Joaquins, o Nabuco e o Norberto, Couto de Magalhães e Eduardo Prado, entraram na ***Antologia Nacional*** como defensores de D. Pedro II e da monarquia.

Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo foi selecionado como "um talento de primeira ordem" e que "se distinguiu na campanha da abolição do cativeiro". Assim como o Barão do Rio Branco, Nabuco era filho de político influente do Império, mas ao contrário de Rio Branco, que deu seqüência na carreira diplomática depois da mudança do regime, Nabuco ficou um longo tempo "de quarentena", fato que não escapou à nota biobibliográfica, que teve a cautela de explicar a transformação deste monarquista em cônsul da República:

> Sobrevindo a revolução de que resultou a mudança das instituições, Joaquim Nabuco mui cavalheirosamente se enfileirou entre os monarquistas, e em prol da causa vencida galhardo se bateu na imprensa. São desta época os seus opúsculos *O dever dos monarquistas*, em réplica a uma carta do Almirante Artur de Jaceguai, *Balmaceda*, estudo da revolução chilena que derrubou esse estadista, e a *Intervenção estrangeira durante a revolta.*
> Após dez anos consagrados, como ele próprio disse, a este sentimento de fidelidade, serviu como ministro da República em Londres, e defendeu os direitos do Brasil na questão de limites com a Guiana Inglesa, litígio em que, como se sabe, contra nós foi proferido o laudo arbitral do rei da Itália, não obstante os esforços empregados por Nabuco. [...] [264]

O extrato de Nabuco foi tirado de *A Minha Formação*, "autobiografia assaz interessante". [265] À moda de Macedo, com seu trecho sobre Itaboraí evocando o "torrão natal", Nabuco descreve o engenho onde havia passado a infância perto da madrinha e seus escravos. O título do excerto, "Massangana", é o mesmo do

---

[263] Id., p. 47 e p. 51.

[264] Id., p. 120.

[265] Id.

20° capítulo de *A Minha Formação*, do qual, não obstante o corte de seis páginas, foi conservada a parte final, quando Nabuco volta ao engenho, toma consciência cristã do martírio dos escravos e decide lutar pela causa da abolição:

> Tornei a visitar doze anos depois [...] O sacrifício dos pobres negros, que haviam incorporado as suas vidas ao futuro daquela propriedade, não existia mais talvez senão na minha lembrança... [...] Foi assim que o problema moral da escravidão se desenhou pela primeira vez aos meus olhos em sua nitidez perfeita e com sua solução obrigatória. Não só esses escravos não se tinham queixado de sua senhora como, como a tinham até o fim abençoado... A gratidão estava do lado de quem dava. Eles morreram acreditando-se os devedores. [...]
>
> Deus conservara ali o coração do escravo, como o do animal fiel, longe do contato com tudo que o pudesse revoltar contra a sua dedicação. Este perdão espontâneo da dívida do senhor pelos escravos figurou-se-me a anistia para os países, que cresceram pela escravidão, o meio de escaparem a um dos piores taliões da história... Oh! os santos pretos! Seriam eles os intercessores pela nossa infeliz terra, que regaram com seu sangue, mas abençoaram com seu amor!
>
> Eram essas as idéias que me vinham entre aqueles túmulos, para mim, todos eles sagrados, e então ali mesmo, aos vinte anos, formei a resolução de votar a minha vida, se assim me fosse dado, ao serviço da raça generosa entre todas, que a desigualdade de sua condição enternecia, em vez de azedar, e que por sua doçura no sofrimento emprestava até mesmo à opressão de que era vítima um reflexo de bondade... [266]

Os escravos de Nabuco, convertidos em santos sacrificados, dão uma imagem da escravidão completamente distinta daquela outra apresentada na 1ª edição da ***Antologia*** pelo Visconde de Inhomerim (Torres Homem), que pregava a colonização européia para combater os males da escravidão em nossa sociedade: a ignorância, o atraso e a corrupção moral. No contexto da 6ª edição da ***Antologia Nacional***, já portanto em um país de ânimos políticos mais apaziguados, a visão de Nabuco era muito bem-vinda, pois enaltecia um dos grandes feitos do Segundo Império: a abolição do cativeiro.

Joaquim Norberto de Souza e Silva, "infatigável" e "laborioso escritor", morrera pouco tempo depois de proclamada a República (1891), pois, conforme sugeriu a nota biobibliográfica, ficara "desgostoso pela mudança do regime, e sobretudo pelo banimento do Imperador, de quem era amigo". [267]

De sua "avultada obra", foi escolhido para figurar na ***Antologia Nacional***, um trecho de 3 páginas tirado da *Notícia sobre I. J. de Alvarenga Peixoto e suas obras*, uma das introduções biográficas que Joaquim Norberto havia feito para algumas edições poéticas da "casa Garnier".[268]

Assim, apesar de não ter sido incluído na ***Antologia Nacional*** entre os poetas do século XVIII, Alvarenga Peixoto foi lembrado, através da pena de Norberto, não como poeta, mas como conjurado, a começar pelo título do excerto "Alvarenga Peixoto e a Inconfidência". A imagem que se tira deste trecho é a do Alvarenga coronel, encarregado de "angariar gente" no seu reduto (Campanha do Rio Verde) para a

---

[266] Id., p. 124.

[267] Id., p. 56.

[268] Id.

"revolução", autoritário, capaz de sugerir que se ameaçasse o povo com a cabeça do visconde de Barbacena, e capaz de convencer os demais sobre a inscrição que seria adotada na nova bandeira, "o versículo de Virgílio: *Libertas quae sera tamen*", versão distante, portanto, da do patriota que morreu desterrado.

A versão de conjurado autoritário fazia jus à fidelidade monárquica de Joaquim Norberto (e à resistência dos compiladores ao novo regime), pois a Inconfidência, como ponderou José Murilo de Carvalho, era "tema delicado para a elite culta do Segundo Reinado", porque arranhava a monarquia através da condenação de seus antepassados. Em contrapartida, ela representava para os republicanos uma luta patriótica, fazendo com que estes se empenhassem sobretudo na "luta pela construção do mito de Tiradentes", o qual, depois de proclamada a República, ganhou culto cívico e feriado nacional . [269]

Como Norberto, o "infatigável" **José Vieira Couto de Magalhães** entrou na ***Antologia Nacional*** como o "estudioso dos nossos sertões" e "das línguas indígenas". A nota biobibliográfica destacou seus cargos políticos, sua boa performance na Guerra do Paraguai, suas obras e sua lealdade monárquica:

> Envolvido na política do Império, e afiliado ao partido liberal, presidiu as províncias de Goiás, Pará, Mato Grosso e S. Paulo. Na penúltima destas presidências prestou relevantes serviços, desoprimindo da invasão paraguaia uma parte da província; e como prêmio das vitórias que nisso alcançou, foi galardoado com o posto de brigadeiro honorário, distinção que então raríssimamente se concedia a civis. [...]
>
> Depois da revolução de 1889, que o foi colher na presidência de S. Paulo, Couto de Magalhães retraiu-se da vida pública, posto que de vez em quando corajoso protestasse contra abusos e violências. [...] [270]

O trecho escolhido de Couto de Magalhães, de pouco mais de 3 páginas, foi tirado de sua obra mais conhecida, *O Selvagem* (1876), segundo a nota biobibliográfica, um "tratado do idioma, dos costumes, mitos e usanças dos nossos índios". Lilia Schwarcz observa que *O Selvagem* foi feito às pressas para atender ao pedido de d. Pedro II, que queria "mostrar por meio dos produtos e de obras informativas um pouco deste Império americano e tropical" na Exposição Universal de Filadélfia, Estados Unidos, em 1876. [271]

O excerto de Couto de Magalhães na ***Antologia Nacional***, intitulado "O idioma tupi", parece traduzir o lema do autor do livro, "conhecer para bem dominar".[272] Assim, além de fazer apologia da língua tupi, classificando-a "como uma das maiores línguas da terra" e comparando-a "às mais célebres", Couto de Magalhães demonstrava com sua própria experiência, relatando seu contato com os "*Gradahús*", "inteiramente selvagens", que o sucesso da catequese se assentava no conhecimento da língua dos indígenas, porque eles consideravam "amigo" aquele que falava a sua língua e "inimigo aquele que a não fala[va]". [273]

---

[269] CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, cap. 3 "Tiradentes: um herói para a República", p. 55- 73.

[270] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de Op. cit., p. 89.

[271] SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., p. 376-77.

[272] Id., p. 376.

[273] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de Op. cit., p. 90-92.

Quase toda a nota biobibliográfica de **Eduardo Prado** estava voltada para o registro das obras onde ele combateu o regime republicano, sendo que uma delas tinha sido prefaciada por outro monarquista contumaz, o Visconde de Ouro Preto, de quem já tratamos:

> Escrevendo para a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, assinalou com admirável perspicácia os pródromos sociais e políticos da proclamação da República.
>
> Contra a nova ordem de coisas compôs na Europa um livro que teve imensa repercussão, *Os Fastos da Ditadura Militar* de que há uma edição prefaciada pelo Visconde de Ouro Preto.
>
> Infenso à propensão então manifestada para imitação do regime e das praxes dos Estados Unidos, publicou a sua *Ilusão Americana*, cuja primeira edição foi confiscada e destruída pela polícia de S. Paulo.
>
> Estilista nervoso e vibrante, Eduardo Prado temperava a combatividade, aliás sempre delicada, mesmo quando ferina, com erudição pacientemente formada nas bibliotecas e arquivos. Exemplo deste seu feitio nos oferece o seu magnífico trabalho sobre a *Bandeira Nacional*, criticando irrefutavelmente os deslizes cosmográficos e históricos dos positivistas planeadores da atual bandeira. [274]

A amostragem de Eduardo Prado, entretanto não foi tirada de nenhuma destas obras combativas. Seu trecho, de quase 5 páginas, intitulado "História do Brasil", foi extraído da obra póstuma, *Coletâneas*, onde foram reunidos, conforme informou a nota biobibliográfica, "seus melhores escritos sobre assuntos brasileiros". [275] Neste trecho, Eduardo Prado valorizou o estudo da história do Brasil, relacionando-a com os principais acontecimentos da história ocidental e arrematou com as razões que levaram Robert Southey a escrever "uma notável *História do Brasil*"

> porque, como ele próprio o diz, ficou convencido, ao estudar os trabalhos dos fundadores do Brasil, "que das empresas desses homens obscuros surgiram conseqüências mais amplas e provavelmente mais duradouras que as conquistas de Alexandre e de Carlos Magno." [276]

Se a militância monarquista dava o tom das notas biobibliográficas de Ouro Preto, Eduardo Prado, Couto de Magalhães e Joaquim Nabuco, a escolha do excerto do republicano ardoroso **Raul Pompéia** e a contorção de seus dados biográficos apontam a propaganda contra o novo regime de 15 de novembro. Omitindo o fato de Raul Pompéia ter se tornado um republicano, a nota biobibliográfica aproveita sua nomeação para secretário da Escola Nacional de Belas Artes, para citar de cambulhada a estátua de d. Pedro I, motivo de tantas desavenças entre monarquistas e republicanos:

> Proclamada a república, foi nomeado secretário da Escola Nacional de Belas Artes, antiga Academia Imperial de Belas Artes, e aí sucedeu ao velho e distinto artista João Maximiano Mafra, autor do Projeto da estátua de Pedro I, de que com algumas pequenas modificações, fez o estatuário Luiz Rochet o monumento da praça da Constituição, hoje do Tiradentes. [...] [277]

---

[274] Id., p. 129.

[275] Id., p. 129.

[276] Id., p. 134.

[277] Id., p. 135.

Ora, o "velho e distinto artista" João Mafra era sogro de Carlos de Laet, um dos compiladores da ***Antologia Nacional*** e autor das notas biobibliográficas. E depois, a estátua de d. Pedro I era um grande emblema da monarquia. Segundo José Murilo de Carvalho, sua inauguração acendeu o estopim entre monarquistas e republicanos:

> Ao que parece, o primeiro conflito político em torno da figura de Tiradentes ocorreu em 1862, por ocasião da inauguração da estátua de d. Pedro I no então Largo do Rocio, ou praça da Constituição, hoje praça Tiradentes. A ocasião e o local eram a própria materialização do conflito. No lugar onde fora enforcado Tiradentes, o governo erguia uma estátua ao neto da rainha que o condenara à morte infame. [...]
>
> A luta entre a memória de Pedro I, promovida pelo governo, e a de Tiradentes, símbolo dos republicanos, tornou-se aos poucos emblemática da batalha entre Monarquia e República. O conflito continuou após a proclamação, agora representando correntes republicanas distintas. Em 1893, o Clube Tiradentes tentou encobrir a estátua de Pedro I para as comemorações do 21 de abril. Houve protestos, e as comemorações acabaram sendo canceladas. [...] O monumento [a Tiradentes] acabou sendo construído em frente ao novo prédio da Câmara, inaugurado em 1926 com o nome de Palácio Tiradentes. Nesse local existira a Cadeia Velha, onde o inconfidente ouvira a sentença de morte e de onde partira para a execução. D. Pedro I ficou onde estava, mas foi-lhe imposta a convivência cívica com o rival: sua praça passou a chamar-se praça Tiradentes. [278]

Portanto, conhecendo um pouco da história da estátua de Pedro I, sua referência na nota biobibliográfica de um republicano, no caso Raul Pompéia, cheira a afronta. O certo é que Laet não perdia uma oportunidade sequer para evocar o Império, daí sua preocupação em reavivar a memória tanto do antigo nome da escola (Academia Imperial de Belas Artes) como do nome da praça (da Constituição), além, é claro, de relembrar a demissão do sogro pelos republicanos.

A amostragem de Pompéia, um artigo intitulado "Uma noite histórica", "que apareceu anônimo e produziu grandíssima impressão", conforme anunciou a nota biobibliográfica, apresentou a cena final da monarquia, o banimento do imperador Pedro II e de sua família.

Como esta foi uma cena que poucos presenciaram, pois "o governo provisório, temeroso das manifestações favoráveis ao imperador e do choque com estudantes republicanos, comunicou que a partida deveria ser imediata; na madrugada do dia 17", e não às "duas horas da tarde do dia 17", como d. Pedro havia fixado [279], a crônica de Raul Pompéia converteu-se numa espécie de documento histórico, testemunhando o fim da monarquia e o momento em que "o Sr. D. Pedro de Alcântara apeou-se [...] para pisar pela última vez a terra da pátria".[280]

Lilia Schwarcz, que recheia sua história com citações literárias, sobretudo de Machado de Assis, transcreve o texto de Raul Pompéia, como uma "página melancólica" que "deixa transparecer um misto de

---

[278] CARVALHO, José Murilo de. Op. cit., p. 60-61.

[279] SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., p. 461.

[280] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., 140.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

sentimentos: culpa, tristeza e mesmo certa vergonha", para contrastar com a versão de "alguns biógrafos" e pintores "que transforma[ra]m a expulsão em uma 'festa de despedida' ". [281]

Raul Pompéia teve o cuidado de registrar as maneiras civilizadas e prudentes com que o governo provisório da República conduziu a transição do regime:

> Apesar da brandura de modos com que os militares convidavam as pessoas do povo a se retirarem, apesar da completa abstenção de atos de violência que tem caracterizado o sistema policial, enérgico, mas extraordinariamente prudente do Governo Provisório, sentia-se ali como que uma atmosfera de vago terror, como se a calada da noite, a escuridão do lugar, a amplitude insondável da praça evacuada respirassem à presença de uma realidade formidável. Sentia-se todo aquele imenso ermo ocupado pela vontade poderosa da revolução. [282]

Porém, a descrição do clima de enterro da monarquia e do imperador ("silêncio de morte", "profundo silêncio", "estrangular a última hora de um reinado", "Pobre D. Pedro!", "misteriosa eliminação de um soberano", "préstito dos exilados", "nada mais triste", "um coche negro", "triste veículo"), parece ter contribuído também para a nova imagem de "mártir da nação" que d. Pedro acabaria de cunhar em janeiro de 1890 com a recusa do dinheiro para seu "estabelecimento no estrangeiro". [283]

Ao rememorar o banimento de d. Pedro e de sua família, a ***Antologia Nacional*** fixava a última imagem de d. Pedro e da monarquia no Brasil, daí o comentário da nota biobibliográfica que o texto de Raul Pompéia tinha produzido "grandíssima impressão".

A inserção de **José Carlos do Patrocínio** na ***Antologia Nacional*** ganhou contornos contrastantes. Sem mencionar sua participação na proclamação da República, a nota biobibliográfica caracterizou Patrocínio como abolicionista, jornalista áspero e, às vezes, caluniador, orador popular eloqüente e construtor malogrado de aviões:

> Na última quadra da sua operosa existência, entregou-se, com o ardor que sempre punha em seus tentames, à solução do problema da navegação aérea, e construiu uma grande máquina, *Santa Cruz*, que nunca subiu aos ares, e depois da morte de Patrocínio foi posta em leilão, vendendo-se tudo como inúteis ferragens. [284]

Lilia Schwarcz quando se refere à proclamação da República, usando uma expressão conhecida de Aristides Lobo, destaca que o povo "assistia a tudo bestializado" e, como a atônita família imperial, "até o fim não entendeu a atitude de Deodoro e tampouco a participação de Patrocínio", que "acabou retornando nesse momento às suas antigas convicções republicanas e agitava o movimento nas ruas". [285]

---

[281] SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., p. 463-66.

[282] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., 137.

[283] SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., p. 467-68.

[284] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., 124.

[285] SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., p. 459.

De fato, era difícil compreender a transformação de José do Patrocínio, que, enquanto "líder abolicionista", havia contribuído muito para a popularidade da monarquia, divulgando a imagem de "Isabel, a Redentora" dos escravos, e também tinha sido o "mentor da Guarda Negra", no final do Império, "uma força paralela ao Exército que teria como objetivo proteger a monarquia" [...] "das violências republicanas". [286]

O excerto chamado "Jesus", cuja data não foi possível localizar, joga água no moinho do catolicismo e da monarquia e mostra um Patrocínio carola e anti-positivista:

> Não! É preciso que todas as almas fortes protestem contra essa ciência sem consciência, que, na frase de Rabelais, é a ruína da alma.
>
> Tenhamos todos a coragem de afirmar Jesus como o ateísmo afirmou Augusto Comte; tenhamos a coragem de arrostar o ridículo dos ateus, contrapondo-lhes à moral que serve aos tiranos, a moral que serve os humildes.
>
> Revindiquemos para a nossa fé os direitos que lhe dão dezenove séculos de progresso.
>
> Quando nos quiserem sufocar com a gargalhada da incredulidade, respondamos, com segurança e altivez, que os cérebros a que a humanidade mais deve, tiveram lugar para guardar esse Deus de que ela escarnece.
>
> Quando o ateísmo disser que ele impede o progresso, respondamos sem receio, mostrando-lhe Colombo multiplicando a terra e Pasteur multiplicando a vida. [287]

Assim, sem ridicularizá-lo, mas também despido do tom encomiástico dos outros autores "amigos da monarquia", José do Patrocínio figura na ***Antologia Nacional*** como o defensor da tradição religiosa, imagem que sem dúvida entrava em choque com a República e com o progresso. A retirada de Patrocínio da ***Antologia*** na 25ª edição é indicadora da perda de interesse da escola pelo autor e pelo tema que ele abordava.

Dentre os autores restantes, há os mais próximos da monarquia (Távora e Taunay), os que se inclinavam à República (Artur Azevedo e Euclides) e aqueles aparentemente neutros (Machado, Luís Guimarães e Raimundo Correia). Tais preferências políticas, porém, não constituíam centro de interesse, sendo ignoradas nas notas biobibliográficas. Os comentários biobibliográficos e a amostragem de Távora, Taunay e Euclides indicam que havia a preocupação de trazer para a ***Antologia*** outras imagens constitutivas do Brasil, respectivamente, a lenda do norte, o sertão de Mato Grosso e o sertanejo nordestino.

Franklin Távora, que pelo ano do seu falecimento (1888) poderia ter entrado na 1ª edição da ***Antologia Nacional***, foi incluído somente nesta 6ª edição, de 1913. Sua nota biobibliográfica deu notícia de alguns romances, dramas e "trabalhos críticos", entre os quais as *Cartas a Cincinato por Semprônio*, "sobre produções literárias de José de Alencar". A exemplo do que aconteceu com os outros envolvidos na polêmica sobre a *Confederação dos Tamoios*, (Alencar e Gonçalves de Magalhães), a nota biobibliográfica não toma partido na questão, apenas informa. O traço marcante das produções de Távora, segundo a nota, era o que se chamaria depois de "regionalismo":

---

[286] Id., p. 438 e p. 447.

[287] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., 128-29.

> Observador dos costumes nortistas, Franklin Távora habilmente os trasladava às suas obras, e adiantou mesmo a idéia de fazer dessas peculiaridades regionais a nota distintiva de uma literatura do norte. [288]

Contudo, ao invés de escolher um trecho de seus romances, os compiladores preferiram uma lenda pernambucana, "A Cruz do Patrão", que falava da superstição popular em torno de um lugar ermo, onde havia uma cruz de pedra, próximo do encontro do rio Beberibe com o mar, entre Recife e Olinda, o qual todos temiam passar de noite, pois ali se "ouviria gemidos angustiosos, veria almas penadas ou seria perseguido por espíritos infernais".[289] A lenda propriamente dita envolve "os negros feiticeiros do Recife" e sua crença:

> Porém, o que mais particularizou a Cruz do Patrão foram as tradições de espíritos infernais, bruxarias e outras quejandas. Dizia-se que os feiticeiros iam celebrar ali os seus sortilégios em noite de S. João, que eles escolhiam para iniciar nos asquerosos mistérios os neófitos. Aparecia o diabo e fazia coisas de arrepiar o cabelo. Foi por uma dessas ocasiões que teve existência a presente lenda. Estava celebrando a sua sessão anual o congresso dos negros feiticeiros do Recife. Cada um deles tinha na mão um cacho de flores de arruda. O povo diz que em noite de S. João esta planta dá flores, as quais são logo arrebatadas pelos feiticeiros para as suas bruxarias. À meia-noite começou a coréia dos mandingueiros.
>
> Tripudiavam estes à roda da cruz, rezando orações de tenebrosa virtude. O rei das trevas não se fez esperar por muito tempo. Tinha a forma de um animal desconhecido. Era preto como carvão. Os olhos acesos despediam chispas azuis. Brasas vivas caiam-lhe da boca encarnada e ameaçadora. Pela garganta se lhe viam as entranhas, onde o fogo fervia. A visão horripilante a todos meteu horror.
>
> Entre os que tinham ido tomar *mandinga*, achava-se uma negra de grosso toutiço e largas ancas, que lhe davam a forma de *tanajura*. Foi a primeira vez que passou pelas duras provas.
>
> O animal informe atirou-se a ela por entre uma chuva de faíscas abrasadoras: ela, porém, deitou a correr pelo istmo a fora, como se tivesse perdido a razão. Quando pensava que havia escapado à provação cruel, tomou-lhe a dianteira o animal, cada vez mais ameaçador e terrível. Levada pelo desespero pelo que via e sentia em derredor de si, a negra correu ao mar para atirar-se nas águas gemedoras. O mar mostrava-se mais medonho que o demônio solto e as suas vozes puseram no coração dela mais pavor, do que as dos feiticeiros, que tripudiavam à roda da Cruz, em sua infernal coréia. Retrocedeu mais horrorizada que antes. Tendo dado de rosto com o inimigo pela vigésima vez, correu ao rio que volvia as águas tão de manso, que parecia adormecido.
>
> Meteu-se por elas a dentro, para escapar à terrível perseguição.
>
> [...]
>
> No outro dia, na baixa-mar, apareceu no lugar onde a negra se tinha afundado, não o seu corpo, mas a Coroa-preta, que indicou dali por diante aos feiticeiros a vingança do espírito das trevas.
>
> [...]
>
> Nestas [ilhas circunstantes] a natureza sorria com gentil e variável amenidade; naquela [Coroa-preta] dominava a aridez e o deserto. Nenhum mangue fora beber em seu seio maldito o humus que as florestas de mangues sugam nos seios boleados das ilhas de contínuo refrigeradas pelas águas lustrais do Beberibe. As ilhas, vestidas de viçosos e alegres arvoredos, podiam oferecer residência às fadas amigas e bonançosos gênios, a coroa escalvada só poderia servir, pela sua feição

---

[288] Id., p. 98.

[289] Id., p. 99.

> tumular e triste, de morada a algum peregrino espírito, precursor de tempestades e de enchentes destruidoras. [...] [grifos meus] [290]

O excerto de Franklin Távora parece construir uma outra imagem dos negros brasileiros, a qual não havia aparecido nem no trecho de Torres Homem, nem no excerto de Nabuco. Os negros de Távora são mandingueiros, feiticeiros, têm parte com o demônio e por isso são punidos. Tal imagem, que condenava *a priori* a religião dos negros, provavelmente, fortalecia a principal religião dos brancos, a católica romana, a qual se enfraquecera com sua separação do estado e com a liberdade de culto, medidas que vieram com a República. Vista desta maneira, a "lenda popular" parece trazer à tona todo o preconceito racial, social e religioso que os negros enfrentavam em nossa sociedade. [291]

O preconceito racial e religioso, embutido na lenda, talvez tenha determinado o corte desta parte do excerto, composto de quase 3 páginas, na 25ª edição, de 1945, pois, a partir do decreto-lei 1.006, de 30 de dezembro de 1938, que estabeleceu *as condições de produção, importação e utilização do livro didático* (medida que depois foi consolidada pelo decreto-lei 8.460, de 26 de dezembro de 1945), este tipo de atitude passou a ser censurada nos livros didáticos. Entre as várias "causas" que impediam "a autorização do livro didático", estabelecidas no Capítulo IV (art. 20 a 24) do decreto-lei 1.006, estavam "o ódio contra as raças", "a oposição e a luta entre as classes sociais" e "o combate a qualquer confissão religiosa". (cf. p. 100-101)

Alfredo de Escragnolle Taunay, ou Visconde de Taunay, apareceu na ***Antologia Nacional*** como "um operoso polígrafo". A nota biobibliográfica enumerou suas obras, mencionou sua participação na Guerra do Paraguai e lhe atribuiu "celebridade européia" devido à tradução do romance *Inocência* em vários idiomas. Depois de listar seus diversos cargos públicos, a nota comentou sobre sua linguagem:

> Escritor fluentíssimo e correto, Taunay, sem se elevar em desmedidos surtos, depara sempre agradável leitura, mormente a brasileiros, cujos costumes, fielmente descritos, fazia figurar em formosíssimos quadros. [292]

A amostragem de Taunay, foi extraída de seu romance "mais apreciado", *Inocência* (1872), mas, como todos os trechos de romance na ***Antologia Nacional***, este era também um trecho descritivo. Os "Aspectos do Sertão" (título do excerto) detalhavam a paisagem sertaneja de Mato Grosso, onde se desenrolaria a história. Este "formosíssimo quadro", era uma pequena parte inicial do primeiro capítulo de *Inocência*, intitulado "O Sertão e o Sertanejo", o qual foi elogiado por Antonio Cândido para destacar a "sensibilidade musical" de Taunay:

> Predominava nele, todavia, a sensibilidade musical. Compôs com facilidade e elegância, escreveu com acerto sobre assuntos de música; e mesmo nas descrições do sertão percebemos que também o ouvido elaborava as impressões da paisagem. No primeiro capítulo de Inocência ("O Sertão e o Sertanejo"), a paisagem e a vida daqueles ermos são apresentados a partir de alguns temas

---

[290] Id., p. 100-102.

[291] Ver SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças - Cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

[292] Id., p. 103-104.

> fundamentais, compostos em seguida num ritmo que se diria musical. Daí o tom de ouverture dessa página, aliás admirável na sua inspiração telúrica, uma das melhores da literatura romântica [...] [293]

A descrição, ou antes, as atitudes do sertanejo de Taunay não foram incluídas pelos compiladores. A **Euclides da Cunha** estava reservada a incumbência de descrever "O sertanejo", título do excerto e do primeiro tópico do capítulo III, da segunda parte de *Os Sertões* (1902), denominada "O Homem", trecho que apareceu integral na ***Antologia***. O sertanejo baiano de Euclides é o contraste "de extremos impulsos e apatias longas", um híbrido de "Hércules-Quasímodo", "forte", mas de aparência fatigada, desengonçada e andar bamboleante. [294]

A nota biobibliográfica de Euclides da Cunha informou, além das obras, sua formação na Escola Superior de Guerra e seu desligamento do exército. Não obstante seu reatamento com o exército depois de 1889, foi observado que:

> Em 1893, durante o terror de um estado de sítio, corajoso protestou, pela imprensa, contra a crueldade sugerida por um senador federal, que lembrara a asfixia dos presos políticos, no caso de ser a cidade atacada pelas forças navais dos almirantes Custódio de Melo e Saldanha da Gama. [295]

Sobre a obra *Os Sertões*, a nota biobibliográfica lhe atribuiu o mérito de ter dado a Euclides o "renome de escritor", reconhecendo através dela "a revelação de um observador e narrador de subido quilate". Foi mencionada também, no final da nota, a morte do autor como um "trágico lance", provocado por Euclides ao "vindicar a honra conjugal". Talvez por "deslustrar" a figura de Euclides da Cunha, referindo-se ao adultério de sua mulher, um escândalo na época, o comentário sobre a causa da morte de Euclides foi suprimido depois de 1945, refletindo, provavelmente, a regulamentação para adoção de livros escolares, estabelecida no já citado Decreto-Lei nº. 1.006 de 1938. (cf. p. 100-101)

Enquanto Euclides da Cunha apareceu (na 6ª edição) como o marido injuriado, **Joaquim Maria Machado de Assis**, além de "homem que por si mesmo se fez", foi retratado como o viúvo saudoso da "sua Carolina". A nota biobibliográfica, depois de elencar comédias, poesias, contos e romances de Machado de Assis, comentou sobre seu casamento:

> Machado de Assis casou-se com uma distinta senhora, irmã do poeta português Faustino de Novaes. Nunca tiveram filhos, e a morte da esposa, da sua Carolina, encheu de incurável tristeza os últimos dias do viúvo. [296]

Sua exemplaridade modelar era destacada tanto na vida pessoal e profissional, o bom marido e o "impecável funcionário" público, quanto na vida pública de "laborioso escritor", "presidente da Academia Brasileira de Letras", que "gozava de incontestada primazia entre seus pares, tanto na douta corporação como

---

[293] CÂNDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 6ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, v. 2, 1981, p. 308.

[294] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., 142-43.

[295] Id., 141.

[296] Id., p. 93.

fora dela". Machado foi o único escritor incluído na 6ª edição que teve selecionados dois excertos de prosa e dois de poesia, sendo registrados como seus traços distintivos, o humorismo e a correção vernácula:

> À suavidade do sentimento mesclava Machado de Assis um delicado humorismo, que, como já foi dito, parava bem longe das portas do sarcasmo e mesmo da sátira pessoal. Originalíssimo na invenção, timbrava outrossim na correção da linguagem. [297]

Foram escolhidos, de Machado de Assis, para compor a amostragem em prosa, um trecho do capítulo XXVIII de *Quincas Borba* e um trecho do "debuxo do nosso antigo Senado", como dissera Machado no *Prefácio* das *Páginas Recolhidas*, intitulado "O Velho Senado". Os exemplares em verso eram "A mosca azul", "Círculo vicioso" e o soneto "A Carolina".

O capítulo XXVIII do romance *Quincas Borba* (1891) entrou na ***Antologia Nacional*** depois de ser pasteurizado, ou seja, sem os quatro primeiros parágrafos, que mencionavam a paixão "enrustida" de Rubião por Sofia, esposa do amigo Palha, paixão que Rubião parecia decidido a cultivar:

> "Mas que pecado é este que me persegue? pensava ele andando. Ela é casada, dá-se bem com o marido, o marido é meu amigo, tem-me confiança, como ninguém... Que tentações são estas?"
>
> Parava, e as tentações paravam também. Ele, um Santo Antão leigo, diferençava-se do anacoreta em amar as sugestões do Diabo, uma vez que teimassem muito. Daí a alternação dos monólogos:
>
> "É tão bonita! e parece querer-me tanto! Se aquilo não é gostar, não sei o que seja gostar. Aperta-me a mão com tanto agrado, com tanto calor... Não posso afastar-me; ainda que eles me deixem, eu é que não resisto".
>
> Quincas Borba sentiu-lhe os passos, e começou a latir. Rubião deu-se pressa em soltá-lo; era soltar-se a si mesmo por alguns instantes daquela perseguição. [298]

O que sobrou do capítulo foi a descrição do cachorro Quincas Borba, seu relacionamento com o dono, Rubião, e "idéias de cachorro":

> Mas já são muitas idéias, - são idéias demais; em todo caso são idéias de cachorro, poeira de idéias - menos ainda que poeira, explicará o leitor. Mas a verdade é que este olho que se abre de quando em quando para fixar o espaço tão expressivamente, parece traduzir alguma coisa, que brilha lá dentro, lá muito ao fundo de outra coisa que não sei como diga, para exprimir uma parte canina, que não é a cauda nem as orelhas. Pobre língua humana! [299]

"O Velho Senado", antes de ser publicado pela Garnier nas *Páginas Recolhidas* (1899), segundo informou o próprio Machado, foi publicado na "*Revista Brasileira*", fundada em 1895 e "tão brilhantemente dirigida pelo m[s]eu ilustre e prezado amigo José Veríssimo".[300] Em suas reminiscências do "antigo Senado", Machado recorda dos anos de 1860, quando, convidado por Quintino Bocaiúva, entrara para o *Diário do Rio de Janeiro*, que o nomeou redator junto ao Senado. Machado conviveu no Senado com redatores de outros

---

[297] Id.

[298] ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. In: *Obra Completa*. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1992, p. 661.

[299] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 95.

[300] ASSIS, Machado de. *Páginas Recolhidas*. Prefácio. In: *Obra Completa*. v. 2. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1992, p. 576.

jornais: "Bernardo Guimarães, representante do *Jornal do Comércio*, e Pedro Luís, por parte do *Correio Mercantil*" [301], sendo que a amizade com este último acabaria tornando Machado de Assis, em 1881, Oficial de Gabinete de Pedro Luís, então Ministro da Agricultura.

O pequeno trecho de "O Velho Senado", trasladado para a ***Antologia Nacional***, focalizava apenas o Visconde de Rio Branco, que deu o título ao excerto e foi considerado pelos historiadores como um dos estadistas do Império. Recordando que Paranhos "era uma das primeiras vozes do Senado", Machado narrou a longa "sessão parlamentar", em que ele "cuidou de produzir sua defesa". Sua "eloqüência parlamentar" causou no jovem Machado "uma das mais fundas impressões". [302] Apesar de não reconstituir o discurso de Paranhos, o depoimento de Machado de Assis contribuía para sua imagem de grande orador político.

O soneto "A Carolina", que apareceu como dedicatória do livro de contos *Relíquias da Casa Velha* (1906), ilustra bem a imagem do viúvo inconsolável, mencionada na nota biobibliográfica. Carolina Augusta Xavier de Novais, esposa de Machado de Assis desde 1869, morreu em outubro de 1904. O outro soneto, "Círculo vicioso", extraído das *Ocidentais* (1879), já tinha sido incluído na *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza.

A exemplo do *Quincas Borba*, "A Mosca Azul", também tirada das *Ocidentais*, entrou na ***Antologia*** expurgada da nona estrofe que, pela nota sexual, foi barrada porque "não respirava o respeito e a honestidade" que os compiladores haviam prometido "manter no ensino", no prefácio da 1ª edição:

> Mudos, graves, de pé, cem etíopes feios,
> Com grandes leques de avestruz,
> Refrescam-lhes de manso os aromados seios,
> Voluptuosamente nus. [303]

Quanto às duas últimas poesias, vale dizer que a ***Antologia Nacional*** parece ter acertado o passo com a crítica modernista. Manuel Bandeira, em artigo publicado na *Revista do Brasil*, em 1939, comentando sobre a porção "poeta" do "Mestre", considerou tanto o "Círculo Vicioso" quanto "A Mosca Azul" entre a "dúzia" de poemas das *Ocidentais* "que têm a mesma excelente qualidade dos seus melhores contos e romances", sendo que os "temas" destes poemas:

> A universal insatisfação dos seres eternamente presos à sua condição ("Círculo Vicioso") [...] [e] a ânsia de descobrir a verdade sob as aparências do mundo, de ver "como em água que deixa o fundo descoberto" os segredos dos corações ("A Mosca Azul") [...] [são] temas que cristalizaram as melhores energias poéticas do Mestre. São os mesmos temas das suas obras-primas no romance e no conto. [304]

Já os três singelos sonetos de **Luís Guimarães Júnior**, "Fora da barra", " Noite de S. João" e "A Borralheira", veiculavam imagens mais apropriadas para a formação do leitor do curso secundário. Luís

---

[301] Id., ibid., "O Velho Senado", p. 636-37.

[302] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 96-97.

[303] ASSIS, Machado de. *Ocidentais*. In: *Obra Completa*. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1992, p. 162.

[304] BANDEIRA, Manuel. "O Poeta". In: ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1992, p. 11-14.

Guimarães entrou na ***Antologia*** como diplomata e poeta "melodioso", que "soube à beleza da forma reunir maviosos sentimentos".

O primeiro soneto, extraído do volume *Sonetos e Rimas* (1880), de orientação parnasiana, que, aliás, fora selecionado na *Seleta Nacional* de Caldas Aulete, evocava a pátria, falando da tristeza que o poeta sentia quando deixava sua terra (de navio) e não mais avistava o "Corcovado e a majestosa serra". Em "Noite de S. João", retomando a lenda popular que dizia ser noite "das bruxas também", cuja referência já vimos no texto de Franklin Távora, o poeta que antes "ria dessas frioleiras", por causa de um certo "sorriso" passou a acreditar em "feitiços" e em "feiticeiras". O soneto "A Borralheira" foi dedicado a uns "mimosos pés", lembrando *A Pata da Gazela* (1870) de José de Alencar. [305]

"Pelo esmero da forma, posta ao serviço de opulenta imaginação e delicado sentimentalismo", entrava na ***Antologia Nacional***, **Raimundo da Mota Azevedo Correia**, que podia ser considerado "*um dos primeiros poetas brasileiros*". [306] A nota biobibliográfica salientou, ainda, que suas poesias eram "conhecidíssimas", e, das *Sinfonias* (1883), foram selecionados quatro sonetos ("Anoitecer", "As pombas", "Mal secreto" e "A cavalgada") e o poema "Peregrino". A "pureza da linguagem", tão preconizada na ***Antologia Nacional*** através de excertos e comentários nas notas biobibliográficas, encontraria o casamento perfeito com "o culto da forma" dos parnasianos. Daí a grande popularidade que os poetas parnasianos sempre desfrutaram nos compêndios escolares. Porém, como só entrava na ***Antologia*** depois de morto, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Coelho Neto, Vicente de Carvalho, entre outros, teriam que esperar até a 25ª edição para serem incluídos.

O último autor brasileiro, introduzido na 6ª edição, de que falta tratar aqui foi **Artur Azevedo**. Irmão de Aluísio Azevedo, cuja entrada na ***Antologia Nacional*** seria barrada até a 25ª edição (por causa do moralismo que rechaçava o romance naturalista), Artur Azevedo entrou na seleta de Fausto Barreto e Carlos de Laet como o grande escritor e "conhecedor" do "nosso teatro". A amostragem de Artur Azevedo foi tirada da comédia *O Badejo*, a qual, juntamente com outra comédia , *A Jóia*:

> escritas em verso e com apuro literário, responderam à crítica que lhe exprobrara algum desleixo e desperdício de talento em peças de somenos importância. [307]

Apesar de a nota biobibliográfica elencar *O Badejo* "entre as suas mais aplaudidas composições", o próprio Artur Azevedo reconhecia seu fracasso de público em artigo publicado no jornal *O País* em 16 de setembro de 1904. O artigo rebatia as críticas de um certo Cardoso da Mota, que taxara Azevedo causador da "decadência" do teatro brasileiro com suas revistas e paródias. Artur Azevedo se defendeu:

> Escrevi *A Filha de Maria Angu*, por desfastio, sem intenção de exibi-la em nenhum teatro. [...] O público não foi da opinião do Sr. Cardoso da Mota, isto é, não a achou desgraciosa; aplaudiu-a cem vezes seguidas [...]

---

[305] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 403-404.

[306] Id., p. 416.

[307] Id., p. 409.

> Pobre, paupérrimo, e com encargos de família, tinha o meu destino naturalmente traçado pelo êxito da peça; entretanto, procurei fugir-lhe. Escrevi uma comédia literária, *A Almanjarra*, em que não havia monólogos nem apartes, e essa comédia esperou catorze anos para ser representada; escrevi uma comédia em 3 atos, em verso, *A Jóia*, e, para que tivesse as honras da representação, fui coagido a desistir dos meus direitos de autor; [...] Ultimamente a empresa do Recreio, quando, obedecendo a um singular capricho, desejava ver o teatro vazio, anunciava uma representação da minha comédia em verso, *O Badejo*. [...]
>
> Em resumo: todas as vezes que tentei fazer teatro sério, em paga só recebi censuras, apodos, injustiças e tudo isto a seco; ao passo que, enveredando pela bambochata, não me faltaram nunca elogios, festas, aplausos, proventos. Relevem-me citar esta última fórmula de glória, mas - que diabo! - ela é essencial para um pai de família que vive da sua pena. [...] [308]

Certamente o "apuro literário", e não o sucesso de público, foi o que determinou a seleção deste excerto de *O Badejo* (Cena V, ato II), o qual pinçava dois diálogos paralelos que aconteciam ao mesmo tempo. Enquanto os personagens Cesar Santos e João Ramos olham e comentam as fotografias de um álbum, o espertalhão Lucas põe caraminholas na cabeça de Benjamim. Os diálogos misturados dão ao leitor uma idéia confusa de quem disse o que e a quem.

Os prosadores Pinheiro Chagas, Eça de Queirós e Gervásio Lobato e os poetas João de Deus, Tomás Ribeiro e Antero de Quental formam o pequeno grupo de portugueses que foi inserido na 6ª edição da ***Antologia Nacional***. Para estes autores permanecem as mesmas características assinaladas nos autores portugueses da 1ª edição: formação superior, servidor público (quase todos envolvidos na política) e circulação em jornais e revistas.

Os excertos de **Manuel Pinheiro Chagas**, ilustre político português, e de **Gervásio Lobato**, "escritor engraçadíssimo", têm no acento cômico o traço distintivo. De Pinheiro Chagas foi escolhido um trecho de 8 páginas, intitulado "Origens de Portugal", da "popularíssima" *História Alegre de Portugal* (1885). Contada ao pé da lareira, em forma de diálogo, por um certo "João de Agualva", a história incluiu vários comentários chistosos que exaltavam os portugueses e desprezavam os povos vizinhos. [309]

De Gervásio Lobato foi coletado, de *O Grande Circo*, um trecho descritivo e bem-humorado do "burburinho" do centro de Lisboa, intitulado "Cenas de Lisboa". [310] Este excerto é o único da ***Antologia Nacional*** que descreve o movimento de uma grande cidade. Há, é certo, o artigo de Raul Pompéia, mas este descreveu o Rio de Janeiro durante a madrugada, ou seja, enquanto quase toda a cidade dormia.

Ou porque infringiram as regras de adoção do livro didático, ou porque simplesmente perderam o interesse frente ao novo programa de português, Pinheiro Chagas e Gervásio Lobato foram retirados da ***Antologia Nacional*** na década de 1940, quando se publicou a 25ª edição. Junto com José do Patrocínio,

---

[308] Apud SOUSA, José Galante de. *O Teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC-INL, 1960, p. 233-34.

[309] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 202-11.

[310] Id., p. 219-21.

também inserido na 6ª edição e retirado na 25ª, Pinheiro Chagas e Gervásio Lobato, formam o grupo de autores que menos tempo permaneceram no compêndio de Fausto Barreto e Carlos de Laet.

Ao contrário do excerto de Gervásio Lobato, o trecho de **José Maria Eça de Queirós**, tirado do romance *A Cidade e as Serras*, descreve o campo, ou melhor, as serras próximas à "quinta de Tormes", local que dá o título ao capítulo e ao excerto. A nota biobibliográfica destacou que o diplomata Eça de Queirós era "um dos altos representantes da moderna prosa portuguesa", censurando-lhe, porém, dois romances: o *Mistério da estrada de Cintra*, escrito em parceria com Ramalho Ortigão, porque explorava "a doentia propensão do povo para aventuras extraordinárias e inverossímeis", e o já referido *Primo Basílio*, "onde o naturalismo não recuou diante da torpeza". [311]

Como os demais excertos extraídos de romances, todos descritivos, este trecho de Eça de Queirós parece ressaltar "os raros dotes de observação" atribuídos ao autor por Jaime de Séguier, desprezando as outras características assinaladas: "uma visão singularmente pessimista dos homens e das coisas [...] humorismo e [...] ironia". [312]

João de Deus Ramos, apesar de não ter reunido suas poesias em livro, "era bem conhecido pelos seus belos versos, tão expontâneos quão delicadamente sentidos". Entretanto, a obra que o consagrou foi a *Cartilha Maternal ou arte de leitura*, método para aprender a ler muito popular em Portugal e no Brasil que atingiu inúmeras edições.[313] A nota biobibliográfica ressalta a importância que adquiriu este compêndio e para prová-la selecionou um poema da *Cartilha Maternal*, intitulado"Hino de amor":

> Alma compassiva e boa, João de Deus condoeu-se das crianças que com penosa labuta aprendem a ler, e, reconsiderando o problema pedagógico de que já se ocupara outro grande poeta (Antonio Feliciano de Castilho) compôs uma Cartilha Maternal que foi recebida com extraordinário aplauso. [314]

O método de leitura de João de Deus, na verdade, competia com o "método de leitura repentina" de Antonio de Castilho, aparecido na década de 1850, suplantando-o na década de 1880. Os versos tetrassílabos do "Hino de amor", tirados da *Cartilha Nacional*, contam uma passagem do Menino-Jesus que salvara um rouxinol do encantamento de uma serpente e este lhe retribuiu com seu canto. Esta poesia de João de Deus, tirada de um compêndio destinado a crianças que aprendiam a ler, parece querer lembrar mais uma vez aos leitores do curso secundário a formação cristã.

Do *Campo de Flores* (1896), poesias coligidas por Teófilo Braga depois da morte de João de Deus, os compiladores "colheram" três segmentos poéticos que intitularam "A vida". O primeiro, um soneto, fala da

---

[311] Id., p. 215.

[312] Id.

[313] Inocêncio Francisco da Silva, no volume 10, à página 235, do seu *Dicionário Bibliográfico Português*, informou que a 1ª edição da *Cartilha Maternal* é provavelmente de 1876. A 2ª edição é do final de 1877 ou do começo de 1878, a 3ª edição de 1878, a 4ª e a 5ª edição são de 1881. J. Simões Dias acrescentou que a *Cartilha Maternal* foi declarada "método nacional de leitura" pelo governo português em 1888, rendendo ao seu autor uma pensão de 900$000 réis. In: DIAS, J. Simões. *História da Literatura Portuguesa*. 11ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & C., 1909, p. 267-68.

[314] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de.Op. cit., p. 437.

morte; o segundo, composto de sete quadras, vislumbra a amada; e o terceiro, duas estrofes de onze versos cada, define "a vida".

Entre todas as informações biobibliográficas de **Tomás Antonio Ribeiro Ferreira**, a nota da ***Antologia*** não dispensou a oportunidade de se referir novamente ao exílio de d. Pedro II:

> Quando no Brasil se deu a revolução de 1889, e a Portugal se acolheu D. Pedro II com sua família, Tomás Ribeiro escreveu, em verso, ao monarca deposto, lamentando as durezas do exílio a que o condenavam. Isto impopularizou o poeta com certo grupo de republicanos exaltados e explica o desagrado com que por eles foi recebido o autor de *D. Jaime*. [315]

A amostragem de Tomás Ribeiro, dividida em três excertos intitulados "A Portugal", "A hera e o muro" e "Mocidade!", foi tirada justamente do "poema-romance" *D. Jaime*, o qual demonstrava, segundo a nota biobibliográfica, "a pujança dos inspirados vôos" do autor.[316]

Antero Tarquínio do Quental entrou na ***Antologia*** como "um pensador original e profundo", mas neurastênico, cujo fim foi o suicídio. Seus três sonetos: "Alma morta", "Visão" e "Na mão de Deus", cujo tema da morte é constante, parecem ilustrar sua tendência doentia.

7ª edição - 1915

Decorridos vinte anos da 1ª edição, a Livraria Francisco Alves estampou a 7ª edição da ***Antologia Nacional***, na qual foram inseridos, por Carlos de Laet, apenas três autores do século XIX: o amanuense Martins Pena e os advogados Silvio Romero e João Cardoso (Barão de Paranapiacaba). O ano de 1915 foi marcado, ainda, pela morte de Fausto Barreto e pela volta de Carlos de Laet ao corpo docente do Colégio Pedro II, depois de receber indulto do governo.

A inclusão tardia de **Luís Carlos Martins Pena** dá mostras de um pequeno alargamento do cânon literário na ***Antologia Nacional***. O "popular comediógrafo", como o chamou Laet no prefácio da 7ª edição, precisou esperar até 1915 para entrar neste compêndio guardião do bom vernáculo, provavelmente porque a linguagem coloquial de suas composições passava longe do modelo preconizado na escola. Vale lembrar que a amostragem de Artur Azevedo optou por uma peça impopular, porém, "com apuro literário". Além disso, a comédia ainda era tratada como um gênero menor, como vimos, desde em Gil Vicente. Os comentários da nota biobibliográfica dimensionam a simplicidade das obras de Martins Pena, mas também ressaltam seu valor, de escritor nacional, provavelmente o principal motivo sua inclusão:

> Aplicando-se à literatura dramática, escreveu muitas comédias e alguns dramas. Folhetins e crônicas, no *Jornal do Comércio*, completam o seu espólio literário.
>
> Não passam de nove as comédias de Martins Pena que foram impressas, e depois reunidas em uma edição da casa Garnier, com estudos históricos e críticos de Melo Morais Filho e Silvio Romero. *O Juiz de Paz da roça*, o *Judas em*

---

[315] Id., p. 443.

[316] Id., p. 442.

> *sábado de Aleluia* e *O noviço* são as mais conhecidas de tais produções, que sobretudo primam pela naturalidade das situações, singeleza da frase e bom desenho de tipos nacionais. [317]

Como exemplo, foi escolhido um trecho de *O Juiz de Paz da roça*, comédia publicada em 1842, onde as querelas são decididas por um juiz autoritário e aproveitador, que ora afugenta um requerente com ameaça de prisão, ora aceita um leitão de presente para resolver a disputa entre dois vizinhos que brigavam pelo animal. A breve caricatura do juiz de Martins Pena pareceu suficiente para ilustrar a "naturalidade das situações", a "singeleza da frase" e, sobretudo, o "bom desenho de tipos nacionais".

José Galante de Sousa comenta, citando José Veríssimo, que esta comédia, *O Juiz de Paz da roça*,

> Representada no São Pedro, a 4 de outubro de 1838, é o ponto de partida de nossa comédia de costumes e marca também o início da atividade teatral de um dos nossos autores mais representados. [...]
> Para José Veríssimo, a obra de Martins Pena, pela sua maior divulgação e conseqüente popularidade, e pelo seu caráter nacional mais acentuado, influiu mais decisivamente no advento do teatro brasileiro do que a de Magalhães. [318]

Não foi a primeira vez que a ***Antologia Nacional*** abriu espaço para um autor brasileiro que, embora não constituísse modelo de boa linguagem, havia cultivado o caráter nacional. Só para lembrar, Joaquim Manuel de Macedo foi incluído na 1ª edição como um "romancista popular", que "não se esmerava na forma", mas que "brilhou como pintor dos costumes nacionais".

Por outro lado, tal abertura era parcimoniosa, deixando de fora outros nomes que haviam cultivado os costumes e os tipos nacionais, como Manuel Antonio de Almeida, que morreu em 1861, e França Júnior, falecido em 1890, cuja entrada na ***Antologia***, na 25ª edição, se deu para cumprir o programa de português estabelecido pelo governo em 1943.

Silvio Romero foi outro autor introduzido na ***Antologia Nacional*** cujo ponto forte não era a pureza da forma. Depois de comentar sobre sua formação, sua tendência polemista, seu apego às idéias de Tobias Barreto e seus cargos públicos, a nota biobibliográfica fez o reparo antes de enumerar suas várias obras:

> Enérgico trabalhador, pouco se esmerava na forma. [319]

O excerto escolhido, "O Romantismo no Brasil", foi tirado da *História da Literatura Brasileira*, segundo a nota biobibliográfica, era "obra de grande tomo, da qual há duas edições, uma em 1888 e a 2ª de 1902-1903". Neste trecho, Silvio Romero fez um apanhado geral de todas as fases da poesia romântica, chegando até o grupo de "*parnasianos*". Citou rapidamente os principais romancistas do século XIX e elencou os representantes do teatro nacional. O extrato final retoma as década de 1840 e 1850 como um período romântico de "efervescência literária", atando-o ao reinado de d. Pedro II e ao Rio de Janeiro como

---

[317] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. *Antologia Nacional*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927, p. 34-35.

[318] SOUSA, José Galante de. *O Teatro no Brasil*. Rio de Janeiro, MEC-INL, 1960, p. 169.

[319] Id., p. 123.

"centro do pensamento brasileiro", cuja verificação, segundo o autor, poderia ser aferida no estudo das principais revistas da época.

O **Barão de Paranapiacaba**, ou simplesmente, João Cardoso de Meneses e Souza, que viveu 88 anos, foi o último autor pertencente ao grupo do imperador introduzido na ***Antologia Nacional***. A extensa nota biobibliográfica forneceu os pormenores de sua formação e dos cargos públicos que ocupou, mas demorou-se, sobretudo, em sua produção literária, destacando suas traduções, tanto de autores modernos quanto dos antigos. Sobre a tradução destes últimos, sem perder a oportunidade de citar d. Pedro II, informou:

> Posto que não fosse propriamente um helenista, ele com admirável sagacidade, pelo confronto de outras versões e do texto sempre atinava com o sentido real ou mais palusível. Sua excelente versão poética do *Prometeu*, de Esquilo, foi composta sobre a tradução literal, em prosa, que da célebre tragédia fizera o Imperador d. Pedro II. [320]

Os compiladores selecionaram dois excertos poéticos de João Cardoso: o primeiro, "A Serra de Paranapiacaba", descrevia a serra que em 1883 emprestaria o nome para seu título de Barão, e o segundo trecho, "O rato da cidade e o do campo", foi extraído das *Fábulas de La Fontaine*, tradução publicada em 1886. Após a transcrição da fábula, Laet sugeriu sua comparação com versões anteriores:

> N. B. - Esta fábula contada pelo romano Horácio, pelo quinhentista Sá de Miranda, pelo gracioso La Fontaine, e deste trazida ao vernáculo por João Cardoso, oferece aos estudiosos ótimo campo para um trabalho de literatura comparada. (C. de L.) [321]

Ao que parece, a comparação ligaria João Cardoso à tradição literária clássica, tanto no sentido antigo da expressão, da literatura greco-latina, como na sua acepção moderna, dos clássicos nacionais.

25ª edição - 1945

Desde seu aparecimento até o início dos anos de 1940, a ***Antologia Nacional*** foi adotada nas primeiras séries do curso secundário. Depois da Reforma Capanema, em 1942, ela foi deslocada para as três últimas séries do secundário, chamado de 2º Ciclo.

O programa das primeiras quatro séries, que passou a ser conhecido como curso ginasial, expedido pela Portaria Ministerial nº. 170, de 11 de julho de 1942, havia distribuído os textos para leitura em seções temáticas ("1ª série: família, escola, terra natal; 2ª série: paisagem e vida em cada uma das regiões naturais do Brasil; 3ª série: com amor ao Brasil, a conquista da terra e seu melhoramento; e 4ª série: excertos de literatura brasileira e portuguesa, cartas, prosa literária e poesia"). Nas "*observações finais*" ficou estabelecido que haveria um livro de leitura para a 1ª e a 2ª série, e outro volume para a 3ª e a 4ª série, descartando a possibilidade de a ***Antologia Nacional*** se encaixar no programa do ginásio. (Vide Anexo II)

---

[320] Id., p. 367.

[321] Id., p. 373.

Já o programa do 2° Ciclo, que incluiu a leitura literária "desde trovadores medievais até escritores do século XX", juntamente com o estudo da gramática e da história da literatura portuguesa e brasileira, oferecia à ***Antologia Nacional*** mais oportunidade de ser adotada, mediante, é claro, algumas modificações. Desta forma, depois de 1943, quando foi expedido "*o programa de português dos cursos clássico e científico do ensino secundário*" (Portaria Ministerial n°. 87, de 23 de janeiro de 1943), a Livraria Francisco Alves tratou logo de contratar o Professor Daltro Santos para "rever", "modificar" e "adaptar ao programa do Segundo Ciclo", a ***Antologia Nacional*** de Fausto Barreto e Carlos de Laet. [322]

Para atender ao "programa de português" do 2° Ciclo, o qual havia incorporado alguns princípios de retórica, poética e história da literatura nacional, o compilador introduziu, além das "notas esclarecedoras" e do "período medieval", alguns autores do final do século XIX e início do XX, sendo que a maioria foi tirada da lista da 3ª série, onde se estudava a história literária brasileira (Vide ANEXO II).

O período medieval foi incluído porque era exigência da história literária, explicando a origem da língua e da literatura portuguesa, historicizada no programa de português da 2ª série (vide ANEXO II). A escolha dos excertos reproduzia a tradição historicista dos manuais de história literária de Teófilo Braga e de Mendes dos Remédios, autores adotados no Colégio Pedro II.

E foi para cumprir "o programa", que entraram também na ***Antologia Nacional*** os brasileiros Manuel Antonio de Almeida, França Júnior, Rui Barbosa, Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Farias Brito, Graça Aranha, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Cruz e Sousa, Mário Pederneiras, Alphonsus Guimaraens, Augusto dos Anjos e Hermes Fontes.

O perfil deste grupo não destoa dos grupos antecedentes da ***Antologia***. Todos os autores fizeram o curso preparatório (ou secundário), a maioria se formou nas faculdades de direito (França Júnior, Rui Barbosa, Farias Brito, Graça Aranha, Vicente de Carvalho, Alphonsus Guimaraens, Augusto dos Anjos, Hermes Fontes), sendo que, mais três autores estudaram direito e não concluíram o curso (Olavo Bilac, Coelho Neto, Mário Pederneiras).

Entre os 21 excertos em prosa sobressaíram os extratos de 13 discursos "edificantes" de Rui Barbosa, Coelho Neto, Farias Brito e Olavo Bilac, valorizando os temas patrióticos e nacionalistas expressos na Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942). O mais copioso deles, Rui Barbosa, que entrou na ***Antologia Nacional*** com 6 excertos, é o exemplo mais acabado da versão brasileira de "clássico" da língua e de exemplo patriótico:

> "Em todas as províncias por que se multipartiu a atuação do seu gênio, está o *purista*, o letrado, o exímio cultor da mais rica, intemerata e majestosa forma literária". [323]

---

[322] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. *Antologia Nacional*. "Prefácio desta 25ª edição". 33ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1956, p. 13-14.

[323] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. *Antologia Nacional*. 33ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1956, p. 118.

Para contrastar, foi inserido um pequeno trecho da famosa "Conferência" de Graça Aranha (1924) na Academia Brasileira sobre a literatura moderna, cuja discordância dos confrades, segundo a nota biobibliográfica, provocou o desligamento do escritor "daquele cenáculo", aliás, tão defensor da norma culta nos moldes lusitanos quanto a ***Antologia Nacional***. Não foi por acaso que em 1931 a Academia Brasileira de Letras assinou o primeiro acordo ortográfico com a Academia de Ciências de Lisboa.

Completaram esta lista, 4 trechos descritivos de romances: dois tirados das *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antonio de Almeida, um de *Miragem* de Coelho Neto e um de *A Viagem Maravilhosa* de Graça Aranha. Entre todos os excertos de romance da ***Antologia*** foi escolhido um único trecho narrativo, extraído de *O Coruja* de Aluísio Azevedo. Foram registrados, ainda, a seleção de uma crônica de Olavo Bilac, sobre Santos Dumont, e um trecho da comédia *Como se fazia um Deputado* de França Júnior, considerado continuador de Martins Pena.

A poesia teve no soneto seu mais assíduo representante. Foram escolhidos 21 sonetos e mais 10 poemas de formas variadas, sendo que os versos parnasianos de Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho e Hermes Fontes (19 excertos) sobrepujaram numericamente os versos simbolistas de Cruz e Sousa, Mário Pederneiras e Alphonsus Guimarães (9 excertos), e juntos abafaram os versos pré-modernistas de Augusto dos Anjos (3 sonetos).

O culto da vernaculidade, como veremos, tão presente nos séculos XVI, XVII e XVIII da ***Antologia Nacional***, parece revigorado pela ênfase na eloqüência republicana e nas composições parnasianas dos séculos XIX e XX, apontando a continuidade do ensino tradicional da língua, apoiado nos modelos clássicos portugueses e em seus fiéis seguidores modernos (daqui e de além mar). A longevidade do modelo beletrista na escola, sem dúvida, determinou a longevidade de compêndios como a ***Antologia Nacional*** e, seu desaparecimento na década de 1970 (a última edição da ***Antologia*** é de 1969) aponta a falência deste modelo.

B) Século XVIII: "*Tupi or not tupi* ... e a pena brasileira escreve mais que a portuguesa". [324]

Na ***Antologia Nacional***, este é o período onde, mesmo unidos com os portugueses, os brasileiros constituem a maioria. Dos 21 autores representantes do século XVIII, 13 são brasileiros. Dos 38 excertos, 24 são de brasileiros. Entretanto, contrariando nossos historiadores literários, que sempre enalteceram os poetas mineiros, principalmente os que participaram da Inconfidência, a ***Antologia Nacional*** incluiu apenas Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antonio Gonzaga. Ela concentrou também neste século Monte Alverne e José Bonifácio, autores que, às vezes, eram situados no século XIX.

O brasileiro com maior número de excertos neste período foi Frei Monte Alverne, com 4 excertos. Em seguida, vinham Alexandre de Gusmão e Frei Santa Rita Durão, com 3 excertos cada. Depois, Rocha Pita, Basílio da Gama e o padre Sousa Caldas, com dois excertos cada. Por último, com um excerto cada, Antonio José, Frei São Carlos, Frei Sampaio, Cláudio, Gonzaga e José Bonifácio.

Este também foi o século onde a poesia suplantou a prosa: são 7 prosadores e 14 poetas, são 13 excertos em prosa contra 23 excertos em verso (na 25ª edição passam a ser 11 em prosa e 24 em verso). Pela quantidade de trechos escolhidos, Bocage foi o autor mais reproduzido, com 5 excertos.

Usando a terminologia do *Curso Elementar de Literatura Nacional* do cônego Fernandes Pinheiro, compêndio que, como veremos, influenciou a seleção deste período na ***Antologia Nacional***, podemos dizer que a poesia lírica (ou *gênero lírico*) teve maior expressão do que os outros gêneros. Depois desta, a poesia épica e a eloqüência religiosa foram também gêneros destacados pelos compiladores.

Enquanto na "fase contemporânea" prevaleciam os excertos "novos", ou seja, ausentes dos compêndios anteriores cotejados com a ***Antologia Nacional***, Fausto Barreto e Carlos de Laet montaram o século XVIII (na 1ª edição) com 92% de excertos "tradicionais", que já estavam presentes em livros didáticos adotados no Colégio Pedro II antes do aparecimento da ***Antologia Nacional***. (TABELA 12)

A ordem de apresentação dos prosadores parece misturar critérios retóricos e cronológicos, como gênero e data de nascimento. Como só foi incluído um escritor português, o qual aparece em primeiro lugar, o leitor tem a impressão de haver também uma divisão por nacionalidade, cuja precedência portuguesa abre as

---

[324] Consultar o século XVIII no ANEXO VI, LISTA GERAL e TABELA 12.

portas para a prosa brasileira. Desta forma, a análise dos prosadores seguirá a ordem estabelecida na ***Antologia Nacional***.

Enquanto isso, os poetas são apresentados rigorosamente de acordo com sua data de nascimento, do mais velho para o mais novo. Esta ordem cronológica promove uma espécie de equilíbrio entre os autores contemplados, dissolvendo ou camuflando hierarquias. Assim, poetas brasileiros e portugueses desfrutam do mesmo *status* dentro do grupo enquanto a apresentação aleatória dos gêneros poéticos, resultante do critério da data de nascimento, dificulta a comparação entre obras similares, dando a impressão de que todas têm a mesma importância. Como a nacionalidade parece ser o aspecto mais importante do período, a análise dos poetas e excertos adotará a divisão entre brasileiros e portugueses.

O primeiro prosador (e único português) selecionado é **Diogo Barbosa Machado**, cuja *Biblioteca Lusitana*, sua obra mais importante, fez com "que passasse o seu nome à posteridade".[325] A nota biobibliográfica da ***Antologia Nacional*** reconhece o valor desta obra como "amplo repositório de informações", porém reprova-lhe os "freqüentes lapsos" e o "estilo, difuso e enflorado". O excerto compilado, talvez exemplificando as falhas de estilo, traz informações sobre um dos santos mais populares de Portugal, Santo Antonio (1195-1231), cuja festa dia 13 de junho, dia de sua morte, tem sido celebrada até hoje no Brasil como parte das festas "Juninas". Ao escolher a biografia de um santo, entre tantas outras, os compiladores aludem num compêndio aparentemente leigo e nascido após a República, a um dos gêneros prediletos da educação religiosa, a narração da vida dos santos.

O comediógrafo **Antonio José da Silva** aparece em segundo lugar, com um trecho da *Guerra do Alecrim e da Manjerona*, intitulado "Visita do médico", o qual também já havia sido selecionado por Fernandes Pinheiro, para ilustrar "a mais primorosa das composições de Antonio José". O cônego compara esta obra com o *Doente Imaginário* de Molière, e adverte, em rodapé, que tanto no *Plutarco Brasileiro*, como nos *Varões Ilustres do Brasil durante os tempos coloniais* de Pereira da Silva, "encontrarão os leitores uma excelente análise desta ópera". [326]

A nota biobibliográfica da ***Antologia Nacional*** reprova os trechos considerados indecentes. Na prática, há dois cortes no excerto: um que falava da urina de D. Tibúrcio e outro onde Semicúpio aludia à libidinagem de D. Tibúrcio. Assim adaptada, a inclusão de Antonio José é abonada com a opinião de Pereira da Silva, o qual lhe havia atribuído "o pico da originalidade e do sal cômico".[327] É possível que os compiladores tenham consultado Pereira da Silva na fonte, entretanto, não descarto a probabilidade deles terem se baseado apenas no *Curso Elementar*, onde os dois parágrafos de Pereira da Silva que fazem referência ao "sal cômico" e à "originalidade" de Antonio José foram reproduzidos por Fernandes Pinheiro na página 443.

---

[325] PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Curso Elementar de Literatura Nacional*, p. 511.

[326] Id., ibid., p. 448-453.

[327] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. *Antologia Nacional*. 1939, p. 218

A nota é, ainda, absolutamente neutra quanto ao fato de Antonio José ter morrido na fogueira da inquisição, limitando-se a noticiar o fato:

> **Antonio José da Silva** (Rio de Janeiro, 1705-1739) advogou em Lisboa e, havendo escapado a uma primeira acusação de judaizante, tinha-se popularizado como autor de peças dramáticas, então chamadas *óperas*, para o teatro do Bairro-Alto, quando foi denunciado por uma escrava e, condenado, sofreu pena capital no Campo de Lã. [328]

Tanto Pereira da Silva quanto Fernandes Pinheiro romantizaram a vida de Antonio José, atacando a inquisição. O segundo, que era membro da igreja, chega a referir-se à inquisição como *nefando tribunal*. O alheamento da ***Antologia Nacional*** a fatos tão importantes da biografia de Antonio José talvez seja porque os compiladores não quisessem reacender antigos ódios contra a igreja católica, que eles se esforçavam para defender, num ambiente ainda hostil, logo após o divórcio entre igreja e estado, em 1889.

Se já havia indícios do uso do *Curso Elementar* de Fernandes Pinheiro na nota biobibliográfica de Antonio José, sua influência fica patenteada nos três autores seguintes, Frei São Carlos, Frei Sampaio e Frei Monte Alverne, sendo que todos os trechos selecionados na ***Antologia Nacional*** já estavam no *Curso Elementar*. Apresentados pela ordem de nascimento, a trinca de religiosos tem em comum a cidade natal (Rio de Janeiro), o título de pregador régio, conferido por D. João VI, e a cátedra de eloqüência sagrada. Por serem professores, Fernandes Pinheiro os tratava pela sigla P.M., que significa Padre Mestre.

Os três oradores são, na ***Antologia Nacional***, uma espécie de versão brasileira da eloqüência sagrada, gênero que, como vimos, prevaleceu sobre os outros na representação do século XVII. No século XVIII, ao contrário do anterior, os compiladores procuraram ressaltar mais as peças oratórias do que a biografia ou os dotes pessoais dos autores, extraindo dois trechos de sermões e quatro trechos de panegíricos.

A nota biobibliográfica de **Frei Francisco de São Carlos**, sem citar Fernandes Pinheiro, segue a ordem de suas informações, condensando-as. Parece que Fernandes Pinheiro era a autoridade crítica deste orador, pois no *Curso Elementar*, ele cita dois artigos que ele mesmo publicou na *Revista Brasileira* (n°. 7 e n°. 9) sobre Frei São Carlos, também autor do *Assunção*, poema religioso considerado *eminentemente nacional*. [329]

No entanto, Frei São Carlos não aparece entre os poetas, a ***Antologia Nacional*** prefere enfatizar sua oratória, escolhendo um trecho, cujo título foi tirado das palavras iniciais do discurso, "Que tesouro...". Este excerto, do *Panegírico de Santana*, que no *Curso Elementar* exemplifica um "belíssimo exórdio", tem como tema a fé, exaltada pelo orador como a maior das virtudes cristãs, e, depois de mencionar alguns personagens e passagens do "Antigo Testamento", ele chega na fé de Ana, segundo ele, virtude que permitiu a ela achar "o tesouro precioso que a elevou no céu da nova igreja evangélica a tão alto grau de celebridade". [330]

---

[328] Id., ibid.

[329] PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit. p. 478-9.

[330] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 226-8.

O excerto de **Frei Sampaio**, extraído do *Sermão da primeira dominga do Advento*, tinha entrado no compêndio de Fernandes Pinheiro pelo valor oratório, como "majestosa pintura do juízo final, que faz-nos recordar a de Massilon no seu mui célebre sermão sobre o pequeno número dos escolhidos".[331] Na ***Antologia Nacional***, porém, sob o título "Dies Irae", este excerto parece mais atemorizar os pueris leitores diante do acerto de contas final com um Deus "temível em sua cólera".

Na nota biobibliográfica de Frei Sampaio, além de reconhecer trechos de Fernandes Pinheiro, descobrimos que também foi consultado Ramiz Galvão [332]:

> **Fr. Francisco de S. Teresa de Jesus Sampaio** (Rio, 1778-1830) entrou com quinze anos para a ordem franciscana e mereceu honras de pregador régio. Além do Atlântico voou a sua fama de exímio orador sacro; tanto assim que foi sócio correspondente da Academia de Belas Letras de Munique. O Sr. Dr. Ramiz Galvão, no seu estudo *O púlpito no Brasil*, coloca Sampaio na primeira plana dos nossos pregadores, considerando-o superior a Fr. S. Carlos, no que discorda do cônego Fernandes Pinheiro. [333]

Entretanto a opinião do Cônego Fernandes Pinheiro parece prevalecer sobre a do barão Ramiz Galvão. Isso se dá claramente na nota biobibliográfica seguinte, para justificar a inclusão de **Frei Monte Alverne** no século XVIII, o mais ilustre dos três oradores, que teve quatro excertos selecionados na ***Antologia Nacional***:

> Monte Alverne, no sentir do Sr. Dr. Ramiz Galvão, abusava do ornato, não variava assaz o plano de seus discursos, e não foi impecável na linguagem. É certo; mas pela poética magia da frase e sustentada pompa do estilo, com justiça figuraria entre os grandes oradores de qualquer país.
>
> Posto que mais propriamente tivesse Monte Alverne florescido na fase contemporânea, não nos pareceu mal colocá-lo junto dos seus gloriosos antecessores da ordem franciscana, e nisto, além de outros, seguimos a Fernandes Pinheiro, na sua *Literatura Nacional*. [334]

Fernandes Pinheiro havia colocado os três juntos porque achava que "muitas afinidades" os ligavam e, dessa reunião, saiu o que ele chamou de "escola brasílico-seráfica" [335], porque eram franciscanos, ordem também denominada seráfica.

Os trechos escolhidos de Monte Alverne assinalam dois momentos de sua carreira oratória. O primeiro, intitulado "Causas das revoluções", é considerado por Fernandes Pinheiro um sermão político, e é

---

[331] PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit., p. 486.

[332] **Benjamin Franklin Ramiz Galvão** (1846-1938) gaúcho de Rio Pardo, depois de concluir o curso do Colégio Pedro II, doutorou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1870 foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional, viajou pela Europa em missão oficial e visitou bibliotecas estudando sua organização, procurando documentos relativos ao Brasil e adquirindo livros. Dirigiu os *Anais da Biblioteca Nacional* e orientou o *Almanaque Garnier*. Recebeu o título de barão em 1888, foi preceptor dos netos de D. Pedro II e membro da Academia Brasileira de Letras, em 1928, na vaga de Carlos de Laet. Publicou: *O púlpito no Brasil* (1867), *Apontamentos Históricos Sobre a Ordem Beneditina* (1872-9), *Biografia de Frei Camilo de Monserrate* (1887), *Galeria de História Brasileira* (1900), *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega* (1909). In: MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 1978, p. 295-6.

[333] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 228.

[334] Id., ibid., p. 231.

[335] PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit. p. 489.

datado de 1831, antes do Frei ficar cego e recolher-se ao claustro. De fato, ele não toca na religião, parece tratar das revoluções mais recentes, provavelmente a francesa, quando se refere a "um sentimento da dignidade nacional". Monte Alverne considera que as revoluções "dos povos", metaforizadas como "lavas que têm engolido as monarquias e as mais florentes repúblicas", são causadas não só pelas "paixões" e "crimes individuais", mas também são resultado do poder "tirânico e opressor" de seus dirigentes.

Já os outros três excertos de Monte Alverne, tirados do *Panegírico de São Pedro de Alcântara*, pregado na capela imperial em 1854, "a pedido do Imperador", pertencem à segunda fase do orador, que voltava à vida pública depois de dezoito anos de afastamento. Para descrever "essa ressurreição", Fernandes Pinheiro cita seu colega de pena na revista *Guanabara*, Manuel de Araújo Porto-Alegre:

> "Um numeroso e inteligente auditório se premava em todo o âmbito da capela imperial; uma corte luzida pautava as alas do templo; os corredores, as escadas e todo o adro interno se povoavam de espectadores desensofridos; de homens, de mulheres, que vinham assistir a essa ressurreição, a essa nova vida da palavra sagrada! Os velhos choravam e como que remoçavam aos assaltos de suas reminiscências, e os moços também choravam à vista daquele sublime representante de tantas glórias, daquele antigo proprietário de tantas ovações, e do aparecimento de um homem, cujo nome vagava entre nós como a sombra de um gigante." (*Guanabara*, tom. II, número 9, pág. 323-324). [336]

O discurso grandiloqüente de Porto-Alegre para pintar o triunfo oratório de Monte Alverne, além de exagerado, é também uma peça oratória, de elogio a Monte Alverne. Verifica-se nas linhas e entrelinhas de outros escritos desta ultima fase de Monte Alverne[337] que ele era considerado por seus confrades o mestre da palavra clássica, figurando por isso, na ***Antologia Nacional***, entre os escritores do século XVIII.

O primeiro trecho do *Panegírico de São Pedro de Alcântara*, intitulado "É muito tarde", segundo Fernandes Pinheiro, é parte do "pomposíssimo exórdio" [...] "ungido pela mais profunda melancolia, mas infelizmente desbotado" pela falta de modéstia.[338] Neste excerto, Monte Alverne intenta comover a platéia com seu estado de debilidade. Ao mesmo tempo, reconhece sua importância no púlpito brasileiro, exaltando a religião e dedicando-lhe o discurso ("esta coroa"). Ao Imperador restaria o papel coadjuvante de oferecer os possíveis triunfos oratórios a seu santo protetor, São Pedro de Alcântara.

No segundo excerto, "Missão caridosa da igreja", Monte Alverne destaca, num rápido histórico, a expansão da igreja católica através de suas ordens religiosas. Ao referir-se à Revolução Francesa lança mão da mesma metáfora assinalada no *Sermão* de 1831: "as lavas do vulcão revolucionário". O fecho do extrato é

---

[336] Id., ibid., p. 496.

[337] Na troca de correspondência entre Monte Alverne e Antonio Feliciano de Castilho, em 1855, nota-se a preocupação de ambos com o futuro da literatura, uma vez que os preceitos clássicos, os quais eles eram defensores, vinham sendo abandonados pela nova geração. Monte Alverne também se destacou em 1856, quando (junto com Porto-Alegre e D. Pedro II) defendeu *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, das críticas do jovem José de Alencar.

[338] PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit. p. 498.

a frase que, provavelmente, justifica o título escolhido pelos compiladores: "ao Cristianismo está reservada a missão perpétua e generosa de adoçar, de minorar os males da espécie humana". [339]

O último excerto de Monte Alverne na ***Antologia Nacional***, o mais curto de todos, trata da morte do homenageado, São Pedro de Alcântara. Sua subida "ao trono de Deus" é acompanhada por outros religiosos que se mostram sequiosos em lhe atender as últimas vontades.

O corte do terceiro e do quarto excerto de Monte Alverne na 25ª edição da ***Antologia Nacional*** denota o declínio deste orador e o arrefecimento do seu "magnífico triunfo oratório" de 1854, o qual havia impressionado Fausto Barreto e Carlos de Laet a ponto deles selecionarem três excertos deste *Panegírico*. Tal supressão aponta, ainda, como no caso de Manuel Bernardes, que perdera quatro excertos na 25ª edição, que o interesse pedagógico pelo discurso religioso vai diminuindo significativamente ao longo do século XX.

Para se ter uma idéia das regras que circulavam na escola secundária leiga até o final do século XIX, passemos os olhos sobre o manual de retórica do Cônego Costa Honorato, cuja 4ª edição é de 1879, "adaptado ao Programa do Imperial Colégio Pedro II", o qual define o discurso religioso da seguinte forma:

> 311. A *eloqüência sagrada* ou do púlpito é destinada a pregar os altos mistérios da santa religião de Jesus Cristo, explicar seus dogmas, corrigir e repreender o vício, exortar os pecadores ao cumprimento dos seus deveres católicos e louvar a virtude [...] A eloqüência sagrada, que era desconhecida aos antigos, tem produzido, depois do seu aparecimento, as obras mais admiráveis. Entre outras composições, compreende os *sermões*, os *panegíricos* e as *orações fúnebres*; entretanto os sermões pertencem ao gênero deliberativo, e os panegíricos e as orações fúnebres ao gênero demonstrativo. [...]
>
> 316. *Sermão* é um discurso regular e completo acerca de uma verdade religiosa ou de um dever cristão. - O objeto do orador sagrado, no sermão, é, pois, explicar os dogmas e a moral da religião; isto é, todas as verdades especulativas, que devemos crer, e todas as verdades práticas que devemos observar. Deve-se propor, ao mesmo tempo, a combater os erros opostos aos pontos de doutrina, que a Igreja ensina, e arrancar os vícios contrários às virtudes cristãs. Na frase de S. Agostinho, a pregação tem três fins: que a verdade seja conhecida, seja ouvida com prazer, e toque os corações. [...]
>
> 319. *Panegírico* é um discurso em louvor de uma pessoa ilustre, cujas virtudes raras ou belas ações se preconiza e se aponta para modelo. [...] O panegírico cristão tem um caráter todo diferente, porque é unicamente consagrado ao louvor dos santos. Neste gênero o orador se propõe a honrá-los elogiando suas virtudes e empenhando-nos a imitá-las. [...]
>
> 321. Há três espécies de panegíricos: os dos santos, os dos heróis que ainda vivem e os dos que já morreram. Vulgarmente dá-se-lhes a denominação seguinte: panegíricos os dos santos, elogios os dos vivos, e orações fúnebres os dos mortos - Os panegíricos dos santos são sermões de moral cristã em que toma-se as ações e virtudes praticadas por eles, eleva-se à altura de seu merecimento, tira-se corolários e exorta-se os ouvintes à sua imitação; o orador, nestes discursos, deve sempre procurar convencer deleitando. [grifos meus] [340]

---

[339] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 236.

[340] HONORATO, Cônego Manoel da Costa. *Compêndio de Retórica e Poética*. 1879, p. 119-124.

As premissas referem-se unicamente à igreja católica, de onde se conclui que a *eloqüência sagrada* é o discurso específico desta instituição. O desaparecimento destes princípios depois da Proclamação da República e a permanência de seus modelos nas seletas escolares promovem uma espécie de dessacralização do discurso religioso, o qual passa a representar mais um gênero literário próprio para ensinar língua e literatura nacional.

Podemos reconhecer nos três oradores sagrados do século XVIII a aplicação das regras acima, pois escreveram numa época em que elas eram a lei do ofício, e eles eram reconhecidos e respeitados justamente por cumpri-la. Por outro lado, a presença destes oradores na ***Antologia Nacional*** tem mais a função de exemplificar o estilo e a correção da linguagem de escritores nacionais do que reforçar o discurso da igreja católica, apesar de ele estar embutido nos excertos.

O sexto autor selecionado entre os prosadores do século XVIII foi **Sebastião da Rocha Pita**, o qual recebeu de Fernandes Pinheiro o título de *Heródoto Brasílico* em função do seu "monumento de glória", a *História da América Portuguesa*, publicada em 1730. [341]

Enquanto Fernandes Pinheiro distribui elogios ao "nosso benemérito compatriota", destacando o "estilo grandíloquo, a pompa de dicção" e de linguagem e "algumas patrióticas hipérboles", a breve nota biobibliográfica da ***Antologia Nacional*** critica seu estilo, que *é* "geralmente empolado", justificando, entretanto, que "há muitos trechos formosos e que ainda tornam recomendável a leitura dessa obra". [342]

Os dois excertos selecionados pelos compiladores, como a maioria dos outros que compõem o século XVIII, já haviam aparecido no *Curso Elementar de Literatura Nacional* do Cônego Fernandes Pinheiro. Porém, na ***Antologia Nacional*** os trechos são mais extensos do que no *Curso Elementar*, que, além destes, havia escolhido outros cinco.

A *História da América Portuguesa* foi composta em parágrafos numerados, cuja transcrição foi respeitada na ***Antologia Nacional*** e desprezada por Fernandes Pinheiro. O primeiro trecho tem um extenso título, "Belezas e opulência do Brasil - Estado de Portugal quando o descobriu - Posição geográfica do Brasil", onde se reconhecem as três partes separadas no título por hífen: a primeira refere-se aos parágrafos 1° e 2°, a seguinte engloba o 3° e o 4°, e a última diz respeito ao 7° parágrafo. A descrição deste "Brasil terrenal paraíso descoberto", da primeira parte, com certeza inspirou nossos escritores românticos:

> 1°) Do Novo Mundo, [...] é melhor porção o Brasil; vastíssima região, felicíssimo terreno, em cuja superfície tudo são frutos, em cujo centro tudo são tesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, [...].
>
> 2°) Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madruga mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem os raios tão dourados, nem os reflexos noturnos tão brilhantes; as estrelas são as mais benignas e se mostram sempre alegres; [...] [343]

---

[341] PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit. p. 285.

[342] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 237.

[343] Id., p. 237-238.

O segundo excerto retrata o "Combate entre os portugueses e os índios no Rio de Janeiro" através dos parágrafos 33° e 34°. Este é praticamente o único excerto da ***Antologia Nacional*** onde colonizador e colonizado se enfrentam pela posse da terra. Mesmo aqui, os índios são considerados inimigos porque tinham se aliado aos franceses:

> [...] ganhamos aos inimigos todas as suas forças e estâncias, deixando mortos inumeráveis gentios e muitos Franceses; e os que tomamos vivos, foram pendurados para exemplo e terror.
>
> 34°) Logo senhoreamos toda a enseada, e em prossecução da vitória penetramos o continente, matando no alcance muitos gentios, que, formando vários corpos da sua gente, intentaram impedir-nos o passo; os mais se retiraram para o interior daquele sertão, aprendendo à sua custa o quanto lhes importava a sua quietação, e o não provocarem a nossa ira, tão justamente empregada na sua contumácia. [344]

O historiador incorpora e defende o ponto de vista dos portugueses com o uso da primeira pessoa do plural, considerando a matança pedagógica e justa. A originalidade de nosso Romantismo, centrada no índio, a partir de então símbolo nacional, seria, às vezes, plantada no inverso, ou seja, no ponto de vista do colonizado: "Canto do Piaga", "Canção do Tamoio", "Marabá".

O último prosador deste período, **Alexandre de Gusmão**, sempre representado nos compêndios escolares como epistológrafo, entra na ***Antologia Nacional*** com três cartas, as quais já tinham sido reproduzidas por Fernandes Pinheiro. Sua nota biobibliográfica aponta que tanto o compêndio de Fernandes Pinheiro quanto o de Camilo Castelo Branco foram consultados:

> **Alexandre de Gusmão** (Santos, 1695-1753) serviu nove anos como secretário particular de D. João V; e deixou cartas que não são obras de escrupulosa linguagem, mas nas quais dá provas de sagacidade, espírito observador, e admirável tino prático. Retirado dos públicos negócios depois da morte de D. João V, perdeu dois filhos no incêndio que lhe devorou a casa, e apenas sobreviveu um ano a tão infausto sucesso. [grifos meus] [345]

Do compêndio de Camilo[346] foram tiradas as palavras com um grifo e aquelas com duplo sublinhado vieram do compêndio de Fernandes Pinheiro.[347]

A apresentação das cartas de Alexandre de Gusmão na ***Antologia Nacional*** não obedecem a ordem cronológica. A primeira, datada de 1750, parece a mais famosa no ambiente escolar, pois já havia aparecido no *Curso Elementar*, na *Seleta Nacional* e na *Seleção Literária*. Nesta "Carta a um enviado de Portugal na corte de Inglaterra", o autor se refere à animosidade no ambiente da corte portuguesa e avalia a sorte do destinatário por ter sido escolhido ministro de Portugal em Londres onde estaria livre das "ondas do mar da superstição e da ignorância".

---

[344] Id., p. 240-1.

[345] Id., p. 241.

[346] BRANCO, Camilo Castelo Branco. *Curso de Literatura Portuguesa*. 1876, p. 162 e 165.

[347] PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit. p. 503-504.

A segunda "Carta", de 1740, enviada "a Diogo Barbosa Machado", o qual pretendia incluir Alexandre de Gusmão na *Biblioteca Lusitana* é, para Fernandes Pinheiro, exemplo da "rara modéstia" de "nosso distinto compatriota". Gusmão atribui sua fama de erudito a alguns amigos, posto que não tivesse publicado "composição por onde pudesse adquiri-la". Esta carta, além de dignificar seu autor, testemunha os métodos empregados por Diogo Barbosa Machado para conseguir alguns dados de sua *Biblioteca Lusitana*, cujo primeiro volume foi publicado em 1741.

O terceiro excerto, sem data, é um fragmento "Da resposta que deu ao Brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcelos sobre o negócio da Praça da Colônia". Nele o autor reconstitui, resumidamente, a disputa entre Portugal e Espanha pela posse das terras descobertas desde 1492.

Passemos, em seguida, aos poetas do século XVIII, cuja quantidade (14 no total), conforme foi assinalado, é o dobro dos prosadores. A superioridade numérica coincide com o aumento de poetas brasileiros selecionados e a apresentação cronológica rigorosa dos autores, pela ordem de nascimento, aponta que a organização deste grupo seguia critérios históricos sem se preocupar com a divisão dos gêneros poéticos, como havia acontecido com a poesia do período anterior. Como foi anunciado antes, o critério da nacionalidade será privilegiado na análise.

Frei José de Santa Rita Durão é o primeiro representante da poesia do século XVIII na ***Antologia Nacional*** e, junto com Basílio da Gama, foi considerado pelos historiadores do século XIX fundador do "caráter nacional" da poesia brasileira.[348] Se medirmos a extensão da nota biobibliográfica dos dois autores na ***Antologia Nacional*** e a quantidade de excertos selecionados de *O Uraguai* (1769) e do *Caramurú* (1781), podemos dizer que os compiladores preferiam Durão a Basílio, cuja nota era maior que a de Basílio e cuja amostragem era mais numerosa (3 contra 2) e mais extensa (4 páginas contra 2,5).

Na nota de Santa Rita Durão, depois de dois parágrafos biográficos, aparece um longo parágrafo sobre sua epopéia, evocando três críticos portugueses:

> **Fr. José de Santa Rita Durão**, natural de Cata Preta, arraial do Inficionado, perto de Mariana, nasceu entre 1718 e 1720, e morreu em 1784 na cidade de Lisboa.
>
> Doutorou-se em Coimbra, professou na ordem de S. Agostinho, e, atravessando a Espanha com destino à Itália, foi preso e metido na torre de Segóvia.
>
> O seu poema *Caramurú* tem passos admiráveis, e em mais de um lugar com vivo colorido pinta a natureza do Brasil. Isto lhe faz escusar alguns gongorismos. "Onde o poeta se contentou com a natureza - opina Garrett - há oitavas belíssimas, e ainda sublimes". C. Castelo Branco reputa-o poema duramente metrificado. Teófilo Braga entende que, como todas as organizações brasileiras, Durão metrificava com facilidade... *Auctores utraque trahunt*. Mas, seja como for, muita é a verdade do citado Sr. Teófilo quando afirma que o autor do

[348] O critério do "caráter nacional" mencionado por Ferdinand Denis e Almeida Garrett em 1826 foi definidor de nossa literatura. Sua discussão é peça central na história literária do século XIX. O papel precursor que os historiadores e críticos do Romantismo atribuíam a Santa Rita Durão e a Basílio da Gama foi analisado em dois artigos da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* (ABRALIC), São Paulo, n. 2, maio, 1994: ZILBERMAN, Regina. A Fundação da Literatura Brasileira, p. 59-67; e RAZZINI, Marcia. A História Literária e a Formação de Leitores, p. 79-85.

> *Caramurú* foi - um poeta nacional preparando o caminho para a originalidade da nova literatura no Brasil. [grifos meus] [349]

O apelo a críticos portugueses ao invés de brasileiros (como, por exemplo, Varnhagen, Pereira da Silva e Fernandes Pinheiro), que haviam se ocupado detidamente das epopéias brasileiras do século XVIII, pode indicar que os compiladores quisessem imprimir um tom menos patriótico à nota biobibliográfica. Sendo assim, percebe-se a falta de Ferdinand Denis, que preferia o *Caramurú* ao invés de *O Uraguai*. Por outro lado, conferindo as fontes, fica evidente a manipulação do discurso dos autores citados como forma de endossar a preferência dos compiladores pelo *Caramurú*.

A rápida citação de Almeida Garrett, esconde sua opinião sobre a epopéia de Santa Rita Durão, a qual considerava inferior à de Basílio da Gama:

> Muito havia que a tuba épica estava entre nós silenciosa, quando Fr. José Durão a embocou para cantar as romanescas aventuras de *Caramuru*. O assunto não era verdadeiramente heróico, mas abundava em riquíssimos e variados quadros, era vastíssimo campo sobretudo para a poesia descritiva. O autor atinou com muitos dos tons que deviam naturalmente combinar-se para formar a harmonia do seu canto; mas de leve o fez: só se estendeu em os menos poéticos objetos; e daí esfriou muito do grande interesse que a novidade do assunto e as variedades das cenas prometia. Notarei por exemplo o episódio de Moema, que é um dos mais gabados, para demonstração do que assevero. Que belíssimas cousas da situação da amante brasileira, da do herói, do lugar, do tempo não pudera tirar o autor, se tão de leve não houvera desenhado este, assim como outros painéis?
>
> O estilo é ainda por vezes afetado: lá surdem aqui ali seus *gongorismos*; mas onde o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade, há oitavas belíssimas, ainda sublimes. [grifos meus] [350]

Entretanto, a crítica de Garrett sobre *o episódio de Moema*, como um trecho desenhado "tão de leve", não impediu que ele sobrevivesse nos livros didáticos dos séculos XIX e XX como amostragem do *Caramurú* e, juntamente com o trecho da morte de Lindóia, de *O Uraguai*, seriam considerados representantes do caráter nacional. [351] Esta citação de Garrett foi reproduzida por Fernandes Pinheiro em seu *Curso Elementar*, compêndio que, como vimos, havia influenciado as notas biobibliográficas de alguns prosadores do século XVIII na ***Antologia Nacional***. Não é de se admirar, portanto, que os três excertos do *Caramurú*, selecionados por Barreto e Laet, já figurassem no *Curso Elementar*.

Os dois primeiros excertos, intitulados na ***Antologia Nacional***, "Exórdio do poema *Caramurú*" e "Idéia de Deus", repetem-se no compêndio de Caldas Aulete, enquanto o terceiro trecho, que narra a morte de Moema, denominado "Moema", ressurgiu no compêndio de Mello Morais Filho e na *Seleção Literária*. A ausência do "episódio de Moema" na *Seleta Nacional* de Caldas Aulete talvez tenha sido influenciada pelos

---

[349] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 441.

[350] GARRETT, João Batista da Silva Leitão de Almeida. A Restauração das Letras, em Portugal e no Brasil, em Meados do Século XVIII. Em "História Abreviada da Língua e Poesia Portuguesa", introdução ao *Parnaso Lusitano*. Paris, P. J. Aillaud, 1826. Apud CÉSAR, Guilhermino. *Historiadores e Críticos do Romantismo*. Rio de Janeiro/São Paulo, LTC/EDUSP, 1978, p. 90-91.

[351] *Revista Brasileira de Literatura Comparada* (ABRALIC), São Paulo, n. 2, maio, 1994. RAZZINI, Marcia. A História Literária e a Formação de Leitores, p. 84.

comentários de Almeida Garrett. Os compiladores brasileiros, ao contrário, atentos ao seu papel de emblema do caráter nacional, não quiseram ou não puderam dele prescindir.

O confronto dos pareceres de Camilo Castelo Branco e Teófilo Braga, desta vez, desautoriza o julgamento de Camilo no que diz respeito a Santa Rita Durão. Vale lembrar que no século anterior, na nota biobibliográfica de Francisco Rodrigues Lobo, a "severidade" de Teófilo Braga tinha sido amainada com o juízo dos "competentes", ou seja, Camilo Castelo Branco.

Assim como fez com Garrett, a nota biobibliográfica de Santa Rita Durão extrai de Camilo um fragmento, que isolado omite outras críticas e o elogio sobre o "episódio de Moema":

> O episódio de Moema é um formoso trecho, que não basta a difundir calor nas restantes frialdades do poema, duramente metrificado, e a miúdo inçado de reminiscências gongóricas, e versos de ruim prosa. [grifos meus] [352]

Quanto a Teófilo Braga, há erro grave dos compiladores. Na página 443 do *Manual da História da Literatura Portuguesa* (1875), lê-se a seguinte passagem:

> A verdadeira superioridade dos poetas da *Arcádia ultramarina* revela-se na compreensão da epopéia; José Basílio da Gama, com o seu *Uraguai*, e Frei José de Santa Rita Durão, com o *Caramurú*, acharam esse veio oculto da riqueza épica, a tradição. É a primeira vez que o século XVIII se aproxima da fonte pura de toda a poesia e de toda a liberdade; a tradição foi mal compreendida no *Uraguai*, em que conta a luta dos portugueses contra os índios do Paraguai revoltados pelos Jesuítas em 1756; os costumes dos índios absorveram com um raro tino a atenção do poeta, que chega a inspirar simpatia pelos revoltosos; a forma rompe também com as velhas máquinas mitológicas e com a prolixidade insulsa dos seus contemporâneos. É um poeta nacional preparando o caminho para a originalidade da nova literatura do Brasil. Não menos simpático e generoso do que José Basílio da Gama, é Durão, que revelou a mesma justa compreensão da epopéia no *Caramurú*, que ele compôs sobre a antiga tradição brasileira do náufrago Diogo Álvares, que tendo escapado à antropofagia dos Tupinambás, na costa da Bahia em 1510, viveu nessa tribo, onde dominou pelo prestígio, e depois, evadindo-se com Paraguassú, filha de um chefe indígena, chegou à França, aonde a desposou com o nome de Catarina. Como todas as organizações brasileiras, Durão metrificava com facilidade; e se se houvesse desprendido da subserviência da oitava rima, os seus quadros e situações teriam ganhado em simplicidade e verdade. [grifos meus] [353]

Como se vê, na passagem completa, Teófilo Braga está se referindo a Basílio, e não a Durão, quando diz que foi "um poeta nacional preparando o caminho para a originalidade". O erro crasso dos compiladores, proposital ou não, invalida a importância de Basílio junto aos historiadores literários. O que fica de Teófilo Braga é a observação sobre a facilidade de Durão para metrificar, sobre a qual Camilo dissera exatamente o oposto.

---

[352] BRANCO, Camilo Castelo. Op. cit., p. 248.

[353] BRAGA, Teófilo. *Manual da História da Literatura Portuguesa*. Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, 1875, p. 443. Este compêndio aparece nos *Programas de Ensino* do Colégio Pedro II, em 1877 e 1881, adotado nas aulas de literatura, do sétimo ano.

Como Santa Rita Durão e Basílio da Gama estão distantes na ***Antologia Nacional*** em virtude do critério de seleção, pela data de nascimento (Durão, o poeta mais velho, abre a "Fase Acadêmica", enquanto Basílio, que nasceu vinte anos depois, aparece em sétimo lugar), a comparação entre o *Caramurú* e *O Uraguai* pode ser descartada sem chamar a atenção do leitor.

A omissão da data de publicação dos dois poemas épicos brasileiros, também negava a primazia d*O Uraguai*, publicado em 1769, sobre o *Caramurú*, que é de 1781. Interessante salientar que o critério da data de publicação determinaria depois a apresentação das epopéias de Quevedo, Sá de Menezes e Pereira de Castro, compilados lado a lado no século XVII, e a preferência pelo Afonso Africano de Quevedo, no século XVI. No século XVIII, ao contrário, a data de publicação foi omitida para favorecer o *Caramurú*.

A preferência de Barreto e Laet pelo *Caramurú* manifesta-se não só através da manipulação do discurso de terceiros e da omissão de dados, como na forma inexpressiva dispensada a*O Uraguai*. A nota biobibliográfica de **Basílio da Gama**, detém-se na biografia, fazendo referência à sua epopéia de forma genérica, sem citar crítico literário:

> **José Basílio da Gama** (S. José del Rei, 1740-1795) estudou no Rio de Janeiro com os Jesuítas, e viveu depois em Lisboa e em Roma, lutando com sorte adversa, até que logrou as boas graças do Marquês de Pombal, que o nomeou oficial da secretaria do reino.
>
> Quando em desvalia caiu o poderoso ministro, José Basílio volveu ao Rio, indo finalmente morrer em Lisboa. Entre suas composições poéticas tem primazia o poema *Uraguai*, onde incontestavelmente rebrilham belezas de primeira ordem.[354]

Enquanto Santa Rita Durão é considerado "poeta nacional" precursor do Romantismo, Basílio da Gama é visto apenas como protegido do Marquês de Pombal, e sua epopéia, apesar de conter "belezas de primeira ordem", não é vista como influenciadora da literatura brasileira do século XIX.

Além de Teófilo Braga, Almeida Garrett e Camilo Castelo Branco consideravam *O Uraguai* "o mais nacional" e "o primeiro poema épico", digno representante da poesia brasileira por sua originalidade:

> Justo elogio merece o sensível cantor da infeliz Lindóia, que mais nacional foi que nenhum de seus compatriotas brasileiros. *O Uraguai* de José Basílio da Gama é o moderno poema que mais mérito tem na minha opinião. Cenas naturais mui bem pintadas, de grande e bela execução descritiva; frase pura e sem afetação, versos naturais sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades comuns. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nele é verdadeiramente nacional, e legítima americana. Mágoa é que tão distinto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não desse amplidão, e quadro tão magnífico o acanhasse tanto. [355]
>
> O *Uraguai* é o timbre de José Basílio da Gama, e o primeiro poema épico em que florejam as graças originais das musas brasileiras, para nos expressarmos consoantes à época atual. As cenas resplendem a grandeza local - as refregas ingentes do pulso armado contra o instinto da liberdade. É o gentio que defende o torrão onde o sol lhe aqueceu o berço contra o europeu que lhe infesta e

---

[354] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 456-7.

[355] GARRETT, João Batista da Silva Leitão de Almeida. Apud. CÉSAR, Guilhermino. Op. cit., p. 91.

> ensangüenta a sepultura de seus pais. À majestade sentimental do assunto corresponde a poesia que tem murmúrios de certa suavidade prenuncia dos doces cantares de Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo; tem catadupas estridentes de versos onomatopaicos em que se agradece à arte o esforço, que parece afluir naturalmente da inspiração. [356]

A omissão de tais juízos, negando portanto o caráter nacional que havia sido atribuído a*O Uraguai*, não condiz com a orientação anunciada no prefácio da primeira edição da ***Antologia Nacional***, preocupada com "assuntos [...] que entendessem com a nossa terra".

A apresentação fria de Basílio da Gama parece ter sido a forma que Fausto Barreto e Carlos de Laet encontraram para incluí-lo na ***Antologia***, já que sua ausência implicaria na desobediência do cânon estabelecido. A má vontade dos compiladores parece censurar Basílio da Gama e seu poema *O Uraguai*, segundo indícios da nota biobibliográfica, composto para bajular o Marquês de Pombal à custa dos jesuítas.

De fato, para enaltecer a posição dos portugueses na contenda entre o trono de Portugal e Espanha e os povos das Missões, os jesuítas são caracterizados por Basílio da Gama no poema como antagonistas perversos, cujos vícios eram o lado escuro e nefasto da empresa colonial, obrigando a intervenção militar, que fez prevalecer a lei sacrificando os índios. A inocência do índio, retratado como elemento da natureza, vítima da ambição dos jesuítas, vai determinar sua ascendência heróica junto aos historiadores do Romantismo.

A amostragem do poema de Basílio da Gama compõe-se de dois trechos. O primeiro, que já havia sido mencionado por Fernandes Pinheiro, incluiu os 20 primeiros versos do Canto I, intitulado na ***Antologia Nacional*** "Exórdio do poema *Uraguai*", onde o poeta apresenta o assunto com a visão final da mortandade do confronto, e reverencia a campanha de Gomes Freire de Andrade nas Missões:

> Fumam ainda nas desertas praias
> Lagos de sangue tépidos e impuros,
> Em que ondeiam cadáveres despidos,
> Pasto de corvos; dura inda nos vales
> O rouco som da irada artilharia.
> Musa! Honremos o herói que o povo rude
> Subjugou do Uraguai, e no seu sangue
> Dos decretos reais lavou a afronta.
> Ai, tanto custas, ambição do império!
> [...] [357]

O segundo excerto de Basílio da Gama é a famosa passagem da morte de Lindóia, que além do *Curso Elementar* de Fernandes Pinheiro, havia aparecido em outros três livros didáticos: no de Caldas Aulete, no de Mello Morais Filho e na *Seleção Literária*. Este trecho, desde Almeida Garrett, vem sendo citado nas seletas escolares como uma espécie de ícone do poema e do seu papel tradutor do caráter nacional brasileiro.

---

[356] BRANCO, Camilo Castelo. Op. cit., p. 247.

[357] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p.457.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Dos árcades mineiros, Fausto Barreto e Carlos de Laet selecionaram apenas Tomás Antonio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa. Sua passagem pela ***Antologia Nacional***, entretanto, deixa de traduzir o destaque que gozaram antes nas histórias e antologias literárias, principalmente nas brasileiras.

Cláudio Manuel da Costa tem a nota biobibliográfica mais extensa do que Gonzaga. Privilegiando dados sobre sua passagem pela Itália, são citados Pereira da Silva, Ferdinand Wolf e Joaquim Norberto. Há também a informação que no centenário de sua morte (1889), "quarenta escritores encomiaram-no" na festa do Instituto Histórico.

Tanto os dados biográficos de Cláudio como os de Gonzaga noticiam a participação deles na "conjuração da Inconfidência", sem, contudo, julgá-los. Não há valorização nem depreciação de sua participação política, não há heróis patriotas nem covardes, imagens contrárias que coexistiram no século XIX, sustentadas por historiadores e críticos literários daqui e de Portugal. [358]

Cláudio, cultor de vários gêneros poéticos, fora selecionado pelo Cônego Fernandes Pinheiro na "Espécie Epigramática" (sonetos), junto com Bocage e Luiz Paulino Pinto da França. A ***Antologia Nacional*** parece seguir o exemplo do *Curso Elementar*, incluindo como exemplo do autor apenas um soneto, intitulado "Temei, penhas...". Este soneto, que inicia com os versos: "Destes penhascos fez a natureza/ O berço em que nasci: oh! quem cuidara", não havia aparecido antes em livro didático, sendo registrada sua presença no *Florilégio da Poesia Brasileira* (1850) de Francisco Adolfo de Varnhagen.

A referência à paisagem brasileira, como parece ser o caso deste soneto, era uma das marcas que os historiadores e compiladores do século XIX procuravam nas composições de Cláudio e de outros poetas árcades para poder considerá-los nacionais. Daí a repetição de outros sonetos, por exemplo, "Este é o rio, a montanha é esta," e "Leia a posteridade, oh pátrio rio!", nas antologias e histórias literárias que se preocupavam com o aspecto da nacionalidade, tais como o *Parnaso Brasileiro* (1843-48) de Pereira da Silva, o já citado *Florilégio* de Varnhagen, o *Curso Elementar* de Fernandes Pinheiro e o *Le Brésil Littéraire* (1863) de Ferdinand Wolf.

A amostragem de **Tomás Antonio Gonzaga** é também diminuta. A ***Antologia Nacional***, sem mencionar outras obras, selecionou da *Marília de Dirceu* apenas uma lira, chamada de "Lira XXVIII", cujo primeiro verso é "Alexandre, Marília, qual o rio". Esta lira, que já havia aparecido incompleta (faltando as três últimas estrofes) no *Curso Elementar* de Fernandes Pinheiro e na *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza, foi reproduzida igualmente truncada por Barreto e Laet.

Conforme assinalei no mestrado, as quatro estrofes que compunham o excerto escolar de Gonzaga eram exemplares porque passavam "a imagem do herói cortês, civilizado", preocupado "em viver justo", inspirando a seguinte exclamação do Cônego Fernandes Pinheiro:

---

[358] RAZZINI, Marcia. Imagens de Tomás Antonio Gonzaga no século XIX. In: Revista *Horizontes*. Universidade São Francisco. v. 15. Bragança Paulista, Edusf, 1997, p. 223-232.

> Que sã moral, que nobres pensamentos não se exalam da lira XXVIII, em que explica a sua amante o caráter da verdadeira heroicidade! [359]

As três oitavas restantes da lira, ao contrário, eram carregadas de sensualidade e erotismo, explicando sua exclusão dos livros didáticos, sempre preocupados "em repelir tudo que não respirasse a honestidade" e em "manter no ensino o máximo respeito", conforme vimos, os compiladores da ***Antologia Nacional*** asseverarem no prefácio da 1ª edição.

Já o poeta bíblico, **Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas**, entra na ***Antologia*** com dois excertos sobre o mesmo assunto, os *Salmos de Davi*, cuja "tradução", assegurou Fernandes Pinheiro, é "o mais virente florão de sua coroa poética". Apesar do elogio, Fernandes Pinheiro não selecionou nenhum exemplo dos *Salmos* no seu *Curso Elementar*. O "Salmo 18°" e a "Outra versão do Salmo 18°", trechos que aparecem na ***Antologia Nacional***, já tinham entrado na *Seleta Nacional* de Caldas Aulete, ambos com o título de "Salmo de Davi" (p. 221 e p. 226).

A nota biobibliográfica de Sousa Caldas dispensa o tom patriótico que animou a opinião de Pereira da Silva no *Plutarco Brasileiro* (1847), reproduzida por Fernandes Pinheiro no *Curso Elementar*. Porém, a ***Antologia Nacional*** considera que Sousa Caldas "é, na poesia sacra, sem rival na língua portuguesa". [360] Tal julgamento ia ao encontro de Almeida Garrett, citado por Fernandes Pinheiro, como um juiz competente e isento por não ser brasileiro:

> O P. A. P. de Sousa Caldas, brasileiro, é dos melhores líricos modernos. A poesia bíblica, apenas encetada de Camões na paráfrase do Salmo *Super flumina Babylonis*, foi por ele maravilhosamente tratada, e desde Milton e Klopstock ninguém chegou tanto acima neste gênero. [361]

A nota biobibliográfica de **José Bonifácio de Andrada e Silva**, o "patriarca da Independência do Brasil", empenha-se no destaque de dados que assegurem a imagem de herói ilustrado e fundador da nação. Dos quatro parágrafos, apenas o último fala da produção poética, explicando sua inclusão neste período:

> Como poeta, foi o venerável brasileiro fidelíssimo seguidor das formas clássicas portuguesas, imitando a Garção e principalmente a Filinto Elísio. Não deve, pois, figurar na fase contemporânea, que verdadeiramente começa pela revolução romântica. [362]

Das *Poesias Avulsas de Américo Elísio*, publicadas em Bordeaux (1825) durante seu exílio, a ***Antologia Nacional*** selecionou a "Ode aos baianos", também escolhida por Pereira da Silva (*Parnaso Brasileiro*), Varnhagen (*Florilégio*) e Wolf (*Le Brésil*).

---

[359] PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit., p. 333.

[360] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 468.

[361] GARRETT, João Batista da Silva Leitão de Almeida. Bosquejo da história da língua e da poesia portuguesa. Apud. PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit., p. 324.

[362] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p. 476.

José Bonifácio não entrou no *Curso Elementar de Literatura Nacional*, mas foi incluído em outro compêndio do Cônego Fernandes Pinheiro, o *Meandro Poético*, livrinho escolar de 1864, que reuniu 14 poetas brasileiros do século XVIII e início do XIX.[363] A amostragem de José Bonifácio no *Meandro Poético* consta de três odes, sendo a primeira, a mesma "Ode aos baianos", onde o poeta agradece o apoio dos baianos, defende-se e brada contra seu exílio na França.

Domingos Caldas Barbosa, o último brasileiro do período, foi inserido só na 25ª edição da ***Antologia Nacional***, feita, portanto, pelo professor Daltro Santos. Fausto Barreto e Carlos de Laet não haviam incluído Caldas Barbosa antes, provavelmente, porque o poeta tinha sido alvo de críticas agudas, quer seja de seus contemporâneos, como Bocage, quer seja de escritores do século XIX, como, por exemplo, Camilo Castelo Branco:

> Mais acerbo e justiceiro foi Bocage com o fulo *Domingos Caldas Barbosa*,
>
> *Nojenta prole da rainha Ginga,*
> *Sabujo ladrador .....*
>
> Presidiu à Nova Arcádia este quase doméstico do conde de Pombeiro, o autor da *Viola de Lereno*. A sua especialidade era a trova arpejada na guitarra, no gênero das modinhas brasileiras com que este palaciano mulato aligeirava os saraus do conde seu protetor. [364]

A própria nota biobibliográfica de Caldas Barbosa fornece pistas de sua entrada tardia, entre as quais, a simplicidade e a improvisação, que o afastava de seus pares:

> Pertenceu à Nova Arcádia, na qual tinha o apelido de *Lereno*. É poeta simples, fácil e espontâneo, improvisador de modinhas e lundus, que muito se apreciavam nos saraus de Lisboa e ficaram na memória popular. Seus versos, suas cantigas amorosas, acham-se na *Coleção de poesias* (1775) e em *A Viola de Lereno* (1798). SILVIO ROMERO faz notar "a simplicidade de seus versos, mui longe da retórica inchada de BOCAGE e AGOSTINHO DE MACEDO"; e assinala ainda a ausência de imoralidade e a falta de mordacidade, o que o torna bem diferente dos seus contemporâneos. [365]

É possível, ainda, que Caldas Barbosa não tenha entrado na ***Antologia Nacional*** pelas mãos de Barreto e Laet, porque era reconhecidamente poeta popular, cuja "simplicidade" não só o afastava da "retórica inchada" de seus contemporâneos, como dos valores tradicionais da escola secundária (retórica, poética e pureza da linguagem).

Já tinham se ocupado de Domingos Caldas Barbosa, antes de Silvio Romero: Pereira da Silva, Varnhagen, Inocêncio Francisco da Silva, Ferdinand Wolf e Teófilo Braga. Dos dois trechos escolhidos na

---

[363] PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. *Meandro Poético*. Rio de Janeiro, Garnier, 1864. Este livro foi adotado nas aulas de português (1º ano) do Colégio Pedro II em 1877. Pela ordem de apresentação, foram selecionados: Cláudio Manuel da Costa, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, Frei José de Santa Rita Durão, Frei Francisco de São Carlos, José Basílio da Gama, José Bonifácio de Andrada e Silva, Francisco Vilela Barbosa (Marquês de Paranaguá), José da Natividade Saldanha, João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, Francisco Bernardino Ribeiro, Manuel Alves Branco e Luiz Paulino Pinto da França.

[364] BRANCO, Camilo Castelo. *Curso de Literatura Portuguesa*. Op. cit., p. 268.

[365] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. *Antologia Nacional*. 33ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1956, p. 491.

Antologia Nacional, "O que é Amor" e "Retrato de Lucinda", o último aparecera também no *Florilégio da Poesia Brasileira* de Varnhagen.

Passemos agora para os poetas portugueses do século XVIII, cuja seqüência se pautou na filiação arcádica, sendo os primeiros, Garção, Diniz e Quita, sócios da *Arcádia Ulissiponense*, e depois, Bocage e José Agostinho, pertencentes à *Nova Arcádia* de Lisboa. Por último, são apresentados os autores sem filiação, Filinto Elísio e Nicolau Tolentino.

Correia Garção, um dos poetas mais celebrados deste período, tem destacada na nota biobibliográfica da ***Antologia Nacional***, sua prisão no final da vida:

> **Pedro Antonio Correia Garção**, que na *Arcádia* se denominava *Coridon Erimanteu*, nasceu em 1724 e faleceu em 1772.
>
> Serviu como escrivão na casa da Índia e, no fim de uma vida placidamente consagrada às letras, foi encarcerado e morreu na cadeia, exatamente no dia em que se lhe expedira a ordem de soltura. Inocêncio F. da Silva conjetura, e com razão, que a causa da prisão foi delito de natureza mui particular, e não de ordem política, qual seria a sua composição da *Fala do Duque de Coimbra recusando a estátua*, peça em que o Pombal teria visto alusões ao medalhão que o representava no monumento de D. José I.
>
> Garção, escritor puríssimo, compôs, em prosa, dissertações e discursos acadêmicos; e, em verso, sonetos, odes, epístolas, sátiras e duas comédias. A mais completa das obras deste poeta é a elaborada pelo nosso compatriota J. A. de Azevedo Castro, Roma, 1888. [366]

A reticência dos compiladores para informar a causa da prisão, comentando apenas que era "delito de natureza mui particular", obriga o leitor a procurar a fonte citada, Inocêncio. No sexto volume do *Dicionário Bibliográfico Português*, o autor expõe algumas causas aventadas para a prisão de Garção e discute suas contradições. Ele afasta o motivo político, exposto por Garrett, o qual era plantado na *Fala do Duque de Coimbra* recusando a estátua, pois a *Fala* de Garção é bem anterior à inauguração da estátua (1775). Inocêncio colheu informações escritas e orais sobre uma carta amorosa, convidando a jovem vizinha de Garção para a fuga, "cujo estado de gravidez ia já suficientemente adiantado". Na versão do neto, Garção teria escrito a carta, em inglês, a pedido de certo "mancebo peralta", chamado Ávila, "o qual não obstante ser casado e ter filhos, entendeu que podia requestar a filha do inglês". Como Ávila não tinha conhecimento da língua inglesa, instou a Garção que escrevesse a carta. Tal carta foi parar nas mãos do pai da moça, coronel Macbean, que, "enfurecido", teria levado a prova do delito de Garção ao Marquês de Pombal. Garção, então, teria ficado preso por oito meses antes de morrer. Inocêncio, entretanto, põe em dúvida também esta última "variante", permanecendo o mistério sobre o motivo da prisão de Garção. [367]

Há ainda a versão que considera Garção o verdadeiro autor da carta licenciosa. Camilo Castelo Branco, que dedicou a Garção 21 páginas de seu *Curso de Literatura Portuguesa* (1876), ao contrário dos outros críticos, monta a imagem de um Garção namorador e adúltero. Interessante salientar que Camilo usa a

---

[366] Id., ibid., 22ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1939, p. 445.

[367] SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, v. 6, p. 386-90.

obra de Garção para confirmar a inconstância amorosa do árcade, citando algumas passagens poéticas, especialmente um soneto de Garção, que terminava com o verso: "E um velho ter amor não é tontice". Ele se baseara, sobretudo, na *funesta história* contada por um certo cônego Manuel de Figueiredo, que havia tomado o mesmo soneto como prova do adultério. Camilo faz também referência à versão da família (neto) e dos amigos de Garção, via Inocêncio, para refutá-la:

> Esmiucemos tanto quanto for necessário a vida particular do poeta [...] Pedro Antonio Correia Garção não era a suma circunspecção em pessoa. As *Delias*, as *Dirceas*, as *Filis* e as *Claras* das suas poesias conhecidas e inéditas não eram entes puramente imaginários. Garção, descuidando-se da fé jurada à esposa, amou e cantou várias damas com a facúndia congenial dos gênios da sua têmpera aquecidos no exemplo contagioso de seus mestres Horácio, Tíbulo e Propércio, de mistura algum tanto com os toques fesceninos de Marcial. Quando começou a encanecer, aí depois dos quarenta e quatro anos, o vulcão do amor arquejava ainda debaixo dos flocos de neve que lhe listravam os cabelos; [...]
>
> Garção graciosamente justifica, em anos ainda, se não esbeltos, ao menos vigorosos, o amor que lhe estava cobrindo de flores o abismo. A mulher que o poeta amava era sua vizinha, filha do intendente da artilharia Macbean, escocês ao serviço de Portugal. Formosa e leviana diz a tradição, colhida por um neto de Garção; porém, esse descendente do poeta amoroso, em vez de dar a seu avô a personalidade ativa e direta na história dos amores da escocesa, ou inglesa como ele dizia, constitui-o simplesmente secretário dos afetos de um seu hóspede, em uma carta de grande consideração escrita à menina. Louvável disfarce, se o intento de seus pais foi resguardar da irrisão um homem que delinqüira contra a honra em idade imprópria de desvarios eróticos.
>
> [...] Não se lhe instaurou processo para evitar dois opróbrios, o de Garção, chefe de família, na idade de quarenta e nove anos, e o da filha do queixoso, mulher cuja desonra ficaria oculta, se o preso expirasse com o segredo do motivo de sua prisão. Não temos a certeza de que a esposa do poeta suspeitasse a causa da prisão; [...] Eis aqui a funesta história referida em poucas palavras pelo cônego Manuel de Figueiredo, comentando o soneto que fica transferido. [368]

Seja por despotismo de Pombal, seja por adultério, a prisão de Garção sempre mereceu o maior cuidado dos historiadores do século XIX e a nota biobibliográfica da ***Antologia Nacional*** reflete tal preocupação, mas de forma diferenciada. Ela descarta o motivo político e dissimula o motivo moral, provavelmente para preservar a boa imagem de Garção e conservar o decoro no ambiente escolar. Os compiladores da ***Antologia*** conheciam a versão de Camilo Castelo Branco, quer seja através do compêndio citado, quer seja através do *Dicionário Bibliográfico Português*, cujo tomo 17 (1894, p. 182-4), preparado por Brito Aranha, informa tanto a opinião de Camilo como a melhor edição das obras de Garção, impressa em Roma, em 1888, pelo brasileiro José Antonio de Azevedo Castro, como vimos, reputada como a melhor edição na nota biobibliográfica.

Quanto ao excerto, Fausto Barreto e Carlos de Laet escolheram a composição mais famosa de Garção, "Dido", cantata considerada por Almeida Garrett "como uma das mais sublimes concepções do engenho humano, uma das mais perfeitas obras executadas da mão do homem". [369]

---

[368] BRANCO, Camilo Castelo. Op. cit., p. 181-4.

[369] GARRETT, João Batista da Silva Leitão de Almeida. Apud. CÉSAR, Guilhermino. Op. cit., p. 88.

A "Cantata de Dido", como ficou conhecida em alguns compêndios, celebrizada desde o *Parnaso Lusitano* de Garrett, aparece no *Curso Elementar* de Fernandes Pinheiro, na *Seleta Nacional* de Caldas Aulete e na *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza.

A entrada de "Dido" na ***Antologia Nacional*** dava continuidade à tradição, sensibilizando seus leitores escolares. O aluno do Pedro II, Manuel Bandeira, certamente foi tocado pela leitura da ***Antologia Nacional*** e pela cantata de Garção, testemunhando suas impressões de menino já em idade madura, quando era poeta consagrado, no "Itinerário de Pasárgada":

> [...] antologias escolares, especialmente na que era adotada no Ginásio, a de Fausto Barreto e Carlos de Laet. Eis outro livro que fez as delícias de minha meninice e de certo modo me iniciou na literatura de minha língua. Antes dos parnasianos a cantata "Dido", de Garção (meu pai fez-me decorá-la), já me dera a emoção da forma pela forma, e era com verdadeiro deleite que eu repetia certos versos de beleza puramente verbal:
>
> E nas douradas grimpas
> Das cúpulas soberbas
> Piam noturnas agoureiras aves...
>
> E mais adiante:
>
> De roxas espadanas rociadas
> Tremem da sala as dóricas colunas... [370]

Garção permaneceria nos compêndios escolares como exemplo de "escritor puríssimo", conforme assinalou a ***Antologia***, refazendo o percurso de críticos anteriores, como Fernandes Pinheiro, que o chamou de "puro e elegante literato", recuperando, por sua vez, o julgamento dos antecedentes (e citados no *Curso Elementar*) Rebelo da Silva e Almeida Garrett. [371]

Também sob a égide de Garrett, provavelmente via *Curso Elementar* de Fernandes Pinheiro, entrou **Antonio Diniz** na ***Antologia Nacional***. A sua nota biobibliográfica parece repetir o que já estava no *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa* e no *Curso Elementar*:

> **Antonio Diniz da Cruz e Silva,** entre os Árcades *Elpino Nonacriense* (Lisboa, 1731-1799) seguiu a carreira da magistratura até o cargo de chanceler da relação do Rio de Janeiro. Entre suas numerosas poesias citam-se as odes, que pecam pela uniformidade e pelo inflado estilo. Trabalhou também no gênero dramático; mas de tudo quanto escreveu, melhor tem resistido ao tempo o poema herói-cômico *Hissope*, qualificado por Garrett como o mais perfeito que desse gênero ainda se compôs em língua nenhuma. Observe-se contudo que em certos passos o *Hissope* descai na sordidez, nem mui dificilmente se lhe notarão galicismos. [grifos meus] [372]

Fernandes Pinheiro incluiu Antonio Diniz no gênero lírico, subdividindo suas produções na *Espécie Lírica*, onde destacou as *Odes Pindáricas*, e na *Espécie Satírica*, cujo melhor exemplo de poema herói-cômico é o *Hissope*. Nos dois momentos citou Garrett:

---

[370] BANDEIRA, Manuel. "Itinerário de Pasárgada". In: *Obras Completas*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977, p. 35-6.

[371] PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. *Curso Elementar de Literatura Nacional*. Op. cit., p. 307-8.

[372] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. 22ª ed. Op. cit., p. 451-2.

> Antonio Diniz da Cruz e Silva (Elpino Nonacriense), nascido em Lisboa em 1731, faleceu no Rio de Janeiro no primeiro ano do presente século. Seguindo a carreira da magistratura desempenhou diversos lugares de importância sendo o principal o de chanceler da relação desta cidade, onde, como já dissemos, morreu, [...]
>
> Compete a Diniz o segundo lugar entre os líricos desta época pelas suas imortais *Odes Pindáricas*, de que se tem feito até hoje duas edições (a de Coimbra em 1801 e a de Londres em 1820), ambas porém incompletas. Comparando-o com Garção assim se exprime Garrett, cuja opinião folgamos sempre de citar, firmando-nos em seus juízos:
>
> ". . . . . Não da mesma sorte Antonio Diniz que mais arrojado, mais pomposo, menos correto e elegante, assim correu mais caudalosa porém menos pura torrente. Enquanto lírico, tem rasgos pindáricos verdadeiramente sublimes; mas o todo de suas odes é em demasia ornamentado; elas entre si pecam a miúdo de monotonias e repetições. Talvez o jugo dos [das] consoantes, que tão desnecessariamente se impôs, a [o] acanhou a isso." [grifos meus] [373]
>
> No nosso fraco entender forma o *Hissope* a coroa poética de Diniz, e mais do que as suas *Odes Pindáricas* concorreu para transmitir aos pósteros o seu preclaro nome. Seguindo a trilha de Boileau, excedeu ao mestre; descobrindo-se na obra do poeta português mais regularidade no plano, mais frescor de imaginação e mais veracidade nos quadros. Em presença de todos estes predicados, não duvidou Garrett de qualificá-lo de "mais perfeito poema herói-cômico que ainda se compôs em língua nenhuma." [grifos meus] [374]
>
> Simples e engraçada é a pintura do banquete dado pelo bispo aos cônegos seus parciais; sendo porém para estranhar que a tão assíduo cultor das lusas letras escapassem nela alguns galicismos que grifados vão: [grifos meus] [375]
>
> No meio de tanta coisa boa descobre a crítica neste famoso produto do satírico engenho de Diniz algumas locuções prosaicas, versos duros, e o que pior é, palavras obscenas que para provocar o riso foram empregadas. [grifos meus] [376]

O cotejamento do *Curso Elementar* com a ***Antologia Nacional*** parece demonstrar que a nota biobibliográfica de Diniz absorveu resumidamente as passagens do Cônego Fernandes Pinheiro.

Por sua vez, na comparação entre Fernandes Pinheiro e Almeida Garrett, com exceção das passagens que censuram os galicismos e as obscenidades do *Hissope*, verifica-se a fusão dos discursos e, às vezes, como nas expressões de Fernandes Pinheiro "fraco entender" e "presença de todos estes predicados", é possível reconhecer a colagem do julgamento de Garrett sobre o *Hissope*, cuja falta de aspas ilude ou confunde o leitor do *Curso Elementar* sobre *quem disse o que*:

> Não da mesma sorte [que Garção] Antonio Dinis, que mais arrojado, mais pomposo, menos correto e elegante, assim correu caudalosa, porém menos pura torrente. Enquanto lírico, tem rasgos pindáricos verdadeiramente sublimes; mas o todo de suas odes é em demasia ornamentado; e elas entre si pecam amiúde de monotonia e repetições. Talvez o jugo das consoantes, que tão desnecessariamente se impôs, o acanhou a isso. Mas nas anacreônticas é ele sem

---

[373] PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. *Curso Elementar de Literatura Nacional*. Op. cit., na *Espécie Lírica*, p. 311-2.

[374] Id., ibid., na *Espécie Satírica*, p. 376.

[375] Id., p. 377.

[376] Id., p. 383.

> disputa o primeiro poeta português, e digno rival do ancião de Teios. No gênero bucólico também nos deixou mui bonitas coisas, nenhuma perfeita. Porém a verdadeira coroa poética de Dinis, Talia lh'a teceu, que não outra musa. O *Hissope* é o mais perfeito poema herói-cômico de seu gênero *, que ainda se compôs em língua nenhuma: se no castigado da dicção o excede o *Lutrin*; no desenho da obra, na regularidade do edifício, na imaginação, foi o discípulo de Boileau muito além de seu grande mestre: e com mais exação se diria de um e outro o que de Camões e Tasso presunçosamente disse Voltaire: que se a imitação daquele fizera este, a sua melhor obra era essa. O palácio do gênio das Bagatelas, a conversa do deão na cerca dos capuchos, a ressurreição e vaticínio do *galo assado*, a caverna de Abracadabra serão, enquanto houver gosto, estudados como exemplar (sic) pelos literatos, lidos e relidos sempre com prazer por todos os amigos das artes. [grifos meus]
>
> * Digo de seu gênero, porque o *Orlando Furioso* também é herói-cômico, mas doutro gênero. [377]

Fernandes Pinheiro selecionou, ainda, alguns trechos do *Hissope* recomendados por Garrett, como o do "palácio do gênio das Bagatelas" e quatro trechos sobre "a conversa do deão na cerca dos capuchos". Depois destes últimos, a opinião Fernandes Pinheiro novamente se funde à de Garrett:

> Inúmeros primores da ordem dos que havemos citado se encontram nesse precioso episódio do poema [*a conversa do deão na cerca dos capuchos*], que quanto a nós, excede a tudo o que de espirituoso e sarcástico se depara no *Lutrin*, e ainda no *Orlando furioso* de Ludovico Ariosto, que diversa vereda trilhando, não deixa por isso de ser um poema herói-cômico. [378]

A exemplificação da obra de Antonio Diniz na ***Antologia Nacional***, recupera um trecho das *Odes Pindáricas* e um trecho do *Hissope*, os quais já haviam aparecido no *Curso Elementar* de Fernandes Pinheiro. O primeiro excerto, composto por três oitavas e intitulado na ***Antologia*** "Fala de Van Schkopp aos seus soldados", foi tirado das *Odes Pindáricas*, exemplificadas no *Curso Elementar*. Fernandes Pinheiro incluiu este mesmo trecho por ser "um primor de elegância ainda que pouco verossímil". [379] Já o segundo excerto, composto de 14 versos e chamado na ***Antologia*** de "O templo das Bagatelas", tinha sido, como vimos, apontado por Garrett como um dos melhores do *Hissope*. A repetição deste trecho no *Curso Elementar* e na ***Antologia Nacional*** sanciona e conserva o julgamento de Garrett.

Por outro lado, é de se estranhar que tanto o *Curso Elementar* como a ***Antologia Nacional*** desprezassem o elogio de Garrett sobre as odes anacreônticas de Antonio Diniz: "Mas nas anacreônticas é ele sem disputa o primeiro poeta português, e digno rival do ancião de Teios".

Pode ser simplesmente que os compiladores não concordassem com Garrett, mas pode ser também que haja outro motivo. A preferência dos livros didáticos pelas *Odes Pindáricas*, apesar das imperfeições apontadas, talvez seja porque seu assunto fosse mais elevado e, portanto, mais apropriado ao ambiente escolar do que as odes anacreônticas, "dedicadas a celebrar as delícias do amor e da boa mesa". Vejamos a definição

---

[377] GARRETT, João Batista da Silva Leitão de Almeida. Apud. CÉSAR, Guilhermino. Op. cit., p. 88-9.

[378] PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit., p. 382.

[379] Id., ibid., p.313-4.

de ambas no *Compêndio de Retórica e Poética* do Cônego Manoel da Costa Honorato, livro adotado, como vimos, nas aulas de retórica e poética do Colégio Pedro II:

> 146. A *ode pindárica*, assim chamada de Pindo, monte dedicado às musas, donde teve o nome o poeta Píndaro, é a mais sublime das odes; e é sobre ela que recai a maior parte dos preceitos, que dá Fonseca sobre a ode: é dedicada a celebrar um grande triunfo, o dia natalício de um príncipe, um sucesso ou aniversário de renome, devendo ser majestosa e sublime. - O pensamento do poeta deve mostrar seu maior engenho, pintando com as cores mais vivas o objeto de que se ocupa e soltando os mais encantadores sons de sua lira. [...] [380]
>
> 150. A *ode anacreôntica* é uma poesia delicada, branda e carinhosa, dedicada a celebrar as delícias do amor e da boa mesa, pintando-se um amor inocente, a candura da natureza e os mimos da divindade, tudo com expressões simplices e maviosas. - Os finos sons de uma lira delicada devem expender-se melhor nesta ode usada por Anacreonte, poeta insigne de quem tomou o nome, [...]. [381]

Passemos agora para **Domingos Quita** que foi introduzido por Teófilo Braga na nota biobibliográfica da ***Antologia Nacional***:

> **Domingos dos Reis Quita** (Lisboa, 1726-1770). As suas obras compreendem églogas, odes, sonetos e outras poesias miúdas; o drama pastoral *Licore*; e quatro tragédias, uma das quais, *Castro*, foi aproveitada por João Batista Gomes, para a sua *Nova Castro*. Quita foi membro da *Arcádia Ulissiponense*, sob o nome de *Alcino Micênio*. Tinha a profissão de cabelereiro e morreu paupérrimo.
>
> A manifestação do talento de Quita nestas circunstâncias desesperadas (a da sua extrema penúria) é, na opinião do Sr. Teófilo Braga, verdadeiramente um assombro. E este crítico considera Quita o legítimo continuador de Francisco Rodrigues Lobo. [grifos meus] [382]

A comparação entre a nota biobibliográfica e o *Manual da História da Literatura Portuguesa* de Teófilo Braga, confirma não só a referência ao crítico, como indica que as aspas poderiam ser ampliadas na observação sobre a tragédia *Castro*:

> Domingos dos Reis Quita, não foi menos infeliz do que Garção; [...] A manifestação do talento de Quita, nestas circunstâncias desesperadas, é realmente um assombro; a sua natureza submissa e timorata levou-o para essa ordem de composições tênues, como *Églogas*; pode-se dizer, que ele é o legítimo continuador de Francisco Rodrigues Lobo. Debalde tentou ser criado grave de um dos *Meninos de Palhavam*, ou de alcançar a proteção do Marquês de Pombal. A sua profissão não deixou que os seus talentos o elevassem; o trabalho manual era entre nós considerado como degradante. A sua tragédia *Segunda Castro*, que mal foi apreciada, é hoje popularíssima no plagiato que dela fez na *Nova Castro* João Batista Gomes. Depois de uma longa luta com a miséria, morreu a 26 de Agosto de 1770. [grifos meus] [383]

É bom esclarecer que Quita está sendo considerado herdeiro das poesias bucólicas de Rodrigues Lobo, e não de suas "pastorais", em prosa, as únicas que entraram na ***Antologia Nacional***, que haviam sido

---

[380] HONORATO, Cônego Manoel da Costa. *Compêndio de Retórica e Poética*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Tip. Cosmopolita, 1879, p. 255.

[381] Id., ibid., p. 259.

[382] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. 22ª ed. Op. cit., p. 448.

[383] BRAGA, Teófilo. Op. cit., p. 430-1.

condenadas por Teófilo Braga como "enfadonhas", opinião também registrada na nota biobibliográfica deste prosador seiscentista.

Quita é sempre lembrado por suas composições bucólicas, principalmente églogas e idílios. O excerto selecionado na ***Antologia Nacional***, intitulado "A Manhã", ratifica sua fama de poeta neste gênero. O "formoso idílio, dedicado à manhã", como o chamou Fernandes Pinheiro, está presente no *Curso Elementar* para ilustrar o "talento descritivo com que [Quita] sabia moldurar todos os seus mimosos painéis". [384]

Fernandes Pinheiro cita Garrett e Pato Muniz, como os "mais competentes juizes" capazes de afirmar que Quita é "o primeiro dos nossos poetas pastoris". [385] Recuperemos o texto de Garrett, onde parece que se estabeleceu a fama de Quita aliada aos comentários sobre sua pobreza:

> Após estes [Garção e Diniz] vem o virtuoso e honrado Quita, a quem pagou a pátria com miséria e fome as imensas riquezas que para a língua e literatura de seus versos herdou. Um pobre cabeleireiro, a quem as musas que serviu, os grandes que com elas honrou nunca tiraram do triste ofício, pôde de sua baixa condição social alevantar-se ao primeiro grau literário, que acaso lhe disputam ignorantes ou presunçosos, nenhum homem de gosto deixará de lh'o dar.
>
> Este é em meu humilde conceito o nosso melhor bucólico; tomo a liberdade de contrastar a opinião comum, porque o meu dever de crítico me obriga a enunciar lealmente o meu pensamento. Tenho para mim (e fico que acharei quem me siga se de boa-fé quiserem entrar no exame) que a imensa cópia de composições pastoris, as quais não são riqueza, mas desperdício de nossas musas, ou pecam por empoladas, por inverossímeis, por baixas, por demasiado naturais, por sobejo elevadas. Um meio termo dificílimo de tocar, de nele permanecer, um estilo singelo como o campo, mas não rústico como as brenhas, são dos mais difíceis requisitos que de um poeta se podem exigir. Se tem engenho, custa-lhe a moldar-se e a retê-lo que não suba mais alto que a difícil medida, e raro deixa de a exceder, de perder-se do bosque e acabar em jardins cidadãos e conversas de damas e cavalheiros o que começara no monte ou na várzea entre pastores e serranos.
>
> Nem Virgílio daí escapou, nem Sannazaro, nem Camões; Gessner sim, e depois de Gessner, o nosso Quita. Não digo que não tenha defeitos, ainda em seu gênero pastoril; mas a boa e honrada crítica fala em geral, louva o bom, nota o mau, porém não faz timbre em achar defeitos e erros na menor falta para se regozijar da censura. [386]

Por que Teófilo Braga e a ***Antologia*** tocam no aspecto biográfico da pobreza de Quita, mas lhe negam a reputação de ser "nosso melhor" ou "nosso primeiro" poeta bucólico, como queriam Garrett e Fernandes Pinheiro? Ser "o continuador de Francisco Rodrigues Lobo", como disse Teófilo Braga, é muito menos do que ser o "melhor". Camilo Castelo Branco parece explicar no seu *Curso de Literatura Portuguesa* o desgaste do conceito de Garrett em relação a Quita:

> Considera-o Garrett o nosso primeiro bucólico. Há cincoenta anos, esta qualificação devia ser de máxima valia, porque ainda a flauta pastoril era uma forma encantadora e inocente da arte. Sobrevivia Teócrito para as comparações, e

---

[384] PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit., p. 301-2.

[385] Id., ibid., p.298.

[386] GARRETT, João Batista da Silva Leitão de Almeida. Apud. CÉSAR, Guilhermino. Op. cit., p. 89-90.

> Gessner e Sannazaro para aferidores de tais engenhos. A torrente do romantismo rolou os poemas como as folhas dos salgueirais cantados; [...] [387]

Ao adotar o ponto de vista de Teófilo Braga, a ***Antologia Nacional*** encontrava um meio termo entre o juízo entusiasta de Garrett e a descrença de Camilo quanto à utilidade de estudar os árcades:

> Sem grande justiça se atribui à nova geração o menosprezo dos esquecidos árcades. A nosso ver, é uma boa ação venerá-los como mestres dos bons poetas do século XIX; mas seria hoje uma aparatosa inutilidade estudá-los, e um doce engano pedir-lhes algumas horas recreativas. [388]

A ***Antologia Nacional*** precisava cumprir o currículo de português, o qual previa leitura e análise de excertos dos prosadores e poetas do século XIX ao século XVI. E, enquanto conjunto de textos (e conjunto de homens ilustres) representativos da literatura nacional, sua integridade deveria ser preservada, mesmo quando a obra estivesse distante do gosto contemporâneo, como parece ser o caso de Quita.

Manuel Maria Barbosa du Bocage, que, segundo Fernandes Pinheiro é "o maior poeta que depois de Camões contou a literatura portuguesa", entrou na ***Antologia Nacional*** como "exímio sonetista". No *Curso Elementar*, Bocage havia entrado na "Espécie Elegíaca", com duas elegias, e na "Espécie Epigramática" (as chamadas poesias ligeiras dos compêndios de retórica e poética), com seis sonetos.

Fernandes Pinheiro havia considerado Bocage "o primeiro sonetista da literatura portuguesa", respaldado pela opinião de Luís Augusto Rebelo da Silva.[389] A ***Antologia Nacional*** parece ter sido sensibilizada pelo julgamento de Fernandes Pinheiro, principalmente pela sua seleção de sonetos, escolhendo cinco sonetos de Bocage que já haviam aparecido no *Curso Elementar*.

A imagem que se constrói de Bocage na ***Antologia Nacional*** é a do grande poeta, cujas belezas literárias podem ser aferidas em sonetos que privilegiam assuntos religiosos e morais, reconhecíveis pelo título que ganharam dos compiladores, alguns tomados, provavelmente, dos comentários de Fernandes Pinheiro: "Deus", "Doçura da Vida Campestre", "Resignação do Sábio", "Um Condenado à Morte" e "Contrição". Tal imagem está, portanto, bem distante do Bocage satírico e por vezes obsceno, características que lhe valeram a alcunha de "boca do inferno".

A nota biobibliográfica do padre **José Agostinho de Macedo** destaca a abundância de sua produção e discorda da recepção negativa que ele teve por parte de críticos como Teófilo Braga e Camilo Castelo Branco, que haviam apadrinhado a entrada de outros autores na ***Antologia Nacional***:

> **José Agostinho de Macedo** (Beja, 1761-1831) teve em a *Nova Arcádia* o título de *Elmiro Tagídeo*. Professou na ordem dos eremitas de S. Agostinho e em 1793 logrou secularizar-se presbítero.
>
> Tornou-se notável pela prodigiosa variedade dos seus conhecimentos e pela índole inquieta e acerbamente polemística. Foi pregador, poeta épico (*O Oriente*), didático (*A Meditação*) e satírico (*Os Burros*). Garrett escreveu que a *Meditação*

[387] BRANCO, Camilo Castelo. Op. cit., p. 188.

[388] Id., p. 186-7.

[389] PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit., p. 390.

> fazia suma honra ao nome português. Hodiernamente se desencadeia a crítica, nos juízos de Lopes de Mendonça, Castelo Branco e Teófilo Braga contra o mísero polígrafo; mas antes nos inclinamos, com o eminente Menendez Pelayo, a pensar que - ainda contra José Agostinho perduram antigos ódios, e que muito se tem de passar antes que se diga toda a verdade sobre este fero batalhador.
>
> Para dar uma idéia da sua fecundidade literária, basta ponderar que o catálogo das obras deste escritor enche 131 páginas do *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio Francisco da Silva. [390]

Teófilo Braga e Camilo Castelo Branco não perdoavam a pretensão de José Agostinho de se considerar melhor do que Camões, e de ter dado sumiço em algumas composições de Bocage, sem publicá-las, como havia prometido. Enquanto Teófilo Braga se detém na censura da epopéia de José Agostinho de Macedo, Camilo se concentra mais na crítica moral, principalmente em relação a Bocage:

> A sua vida literária foi uma constante e virulenta polêmica pessoal; nunca a linguagem desceu tão baixo como nos bicos da sua pena. Produto de uma destas tristes épocas de esterilidade moral, a sua fecundidade infunde tristeza, pela falta de crítica, de filosofia, de dignidade, e por uma erudição de aparato que lhe recrutava partidários entre os insientes. Tendo lido o *Ensaio sobre a Poesia épica* de Voltaire, quis desenvolve-lo com relação a Camões, mostrando que os *Lusíadas* eram um poema desprezível, porque não seguia servilmente as regras de Aristóteles. Para melhor fundamentar as suas curtas idéias elaborou de novo o mesmo assunto épico, no *Gama*, em 1811; três anos depois refundiu de novo este acervo de Oitavas banais e da mais soprada retórica, acrescentando-lhe mais dois cantos aos dez que contava, com o título de *Oriente*. A ignorância total do que é uma epopéia é que lhe podia dar coragem para metrificar essa longa coisa sem sentimento, sem tradição, sem nacionalidade, e sem imaginação criadora. [391]
>
> E, depois, quem miudamente lhe quiser seguir a fecundidade dos abortos veja as listas das obras que alguém por afinidades políticas publicou como pregão de glória, e o sr. Inocêncio Francisco da Silva explanou no seu *Dicionário* porque assim lh'o mandava o dever de bibliógrafo. O certo é que o padre José Agostinho com uns oito mil versos distribuídos de diversos feitios arranjou cinco poemas com diferentes títulos, e todos cinco, como gafados do mesmo vírus, esfacelaram-se a um tempo, obedecendo à profecia de Bocage desfechada contra o padre na *Pena de Talião*: [...]
>
> O padre nunca perdoou a *Elmano* [Bocage] o vaticínio que parecera palpitar-lhe com clava de ferro na consciência a previsão do seu futuro. Congraçou-se com o moribundo; e, quatro anos depois nas *Considerações mansas*, remexia-lhe as cinzas com covardíssima impiedade. [...] Homens desta ignóbil espécie jamais tiveram faculdades de engenho que os individualizassem na genealogia dos espíritos que constituem a nobiliarquia das letras. [392]

Quanto a Lopes de Mendonça, não foi possível localizar sua crítica, mas sabe-se através do mesmo *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio, que catalogou as inúmeras obras de José Agostinho de Macedo, que Lopes de Mendonça havia publicado um artigo intitulado "José Agostinho de Macedo e sua época", inserto no

---

[390] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. 22ª ed. Op. cit., p. 466.

[391] BRAGA, Teófilo. Op. cit., p. 439-440.

[392] BRANCO, Camilo Castelo. Op. cit., p. 263-5.

tomo II dos *Anais das Ciências e Letras publicados debaixo dos auspícios da Academia Real das Ciências.* [393]

A ***Antologia Nacional***, porém, cita os críticos portugueses (que, aliás, escreveram na década de 1870, e não "hodiernamente" como está registrado), para discordar deles, argumentando com Menendez Pelayo, que as censuras não eram isentas, e arrematando com Inocêncio Francisco da Silva, cujo minucioso levantamento das obras de José Agostinho havia produzido o caudaloso catálogo, publicado no quarto volume do *Dicionário* em 1860.

Ainda resta comentar a citação de Garrett, sobre a qual dizia Camilo ser "frase consagrada" que "os apologistas de José Agostinho de Macedo" viviam martelando como imutável, esquecendo de críticas posteriores, como no prefácio da *Lírica de João Mínimo*, de 1828, onde Garrett insultou José Agostinho, reconhecendo nele uma pretensa sabedoria, e nas suas produções, uma "vil prosa indigna" e epopeías que dão "nojo". [394] Neste sentido, a ***Antologia Nacional*** estava entre o grupo de apologistas generalizadores, pois, ao invés de escolher um trecho de *A Meditação*, que havia sido elogiada por Garrett, os compiladores selecionaram um excerto da epopéia *O Oriente*, intitulado "Combate do Gama com Timoja". Estas mesmas cinco "belas estâncias" haviam sido tomadas por Fernandes Pinheiro para exemplificar um raro momento de "talento descritivo", segundo ele, talento sufocado pela "pasmosa erudição de José Agostinho de Macedo". [395]

O padre Francisco Manuel do Nascimento, mais conhecido pelo pseudônimo de **Filinto Elísio**, pois este nome não era denominação arcádica, foi apontado pela ***Antologia Nacional*** como um dos precursores do Romantismo, recorrendo ao juízo de Fernandes Pinheiro. Alguns detalhes biográficos, como o nome artístico, a fuga de Filinto para o exílio na França e o valor da venda do seu espólio, deixam transparecer a consulta do compêndio de Camilo Castelo Branco. Em seguida, foram acrescentados os dados literários:

> Escreveu odes, epístolas e outras poesias, em que começou a divorciar-se dos velhos modelos: traduziu para verso solto português a *Púnica*, do Silvio Itálico, e o *Oberon*, de Wieland, as *Fábulas* de Lafontaine e os *Mártires* de Chateaubriand.
>
> Tem versos duros, mas é acérrimo defensor da pureza do idioma e restaurador de abandonadas opulências.
>
> Clássico na locução, quanto à idéia precursou a revolução literária do princípio deste século. "Do Mênalo da última Arcádia (diz o cônego Fernandes Pinheiro) avistou Filinto Elísio os novos horizontes do romantismo". [grifos meus] [396]

Da mesma sorte que Garção, apreciado como "escritor puríssimo", Filinto Elísio entra na ***Antologia Nacional*** como mais um dos paladinos do vernáculo, ignorando quase completamente as ponderações de Fernandes Pinheiro, que via em suas atitudes extremas defeitos prejudiciais à forma e à clareza:

---

[393] SILVA, Inocêncio Francisco da. Op. cit., v. 4, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, p. 185.

[394] BRANCO, Camilo Castelo. Op. cit., p. 263.

[395] PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit., p. 410.

[396] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. 22ª ed. Op. cit., p. 453.

> Sumamente preocupado com a idéia desprezava Filinto por vezes a forma; e não escrupulizava em escrever um verso duro com tanto que exprimisse um pensamento sublime, ou conceituoso. Fanático pela pureza de linguagem e vendo por toda parte o espectro do galicismo desenterrava velhas palavras, invertia a ordem gramatical, e tornava-se obscuro a força de arcaísmos e de hipérbatos. [grifos meus] [397]

Apesar dos defeitos, Fernandes Pinheiro também reconhecia o papel restaurador de Filinto Elísio, recorrendo mais uma vez à opinião de Garrett, o qual havia considerado Filinto o reabilitador dos quinhentistas portugueses:

> "Nenhum poeta desde Camões havia feito tantos serviços à língua portuguesa: só per si Francisco Manuel valeu uma academia, e fez mais que ela: muita gente abriu os olhos, e adquiriu amor ao seu tão rico e belo quanto desprezado idioma: e se ainda hoje em Portugal há quem estude os clássicos, quem se não envergonhe de ler Barros e Lucena deve-se ao exemplo, aos brados, e às invectivas do grande propugnador de seus foros e liberdades." [398]

Já a citação de Fernandes Pinheiro na nota biobibliográfica da ***Antologia***, incluída para ratificar o papel precursor de Filinto no Romantismo, foi tirada da introdução do capítulo bem posterior, intitulado "Escola Romântica Portuguesa":

> Do Mênalo da última Arcádia avistou Filinto Elísio os novos horizontes do romantismo: faltava porém ao venerando poeta o necessário vigor para hastear o pavilhão da reforma que ondeava ovante nas mãos de Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Manzoni, Foscolo, Schiller, Goethe, Byron, Moore, Cooper, e Martinez de la Rosa. [grifos meus] [399]

A amostragem de Filinto Elísio na ***Antologia Nacional***, "Aeronautas" e "Netuno aos portugueses", é composta de dois trechos da ode *Os Novos Gamas*, os quais já haviam aparecido, respectivamente, no *Curso Elementar* de Fernandes Pinheiro e na *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza.

O último escritor do século XVIII que falta comentar é **Nicolau Tolentino de Almeida**. Como Filinto Elísio, Tolentino não tinha filiação arcádica. Ele ficou conhecido por suas composições satíricas, tanto em vida, nos salões de Lisboa, como depois, nos compêndios e histórias literárias.

Assim, como "fluente" poeta satírico, entrou Nicolau Tolentino na ***Antologia Nacional***. A pequena nota biobibliográfica não menciona sua pobreza, como fizeram Fernandes Pinheiro e Camilo Castelo Branco. Fausto Barreto e Carlos de Laet limitam-se a informar que era um professor de retórica descontente e que lutou para conseguir "o lugar de oficial da secretaria do reino". [400]

Entretanto, a ***Antologia Nacional*** escolheu um trecho intitulado "Autobiografia", onde o poeta fala de sua origem pobre, da formação intelectual em Coimbra cheia de dificuldades e de seu ofício como

---

[397] PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit., p. 316-7.

[398] Id., p. 317.

[399] Id., p. 522.

[400] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. 22ª ed. Op. cit., p. 459.

professor de retórica. Parte deste excerto tinha sido incluída antes na *Seleta Nacional* de Caldas Aulete, com o título de "Os primeiros anos de vida do autor". Este excerto de quintilhas octossílabas, além de exemplificar, segundo a nota biobibliográfica, a "forma predominante" das composições de Tolentino, tem a vantagem de complementar os dados biográficos.

C) Século XVII: a hora e a vez do púlpito ... [401]

Este é o século onde se destaca o discurso religioso de freis e padres na ***Antologia Nacional***, cujo autor mais reproduzido é Manuel Bernardes (9 excertos), seguido de Frei Luís de Sousa (4 excertos) e de Antonio Vieira (3 excertos).

O *segundo escalão* é formado pelos freis Vicente do Salvador, Amador Arrais, Antonio Brandão e pelo padre Jacinto Freire de Andrade, todos com um excerto cada. Entram ainda como prosadores dois Franciscos, o Rodrigues Lobo e o Manuel de Melo, com dois excerto cada.

Na poesia, destaca-se o gênero épico. Dos seis excertos selecionados, quatro foram extraídos das epopéias de Mousinho de Quevedo, Sá de Menezes (depois, Frei Francisco de Jesus) e Gabriel Pereira de Castro. Os outros dois trechos são de poesia brasileira, de Gregório de Matos e de Botelho de Oliveira, sendo que este último foi introduzido na 7ª edição (1915) da ***Antologia***.

Como aconteceu com o período anterior, 82% dos excertos do século XVII já haviam aparecido em livros didáticos anteriores à ***Antologia Nacional***, usados no Colégio Pedro II, como o *Curso Elementar de Literatura Nacional*, o *Íris Clássico*, a *Seleta Nacional* e a *Seleção Literária*. (TABELA 11)

Os padres **Antonio Vieira** e **Manuel Bernardes** formam a dupla de autores mais assíduos e mais reproduzidos nos compêndios escolares do século XIX. Há, entretanto, uma inversão na seleção de ambos entre os compêndios mais antigos e os do final do século, como a *Seleção Literária* e a ***Antologia Nacional***. Enquanto Antonio Vieira é o autor mais reproduzido nos livros didáticos adotados nas décadas de 1860 a 1880 (*Curso Elementar*, *Íris Clássico* e *Seleta Nacional*), Manuel Bernardes é o que tem o maior número de excertos na *Seleção Literária* e na ***Antologia Nacional***.

Fernandes Pinheiro incluiu dez excertos de Antonio Vieira enquanto Manuel Bernades não foi sequer citado no *Curso Elementar de Literatura Nacional*.

No *Íris Clássico* os dois autores juntos compõem 31% do total de excertos, com pequena vantagem para Vieira, ou seja, dos 185 excertos selecionados por José Feliciano de Castilho, 26 são de Manuel Bernardes e 31 de Antonio Vieira.

---

[401] Consultar o século XVII no ANEXO VI, LISTA GERAL e a TABELA 11.

No primeiro volume da *Seleta Nacional* de Caldas Aulete a proporção dos excertos de Vieira e de Bernardes é quase a mesma do *Íris Clássico*, ou melhor, os dois autores ocupam 29% do total de excertos, mas com grande preferência para Antonio Vieira. Dos 244 excertos selecionados por Aulete neste volume, 55 são de Vieira (22,5%) e só 16 são de Bernardes (6,5%). A mesma discrepância se repete no segundo volume da *Seleta Nacional*, dedicado à oratória, com 15 excertos de Vieira e 4 de Bernardes.

Já na *Seleção Literária* a situação foi invertida: Bernardes aparece com 18 excertos em 30 páginas e Vieira só tem 7 excertos em 16 páginas. Como não foram incluídas informações biobibliográficas na *Seleção Literária*, Fausto Barreto e Vicente de Souza, talvez para convencer seus leitores da superioridade de Bernardes, selecionaram um longo excerto biográfico (10 páginas) de Antonio Feliciano de Castilho, intitulado "Padre Manuel Bernardes", extraído do volume dedicado a Manuel Bernardes, que compunha a *Livraria Clássica Portuguesa* ou, como depois ficou conhecida, *Biblioteca Clássica*, coleção publicada a partir da década de 1850, reunindo alguns clássicos portugueses e que trouxe notoriedade à família Castilho.

O excerto de Antonio de Castilho, além de destacar os principais aspectos da vida e da obra do padre Bernardes, faz um paralelo entre Bernardes e Vieira, considerando-os mestres da vernaculidade. Castilho, entretanto, prefere a moralidade de Bernardes e acha a originalidade de Vieira "um exemplo ruim, mais perigoso pelo agigantado de quem o dava".

A mesma posição da *Seleção Literária* sobre Bernardes e Vieira foi reproduzida na ***Antologia Nacional*** de forma compactada: Bernardes ocupa 12 páginas (9 excertos), Vieira 7 páginas (3 excertos) e o texto de Antonio Feliciano de Castilho sobre Bernardes, 5 páginas (2 excertos). Os compiladores, além de demonstrarem a preferência por Bernardes através do maior número de excertos e de páginas, forneceram pistas na nota biobibliográfica sobre a superioridade de Bernardes, negada pela superioridade numérica de Vieira em alguns compêndios anteriores:

> **Manuel Bernardes** [...]
> Foi presbítero da Congregação do Oratório e, no dizer de imparciais julgadores, tão infatigável obreiro das letras como das virtudes. [...] Francisco José Freire dá Bernardes como imitador de Vieira; mas erradamente, e muito mais criterioso se mostrou Castilho (A .F.), no paralelo que traçou entre os dois escritores, e que se lê em outro lugar desta *Antologia*. [grifos meus] [402]

Parece que até a publicação do volume sobre Manuel Bernardes, na *Livraria Clássica*, por Antonio de Castilho (volume, aliás, adotado nas aulas de línguas estrangeiras do Colégio Pedro II em 1865), a originalidade de Vieira era louvada enquanto Bernardes era considerado inferior por tê-lo imitado. Talvez por isso os compêndios mais antigos tenham considerado Vieira mais importante do que Bernardes.

Como "imparciais julgadores", podemos entender José Maria de Andrade Ferreira e Camilo Castelo Branco, respectivamente, autores do primeiro e do segundo volume do *Curso de Literatura Portuguesa*, publicados em 1875 e 1876. No segundo volume, referindo-se a Bernardes como "infatigável obreiro das letras e das virtudes", Camilo chama a atenção para a injustiça que Francisco José Freire (o "Cândido

---

[402] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. *Antologia Nacional*. 22ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1939, p. 278.

Lusitano") tinha cometido contra Bernardes considerando-o "imitador acérrimo" de Vieira nas suas *Reflexões sobre a língua portuguesa*. Camilo Castelo Branco cita Castilho para defender Bernardes e para colocá-lo ombro a ombro com Vieira, reproduzindo no *Curso de Literatura Portuguesa* o trecho que depois ficaria conhecido como o paralelo entre Bernardes e Vieira. Portanto, na década de 1870, antes da *Seleção Literária* (que passou a selecionar mais textos de Bernardes e menos de Vieira), o julgamento literário e moral de Castilho a favor de Bernardes e contra Vieira começava a prevalecer em alguns livros didáticos.

No referido trecho de Antonio de Castilho, reproduzido na ***Antologia Nacional*** e nela intitulado "Paralelo entre Bernardes e Vieira", podemos depreender porque ler Bernardes na escola passou a ser mais importante do que ler Vieira:

> É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém a si o propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar; eram ambos engenhosos no discorrer, puros e esmerados no exprimir; - eis aí a sua única semelhança; - no demais pareciam-se como entre si se podem parecer duas árvores de espécies diversíssimas. [...]
>
> [...] Vieira estudava graças e louçainhas de estilo; achava-as, é verdade, tinha boa mão no afeiçoá-las e uma graça no vesti-las como poucos; Bernardes era como estas formosas de seu natural que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem; que brilham mais como uma flor apanhada ao acaso, do que outras com pedrarias de grande custo. Vieira fazia a eloqüência; a poesia procurava a Bernardes. Em Vieira morava o gênio; em Bernardes o amor, que, em sendo verdadeiro, é também gênio. Vieira sacrificava tudo à sua necessidade suprema, ao empenho de ser original e único; sacrificava-lhe a verdade; sacrificava-lhe a verossimilhança; sacrificava-lhe até a possibilidade; não hesitava em propor o princípio mais absurdo, como fosse ou parecesse novo, e como para lá não achava caminho pela lógica, fabricava-o com pontes sobre pontes, através de um oceano de sofismas, de argúcias, de puerilidades, de indecências, de quase heresias, e contente de lá chegar por entre os aplausos, não se detinha a refletir se não tinha sido aquilo um grandíssimo abuso da grande alma que Deus lhe dera, uma dúplice vaidade aos olhos da religião e da filosofia, um exemplo ruim, mais perigoso pelo agigantado de quem o dava. Bernardes não tomava tese que da consciência lhe não brotasse, e a desenvolvê-la aplicava todas as suas faculdades intelectuais, que eram muitas, e todas as faculdades morais que eram mais, trêsdobradamente. Vieira zomba freqüentes vezes da nossa credulidade, podemos desconfiar da convicção de Vieira, ainda quando nos fala certo; Bernardes é um amigo cândido e liso, que, ainda quando nos ilude, não nos mente.
>
> Por tudo isso se admira Vieira: a Bernardes admira-se e ama-se. [403]

Castilho, apesar de reconhecer Vieira como mestre da eloqüência sagrada, critica suas técnicas, como se fossem vícios, atacando seu estilo e seu caráter ("sofismas", "argúcias", "puerilidades", "indecências", "quase heresias", "vaidades"). Bernardes, além de reto cultor do idioma nacional, tinha a vantagem de ser reto no caráter, "tão infatigável obreiro das letras como das virtudes", conforme disse Camilo e repetiu a ***Antologia Nacional***, em suma, um exemplo de escritor e de homem para ser oferecido aos alunos preparatorianos.

---

[403] Id., ibid., p. 154-55.

Lendo, por exemplo, o *Curso Elementar de Literatura Nacional* (1862) do Cônego Fernandes Pinheiro, descobrimos que tais reprovações não eram privilégio de Castilho, ele apenas as potencializou em favor do padre Manuel Bernardes. Fernandes Pinheiro se refere a Antonio Vieira como o "primeiro pregador" de Portugal, "o maior homem que nesses tempos contava Portugal", o "grande jesuíta", porém, no final, depois de apontar alguns defeitos em sua produção, como fazia com cada escritor examinado, ele questiona e responde sobre o valor do padre Vieira:

> Qual será finalmente o juízo que acerca do P. Vieira, considerado como orador, deveremos formar ? - De um talento assombroso realçado por descomunal erudição tanto sagrada, como profana, de um profundo conhecedor dos mais recônditos segredos da língua, apaixonado porém por extravagâncias e paradoxos, abusando a miúdo das Sagradas Escrituras para provar proposições ridículas e satisfazer ao imoderado desejo de passar por profeta. (p. 250)

Porém, nem a probidade de Bernardes nem as críticas ao caráter de Vieira foram suficientes para apagar seu brilho. Vieira seria sempre lembrado nos compêndios como (nas palavras de Fernandes Pinheiro) "o primeiro orador português e também o principal epistológrafo da sua época". Em nota biobibliográfica, a ***Antologia Nacional*** destaca Vieira como "exímio pregador" que alcançou "universal nomeada", "notável epistológrafo" e "um dos melhores mestres da língua". A amostragem de Vieira nas seletas escolares aponta que nestes dois gêneros, sermão e epístola, Vieira sempre foi modelo copioso e exemplar.

Além do mais, os sermões de Bernardes eram considerados fracos até por seus defensores, pois dirigiam-se "à inteligência de um auditório humilde", conforme assinalou Camilo Castelo Branco (p. 106). Talvez também por isso Bernardes tenha sido considerado inferior a Vieira nos compêndios mais antigos. A inversão parece que se deu a partir da releitura e da reelaboração crítica de suas obras consideradas principais: *Floresta* ou *Nova Floresta*, *Luz e Calor* e *Últimos Fins do Homem*, que, ainda segundo Camilo, "são livros resgatados não há muitos anos de injustíssimo desamor" (p. 108).

A amostragem de Antonio Vieira e Manuel Bernardes na ***Antologia Nacional*** ratifica tais opiniões: Vieira é representado com dois sermões e uma carta, e Bernardes aparece com oito trechos da *Nova Floresta* e um trecho de *Luz e Calor*, sendo que, com exceção de dois trechos, todos os outros já tinham sido selecionados em compêndios anteriores.

A mesma técnica, de colocar um autor contemporâneo, do século XIX, para elogiar o padre Bernardes, foi repetida no caso de Antonio Vieira: os compiladores selecionaram dois excertos do brasileiro João Francisco Lisboa, intitulados "Vocação de Vieira" e "Importância política de Vieira".

O primeiro trecho de Francisco Lisboa, que depois ficou conhecido como "O estalo de Vieira", é uma "anedota" sobre como Vieira livrara-se de sua "memória rude e pesada" através de "fervorosa oração" para a Virgem, de quem ele era "grande devoto". A moral deste excerto revela para os leitores da ***Antologia Nacional*** que até um grande sermonário como o padre Antonio Vieira tinha tido dificuldade para memorizar, um dos quesitos básicos do bom orador, dificuldade que foi superada pela graça divina através da oração. Esta

anedota religiosa e escolar reforça dois grandes pilares da formação desejável para os meninos: uma educação clássica católica com pedagogia de base mnemônica.

O segundo excerto, "Importância política de Vieira", trata da "biografia política do eminentíssimo estadista", conforme observou Camilo Castelo Branco no *Curso de Literatura Portuguesa*, ao indicar a obra de João Francisco Lisboa, da qual não foi extraída nenhuma citação, pois, segundo ele, não interessavam "à história da literatura", à qual "compete unicamente a biografia literária do padre Antonio Vieira" (p. 102).

Este excerto de Francisco Lisboa foi selecionado por Fausto Barreto e Carlos de Laet não só para enaltecer as qualidades políticas do padre Antonio Vieira, já exemplificadas em seus próprios excertos, mas também para aproximá-lo dos "Brasileiros", aos quais, conforme diz a nota biobibliográfica, "simpaticamente se recomenda como propugnador da liberdade dos Índios, e eloqüente adversário da invasão holandesa".

Entre os excertos do padre Vieira selecionados na ***Antologia Nacional***, o primeiro, extraído do *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as da Holanda*, é o mais popular, pois aparece também no compêndio de Fernandes Pinheiro, na *Seleta Nacional* (vol. II) e na *Seleção Literária*.

Tanto o título sucinto do excerto na *Seleção Literária* ("Apóstrofes") e na ***Antologia Nacional*** ("Apóstrofe atrevida"), como o longo título explicativo na *Seleta Nacional* de Caldas Aulete ("Um trecho da confirmação do sermão pelo bom sucesso das armas portuguesas contra as holandesas; contendo arrojadas hipotipóses e apóstrofes"), indicam a preocupação dos compiladores com o ensino da retórica.

No "*Compêndio de Retórica e Poética adaptado ao Programa do Imperial Colégio Pedro II* pelo Cônego Manoel da Costa Honorato" (1879), entre as "principais figuras de pensamento para mover", encontram-se as seguintes definições:

> 198. *Apóstrofe* é a figura pela qual o orador, apartando-se da pessoa a quem se dirige naturalmente, dirige-se a outra, presente, ausente, morta, ou ser insensível. [...] (p. 73)
>
> 199. *Hipotipóse* é a figura com a qual pinta-se o objeto com tão vivas cores e imagens tão verossímeis, que se o põe de alguma sorte debaixo dos olhos de quem ouve ou lê. - É menos uma descrição do que uma pintura [...] - Especialmente própria ao poeta, *ut pictura poesis*, esta figura não é estranha ao orador. (p. 74)

Enquanto este sermão de Vieira cumpre, na *Seleta Nacional* e na *Seleção Literária*, o papel de exemplo retórico (confirmação, apóstrofe, hipotipóse) a ser imitado, na ***Antologia Nacional***, apesar de a mesma intenção estar presente ("apóstrofe"), foi acrescentado o julgamento dos compiladores com o adjetivo "atrevida", referindo-se ao fato de Vieira dirigir-se a Jesus com ousadia e insolência, endossando a opinião de Antonio de Castilho, que, como vimos no "Paralelo entre Bernardes e Vieira", o condenava "aos olhos da religião e da filosofia" como um "exemplo ruim" e "perigoso".

Por outro lado, os outros dois excertos de Vieira na ***Antologia Nacional*** ("Conjugação do verbo rápio" e a carta "A El-Rei"), menos polêmicos, parecem servir de exemplares retóricos e confirmar seu prestígio político, fazendo jus à afirmação final dos compiladores na nota biobibliográfica:

> Posto que pague copioso tributo ao imoderado gosto das antíteses, Vieira é um dos melhores mestres da língua e oferece alto campo de estudo aos amadores da vernaculidade. [404]

Os excertos de Manuel Bernardes na ***Antologia Nacional***, exortando as virtudes cristãs, parecem também confirmar o julgamento da crítica, reproduzida na nota biobibliográfica e nos excertos de Antonio de Castilho. A força dos nove trechos de Bernardes, aliás, quase todos selecionados em compêndios anteriores, está mais na mensagem moral que passam a seus leitores do que na exemplaridade retórica.

"Os três risos" e "Consolação" são excertos mais filosóficos e religiosos: um fala da preparação cristã para a morte, e o outro, através de três exemplos, exorta a todos os mortais que se conformem com sua condição. O terceiro, "Quem quer vai", e o seguinte, "Amigos", remetem à vida prática: ora explicando um provérbio popular, ora advertindo contra os amigos de ocasião. Já o trecho sobre as "Vaidades feminis", apesar de criticar os costumes mundanos, parece mais uma descrição geográfica sobre o comércio do século XVII. O sexto e o sétimo excertos ("Generosidade" e "Impostores de ciência") falam da argúcia, respectivamente, para bem esmolar, e para separar os sábios dos impostores. Os dois últimos trechos ("Contemplação" e "Como passa o tempo") dão testemunho da existência de Deus, quer seja na criação da natureza, quer seja operando milagre.

Caldas Aulete, que também incluiu estes dois últimos excertos no 2° volume da *Seleta Nacional*, explica que a "Contemplação" é um "trecho modelo de estilo sublime", advertindo que "há neste passo exemplos para quase todas as espécies de figuras da estilística" (p. 183). Já no último excerto, intitulado "Como passa o tempo...", Caldas Aulete o tinha selecionado porque era um "bom modelo para ser dado como exercício de composição imitativa". (p. 180)

Assim como Bernardes, a exemplaridade moral, além da fama literária, parece ter concorrido em grande medida para a entrada de **Frei Luiz de Sousa** (ou Manuel de Sousa Coutinho) na ***Antologia Nacional***. Entre seus excertos, os mais recomendados por Fausto Barreto e Carlos de Laet são os dois primeiros, "O Arcebispo e o pastorinho" e "Caridade do Arcebispo", extraídos da biografia do arcebispo de Braga, a *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, obra considerada "um dos monumentos da língua pela venustade de frasear e pelas excelências do estilo descritivo. [405]

Apesar de haver cinco excertos da *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires* na *Seleção Literária*, os compiladores da ***Antologia Nacional*** preferiram selecionar dois excertos que estavam no primeiro volume da *Seleta Nacional* de Caldas Aulete, compêndio celebrado durante várias edições.

O terceiro trecho, "A fonte do Sátiro", tirado da *História de S. Domingos*, foi copiado da *Seleção Literária*, que por sua vez, também tinha aparecido na *Seleta Nacional* (vol. I) com o título "A fonte do Sátiro no convento de Benfica". É provável que esta descrição tenha sido selecionada nos compêndios escolares não

---

[404] Id., p. 268.

[405] Id., p. 247.

só por suas qualidades retóricas, mas também por relacionar-se com a biografia de Frei Luiz de Sousa, que havia professado "em 1614", aos 59 anos, "no convento de Benfica". [406]

O último excerto, "Fome em Portugal", foi extraído dos *Anais de D. João III*, obra publicada só em 1844, graças aos esforços de Alexandre Herculano, ilustrando dotes literários de Frei Luiz de Sousa até então desconhecidos do público. [407] O assunto deste trecho é o flagelo da fome causado pela seca em Portugal e Espanha durante o reinado de D. João III.

Com relação aos outros religiosos incluídos na ***Antologia Nacional***, destaca-se o baiano **Frei Vicente do Salvador**, cuja "*História do Brasil* foi concluída em 1627, mas só veio a ser publicada em 1889 por obra de Capistrano de Abreu".[408] A publicação tardia da obra talvez explique sua ausência dos compêndios anteriores, e sua inclusão na ***Antologia Nacional***, quase certamente, foi devida aos esforços do historiador e professor do Colégio Pedro II, Capistrano de Abreu, citado na nota biobibliográfica. O trecho escolhido de Frei Vicente é a "Fundação do Rio de Janeiro", uma espécie de atestado de nascimento, passado pelos portugueses, da principal cidade brasileira até metade do século XX. A *cidade maravilhosa* havia sido também cenário dos excertos de Rocha Pita, Gonçalves de Magalhães e Luís Guimarães Júnior.

Frei Amador Arrais e Frei Antonio Brandão, entraram na 7ª edição da ***Antologia Nacional***, o primeiro, porque era "moralista" e o outro por ter escrito parte da histórica *Monarquia Lusitana*. [409]

Segundo a nota biobibliográfica, **Frei Amador Arrais** foi incluído "pela segurança da lição moral" e "pela sadia vernaculidade". Assim, como Bernardes criticara os "Impostores de ciência", Amador Arrais lança-se contra os "Adivinhos", exortando no final do trecho, que:

> Espere o cristão, com igual e sossegado ânimo, não o que as estrelas lhe prometem mas aquilo que o Criador e Governador delas tem dele determinado, fazendo de dia em dia alguma obra tão boa que do seu amor o faça digno; e não entre em seu coração solicitar a estes tais por as coisas que estão por vir, cuja verdade lhe é mais escondida que a qualquer outro bom varão: e tenha isto por conclusão, que é mui difícil ao homem saber as coisas vindouras e contingentes futuros, e que lhe não convém, inda que seja proveitoso; nem é proveitoso, inda que lhe convenha. A prenunciação do futuro é obra própria de Deus, que os demônios nunca poderão imitar, e, tratando disso, enganaram com suas conjecturas a Pirro e Cresso. [410]

Já o excerto de **Frei Antonio Brandão**, "Egas Moniz", inscreve-se na tradição da história política portuguesa. Na longa nota biobibliográfica, depois de discorrer sobre os autores das oito partes da *Monarquia Lusitana*, os compiladores justificam e abonam sua escolha citando Alexandre Herculano, escritor e historiador do século XIX, também incluído na ***Antologia Nacional***:

---

[406] BRANCO, Camilo Castelo. *Curso de Literatura Portuguesa*. Lisboa, Livraria Ed. de Mattos Moreira & Cia., 1876, V. II, p. 69.

[407] Id., ibid., p. 69-70.

[408] BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 2ª ed., São Paulo, Cultrix, 1975, p. 28.

[409] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit. 22ª ed. "Convém ler" [prefácio da 7ª edição], p. 15.

[410] Id., p. 254-55.

> O excerto que para aqui transladamos é de Frei Antonio Brandão, de quem Alexandre Herculano afirmou ser - "uma das mais nobres inteligências que Portugal tem gerado, e um ilustre restaurador da história pátria". [411]

A controvertida escolha do **padre Jacinto Freire de Andrade**, elogiado por uns (Fernandes Pinheiro) e criticado por outros (Teófilo Braga, Camilo Castelo Branco), pode ser explicada por sua assiduidade nos compêndios escolares. O excerto selecionado na ***Antologia Nacional***, "Morte de D. João de Castro", já estava no *Curso Elementar* (p. 270) de Fernandes Pinheiro, no *Íris Clássico* (p. 34) de José de Castilho e na *Seleta Nacional* (vol. I, p. 267) de Caldas Aulete. Na nota biobibliográfica os compiladores citam uma censura de Teófilo Braga contra a *Vida de D. João de Castro*, justamente para defender Jacinto Freire, discordando do crítico português e lembrando que ele tinha sido injusto com Frei Luiz de Sousa e que depois se retratou.

Entraram ainda como prosadores do século XVII na ***Antologia Nacional***, dois leigos, Francisco Rodrigues Lobo e D. Francisco Manuel de Melo, cada um com dois excertos.

O primeiro trecho de **Francisco Rodrigues Lobo**, "Contente com a sorte", tirado do romance bucólico *O pastor peregrino*, já havia aparecido no *Íris Clássico*, na *Seleta Nacional* e na *Seleção Literária*. O pastor fala de sua acomodação à vida campestre junto às pessoas com que convive, dando a impressão de arguto apesar da simplicidade. Talvez por isso, Caldas Aulete tenha nomeado este excerto de "O filósofo camponês".

O outro trecho compilado por Fausto Barreto e Carlos de Laet, "Sobre a língua portuguesa", extraído da obra *Corte na Aldeia*, também estava presente nos compêndios de Fernandes Pinheiro, José de Castilho e Caldas Aulete. Fernandes Pinheiro, ao reproduzir este excerto, enumera as seguintes razões:

> Apresentemos alguns exemplos que serão outros tantos modelos da pureza de dicção. Praticando-se uma noite acerca das vantagens, ou imperfeições de vários idiomas, falados pelos povos cultos, põe o autor na boca de um dos seus personagens este belíssimo e verídico elogio da língua portuguesa: [412]

Para além da mensagem "filosófica" e dos encômios à nossa língua, Rodrigues Lobo foi considerado um purista nos livros escolares. Segundo a nota biobibliográfica, Rodrigues Lobo foi escolhido porque:

> Pela pureza de linguagem sentenciam os competentes que ele é digno de ombrear com os principais clássicos; e a própria severidade do Sr. Teófilo Braga, que por enfadonhas condena as pastorais, admira o senso artístico predominante nas poesias em que foi respeitado o sentimento tradicional. [413] [grifos meus]

Apesar de citarem Teófilo Braga, os compiladores comungam da opinião de Camilo Castelo Branco, sem contudo nomeá-lo, talvez porque seu *Curso de Literatura Portuguesa* tenha sido muito usado na apresentação dos autores deste período. Sobre as obras de Rodrigues Lobo, diz Camilo:

---

[411] Id., p. 258.

[412] PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. *Curso Elementar de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro, Garnier, 1862, p. 236.

[413] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p.264.

> O lirismo dos seus *Romances* e das três partes que formam a *Primavera* são belíssimos como idéia e como purismo de língua; [...] (p. 42)
>
> A *Corte na Aldeia* vai pelas suas infinitas conversações tão uniformemente correta, e saturada de purismo [...] É digno de ombrear com os principais clássicos. (p. 111)

As duas observações seguidas sobre o julgamento contraditório de Teófilo Braga, tanto na nota biobibliográfica de Jacinto Freire quanto na de Rodrigues Lobo, inclinam Fausto Barreto e Carlos de Laet para o lado de Camilo Castelo Branco, o qual havia contestado com mordacidade em várias notas finais, algumas afirmações que Teófilo Braga havia feito no *Manual da História da Literatura Portuguesa*:

> [...] Os alunos, que se instruírem pelo *Manual* do sr. T. Braga, devem avisadamente consultar seus professores acerca da opinião que lhes cumpre escolher entre as duas opiniões contrárias do compêndio. [414]
>
> O sr. dr. Teófilo Braga no seu *Manual da História da literatura portuguesa*, pág. 382, carece de ser corrigido pelos seus alunos e pelos professores que ensinarem pelo referido Manual. [...] [415]
>
> A grande autoridade, que o sr. doutor T. Braga tem adquirido com os seus livros, está lesando pessoas estudiosas e acreditadas. Por exemplo: o sr. cônego dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, professor de literatura nacional no colégio de D. Pedro II, autor de um recente e bom *Resumo de história literária*, encostando-se, como confessa, *passim*, ao sr. Teófilo Braga [...] Não é conveniente que os professores escorreguem assim aos pares, quando a juventude se queixa de ser reprovada em exames por não acudir com resposta certa a perguntas difíceis. [etc.] [416]

O *Manual* de Teófilo Braga, publicado em 1875, foi adotado nas aulas de história da literatura do Colégio Pedro II em 1877 e em 1881. Já o *Curso de Literatura Portuguesa* de Camilo Castelo Branco, publicado em 1876, ao que parece, nunca foi indicado no Pedro II. Por outro lado, podemos perceber que ambos influenciaram a seleção da ***Antologia Nacional***, mesmo vinte anos depois.

A nota biobibliográfica de **D. Francisco Manuel de Melo** também parece assinalar a influência do compêndio de Camilo Castelo Branco:

> Alexandre Herculano tinha em grande conta este escritor, admirando o tato com que censurava as ridicularias do seu tempo. Castelo Branco aplaude-lhe a riqueza lingüística. [417] [grifos meus]

Como Camilo também citou Herculano, fica a impressão de que só Camilo foi consultado:

> Os *Apólogos Dialogais*, [...] encerram esboços dos costumes contemporâneos, e críticas de escritores, com um tempero de facécias em que se prova a riqueza lingüística do homem que escreveu a *Feira de Anexins*.
> "O sal com que estão escritos estes inimitáveis diálogos - diz o sr. A. Herculano - o tato com que neles se castigam as loucuras, ridicularias e maldades de uma

---

414 BRANCO, Camilo Castelo. Op. cit.,*Nota 1*, p. 280.

415 Id., ibid., *Nota 2*, p. 281.

416 Id., *Nota 5*, p. 287.

417 BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p.276.

> sociedade corrupta, o talento com que o autor trava esta espécie de drama, gênero de que alguma coisa participa o dilogístico, e a crítica, erudição e bom gosto de que dá provas, principalmente no último diálogo, são os principais motivos para se dar a este livro a primazia entre tantos que D. Francisco escreveu". [418] [grifos meus]

Tanto Camilo quanto Herculano estão julgando neste trecho apenas uma obra, os *Apólogos Dialogais*, mas a nota biobibliográfica da ***Antologia Nacional*** generaliza tais opiniões atribuindo-as ao escritor e não à obra em particular. A citação fica mais distante e torcida daquilo que os críticos disseram porque nenhum dos excertos selecionados foram tirados dos *Apólogos Dialogais*.

O primeiro trecho de D. Francisco Manuel de Melo, "Revolução Pernambucana", liga-se aos temas brasileiros, conforme apontaram os compiladores no prefácio da 1ª edição da ***Antologia Nacional***, e talvez por isso, ele não tenha aparecido em outras seletas escolares. Ele foi extraído da última "*Epanáfora*, chamada *Triunfante*", a qual "diz respeito à restauração de Pernambuco em 1654". [419] A expulsão dos holandeses tinha sido instada de forma veemente por Vieira no excerto tirado do *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as da Holanda*, cujo resultado, o "triunfo" português, era aqui acompanhado pelo leitor da ***Antologia***.

O outro excerto é uma minúscula carta "A um parente moço que partia para a guerra", tirada das *Cartas Familiares*, já presente na *Seleta* de Caldas Aulete. Segundo Fernandes Pinheiro, D. Francisco Manuel de Melo, "como epistológrafo ocupa o lugar imediato a Vieira". De qualquer maneira, os dois excertos compilados têm em comum a referência à guerra, retrato da acidentada história de Portugal no século XVII, que perdeu sua autonomia para Castela, fraquejando na defesa de suas colônias, mas recuperando-se depois de 1640.

A influência do compêndio de Camilo Castelo Branco na ***Antologia Nacional*** é decisiva nos três poetas épicos portugueses selecionados: Vasco Mousinho de Quevedo, Francisco de Sá de Menezes e Gabriel Pereira de Castro.

Diz a "notícia biobibliográfica" de **Mousinho de Quevedo** na ***Antologia***:

> **Vasco Mousinho de Quevedo e Castelo Branco** (Setúbal, nascido e falecido em anos incertos). - Exerceu a advocacia e por obra principal deixou um poema épico, *Afonso Africano*, estampado em 1611, e sobre cujo mérito discordam os críticos. "Levantou-se nos aplausos de Garrett - diz C. Castelo Branco - quando havia caído nas censuras de Costa e Silva". Nessa epopéia, que parece condenada ao esquecimento, a frase é quase sempre elegante e pura, ainda que o estilo padeça de gongorismo.[420] [grifos meus]

Ao cotejarmos as páginas 36 e 37 do *Curso de Literatura Portuguesa* de Camilo Castelo Branco, fica evidente que as aspas poderiam ser estendidas a outras afirmações da nota biobibliográfica:

---

[418] BRANCO, Camilo Castelo. Op. cit., p.119.

[419] Id., ibid., p. 89.

[420] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p.483.

> O *Afonso Africano* de *Vasco Mousinho de Quevedo e Castelo Branco*, nascido e falecido em anos incertos, levantou-se nos aplausos de Garrett, quando havia caído nas censuras de Costa e Silva. [...]
> Louvam-se em Mousinho de Quevedo as consonâncias naturais e fluentes das rimas, de par com elegâncias de frase e purismo de palavra. Pelo que respeita à metrificação, é, como a dos seus contemporâneos, a mais fácil e óbvia, monótona, sem relevo, estafada de trivialíssimas rimas; pelo que é do estilo, não lhe faltam conceitos desgraciosos que emparelham com as mais insignes contorções de Gôngora. Quanto a nós, o *Afonso Africano*, aferido pelas pautas da crítica moderna, é um dos tantos produtos da escola castelhana condenada ao esquecimento. [grifos meus]

A adoção do ponto de vista de Camilo, que execra a epopéia de Quevedo, tem a condescendência do termo "parece" ("condenada ao esquecimento") na ***Antologia Nacional***. A ressalva permite aos compiladores apresentar dois trechos da epopéia, os quais já estavam na *Seleção Literária*: "O Oceano festejando a armada portuguesa" e "Súplica de Zara". O corte deste último excerto do *Afonso Africano* na 25ª edição da ***Antologia Nacional***, pode indicar que Camilo estava parcialmente certo, ou seja, "aferido pelas pautas da crítica moderna", o poema estava fadado "ao esquecimento". Entretanto, tal processo de olvido na ***Antologia Nacional*** seria muito lento, a julgar pela distância entre a 1ª edição, de 1895, e a 25ª edição, de 1940, e, bem mais tarde, pelo seu próprio desaparecimento em 1969, data da última edição.

A influência de Camilo Castelo Branco sobre a nota biobibliográfica de **Francisco de Sá de Menezes** é outra vez mais abrangente do que os créditos mostram, quando comparamos os dois compêndios:

> **Francisco de Sá de Menezes** [...] No vigor da idade viuvou, e, desgostoso, acolheu-se ao mosteiro de Benfica, onde nove anos antes falecera Fr. Luiz de Sousa, e aí professou tomando o nome de Fr. Francisco de Jesus. É conhecido pelo seu poema épico *Málaca Conquistada*. Costa e Silva prefere esta epopéia à *Lisboa edificada*; e Garrett, conquanto malsine de hiperbólica e campanuda, todavia a considera um dos derradeiros títulos da glória da literatura portuguesa. "Quanto à linguagem, diz Camilo Castelo Branco, argúe descuidos pouco usuais no seu tempo, de envolta com uns purismos acrisolados, que o não dispensam de escorregar por vezes no estilo hiperbólico e nas metáforas, a que tentou esquivar-se, amoldando-se às locuções frouxas ou aspérrimas de Antonio Ferreira. [...] [421]
>
> [...] José Maria da Costa e Silva prefere-lhe a *Málaca Conquistada* de Francisco de Sá de Menezes; Garrett, finalmente, à *Ulisséia* apodou-a de *quixótica e sesquipedal*, e à *Malaca* alcunhou-a de *hiperbórea e campanuda*. [...]
> *Francisco de Sá de Menezes* [...] No vigor da idade viuvou, e seguiu a vereda que levava à paz do claustro as grandes dores da vida. Ali, no mosteiro de Bemfica, nove anos antes acabara o cavaleiro Manuel de Sousa Coutinho amortalhado no hábito de Fr. Luiz de Sousa. Também ele, vestindo a túnica dominicana, mudou de nome, chamando-se Fr. Francisco de Jesus [...]
> [...]Quanto à linguagem argúe descuidos pouco usuais no seu tempo, de envolta com uns purismos acrisolados, que o não dispensam de escorregar por vezes no estilo hiperbólico e nas metáforas, a que tentou esquivar-se, amoldando-se às locuções frouxas ou aspérrimas de Antonio Ferreira. [...] Garrett classificou-o "um dos derradeiros títulos da glória da literatura portuguesa" não se

[421] Id., ibid., p. 487.

> dispensando, todavia, de a malsinar de *hiperbórea e campanuda*. [422] [grifos meus]

Novamente as aspas do discurso de Camilo poderiam ser estendidas a mais alguns trechos, e o *apud* de Garrett deveria ter sido copiado com exatidão, pois ele disse "hiperbórea", adjetivo que significa "do extremo norte da Terra, setentrional", conforme está nos dicionários, e não "hiperbólica", que exprime "exagero". Foi Camilo quem disse que o "estilo" de Sá de Menezes era "hiperbólico", cheio de hipérboles, exagerado. A proximidade dos dois adjetivos pode ter gerado o engano de quem compilava ou o erro tipográfico, o qual foi repetido nas edições da ***Antologia Nacional***.

O cotejo da nota biobibliográfica de **Gabriel Pereira de Castro** na ***Antologia Nacional*** com o *Curso de Literatura Portuguesa* de Castelo Branco, repete mais uma vez, a ascendência do crítico português:

> **Gabriel Pereira de Castro** [...] José Agostinho de Macedo antepunha a *Ulisséia* aos *Lusíadas*; Francisco José Freire consignou-lhe o lugar imediato. Garrett acoima de quixótico e sesquipedal o mesmo poema. Camilo Castelo Branco, sem lhe conceder mérito histórico, e negando-lhe originalidade e interesse, reconhece que este poeta "não só iguala, antes prevalece a Camões na harmonia, no número, na sinonímia, enfim na abundância das locuções". [...] [423]

> A primeira manifestação do *cultismo* em escritor de vulto aparece na *Ulisséia* de *Gabriel Pereira de Castro*. [...] todavia, de fora parte a nacionalidade do assunto, e a originalidade que totalmente escasseia, não só iguala, antes prevalece a Camões na harmonia, no número, na sinonímia, em fim na abundância das locuções. [...] Entretanto a *Ulisséia* suscitou parcialidades irreconciliáveis nas liças literárias. O padre José Agostinho de Macedo, jurado depreciador de Luiz de Camões, antepunha-lhe Gabriel Pereira de Castro com o costumado despropósito das suas opiniões rancorosas. O padre Francisco José Freire consignava-lhe o lugar imediato, José Maria da Costa e Silva prefere-lhe a *Málaca Conquistada* de Francisco de Sá de Menezes; Garrett, finalmente, à *Ulisséia* apodou-a de *quixótica e sesquipedal*, e à *Malaca* alcunhou-a de *hiperbórea e campanuda*. Todos tem razão; mas o último, além da razão, tem por si o consenso de toda a gente nascida neste século. [424] [grifos meus]

A última frase de Camilo fornece pistas para o entendimento da crítica literária a respeito das três epopéias do século XVII, ou seja, a opinião de Almeida Garrett pesava mais que a dos outros críticos nos compêndios escolares, mesmo depois de cinqüenta anos, conforme assinalou Camilo, ou até no final do século XIX, como demonstra a ***Antologia Nacional***.

Garrett, no seu *Bosquejo da História da Poesia e da Língua Portuguesa* (1826), preferia o *Afonso Africano* de Mousinho de Quevedo e criticava a *Ulisséia* de ridiculamente pretensiosa e muito longa,

> Vasco Mousinho de Quevedo, que sem disputar, é depois de Camões, nosso primeiro épico, aí tem já em toda a nobreza de seus versos a quebra de bastardia desse defeito (*o gongorismo*), que todavia é nele ainda raro. Mas que belezas tem esse tão mal avaliado *Afonso Africano*, a que a cegueira e o mau gosto tem

---

422 BRANCO, Camilo Castelo. Op. cit., p.32-34.

423 BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., p.488.

424 BRANCO, Camilo Castelo. Op. cit., p. 31-33.

> querido preferir a quixótica e sesquipedal *Ulisséia*, a hiperbórea e campanuda *Málaca*! [425]

enquanto a crítica escolar mais moderna, representada por Camilo Castelo Branco (e Fernandes Pinheiro), preferia a *Ulisséia* de Pereira de Castro.

O tamanho dos excertos das três epopéias na ***Antologia Nacional*** indica que ela tenta conciliar as duas tendências críticas, uma vez que a ordem de apresentação não obedeceu, neste caso, nem a data de nascimento dos autores, nem a ordem de importância estética, mas a data de publicação das epopéias. Assim, a ***Antologia Nacional*** apresenta o *Afonso Africano* (1611), a *Málaca* (1634) e a *Ulisséia* (1636), e, se por um lado, reconhece a primazia da opinião de Garrett, dando mais espaço à primeira epopéia, com dois excertos, que juntos somam 14 oitavas, por outro, respeita a preferência de Camilo, quando seleciona um excerto de 9 oitavas da *Ulisséia*. Já a amostragem da *Málaca* é a menos significativa, com um trecho curtíssimo de 3 oitavas.

Considerando que **Gregório de Matos Guerra** é o único poeta brasileiro do século XVII introduzido na 1ª edição da ***Antologia Nacional***, podemos dizer que sua amostragem é econômica, com apenas seis estrofes. Sua nota biobibliográfica baseia-se nas informações do *Curso Elementar de Literatura Nacional* do cônego Fernandes Pinheiro, autor citado na nota. A exemplo do que aconteceu com o uso e a transcrição do compêndio de Camilo Castelo Branco, algumas passagens desta nota biobibliográfica indicam a importação do discurso alheio (Fernandes Pinheiro, p. 195-6) sem contudo sinalizar com aspas.

O trecho escolhido de Gregório de Matos, "Anjo bento", tinha sido também selecionado no compêndio do Cônego (p. 198). Este trecho, apesar de não ter aparecido nos outros livros didáticos cotejados com a ***Antologia Nacional***, foi escolhido em antologias literárias que se preocuparam em historiar a literatura brasileira, tais como: o *Parnaso Brasileiro* (1843-48) de Pereira da Silva, o *Florilégio da Poesia Brasileira* (1850-53) de Francisco de Varnhagen e o *Le Brésil Littéraire* (1863) de Ferdinand Wolf. [426]

Portanto, a entrada de Gregório de Matos num compêndio escolar marca a influência dos historiadores literários sobre o ensino de língua portuguesa.

Já o outro poeta brasileiro, **Manuel Botelho de Oliveira**, tardiamente inserido na ***Antologia Nacional***, na 7ª edição de 1915, é representado por um excerto descritivo sobre as "Frutas do Brasil", tirado da *Música do Parnaso*, obra publicada em Lisboa em 1705. Este excerto, juntamente com a descrição da "terra de Maré" e dos legumes brasileiros, conhecidos como "descrição da Ilha da Maré", demonstravam, segundo Fernandes Pinheiro, que nossa poesia "tendia a tomar uma fisionomia própria, aspirava um cunho de

---

[425] Apud. PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. *Curso Elementar de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro, Garnier, 1862, p. 220.

[426] No mestrado eu comparei a *Antologia Nacional* com estas três obras além do compêndio do cônego Fernandes Pinheiro e da *Seleção Literária*.

originalidade", e elevava seu autor à categoria de patriarca da poesia brasileira, e um dos precursores dos Srs. Magalhães e Porto-Alegre. [427]

A explicação da ***Antologia Nacional*** para a entrada de Botelho de Oliveira, no prefácio da 7ª edição, é quase a mesma dada por Fernandes Pinheiro, ou seja, ele foi incluído menos por mérito de seus versos de *Rimas Portuguesas, Castelhanas e Latinas* e mais porque foi quem "primeiro poetou sobre a natureza da nossa pátria". [428]

---

[427] PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. Op. cit., p. 186-192.

[428] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. Op. cit., "Convém Ler", p. 15.

D) Século XVI: "*Navegar é preciso...*". [429]

Viagem é a palavra que, sem dúvida, melhor define a amostragem do século XVI na ***Antologia Nacional***. O século XVI, marcado pela expansão marítima portuguesa, é representado por vários excertos cujo assunto é a história portuguesa e/ou a biografia de portugueses navegantes.

Tal enfoque do século XVI era já bem tradicional nos livros escolares usados no Colégio Pedro II desde a década de 1860. Com efeito, 82% dos excertos que compunham este período já eram conhecidos dos compêndios anteriores à ***Antologia Nacional*** (TABELA 10), tais como o *Curso Elementar de Literatura Nacional*, o *Íris Clássico*, a *Seleta Nacional* e a *Seleção Literária*, o que é muito significativo, pois os professores já estavam habituados a *trabalhar* em classe com a maioria deles, inclusive Fausto Barreto e Carlos de Laet.

Apenas seis excertos (18%) constituem alguma inovação dos compiladores no período, sendo que cinco trechos também abordam o tema das viagens portuguesas, enquanto que outro trata de assunto moral-religioso. Dentre os trechos "novos", destacam-se *A Descoberta do Brasil* por João de Barros e os *Costumes dos índios* de Fernão Cardim, conseqüência das viagens lusitanas, mas já pendidos para o tema do caráter nacional brasileiro, assunto tão caro aos críticos do Romantismo, e depois privilegiado na montagem da ***Antologia Nacional***, conforme declararam seus compiladores no prefácio da 1ª edição.

Quanto aos autores, aparecem os principais, mas de forma variada. Gil Vicente é representado por um só trecho, enquanto Camões é o que tem maior número de excertos. A tríade Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda e Antonio Ferreira entram tanto na parte de prosa como na de poesia. Muitos são os historiadores (ou cronistas e biógrafos do reino) selecionados: João de Barros, Damião de Goes, Fernão Mendes Pinto, João de Lucena, Fernão Cardim, Duarte Nunes de Leão e Diogo do Couto. São ainda referência deste século Frei Heitor Pinto, com seu discurso moral, e Francisco de Morais, autor do romance de cavalaria *Palmeirim de Inglaterra*.

Bernardim Ribeiro, o primeiro, vem representado em prosa com sua principal obra, *Menina e Moça*, e em verso com duas poesias, uma lírica e outra pastoril. Os excertos são os mesmos da *Seleção Literária* e procuram destacar a melancolia do autor que, segundo a nota biobibliográfica, era refém de um

---

[429] Consultar o século XVI na LISTA GERAL e, no final deste capítulo, a TABELA 10.

amor não correspondido "por D. Beatriz, filha de el-rei D. Manuel". Segundo a *Seleta Nacional* de Caldas Aulete, Garrett classificara Bernardim Ribeiro como "o primeiro poeta que versificou sobre assuntos nacionais", enquanto que Fernandes Pinheiro aponta que o romance *Menina e Moça* era considerado pelos críticos "o primeiro livro de prosa portuguesa". O romance é representado na ***Antologia Nacional*** por uma passagem já bem conhecida nos compêndios anteriores. O título atribuído ao excerto, "Solidão e tristeza", prepara o leitor para receber uma personagem-narradora melancólica, cujos sentimentos se estendem aos outros componentes da cena, fazendo com que a natureza espelhe seu estado d'alma e a torne mais triste.

Tanto para Bernardim Ribeiro quanto para todos os outros autores compilados na ***Antologia Nacional***, que já estavam presentes em compêndios anteriores, nota-se que não só os textos se repetem, mas as críticas dialogam, ora reproduzindo-se, ora contestando-se.

Francisco de Sá de Miranda, criticado por Fernandes Pinheiro por ter imitado os italianos "a ponto tal de desnacionalizar as suas composições que de portuguesas só têm a linguagem", foi perdoado na ***Antologia Nacional***, com a frase de D. Francisco Manuel de Melo: "Sá de Miranda é tão vernáculo em seu estilo, tão cerrado português que nenhum estrangeiro pode entendê-lo". Ele é retratado em prosa com um pequeno trecho da comédia *Os Estrangeiros*, intitulado "Misteres das diversas profissões", onde exalta o jurista e rebaixa outras profissões. Depois de citar o mesmo excerto, Fernandes Pinheiro parece também absolvê-lo completamente:

> Como se vê pura e castiça é a locução empregada por Sá de Miranda, incontestavelmente um dos maiores mestres da língua, e as frases que hoje aos nossos ouvidos parecem ásperas eram as mais finas e delicadas em seu tempo. [430]

Na parte de poesia, entrou a "Carta a D. João III", que tinha sido muito elogiada por Fernandes Pinheiro, cuja parte escolhida (depois repetida e ampliada na *Seleção Literária* e na ***Antologia Nacional***) considerava "admirável" por retratar as "seduções e enganos que rodeiam os tronos", e "bela" por descrever o "amor e fidelidade que os portugueses votavam a seus reis". [431] Por diferença de edição consultada ou de propósito, falta na seqüência da ***Antologia Nacional*** uma quintilha, incluída por Fernandes Pinheiro, cujo primeiro verso é "O Padre-Santo assi faz".

Há ainda um soneto, o qual também já tinha sido selecionado por Fernandes Pinheiro, que era considerado "admirável" pelos primeiros historiadores da literatura luso-brasileira: Bouterweck, Sismondi e Ferdinand Denis, conforme nota de rodapé da ***Antologia Nacional***.

A amostragem de **Antonio Ferreira** é composta de um excerto da comédia *Bristo* (prosa) e um trecho da tragédia *Castro* (verso). Fernandes Pinheiro considera a comédia de Ferreira superior às de Sá de Miranda, mas não poupa reprimendas às suas situações "menos decorosas" e por seu apelo à "obscenidade".

---

[430] *Curso Elementar de Literatura Nacional*, op. cit., p. 90.

[431] Id., p. 55-57.

Fernandes Pinheiro critica também Ferdinand Denis por ter atenuado a obscenidade de Ferreira em seu *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'Histoire littéraire du Brésil* (1826). Denis se defenderia pela carta de 5 de agosto de 1862 ao Cônego Fernandes Pinheiro, depois que este lhe havia remetido um exemplar do *Curso Elementar de Literatura Nacional*. [432]

A ***Antologia Nacional*** limita-se apenas à nomeação das obras e elogia Antonio Ferreira através da citação de outro compêndio, o *Curso de Literatura Portuguesa* (1875) de José Maria de Andrade Ferreira, cujo segundo volume foi continuado por Camilo Castelo Branco (1876). Apesar do comentário negativo sobre sua "metrificação dura", Antonio Ferreira foi considerado o paladino da língua portuguesa por não ter cedido à moda de seu tempo (o espanhol) nem ter escrito em latim. Seu famoso terceto:

> Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
> A Portuguesa língua, e já onde for
> Senhora vá de si, soberba e altiva!

tirado da *Carta III a Pero de Andrade Caminha* tornou-se um ícone na defesa da vernaculidade, ecoando nos livros escolares através do tempo: ele aparece no *Íris Clássico* (1860) de José Feliciano de Castilho, no *Curso de Literatura Portuguesa* (1875) de José Maria de Andrade Ferreira e na ***Antologia Nacional*** (1895) como epígrafe. O cotejamento do terceto nestes compêndios apresentou algumas gralhas.

O trecho da comédia Bristo selecionado na ***Antologia Nacional***, que por sua vez também foi escolhido no *Curso Elementar* de Fernandes Pinheiro e na *Seleção Literária*, é considerado moralizante pelo Cônego, um "monólogo em que o astuto soldado se gaba de haver embaçado ao néscio fidalgo", e talvez por isso ele tenha entrado na ***Antologia*** com o título de "Astúcia de um lisonjeiro".

Já o assunto da tragédia de Antonio Ferreira é a tão glosada morte de Inês de Castro, personagem assídua e quase mítica da história lusitana. Fausto Barreto e Carlos de Laet optaram, porém, por um excerto pouco freqüentado nas antologias escolares, mas com carga emotiva muito forte: o momento que o Infante D. Pedro é avisado da morte de sua amada Inês, intitulado "Notícia Fatal".

Gil Vicente, apesar de ser considerado por Fernandes Pinheiro "o patriarca da cena portuguesa" (p. 84), e por José Maria de Andrade Ferreira como "o mais nacional de todos" os poetas portugueses (p. 343), entra na *Seleção Literária* apenas com um pequeno trecho do *Auto da Mofina Mendes*. A primeira parte do excerto, a fala do Frade, já estava no *Curso Elementar*, amostra do que Fernandes Pinheiro considerava "uma das suas mais espirituosas farsas" (p. 86). Uma outra parte compunha o excerto, a cena do "pote de azeite".

Na ***Antologia Nacional*** o trecho do *Auto da Mofina Mendes* foi conservado tal qual aparece na *Seleção Literária*. Entretanto, esta obra de Gil Vicente não foi citada entre suas melhores obras na nota biobibliográfica. A falta de interesse dos compiladores é explicada na mesma "nota":

> Gil Vicente foi poderoso e original engenho, e sobretudo se avantajou no mordacíssimo chiste, que não raro degenerava em grosseiras indecências. Mais

---

[432] Revista *Letras de Hoje*. PUC-RS. n°. 101. Porto Alegre, setembro de 1995. Esta e mais duas cartas inéditas de Ferdinand Denis a Fernandes Pinheiro foram traduzidas e analisadas por Maílde Trípoli, Marcia Razzini, Margarete de Souza e Vilma Quintela, cujos trabalhos foram apresentados no IX Encontro Nacional da ANPOLL, em Caxambú, MG.

> do que isso, os arcaísmos da linguagem a bem pouco limitam o número de seus leitores atuais. [433]

Creio que a maior censura dos compiladores dirigia-se aos trechos considerados indecorosos. Quanto aos "arcaísmos da linguagem" parece pura implicância, pois o leitor enfrentaria muitos arcaísmos também nos outros autores do período. A antipatia fica mais evidente ao se manter a crítica dos arcaísmos de Gil Vicente na 25ª edição da ***Antologia Nacional***, quando entraram as "notas esclarecedoras" em rodapé e "a desordenada escrita arcaica" dos escritores medievais. (cf. prefácio da 25ª edição)

A má vontade dos compiladores parece refletir no final do século XIX o ancestral desprestígio da comédia frente aos outros gêneros dramáticos, que vinha sendo reproduzido desde Aristóteles.

De qualquer maneira, o gênero dramático teve boa representatividade neste século e, ao contrário dos outros períodos, conta, como vimos, com quatro excertos: duas comédias, uma tragédia e um auto. O gênero mais reproduzido, todavia, é a epopéia.

Luís de Camões entra na ***Antologia Nacional*** com nove excertos, sendo dois sonetos, uma ode e seis trechos d'*Os Lusíadas*, a grande epopéia portuguesa, que se tornaria uma das obras mais citadas nos compêndios escolares a partir do final do século XIX.

A escolarização de Camões, entretanto, foi peculiar no Colégio Pedro II. Até a década de 1870 Camões era preferencialmente indicado para as classes mais adiantadas. Em 1862, por exemplo, enquanto os alunos do primeiro ano liam apenas um trecho de duas páginas d'*Os Lusíadas* no *Íris Clássico* de José Feliciano de Castilho, os alunos do Cônego Fernandes Pinheiro estudavam a epopéia de Camões, no sétimo ano, em 16 páginas do *Curso Elementar de Literatura Nacional*. Em 1865, o poema completo foi indicado para as aulas de latim do sétimo ano, pois neste ano algumas obras clássicas em vernáculo foram indicadas oficialmente nos programas de línguas estrangeiras com o intuito de aumentar o estudo de língua portuguesa, que era de apenas um ano.

No final da década de 1870, a adoção de Camões foi disseminada por todas as séries do curso secundário. Em 1877, apareceu pela primeira vez no currículo de português a indicação da epopéia inteira de Camões para o exame do segundo ano, e em 1881 ela figura entre as obras para o exame de português do quinto ano. A *Seleta Nacional* de Caldas Aulete, cujo terceiro volume, de poesias, era adotado no Colégio Pedro II, em 1882, nas aulas de português do segundo ao quinto ano, traz 17 excertos de Camões, sendo que a maioria pertencia a*Os Lusíadas*. A *Seleção Literária*, adotada do primeiro ao quinto ano de português de 1887 a 1894, traz dez excertos de Camões, distribuídos por 67 páginas, sendo que 60 páginas contemplam *Os Lusíadas*, em especial o Canto X, quase inteiramente reproduzido.

Das 55 páginas reservadas à poesia do século XVI na 7ª edição da ***Antologia Nacional***, reeditada até 1944, 28 páginas são dedicadas à epopéia camoniana. Destas apenas três páginas do excerto intitulado "Martírio de S. Tomé" foram cortadas na 25ª edição, de 1945, dando continuidade ao sucesso d'*Os Lusíadas*

---

[433] BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. *Antologia Nacional*. 6ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913, p. 512.

na escola secundária. Todos os excertos de Camões reunidos na ***Antologia Nacional*** já tinham aparecido em compêndios anteriores. Nas edições escolares de *Os Lusíadas* era comum o corte de algumas passagens, principalmente daquelas consideradas sensuais como, por exemplo, o episódio da Ilha dos Amores.

Entre os historiadores, destaca-se **João de Barros**, ao qual, segundo Fernandes Pinheiro, "coube a glória de inaugurar a era histórica" (p. 153), com sua *Ásia, ou Décadas dos Feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*. Autor da segunda *Gramática da Língua Portuguesa* (1540), sua amostragem na ***Antologia Nacional***, intitulada "Descoberta do Brasil", funciona como uma espécie de atestado de nascimento da nova nação. O outro excerto de João de Barros, o qual faz parte do *Panegírico a el-rei D. João III*, é um trecho de fundo moral, que exalta a paz. Como o tema da paz vai de encontro à história da formação de qualquer estado-nação europeu e como é muito vulnerável neste cenário de expansão ultramarina e colonização portuguesas, João de Barros faz as devidas ressalvas no final do trecho, admitindo a guerra "contra os infiéis inimigos da nossa santa fé" e para a "defensão da pátria". A guerra santa e o amor à pátria se converteriam no "fardo do homem branco", incumbido por Deus e pelo rei de civilizar os gentios e tomar posse da terra descoberta. Assim, tais idéias, já bem populares na escola, pois este trecho já tinha aparecido no *Íris Clássico* e na *Seleta Nacional*, complementam e explicam ao leitor da ***Antologia Nacional*** tanto o primeiro trecho de João de Barros, sobre a descoberta do Brasil, as missas, o batismo do nome da terra e sua tomada de posse, quanto os demais excertos que focalizam a história das conquistas portuguesas.

Diogo do Couto continuou as *Décadas* de João de Barros. Tanto Fernandes Pinheiro como a ***Antologia Nacional*** (que por sua vez cita Rebelo da Silva) consideram seu estilo inferior ao de Barros, porém acham-no mais histórico. Seu excerto sobre a precedência portuguesa na "descoberta da ilha dos Papuas", veio da *Seleção Literária*, que depois foi retirado na 25ª edição da ***Antologia Nacional***. O segundo trecho, mais importante, também selecionado no *Curso Elementar* e na *Seleta Nacional*, narra a agonia e morte da família de Manuel de Sousa de Sepúlveda após o naufrágio na África, compondo uma cena tocante de sacrifício e redenção, visível no pedido de Sepúlveda a D. Leonor, sua mulher, para que deixasse se despir pelos "Cafres", que os roubavam, em sinal de "penitência" dos "pecados"; e depois, resumida na fala de D. Leonor:

> Bem vêdes, piloto, como estamos e que já não podemos passar daqui, onde parece tem Deus ordenado que eu e meus filhos acabemos por meus pecados;

Além da interpretação religiosa, que aproximava o martírio dos viajantes malogrados com o martírio dos santos católicos, a narrativa reunia munição contra os habitantes nativos das terras descobertas, "aqueles brutos desumanos", segundo Diogo do Couto, os quais, obviamente, nunca eram vistos como povos invadidos por seus invasores, afinal, os donos da história.

Desta maneira, o papel ideológico que a história (e/ou a literatura) cumpre neste caso, não se cumpre apenas na "obra original", mas também (e sobretudo) na sua "antologização".

Enquanto os excertos de Diogo do Couto têm como cenário a África, os de Fernão Mendes Pinto têm a China e os trechos de Lucena, o Japão.

Das *Peregrinações* de **Fernão Mendes Pinto**, os compiladores da ***Antologia Nacional*** tiraram três excertos descritivos ("Um tribunal chinês", "Muralha da China" e "Descrição de Nanquim"), exemplares de sua "correta singeleza do estilo". Para Fernandes Pinheiro, o autor foi selecionado "dentre os numerosos viajantes [...] não só pela beleza do seu estilo, como pela sinceridade e modéstia que de contínuo guiam sua pena" (p. 169). O trecho do "tribunal chinês" aparece no *Curso Elementar* para ilustrar o "talento descritivo" de Mendes Pinto, elogiando-o como "viva pintura".

Do padre jesuíta **João de Lucena**, entram na ***Antologia Nacional*** as impressões sobre as virtudes e os vícios "da gente do Japão". Na *Seleção Literária*, de onde foi tirado este trecho, há dois excertos: o primeiro intitulado "Do bem natural da gente do Japão" e o segundo, "Da vaidade e falsa aparência das virtudes dos japões", começa no parágrafo que diz "Não é razão porém que nos deixemos enganar destas tão bem afiguradas virtudes dos gentios japões". Até a 6ª edição da ***Antologia Nacional*** o segundo excerto, apesar de ter perdido o título, era separado por um traço. Seja por descuido tipográfico ou por qualquer outra razão, a partir da 7ª edição, eles foram unidos sem qualquer indicação de traço ou reticências. O discurso talvez um tanto prolixo de Lucena faz com que o hiato entre os dois excertos não seja percebido e não prejudique o entendimento do texto. Apesar de a nota biobibliográfica da ***Antologia Nacional*** ter ressaltado que a obra de Lucena é "interessante pela notícia das religiões e costumes do extremo Oriente", o trecho selecionado vai além da "notícia", criticando religião e costumes japoneses para no final fazer apologia da religião do autor jesuíta. Lucena, entretanto, saiu da ***Antologia Nacional*** na 25ª edição, de 1945.

Fernão Cardim, que também era jesuíta, foi incluído com o excerto "Costumes dos índios", tirado da pequena obra *Do princípio e origem dos Índios do Brasil*, a qual "só viu a luz em português no ano de 1881". O fato deste "opúsculo" ter sido publicado em português tardiamente (1881) pode explicar sua ausência dos compêndios escolares mais antigos. Diz ainda a nota biobibliográfica da ***Antologia Nacional*** que Cardim "escrevia com lhaneza sobre coisas da nossa pátria, e da sua pena lhe saía fluente a pura linfa quinhentista". A entrada deste excerto aponta, mais uma vez, a preocupação dos compiladores com os assuntos nacionais, ainda que ele ressalte peculiaridades excêntricas dos índios brasileiros aos olhos do homem branco, como prantear copiosamente o hóspede antes de saudá-lo, causando estranhamento no leitor civilizado, e o hábito de "beber fumo", que depois se popularizou na Europa.

Damião de Góes, cronista de D. Manuel e do Príncipe D. João, entrou na ***Antologia Nacional*** com um trecho da *Crônica do Príncipe D. João*, intitulado "Antigualha na ilha do Corvo", onde narra a existência de uma estátua antiga e de algumas letras desconhecidas gravadas na rocha. Ao contrário de Fernandes Pinheiro, que defende Damião de Góes contra a Inquisição, a nota biobibliográfica da ***Antologia Nacional*** diz que ele foi perseguido por ter "privado com Lutero e outros heresiarcas".

Outro cronista real do século XVI selecionado por Fausto Barreto e Carlos de Laet foi **Duarte Nunes de Leão**, incluído com o excerto "Cativeiro e morte do Infante D. Fernando", onde narra o martírio do "santo infante" entre os mouros depois de perder a batalha de Tanger. Este excerto já tinha sido escolhido por José Feliciano de Castilho para entrar no seu *Íris Clássico*.

Frei Heitor Pinto é o representante do discurso religioso neste período, gênero muito apreciado na escola. Sua obra *Imagem da Vida Cristã* é tida na ***Antologia Nacional*** "como excelente modelo de linguagem". O trecho sobre os "Louvores da justiça" foi tirado da *Seleção Literária*, o qual também já tinha servido ao Cônego Fernandes Pinheiro para ilustrar "sublimes verdades". O outro excerto descreve o local (costa da Itália) e o encontro com o ermitão, que vivia em penitência por seus pecados. Na 25ª edição da *Antologia Nacional* foi cortada uma página e meia do final deste excerto.

Os dois trechos de **Francisco de Morais**, tirados do romance de cavalaria *Palmeirim de Inglaterra*, vieram da *Seleção Literária*. Tanto Fernandes Pinheiro quanto a ***Antologia Nacional*** mencionam o poeta brasileiro Odorico Mendes, que havia publicado em Lisboa o *Opúsculo sobre Palmeirim de Inglaterra e do seu autor*, em 1860, provando que sua autoria era de Francisco de Morais, e não do espanhol Luiz Hurtado, como tinha demandado Vicente Salvá em 1826. A fama de *Palmeirim de Inglaterra* era provavelmente devida à sua citação no *Dom Quixote* de Cervantes, que o considerava *excelente*. A querela sobre sua autoria talvez tenha a mesma origem.

Os compiladores da ***Antologia Nacional*** tiveram o cuidado de incluir na nota biobibliográfica que o romance tinha sido citado por Cervantes, mas também reconhecem que seu gênero não mais agradava os leitores contemporâneos. Talvez por isso eles tenham cortado um excerto do *Palmeirim* na 7ª edição, de 1915, único trecho descartado enquanto Fausto Barreto e Carlos de Laet estavam vivos.

IV - CONCLUSÃO: a implantação da cultura brasileira na escola secundária.

A formação clássica, sobretudo o ensino do latim, sempre gozou de muito prestígio nas sociedades modernas do século XIX, sendo o traço distintivo da elite européia. Enquanto na França, o "ensino sem latim" era considerado um "ensino de segunda linha"[434], na Inglaterra, conforme assinalou Eagleton, a literatura inglesa era a única opção dos mais pobres, que não tinham acesso às melhores escolas. Contudo, observa-se nos dois casos que, lenta e gradativamente, o ensino da língua e da literatura nacional vai ganhando espaço também no currículo das escolas da elite, generalizando-se após a Primeira Guerra. O movimento de ascensão da língua e da literatura nacional foi acompanhado do declínio do ensino clássico, o qual, no entanto, resistiu até meados do século XX.

Os mesmos movimentos de ascensão da formação nacional e de declínio da formação clássica, assinalados nos casos acima, foram notados nos *Programas de Ensino* do Colégio Pedro II, escola secundária padrão da elite brasileira, e foram expressos no currículo tanto pelo aumento da carga horária de Português e pelo aparecimento da História da Literatura Nacional, quanto pela diminuição e desaparecimento das aulas de Latim, Grego e Retórica e Poética.

Entretanto, no Brasil, enquanto mais de 70% da população permaneceu analfabeta (inclusive até a década de 1950), uma pequena elite se preparava às pressas no curso secundário para enfrentar os Exames Preparatórios, os exames de ingresso para os poucos cursos superiores existentes.

A não obrigatoriedade da conclusão do curso secundário (até 1931) e a falta de seriedade dos Preparatórios, suscetíveis a fraudes e ao clientelismo, prejudicaram a formação dos alunos e restringiram o currículo da escola secundária às exigências dos Exames Preparatórios.

Assim, até 1869, o ensino de Português era insignificante no currículo da escola secundária, onde predominavam as disciplinas clássicas, sobretudo o Latim. Depois de 1869, quando o exame de Português foi incluído entre os Preparatórios de muitos cursos superiores (faculdades de Direito, faculdades de Medicina, Escola Politécnica, Escola de Minas, etc.), no Colégio Pedro II houve a ascensão desta disciplina, cujo desenvolvimento, ainda que sujeito a variações, foi sempre crescente.

---

[434] CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRARD, Jean, op. cit., p. 264.

Tal dependência dos Preparatórios foi responsável, ainda, pelo estreitamento de laços entre a preparação retórico-literária e os cursos jurídicos, os quais exigiram o exame de Retórica e Poética até 1890.

O ensino da língua e da literatura portuguesa sempre se pautou pelo ensino das línguas clássicas, sobretudo do latim. A gramática nacional era estudada a partir das categorias gramaticais da língua latina e explicada como sua transformação, enquanto a literatura nacional era apresentada segundo os critérios fixos da retórica e da poética clássicas, dividida por gêneros. A leitura literária, base do ensino de latim e grego e base do ensino de retórica e poética, também se transformou na base do ensino da língua e da literatura nacional, erigindo os "clássicos nacionais".

Inicialmente, as aulas de Português no Colégio Pedro II, restritas ao primeiro ano do curso secundário, dedicavam-se apenas ao estudo da gramática. Aos poucos, elas foram absorvendo práticas pedagógicas e conteúdos das aulas de retórica. Primeiro vieram a leitura literária e a recitação (1855), para auxiliar o ensino da língua que, no entanto, continuava a não ultrapassar o primeiro ano. Depois da ascensão do Português nos Exames Preparatórios (responsável pela ampliação de carga horária), entraram no currículo de Português a redação e a composição (1870) e, depois da queda da Retórica e Poética, ainda veio a gramática histórica (1890).

Já a literatura nacional, incluída pela primeira vez no programa de Retórica e Poética em 1855, lentamente foi abandonando a abordagem retórica dos textos em favor do ponto de vista histórico.

A leitura literária nas aulas de português, base do ensino da língua, desde sua introdução (1855) até o final da década de 1880, era feita em várias seletas de trechos escolhidos, sobretudo dos escritores dos séculos XVI e XVII, considerados os clássicos portugueses. Aos poucos, os autores mais modernos (dos séculos XVIII e XIX) vão ganhando espaço no currículo e nas antologias. Há ainda indícios nesses programas que a leitura dos autores modernos precedia a leitura dos autores antigos, chamados de "clássicos". Entretanto, só a partir da década seguinte, é que a leitura passou a ser feita explicitamente de forma gradativa e cronológica.

O Programa de Português de 1881 indica que, nas primeiras séries, eram oferecidos os textos mais modernos, do século XIX, considerados mais fáceis por serem contemporâneos dos leitores escolares, e depois, gradativamente, eram introduzidos os textos mais antigos, até chegar nos clássicos dos séculos XVII e XVI, nas últimas séries. Entretanto, os seis livros indicados para leitura (a maioria compilada por professores portugueses) eram organizados por gêneros e sub-gêneros (de prosa e de poesia), pois acompanhavam a apresentação da leitura nas aulas de Retórica e Poética.

No final da década de 1880, percebe-se o esforço para nacionalizar e simplificar as adoções de compêndios nas aulas de Português. Em 1887, foi publicada a *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza, professores do Colégio Pedro II, a qual apresentava cronologicamente prosadores e poetas portugueses e brasileiros, porém, sem dividi-los, reunindo num único volume, textos de autores dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, os quais, segundo o programa, serviriam para a leitura nas aulas de Português durante todo o curso secundário.

Depois da Proclamação da República, nota-se o empenho para modernizar o ensino brasileiro, tornando-o mais científico (com o aumento da carga horária de matemática e das ciências físicas e naturais) e mais comprometido com a nação, através do ensino da História do Brasil, da língua portuguesa e da História da Literatura Nacional.

Para por em prática o projeto nacionalista republicano, o ensino secundário e os Exames Preparatórios sofreram uma centralização efetiva, através da oficialização do currículo do Colégio Pedro II (então Ginásio Nacional), cujos programas e compêndios passaram a servir de base para os outros estabelecimentos de ensino secundário (públicos e privados) e para os Preparatórios que, apesar de combatidos, sobreviveram até o início da década de 1930.

Em 1891, o exame de Português era o mais importante entre os Preparatórios, e era exigido para a entrada em todos os cursos superiores, mas a História da Literatura Nacional, disciplina recém- implantada na última série do Colégio Pedro II, no lugar da Retórica e Poética, não entrou nos Preparatórios. Desta forma, apesar do *status* de disciplina independente, conferido pelo nacionalismo republicano de 1890, a História da Literatura Nacional tornou-se ensino ornamental do "bacharel em Letras", título concedido àqueles que concluíam o curso do Pedro II, ou seja, da ínfima minoria que permanecia no colégio até o fim do curso, sem pressa (ou sem interesse) de candidatar-se aos Exames Preparatórios.

Depois de 1889, com a queda da Retórica e com a ascensão da história literária nacional, a organização cronológica pareceu ainda mais legítima.

A centralização dos programas e compêndios a partir do Colégio Pedro II disseminou a utilização da *Seleção Literária*, o que lhe valeu uma segunda edição em 1891, adotada nos cinco anos de Português e nos Exames Preparatórios de Português e de línguas estrangeiras. A adoção compulsória e generalizada da *Seleção Literária* estabeleceu a leitura mais intensiva nas aulas de português. Entretanto, a influência do nacionalismo republicano e a presença da história literária nacional no currículo talvez estivessem requisitando uma seleta mais representativa das fases da literatura nacional, que fosse não só organizada, mas também dividida cronologicamente, e com informações históricas sobre os autores e suas obras.

Mas, ao invés de aumentar a *Seleção Literária*, o editor preferiu refundi-la, trocou Vicente de Souza por Carlos de Laet, que se incumbiu das informações biobibliográficas e, com Fausto Barreto, aproveitaram alguns trechos da *Seleção Literária* e compilaram outros excertos, dando preferência aos assuntos nacionais e reservando um lugar de destaque para a literatura contemporânea. Os compiladores apuraram a organização cronológica da *Seleção Literária* e dividiram prosadores e poetas brasileiros e portugueses por séculos, apresentando-os, porém, na ordem cronológica inversa, que ia do século XIX ao século XVI.

O novo livro de textos escolhidos para leitura (e para exercícios) chamou-se ***Antologia Nacional*** e, publicado em 1895, foi aprovado pela Congregação do Colégio Pedro II para ser adotado nas aulas de Português neste mesmo ano, o que significou, também, sua indicação nos Exames Preparatórios. Entrava,

assim, nas aulas de Português a primeira seleta brasileira organizada por categorias da história literária nacional.

A classificação cronológica da ***Antologia Nacional***, seja a geral, por séculos, seja a de cada período, pela data de nascimento dos escritores, diluía a apresentação por gêneros de prosa e de poesia, não obstante a sobrevivência da divisão entre prosadores e poetas. As notas biobibliográficas forneciam veracidade histórica e autoridade crítica ao conjunto de autores e trechos selecionados, trazendo para dentro do livro de leitura das aulas de Português, mesmo que de forma abreviada, a história literária nacional.

A pequena história literária embutida na apresentação da ***Antologia Nacional***, era contada do ponto de vista brasileiro e adaptada à ordem de estudo do português na escola secundária. Ela começava pelos brasileiros do século XIX e, em seguida, vinham os portugueses do mesmo período, cuja separação significava o reconhecimento da autonomia da literatura brasileira contemporânea, enquanto, nos séculos anteriores, a junção de brasileiros e portugueses aceitava placidamente nossa dependência literária.

A leitura da ***Antologia Nacional***, porém, não era complemento do manual de história literária, e sim ponto de partida para a leitura e recitação, o estudo do vocabulário, o estudo da gramática normativa, da gramática histórica, dos exercícios ortográficos, das análises "lexicológica" e "lógica", e da redação e composição, enfim, para a aquisição da norma culta vigente.

A leitura literária nas aulas de português procurava, portanto, oferecer "bons modelos" literários (vernáculos e morais) para a "boa" aquisição da língua, além é claro, de oferecer a seus leitores uma certa formação literária, mas sem priorizá-la.

Esta particularidade da ***Antologia Nacional*** só ficou bem clara depois da recuperação histórica dos Programas de Português e de Literatura no ensino secundário, cujas transformações e permanências forneceram o panorama curricular geral capaz de explicar o aparecimento, a longevidade, o declínio e o desaparecimento da ***Antologia Nacional***.

Neste sentido, creio que meu mestrado se ressentiu muito da falta deste ponto de vista histórico-curricular, o que explica, em parte, o diálogo unilateral que ele estabeleceu com a história literária, diálogo que, apesar de meus esforços em listar e comparar autores e excertos compilados em parnasos e florilégios brasileiros, se revelou pouco expressivo, porque concentrava a análise da ***Antologia Nacional*** na formação literária.

Comparando, neste trabalho, o *corpus* da ***Antologia Nacional*** com o *corpus* de seletas escolares mais antigas, tais como o *Íris Clássico*, a *Seleta Nacional*, o *Curso de Literatura Brasileira*, a *Seleção Literária*, que circularam nas aulas de Português do Pedro II, a ***Antologia Nacional*** não rompeu com a tradição do ensino do vernáculo, que prezava a leitura dos clássicos portugueses como a melhor forma de incutir nos alunos a "norma culta".

Pelo contrário, ela os preservou, compondo-se com excertos dos séculos XVI e XVII, cuja maioria (82%) já havia aparecido em compêndios anteriores (TABELAS 10 e 11). A reprodução destes excertos

sinaliza certa estabilidade de um *corpus* de textos clássicos, cuja leitura repetitiva ou "intensiva" [435] na escola os havia transformado também em "clássicos escolares". A estes excertos clássicos, juntava-se a seleção de trechos do século XVIII, também presente nos compêndios anteriores (TABELA 12), de um lado, alargando o *corpus* de clássicos escolares e, de outro, como ficou claro na análise do século XVIII, promovendo a literatura brasileira com a inclusão de mais excertos brasileiros do que portugueses.

Mas a ***Antologia Nacional*** foi além da recompilação e reelaboração de seletas anteriores: seu aparecimento marcou também a definição do *corpus* de textos da literatura da "fase contemporânea" e a preferência pela escolha de "assuntos" nacionais, "que entendessem com a nossa terra".

Era sobretudo na "fase contemporânea", período que, desde a primeira edição, ocupou maior espaço que os demais (TABELA 8), que a representação da nação se realizava plenamente, quer seja com a quantidade maior de excertos brasileiros, quer seja com uma apresentação diferenciada dos outros períodos, separando os autores brasileiros dos autores portugueses (TABELA 15).

Ao contrário dos períodos anteriores, a maioria dos excertos do século XIX era "nova", ou seja, não havia aparecido nos compêndios antigos cotejados com a ***Antologia Nacional***, traço que reforça sua função definidora da literatura (e da língua culta) moderna.

A adoção oficial da ***Antologia Nacional***, regularmente reeditada, e a ampliação da fase contemporânea na 6ª e na 7ª edição, com o acréscimo maciço de autores brasileiros (TABELA 14), fez da ***Antologia Nacional*** um agente formador e transmissor da literatura brasileira.

Contudo, ao lado critério da nacionalidade, persistia a preferência pelos textos que respeitavam a norma culta da língua portuguesa, já ditada pelos "novos" clássicos da literatura portuguesa, como Garrett, Herculano, Castilho e Latino Coelho.

Desta forma, como vimos na análise do século XIX e XX, a mesma preocupação dos períodos anteriores com a vernaculidade, com a defesa da pureza da língua nos moldes dos escritores clássicos portugueses, continuou permeando a seleção de textos e autores do período contemporâneo. Tal orientação, visível nas notas biobibliográficas e em alguns trechos contemporâneos, principalmente portugueses, nortearia a seleção dos brasileiros que, com raras exceções (Macedo, Alencar, Varela, Casimiro) seriam admitidos pelo critério do caráter nacional.

Além do nacionalismo romântico, vimos também que, às vezes, atuava o julgamento político na escolha dos trechos, como parecem ter sido os acréscimos da 6ª edição. Entretanto, nenhum dos dois últimos critérios eram incompatíveis com a orientação geral de defesa da vernaculidade.

---

[435] O historiador da leitura, Rolf Engelsing, notou que até 1750 as pessoas liam "intensivamente" poucos livros inúmeras vezes, e que a partir de 1800 as pessoas estavam lendo "extensivamente" de tudo e apenas uma vez, principalmente jornais e periódicos. Apud DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*, p. 155.

A permanência da ***Antologia Nacional*** no currículo de português nas séries iniciais do curso secundário, até a década de 1940, reforça a longevidade deste modelo clássico e beletrista de ensino da língua nacional, em que autores e textos eram considerados sobretudo "paladinos da linguagem".[436]

Num primeiro momento, de 1895 até 1915, quando são feitos os acréscimos de autores e trechos contemporâneos, a ***Antologia Nacional*** cumpriu dupla função, de mantenedora da tradição vernácula de extração lusitana, e de anunciadora e propagadora da moderna literatura brasileira. Mas, no período seguinte, de 1916 até 1944, quando houve a repetição do mesmo quadro de autores e excertos da 7ª edição, imperou a função mantenedora, congelando a língua e a literatura nos moldes de 1915.

A fraqueza do ensino de História da Literatura Nacional (até 1942), em parte determinada por sua ausência dos Exames Preparatórios, em parte porque era obrigada a dividir seu espaço (no último ano do curso) com outras literaturas, potencializou, por um longo período, a importância da ***Antologia Nacional*** na transmissão da nossa literatura na escola secundária brasileira.

Recordando a instabilidade da História da Literatura Nacional no currículo secundário, nota-se que, já em 1898, a disciplina perdera sua autonomia (conquistada em 1890), sendo anexada à velha literatura geral (ou universal). Em 1911, ela foi drasticamente reduzida e incorporada ao currículo de Português, desaparecendo dos últimos anos do curso secundário. A partir de 1925, a disciplina ganhou o adjetivo pátrio, "Literatura Brasileira", e passou a ser ensinada novamente no último ano do curso secundário, ao lado da "Literatura das Línguas Latinas", saindo do currículo de Português. Porém, em 1928, nossa literatura voltou a ser estudada junto com a "Literatura Geral", cujo extenso programa passou a ser exigido, a partir de 1936, nos exames de acesso aos cursos jurídicos.

Desta maneira, nos primeiros cinqüenta anos de sua existência, a ***Antologia Nacional*** não só influenciou o "bem falar" e o "bem escrever" de muitas gerações de brasileiros, como também lhes forneceu a formação literária nacional.

Só depois da reforma Capanema, em 1943, é que a História da Literatura Nacional tornou-se efetivamente a principal atividade das aulas de Português nas últimas três séries do curso secundário, e passou a ser exigida nos exames vestibulares de todos os cursos superiores, assinalando sua ascensão na escola num momento político (Estado Novo) acentuadamente nacionalista.

Ao mesmo tempo, a permanência da ***Antologia Nacional*** nos primeiros anos do curso secundário tornou-se muito difícil com a nova orientação para adoção de livros didáticos (1942), a qual substituiu a leitura literária pela leitura patriótica. Tal impedimento provocou a remodelação da ***Antologia Nacional*** e sua transferência para o currículo de Português do "2° Ciclo", ou seja, para as últimas séries do curso secundário.

Desta forma, a leitura da ***Antologia Nacional*** se tornou complemento legítimo do ensino de história da literatura nacional (além da função tradicional de complemento do ensino do vernáculo). Para isso, foram

---

[436] CAMPOS, Agostinho de. *Paladinos da linguagem*. Paris/Lisboa: Librarias Aillaud e Bertrand, 1921. Antologia portuguesa de orientação clássica, distribuída pela Livraria Chardron do Porto e pela Livraria Francisco Alves do Rio de Janeiro.

acrescentados autores e excertos das duas pontas da história literária, do período medieval e do período contemporâneo, passando a cobrir a origem e a chegada da língua e da literatura (portuguesa e brasileira), renovando, assim, o pacto tradicional entre a leitura literária, o ensino da norma culta e a história literária. Tal pacto forneceu, nos anos seguintes, a imagem ideal da cultura nacional, cuja implantação acabara de ser completada com a história literária.

O trecho introdutório da *Nova Antologia Brasileira* [437], escrito em 1933, por Clóvis Monteiro, ilustra a manutenção do ensino "tradicional" da língua e da literatura:

> Entre as feições reacionárias que apresenta a nossa literatura do período romântico, cumpre aqui salientar a que diz respeito à língua. Com raras exceções, escreviam incorretamente os nossos românticos, uns por desleixo, outros por se afastarem, de propósito, das normas da língua clássica de Portugal e mais se aproximarem do falar corrente do Brasil.
>
> José de Alencar, por exemplo, que conhecia os segredos do idioma como poucos escritores do seu tempo, timbrava em infringir os preceitos gramaticais observados pelos lusos desde que se não harmonizassem com as tendências naturais do falar brasileiro. Chegaram até nós os rumores da acesa polêmica - acesa e muito característica daquele momento da nossa história política e literária - que manteve com José Feliciano de Castilho acerca da colocação dos pronomes átonos.
>
> Depois do Romantismo, novamente se impôs, entre nós, sobretudo na poesia, com os parnasianos, o respeito e obediência às tradições da língua clássica. Já agora, porém, tendência contrária se vai manifestando: recomeça, mais viva ainda, com o Modernismo, a reação contra a influência da língua literária de Portugal na língua literária do Brasil. Tal reação tem ido ao ponto de se pretender que a língua vulgar suplante, na literatura, a língua culta, esquecendo-se que a nossa língua literária já tem em nosso próprio país as suas raízes. Peca-se, destarte, por excesso de patriotismo mal entendido.
>
> O que é preciso conseguir-se, na verdade, é que a nossa língua culta se revigore constantemente com a seiva da nossa língua popular, que merece e deve ser estudada com mais carinho pelos filólogos. Haverá sempre no falar do povo, que é onde reside o verdadeiro espírito do idioma, o que aproveitar, sem sacrifício das normas de disciplina a que estão sujeitas em toda parte as línguas literárias.
>
> A fim de facilitar confronto entre a orientação literária do Brasil e a de Portugal, depois da Independência, incluímos nesta coletânea algumas dezenas de páginas de autores portugueses, que se acham classificados, como os nossos, nas correntes literárias a que pertenceram. Entre esses autores se encontram os que maior influência exerceram, nos últimos tempos, na língua culta do Brasil, principalmente através das lições dos nossos filólogos e gramáticos. Referimo-nos a Castilho, Herculano, Latino Coelho, Camilo e Cândido de Figueiredo. [438]

Clóvis Monteiro, que também era professor de Português do Colégio Pedro II, apesar de intitular sua seleta com o adjetivo pátrio, defendia (como Fausto Barreto e Carlos de Laet) o ensino da "língua culta" no Brasil sob a influência portuguesa, justificando, assim, a inclusão de alguns escritores lusos contemporâneos. A crença no ensino beletrista de formato português, barraria a entrada da literatura modernista brasileira (após

---

[437] Conforme me informou o professor Geraldo Pinto Vieira, um dos coordenadores do Núcleo de Documentação do Colégio Pedro II, este compêndio substituiu a ***Antologia Nacional*** a partir da década de 1950, no Pedro II.

[438] MONTEIRO, Clóvis. *Nova Antologia Brasileira*, p. 8-10.

1922) na escola secundária, a qual, apesar de fazer parte do currículo, vinha representada nestas seletas (inclusive na ***Antologia Nacional***) apenas por Graça Aranha.

Segundo Clóvis Monteiro, o único "proveito" das "extravagâncias" do Modernismo era "o de estimular os moços a que procurem fazer da literatura brasileira espelho mais fiel do nosso meio e da alma da nossa gente", ou seja, aceitava-se o critério nacionalista do modernismo, enquanto a forma, distante do que se considerava norma culta, era tachada de "exotismo". [439]

Desta maneira, os autores do modernismo brasileiro teriam que esperar algumas décadas (quase até os anos de 1960) para entrar nos livros didáticos, substituindo a leitura de textos canonizados (única via de acesso à língua culta), por um modelo sintonizado com a vida moderna, com as inovações tecnológicas e com os meios de comunicação de massa.

O novo modelo, implantado no Brasil a partir de 1971, com a Lei 5.692, que redirecionou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, era abrangente, porque encarava a língua vernácula como um "instrumento de comunicação" e "em articulação com as outras matérias", o que multiplicava as opções de textos para leitura em classe, tornando a leitura literária mais uma dessas opções.

Contudo, a lei era particularizante também, porque estabelecia que o ensino da língua portuguesa na escola deveria se preocupar, daí em diante, com a "expressão da Cultura Brasileira", libertando, portanto, do domínio clássico português, a língua e a literatura ensinadas em nossas escolas, o que incentivaria a entrada dos autores vivos.

Este fenômeno, de declínio da "leitura intensiva" dos clássicos da literatura nacional e sua substituição pela "leitura extensiva" de vários tipos de textos, incluindo a literatura contemporânea viva, foi observado também na escola secundária francesa, por Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard:

> Assim, o memento de 1964 é um dos últimos textos oficiais em que se pode perceber a continuidade com as intenções de Jules Simon [1872] e as Instruções de Jules Ferry [1885], que fundamentavam a coerência do ensino das letras no liceu em uma leitura intensa, acompanhada, trabalhada, devota "das mais belas obras do nosso patrimônio literário". O novo projeto quer alunos que dominem a expressão e a comunicação (o antigo preconizava, pelo contato com grandes escritores, aprimorar um domínio já adquirido espontaneamente). Desde então, o ensino do francês oscila, não porque tenha rejeitado a leitura literária (ela é mantida, embora em escala por força limitada), mas porque recusa tê-la como pedra angular da formação. [440]

A queda da influência da cultura morta sobre a cultura viva marcaria o século XX, cedendo lugar para a implantação da cultura moderna, marcada pela revolução tecnológica de um mundo cada vez mais "penetrado" e "mais dependente" das ciências naturais.[441] Os anos de 1970 testemunhariam a queda definitiva

---

[439] Id., p. 15-16.

[440] CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRARD, Jean, op. cit., p. 317.

[441] HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*, p. 504.

da formação clássica antiga e moderna, expressa na escola secundária pela extinção do latim e pela perda da hegemonia da leitura literária "como pedra angular da formação".

Na escola secundária brasileira dos anos de 1970, o abandono do latim e o enfraquecimento da leitura literária clássica, de orientação lusitana, condenou a adoção de compêndios como a ***Antologia Nacional***, já então, detentora de modelos desgastados, que não mais correspondiam à imagem desejada de nação. Por outro lado, a promoção da leitura de textos contemporâneos beneficiou não só a literatura brasileira moderna, com a entrada dos autores vivos na escola, mas forçou também a revisão de todos os períodos da literatura brasileira, cuja carreira solo entrava, daí em diante, em franco desenvolvimento no curso secundário.

CRONOLOGIA DO ENSINO DE PORTUGUÊS E DE LITERATURA

ANO	DISCIPLINA	ANO e/ou Carga Horária Semanal	PROFESSOR(ES)	LIVROS ADOTADOS
1838 Reg. 8 31 jan.	- Gramática nacional	1° Ano - 10 h	José da Silva Pinheiro Freire (Gramática Nacional e Latina do 1° Ano) Joaquim Caetano da Silva (interino, Grego e Gramática Portuguesa)	
	- Retórica e Poética	7° e 8° Anos 20 h	Joaquim Caetano da Silva	
1838	- O Regulamento de 31 de janeiro de 1838 foi o primeiro do Colégio Pedro II. Antes disso, destacaram-se: - Em 11 de agosto de 1827 - criação dos Cursos Jurídicos do Império e dos Cursos Anexos ou Colégio das Artes Preparatórias - Em 1831 - Criação das Aulas Menores com 6 cadeiras: latim, filosofia, retórica, francês e inglês, aritmética e história. - Em 2 de dezembro de 1837 - fundação do Imperial Colégio de Pedro II no Rio de Janeiro			
1841	**Reforma do Ministro Antonio Carlos** Segundo Regulamento do Colégio Pedro II.			
1841 Decr. 62 1° fev.	- Gramática Geral e Gramática Nacional	1° Ano - 5 h	João Dias Ferraz da Luz	
	- Retórica e Poética	6° e 7° Anos 10 h	Tiburcio Antonio Craveiro (Santiago Nunes Ribeiro - de 1843 até 1847)	*Discurso acerca da retórica.* Rio de Janeiro: Tipografia J. Villeneuve e C., 1842, 26 p. (recitado pelo professor Tiburcio Antonio Craveiro, na abertura do curso do Colégio Pedro II no dia 15 de fevereiro de 1842)
1850	- Gramática Nacional (ênfase nos verbos)	1° Ano	Gabriel de Medeiros Gomes (Latim e Gramática Nacional do 1° Ano)	
	- Retórica - Poética (ênfase na epopéia)	6° Ano 7° Ano	Francisco de Paula Menezes (de 1847 até 1857)	
1854	**Reforma do Ministro Couto Ferraz** - Decreto 1331 A de 17 de fevereiro (criou a Inspetoria Geral e os Exames Preparatórios na corte). - Os exames preparatórios na corte davam direito à entrada em qualquer faculdade. - Decreto 1386 de 28 de abril (Regulamento das Faculdades de Direito e dos Cursos Anexos). - Decreto 1387 de 28 de abril (Regulamento das Faculdades de Medicina), entraram os exames de álgebra e de geografia. - Os exames de direito não eram válidos para medicina e vice-versa.			

1855	- O Regulamento de 17 de fevereiro de 1855, dividiu o curso do Colégio Pedro II em: estudos de 1ª classe (4 anos) e estudos de 2ª classe (3 anos). - O bacharelado em letras, título conferido ao aluno que terminasse o curso no Colégio Pedro II, dava direito à entrada em qualquer faculdade.			
1855 Reg. 17 fev.	- Leitura e recitação do português - Exercícios ortográficos - Gramática Nacional	1º Ano	Gabriel de Medeiros Gomes	
	- Retórica e Poética regras da eloqüência e da composição - Eloqüência Prática: composição de discursos e de narrações em português, e quadros da literatura nacional	6º Ano 7º Ano	Francisco de Paula Menezes	
1856 Port. nº. 52 de 24 jan.	- Leitura e recitação de português - Exercícios ortográficos - Gramática Nacional	1º Ano	Gabriel de Medeiros Gomes	*Gramática da Língua Portuguesa* Cyrillo Dilermando *Sinônimos* Frei Francisco de São Luiz *Biblioteca Juvenil* Barker *Cartas Seletas* Pe. Antonio Vieira *Poesias Escolhidas* Pe. Caldas
	- Retórica e Poética regras da eloqüência e da composição - Eloqüência Prática: composição de discursos e de narrações em português, e quadros da literatura nacional	6º Ano 7º Ano	**Francisco de Paula Menezes**	*Lições de Literatura* **Francisco de Paula Menezes** *Quadros da Literatura Nacional* **Francisco de Paula Menezes**
1857	**Reforma do Ministro Marquês de Olinda** - O Colégio Pedro II foi separado em Internato e Externato - Curso Secundário "Especial" - 5 anos e Curso "Complementar" - 2 anos - Criação das cadeiras: História Nacional, Geografia do Brasil, Doutrina Cristã e História Sagrada. (As duas últimas permaneceram no currículo até o final do império.)			
1857 Decr. 2006 de 24 de out.	Português - Currículo Idem a 1856	1º Ano		
	- Retórica, Poética e Literatura Nacional - Currículo Idem a 1856	6º e 7º Anos	Cônego Fernandes Pinheiro (de 1857 até 1876)	

1858	Português - Gramática, leitura, recitação e exercícios ortográficos.	1° Ano	Gabriel de Medeiros Gomes	*Gramática da Língua Portuguesa* Cyrillo Dilermando *Sinônimos* Frei Francisco de São Luiz *Biblioteca Juvenil* Barker *Cartas Seletas* Pe. Antonio Vieira *Poesias Escolhidas* Pe. Caldas
	- Retórica e Poética Princípios exemplificados com as melhores passagens dos autores antigos e modernos, especialmente portugueses e brasileiros. - Exercícios de composição (prosa e verso); análise crítica dos clássicos portugueses; discursos e narrações, declamações; história da literatura portuguesa e nacional	6° Ano 7° Ano	Cônego Fernandes Pinheiro	*Nova Retórica de Victor Le Clerc* trad. Francisco de Paula Menezes *Lições Elementares de Poética Nacional* Francisco Freire de Carvalho
1860	Português - Gramática, leitura, recitação e exercícios ortográficos	1° Ano	Gabriel de Medeiros Gomes	*Gramática da Língua Portuguesa* Cyrillo Dilermando *Sinônimos* Frei Francisco de São Luiz *Íris Clássico* José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha *Cartas Seletas* Pe. Antonio Vieira *Poesias Escolhidas* Pe. Caldas
	- Retórica e Poética Princípios exemplificados com autores antigos e modernos (especialmente portugueses e brasileiros). - Retórica, Poética, Literatura Nacional e Gramática Filosófica Exercícios de composição, análise crítica dos clássicos e história da literatura portuguesa e nacional	6° Ano 7° Ano	Cônego Fernandes Pinheiro	*Nova Retórica de Victor Le Clerc* trad. de Francisco Paula Menezes *Lições Elementares de Poética Nacional* Francisco Freire de Carvalho *Nova Retórica Brasileira* Antonio Marciano da Silva Pontes - (em sua falta Le Clerc)
1862	**Reforma do Ministro Souza Ramos**			

1862 Decr. 2883 1° fev.	Português - Exercícios de português - Gramática - Leitura e análise	1° Ano - 9 h (3 h) (3 h) (3 h)	Gabriel de Medeiros Gomes	*Gramática da Língua Portuguesa* Cyrillo Dilermando *Sinônimos* Frei Francisco de São Luiz *Íris Clássico* José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha *Poesias sacras* Pe. Caldas
	- Gramática Filosófica e Retórica - Poética e Literatura Nacional	6° Ano - 6 h 7° Ano - 3 h	**Cônego Fernandes Pinheiro**	*Nova Retórica Brasileira* Antonio Marciano da Silva Pontes *Lições Elementares de Poética Nacional* Francisco Freire de Carvalho *Curso Elementar de Literatura Nacional* **Cônego Fernandes Pinheiro**
1863	Português - Exercícios de português - Gramática - Leitura e análise	1° Ano - 9 h (3 h) (3 h) (3 h)	Gabriel de Medeiros Gomes	*Gramática da Língua Portuguesa* Cyrillo Dilermando *Sinônimos* Frei Francisco de São Luiz *Íris Clássico* José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha
	- Gramática Filosófica e Retórica - Poética e Literatura Nacional	6° Ano - 6 h 7° Ano - 3 h	Cônego Fernandes Pinheiro	*Nova Retórica Brasileira* Antonio Marciano da Silva Pontes *Lições Elementares de Poética Nacional* Francisco Freire de Carvalho *Curso Elementar de Literatura Nacional* Cônego Fernandes Pinheiro
1865	- Ofício de 30 de janeiro de 1865, aprovado em 15 de fevereiro do mesmo ano, adotou obras de Manuel Bernardes, Mendes Pinto, Vieira, Lucena, Camões e traduções de Virgílio por Odorico Mendes, para uso nas aulas de línguas estrangeiras e de retórica.			
1865	- Português	1° Ano - 6 h	Gabriel de Medeiros Gomes	*Gramática da Língua Portuguesa* Cyrillo Dilermando *Íris Clássico* José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha
	- Gramática Filosófica - Retórica - Poética e Literatura Nacional	6° Ano 3 h 3 h 7° Ano 3 h	Cônego Fernandes Pinheiro	*Sinônimos* Fr. Francisco de São Luiz *Lições Elementares de Eloqüência* Francisco Freire de Carvalho *História da Vida do Padre Francisco Xavier* Lucena *Lições Elementares de Poética Nacional* Francisco Freire de Carvalho *Virgílio Brasileiro* Manuel Odorico Mendes *Curso Elementar de Literatura Nacional* Cônego Fernandes Pinheiro
1869	**Reforma do Ministro Paulino de Souza** - Decreto 4430 de 30 de outubro - introduziu o Exame de Português nos Preparatórios para todos os cursos superiores, para entrar em vigor a partir de 1871. - Exames de admissão p/o Colégio Pedro II e Exames finais por disciplina (Haidar p.126)			

1870 Decr. 4468 1° fev.	Português: - Gramática, análise lógica e gramatical; exercícios de leitura, recitação e ortografia. - Gramática, análise lógica e gramatical; leitura (prosa e verso) de autores clássicos, recitação, exercícios de redação. - índole da língua, sua formação histórica e progresso; recitação; exercícios de redação, composições.	1° Ano - 6,5 h 2° Ano - 3 h 3° Ano - 4,5 h	1° Ano (Português, Geografia e Aritmética elementar) José Manuel Garcia (interino) Côn. Francisco Bernardino de Souza (interino) 2° e 3° Anos Gabriel de Medeiros Gomes	*Gramática nacional elementar* Caldas Aulete *Ornamentos da memória* Pe. Roquette *Sinônimos* Frei Francisco de São Luiz *Gramática portuguesa* Vergueiro e Pertence (provisoriamente) **[para o 2° e 3° Ano]** *Seleta Portuguesa* Francisco Martins de Andrade **[para o 2° e 3° Ano]** *Poesias Seletas* H. C. Midosi **[para o 2° e 3° Ano]** *Postilas de gramática geral aplicada à língua portuguesa* Francisco Sotero dos Reis *Manual do estilo e composição e recitação* Delfim M. O. Maia
	- Retórica e Poética leitura e apreciação literária dos clássicos, estilo. - História da Literatura em Geral e Especialmente da Portuguesa e Nacional Composição de discursos e narrações, declamação.	6° Ano -3 h 7° Ano - 3 h	Cônego Fernandes Pinheiro	 *Curso Elementar de Literatura Nacional* Cônego Fernandes Pinheiro
1871	**Reforma do Ministro Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira** - Entra em vigor o decreto de 1869 que introduziu o Exame de Português entre os Preparatórios. - Decreto de 11 de fevereiro criou a cadeira de Gramática e Língua Nacional nas duas Faculdades de Direito (São Paulo e Recife)			
1873	**Reforma do Ministro Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira** - Decreto 5249 de 2 de outubro - Criação de mesas de Exames Gerais de Preparatórios nas capitais das Províncias onde não havia faculdades. - Decreto 5529 de 2 de novembro - Regulamento dos Exames Preparatórios nas Províncias			
1873	- Português	1° Ano 2° Ano 3° Ano		
	- Retórica e Poética - História da Literatura em Geral e Especialmente da Portuguesa e Nacional	6° Ano 7° Ano	Cônego Fernandes Pinheiro	É provável que tenham sido adotados os compêndios do Cônego Fernandes Pinheiro: *Postilas de Retórica e Poética* (1872) e *Resumo de História Literária* (1873)
1876	**Reforma do Ministro José Bento da Cunha Figueiredo** - extinguiu as matrículas avulsas - acomodou os compêndios aos programas de ensino			
1876 Decr. 6130 de 1° mar.	- Português	1° ano 2° ano	José Manoel Garcia (nomeado por concurso em 1874)	
	- Retórica e Poética - Literatura Nacional	5° ano 7° ano	Dr. Antonio Mendes Limoeiro (interino)	

1877 Decr. 6130 1° mar. 1876 e aprova do por comunicado de 27 de set. de 1876	Português - Leitura expressiva e recitação de prosadores e poetas nacionais, gramática, análise, exercícios ortográficos. - Lexicologia e sintaxe, análise lógica e etimológica, recitação de prosadores e poetas clássicos, redação verbal e escrita.	1° Ano -10 h 2° Ano - 6 h	1° Ano (Português e elementos de Geografia e Aritmética) **Manoel Olympio Rodrigues da Costa** Carlos de Laet 2° Ano José Manoel Garcia Henrique Carlos da Rocha Lima (interino) Substitutos Carlos Frederico Marques Perdigão (interino) Manuel Luiz de Moura (interino)	Livros para a aula: *Gramática Portuguesa* **Manoel Olympio Rodrigues da Costa** *Seleta Nacional* F. J. Caldas Aulete, 1° parte, 2° ed. *Meandro Poético* Côn. Fernandes Pinheiro *Gramática Portuguesa* Teófilo Braga *Aprendei a língua vernácula* (seleta) public. no R.J. *Ornamentos da Memória* Pe. Roquette *Dicionário Português* Pe. Roquette Obs.: Foram acrescentados 9 *Livros para exame*:
	- Retórica e Poética estilo e composição oratória; poesia, metrificação; crítica literária; análise de prosadores e poetas brasileiros e portugueses; composição de narrações, descrições, cartas e discursos; declamação. - Literaturas estrangeiras; história da literatura portuguesa e história da literatura brasileira	5° Ano 6 h 7° Ano 3 h	Franklin Américo de Menezes Doria (interino) José Maria Velho da Silva (interino) Substitutos Côn. Manoel da Costa Honorato (interino) Antonio Mendes Limoeiro (interino)	*Tratado de Metrificação* Visconde de Castilho *Seleta Nacional* F. J. Caldas Aulete, 2° parte **[para o 5° e 7° Ano]** *Poesias Seletas* Midosi **[para o 5° e 7° Ano]** *Manual da História da Literatura Portuguesa* Teófilo Braga
1878	**Reforma do Ministro Leôncio de Carvalho** - freqüência livre, matrículas avulsas e exames parcelados (ou vagos) no Colégio Pedro II. - suprimiu o 1° Ano elementar - liberdade de crença dispensando os não-católicos do exame de religião			
1878 Decr. 6884 de 20 de abr.	- Não há indicação de aulas de português nos primeiros anos do curso			
	- Retórica, Poética e Literatura Nacional - Português e Literatura Geral	6° ano 7° ano	José Maria Velho da Silva (de 1878 até 1890) Franklin Américo de Menezes Dória (Tese para concurso de literatura no Colégio Pedro II, RJ, 1878)	
1879 Decr. 6884 de 20 de abr. de 1878	- Não há indicação de aulas de português nos primeiros anos do curso			
	- Retórica, Poética e Literatura Nacional - Português e Literatura Geral (Gramática filosófica, análises e exercícios de redação verbal e escrita/ Literaturas estrangeiras)	6° Ano 7° Ano	José Maria Velho da Silva Antonio Mendes Limoeiro (nomeado por concurso) Fausto Barreto (substituto)	*Compêndio de Retórica e Poética para uso dos alunos do Colégio Pedro II* Côn. Manoel da Costa Honorato *Le Brésil Littéraire Histoire de la Litterature Brésilienne* Ferdinand Wolf

1881	**Reforma do Ministro Barão Homem de Melo** - aumentou a carga horária de português - manteve a freqüência livre, matrículas avulsas e exames parcelados (ou vagos) no Colégio Pedro II. - Aparecem no Programa de 1881 Instruções de 27 de outubro de 1880.			
1881 Decr. 8051 de 24 mar.	Português - Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas **brasileiros** do século atual (**XIX**); exercícios ortográficos; gramática e composição.	1° Ano	Manoel Olympio Rodrigues da Costa Carlos de Laet José Manoel Garcia	Livros para a aula: *Gramática Portuguesa* Manoel Olympio Rodrigues da Costa (2° ed.) *Literatura Brasileira* Mello de Morais Filho
	- Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas **brasileiros e portugueses** do século atual (**XIX**); exercícios ortográficos; gramática e composição.	2° Ano		*Nova Gramática Portuguesa* Bento José de Oliveira, 14° ed. **[do 2° ao 5° Ano]** *Seleta Nacional* F. J. Caldas Aulete, 1° parte, 4° ed. **[para o 2° e 3° Ano]** *Seleta Nacional* F. J. Caldas Aulete, 3° parte **[para o 2° e 3° Ano]**
	- Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas **brasileiros e portugueses** do século **XVIII**; exercícios ortográficos; gramática e composição.	3° Ano		
	- Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas **brasileiros e portugueses** do século **XVII**; exercícios ortográficos; gramática e composição.	4° Ano		*Trechos Seletos de Autores Clássicos* Felix Ferreira *Antologia Portuguesa* Teófilo Braga **[para o 4° e 5° Ano]**
	- Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas **brasileiros e portugueses** do século **XVI**; exercícios ortográficos; gramática e composição.	5° Ano		*Lugares Seletos* Antonio Cardoso Borges de Figueiredo Obs.: Foram acrescentados 20 *Livros para exame.* (Ver relação no programa de ensino)
	- Retórica, Poética e Literatura Nacional: estilo, teoria e histórico dos diferentes gêneros de prosa e de poesia, análise de estilo, composição, declamação	6° Ano	José Maria Velho da Silva	*Compêndio de Retórica e Poética para uso dos alunos do Colégio Pedro II* Côn. Manoel da Costa Honorato (provisoriamente) *Le Brésil Littéraire Histoire de la Litterature Brésilienne* Ferdinand Wolf
	- Português e História Literária: traços gerais de lingüística e principais períodos literários da línguas vivas e mortas.	7° Ano	Fausto Barreto (substituto) Antonio Mendes Limoeiro	*Précis de l'Histoire des Littératures Européennes et Orientales* Lévi Alvarès (père) *Manual da História da Literatura Portuguesa* Teófilo Braga

1882 Decr. 8227 24 ago. de 1881	Português - Leitura e recitação, exercícios ortográficos, gramática, composição. - Leitura e recitação de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século atual (XIX), exercícios ortográficos, gramática, composição. - Leitura e [...] do século XVIII, exercícios ortográficos, gramática, composição. - Leitura e [...] do século XVII, exercícios ortográficos, gramática, composição. - Leitura e [...] do século XVI, exercícios ortográficos, gramática, composição.	1° Ano - 6 h 2° Ano - 3 h 3° Ano - 3 h 4° Ano - 3 h 5° Ano - 3 h	1° Ano (Português e Noções de Geografia e Aritmética) Manoel Olympio Rodrigues da Costa Carlos de Laet Do 2° ao 5° Ano (Português) Aureliano Pimentel	*Gramática Portuguesa* Manoel Olympio Rodrigues da Costa (2ª ed.) *Literatura Brasileira* Mello de Morais Filho *Gramática Portuguesa* Júlio Ribeiro **[do 2° ao 5° Ano]** *Seleta Nacional* F. J. Caldas Aulete, 1° parte *Seleta Nacional* F. J. Caldas Aulete, 3° parte **[do 2° ao 5° Ano]** *Prosas Seletas* José da Fonseca **[do 3° ao 5° Ano]**
	- Retórica, Poética e Literatura Nacional - Português e História Literária	6° Ano 3 h 7° Ano 3 h	**José Maria Velho da Silva** Fausto Barreto (substituto) Antonio Mendes Limoeiro	*Lições de Retórica* **José Maria Velho da Silva** *Le Brésil Littéraire Histoire de la Litterature Brésilienne* Ferdinand Wolf *História Literária* Côn. Fernandes Pinheiro
1886	- Decr. 9647 de 2 de outubro: alterações nas disciplinas dos exames preparatórios; precedência do exame de português			
1887	**Ministro Barão de Mamoré** Fausto Barreto a pedido de Emídio Vitório elaborou o Programa de Português para os Exames Preparatórios			
1887	Português	do 1° ao 5° Ano	1° Ano Manoel Olympio Rodrigues da Costa Carlos de Laet Do 2° ao 5° Ano Aureliano Pimentel **Fausto Barreto** (desde 1883)	*Seleção Literária* **Fausto Barreto** e Vicente de Souza **[do 1° ao 5° Ano]**
	Retórica e Poética e Literatura Nacional	?	José Maria Velho da Silva Franklin Doria Antonio Mendes Limoeiro	
1888	**Reforma do Ministro Barão de Cotegipe** Decreto no. ? de 9 de março que aboliu a freqüência livre, matrículas avulsas e exames parcelados (ou vagos) no Colégio Pedro II.			

1889	**Proclamação da República** - Decreto 09 de 21 de novembro alterou a denominação do Imperial Colégio de Pedro II para Instituto Nacional de Instrução Secundária e suprime a de "imperial" de vários estabelecimentos dependentes do Ministério dos Negócios do Interior (antigo Ministério do Império) - Foram realizados Exames Preparatórios de 4 de novembro de 1889 a 23 de fevereiro de 1890.			
1890	**Reforma do Ministro Benjamin Constant** - 19 de abril de 1890 foi criado o Ministério da Instrução, Correios e Telégrafos - Decisão nº. 12 de 17 de abril excluiu a instrução religiosa do programa das escolas primárias e dos estabelecimentos de ensino público - Decisão nº. 17 de 24 de abril eliminou do programa do Instituto Nacional de Instrução Secundária (ex-Imperial Colégio de Pedro II), além do ensino de instrução religiosa, o de teodicéia e da moral religiosa. - Decreto 981 de 8 de novembro (Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal). Foram eliminadas do currículo secundário as cadeiras de italiano, retórica, filosofia e história literária. Entrou a cadeira de história da literatura nacional. - O Instituto Nacional de Instrução Secundária (ex-Imperial Colégio de Pedro II) passa a se chamar Ginásio Nacional a partir de 8 de novembro. - Decreto 1075 de 22 de novembro (Regulamento do Colégio Pedro II, a vigorar a partir de 1891). Com a eliminação da cadeira de retórica, cujo professor era tradicionalmente o orador das solenidades do colégio, esta função passou a ser exercida pelo reitor. - O Colégio Pedro II, renomeado Ginásio Nacional, passa a ser a referência para todos os estabelecimentos de ensino secundário (públicos e privados), regulamentando programas e compêndios, tornando-se também a referência para os Exames Preparatórios. O estudo de português, no primeiro ano, foi desmembrado da matemática e da geografia, ganhando cadeira própria. - Os Exames Preparatórios de 1890 (Instruções provisórias de 2 de fevereiro, Instruções de 27 de junho e Instruções de 11 de outubro) foram feitos ainda de acordo com o currículo antigo, com 16 mesas examinadoras: português, francês, inglês, alemão, latim, aritmética, álgebra, geometria,, trigonometria, geografia, história geral, história e cosmografia do Brasil, física e química, história natural e higiene, filosofia e retórica. - Em 2 de maio de 1890, Carlos de Laet foi exonerado do cargo de professor do Colégio Pedro II por ter protestado contra a mudança de nome da instituição.			
1890 Decr. 981 de 8 nov. e Decr. 1075 de 22 nov.	Português - Estudo completo da gramática expositiva. Exercícios de redação (com auxílio do lente) - Gramática histórica. Exercícios de composição - Revisão - Revisão - Revisão	1° Ano - 3 h 2° Ano - 3 h 3° Ano - 1 h 4° Ano - 1 h 5° Ano - 1 h	Fausto Barreto	
	- História da Literatura Nacional	7° Ano - 3 h	Carlos Ferreira França	

1891	- Exames preparatórios de dezembro de 1891, conforme Instruções de 11 de outubro (aprovadas pelo Decreto 668 de 14 de novembro), regulamentou a precedência da prova de português sobre as demais condicionando os outros exames à sua aprovação e estabeleceu 11 mesas examinadoras: português, francês, inglês, alemão, latim, aritmética e álgebra, geometria e trigonometria, geografia especialmente do Brasil, história universal, física e química, história natural. - Lei n. 23 de 30 de outubro extinguiu o Minsitério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos			
1892	- Exames preparatórios na capital por Aviso de 6 de novembro e nos estados pelo decreto 1041 de 11 de setembro, estabeleceram 11 mesas examinadoras: português, francês, inglês, alemão, latim, aritmética e álgebra, geometria e trigonometria, geografia especialmente do Brasil, história especialmente do Brasil, física e química, história natural. - Para os exames de português, servirão: *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza; *Estudinhos de Língua Pátria* de Silva Túlio. Para versão em francês, inglês e alemão: *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza.			
1892 Plano de Ref. De 8 nov. e Conf. Reg. De 22 nov. 1890	Português - Gramática expositiva, exercícios de redação.	1° Ano - 3h	Fausto Barreto	*Gramática Portuguesa* João Ribeiro, curso médio *Seleção Literária* Fausto Barreto e Vicente de Souza **[do 1° ao 5° Ano]**
	- Gramática histórica, exercícios de composição.	2° Ano - 3 h		*Gramática Portuguesa* João Ribeiro, curso superior *Antologia Portuguesa* Teófilo Braga
	- Gramática histórica, exercícios de composição.	3° Ano - 1 h		*Lições de Gramática Portuguesa* João Ribeiro
	- Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses, exercícios ortográficos, revisão da gramática, composição.	4° Ano - 1 h		*Gramática Analítica* Maximino de Araújo Maciel
	- Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses, exercícios cacográficos, revisão da gramática, composição.	5° Ano - 1 h		*Noções de Gramática Portuguesa* Pacheco da Silva Jr. E Lameira de Andrade *Estudinhos de Língua Pátria* Antonio da Silva Túlio
	- História da Literatura Nacional	6° Ano - 3 h		*História da Literatura Brasileira* Silvio Romero
1893 Decr. 1194 de 28 dez. de 1892	Português - Gramática, leitura e recitação, redação.	1° Ano - 5 h	Fausto Barreto	*Seleção Literária* Fausto Barreto e Vicente de Souza **[do 1° ao 5° Ano]** *Gramática Portuguesa* João Ribeiro, curso médio
	- Gramática, leitura e recitação, composição.	2° Ano - 5 h		*Gramática Portuguesa* João Ribeiro, curso superior *Antologia Portuguesa* Teófilo Braga
	- Gramática histórica, composição.	3° Ano - 4 h		*Lições de Gramática Portuguesa* João Ribeiro
	- Gramática (revisão), leitura e recitação, composição.	4° Ano - 3 h		*Gramática Analítica* Maximino de Araújo Maciel
	- Gramática (revisão), leitura e recitação, composição.	5° Ano - 3 h		*Noções de Gramática Portuguesa* Pacheco da Silva Jr. E Lameira de Andrade *Estudinhos de Língua Pátria* Antonio da Silva Túlio
	- Literatura Nacional História da literatura nacional	6° Ano		*História da Literatura Brasileira* Silvio Romero

<table>
<tr><td>1895</td><td colspan="4">- "Estampou-se a 1ª edição da Antologia Nacional [de Fausto Barreto e Carlos de Laet] em princípio de 1895" (In: "Prefácio da Segunda Edição". Rio de Janeiro: Livraria J. G. de Azevedo, 1895). O Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, tem um exemplar desta 1ª edição.

- As Instruções para os exames preparatórios na capital e nos estados, aprovadas, respectivamente, pelos decretos 2.172 e 2.173 de 21 de novembro, estabeleceram as seguintes mesas examinadoras: português, francês, inglês, alemão, latim, aritmética e álgebra, geometria e trigonometria, geografia especialmente do Brasil, história especialmente do Brasil, física e química, história natural.

- Para o exame de português servirão os livros: Antologia Nacional de Fausto Barreto e Carlos de Laet, Autores Contemporâneos de João Ribeiro. Para as versões francesa, inglesa e alemã - Máximas do Marquês de Maricá.</td></tr>
<tr><td rowspan="2">1895

Decr. 1652 15 jan. 1894</td><td>Português
Gramática expositiva, leitura e recitação, redação.

Gramática expositiva, leitura e recitação, composição.

Gramática histórica, composição.</td><td>1º Ano

2º Ano

3º Ano</td><td>Fausto Barreto
Francisco Pinheiro Guimarães (nomeado catedrático de Língua Portuguesa em 27 de fevereiro de 1894)</td><td>Gramática Portuguesa Alfredo Gomes, 5ª ed. [para o 1º e 2º Ano]
Antologia Nacional Fausto Barreto e Carlos de Laet [do 1º ao 3º Ano]
Autores Contemporâneos João Ribeiro [do 1º ao 3º Ano]

Noções de Gramática Portuguesa Pacheco da Silva Jr. E Lameira de Andrade, 2ª ed.
Antologia Portuguesa Teófilo Braga</td></tr>
<tr><td>Literatura Nacional</td><td>6º Ano</td><td></td><td>História da Literatura Brasileira Silvio Romero
Curso de História da Literatura Portuguesa Teófilo Braga</td></tr>
<tr><td rowspan="2">1897</td><td>Português
Gramática expositiva, leitura e recitação, redação.

Gramática expositiva, leitura e recitação, composição.

Gramática histórica, composição.

Obs.: Aparecem Revisões de Português no 4º, 5º e 6º Anos, cujos livros adotados são os mesmos do 3º Ano.</td><td>1º Ano

2º Ano

3º Ano</td><td>Fausto Barreto</td><td>Gramática Portuguesa Alfredo Gomes, 5ª ed. [para o 1º e 2º Ano]
Antologia Nacional Fausto Barreto e Carlos de Laet [do 1º ao 3º Ano]
Autores Contemporâneos João Ribeiro [do 1º ao 3º Ano]

Noções de Gramática Portuguesa Pacheco da Silva Jr. E Lameira de Andrade, 2ª ed.
Antologia Portuguesa Teófilo Braga</td></tr>
<tr><td>Literatura Nacional</td><td>6º Ano</td><td></td><td>História da Literatura Brasileira Silvio Romero
Curso de História da Literatura Portuguesa Teófilo Braga</td></tr>
<tr><td>1898</td><td colspan="4">Reforma do Ministro Amaro Cavalcanti
- Decreto 2857 de 30 de março regulamentou o ensino secundário dividindo-o em curso propedeutico ou realista, de 6 anos, e curso clássico ou humanista, de 7 anos. O curso clássico, além das mesmas matérias do curso realista, ensinadas também no 7º Ano, incluía latim (do 2º ao 7º Ano), grego (do 5º ao 7º Ano), história da literatura geral e da nacional (7º Ano), história da filosofia (7º Ano).

- Obs.: Manuel Bandeira estudou no Ginásio Nacional de 1898 a 1902.</td></tr>
</table>

1898 Decr. 2857 30 mar.	Português - leitura e recitação, exercícios ortográficos, gramática, composição.	1° Ano - 5 h	Fausto Barreto José Júlio da Silva Ramos	*Gramática Portuguesa* Alfredo Gomes, 7° ed. **[do 1° ao 4° Ano]** ***Antologia Nacional*** Fausto Barreto e Carlos de Laet **[do 1° ao 6° Ano]** *Seleta Nacional* (1° parte) Caldas Aulete (ed. por Tomáz de Carvalho) **[para o 1°, 2° e 4° Ano]**
	- Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século atual (XIX), exercícios ortográficos, gramática, composição.	2° Ano - 5 h		
	- Leitura [...] do século XVIII, exercícios ortográficos, gramática, composição.	3° Ano - 5 h		*Seleta Nacional* (3° parte) Caldas Aulete (ed. por Tomáz de Carvalho)
	- Leitura [...] do século XVII, exercícios ortográficos, gramática, composição.	4° Ano - 4 h		
	- Leitura [...] do século XVI, exercícios ortográficos, gramática, composição.	5° Ano - 3 h		*Noções de Gramática Portuguesa* Pacheco da Silva Jr. E Lameira de Andrade, 2° ed. **[para o 5° e 6° Ano]** *Antologia Portuguesa* Teófilo Braga **[para o 5° e 6° Ano]**
	- Revisão, história da língua portuguesa, apreciação dos monumentos da língua, composição.	6° Ano - 2 h		
	- História da Literatura Geral e da Nacional	Só para o Curso Clássico 7° Ano - 3 h		*Literatura Antiga e Medieval* Adolfo Coelho *História Literária* Côn. Fernandes Pinheiro *Curso de História da Literatura Portuguesa* Teófilo Braga *História da Literatura Brasileira* Silvio Romero
1899 Decr. 3251 8 abr.	Português	1° Ano - 3 h 2° Ano - 3 h 3° Ano - 2 h 4° Ano - 2 h		
	Literatura	5° Ano - 2 h 6° Ano - 2 h		
1901	**Reforma Ministro Epitácio Pessoa** - Decreto 3890 de 1° de janeiro instituiu o Código dos Institutos Oficiais de Ensino Superior e Secundário. - Decreto 3914 de 26 de janeiro aprovou o regulamento do Ginásio Nacional e estabeleceu o curso de 6 anos. - O regulamento do Ginásio Nacional, aprovado pelo decreto 3251 de 8 de abril de 1899, também assinado pelo Ministro Epitácio Pessoa, já tinha unificado o curso e fixado sua duração em 6 anos. Neste regulamento de 1899, saiu a cadeira de história da filosofia e entrou a cadeira de lógica.			
1901 Decr. 3914 26 jan.	Português	1° Ano - 3 h 2° Ano - 3 h 3° Ano - 2 h 4° Ano - 2 h		
	Literatura	5° Ano - 2 h 6° Ano - 2 h		

<table>
<tr><td>1909</td><td colspan="4">- Decreto 7472 de 24 de julho mudou a denominação do Ginásio Nacional para Internato Nacional Bernardo de Vasconcelos e Externato Nacional Pedro II.

- Henrique Coelho Neto foi efetivado professor de Literatura do Colégio Pedro II.

- Publicada a 5ª edição da Antologia Nacional de Fausto Barreto e Carlos de Laet, a primeira sob a responsabilidade da Livraria Francisco, a qual, no entanto, é igual à 4ª edição.</td></tr>
<tr><td>1911</td><td colspan="4">Reforma Ministro Rivadávia Correia
- Decreto 8659 de 5 de abril aprovou a Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental na República.

- Decreto 8660 de 5 de abril aprovou o regulamento do Colégio Pedro II. Foram eliminadas as cadeiras de lógica e de literatura, e entraram as cadeiras de higiene e instrução cívica.</td></tr>
<tr><td>1912

Decr. 8660 de 5 abr. 1911</td><td>Português
- Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século XIX, exercícios ortográficos, gramática expositiva, composição.

- Leitura [...] do século XVIII, exercícios ortográficos, gramática expositiva, composição.

- Leitura [...] do século XVII e XVI, exercícios ortográficos, gramática, composição.

- Revisão, gramática histórica, composição e principais épocas das literaturas portuguesa e brasileira.</td><td>1ª Série - 3 h

2ª Série - 3 h

3ª Série - 3 h

4ª Série - 3 h</td><td>Fausto Barreto
José Júlio da Silva Ramos (nomeado por cncurso em 6 de junho de 1907)</td><td>Antologia Nacional Fausto Barreto e Carlos de Laet</td></tr>
<tr><td>1913</td><td colspan="4">- Publicada a 6ª edição da Antologia Nacional de Fausto Barreto de Carlos de Laet. Rio de Janeiro/Paris, Livraria Francisco Alves, 1913. O professor Aníbal Bragança, que faz uma tese sobre a Francisco Alves, informou que as remessas da 5ª edição [ou seja, desta 6ª edição] da Antologia Nacional, feita em Paris, iniciaram-se em 9 de novembro de 1912 e se estenderam até 5 de julho de 1913.</td></tr>
<tr><td>1915</td><td colspan="4">Reforma Ministro Carlos Maximiliano
- Decreto 11.530 de 18 de março reorganizou o ensino secundário e o superior na República.

- Reduziu o curso secundário para 5 anos, extinguiu a cadeira de grego e acrescentou a cadeira de psicologia, lógica e história da filosofia.

- Publicada a 7ª edição da Antologia Nacional de Fausto Barreto e Carlos de Laet.

- Morre Fausto Barreto.

- Carlos de Laet foi perdoado pelo governo e voltou ao corpo docente do Colégio Pedro II.</td></tr>
</table>

1916 Decr. 11.530 18 mar. 1915	Português - Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século XIX, exercícios ortográficos, gramática expositiva, composição. - Leitura [...] do século XVI, XVII e XVIII, gramática expositiva, composição. - Revisão, gramática histórica, apreciação das principais épocas das literaturas portuguesa e brasileira.	1° Ano - 3 h 2° Ano - 3 h 3° Ano - 3 h	José Júlio da Silva Ramos Carlos de Laet	***Antologia Nacional*** Fausto Barreto e Carlos de Laet
1916	- Pedro Nava, depois de ser examinado por Silva Ramos, começou a estudar no Colégio Pedro II.			
1918	- Carlos de Laet foi diretor do Colégio Pedro II de 1918 até 1925 e presidente da Academia Brasileira de Letras de 1919 até 1922. - Foi impressa a 8° edição da *Antologia Nacional*.			
1920	Português	1° ano - 3h 2° ano - 3h 3° ano - 3 h	Carlos de Laet José Júlio da Silva Ramos José Oiticica Júlio Nogueira João Ribeiro Eduardo Badaró	***Antologia Nacional*** Fausto Barreto e Carlos de Laet
1925	**Lei Rocha Vaz** (Ministro João Luís Alves) - Decreto 16.782-A de 13 de janeiro organizou o departamento nacional de ensino e reformou o ensino secundário e superior. - Aumentou o curso secundário para 6 anos e foram introduzidas as cadeiras de literatura brasileira, de literatura das línguas latinas, de sociologia, de instrução moral e cívica, de filosofia e de história da filosofia. - Decreto 17.016 de 24 de agosto **[Ver]** - Disciplinas exigidas no exame vestibular para Direito: Literatura, especialmente do Brasil; História universal e do Brasil e Filosofia.			

1926 Decr. 16782-A 13 jan. de 1925	Português	1° Ano - 3 h	Carlos de Laet Antenor Nascentes José Oiticica Júlio Nogueira Quintino do Valle	Do 1° ao 5° Ano: ***Antologia Nacional*** de Fausto Barreto e Carlos de Laet; *Análise Gramatical e Lógica* e *O Idioma Nacional* de Antenor Nascentes, vol. I; *Manual de Análise* de José Oiticica; *Verbos, Guia para algumas dificuldades da Análise Léxica* e *Textos para Corrigir* de Otelo Reis; *Gramática Elementar* de Said Ali
		2° Ano - 3 h		2° Ano *Gramática secundária da língua portuguesa* de Said Ali
		3° Ano - 3 h		3° Ano *O meu idioma* de Otoniel Mota; *O exame de português* de Júlio Nogueira.
	Revisão	4° Ano - 3 h		
	Revisão	5° Ano - 3 h		
	Literatura das línguas latinas	6° Ano - 3 h		*Notions d'histoire littéraire* H. P. Pauthier; *Les écrivains contemporains de l'Amerique espagnole* Francisco Contreras; *Compêndio de literatura portuguesa* Mendes dos Remédios
	Literatura Brasileira	6° Ano - 3 h		*História da literatura brasileira* Silvio Romero; *Pequena história da literatura brasileira* Ronald de Carvalho
1927	- Morre Carlos de Laet.			
1928	Português	1° Ano	José Oiticica Antenor Nascentes Quintino do Vale	1° Ano Idem a 1926 mais: *Lições elementares da língua portuguesa* de Maximino Maciel
		2° Ano		2° Ano Idem a 1926 mais: *O idioma nacional*, vol. II, de Antenor Nascentes; *Manual de estilo* de José Oiticica
		3° Ano		3° Ano Idem a 1926 mais: *O idioma nacional*, vol. III, de Antenor Nascentes
	Gramática histórica	4° Ano		4° Ano *Apostilas de português* de Antenor Nascentes
	Revisão	5° Ano		*O exame de português* Júlio Nogueira e *Lexiologia do português histórico* Said Ali
	Literatura Geral e Nacional	6° Ano	Mário Barreto (interino) Júlio Nogueira	*Littérature Générale* Pauthier *Compêndio de Literatura Portuguesa* de Mendes dos Remédios *Compêndio de Literatura Brasileira* de Silvio Romero e *Compêndio de Literatura Brasileira* de Ronald de Carvalho *Histoire de la Littérature Française* Petit de Julleville *Histoire de la Littérature Française* Gustave Lanson
1929	- Decreto 18.564 de 15 de janeiro (Regulamento do Colégio Pedro II) **[Ver] alterou a seriação do curso secundário** - Programa de literatura (especialmente a brasileira e as de línguas latinas) **[Ver]** Portaria publicada no diário Oficial de 24 de março.			

1929	Português	1° Ano	José Oiticica	1° Ano Idem a 1928
		2° Ano	Antenor Nascentes Quintino do Vale	2° Ano Idem a 1928
		3° Ano		3° Ano Idem a 1928
	Gramática histórica	4° Ano		4° Ano *O idioma nacional*, vol. IV, de Antenor Nascentes; *O exame de português* Júlio Nogueira e *Lexiologia do português histórico* Said Ali
	Composição literária	5° Ano		5° Ano *Noções de Estilística e de Literatura* de Antenor Nascentes
	Literatura Geral e Nacional	6° Ano	Mário Barreto (interino) Júlio Nogueira	Idem a 1928
1930	**Revolução de outubro de 1930** (o presidente Washington Luís foi deposto) - O Governo Provisório (Getúlio Vargas), através do decreto 19.444 de 1° de dezembro, criou o Ministério da Educação e Saúde Pública e dispôs sobre os serviços que ficariam a seu cargo.			
1931	**Reforma do Ministro Francisco Campos** - Decreto 19.850 de 11 de abril, criou o Conselho Nacional de Educação. - Decreto 19.851 de 11 de abril, dispôs sobre a organização do ensino superior no Brasil e adota o regime universitário. - Decreto 19.852 de 11 de abril, dispôs sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro. - Decreto 19.890 de 18 de abril, dispôs sobre a organização do ensino secundário (disposições consolidadas pelo decreto 21.241 de 14 de abril de 1932). - Dividiu o curso secundário em ciclo fundamental, de 5 anos, e ciclo complementar, de 2 anos, sendo que este último era subdividido em 3 seções: para candidatos à Faculdade de Direito, para candidatos às Faculdades de Medicina, Odontologia e Farmácia e para candidatos aos cursos de Engenharia e Arquitetura. - A cadeira de português era ministrada nos 5 anos do ciclo fundamental e a cadeira de literatura, nos 2 anos do ciclo complementar, só para os candidatos à Faculdade de Direito. - O decreto 20.108 de 15 de junho regulamentou o acordo ortográfico entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa, tornando obrigatória a ortografia resultante da reforma.			
1931 Decr. 19.890 18 abr. de 1931 e Decr. 21241 de 14 abr. de 1932	Ciclo Fundamental Português (Conf. Portaria de 30 de junho de 1931) - Leitura de trechos de prosadores e poetas contemporâneos, Recitação, Composição oral, Estudo gramatical.	1° Série - 4 h	José Oiticica Antenor Nascentes Quintino do Valle Jacques Raimundo F. da Silva	
	- Idem	2° Série - 4 h		
	- Leitura de excertos de prosadores e poetas mdernos, Composição oral e escrita, Estudo gramatical.	3° Série - 3 h		
	- Leitura e interpretação de trechos de poetas e prosadores dos dois últimos séculos, Exercícios escritos de composição e estilo, gramática histórica.	4° Série - 3 h		
	- Análise literária, Literatura (Noções preliminares e Sinopse de história literária), Composição e estilo.	5° Série - 2 h		

1932	- Instruções para exames preparatórios aprovadas pelo decreto 22.106 de 18 de novembro. **[Ver]**			
1933	- Publicada a 19ª edição da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet, cuja "revisão e adaptação à nova grafia" foi feita por Jorge Jobim. A data do prefácio é "maio de 1933".			
1936 Decr. 19.890 18 abr. de 1931 e Decr. 21241 de 14 abr. de 1932	Ciclo Complementar Literatura (Conf. Portaria de 17 de março de 1936) [só para o Curso Jurídico] - Noções preliminares; suas condições; distinção dos gêneros literários; Literatura geral. Literatura portuguesa, Literatura brasileira, Literaturas americanas e literaturas européias contemporâneas.	1° Ano 4 h 2° Ano 6 h	Mário Barreto (interino) [morreu em set. de 1931] Júlio Nogueira Adrien Delpech Aníbal Monteiro Machado (interino)	
1937	- Circular no. 1.200 de 1 de junho de 1937, dá instruções sobre o processo de inscrição no Concurso de Habilitação às escolas superiores, para o próximo ano letivo de 1938, e estabelece a forma pela qual deverão ser realizadas as provas dos exames previstos pelo artigo 47 e parágrafos, do Decreto no. 21.241, de 4 de abril de 1932. Provas do concurso de Habilitação: a) Para as escolas de Medicina, Medicina-Veterinária, Farmácia e Odontologia: Alemão ou Inglês, Física, História Natural, Sociologia e Desenho. b) Para as escolas de Direito: Latim, Literatura, Geografia, Higiene, Sociologia, História da Filosofia. c) Para as escolas de Engenharia, Arquitetura, Química industrial e Agronomia: Matemática, Física, Química, História Natural, Sociologia e Desenho. - Circular no. 3.344, completa as instruções constantes da circular no. 1.200 e aprova os programas para o Concurso de Habilitação. O programa para o exame de Literatura, destinado exclusivamente aos candidatos ao curso de Direito, é o mesmo estabelecido no Ciclo Complementar em 1936. - decreto-lei 93 de 21 de dezembro de 1937, cria o Instituto Nacional do Livro (INL) - Clóvis do Rego Monteiro foi nomeado por concurso professor catedrático de Português, em 14 de janeiro de 1937.			
1938	- Manuel Bandeira foi nomeado professor de Literatura do Colégio Pedro II. - decreto-lei 1.006 de 30 de dezembro de 1938, estabelece condições de produção, importação e utilização do livro didático. Foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático, encarregada de examinar, julgar e autorizar o uso dos livros didáticos nas escolas brasileiras. Os livros didáticos autorizados recebiam um número de registro, que deveria ser impresso na capa juntamente com o aviso "Livro de uso autorizado pelo Ministério da Educação e Saúde". Proibindo qualquer obrigatoriedade ou preferência, a escolha de livros didáticos para uso dos alunos passa a ser livre, aos diretores de escolas pré-primárias e primárias, e aos professores, nas escolas normais, profissionais e secundárias, desde que constassem da relação oficial das obras de uso autorizado. - A ***Antologia Nacional*** teve seu uso autorizado pela Comissão Nacional do Livro Didático e recebeu o Registro n°. 429.			
1942	**Reforma do Ministro Gustavo Capanema** - Decreto-lei 4.244 de 9 de abril: Lei Orgânica do Ensino Secundário. Dividiu o ensino secundário em: 1° Ciclo, chamado ginasial, com 4 séries, e 2° Ciclo, de 3 séries, subdividido em clássico e científico. Havia aulas de português em todas as séries do curso secundário, tanto no 1° quanto no 2° ciclo. - Portaria ministerial n. 170 de 11 de julho expediu os programas das disciplinas de línguas e de ciências do curso ginasial. - Portaria ministerial n. 172 de 15 de julho expediu instruções metodológicas para execução do programa de português.			

1942 Decr. 4.244 de 9 abr. Port. nº. 170 de 11 de jul.	1º ciclo - Curso Ginasial Português - Leitura (Far-se-á em trechos, em prosa e em verso, que tenham por assunto principal a família, a escola e a terra natal.), Gramática e Outros Exercícios (vocabulário, ortografia e redação)	1ª Série - 3 h		
	- Leitura (Far-se-á [...] por assunto principal a paisagem e a vida em cada uma das regiões naturais do Brasil.), Gramática e Outros Exercícios (vocabulário, ortografia, redação e versificação)	2ª Série - 3 h		
	- Leitura (Far-se-á [...] que, sempre subordinados à idéia geral de amor ao Brasil, tenham por assunto principal a conquista da terra, o melhoramento dela e a atualidade brasileira.), Gramática e Outros Exercícios (vocabulário, redação e composição, versificação)	3ª Série - 3 h		
	- Leitura (Far-se-á, por já aspirar a constituir uma iniciação literária, em excertos da literatura brasileira e portuguesa, distribuídos em três classes: cartas, prosa literária e poesia.), Gramática e Outros Exercícios (vocabulário, redação e composição, versificação e análise sintática)	4ª Série - 3 h		
1943	- Portaria ministerial n. 87 de 23 de janeiro expediu o programa de português dos cursos clássico e científico do ensino secundário - Decreto-lei 5.186 de 1943, reitera a vigência do acordo ortográfico de 1931-33 e manda publicar novo vocabulário ortográfico, cujo resultado é o *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943. - A 25ª edição da ***Antologia Nacional*** de Fausto Barreto e Carlos de Laet (publicada provavelmente em 1945), revista e aumentada pelo professor Daltro Santos, foi adaptada ao programa de português do 2º Ciclo (clássico e científico), e posta sob as normas da simplificação fixadas pelo *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras.			

1943 Port. nº. 87 de 23 de jan.	2º ciclo - Curso clássico e Curso científico Português - Noções Gerais de Literatura, Gramática, Leitura (Far-se-á em páginas de autores de língua portuguesa, desde trovadores medievais até escritores do século XX) e Outros Exercícios (oral, redação e composição, revisão). - Noções de História da Literatura Portuguesa (Eras medieval, clássica e moderna) Gramática, Leitura (Far-se-á em páginas de autores portugueses de várias eras literárias) e Outros Exercícios (oral, redação e composição, análise literária). - Noções de História da Literatura Brasileira (introdução, era colonial e era nacional), Leitura (Far-se-á em páginas de autores brasileiros de uma e outra era) e Outros Exercícios (oral, redação e composição, análise literária).	1ª Série - 3 h 2ª Série - 3 h 3ª Série - 3 h		
1945	- Publicação da 25ª edição da ***Antologia Nacional*** de Fausto Barreto e Carlos de Laet, anotada e adaptada ao programa do 2º ciclo do curso secundário pelo prof. M. Daltro Santos. - decreto-lei nº. 8.460 de 26 de dezembro de 1945, consolidou a legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático, ratificando o decreto-lei 1.006 de 1938.			
1946 Port. Min. No. 5 de 2 de jan. de 1946	Curso ginasial Português	1ª série - 4 h 2ª série - 3 h 3ª série - 3 h 4ª série - 3 h		
	Cursos Clássico e Científico	1ª série - 3 h 2ª série - 3 h 3ª série - 3 h		

1951 Port. 966 de 2 de out.	Curso Ginasial - Português Leitura e interpretação de excertos breves e fáceis de prosadores e poetas brasileiros dos dois últimos séculos, Redação, Gramática.	1ª Série - 3 h		
	Leitura e interpretação de excertos de prosadores e poetas brasileiros dos dois últimos séculos, Redação, Gramática.	2ª Série - 3 h		
	Leitura e interpretação de textos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses dos dois últimos séculos, Redação, Gramática.	3ª Série - 3 h		
	Leitura e interpretação de textos de prosadores e poetas brasileiros dos dois últimos séculos, Redação, Gramática.	4ª Série - 3 h		
	Curso Colegial - Português Leitura, interpretação, análise literária, comentário gramatical e estudo filológico de textos de autores bras. e port. a partir do século XVIII, Composição, História da Língua Portuguesa, Gramática Histórica.	1ª Série - 3 h		
	Leitura, interpretação, análise literária, comentário gramatical e estudo filológico de textos de autores bras. e port., Composição (prosa e verso), Gêneros literários, Literatura Portuguesa (fases clássicas, romantismo, realismo e naturalismo, parnasianismo e simbolismo, fase contemporânea)	2ª Série - 3 h		
	Leitura, interpretação, análise literária, comentário gramatical e estudo filológico de textos de autores bras. e port., Composição, Literatura Brasileira (fase colonial, romantismo, reação anti-romântica, parnasianismo, simbolismo e movimento modernista)	3ª Série - 3 h		

1961	- Lei 4.024 de 20 de dezembro Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Ensino médio: Ginasial - 4 anos e Colegial - 3 anos) - Português, matemática, história, geografia e ciências compõem as disciplinas obrigatórias do currículo do ensino médio, enquanto que, desenho, latim e uma língua estrangeira moderna, passam a ser oferecidas como disciplinas complementares, organizadas com outras disciplinas, também complementares (organização social e política brasileira, no ginásio; física, química, biologia e filosofia, no colegial) em três tipos de currículo. - Sem a obrigatoriedade, o ensino de latim tende a desaparecer.			
1961	Curso Ginasial Português expressão oral (leitura de textos simples, em prosa e verso, descritivos, de autores brasileiros dos dois últimos séculos); expressão escrita (exercícios e redação) e gramática expositiva expressão oral (textos descritivos, narrativos e dissertativos, de prosadores e poetas modernos, brasileiros e portugueses); expressão escrita (exercícios e redação) e gramática expositiva	1ª Série - 5h 2ª Série - 5h 3ª Série - 5h 4ª Série - 5h		
	Curso Colegial Português (estudo mais aprofundado da gramática expositiva, gramática histórica, análise literária de textos das diversas fases da literatura brasileira e portuguesa)	1ª Série - 4h 2ª Série - 4h 3ª Série - 4h		
1969	- Publicação da última edição da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (a 43ª edição)			
1971	- lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, traçou novas "Diretrizes e Bases" para a educação nacional. - Juntou os antigos primário e ginásio, formando o ensino fundamental de 1º Grau (composto de 8 séries); e o colegial (composto de 3 séries) e o colegial técnico (com 4 séries) compuseram o ensino secundário, denominado de 2º Grau. - As disciplinas foram distribuídas em áreas: comunicação e expressão, estudos sociais e ciências. - O latim foi eliminado do currículo do 1º e do 2º grau.			
1971 Lei 5.692 11 ago.	1º Grau Comunicação e expressão Comunicação em Língua Portuguesa	1ª à 5ª série 6ª à 8ª série		
	2º Grau Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	1ª à 3ª série		

Summary

In order to understand the ***Antologia Nacional*** (1895-1969) by Fausto Barreto and Carlos de Laet, a school selection used for more than seventy years, a historical study of Portuguese Language and Literature instruction in Brazilian secondary schools was carried out, taking as a reference the *Teaching Programs* of Colégio Pedro II (a model Brazilian secondary school) and the appropriate teaching legislation.

Until 1931, the completion of a secondary education was not obligatory to begin a superior education; selection for the latter was carried out through "Preparatory Examinations". This meant that, in practice, the curriculum for secondary school courses was dependent on these examinations.

Until 1869 Portuguese language instruction was insignificant in the secondary school curriculum, where the classics, above all Latin, prevailed. After 1869, when a Portuguese language examination was included in the Preparatory Examinations, Portuguese language instruction rose in importance among the disciplines at Colégio Pedro II; the development of these disciplines was constant, albeit subject to variations.

Brazilian Literature was taught as part of the Rhetoric and Poetry curriculum, a discipline required in the Preparatory Examinations for Law faculties until 1890 when it was excluded from the examinations and secondary school instruction. In its place The History of Brazilian Literature was taught, whose absence from the Preparatory Examinations also caused its removal from secondary instruction (1911).

The ***Antologia Nacional*** (1895) was created soon after the Declaration of the Republic in Brazil, a time when the winds of change blew towards the formation of a national culture in Brazilian education, giving a patriotic role to the instruction of Literature and the Portuguese Language.

The organization of the ***Antologia Nacional*** (officially adopted in Portuguese classes) and it's editorial success reflect the nationalist era and the centralization of secondary education starting with Colégio Pedro II, whose programs and textbooks became a legal reference for the rest of the secondary schools, both public and private.

The authors and excerpts (Brazilian and Portuguese) chosen for the ***Antologia Nacional*** were presented in a modern manner, divided into historical periods (and not by genres, as before), set out in reverse chronological order, "from the 19th to the 16th Century", emphasizing contemporary Brazilian authors (being described separately from the Portuguese authors), where the vernacular study began.

The compulsory adoption (by 1930) and successive re-printings (the 43rd, and last, in 1969) indicate that the ***Antologia Nacional*** was an "intensively" read book by various generations of Brazilians who passed through the secondary education system.

The small importance given to Brazilian literature in the secondary education curriculum, resulting from the former's absence from the Preparatory Examinations, maximized the role of the ***Antologia Nacional*** in the transmission and conservation of Brazilian literature, making the work a representative of the nation. The significant inclusion of contemporary Brazilian authors and the placing of the ***Antologia Nacional*** in the final grades of secondary schools reinforced it's ties to Brazilian literature, made part of the curriculum for Portuguese and the Brazilian university entrance examinations in 1943.

Legislation in 1971 changed the "well spoken and well written" *anthological* texts to a profusion of texts from different origins that transmitted the efficiency of communication and the comprehension of the "Brazilian Culture", scraping the ***Antologia Nacional***, which was until then the diffuser and reproducer of the Portuguese-Brazilian "vernacularity".

Key Words: 1. Anthologies. 2. Secondary Education – Brazil – History. 3. Portuguese language – Books. 4. Literature and History. I. Lajolo, Marisa Philbert. II. State University of Campinas. Institute of Language Studies. III. Title.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1) Obras de Referência:

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1883-1902. 7 vol.

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, 2. v., Lisboa, Verbo, s.d.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, 5. v., Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda., s.d.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português. Estudos Aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1923. 22 vol.

2) História da Educação Brasileira:

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. *História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)*. São Paulo, EDUC, Brasília, INEP/MEC, 1989.

BICUDO, Joaquim de Campos. *O ensino secundário no Brasil e sua atual legislação (de 1931 a 1941 inclusive)*. São Paulo: Associação de Inspetores Federais de Ensino Secundário, 1942.

CARVALHO, Guido Ivan de. *Ensino Superior: legislação e jurisprudência*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

DODSWORTH, Henrique. *Cem Anos de Ensino Secundário no Brasil (1826-1926)*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1968.

DORIA, Escragnolle. *Memória Histórica Comemorativa do 1° Centenário do Colégio de Pedro Segundo*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1937.

Ensino secundário no Brasil: organização, legislação vigente, programas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Editora A Noite,1952.

FONTOURA, Amaral. *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1968.

HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. *O Ensino Secundário no Império Brasileiro*. São Paulo: Grijalbo/Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

MOACYR, Primitivo. *A Instrução e o Império*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1941. 3 vol.

_____. *A Instrução e a República*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1941. 5 vol.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU/Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

NUNES, Maria Thetis. *Ensino secundário e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1962.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

3) Programas de Ensino e Leis:

3.1.) Programas

Programa dos exames de 1850 no Imperial Colégio de Pedro Segundo. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1850.

Programa dos exames de 1851 no Imperial Colégio de Pedro Segundo. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1851.

Programa do Ensino da Instrução Secundária do Município da Corte, tanto no Internato como no Externato do Imperial Colégio de Pedro II, organizado pelo Conselho Diretor, e aprovado pelo Aviso da Secretaria de Estado dos Negócios do Império de 23 de janeiro de 1858. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1858.

Imperial Colégio de Pedro II; Programa do Ensino para o ano letivo de 1860, organizado pelo Conselho Diretor da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, segundo o Plano de Estudos, e na forma do artigo 29 do Regulamento que baixou o Decreto n. 2.006 de 24 de outubro de 1857. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1860.

Imperial Colégio de Pedro II; Programa do Ensino para o ano letivo de 1862, organizado pelo Conselho Diretor da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, e na forma do artigo 29 do regulamento de 24 de outubro de 1857, e segundo o plano de estudos que baixou o Decreto n. 2.883 de 1° de fevereiro de 1862. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1862.

Imperial Colégio de Pedro II; Programa do Ensino para o ano letivo de 1863, organizado pelo Conselho Diretor da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, e na forma do artigo 29 do regulamento de 24 de outubro de 1857, e segundo o plano de estudos que baixou o Decreto n. 2.883 de 1° de fevereiro de 1862. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1863.

Imperial Colégio de Pedro II; Programa do Ensino para o ano letivo de 1865, organizado pelo Conselho Diretor da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, e na forma do artigo 29 do regulamento de 24 de outubro de 1857, e segundo o plano de estudos que baixou o Decreto n. 2.883 de 1° de fevereiro de 1862. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1865.

Plano e Programa de Ensino do Imperial Colégio de Pedro II. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1870.

Plano e Programa do Ensino no Imperial Colégio de Pedro II de conformidade com o Decreto n. 6130 de 1° de março de 1876. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1877.

Programa do Ensino do Imperial Colégio de Pedro II organizado de conformidade com o art. 10 do Regulamento anexo ao Decreto n. 6884 de 20 de abril de 1878 e aprovado pelo Aviso do Ministério dos Negócios do Império de 22 de julho de 1879. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1879.

Programa do Ensino do Imperial Colégio de Pedro II organizado de conformidade com o art. 8° do Decreto n. 8051 de 24 de maio de 1881 e aprovado pelo Aviso do Ministério do Império de 11 de maio de 1881. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881.

Programa do Ensino do Imperial Colégio de Pedro II organizado de conformidade com o parágrafo 1° do art. 2° do Decreto n. 8227 de 24 de agosto de 1881 e aprovado pelo Aviso do Ministério do Império de 23 de março de 1882. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1882.

Programa de Ensino do Ginásio Nacional no Ano de 1892. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1892.

Programa de Ensino do Ginásio Nacional no Ano de 1893. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893.

Programa de Ensino do Ginásio Nacional; de acordo com o Regulamento aprovado pelo Decreto n. 1652 de 15 de janeiro de 1894 para o ano de 1895. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895.

Programa de Ensino do Ginásio Nacional; de acordo com o Regulamento aprovado pelo Decreto n. 1652 de 15 de janeiro de 1894 para o ano de 1896. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896.

Programas provisórios do Ginásio Nacional para o ensino no ano letivo de 1898; organizados de acordo com o Regulamento n. 2.858 de 30 de março de 1898. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.

Programa do Ensino do Ginásio Nacional; de acordo com o Regulamento aprovado pelo decreto n. 3251 de 8 de abril de 1899 - para os anos de 1899, 1900 e 1901. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.

Programa do Ensino do Ginásio Nacional; de acordo com o Regulamento aprovado pelo decreto n. 3914 de 26 de janeiro de 1901 - para os anos de 1901, 1902 e 1903 e 1904, 1905 e 1906. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

Programas de Ensino/ Colégio Pedro II/ 1912. Rio de Janeiro: Empresa Fotomecânica do Brasil, 1912.

Programas de Ensino do Colégio Pedro II . Rio [de Janeiro]: Revista dos Tribunais, 1916.

Programas de Ensino do Colégio Pedro II; para o ano de 1919. Rio de Janeiro: Tipografia Rev. dos Tribunais, 1919.

Programas de Ensino do Colégio Pedro II; para o ano de 1926. Rio de Janeiro: Tipografia de A Encadernadora, 1926.

Programas de Ensino do Colégio Pedro II; para o ano de 1928. Rio [de Janeiro]: Tipografia de Encadernadora, 1928.

Programas de Ensino do Colégio Pedro II; para o ano de 1929. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929.

Programas de Ensino do Colégio Pedro II; para o ano de 1930. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930.

3.2.) Leis:

Coleção das Decisões do Governo do Império do Brasil. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1857.

Coleção das Leis do Império do Brasil de 1886. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886.

Decretos do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890-1891.

Decisões do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, fasc. 1, 1892.

Atos do Poder Executivo. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1911.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Rio de Janeiro: Coleção A.E.C., 1965.

Diretrizes e Bases da Educação Nacional. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado S/A, 1981.

4) Livros Didáticos:

Legenda das Bibliotecas onde foram consultados os livros:

BMMA - Biblioteca Municipal Mário de Andrade (SP)
FFLCH -USP - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (SP)
FD-USP - Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (SP)
IEB - Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (SP)
IEL-UNICAMP - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (SP)
NUDOM - Núcleo de Documentação do Colégio Pedro II (RJ)
RGPL - Real Gabinete Português de Leitura (RJ)

Aprendei a Língua Vernácula. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & C., 1893. **RGPL**

AULETE, F. Júlio Caldas. *Gramática Nacional Elementar*. 3. ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1866. **FD-USP**

_____. *Seleta Nacional. Curso Prático de Literatura Portuguesa*. (Primeira Parte - Literatura). Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1873. **RGPL**

_____. _____. 17. ed. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1909. **IEL-UNICAMP**

_____. *Seleta Nacional. Curso Prático de Literatura Portuguesa*. (Segunda Parte - Oratória). Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1875. **RGPL**

_____. _____. 3. ed. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1915. **IEL-UNICAMP**

_____. *Seleta Nacional. Curso Prático de Literatura Portuguesa*. (Terceira Parte - Poesia). 6. ed. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1912. **IEL-UNICAMP**

BARBOZA, Jerônimo Soares. *As Duas Línguas ou Gramática Filosófica da Língua Portuguesa, comparada com a latina, para ambas se aprenderem ao mesmo tempo*. Coimbra, Real Impressão da Universidade, 1807. **NUDOM**

_____. *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa, ou Princípios da Gramática Geral aplicados à nossa linguagem*. 2. ed. Lisboa: Tip. da Academia Real das Ciências, 1830. **NUDOM**

BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. *Antologia Nacional ou Coleção de excertos dos Principais Escritores da Língua Portuguesa Do 19° ao 16° Século*. Rio de Janeiro, Livraria J. G. de Azevedo, 1895. **RGPL**

_____. _____. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria J. G. de Azevedo, 1896. **RGPL**

_____. _____. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria da Viúva Azevedo & C., 1901. **RGPL**

_____. _____. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria da Viúva Azevedo & C., 1903. **NUDOM**

_____. _____. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves/ Livraria da Viúva Azevedo & C., 1909.

_____. _____. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1913.

_____. _____. 12. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927.

_____. _____. 22. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1939.

_____. _____. 33. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1956.

_____. _____. 42. ed., Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1966.

BARRETO, Fausto e SOUZA, Vicente de. *Seleção Literária de Alguns dos principais escritores da língua portuguesa do século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: J. G. de Azevedo, 1887. **NUDOM**

_____. _____. 2. ed. Rio de Janeiro, J. G. de Azevedo, 1891. **FD-USP**

BRAGA, Joaquim Teófilo Fernandes. *Manual da História da Literatura Portuguesa.* Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, 1875. **IEB**

_____. *Antologia Portuguesa. Trechos seletos coordenados sob a classificação dos gêneros literários e precedidos de uma poética histórica portuguesa.* Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, 1876. **FFLCH -USP**

BRANCO, Camilo Castelo. *Curso de Literatura Portuguesa.* Lisboa: Livraria Ed. de Mattos Moreira & Cia., 1876, v. 2.

CAMPOS, Agostinho de. *Paladinos da linguagem.* Paris/Lisboa: Librarias Aillaud e Bertrand, 1921. **FFLCH -USP**

CARVALHO, Francisco Freire de. *Lições elementares de eloqüência nacional.* Rio de Janeiro: Eduardo Laemmert, 1834. **RGPL**

_____. *Lições elementares de Poética nacional.* Lisboa: Tip. Rollandiana, 1840. **RGPL**

CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Tratado de Metrificação Portuguesa para em pouco tempo, e até sem mestre, se aprenderem a fazer versos de todas as medidas e composições.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1851. **RGPL**

CASTILHO, José Feliciano de. *Íris Clássico.* 5. ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1868. **FD-USP**

COELHO, Francisco Adolfo. *Curso de Literatura Nacional Para Uso dos Liceus. I - A Língua Portuguesa.* 2ª edição. Porto, Magalhães & Moniz Editores, 1887. **FFLCH -USP**

DIAS, J. Simões. *História da Literatura Portuguesa.* 11. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & C., 1909.

DILERMANDO, Cyrillo. *Exercícios de Análise Lexicográfica ou gramatical e de análise sintática e lógica.* Rio de Janeiro: Tip. Quirino & Irmão, 1870. **RGPL**

FERREIRA, José Maria de Andrade. *Curso de Literatura Portuguesa.* Lisboa: Livraria Ed. de Mattos Moreira & Cia., 1876, v. 1.

FIGUEIREDO, Antonio Cardoso Borges de. *Lugares Seletos dos Clássicos Portugueses nos principais gêneros de discurso prosaico, para uso das escolas.* Coimbra: Imprensa da Universidade, 1845. **RGPL**

FONSECA, José da. *Prosas Seletas ou Escolha dos Melhores Lugares dos Autores Portugueses antigos e modernos.* Paris: Livraria Europa Baudry, 1837. **RGPL**

F.T.D. *Noções Gerais de Literatura* (Coleção de Livros Clássicos F. T. D./ Deus - Pátria - Família). São Paulo: Livraria Francisco Alves/Paulo Azevedo & C., 1929.

GOMES, Alfredo. *Gramática Portuguesa.* 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria J. G. de Azevedo, 1895. **RGPL**

HONORATO, Cônego Manoel da Costa. *Compêndio de Retórica e Poética.* 4. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Cosmopolita, 1879. **FD-USP**

MACIEL, Maximino de Araújo. *Gramática Analítica baseada nas doutrinas modernas.* Rio de Janeiro: Tip. Central, 1887. **RGPL**

MASSARELLOS, Pedro Gabe de. *Pequena Crestomatia Portuguesa.* Hamburgo: F. H. Nestler, 1809. **RGPL**

MENEZES, Francisco de Paula. *Nova Retórica de J. Vict. Le Clerc.* Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1856. **RGPL**

MONTEIRO, Clóvis. *Nova antologia brasileira.* 15. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1960.

MORAIS FILHO, Mello. *Curso de Literatura Brasileira.* 4. ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1902. **FFLCH-USP**

OLIVEIRA, Bento José de. *Nova Gramática Portuguesa compilada de nossos melhores autores e coordenada para uso das escolas.* 12. ed. Coimbra, Livraria J. Augusto Orcel, 1879. **RGPL**

PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. *Curso Elementar de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Garnier, 1862. **IEB**

_____. *Meandro Poético*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

_____. *Resumo de História Literária*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, s/d. 2 vol. **IEB**

PONTES, Antonio Marciano da Silva. *Nova Retórica Brasileira*. Rio de Janeiro: E. & H. Laemmert, 1860. **RGPL**

REIS, Francisco Sotero dos. *Postilas de Gramática Geral, aplicada à língua portuguesa pela análise dos clássicos, ou guia para a construção portuguesa*. 3. ed. Maranhão, s/e, 1870. **RGPL**

RIBEIRO, Júlio. *Gramática Portuguesa*. São Paulo: Tip. Jorge Seckler, 1881. **RGPL**

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1902, 2 vol.

ROQUETTE, José Inácio. *Ornamentos da Memória e Exercícios Seletos para formar o bom gosto e verdadeiro estilo pela língua portuguesa, extraídos dos melhores clássicos em prosa e verso, complemento necessário da educação da mocidade portuguesa e brasileira*. Paris: Livraria Portuguesa de J.-P. Aillaud, 1849. **RGPL**

_____. _____. Novíssima edição revista, correta e aumentada com 125 trechos e com uma Crestomatia de Português Antigo pelo Dr. José Manoel Garcia. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1877. **RGPL**

SÃO LUIZ, Frei Francisco de. *Ensaio Sobre Alguns Sinônimos da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1840. **RGPL**

SILVA JÚNIOR, Pacheco da e ANDRADE, Lameira de. *Noções de Gramática Portuguesa* (de acordo com o programa oficial para os exames gerais de preparatórios do corrente ano). Rio de Janeiro: J. G. de Azevedo, 1887. **IEL-UNICAMP**

VERGUEIRO e PERTENCE. *Compêndio da Gramática Portuguesa acomodado ao uso das escolas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1861. **RGPL**

WERNECK, Eugênio. *Antologia Brasileira*. 12. ed.Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927.

WOLF, Ferdinand. *Le Brésil Littéraire*. Berlim: Asher, 1863. **BMMA**

5) Obras Gerais:

A população do Brasil: dados censitários - 1872/1950. Rio de Janeiro: IBGE, Conselho Nacional de Estatística, 1958.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (Org.) *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. "O Fardo dos Bacharéis". *Novos Estudos CEBRAP*. n. 19. São Paulo: dez/1987.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Obras Completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. 3 vol.

AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

BANDEIRA, Manuel. *Obras completas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 2. ed., São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. *Araripe Júnior: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 2 vol.

_____. *O método crítico de Silvio Romero*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CÉSAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do romantismo*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRARD, Jean. *Discursos sobre a Leitura - 1880-1980*. São Paulo: Ática, 1995.

COHEN, Jean et alii. *Pesquisas de Retórica*. Trad. Leda P. Mafra Iruzum. Petrópolis, Vozes, 1975.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, s/d. [Original em inglês: Literary Theory, 1983.]

FRAISSE, Emmanuel. *Les anthologies en France*. Paris: PUF-Presses Universitaires de France, 1997.

GUIMARÃES, Eduardo e ORLANDI, Eni Puccinelli (Orgs.). *Língua e Cidadania*. Campinas: Pontes, 1996.

HALLEWELL, Lawrence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ T. A. Queirós, 1985.

História da vida privada no Brasil: Império. Luiz Felipe de Alencastro (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1997

Histórico da Livraria Francisco Alves (seguido de uma relação completa das obras publicadas desde o início de suas atividades editoriais). Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1954.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios*. 1875-1914. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

JAMESON, Fredric. *O inconsciente político*. São Paulo: Ática, 1992.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1984

_____. *Um Brasil para crianças*. São Paulo: Global, 1986

_____. *A leitura rarefeita. Leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. *Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LOPES, Pe. Francisco Leme. *Carlos de Laet: textos escolhidos*. (Coleção Nossos Clássicos) Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1964.

MALVEIRA, Antonio Nunes. "Fausto Carlos Barreto o reformador dos estudos da língua portuguesa". In. *Cadernos Avulsos da Biblioteca do Professor do Colégio Pedro II*. (Fausto Carlos Barreto - Teses de Concurso). Rio de Janeiro: Caderno n. 4, 1984.

MAYER, Arno J. *A força da tradição. A persistência do Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à Filologia Portuguesa*. "O Problema Ortográfico". Rio de Janeiro, Organização Simões, 1951.

MOREIRA, Maria Eunice. *Nacionalismo literário e crítica romântica*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1991.

NAVA, Pedro. *Balão Cativo*. Memórias 2. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Chão de Ferro*. Memórias 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed., 1976.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1877. Lisboa: Lallemant Frères, 1877.

RAZZINI, Marcia P. G. *Antologia Nacional (1895-1969) Museu Literário ou Doutrina?* Dissertação (Mestrado em Letras) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1992.

_____. "A morte de Lindóia e a morte de Moema enquanto excertos formadores do gosto literário na escola". V Seminário Nacional Mulher & Literatura, Natal, UFRN, set. 1993.

_____. "A história literária e a formação de leitores" *Revista Brasileira de Literatura Comparada* Associação Brasileira de Literatura Comparada. São Paulo: n. 2, maio, 1994.

_____. [Ferdinand Denis] "Um compadre do Brasil no século XIX". Porto Alegre: *Letras de Hoje*, n. 101, set./1995.

_____. "Imagens de Tomás Antonio Gonzaga no século XIX". Revista *Horizontes*/ Universidade São Francisco. v. 15 (1997). Bragança Paulista, Edusf, 1997.

RIBEIRO, Júlio. *Procelárias*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, s/d.

ROMERO, Silvio. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1897.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em Berço Esplêndido*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

_____. *O espetáculo das raças - Cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. *Que Horas são? : ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Sinopse do Recenseamento Realizado em 1 de Setembro de 1920, População do Brasil, "Coeficientes da população dos Estados do Brasil em 1872, 1890 e 1920 segundo o grau de instrução e a idade". Rio de Janeiro: Imprensa Estatística, s/d.

SILVA, João Manuel Pereira da. *Parnaso Brasileiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1843-1848. 2 v.

SOUSA, José Galante de. *O Teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC-INL, 1960.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloqüência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilégio da poesia brasileira*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1850-1853. 3 v.

ANEXO I

Programas de Ensino do Colégio Pedro II
(PORTUGUÊS E LITERATURA)

1850, 1851, 1858, 1860, 1862, 1863, 1865, 1870, 1877, 1879, 1881, 1882, 1892, 1893, 1895, 1897, 1898, 1912, 1915, 1916, 1917, 1926, 1929, 1930

1850

1° ANO

Gramática Nacional

1. Definição de gramática, partes da oração e formação de plurais.
2. Adjetivos e suas espécies; formação do feminino.
3. Superlativos e pronomes.
4. Ser.
5. Haver.
6. Ter.
7. Louvar.
8. Entender.
9. Dividir.
10. Verbos passivos.
11. Estar.
12. Dar.
13. Buscar.
14. Rogar.
15. Saber.
16. Caber.
17. Dizer.
18. Ler.
19. Valer.
20. Eleger.
21. Perder.
22. Fazer.
23. Desfazer.
24. Poder.
25. Querer.
26. Trazer.
27. Ver.
28. Ir.
29. Vir.
30. Pedir.
31. Medir.
32. Ouvir.
33. Subir.
34. Servir.
35. Conduzir.
36. Pôr.
37. Compor.
38. Advérbios.
39. Preposições.
40. Conjunções e interjeições.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

6° ANO

Retórica

1. Do Gosto em geral e seus elementos essenciais.
2. Caracteres dos Gosto perfeito e suas variações em geral.
3. Da diversidade e oposição dos Gostos.
4. Da Crítica.
5. Diferença do Gosto, Talento e Gênio.
6. Sublime nos Objetos.
7. Sublime moral e sentimental - Opinião de Addison sobre as causas do Sublime.

8. Sublime no Estilo - Opinião de Longino.
9. Do belo nas cores, formas e movimentos.
10. Do belo na fisionomia humana.
11. Do belo na Eloqüência e Poesia.
12. Do Estilo em geral e suas principais qualidades.
13. Da pureza, propriedade e precisão do Estilo.
14. Construção das frases - Período - Estilo periódico e conciso.
15. Da clareza e precisão da frase.
16. Da unidade do período, sua utilidade.
17. Da força na construção da frase: assyndeton.
18. Da Harmonia: como a consideravam os antigos.
19. Condições de que depende a Harmonia na frase.
20. Expressão dos sons: Harmonia imitativa: Onomatopéia.
21. Dos tropos e figuras em geral.
22. Da origem, natureza e progressos da linguagem figurada.
23. Da utilidade das figuras, da graça e beleza que dão ao Estilo.
24. Metonímia, Sinédoque e Metalese.
25. Metáfora em geral.
26. Regras para o emprego da Metáfora.
27. Personificação e seus dois primeiros graus.
28. Do terceiro grau da personificação, ou da Prosopopéia propriamente dita.
29. Da Semelhança ou Comparação.
30. Regras que se devem observar no emprego da Semelhança.
31. Da Antítese e Amplificação.
32. Do estilo figurado e do abuso que dele se pode fazer.
33. Do estilo conciso e desenvolvido.
34. Do estilo nervoso, frouxo, polido e elegante.
35. Do estilo simples em geral e do veemente.
36. Composição do discurso e do exórdio em geral.
37. Utilidade do exórdio; suas regras.
38. Da partição e narração.
39. Das provas.
40. Do epílogo ou do patético no discurso.

7° ANO

Retórica

1. Poesia, sua origem e progresso.
2. [idem]
3. Poesia pastoril, suas regras.
4. [idem]
5. Poesia lírica em geral.
6. Do entusiasmo poético; Poetas líricos conhecidos.
7. Poesias didáticas em geral.
8. Sátira e epístola.
9. Poetas que se distinguiram no gênero didático.
10. Poesia descritiva, suas regras.
11. [idem]
12. Poesia épica.
13. [idem]
14. [idem]
15. Ilíada de Homero.
16. [idem]
17. Odisséia de Homero.
18. Eneida de Virgílio.
19. [idem]

20. Farsalia de Lucano.
21. Jerusalén Libertada de Tasso.
22. [idem]
23. [idem]
24. Orlando Furioso de Ariosto.
25. Lusíadas de Camões.
26. [idem]
27. [idem]
28. Telemaco de Fenelon.
29. Henriada de Voltaire.
30. Paraiso Perdido de Milton.
31. Caramurú de Durão.
32. [idem]
33. Poesia dramática, Tragédia.
34. [idem]
35. [idem]
36. Diferença entre as tragédias antiga e moderna.
37. Trágicos antigos e modernos.
38. Poesia dramática. Comédia.
39. [idem]
40. Cômicos antigos e modernos.

1851

1° ANO
Gramática Nacional [idem a 1850].

6° ANO
Retórica [idem a 1850, com exclusão da antítese e inclusão da hipérbole].

7° ANO
Retórica [idem a 1850, com o acréscimo de *O Uraguai* de José Basílio da Gama].

1858

1° ANO
Português
Gramática, Leitura, Recitação e Exercícios Ortográficos.
Cyrillo Dilermando - *Gramática da Língua Portuguesa.*
Fr. Francisco de S. Luiz - *Sinônimos.*
Barker - *Biblioteca Juvenil.*
Padre Antonio Vieira - *Cartas Seletas.*
Padre Caldas - *Poesias escolhidas.*

6° ANO
Retórica e Poética

Princípios de Retórica e Poética exemplificados com as melhores passagens dos autores antigos e modernos, especialmente portugueses e brasileiros.

1. Definição, natureza e vantagens da Eloqüência e da Retórica.
2. Da invenção.
3. Da disposição.
4. Da elocução.
5. Do ornato oratório e seus graus.
6. Dos tropos e figuras.
7. Do estilo.
8. Regras especiais sobre os três gêneros de Eloqüência.
9. Definição, origem e utilidade da Poesia.
10. Do gênero Epigramático.
11. Idem Didático.
12. " Lírico.
13. " Elegíaco.
14. " Dramático.
15. " Bucólico.
16. Do Épico.
17. Da metrificação.
18. Do gosto, do belo e do sublime.
19. Da crítica literária.
20. Juízo acerca das escolas clássica e romântica.

Livros: Nova Retórica de Victor Le Clerc - trad. pelo Dr. F. Paula Menezes e
Lições Elementares de Poética Nacional por F. Freire de Carvalho.

7° ANO

Retórica e Poética

Exercícios de composição, tanto em prosa como em verso; análise crítica dos clássicos portugueses; discursos e narrações, declamações, história da literatura portuguesa e nacional.

Enquanto não houver um compêndio próprio, o Professor fará em preleções um curso de literatura antiga e moderna, especialmente da portuguesa e brasileira.

Versará o exame oral nas generalidades da literatura, e o escrito na análise de algumas das obras que tiverem sido apreciadas durante o ano.

1860

1° ANO

Português

Gramática, Leitura, Recitação e Exercícios Ortográficos.
Cyrillo Dilermando - *Gramática da Língua Portuguesa.*
Fr. Francisco de S. Luiz - *Sinônimos.*
José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha - *Íris Clássico.*
Padre Caldas - *Poesias escolhidas.*

6° ANO

Retórica e Poética [idem a 1858, com a entrada do compêndio *Nova Retórica Brasileira* de Antonio Marciano da Silva Pontes (em sua falta Le Clerc)]

7° ANO

Retórica, Poética, Literatura Nacional e Gramática Filosófica.

Exercícios de composição, tanto em prosa como em verso; análise crítica dos clássicos portugueses; discursos e narrações, declamações, história da literatura portuguesa e nacional.

Enquanto não houver um compêndio próprio, o Professor fará em preleções um curso de literatura antiga e moderna, especialmente da portuguesa e brasileira.

Versará o exame oral nas generalidades da literatura, e o escrito na análise de algumas das obras que tiverem sido apreciadas durante o ano

Literatura Nacional

1. Origem da língua portuguesa.
2. Noção e divisão da sua literatura.
3. Desenvolvimento e progressos durante as duas primeiras épocas.
4. Poetas líricos.....
5. Idem didáticos.....
6. " épicos.....
7. " dramáticos. ..... do século áureo
8. " moralistas e historiadores.....
9. " viajantes e romancistas. .....
10. Poetas épicos Portugueses.....
11. Idem líricos Brasileiros.....
12. Historiadores, biógrafos e oradores Portugueses..... da decadência
13. Cronistas Brasileiros.....
14. Poetas líricos Portugueses.....
15. Idem Brasileiros.....
16. Dramáticos Portugueses.....
17. Idem épicos Brasileiros..... do renascimento
18. Idem idem Portugueses.....
19. Historiadores, biógrafos e monógrafos Portugueses.....
20. Idem Brasileiros.....
21. Oradores Portugueses.....
22. Idem Brasileiros.....do renascimento
23. Influência da escola Petrarquista sobre a literatura portuguesa
24. Idem da gongorista
25. Causas da decadência da literatura portuguesa
26. Idem do seu renascimento no 18° século
27. Influência da Arcádia e da Academia Real das Ciências
28. Escola francesa e reação arcaística
29. Natureza e reforma de Garrett
30. Idem do Sr. Magalhães

Livro: Postila do Professor.

Gramática Filosófica

1. O que se deve entender por Gramática Filosófica?
2. Da Ortoépia da língua portuguesa.
3. Da Ortografia " "
4. Da Etimologia. " "
5. Da Sintaxe. " "
6. Das Inversões e Transposições.
7. Dos Solecismos.
8. Da Análise Lógica.
9. Idem gramatical.

10. Aplicação dos princípios às lições dos clássicos
Livro: Preleções do Professor.

1862

1° ANO
Português [idem a 1860, com a entrada das *Poesias sacras* do Padre Caldas, no lugar de suas *Poesias escolhidas*].

6° ANO
Gramática Filosófica e Retórica.
Gramática Filosófica [idem a 1860]
Retórica
1. Diferenças entre a eloqüência e a Retórica. Sua História
2. Graus e gêneros diversos de Eloqüência.
3. Partes do Discurso.
4. Virtudes e vícios da Elocução.
5. Graus d'Ornato (a) Pinturas.
6. " " (b) Conceitos.
7. " " (c) Adornos.
8. Figuras de pensamento.
9. Idem de palavras.
10. Do Estilo.
Livro: A . M. da Silva Pontes - Nova Retórica Brasileira.

7° ANO
Poética e Literatura Nacional
Poética
1. Definição e Origem da Poesia.
2. Da Metrificação.
3. Do gênero lírico.
4. " " didático.
5. " " épico.
6. " " dramático (a) tragédia.
7. " " " (b) comédia.
8. " " " (c) drama.
9. Da crítica literária.
10. Do Gosto, Belo e Sublime.
Livro: Francisco Freire de Carvalho - Lições de Poética.

Literatura Nacional
1. Definição e divisão da Literatura.
2. Origem e desenvolvimento da portuguesa.
3. Escola trovadorista.
4. Escola petrarquista.
5. " gongorista.
6. " arcaica.
7. " francesa.
8. " romântica.
9. Características das composições portuguesas e brasileiras.

10. Tendências da nova literatura.
Livro: Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro - Curso Elementar de Literatura Nacional.

1863

1° ANO
Português [idem a 1862]

6° ANO
Gramática Filosófica e Retórica [idem a 1862]

7° ANO
Poética e Literatura Nacional [idem a 1862]

1865

[Ofício de 30 de janeiro de 1865, assinado por Joaquim Caetano da Silva, Inspetor Geral interino da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, e endereçado ao Ministro José Liberato Barroso, propondo o plano de estudos do Colégio Pedro II, plano que foi aprovado pelo Ministério dos Negócios do Império por Aviso de 15 de fevereiro de 1865, colocado antes do *Programa de Ensino* de 1865.]

Rio de Janeiro, - Inspetoria Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte em 30 de janeiro de 1865.

Ilm. e Exm. Sr. - Em observância dos arts. 29 e 11 do Regulamento anexo ao Decreto n. 2.006 de 24 de Outubro de 1857, e na forma do Decreto n. 2.883 de 1° de Fevereiro de 1862, tenho a honra de submeter à aprovação de V. Ex., de acordo unânime com o Conselho Diretor, reunido em 26 de Dezembro último, e em 13, 16 e 23 de Janeiro corrente, o Programa de ensino do Imperial Colégio de Pedro II para o na de 1865, e a Tabela das aulas.

Apresenta o Programa as seguintes reformas.

Quanto à HISTÓRIA ANTIGA (incluindo nela a Romana): Introdução do recém-impresso Compêndio do respectivo professor, o Dr. Moreira de Azevedo, que o ano passado o ditava em postilas.

Quanto à RETÓRICA: Introdução do Compêndio de Francisco Freire de Carvalho, o qual, bem como o de Poética do mesmo autor, já de anos admitido no Colégio Imperial, é por certo, não só luminoso resumo dos melhores preceitos, mas também (predicado importantíssimo) modelo de linguagem.

Quanto ao PORTUGUÊS, que os dois citados Decretos só contemplam no 1° ano de estudos: Introdução de bons exemplares em todos os anos, para irem servindo subsidiariamente nas aulas das outras línguas, e na de Retórica e Poética, enquanto a falta de meios não permitir, para os anos 2° a 4° e 5° a 7°, a criação de duas cadeiras especiais da língua que mais nos cumpre saber, e que nos nossos estabelecimentos de instrução menos se ensina. [grifos meus]

Estes são os autores escolhidos com tal intuito:

2° Ano. Nas aulas de francês e latim: *Manoel Bernardes*, na Livraria Clássica Portuguesa de Castilhos (Antonio e José).

3° Ano. Nas aulas de francês, inglês e latim: o mesmo insigne *Manoel Bernardes* do 2° ano.

4° Ano. Nas aulas de francês, inglês e latim: *Fernão Mendes Pinto*, na mesma Livraria Clássica Portuguesa de Castilhos (Antonio e José).

5° Ano. Nas aulas de inglês e latim: *Harmonias da Criação*, pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, natural da Bahia; atualmente admitido na aula de francês do 4° ano de estudos.

6° Ano. Na aula de latim: *Vieira, Cartas escolhidas* pelo P. Roquete. Na de retórica: Lucena, *História da Vida do Padre Francisco de Xavier*.

7° Ano. Na aula de latim: *Os Lusíadas* de Camões. Na de poética: *Virgílio Brasileiro*, por Manuel Odorico Mendes, natural do Maranhão.

Quanto ao LATIM, e mais idiomas estranhos:

1° Na conformidade do Aviso de 2 de Julho de 1864, reintegração da *Gramática* do Dr. Castro Lopes no primeiro ano de latim.

2° Nas aulas de latim do 2° ao 7° ano, introdução das bem conhecidas *Seletas* de Chompré, cuja variedade de escritores, e consequentemente de frase, proporciona as duas conveniências, de facilitar ao estudante o conhecimento da língua, e de iniciá-lo na respectiva literatura.

3° Nos exames anuais das línguas que vão continuando, isto é, nos anos 2° a 6° de latim, 5° e 6° de grego, 3° e 4° de inglês, 2° e 3° de francês, obrigação de traduzir e analisar o examinando, na totalidade do livro ou livros da aula, e dentre os trechos não vistos, uma página sorteada.

4° Nos últimos exames de cada uma das línguas que findam, isto é, no 4° ano de francês, 5° de inglês, e 7° de grego e latim, obrigarão de traduzir e analisar o examinando uma página sorteada, não dos poucos fragmentos em que se exercitou durante o ano inteiro, mas dentre os milhares de laudas de extensas obras completas.

Os autores escolhidos para este efeito são os seguintes:

Francês: Chateaubriand, menos as *Memórias de além túmulo*.

Inglês: Robertson: *História de Carlos V*, e *História da América*.

Grego: Herodoto, e Xenfonte.

Latim: Cícero (menos as *Epístolas*), Tito Lívio, Virgílio e Horácio (menos certas *Odes*).

Aprovado para o Imperial Colégio de Pedro II este sistema de exames finais de línguas, aplicar-se-á, desde o próximo Novembro, aos exames de preparatórios para os cursos superiores do Império, que se fizerem nesta Inspetoria. [grifos meus]

Digne-se V. Ex. aceitar, Ilm. e Exm. Sr., a segurança da minha mais alta consideração à pessoa de V. Ex., a quem Deus Guarde.

Ilm. e Exm. Sr. Conselheiro José Cardoso Liberato Barroso, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império. -

Joaquim Caetano da Silva

1° ANO

Português

Cyrillo Dilermando - Gramática da Língua Portuguesa.

José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha - Íris Clássico

6° ANO

Gramática Filosófica e Retórica

Gramática Filosófica

1. Da Ortoépia.
2. Da Ortografia.
3. Do Substantivo e do Adjetivo.
4. Do Verbo.
5. Das Partículas.
6. Da Sintaxe de Concordância.
7. " " de Regência.
8. " " Figurada.
9. Da Construção e Transposição.
10. Da Análise Lógica e Gramatical.

Livro: Postilas do Professor, Dr. Fernandes Pinheiro.

Sinônimos de Fr. Francisco de S. Luiz. [antes adotado nas aulas de Português]

Retórica
1. O que se deve entender por Eloqüência e Retórica.
2. Gêneros da Eloqüência.
3. Partes do Discurso.
4. Virtudes e vícios da Elocução.
5. Graus d'Ornato (a) Pinturas.
6. " " (b) Conceitos.
7. " " (c) Adornos.
8. Figuras de pensamento.
9. Idem de palavras.
10. Do Estilo.

Livro: Freire de Carvalho, Lições Elementares de Eloqüência.
Lucena, História da Vida do Padre Francisco de Xavier.

7° ANO
Poética e Literatura Nacional
Poética [idem a 1862 com o acréscimo do livro de Manuel Odorico Mendes, Virgílio Brasileiro].

Literatura Nacional
1. Definição e divisão da Literatura.
2. Origem da Língua Portuguesa.
3. Poetas Líricos.
4. " Didáticos.
5. " Épicos.
6. " Dramáticos.
7. Romancistas.
8. Historiadores.
9. Biógrafos.
10. Dialoguistas.
11. Epistolografos.
12. Oradores.
13. Viajantes.

Livro: Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, Curso Elementar de Literatura Nacional.

1870

1° ANO
Português
Gramática, análise lógica e gramatical; exercícios de leitura, recitação e ortografia.
Gramática
1. Noções preliminares.
2. Oração; partes da oração.
3. Formação das palavras; sílabas, ditongos. Exercícios.
4. Substantivo. Sua natureza e espécies. Exercícios para bem discernir o substantivo das outras partes da oração.
5. Pronomes. Exercícios.
6. Adjetivo. Artigo. Natureza e espécies de adjetivos; papel que desempenham na oração. Exemplos e exercícios pelos quais se conheça bem a posição sempre acessória do adjetivo, como atribui qualidades ao substantivo, e exprime o modo porque se o considera ou se particulariza a idéia do substantivo.

7. Formação do plural dos nomes: regras; plural em *ãos*, *ões* e *ães*. Exercícios pela indicação de nomes no singular para os alunos lhes formarem o plural.
8. Formação do feminino dos nomes: regras. Nomes invariáveis quanto ao gênero. Exercícios análogos aos da formação do plural.
9. Regras para conhecer o gênero dos nomes. Exercícios.
10. Graduação dos nomes: positivo; aumentativo e diminutivo; comparativo e superlativo. Regras. Irregularidades: enumeração do maior número de irregularidades. Exercícios pela graduação de todos os nomes deparados na leitura e redução ao positivo dos aumentativos, diminutivos, comparativos e superlativos.
11. Verbo: seu ofício na oração. Sujeito e atributo. Noção de complemento. Exercícios.
12. Espécies de verbos. Exercícios repetidos até se firmar bem no espírito a classificação dos verbos, dando o professor exemplos numerosos para fazer compreender seus enunciados e fazendo-os aplicar no exame dos trechos de leitura.
13. Conjugação dos verbos regulares.
14. Conjugação dos verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.
15. Conjugação dos verbos irregulares.
16. Verbos unipessoais. Exercícios repetidos sobre os verbos.
17. Particípios. Verbos que têm dois particípios passados.
18. Advérbio: natureza, espécies e propriedades do advérbio; papel que desempenha na oração. Exemplos e exercícios repetidos.
19. Preposição. Sua natureza e espécies: regras que se observam no emprego das preposições. Exemplos e exercícios repetidos.
20. Conjunção: sua natureza, espécies e propriedades. Exercícios.
21. Interjeição.
22. Sintaxe: discurso, período, oração. Exemplos e exercícios.
23. Espécies de orações: termos da oração: relações entre os termos de uma oração. Exemplos e exercícios.
24. Concordância. Exercícios.
25. Regência. Exercícios.
26. Colocação. Exercícios.
27. Sintaxe figurada: generalidades, exemplos.
28. Vícios de linguagem. Exemplos e exercícios.
29. Regras gerais da ortografia. Exercícios sobre a maneira de partir as palavras quando não cabem inteiras no fim das linhas.
30. Pontuação: regras e exercícios repetidos.
31. Prosódia: acentos. Regras e exercícios.
32. Princípios gerais de análise lógica.
33. Princípios gerais de análise gramatical.

No estudo de gramática a parte da sintaxe deve ser principalmente prática, não fatigando o professor a memória dos alunos com formulas abstratas, distinções teóricas e sutilezas gramaticais, tão difíceis de aprender na infância, quanto fáceis de esquecer. Os alunos falando, desde o balbuciar, a língua portuguesa e empregando portanto mais ou menos viciosamente a gramática, não precisam, para conhecer-lhe as regras primordiais, de outro esforço da parte do professor senão o de expor-lhas com clareza, fazendo-as sobretudo ressaltar de exemplos bem escolhidos e repetidos até que lhes calem com firmeza no espírito. Em vez de decorarem, é preciso que compreendam.

Análise lógica e gramatical

A análise lógica limitar-se-á neste ano à discriminação das diversas espécies de oração, dos termos de cada uma e determinação de suas relações: a gramatical à classificação lexicografa das palavras, distinção quanto à variabilidade ou invariabilidade e aplicação das regras respectivas às variações.

Leitura

A leitura será em voz alta, clara e pausada, com as devidas inflexões, de modo que a pronúncia seja perfeita e guarde-se pontuação. Para isto há mister o professor de explicar o sentido do trecho que se ler, inteirando o aluno do pensamento do autor e dando-lhe a significação dos vocábulos e locuções menos usuais ou empregados em sentido translato. Sem compreender bem não pode ler com expressão, gosto e clareza.

Recitação
Decorado um trecho depois de bem explicado e compreendido por ocasião da leitura, o aluno recitá-lo-á conforme as regras acima prescritas.

Ortografia
Consistirão os exercícios de ortografia em escrever o aluno na pedra o trecho que se lhe ditar. Se escrever certo, o professor exigirá a exposição das regras que pôs em prática: se escrever errado, não se contentará com a emenda de outro aluno que não der a razão da divergência. Quando tiver ele afinal de emendar, porque nem um dos alunos acerte, tornará saliente a regra aplicável, desvanecendo o falso pressuposto, de que porventura se originasse o erro.
Livros: Aulete - Gramática nacional elementar.
Roquette - Ornamentos da memória. Edição de Paris.
Frei Francisco de S. Luiz - Ensaio sobre alguns sinônimos da língua portuguesa.
O EXAME consistirá na leitura de uma página do livro aberto ao acaso pelo Reitor, na aplicação das regras de gramática, e escrita na pedra de um período ditado pelo professor.

2° ANO
Português
Gramática; análise lógica e gramatical; leitura (prosa e verso) de autores clássicos; recitação; exercícios de redação.
Gramática
1. Palavras variáveis: substantivo, pronome, adjetivo, artigo. Desenvolvimento das regras gramaticais que lhes são relativas. Exercícios.
2. Verbo: diversas espécies; modo e tempo. Distinções e explicações sobre o emprego do verbo nos diversos modos e tempos. Exercícios repetidos.
3. Particípios: exercícios sobre seu emprego.
4. Infinito pessoal e impessoal. Regras, exemplos e exercícios.
5. Palavras invariáveis. Preposições: emprego das diversas espécies de preposição. Exercícios.
6. Advérbios: sua natureza e uso. Adjetivos adverbiados: locuções adverbiais. Emprego dos advérbios como conjunção e preposição. Exercícios.
7. Conjunção: espécies de conjunção; funções que desempenha na oração. Exercícios.
8. Ligação das palavras pela conjunção e pela preposição; distinções. Exemplos e exercícios.
9. Palavras deduzidas e compostas. Exercícios.
10. Princípios de análise lógica e da gramatical. Oração e seus termos.
11. Diferentes espécies de oração. Exemplos e exercícios.
12. Oração interrogativa e exclamativa. Exemplos e exercícios.
13. Sintaxe particular do substantivo. Exercícios.
14. Sintaxe particular do artigo. Exercícios.
15. Sintaxe particular do adjetivo. Exercícios.
16. Sintaxe particular do pronome. Exercícios.
17. Sintaxe particular do verbo. Exercícios.
18. Sintaxe particular do advérbio. Exercícios.
19. Sintaxe particular da preposição. Exercícios.
20. Complementos. Exercícios.
21. Regras de concordância e de regência. Exercícios.
22. Construção direta e invertida. Exercícios repetidos de redução de orações de construção invertida em orações de construção direta.
23. Figuras de sintaxe. Exemplos e exercícios.
24. Ortografia. Vogais, ditongos, consoantes e sinais ortográficos. Dificuldades ortográficas. Exercícios.
25. Pontuação. Exercícios.
26. Regras de prosódia.

EXERCÍCIOS. Além da leitura e recitação, que serão pelo modo já indicado na parte do programa relativa ao 1° ano, o professor preparará os alunos para os exercícios de redação, lendo-lhes trechos de algum clássico, e acrescentando às explicações, que der para fazer bem compreender o sentido e a significação das palavras, as

observações que entender convenientes sobre o tom, qualidades gerais e particularidades do estilo em que estiver escrito. Feito isto, os alunos repetirão verbalmente, com redação sua, a matéria do trecho já examinado, e, depois de mostrarem tê-lo bem compreendido, trá-lo-ão por escrito no dia seguinte.
Nas explicações o professor fará sobressair as idéias principais do assunto, discriminará as acessórias ou circunstanciais, fazendo compreender a ordem e encadeamento natural e lógico de umas e de outras, e acostumará o aluno a julgar da solidez dos pensamentos do autor e das belezas da forma.
Livros: Vergueiro e Pertence - Gramática portuguesa (provisoriamente).
F. M. Andrade - Seleta Portuguesa.
H. C. Midosi - Poesias Seletas.
Frei Francisco de S. Luiz - Ensaios sobre alguns sinônimos da língua portuguesa.
O EXAME será pelo mesmo método estabelecido para o 1° ano, acrescendo a exposição das regras de gramática que exigir o professor.

3° ANO
Português (4,5 horas por semana)
Preleções sobre a índole da língua; notícia histórica de sua formação e progresso; recitação; exercícios de redação; composições.
Preleções sobre a índole da língua.
1. Índole e mecanismo da língua portuguesa.
2. Princípios de gramática geral aplicada à língua portuguesa.
3. Estrutura do período gramatical.
4. Gênio imitativo da língua portuguesa.
5. Característicos dos vocábulos portugueses.
6. Prefixos e sufixos.
7. Modo por que são formadas as desinências dos vocábulos portugueses.
8. Propriedade que tem a língua de se prestar à formação de novos verbos.
9. Nomes derivados: aumentativos, diminutivos e coletivos.
10. Infinitos dos verbos empregados como substantivos.
11. Adjetivos e particípios presentes e passados usados como substantivos.
12. Verbos derivados: denominativos, imitativos, frequentativos, inchoativos, aumentativos, diminutivos e negativos.
13. Variedade dos sons e harmonia da língua. Palavras agudas, esdrúxulas e graves. Acentuação.
14. Propriedade transpositiva da língua.
15. Particularidades de construção, idiotismos e dificuldades gramaticais da língua portuguesa.
16. Emprego do verbo unipessoal *haver*.
17. Emprego do pronome indefinido *se*; distinção do mesmo pronome do pronome reflexivo *se*.
18. Emprego do verbo *ser* pelo verbo *estar*.
19. Emprego especial do adjetivo demonstrativo *o*.
20. Emprego da forma composta *o que*.
21. Figuras de construção: elipse, zeugma, pleonasmo, silepse, hipérbato.
22. Neologismos e arcaísmos.
23. Sinônimos, homônimos e parônimos.
24. Transformação dos vocábulos latinos em portugueses; por transmutação de letras semelhantes; por transmutação de letras não semelhantes; por síncope ou supressão de letras ou de sílabas; por aumento de letras ou de sílabas; por aumento e diminuição de letras ou de sílabas.
25. Qualidades essenciais das palavras.
26. Formas e qualidades essenciais das frases.
27. Figuras de palavras.
28. Estilo e sua classificação.
29. Origem e filiação da língua portuguesa.
30. Subsidio que lhe tem prestado outras línguas modernas; galicismos.
31. Herança recebida pela língua portuguesa de vocábulos das línguas arábica e indígena.
32. Idades da língua portuguesa.
33. O que se deve entender por autor clássico. Autoridade dos clássicos da língua portuguesa.

As preleções devem ser sempre acompanhadas de numerosos exemplos, de modo que se gravem bem no espírito dos alunos os enunciados do professor.
Na leitura, recitação e exercício de redação regerão os preceitos já estabelecidos para o 1° e 2° ano.

Composições
Os exercícios de composição versarão sobre assuntos usuais, e serão executados pelos alunos, depois de explicações do professor. Exemplos: o regime disciplinar do colégio; a descrição do edifício e de suas imediações; os estudos feitos na aula até aquele dia ou na semana anterior; descrição de qualquer objeto de uso comum, observações sobre sua utilidade, propriedades e aplicações.
Livros: Vergueiro e Pertence - Gramática portuguesa (provisoriamente)
F. Sotero dos Reis - Postilas de gramática geral aplicada à língua portuguesa.
Delfim M. O. Maia - Manual de estilo e composição e recitação.
Postilas do professor
F. M. de Andrade - Seleta portuguesa.
H. C. Midosi - Poesias seletas
EXAME FINAL (Instruções de 30 de Outubro de 1869). Na prova oral acrescerá à leitura e análise de que trata o art. 22 das Instruções a exposição de um dos pontos do programa tirado à sorte pelo aluno e sobre o qual o argüirá o professor.

[No currículo das outras línguas para todos os anos há sempre o lembrete: "No ensino da língua latina (francesa, inglesa, grega) a gramática será sempre comparada com a da língua portuguesa."]

6° ANO
Retórica e Poética
Preleções. Leitura, apreciação literária dos melhores clássicos da língua portuguesa: exercícios de estilo.
1. Definição e utilidade da Retórica e da Eloquência.
2. Gêneros de Eloquência.
3. Partes do discurso.
4. Exórdio.
5. Narração.
6. Confirmação.
7. Peroração.
8. Disposição.
9. Elocução.
10. Ornato oratório.
11. Eloquência política.
12. Eloquência forense.
13. Eloquência do púlpito.
14. Do modo de escrever a história, obras filosóficas, diálogos, epístolas, novelas e romances históricos.
15. Da ação oratória.
16. Origem e definição da Poesia e da Poética.
17. Da versificação.
18. Do gênero lírico.
19. Do gênero épico.
20. Do gênero dramático.
21. Do gênero didático.
22. Do gênero elegíaco.
23. Do gênero pastoril.
24. Das escolas clássica, romântica e realista.
25. Da crítica literária.
26. Do gosto, do belo e do sublime.

Livro: Postilas do Professor.
O EXAME consistirá na exposição do ponto e crítica literária de trechos de um clássico português (prosador ou poeta).

7° ANO
Literatura
História da Literatura em geral e especialmente da portuguesa e nacional.
Composição de discursos e narrações, declamação.
1. Definição e divisão da Literatura. Utilidade do estudo da história literária.
2. Principais épocas da poesia entre os povos cultos,.
3. Principais épocas da eloquência, citando-se em cada época os oradores mais célebres.
4. Principais épocas da historiografia, citando-se em cada época os historiadores mais célebres.
5. Origem da língua e literatura portuguesa.
6. Noção e divisão da mesma literatura.
7. Dos poetas líricos.
8. Dos poetas épicos.
9. Dos poetas dramáticos.
10. Dos poetas didáticos.
11. Dos romancistas.
12. Dos dialoguistas.
13. Dos epistológrafos e viajantes.
14. Dos historiadores.
15. Dos biógrafos.
16. Dos oradores.

Livro: Curso elementar de literatura nacional pelo Cônego Dr. J. C. F. Pinheiro.
Postilas do Professor.
EXAME FINAL de retórica, poética e literatura. (Instrução de 30 de Outubro de 1869)

1877

[Ofício do Inspetor Geral da Instrução Primária e Secundária Barão de São Felix para o Reitor do Externato Cônego José Joaquim da Fonseca Lima e para o Reitor do Internato Dr. Cezar Augusto Marques (interino) do Imperial Colégio de Pedro II, colocado antes do Programa de Ensino de 1877]

Rio de Janeiro, Inspetoria Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, em 27 de Setembro de 1876.
Ilm. e Exm. Sr. - Tenho presente o ofício de V. Ex. do 1° do corrente mês, ofício que veio acompanhando o programa do ensino do Imperial Colégio de Pedro II, programa organizado na forma dos arts. 9° e 10° do Regulamento anexo ao Decreto no. 6130 do 1° de março último.
Em solução comunico a V. Ex.:
1° Que aprovo o dito programa com as seguintes modificações:
a) Nas aulas de francês, inglês, alemão, latim e grego, em que o regulamento exige tradução de prosadores e poetas tanto para o ensino como para os exames, serão admitidos os seguintes livros: para o ensino, Seleta de Poesias Sacras do Padre Caldas, e para os exames, os Suspiros Poéticos de Magalhães, com exclusão de Marília de Dirceu e dos Cantos de Gonçalves Dias.
b) Nas aulas do 2° ano de português, além do livro indicado, será também admitida a Seleta intitulada "Aprendei a língua Vernácula" publicada no rio de Janeiro.

2° Que os contratos de que trata V. Ex., devem ser feitos pelos reitores, e apresentados a esta Inspetoria que os sujeitará à aprovação do Governo Imperial, sem a qual não terão vigor, devendo neles estabelecer-se também a cláusula que os compêndios encomendados só poderão ser adotados se merecerem a aprovação do mesmo Governo, na forma determinada pelo art. 11 do citado regulamento, - adoção que denegada importará a rescisão do contrato da parte do Governo.
Deus guarde a V. Ex. - Ilm. e Exm. Sr. Reitor do Externato do Imperial Colégio de Pedro II. - *Barão de S. Felix.* - Idêntico ao Reitor do Internato.

1° ANO

Português

Leitura expressiva e recitação de cor de prosadores e poetas nacionais; gramática, análise, exercícios ortográficos.

1. vozes e consonâncias. Sílabas e ditongos. Sílaba longa e breve, grave e aguda. Palavra, formação das palavras. Monossílabos, dissílabos e polissílabos.
2. Palavra aguda, grave e esdrúxula; regras para distingui-las.
3. Figuras de dicção.
4. Diversas espécies de ortografia. Palavras primitivas e derivadas. Emprego da letra maiúscula.
5. Sinais ortográficos; seu uso.
6. Emprego das consoantes dobradas e das equivalentes.
7. Divisão das palavras conforme a idéia que exprimem. Palavras simples e compostas, modo de formá-las. Homônimos, sinônimos e parônimos.
8. Substantivo e sua espécies. Coletivos. Pronomes.
9. Adjetivos e suas espécies.
10. Plural dos substantivos e dos adjetivos.
11. Gênero dos substantivos, meios de conhecê-los e formar o feminino dos substantivos. Variações dos adjetivos para concordarem com os substantivos.
12. Graus dos substantivos e dos adjetivos.
13. Verbos e suas espécies.
14. Variações dos verbos. Modos, tempos, números e pessoas.
15. Verbos regulares e irregulares da 1ª conjugação.
16. Verbos regulares e irregulares da 2ª conjugação. Verbo *pôr* e seus compostos.
17. Verbos regulares e irregulares da 3ª conjugação.
18. Tempos primitivos e derivados, simples e compostos. Formação dos tempos. Particípios.
19. Advérbio e interjeição.
20. Preposições regentes, relações que elas exprimem.
21. Principais prefixos, idéia que eles juntam aos radicais que compõem.
22. Conjunções.
23. Período. Oração. Termos da oração. Sujeito e atributo simples e compostos, complexos e incomplexos.
24. Diversas espécies de orações.
25. Concordância regular e irregular do atributo com o sujeito, do adjetivo com o substantivo e dos substantivos entre si.
26. Concordância regular e irregular do verbo com o sujeito. Silepse. Solecismo. Elípse. Pleonasmo.
27. Concordância das orações. Correlação dos tempos dos verbos. Emprego do infinito pessoal.
28. Complementos; diversas espécies de complementos, preposições que os regem.
29. Ordem direta e inversa. Inversão do sujeito. Colocação dos adjetivos.
30. Ordem na colocação dos complementos. Hipérbato. Anástrofe.
31. Vícios de linguagem.

O professor alternará os exercícios de sorte que duas horas por semana sejam consagradas aos de leitura, duas à análise, duas à escrita, três à recitação das regras de gramática e dos verbos, e uma à recitação de trechos dos principais escritores nacionais.

Os exercícios ortográficos consistirão especialmente sobre palavras primitivas e suas derivadas, homônimos, sinônimos e parônimos.

À proporção que ditar cada palavra fará os alunos repetirem as dificuldades ortográficas que se oferecerem, a significação, o radical e os derivados da palavra.

Livros para a aula:

Gramática Portuguesa por Manoel Olímpio Rodrigues da Costa. (professor do 1° ano do Externato)

Seleta Nacional por F. J. Caldas Aulete, 1ª parte, 2ª edição.

Meandro Poético pelo Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.

Livros para exames:

Vida do Padre Vieira por João Francisco Lisboa.

Harmonias da Criação por Caetano Lopes de Moura.

Assunção da Virgem por Frei Francisco de S. Carlos.

2° ANO

Português

Desenvolvimento das regras de lexicologia e sintaxe, análise lógica e etimológica, recitação de prosadores e poetas clássicos, exercícios de redação verbal e escrita.

Lexicologia e Sintaxe

Na prática, sobre cada parte da teoria o professor ditará trechos em prosa ou verso que servirão para, dado o exemplo, indicarem os alunos a regra, e vice-versa. O professor insistirá sobre as anomalias, idiotismos e dificuldades tanto da ortoépia como da ortografia.

No último trimestre os alunos farão por escrito fora da classe exercícios de correção de frases e cláusulas defeituosas, e bem assim de conversão de português antigo em português moderno, sobre trechos marcados pelo professor, que na lição seguinte, depois de exigir que os alunos emendem mutuamente os erros cometidos em seus trabalhos e quando nenhum acerte, emendará por último recordando a teoria aplicável já ensinada.

Análise (2 vezes por semana)

Para mais se familiarizarem com as regras gramaticais, os alunos na decomposição das frases em seus elementos reconhecerão a natureza, a forma e a função de cada palavra.

O professor insistirá nos exercícios de análise etimológica, afim de habituar os alunos a conhecerem o valor preciso das palavras e as mudanças de sentido que trazem os prefixos e sufixos, limitando-se, porém, ao compatível com a capacidade e desenvolvimento presumível dos mesmos alunos, e somente no último trimestre do ano letivo fá-los-á notar as alterações principais e mais freqüentes que sofrem as palavras gregas, latinas e árabes na passagem para o português, bem como o subsídio que a esta última prestam outras línguas, principalmente a indígena.

Recitação (2 vezes por semana)

O professor designará os trechos em prosa ou verso que os alunos têm de recitar na classe. Exigindo que tragam tiradas no dicionário as palavras cuja significação ignorarem, fá-los-á ler cada trecho marcado e chamar-lhes-á a atenção para a propriedade das expressões, para a construção vernácula, para o sentido de cada frase e para o sentido geral de todo o trecho, dando-lhes as noções de história, mitologia, geografia, etc., que forem indispensáveis para a inteligência do assunto. Os alunos, depois de tê-lo decorado, recitarão no dia seguinte com a devida congruência, expressão e beleza.

Exercícios de redação verbal e escrita (2 vezes por semana)

Auxiliados com as necessárias explicações pelo professor, os alunos reproduzirão em dicção livre e correta as idéias principais ou os principais fatos do trecho escolhido em prosa ou verso. Mais tarde passarão a exercícios sobre o emprego, conveniência e propriedades das palavras, e afinal serão adestrados em breves descrições e na indicação da semelhança ou dessemelhança de objetos conhecidos geralmente, em pequenas narrações sobre apontamentos e temas dados, e em redigir escritos de uso mais freqüente.

Todos esses trabalhos serão feitos por escrito fora da classe e corrigidos nela, onde haverá previamente o ensaio de viva voz.

Livros para a aula:

Gramática de Teófilo Braga.
Seleta intitulada "Aprendei a língua vernácula" publicada no Rio de Janeiro.
Ornamentos da Memória.
Dicionário Português de Roquette.

Livros para exames:

Anais de D. João III por Fr. Luiz de Souza, publicados por Alexandre Herculano.
Vida de D. João de Castro por Jacinto Freire de Andrade, anotada por Fr. Francisco de S. Luiz.
Tratado da Educação por Garrett, última edição.
Lusíadas de Camões, edição de Paulino de Souza.
Obras do Dr. Antonio Ferreira, edição de Garnier.
Poesias de Alexandre Herculano, última edição.

5° ANO

Retórica e Poética

Regras de estilo e composição oratória; poesia, metrificação; crítica literária; análise das belezas e vícios de elocução de prosadores e poetas brasileiros e portugueses de melhor nota; exercícios de composição de narrações, descrições, cartas e discursos; declamação.

Retórica

1. Eloqüência em geral, seus caracteres próprios. Relação da eloqüência com a poesia. Qualidades do orador. Divisão da eloqüência. Retórica; seu objeto. Diferença entre a retórica moderna e a antiga. Importância do estudo da retórica. Divisão da retórica: invenção; disposição; elocução.
2. Invenção; seu objeto. Argumentos; paixões; costumes. Regras de invenção.
3. Disposição. Partes do discurso: exórdio; narração; confirmação; peroração; suas subdivisões. Regras de cada parte do discurso.
4. Elocução; estilo. Qualidades gerais do estilo. Harmonia do estilo; regras.
5. Figuras. Origem e natureza do estilo figurado. Divisão das figuras: figuras de pensamento e figuras de palavra. Figuras de pensamento; suas espécies; regras.
6. Figuras de palavra; tropos. Suas espécies; regras.
7. Diferentes espécies de estilo. Qualidades particulares do estilo. Regras; modelos.
8. Composição em prosa. Prosa; seus caracteres gerais. Enumeração dos gêneros de prosa. Divisão de gênero oratório: eloqüência política; forense; sagrada; e acadêmica, incluindo a do magistério.
9. Eloqüência política; seu caráter. Discursos que compreende. Regras. Noções do desenvolvimento histórico da eloqüência política. Análise crítica de modelos.
10. Eloqüência sagrada; seu caráter. Espécies de discursos sagrados; regras. Noções do desenvolvimento histórico da eloqüência sagrada. Análise crítica de modelos.
11. Eloqüência forense; seu caráter. Discursos pertencentes à eloqüência forense. Regras. Noções do desenvolvimento histórico da eloqüência forense. Análise crítica de modelos.
12. Eloqüência acadêmica; seu caráter. Discursos de que trata a eloqüência acadêmica. Discursos acadêmicos propriamente ditos. Discursos próprios do ensino. Regras; modelos.
13. Gênero histórico ou narrativo; seu caráter. Obras compreendidas no gênero histórico. Regras. Noções do desenvolvimento das composições relativas à história. Exercícios de composição de narrações, retratos e paralelos históricos.
14. Romance; conto; novela; seus caracteres; regras. Noções do desenvolvimento histórico do romance. Exercícios de composição de narrações, descrições e retratos, adequados ao romance, ao conto e à novela. Gênero epistolar; seu caráter; regras. Noções do desenvolvimento histórico do gênero epistolar. Exercícios de composição.
15. Gênero didático; seu caráter. Escritos respectivos. Regras gerais do gênero didático. Regras especiais de composição de escritos filosóficos. Regras especiais de crítica literária. Exercícios de composição de assuntos filosóficos e literários.
16. Declamação oratória. Voz; pronunciação; ação. Regras. Diferença entre a declamação antiga e a moderna.
17. Resumo da história da eloqüência, profana e sagrada. Resumo da história da retórica.

Poética

18. Poética; seu objeto; sua importância. Da arte e da poesia em geral. Relações da poesia com as outras artes. Caracteres essenciais da poesia. Diferença entre a poesia e a prosa. Relações da poesia com a eloqüência e a história. Qualidades do poeta.
19. Linguagem poética. Versificação. Idéia dos dois sistemas de versificação, antigo e moderno. Versificação portuguesa. Diversas espécies de verso. Regras. Licenças poéticas.
20. Modos de manifestação do belo na poesia: poesia clássica e poesia romântica; seus caracteres e diferenças.
21. Divisão dos gêneros de poesia: principais e acessórios; seus caracteres gerais. Fases da poesia correspondentes ao desenvolvimento histórico dos gêneros.
22. Gêneros principais da poesia: épico; lírico; dramático. Gênero épico, seu caráter. Divisão do gênero épico: epopéia propriamente dita e poema herói-cômico. Caráter particular da epopéia. Regras da epopéia. Epopéia contemporânea: epopéia *idílica*; epopéia *doméstica*.
23. Poema herói-cômico; seu caráter; suas regras. Noções do desenvolvimento histórico do gênero épico. Análise crítica de modelos.
24. Gênero lírico; seu caráter. Espécies de composições do gênero lírico. Regras. Noções do desenvolvimento histórico do gênero lírico. Análise crítica de modelos.

25. Gênero dramático: seu caráter. Espécies do gênero: tragédia; comédia; drama moderno; subdivisões destas espécies. Regras. Noções do desenvolvimento histórico do gênero dramático. Análise crítica de modelos.
26. Gêneros acessórios de poesia. Poesia elegíaca. Seu caráter e regras. Noções do desenvolvimento histórico da poesia elegíaca. Análise crítica de modelos.
27. Poesia didática. Poesia descritiva. Caracteres e regras de uma e outra. Noções do desenvolvimento histórico da poesia didática e da poesia descritiva. Análise crítica de modelos.
28. Poesia satírica. Caracteres da poesia satírica; regras. Noções do desenvolvimento histórico da poesia satírica. Análise crítica de modelos.
29. Epístola. Fábula; apólogo; provérbio; parábola. Conto. Metamorfose. Regras. Noções do desenvolvimento histórico das espécies mencionadas. Modelos.
30. Poesia pastoril; seu caráter e regras. Noções do desenvolvimento histórico da poesia pastoril. Modelos. Poesias ligeiras: epigrama; soneto; madrigal; balada. Regras e modelos.

Livros para a aula:
Compêndio que for aprovado pelo Governo.
Tratado de metrificação pelo Visconde de Castilho. (Antonio Feliciano de Castilho)
Seleta Nacional por F. J. Caldas Aulete, 2ª parte, (Oratória)
Poesias Seletas por Midosi.

7º ANO
Literatura
Noções sobre as literaturas estrangeiras que mais ou menos influíram para a formação ou aperfeiçoamento da portuguesa: estudo detido das diferentes fases desta e da luso-brasileira.

1. Literatura; seu caráter; sua importância. Divisão da literatura. Objeto da história de literatura e da história literária.
2. Literatura bíblica.
3. Literatura grega.
4. Literatura latina.
5. Século XII-XIV. Literatura francesa.
6. Século XII-XIV (*contin.*) Literatura italiana. Literatura espanhola.
7. Século XII-XIV (*contin.*) Literatura alemã. Literatura inglesa.
8. Século XV. Literatura italiana. Literatura francesa. Literatura espanhola.
9. Século XV. (*contin.*)Literatura alemã. Literatura inglesa.
10. Século XVI. Literatura italiana.
11. Século XVI. (*contin.*) Literatura francesa. Literatura espanhola.
12. Século XVI. (*contin.*)Literatura inglesa. Literatura alemã.
13. Século XVII. Literatura francesa.
14. Século XVII. (*contin.*) Literatura italiana. Literatura espanhola.
15. Século XVII. (*contin.*) Literatura inglesa. Literatura alemã.
16. Século XVIII. Literatura italiana. Literatura francesa e literatura espanhola.
17. Século XVIII. (*contin.*) Literatura inglesa. Literatura alemã.
18. Século XIX. Literatura francesa.
19. Século XIX. (*contin.*) Literatura italiana. Literatura espanhola.
20. Século XIX. (*contin.*) Literatura alemã. Literatura inglesa.

História da Literatura portuguesa.

21. Resumo da história da língua portuguesa.
22. Divisão da história da literatura portuguesa. 1ª época: século XII-XIV.
23. 2ª época: século XV.
24. 3ª época: século XVI.
25. 4ª época: século XVII.
26. 5ª época: século XVIII.
27. 6ª época: século XIX.

História da Literatura brasileira.

28. Caráter nacional da literatura brasileira; divisão de sua história. 1ª época: século XVI-XVII.
29. 2ª época: século XVIII.
30. 3ª época: século XIX.

Livros para a aula:
Manual da História da Literatura Portuguesa por Teófilo Braga.
Seleta Nacional por F. J. Caldas Aulete, 2ª parte (Oratória).
Poesias seletas por Midosi.
O Compêndio de Literatura estrangeira e brasileira que for aprovado pelo Governo.

1879

[Não há indicação de aulas de Português nas séries iniciais].

6º ANO
Retórica, Poética e Literatura Nacional.
Retórica e Poética [idem a 1877, exceto os livros adotados]
Livro: *Compêndio de Retórica e Poética para uso dos alunos do Imperial Colégio de Pedro II*, pelo Cônego Manoel da Costa Honorato.

Literatura Nacional
Estudo detido das diferentes fases da literatura nacional; juízos críticos e paralelos dos principais prosadores e poetas, por escrito.
30. Caráter nacional da literatura brasileira; divisão de sua história, 1ª época: séculos XVI-XVII.
31. 2ª época: século XVIII.
32. 3ª época: século XIX.
Livro: Le Brésil Littéraire. Histoire de la Littérature Brésilienne par Ferdinand Wolf.

7º ANO
Português e Literatura Geral
Português
Gramática filosófica, análises e exercícios de redação verbal e escrita.

Literatura Geral
Literaturas estrangeiras e estudo especial das que influíram para a formação e aperfeiçoamento da portuguesa.

1881

1º ANO
Português. *Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros do século atual: explicação do sentido preciso de cada palavra, de cada frase e de cada período. Exercícios ortográficos: cópia e reprodução pelos alunos no quadro preto sob ditado de palavras que designem objetos que lhes sejam conhecidos; de períodos curtos sobre noções usuais; e de provérbios, máximas e sentenças morais. Gramática: explicação das regras mais elementares; temas; análise lógica e gramatical de períodos simples. Composição: períodos simples a completar e a formar pelos alunos sobre assuntos a seu alcance; breves narrações seguidas de perguntas a que terão eles de responder de viva voz e por escrito. (Art. 3º do Decr. n. 8051 de 24 de Março de 1881.)*
GRAMÁTICA

1. Linguagem. Objeto da gramática e divisão do seu estudo. *Ortofonia*: vozes e consonâncias; sílabas, longas e breves, graves e agudas; ditongos; palavra; formação das palavras; monossílabos, dissílabos, polissílabos; palavras agudas, graves e esdrúxulas; figuras de dicção.
2. *Ortografia*. Diversos sistemas ortográficos. Ortografia das palavras derivadas. Emprego da letra dobrada. Emprego da letra maiúscula.
3. Pontuação.
4. *Lexicologia*. Divisão das palavras conforme as idéias que exprimem. Noções elementares sobre os elementos constitutivos das palavras: raiz, prefixos, sufixos. Homônimos, sinônimos, parônimos.
5. Substantivo e suas espécies. Pronomes.
6. Adjetivos e suas diversas espécies.
7. Variações do substantivo e do adjetivo, regras para a formação do feminino e do plural, graus.
8. Estudo geral dos principais sufixos que entram na formação dos substantivos e adjetivos.
9. Verbo e suas espécies. Variações do verbo.
10. Estudo das flexões do verbo; paradigmas das três conjugações regulares; formação dos tempos. Particípios.
11. Irregularidades ortográficas e fonéticas. Estudo dos verbos irregulares.
12. Formas verbais perifrásticas. Função dos verbos auxiliares. Formação da voz média ou reflexa e da voz passiva.
13. Advérbio.
14. Preposição. Noção das principais relações expressas pelas preposições regentes. Estudo dos principais prefixos.
15. Conjunção. Interjeição.
16. *Sintaxe*. Período. Oração; termos da oração; classificação das orações. Elípse, pleonasmo.
17. Concordância do adjetivo com o substantivo e do atributo e do verbo com o sujeito. Silépse, zeugma. Emprego do impessoal *haver* e da partícula *se*.
18. Concordância das orações. Correlação dos tempos dos verbos. Emprego do infinito pessoal.
19. Complementos. Preposições que os regem.
20. Ordem direta e inversa. Colocação do sujeito, do atributo e dos complementos. Hipérbato, anástrofe, tmese.
21. Vícios de linguagem.

Compêndio:
Gramática portuguesa por Manoel Olímpio Rodrigues da Costa (2ª edição).

LEITURA E RECITAÇÃO

Consistirão principalmente estes exercícios:
1º Na leitura, em voz alta e distinta, de trechos apontados pelo professor;
2º Na explicação do sentido dos termos, frases e períodos que não tenham sido compreendidos pelos alunos, devendo nessa explicação indicar-se os principais sinônimos das palavras e a acepção especial de cada um deles;
3º Na recitação, do mesmo trecho, com a devida entonação e inflexões, de modo a reproduzir a idéia e o sentimento do autor.

EXERCÍCIOS ORTOGRÁFICOS

Constarão essencialmente de:
1º Cópia pelos alunos, no quadro preto, e sob ditado do professor, de palavras, frases e pequenos períodos;
2º Indicação dos homônimos, parônimos e palavras cognatas das escritas no quadro;
3º Repetição e verificação dos preceitos ortográficos que tiverem sido observados no exercício.

COMPOSIÇÃO

Os exercícios de composição versarão especialmente sobre:
1º Simples reprodução de breves narrativas feitas pelo professor, podendo o aluno conservar, pouco mais ou menos, a mesma forma e ordem dos pensamentos;
2º Imitação de pequenos trechos ditados e convenientemente explicados e desenvolvidos pelo professor.
"Nas aulas de línguas, os alunos aprenderão as mesmas noções de gramática geral, de modo que no que respeita à fonologia, à morfologia e à sintaxe se não dêem definições diferentes, ficando assim perfeitamente destacado o que for peculiar a cada uma dessas línguas.

Nas lições de gramática, o professor ligará muita importância aos paradigmas e às regras gerais, deixando de parte as exceções que não forem de aplicação freqüente, bem como toda sutileza ou teoria mais ou menos aventurosa.
Uma parte da hora de trabalho em cada aula será destinada à correção individual pelo professor ou pelo aluno que este designar, ou ainda simultânea, dos temas ou exercícios gramaticais marcados para a lição do dia, que forem transcritos no quadro negro ou tenham sido apresentados em cadernos pelos alunos; bem como ao ditado de novos temas ou exercícios gramaticais para o dia seguinte.
Nos ditados, o professor se restringirá a trechos em que possam os alunos fazer uso das noções que lhes foram bem explicadas, e se limitará a assunto sobre que possa cada um ser interrogado, quando muito, por espaço de cinco minutos." (instruc. De 27 de Outubro de 1880, arts. 14, 15, 16 e 17.)
Livro para a aula:
Literatura brasileira por Melo Morais Filho.
Livros para exames:
Máximas do Marquês de Maricá.
Assunção, poema por Fr. Francisco de S. Carlos.

2° ANO
Português.
Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século atual: explicação do sentido preciso de cada período e de cada parágrafo. Exercícios ortográficos sob ditado de trechos de prosa e de verso, para aplicação das regras dos acentos lexicológicos. Gramática: revisão das doutrinas estudadas no ano anterior com desenvolvimento da fonologia; temas, análise sintática e fonética de períodos compostos. Composição: períodos compostos à formar pelos alunos sobre assuntos a seu alcance; breves narrações e descrições a redigir oralmente e por escrito, conforme o subsídio que lhes proporcionar o professor. (Art. 3° do Reg. Anexo ao Decr. n. 8051 de 24 de Março de 1881.)
Nos exercícios de leitura, quer de prosa, quer de verso, além da indispensável condição de serem proferidas as palavras em voz alta, pura, correta e clara, o professor exigirá de cada aluno por sua vez a enunciação dos trechos congruente, expressiva, bela e desacompanhada de gestos, para que não somente se ouça o teor do texto, mas também se perceba o pensamento e as imagens, sentindo-se ao mesmo tempo os afetos que ele significa. Os alunos ao prepararem as lições deverão procurar no dicionário as palavras cuja significação não souberem, cumprindo ao professor auxiliá-los na inteligência do pensamento do autor e explicar-lhes as expressões menos usuais.
Decorado um trecho depois de bem explicado e compreendido por ocasião da leitura, fá-lo-á o professor recitar no dia seguinte pelo aluno que designar.
Nos exercícios ortográficos, o professor ditará provérbios, máximas, sentenças e pensamentos morais, que serão reproduzidos no quadro preto pelo aluno chamado para esse fim. Se este escrever corretamente as palavras que admitem acentos lexicológicos, o professor exigirá a exposição da regra que foi posta em prática: se, porém, houver erro, não se contentará com a emenda de outro aluno que não der a razão da divergência. Quando for mister que o professor corrija, por não ter aluno algum acertado, lembrará a teoria aplicável já estudada.
No desenvolvimento da fonologia, o professor tratará da classificação dos sons, da representação destes, do alfabeto, das vogais, dos ditongos, das consoantes, da geminação destas, das letras equivalentes, dos grupos silábicos, das alterações fonéticas, dos metaplasmos, da quantidade, da acentuação, dos diversos sistemas de ortografia e causas de sua irregularidade.
Para mais se familiarizarem com as regras gramaticais, na decomposição das proposições e dos períodos reconhecerão os alunos não só a natureza, forma e função das palavras, como também seus elementos fonéticos e gráficos.
Depois dos exercícios fraseológicos prescritos pelo Regulamento, logo que o professor julgar conveniente seguir-se-ão os de breves descrições e narrações, indicando ele todas as idéias que os alunos têm de expressar, de modo que lhes deixe o trabalho de redação, mas só esse e não o de invenção. Os alunos trarão por escrito no dia seguinte para ser corrigido na aula o trabalho de que aí se houver feito o ensaio de viva voz.
"Nas aulas de línguas, os alunos aprenderão as mesmas noções de gramática geral, de modo que no que respeita à fonologia, à morfologia e à sintaxe se não dêem definições diferentes, ficando assim perfeitamente destacado o que for peculiar a cada uma dessas línguas.

Nas lições de gramática, o professor ligará muita importância aos paradigmas e às regras gerais, deixando de parte as exceções que não forem de aplicação freqüente, bem como toda sutileza ou teoria mais ou menos aventurosa.
Uma parte da hora de trabalho em cada aula será destinada à correção individual pelo professor ou pelo aluno que este designar, ou ainda simultânea, dos temas ou exercícios gramaticais marcados para a lição do dia, que forem transcritos no quadro negro ou tenham sido apresentados em cadernos pelos alunos; bem como ao ditado de novos temas ou exercícios gramaticais para o dia seguinte.
Nos ditados, o professor se restringirá a trechos em que possam os alunos fazer uso das noções que lhes foram bem explicadas, e se limitará a assunto sobre que possa cada um ser interrogado, quando muito, por espaço de cinco minutos." (instruc. De 27 de Outubro de 1880, arts. 14, 15, 16 e 17.)
Livros para a aula:
Nova Gramática Portuguesa por Bento José de Oliveira, 14ª edição.
Seleta Nacional por Francisco Júlio Caldas Aulete (1ª parte) 4ª edição.
Seleta Nacional por Francisco Júlio Caldas Aulete (3ª parte).
Livros para exames:
Rebelo da Silva: Fastos da Igreja.
João Francisco Lisboa: Vida do Padre Antonio Vieira.
Magalhães: Confederação dos Tamoios.
Garrett: Camões.

3° ANO
Português
Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século XVIII: explicação do sentido geral de todo o trecho lido ou recitado. Exercícios ortográficos sob ditado, em que entrem homônimos, parônimos e formas divergentes. Gramática: revisão das doutrinas aprendidas no ano anterior, com desenvolvimento da morfologia; noções de etimologia portuguesa; exercícios de composição e derivação de palavras e sobre vocábulos de formação popular e de origem erudita; temas; análise sintática e etimológica. Composição: exercícios de conversão de verso em prosa, e de mudança de estrutura de proposições e períodos; breves narrações, descrições e cartas, conforme o subsídio que ministrar o professor. (Art. 3° do Reg. Anexo ao Decr. n. 8051 de 24 de Março de 1881.)
Nos exercícios de leitura e recitação, observar-se-á o que fica indicado para o 2° ano, incumbindo ao professor fazer notar a propriedade das expressões à construção vernácula e à dicção correta e elegante, dando aos alunos as noções de mitologia, história, geografia, etc., que forem indispensáveis para a inteligência do texto.
O professor ditará trechos em que entrem formas equívocas para serem escritas em cadernos pelos alunos, exigirá que estes emendem mutuamente os erros cometidos, e corrigirá por último, quando nenhum acerte, recordando-lhes o que já aprenderam acerca dos parônimos, dos homônimos, (homófonos, homógrafos) e das duplas ou formas divergentes.
Desenvolvendo a morfologia, o professor não só tratará das categorias, e formas gramaticais e dos elementos e meios de flexão, mas também das anomalias e formas arcaicas que ainda perduram.
Para fortificar os alunos no conhecimento da etimologia, dada a palavra simples ou primitiva, fá-los-á o professor achar a composta ou derivada, e vice-versa, repetindo a miúdo semelhante exercício. Assim também exigirá que, confrontando duplas ou formas divergentes, discriminem a erudita da popular pelo atrofiamento ou degeneração fonética, que numa se não observa e noutra se dá.
À medida que se forem efetuando os exercícios de análise sintática, o professor também insistirá nos de análise etimológica, afim de habituar os alunos a conhecerem o valor preciso das palavras e a mudança de sentido que trazem os prefixos e sufixos.
Em seguida aos exercícios fraseológicos que o Regulamento prescreve para este ano, os quais se efetuarão no espaço de tempo que ao professor parecer suficiente, proceder-se-á aos de breves descrições, narrações e cartas familiares pelo modo indicado para o 2° ano.
"Nas aulas de línguas, os alunos aprenderão as mesmas noções de gramática geral, de modo que no que respeita à fonologia, à morfologia e à sintaxe se não dêem definições diferentes, ficando assim perfeitamente destacado o que for peculiar a cada uma dessas línguas.
Nas lições de gramática, o professor ligará muita importância aos paradigmas e às regras gerais, deixando de parte as exceções que não forem de aplicação freqüente, bem como toda sutileza ou teoria mais ou menos aventurosa.

Uma parte da hora de trabalho em cada aula será destinada à correção individual pelo professor ou pelo aluno que este designar, ou ainda simultânea, dos temas ou exercícios gramaticais marcados para a lição do dia, que forem transcritos no quadro negro ou tenham sido apresentados em cadernos pelos alunos; bem como ao ditado de novos temas ou exercícios gramaticais para o dia seguinte.
Nos ditados, o professor se restringirá a trechos em que possam os alunos fazer uso das noções que lhes foram bem explicadas, e se limitará a assunto sobre que possa cada um ser interrogado, quando muito, por espaço de cinco minutos." (instruc. De 27 de Outubro de 1880, arts. 14, 15, 16 e 17.)
Livros para a aula:
Nova Gramática Portuguesa por Bento José de Oliveira, 14ª edição.
Seleta Nacional por Francisco Júlio Caldas Aulete (1ª parte) 4ª edição.
Seleta Nacional por Francisco Júlio Caldas Aulete (3ª parte).
Livros para exames:
Rocha Pita: História da América Portuguesa.
Padre Teodoro de Almeida: O Feliz Independente.
Fr. José de Santa Rita Durão: Caramurú, edição brasileira.
Filinto Elísio: Fábulas de Lafontaine, traduzidas.

4º ANO
Português
Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século XVII: exposição do conteúdo de cada trecho por outras palavras. Exercícios ortográficos sob ditado, para aplicação das regras de pontuação. Gramática: revisão das doutrinas estudadas no ano anterior; com desenvolvimento da sintaxe; exercícios de agrupamento de palavras por famílias e de composição e derivação das mesmas; temas; análise sintática e etimológica. Composição: períodos a formar pelos alunos empregando expressões no sentido natural e figurado; breves narrações, descrições e cartas, bem como escritos, de uso comum, a redigir conforme os subsídios que ministrar o professor. (Art. 3º do Reg. Anexo ao Decr. n. 8051 de 24 de Março de 1881.)
O professor designará os trechos de prosa e verso, que os alunos têm de ler na aula. Aquele a quem incumbir essa tarefa reproduzirá em dicção livre, correta e airosa as idéias ou os fatos principais do texto; o professor, acrescentando às explicações que der para fazer bem compreender o assunto, as observações convenientes sobre o tom e qualidades gerais e particulares do estilo, habituará o aluno a julgar da solidez dos pensamentos do autor e das belezas da forma. Os trechos assim explicados serão recitados na aula no dia seguinte.
Escritos pelos alunos em seus cadernos os trechos que ditar o professor para os exercícios de pontuação, emendarão aqueles mutuamente os erros cometidos, e por último este, caso nenhum acerte, trazendo-lhes à memória as regras estudadas referentes aos sinais objetivos.
Para dar o devido desenvolvimento à sintaxe, o professor abundando em citações dos clássicos e autores de boa nota com que exemplifique as regras, ocupar-se-á da ligação das palavras na oração, da concordância do predicado com o sujeito, dos complementos constituídos por substantivos, dos complementos regidos de preposições, das particularidades de sintaxe relativas a diversas partes do discurso (adjetivos, pronomes, verbos e advérbios), do uso dos modos e tempos e da ligação das orações, da sintaxe figurada, dos anacolutos e das partículas de realce.
O professor aproveitará, quer os trechos destinados à leitura, quer os ditados para os exercícios ortográficos e fraseológicos, para exigir que os alunos organizem quadros de palavras da mesma família recorrendo à composição e à derivação.
Nos exercícios de análise etimológica, que deverão ser acompanhados dos de análise sintática, o professor depois de dar aos alunos as noções indispensáveis a respeito do polissintetismo das palavras dos dialetos do grupo brasílio-guarani introduzidas na língua portuguesa, bem como a respeito das alterações principais e mais freqüentes que sofrem as palavras latinas, gregas e árabes na sua passagem para o nosso idioma, fá-los-á reconhecer a origem e dizer a significação de qualquer dessas palavras que apareça no exercício que se estiver executando.
Nos exercícios fraseológicos e de composição, seguir-se-á o mesmo processo indicado para o 3º ano.
"Nas aulas de línguas, os alunos aprenderão as mesmas noções de gramática geral, de modo que no que respeita à fonologia, à morfologia e à sintaxe se não dêem definições diferentes, ficando assim perfeitamente destacado o que for peculiar a cada uma dessas línguas.

Nas lições de gramática, o professor ligará muita importância aos paradigmas e às regras gerais, deixando de parte as exceções que não forem de aplicação freqüente, bem como toda sutileza ou teoria mais ou menos aventurosa.
Uma parte da hora de trabalho em cada aula será destinada à correção individual pelo professor ou pelo aluno que este designar, ou ainda simultânea, dos temas ou exercícios gramaticais marcados para a lição do dia, que forem transcritos no quadro negro ou tenham sido apresentados em cadernos pelos alunos; bem como ao ditado de novos temas ou exercícios gramaticais para o dia seguinte.
Nos ditados, o professor se restringirá a trechos em que possam os alunos fazer uso das noções que lhes foram bem explicadas, e se limitará a assunto sobre que possa cada um ser interrogado, quando muito, por espaço de cinco minutos." (instruc. De 27 de Outubro de 1880, arts. 14, 15, 16 e 17.)
Livros para a aula:
Nova Gramática Portuguesa por Bento José de Oliveira, 14ª edição.
Trechos Seletos dos autores clássicos por Felix Ferreira.
Antologia Portuguesa por Teófilo Braga.
Livros para exames:
J. I. Roquette: Cartas Seletas do Padre Antonio Vieira.
Frei Luiz de Souza: Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires.
Gabriel Pereira de Castro: Ulisséia.
Mousinho de Quevedo Castelo-Branco: Afonso Africano.

5° ANO
Português
Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século XVI: exposição do conteúdo de cada trecho por outras palavras. Exercícios ortográficos sob ditado, para aplicação das regras de pontuação. Exercícios cacográficos para correção de vícios de linguagem em geral e especialmente para a substituição de galicismos por palavras e frases de legítimo cunho português. Gramática: revisão das doutrinas anteriormente estudadas; desenvolvimento das regras de construção; idiotismos; vícios de linguagem; provincialismos, hibridismos, arcaísmos, neologismos, dialetos; exercícios de agrupamento de palavras por família e por associação de idéias; temas. Composição: períodos a formar pelos alunos com pureza, propriedade e precisão de dicção; redação de escritos de uso comum sem subsídio ministrado pelo professor, mas sobre o assunto que este indicar; imitação de narrações, descrições e cartas, modelos em seu gênero, à escolha do professor. (Art. 3° do Reg. Anexo ao Decr. n. 8051 de 24 de Março de 1881.)
Os exercícios de leitura e recitação devem ser efetuados pelo modo indicado para o 4° ano.
Tomados em cadernos pelos alunos os trechos que para aplicação das regras de pontuação ditar o professor, este exigirá que reproduza de cor no quadro preto essas mesmas regras o aluno que houver errado e de conformidade com elas corrija seu trabalho, particularmente no que respeita aos sinais subjetivos.
O professor dará aos alunos trechos em que haja frases e cláusulas eivadas de barbarismos e solecismos para corrigi-los fora da classe, em geral, sob todos os pontos de vista, e especialmente substituindo os galicismos por palavras, frase e construção de português de lei. Esses exercícios serão lidos no dia seguinte na aula, e emendados conforme as observações do professor que, antes de fazê-las, ouvirá cada aluno de per si a propósito de qualquer descuido que notar no trabalho que estiver sendo analisado.
No desenvolvimento das regras de construção, o professor tratará da estrutura do período gramatical, da mecânica das palavras em ordem à harmonia, e das pausas que separam os diferentes grupos de idéias.
Para recordação das regras de gramática, nas sabatinas orais, dado o exemplo, indicarão os alunos a regra e vice-versa. O professor insistirá na argumentação sobre as anomalias nominais e verbais, sobre idiotismos e dificuldades sintáticas e sobre as particularidades da construção.
Nos exercícios de análise etimológica, que serão inseparáveis dos de análise sintática, reconhecerão os alunos, não somente a natureza, forma, função, origem e significação das palavras, senão também os provincialismos, hibridismos, arcaísmos, neologismos e diferenciação dialetal que lhes deparar o trecho que estiver sendo analisado.
À medida que os alunos forem agrupando palavras por família, o professor irá encaminhando a agrupá-las também por analogia, fazendo-os reunir à palavra usual que escolher todos os termos que a ela se prendem de um modo evidente, já por comunhão de idéias, já em virtude de relações de emprego habitual, de causa, de meio, de efeito, etc.

Nos exercícios fraseológicos, o professor, ditando trechos, que os alunos transcreverão em seus cadernos, fá-los-á substituir as palavras sublinhadas por outras mais acomodadas ao sentido ou por outras equivalentes e rigorosamente sinônimas, e corrigirá os erros cometidos.
Quando tiver consagrado tempo suficiente a tais exercícios, passará aos de composição propriamente dita. Dando aos alunos as noções indispensáveis concernentes ao estilo e formalidades a guardar nos escritos de uso comum, marcará o assunto dos que deverão eles preparar em casa, para serem corrigidos no dia seguinte na aula.
Oportunamente, traçados os preceitos relativos a cada gênero, passará a ler-lhes alguma descrição ou narração tida geralmente por obra prima, fazendo-os notar os mais belos pensamentos e as principais expressões. Feito isto, exigirá que os alunos exponham o assunto com redação sua e depois o imitem em casa, trazendo seu trabalho no dia seguinte para a devida correção na classe.
"Nas aulas de línguas, os alunos aprenderão as mesmas noções de gramática geral, de modo que no que respeita à fonologia, à morfologia e à sintaxe se não dêem definições diferentes, ficando assim perfeitamente destacado o que for peculiar a cada uma dessas línguas.
Nas lições de gramática, o professor ligará muita importância aos paradigmas e às regras gerais, deixando de parte as exceções que não forem de aplicação freqüente, bem como toda sutileza ou teoria mais ou menos aventurosa.
Uma parte da hora de trabalho em cada aula será destinada à correção individual pelo professor ou pelo aluno que este designar, ou ainda simultânea, dos temas ou exercícios gramaticais marcados para a lição do dia, que forem transcritos no quadro negro ou tenham sido apresentados em cadernos pelos alunos; bem como ao ditado de novos temas ou exercícios gramaticais para o dia seguinte.
Nos ditados, o professor se restringirá a trechos em que possam os alunos fazer uso das noções que lhes foram bem explicadas, e se limitará a assunto sobre que possa cada um ser interrogado, quando muito, por espaço de cinco minutos." (instruc. De 27 de Outubro de 1880, arts. 14, 15, 16 e 17.)
Livros para a aula:
Nova Gramática Portuguesa por Bento José de Oliveira, 14ª edição.
Lugares Seletos por Antonio Cardoso Borges de Figueiredo.
Antologia Portuguesa por Teófilo Braga.
Livros para exames:
João de Barros: História do Imperador Clarimundo.
João de Lucena: História do Padre Francisco Xavier.
Bernardim Ribeiro: Menina e Moça.
Camões: Os Lusíadas.
Antonio Ferreira: Obras Completas.
Obras do Dr. Francisco de Sá de Miranda.

6º ANO
Retórica, Poética e Literatura Nacional.
Retórica e Poética. *Estilo; regras essenciais de oratória e versificação: teoria e histórico dos diferentes gêneros de prosa e de poesia; princípios de estética literária: exercícios de composição de lavra própria dos alunos: análise de estilo: declamação e reta pronúncia; discursos de diversos gêneros proferidos pelos alunos com preparação ou de improviso; recitação de cor de poesias patrióticas e religiosas. (Art. 3º do Reg. Anexo ao Decr. n. 8051 de 24 de Março de 1881.)*

1. Eloqüência em geral, seus caracteres próprios. Relações da eloqüência com a poesia. Qualidades do orador. Divisão da eloqüência. Retórica; seu objeto. Diferença entre a retórica moderna e antiga. Importância do estudo da retórica. Divisão da retórica: invenção; disposição; elocução. Composição em prosa.
2. Invenção; seu objeto. Argumentos; paixões; costumes. Regras de invenção.
3. Disposição. Partes do discurso: exórdio; narração; confirmação; peroração; suas subdivisões. Regras de cada parte do discurso.
4. Elocução; estilo. Qualidades gerais do estilo. Harmonia do estilo; regras.
5. Figuras. Origem e natureza do estilo figurado. Divisão das figuras: figuras de pensamento e figuras de palavra. Figuras de pensamento; suas espécies; regras.
6. Figuras de palavra; tropos. Suas espécies; regras.
7. Diferentes espécies de estilo. Qualidades particulares do estilo. Regras; modelos.

8. Composição em prosa. Prosa; seus caracteres gerais. Enumeração dos gêneros de prosa. Divisão de gênero oratório: eloqüência política; forense; sagrada e acadêmica, incluindo a do magistério.
9. Eloqüência política; seu caráter. Discursos que compreende; regras; noções do desenvolvimento histórico da eloqüência política; análise crítica de modelos.
10. Eloqüência judiciária; seu caráter; discursos pertencentes à eloqüência forense; regras; noções do desenvolvimento histórico da eloqüência forense; análise crítica de modelos.
11. Eloqüência sagrada; seu caráter. Espécies de discursos sagrados; regras. Noções do desenvolvimento histórico da eloqüência sagrada. Análise crítica de modelos.
12. Eloqüência acadêmica; seu caráter; discursos de que trata a eloqüência acadêmica; discursos acadêmicos propriamente ditos; discursos próprios do ensino; regras. Análise crítica de modelos.
13. Gênero histórico ou narrativo; seu caráter; obras compreendidas no gênero histórico; regras. Noções do desenvolvimento das composições relativas ao gênero histórico. Análise crítica de modelos. Exercícios de composição de narrações, retratos e paralelos históricos.
14. Romance; conto; novela; seus caracteres; regras. Noções do desenvolvimento histórico do romance. Análise crítica de modelos. Exercícios de composição de narrações, descrições e retratos, adequados ao romance, ao conto e à novela. Gênero epistolar: seu caráter; regras. Noções do desenvolvimento histórico do gênero epistolar. Exercícios de composição.
15. Gênero didático; seu caráter; escritos respectivos. Regras gerais do gênero didático. Análise crítica de modelos. Regras especiais de composição de escritos filosóficos; regras especiais de crítica literária. Exercícios de composição de assuntos filosóficos e literários.
16. Declamação oratória; voz; pronunciação; ação; regras. Diferença entre a declamação moderna e a antiga.
17. Resumo da história da eloqüência profana e sagrada. Resumo da história da retórica.
18. Da poesia em geral: seus caracteres essenciais. Diferença entre a linguagem e estilo da poesia e da prosa. Origem da poesia. Da poética; sua utilidade.
19. Versificação em geral: origem e mecanismo do verso; sistemas de versificação, antigo e moderno. Diferença entre a contagem de sílabas, gramaticais e poéticas. Espécies de verso, usadas na versificação portuguesa e suas regras. Licenças poéticas.
20. Gêneros de poesia: principais e acessórios; seus caracteres. Gêneros principais da poesia: lírico, épico e dramático. Gênero lírico; seu caráter. Classes a que podem reduzir as poesias desse gênero; espécies deste gênero; noções de sua origem.
21. Gênero épico: seu caráter. Epopéia; suas qualidades características; regras. Análise crítica de modelos. Poema herói-cômico; seu caráter distintivo.
22. Gênero dramático: seu caráter; suas espécies; tragédia; comédia; drama; Noções de sua origem. Análise crítica de modelos.
23. Gêneros acessórios de poesia; poesia didática; seu caráter. Análise crítica de modelos. Sátiras e epístolas. Caráter da poesia satírica; regras. Noções do desenvolvimento histórico da poesia satírica. Análise crítica de modelos. Gênero epigramático: epigrama, soneto, décima e madrigal; regras. Análise crítica de modelos.
24. Poesia elegíaca: seu caráter e regras. Poesia pastoril; seu caráter e regras. Poesia descritiva; seus caracteres e regras. Análise crítica de modelos.
25. Da manifestação do sublime e do belo nas composições poéticas. Noções da poesia clássica, romântica e realista; seus caracteres e diferenças.

Literatura Nacional. *Histórico das diferentes fases da literatura brasileira: análise literária das obras de melhor nota; juízos críticos e paralelos dados por escrito pelos alunos dos principais poetas e prosadores, por designação do professor. (Art. 3° do Reg. Anexo ao Decr. n. 8051 de 24 de Março de 1881.)*

26. Caráter nacional da literatura brasileira; divisão de sua história em períodos. Primeiro período: do descobrimento do Brasil até o fim do século XVII. Segundo período:primeira metade do século XVIII. Terceiro período: Segunda metade do século XVIII. Quarto período: do princípio do século XIX até 1840. Quinto período: de 1840 até a época atual.
27. Primeiro período: Influência dos jesuítas na cultura literária. Primeiros ensaios em latim e em português. Escritores brasileiros deste período.
28. Segundo período: Desenvolvimento da cultura das letras, principalmente na Bahia. Formação de sociedades literárias. Poetas líricos; caráter de suas poesias. Escritor histórico e dramático deste período.
29. Terceiro período: Novo desenvolvimento da literatura no Brasil. O Rio de Janeiro torna-se residência do vice-rei; cria-se um novo centro literário. Fundação de academias. Poetas de Minas: sua acusação em

crime de inconfidência; influência deste sucesso na literatura brasileira. Poetas épicos. Poetas líricos de Minas e outros deste período.

30. Quarto período: Predomínio do elemento cristão na literatura brasileira. Poetas líricos. Eloqüência sagrada. Lexicógrafo.
31. Quinto período: Emancipação da literatura brasileira; mudança de seu caráter. Poetas líricos. Poetas dramáticos. Poetas épicos. Romancista. Principais prosadores.

"O professor de Retórica, Poética e Literatura nacional ensinará a teoria e o histórico dos principais gêneros de prosa e poesia, as regras essenciais de oratória, declamação e reta pronúncia, e as noções elementares de estética literária, aproveitando com o devido tino pedagógico as doutrinas dos grandes mestres da antigüidade clássica, cujos princípios são imutáveis como a verdade, e os preceitos dos críticos modernos, e terá sumo cuidado em proporcionar aos alunos os principais meios de aprenderem a bem falar e a bem escrever, fazendo-os ler com ordem, sobriedade e reflexão, analisar sob os pontos de vista filosófico, histórico e literário, e imitar os mais belos trechos das obras primas nacionais que lhes apresentará como modelos, bem como das clássicas gregas e latinas, francesas, etc., de cuja tradução os incumbirá para se aperfeiçoarem em estilo. Antes de passarem aos exercícios de composição, marcados no Regulamento atual, que os alunos prontificarão de lavra própria, em casa, para serem corrigidos nas aulas, farão os mesmos alunos, após a leitura e análise das belezas e vícios de elocução de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses de melhor nota, ensaios de narração e descrições verbais e escritas conforme os subsídios que lhes ministrar o professor, e imitações desses gêneros, bem como de cartas e de outros papéis de uso comum, conforme os modelos que lhes der o professor. Para os exercícios de declamação, o professor traçará as regras da dicção e da ação oratória, e, não olvidando considerações relativas à incorreção, às repetições e a um certo defeito de precisão nos discursos de viva voz, fará que os alunos recitem, em dias determinados, trechos de diferentes gêneros de prosadores e poetas nacionais e estrangeiros de mais nomeada e, sempre que seja possível, produções dos próprios alunos, máxime de improviso, dirigindo-os, com toda atenção e paciência, bom gosto e interesse, na pronunciação e nos gestos, de modo que se hajam com a devida graça e força e harmonizem a expressão do pensamento com a ação do corpo." (Instruc. De 27 de Outubro de 1880, art. 11.)

Compêndios:

Retórica e poética para uso dos alunos do Imperial Colégio de Pedro II pelo Cônego Manoel da Costa Honorato (provisoriamente).

Le Brésil Littéraire: Histoire de la Litterature Brésilienne par Ferdinand Wolf.

7° ANO

Português e História Literária

Português. *Traços gerais de lingüística: aplicação da gramática geral à língua portuguesa, fonologia, morfologia e sintaxe do português desde a formação da língua até o começo da disciplina gramatical, estudo comparativo do português com as outras línguas românicas: análise etimológica e sintática e comentário filológico de trechos de escritores do período arcaico; conversão desses em português hodierno (Art. 3° do Reg. Anexo ao Decr. n. 8051 de 24 de Março de 1881.)*

1. A glotologia: seu fim, divisão, método. Formação: períodos de desenvolvimento na ciência da linguagem.
2. Classificação das línguas. A glótica com as outras ciências.
3. História da língua portuguesa.
4. Estudo das forças que concorreram para a formação e desenvolvimento da língua portuguesa, e das leis que presidiram a evolução lingüística.
5. Fonologia.
6. Modificações acidentais no sistema fonético.
7. Estudo filosófico das várias partes do discurso nas línguas derivadas.
8. Do substantivo.
9. Do adjetivo.
10. Do pronome.
11. Do artigo.
12. Verbos auxiliares; classificação dos verbos, formação dos tempos.
13. Verbos irregulares, anômalos, defectivos, etc.
14. Do advérbio.
15. Da preposição.

16. Da conjunção.
17. Breves considerações sobre a morfologia analítica.
18. Elementos de composição.
19. Elementos de derivação.
20. Temas e raízes.
21. Raízes latinas existentes no português.
22. Raízes verbais gregas existentes no português. Desenvolvimento do grego no português.
23. Sintaxe das palavras variáveis, exceto o verbo (breves considerações); estudo comparativo com o latim, etc.
24. Sintaxe do verbo; estudo comparativo com o latim, etc.
25. Sintaxe das palavras invariáveis; estudo comparativo com o latim, etc.
26. Elementos históricos que entram na composição do português.
27. Sinônimos; homônimos e parônimos.
28. O português falado no Brasil: brasileirismos.
29. Análise glossológica.

História Literária. *Principais períodos literários das línguas mortas e vivas, mormente das que concorreram para a formação e desenvolvimento da portuguesa; estudo detido das diferentes fases da literatura desta última: análise e apreciação das obras mais notáveis: juízos críticos e paralelos, dados por escrito pelos alunos, dos prosadores e poetas proeminentes em cada gênero das diversas nações antigas e modernas, à escolha do professor. (Art. 3° do Reg. Anexo ao Decr. n. 8051 de 24 de Março de 1881.)*

30. Origem da escritura. Classificação das línguas e justificação das bases em que assenta a classificação. Línguas mortas e línguas vivas.
31. Desenvolvimento da literatura, seu caráter e importância. História literária.
32. Relações da história literária com a cronologia. Dificuldades que apresenta a cronologia dos povos do Oriente.
33. Esboço da história literária do Egito.
34. Idem da China.
35. Idem da Pérsia.
36. Idem da Índia.
37. Idem da Palestina.
38. Idem da Grécia.
39. Idem da Itália.
40. História literária da França (século XII-XIV).
41. Idem da Itália e da Espanha (século XII-XIV)
42. Idem da Alemanha e da Inglaterra (século XII-XIV).
43. Idem da Itália, da França e da Espanha (século XV).
44. Idem da Alemanha e da Inglaterra (século XV).
45. Idem da Itália (século XVI).
46. Idem da França e da Espanha (século XVI).
47. Idem da Inglaterra e da Alemanha (século XVI).
48. Idem da França (século XVII).
49. Idem da Itália e da Espanha (século XVII).
50. Idem da Inglaterra e da Alemanha (século XVII).
51. Idem da Itália, da França e da Espanha (século XVIII).
52. Idem da Inglaterra e da Alemanha (século XVIII).
53. Idem da França (século XIX).
54. Idem da Itália e da Espanha (século XIX).
55. Idem da Alemanha e da Inglaterra (século XIX).
56. Divisão da história literária de Portugal. 1ª época (século XII-XIV).
57. Idem. 2ª época (século XV).
58. Idem. 3ª época (século XVI).
59. Idem. 4ª época (século XVII).
60. Idem. 5ª época (século XVIII).
61. Idem. 6ª época (século XIX).

"O professor de Português e Literatura geral (história literária) dividirá o tempo letivo, de modo que o estudo de uma matéria não seja sacrificado ao de outra. No ensino do Português, entrará em matéria por traços gerais de glotologia; em seguida aplicará as teorias da gramática geral ao caráter, gênio e fisionomia da língua vernácula sem se deter em discussões metafísicas e polêmicas, dando assim à gramática o cunho de uma ciência e não mais de uma arte; e tratará da fonologia, da morfologia e da sintaxe, não só historicamente, subindo do uso atual ao momento em que as regras gramaticais tiveram começo, e explicando os fatos da língua por suas origens e por suas variações sucessivas, senão também comparativamente, confrontando esses fatos com os já conhecidos das línguas clássicas e das outras românicas estudadas no Colégio, sem deixar de encarar também essas partes da gramática sob o ponto de vista da diferenciação dialetal. Fazendo compreender aos alunos esse encadeamento lógico de causas e efeitos, para inteirá-los da razão de ser das flexões e construções hodiernas, não se descuidará o professor de, ao mesmo tempo, provar-lhes que só o desconhecimento das que se usaram outrora pode levar a assiná-las como singularidades e até como incorreções. Chamando-lhes a atenção para as pretendidas exceções que por isso apontam os compêndios ainda em voga em Portugal e no Brasil, guardará todavia a escrupulosa reserva de não romper de uma vez com as noções tradicionais desde que não sejam absolutamente contrárias a uma sã doutrina gramatical. Além da leitura, recitação e declamação (de sala) dos mais belos trechos de poetas e prosadores, os alunos escreverão ditados no quadro preto sobre dificuldades ortográficas e sintáticas, e farão exercícios orais e escritos de análise motivada do sentido, origem e derivação das palavras contidas em lugares escolhidos pelo professor de autores do atual ao século XVI, na escala ascendente, sem que passem despercebidos os arcaísmos, neologismos, idiotismos, provincianismos, hibridismos e as duplas ou formas divergentes; bem como o comentário gramatical e filológico de escritores do período arcaico. Quanto à redação, cujos exercícios são recomendados pelo Regulamento vigente, deverá ser ela gramatical, filológica e literária, e o professor fará executar de viva voz na aula o trabalho que os alunos prontificarem por escrito em casa, e velará para que eles se esmerem nas relações lógicas das palavras e das frases, na pureza, propriedade, correção e clareza das mesmas, e na beleza da dicção. No curso de Literatura geral (história literária) o professor, depois de ligeiras noções sobre a origem e vulgarização da escritura, percorrerá todas as fases históricas das línguas antigas e modernas, sucintamente das desconhecidas aos alunos, mais detidamente das estudadas no Colégio e com o máximo desenvolvimento possível da portuguesa; e fará o resumo da história literária das diversas nações, dando notícia de escritores e personagens que tenham exercido alguma influência no mundo das letras, ocupando-se da análise e apreciação das principais obras individuais, coletivas, nacionais, anônimas, etc., das academias, teatros, jornais e revistas, etc., dos fatos que de certo modo interessem à curiosidade dos literatos; indicará ao mesmo tempo os livros que podem ser consultados com proveito sobre esses diversos assuntos.
Além dos exercícios prescritos no Regulamento em vigor, ao alunos traçarão na pedra ou em cadernos quadros sinóticos e sincrônicos das vicissitudes não só das línguas, mas também dos principais acontecimentos e grandes produções das diversas literaturas e até dos períodos mais brilhantes da história literária na antigüidade, na idade média e nos tempos modernos, bem como dos autores célebres em cada gênero com a indicação do nome, século, país, obra e caráter de cada um. (Instruc. De 27 de Outubro de 1880, arts. 12 e 13.)"
Compêndios:
Para Português, o que o Governo aprovar.
Précis de l'histoire des litteratures européennes et orientales par Lévi Alvarès (père)
Manual da história da literatura portuguesa por Teófilo Braga.

1882

1° ANO
Programa de ensino de Português
Leitura e Recitação
Consistirão principalmente estes exercícios:
1° Na leitura, em voz alta e distinta, de trechos apontados pelo professor;

2° Na explicação do sentido dos termos, frases e períodos que não tenham sido compreendidos pelos alunos, devendo nessa explicação indicar-se os principais sinônimos das palavras e a acepção especial de cada um deles;
3° Na recitação, do mesmo trecho, com a devida entonação e inflexões, de modo a reproduzir a idéia e o sentimento do autor.

Exercícios Ortográficos
Constarão essencialmente de:
1° Cópia pelos alunos, no quadro preto, e sob ditado do professor, de palavras, frases e pequenos períodos;
2° Indicação dos homônimos, parônimos e palavras cognatas das escritas no quadro;
3° Repetição e verificação dos preceitos ortográficos que tiverem sido observados no exercício.

Gramática
1. Linguagem. Objeto da gramática e divisão do seu estudo. Ortofonia: vozes e consonâncias; sílabas, longas e breves, graves e agudas; ditongos; palavra; formação das palavras; monossílabos, dissílabos, polissílabos; palavras agudas, graves e esdrúxulas; figuras de dicção.
2. Ortografia. Diversos sistemas ortográficos. Ortografia das palavras derivadas. Emprego da letra dobrada. Emprego da letra maiúscula.
3. Pontuação.
4. Lexiologia. Divisão das palavras conforme as idéias que exprimem. Noções elementares sobre os elementos constitutivos das palavras: raiz, prefixos, sufixos. Homônimos, sinônimos, parônimos.
5. Substantivo e suas espécies. Pronomes.
6. Adjetivos e suas diversas espécies.
7. Variações do substantivo e do adjetivo, regras para a formação do feminino e do plural; graus.
8. Estudo geral dos principais sufixos que entram na formação dos substantivos e dos adjetivos.
9. Verbo e suas espécies. Variações do verbo.
10. Estudo das flexões do verbo; paradigmas das três conjugações regulares; formação dos tempos. Particípios.
11. Irregularidades ortográficas e fonéticas. Estudo dos verbos irregulares.
12. Formas verbais perifrásticas. Função dos verbos auxiliares. Formação da voz média ou reflexa e da voz passiva.
13. Advérbio.
14. Preposição. Noção das principais relações expressas pelas preposições regentes. Estudo dos principais prefixos.
15. Conjunção. Interjeição.
16. Sintaxe. Período. Oração; termos da oração; classificação das orações. Elípse, pleonasmo.
17. Concordância do adjetivo com o substantivo e do atributo e do verbo com o sujeito. Silepse, zeugma. Emprego do impessoal *haver* e da partícula *se*.
18. Concordância das orações. Correlação dos tempos dos verbos. Emprego do infinito pessoal.
19. Complementos. Preposições que os regem.
20. Ordem direta e inversa. Colocação do sujeito, do atributo e dos complementos. Hipérbato, anástrofe, tmese.
21. Vícios de linguagem.

Livro:
Gramática portuguesa por Manoel Olímpio Rodrigues da Costa (2ª edição).

Composição
Os exercícios de composição versarão especialmente sobre:
1° Simples reprodução de breves narrativas feitas pelo professor, podendo o aluno conservar, pouco mais ou menos, a mesma forma e ordem dos pensamentos;
2° Imitação de pequenos trechos ditados e convenientemente explicados e desenvolvidos pelo professor.

Livro:
Literatura brasileira por Melo Morais Filho.

2° ANO
Programa de ensino de Português (3 horas semanais)
Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século atual: explicação do sentido preciso de cada período e de cada parágrafo. Exercícios ortográficos sob ditado de trechos de prosa e de verso, para aplicação das regras dos acentos lexicológicos. Gramática: revisão das doutrinas estudadas no ano anterior com desenvolvimento da fonologia; temas, análise sintática e fonética de períodos compostos. Composição: períodos compostos a formar pelos alunos sobre assuntos a seu alcance; breves narrações e descrições, a redigir oralmente e por escrito, conforme o subsídio que lhes proporcionar o professor.
Livros:
Gramática portuguesa por Júlio Ribeiro.
Seleta Nacional por F. J. Caldas Aulete; 1ª parte (literatura)
Seleta Nacional por F. J. Caldas Aulete; 3ª parte (poesia)

3° ANO
Programa de ensino de Português (3 horas semanais)
Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século XVIII: explicação do sentido geral de todo o trecho lido ou recitado. Exercícios ortográficos sob ditado, em que entrem homônimos, parônimos e formas divergentes.
Gramática: revisão das doutrinas aprendidas no ano anterior, com desenvolvimento da morfologia; noções de etimologia portuguesa; exercícios de composição e derivação de palavras e sobre vocábulos de formação popular e de origem erudita; temas; análise sintática e etimológica. Composição: exercícios de conversão de verso em prosa, e de mudança de estrutura de proposições e períodos; breves narrações, descrições e cartas, conforme o subsídio que ministrar o professor.
Livros:
Gramática portuguesa por Júlio Ribeiro.
Prosas seletas por José da Fonseca, última edição.
Seleta nacional, por F. J. Caldas Aulete, 3ª parte (poesia)

4° ANO
Programa de ensino de Português (3 horas semanais)
Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século XVII: exposição do conteúdo de cada trecho, por outras palavras. Exercícios ortográficos sob ditado, para aplicação das regras de pontuação.
Gramática: revisão das doutrinas estudadas no ano anterior; com desenvolvimento da sintaxe; exercícios de agrupamento de palavras por famílias e de composição e derivação das mesmas; temas; análise sintática e etimológica.
Composição: períodos a formar pelos alunos, empregando expressões no sentido natural e figurado; breves narrações, descrições e cartas, bem como escritos, de uso comum, a redigir conforme os subsídios que ministrar o professor.
Livros:
Gramática portuguesa por Júlio Ribeiro.
Prosas seletas por José da Fonseca, última edição.
Seleta nacional por F. J. Caldas Aulete, 3ª parte (Poesia).

5° ANO
Programa de ensino de Português
Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século XVI: exposição do conteúdo de cada trecho por outras palavras. Exercícios ortográficos sob ditado, para aplicação das regras de pontuação. Exercícios cacográficos para correção de vícios de linguagem em geral e especialmente para a substituição de galicismos por palavras e frases de legítimo cunho português.
Gramática: revisão das doutrinas anteriormente estudadas; desenvolvimento das regras de construção; idiotismos; vícios de linguagem; provincialismos, hibridismos, arcaísmos, neologismos, dialetos; exercícios de agrupamento de palavras por família e por associação de idéias; temas.

Composição: períodos a formar pelos alunos com pureza, propriedade e precisão de dicção; redação de escritos de uso mais freqüente, sem subsídio ministrado pelo professor, mas sobre o assunto que este indicar; imitação de narrações, descrições e cartas, modelos em seu gênero à escolha do professor.
Livros:
Gramática portuguesa por Júlio Ribeiro.
Prosas seletas por José da Fonseca, última edição.
Seleta nacional por F. J. Caldas Aulete, 3ª parte (Poesia).

6º ANO
Programa de ensino de Retórica, Poética e Literatura Nacional
Retórica: Generalidades. Regras essenciais dos diversos gêneros de oratória e dos diferentes gêneros de prosa. Estilo, seus gêneros e exemplos. Princípios de estética literária: exercícios de composição própria; declamação e reta pronúncia; discursos de diversos gêneros proferidos pelos alunos com estudo ou de improviso.

1. Eloqüência em geral, seus caracteres próprios. Relações da eloqüência com a poesia. Qualidades do orador. Divisão da eloqüência. Retórica; seu objeto. Diferença entre a retórica moderna e antiga. Importância do estudo da retórica. Divisão da retórica: invenção; disposição; elocução. Composição em prosa.
2. Invenção; seu objeto. Argumentos; paixões; costumes. Regras de invenção.
3. Disposição. Partes do discurso: Exórdio; narração; confirmação; peroração; suas subdivisões. Regras de cada parte do discurso.
4. Elocução; estilo. Qualidades gerais do estilo. Harmonia do estilo; regras.
5. Figuras. Origem e natureza do estilo figurado. Divisão das figuras: figuras de pensamento e figuras de palavra. Figuras de pensamento; suas espécies; regras.
6. Figuras de palavra; tropos. Suas espécies; regras.
7. Diferentes espécies de estilo. Qualidades particulares do estilo. Regras; modelos.
8. Composição em prosa. Prosa; seus caracteres gerais. Enumeração dos gêneros de prosa. Divisão de gênero oratório: eloqüência política; forense; sagrada e acadêmica, incluindo a do magistério.
9. Eloqüência política; seu caráter. Discursos que compreende; regras; noções do desenvolvimento histórico da eloqüência política; análise crítica de modelos.
10. Eloqüência judiciária; seus caracteres; discursos pertencentes à eloqüência forense; regras; noções do desenvolvimento histórico da eloqüência forense; análise crítica de modelos.
11. Eloqüência sagrada; seu caráter. Espécies de discursos sagrados; regras. Noções do desenvolvimento histórico da eloqüência sagrada. Análise crítica de modelos.
12. Eloqüência acadêmica; seu caráter; discursos de que trata a eloqüência acadêmica; discursos acadêmicos propriamente ditos; discursos próprios do ensino; regras. Análise crítica de modelos.
13. Gênero histórico ou narrativo; seu caráter; obras compreendidas no gênero histórico; regras. Noções do desenvolvimento das composições relativas ao gênero histórico. Análise crítica de modelos. Exercícios de composição de narrações, retratos e paralelos históricos.
14. Romance; conto; novela; seus caracteres; regras. Noções do desenvolvimento histórico do romance. Análise crítica de modelos. Exercícios de composição de narrações, descrições e retratos, adequados ao romance, ao conto e à novela. Gênero epistolar: seu caráter; regras. Noções do desenvolvimento histórico do gênero epistolar. Análise crítica de modelos. Exercícios de composição.
15. Gênero didático; seu caráter; escritos respectivos. Regras gerais do gênero didático. Análise crítica de modelos. Regras especiais de composição de escritos filosóficos; regras especiais de crítica literária. Exercícios de composição de assuntos filosóficos e literários.
16. Declamação oratória; voz; pronunciação; ação; regras. Diferença entre a declamação moderna e antiga.
17. Resumo da história da eloqüência profana e sagrada. Resumo da história da retórica.

Poética: Generalidades. Regras essenciais da versificação e dos diferentes gêneros de poesia; recitação de cor de poesias patrióticas e religiosas.

18. Da poesia em geral: seus caracteres essenciais. Diferença entre a linguagem e estilo da poesia e da prosa. Origem da poesia. Da poética; sua utilidade.
19. Versificação em geral: origem e mecanismo do verso; sistemas de versificação, antigo e moderno. Diferença entre a contagem de sílabas, gramaticais e poéticas. Espécies de verso usados na versificação portuguesa e suas regras. Licenças poéticas.

20. Gêneros de poesia: principais e acessórios; seus caracteres. Gêneros principais da poesia: lírico, épico e dramático. Gênero lírico; seu caráter; classes a que podem reduzir as poesias deste gênero; espécies deste gênero; noções de sua origem.
21. Gênero épico: seu caráter. Epopéia; suas qualidades características; regras. Análise crítica de modelos. Poema herói-cômico; seu caráter distintivo.
22. Gênero dramático: seu caráter; suas espécies; tragédia; comédia; drama: noções de sua origem. Análise crítica de modelos.
23. Gêneros acessórios de poesia; poesia didática; seu caráter. Análise crítica de modelos. Sátiras e epístolas. Gênero epigramático: epigrama, soneto, décima e madrigal; regras. Análise crítica de modelos.
24. Poesia elegíaca: seu caráter e regras. Poesia pastoril; seu caráter e regras. Poesia descritiva; seus caracteres e regras. Análise crítica de modelos.
25. Da manifestação do sublime e do belo nas composições poéticas. Noções da poesia clássica, romântica e realista; seus caracteres e diferenças.

Literatura Nacional: Generalidades. Histórico das diferentes fases da literatura brasileira. Análise literária das obras de melhor nota; juízos críticos e paralelos dados por escrito pelos alunos dos principais poetas e prosadores, por designação do professor.

26. Noções e definição da literatura em geral. Estado em que se achava a literatura portuguesa na ocasião do descobrimento do Brasil e nos dois séculos seguintes: sua influência direta nas produções literárias do Brasil. Caráter nacional da literatura brasileira; divisão de sua história em períodos. Primeiro período: do descobrimento do Brasil até o fim do século XVII. Segundo período: primeira metade do século XVIII. Terceiro período: segunda metade do século XVIII. Quarto período: do princípio do século XIX até 1840. Quinto período: de 1840 até a época atual.
27. Primeiro período: (do descobrimento do Brasil até o fim do século XVII) Influência dos jesuítas na cultura literária. Primeiros ensaios em latim e em português. Escritores brasileiros deste período.
28. Segundo período: (primeira metade do século XVIII) Desenvolvimento da cultura das letras, principalmente na Bahia. Formação de sociedades literárias. Poetas líricos; caráter de suas poesias. Escritor histórico e dramático deste período.
29. Terceiro período: (segunda metade do século XVIII) Novo desenvolvimento da literatura no Brasil. O Rio de Janeiro torna-se residência do vice-rei; cria-se um novo centro literário. Fundação de academias. Poetas de Minas: sua acusação em crime de inconfidência; influência deste sucesso na literatura brasileira. Poetas épicos. Poetas líricos de Minas e outros deste período.
30. Quarto período: (do princípio do século XIX até 1840) Predomínio do elemento cristão na literatura brasileira. Poetas líricos. Eloqüência sagrada. Lexicógrafo.
31. Quinto período: (de 1840 até a época atual) Emancipação da literatura brasileira; mudança de seu caráter. Poetas líricos. Poetas dramáticos. Poetas épicos. Romancistas e outros prosadores.

Livros:
Para Retórica: Lições de Retórica pelo Professor Dr. José Maria Velho da Silva.
Para Poética: Postila do Professor Dr. José Maria Velho da Silva.
Para Literatura Nacional: Histoire de la littérature brésilienne por F. Wolf.

7° ANO
Programa de ensino de Português e História Literária (3 horas semanais)

1. *Português*: A glotologia, seu fim, divisão, método. Formação: períodos de desenvolvimento na ciência da linguagem.
2. Classificação das línguas. A glótica com as outras ciências.
3. História da língua portuguesa.
4. Estudo das forças que concorreram para a formação da língua portuguesa e das leis que presidem à evolução lingüística.
5. Fonologia. Vocalismo
6. Consonantismo.
7. Modificações acidentais no sistema fonético.
8. Alterações mórficas e sintáticas.
9. Substantivo e adjetivo.
10. Pronome.
11. Verbo: teoria da conjugação; suas divisões.

12. Palavras invariáveis.
13. Elementos de composição e derivação.
14. Temas e raízes.
15. Formas divergentes.
16. Sintaxe das palavras variáveis.
17. Sintaxe das palavras invariáveis.
18. Sinônimos; homônimos e parônimos.
19. Elementos históricos que entram na composição do português.
20. O português falado no Brasil: brasileirismos.
21. Análise glotológica.

1. *História Literária.* Noções gerais: história literária, literatura, objeto, importância e utilidade de seu estudo; divisões.
2. História literária do Oriente.
3. História literária da Grécia, do período fabuloso ao período áureo, exclusive.
4. Período áureo.
5. Do período alexandrino ao bizantino.
6. História literária de Roma, até ao século de Augusto, exclusivo.
7. Século de Augusto.
8. Terceiro e quarto períodos.
9. História literária da Itália: período de formação e desenvolvimento, até o século XIV.
10. Período áureo (séculos XV e XVI). Decadência até a reforma (do século XVII ao século XIX).
11. História literária da França até o século XVI (período de formação e desenvolvimento).
12. Século áureo.
13. Século áureo até o século XIX (período romântico).
14. História literária da Espanha até o século XV (formação e desenvolvimento).
15. Período de grandeza (séculos XVI e XVII).
16. Período de grandeza até o período da reforma (séculos XVIII e XIX).
17. História literária da Inglaterra até o século XVII.
18. História literária da Inglaterra desde o século XVII até o século XIX.
19. História literária da Alemanha até o século XVI.
20. História literária da Alemanha do século XVII ao século XIX.
21. História literária Anglo-Americana e americana.

Livros:
Postilas do professor (em falta de compêndio)
História Literária: cônego Fernandes Pinheiro.

1892

1° ANO
Português (2° cadeira)
Estudo completo da gramática expositiva; exercícios de redação com auxílio ministrado pelo lente.

1. Gramática expositiva complementar: Os sons e as letras, vogais, consoantes, sílabas, vocábulos, notações léxicas.
2. Metaplasmas. Sistemas de ortografia.
3. Estrutura da palavra. Classificação das palavras.
4. Estudo das palavras variáveis e das invariáveis.
5. Composição e derivação.
6. Sintaxe em geral. Da proposição. Coordenação e subordinação.
7. Regras de sintaxe relativas às palavras variáveis e invariáveis.
8. Sintaxe do verbo *haver* e do pronome *se*.
9. Da ordem das palavras e das proposições.

10. Das notações sintáticas; pontuação.
11. Figuras de sintaxe. Partículas de realce.
12. Dos vícios de linguagem. Dos idiotismos.
13. Das alterações léxicas e sintáticas; arcaísmo e neologismo.
14. A sintaxe e o estilo.

Parte prática
Análise lógica e sintática. Exercícios de conversão de verso em prosa e de mudança de estrutura de preposições. Exercícios de agrupamento de palavras por famílias. Exercícios ortográficos em que entram sinônimos, homônimos e parônimos. Narrações, transcrições, cartas de uso freqüente escritas pelos alunos, conforme os subsídios que lhes ministrar o lente.
Livros:
Seleção literária de F. Barreto e V. de Souza (última edição).
Gramática de João Ribeiro, curso médio.

2° ANO
Português (2ª cadeira)
Gramática histórica; exercícios de composição, sem subsídio do lente.
Revisão das doutrinas estudadas no ano anterior.
1. Gramática histórica. Leis de formação das línguas românicas. Origem da língua portuguesa. Estudo comparativo dos períodos da língua portuguesa.
2. Fonologia histórica. Vocalismo e consonantismo. Modificações acidentais no sistema fonético.
3. Etimologia histórica das palavras variáveis e das invariáveis.
4. Elementos de composição e derivação. Temas e raízes.
5. Formas divergentes.
6. Estudo comparativo da sintaxe latina e portuguesa.
7. Sintaxe histórica das palavras variáveis e das invariáveis.
8. Alterações mórficas e sintáticas. Arcaísmos e neologismos.
9. Das anomalias gramaticais. Dialetos.
10. Do português falado no Brasil.
11. Críticas dos sistemas ortográficos.
12. Sintaxe e estilo.

Parte prática
Durante o ano letivo os alunos deverão fazer análise etimológica e sintática de trechos de português hodierno e antigo. O professor também exercitará os alunos na conversão de trechos do português arcaico em trechos de português moderno. Exercícios de redação, sem subsídio ministrado pelo lente, mas sobre assunto que este indicar.
Livros:
Gramática de João Ribeiro, curso superior.
Seleção literária por Fausto Barreto e Vicente de Souza.
Antologia portuguesa por Teófilo Braga.

3° ANO
pelo antigo plano de estudos, art. 105; do Reg. De 22 de novembro de 1890
Português
Gramática histórica, exercícios de composição, com subsídio do lente.
Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses: explicação do sentido geral de todo o trecho lido ou recitado. Exercícios ortográficos sob ditado, em que entrem homônimos, parônimos e formas divergentes.
Gramática - Revisão das doutrinas aprendidas no ano anterior, com desenvolvimento da morfologia: noções de etimologia portuguesa: exercícios de composição e derivação de palavras e sobre vocábulos de formação popular e de origem erudita: temas, análise sintática e etimológica. Composição. Exercícios de conversão de

verso em prosa e de mudança de estrutura de composição e de períodos: breves narrações, descrições e cartas, conforme o subsídio que ministrar o professor.
Livros:
Lições de gramática portuguesa, por João Ribeiro.
Seleção literária, por Fausto Barreto e Vicente de Souza.

4° ANO
Português
Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses: exposição do conteúdo de cada trecho por outras palavras. Exercícios ortográficos sob ditado, para aplicação das regras de pontuação.
Gramática: revisão das doutrinas estudadas no ano anterior, com desenvolvimento da sintaxe; exercícios de agrupamento de palavras por famílias e de composição e derivação das mesmas; temas; análise sintática e etimológica.
Composição: períodos a formar pelos alunos, empregando expressões no sentido natural e figurado; breves narrações, descrições e cartas, bem como escritos de uso comum, a redigir conforme os subsídios que ministrar o professor.
Livros:
Gramática analítica por Maximino de Araújo Maciel.
Seleção literária, por Fausto Barreto e Vicente de Souza.

5° ANO
Português
Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses: exposição do conteúdo de cada trecho por outras palavras. Exercícios ortográficos, sob ditado, para aplicação das regras de pontuação.
Exercícios cacográficos para correção de vícios de galicismos por palavras e frases de legítimo cunho português.
Gramática: Revisão das doutrinas anteriormente estudadas, desenvolvimento das regras de contrução, idiotismos, vícios de linguagem; provincialismos, hibridismos, arcaísmos, neologismos, dialetos; exercícios de agrupamento de palavras por famílias e por associação de idéias. Temas.
Composição: períodos a formar pelos alunos com pureza, propriedade e precisão de dicção; redação de escritos de uso mais freqüente, sem subsídio ministrado pelo professor, mas sobre o assunto que este indicar; imitação de narrações, descrições e cartas, modelos em seu gênero à escolha do professor.
Livros:
Noções de Gramática portuguesa, por Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade.
Seleção literária, por Fausto Barreto e Vicente de Souza.
Estudinhos de língua pátria, por Silva Túlio.

6° ANO
História da Literatura Nacional

1. Literatura, sua definição; importância e utilidade de seu estudo; sua divisão - Crítica literária, seus diversos sistemas - Escolas literárias - Literatura Nacional - A literatura brasileira em relação à portuguesa - Influência da literatura portuguesa sobre o desenvolvimento literário do Brasil no período colonial - Necessidade do estudo sucinto da literatura portuguesa como introdução ao estudo da literatura brasileira.
2. A nacionalidade portuguesa - Origem e formação da língua portuguesa - Origem da poesia peninsular - Poesia provençal - Os árabes - A poesia popular - Os trovadores - Os cancioneiros - Primeiros monumentos literários da língua - Rápido estudo dos séculos XII, XIII e XIV.
3. A literatura portuguesa no século XV - Cancioneiro geral de Garcia de Rezende - História, Filosofia, Ficções, Viagens - Imprensa.
4. A literatura portuguesa no século XVI - Progresso e grandeza de Portugal nesse século - Descobrimento do Brasil - Renascimento das letras e das artes - Período áureo da literatura portuguesa - Os quinhentistas - Primeiros gramáticos portugueses - Existência de um elemento tradicional e popular na literatura - Formas do lirismo popular - Criação do teatro português por Gil Vicente - Os bucolistas - Poetas da

medida velha - Sá de Miranda e a introdução da escola italiana em Portugal - Antonio Ferreira, Caminha, Bernardes, D. Manoel de Portugal, André de Rezende - Luiz de Camões, seu parnaso; os Lusíadas - Líricos Camoneanos.

5. Literatura portuguesa no século XVII - A poesia lírica - As epopéias - Gabriel Pereira de Castro, Sá de Menezes, Vasco Mousinho de Quevedo - Poesia dramática - Historiadores e cronistas - Eloqüência sagrada - Padre Antonio Vieira - Filosofia moral, crítica dos costumes - Epistolografia - Academias particulares.
6. Literatura portuguesa no século XVIII - As academias literárias - A Arcádia Ulissiponense - Correia Garção, Antonio Diniz da Cruz e Silva, D. Reis Quita, Padre Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elisio), Nicolau Tolentino de Almeida - Academia Real das Ciências - Nova Arcádia - Bocage, José Agostiniano de Macedo. Curvo Semedo, etc. - Tendências e emancipação política e literária do Brasil.
7. Literatura brasileira - Característico nacional da literatura brasileira - Fatores da literatura brasileira - O meio - o povo - As raças - Tradições - Usos e costumes - Instituições políticas e sociais no período colonial e autonômico - Considerações econômicas, a indústria, o comércio, as artes, etc. - A educação, preconceitos - Alterações da língua portuguesa no Brasil - O desenvolvimento literário no Brasil assinalado em três épocas ou períodos.
8. Primeiro período da história da literatura brasileira - Período de formação (1500 a 1750) - Estado do país - Poetas e cronistas do século XVI - Escola baiana - Cronistas, oradores e poetas do século XVII - Poetas e escritores da primeira metade do século XVIII.
9. Segundo período da história da literatura brasileira - desenvolvimento autonômico (1750 a 1830) - Escola mineira: poesia épica - Poesia cômico-satírica - Poesia lírica - Oradores sagrados - Poesia religiosa e patriótica.
10. O Brasil no primeiro quartel do século XIX - Os acontecimentos políticos - A independência - retrospectos do movimento científico e artístico iniciado no século anterior e acentuado neste século - Os últimos poetas clássicos - Transição entre a poesia clássica e romântica.
11. Historiadores, economistas, jurisconsultos, biógrafos, teólogos e literatos que floresceram no Brasil de 1750 a 1830.
12. Terceira época ou período da literatura brasileira (1830 a 1870) - O romantismo - Poesia - Os épicos - Os poetas líricos - Os poetas dramáticos - Os prosadores - Os romancistas - Os críticos - Os historiadores - Os oradores - Os jornalistas - O movimento científico e artístico neste período.
13. Estudo crítico sobre a poesia lírica no Brasil - A poesia popular - Principais poetas líricos.
14. A poesia épica no Brasil - Elementos para a epopéia brasileira - Principais poetas épicos.
15. Poesia dramática no Brasil - Os principais poetas dramáticos.
16. Estudo crítico sobre os principais cronistas e historiadores brasileiros.
17. O romance no Brasil e seus principais representantes.
18. A eloqüência no Brasil e seus principais representantes.
19. O jornalismo no Brasil.

Livros:
História da literatura brasileira, por Silvio Romero.
Apostilas do professor.

1893

1° ANO
Português (2° cadeira)
Estudo da gramática expositiva; leitura e recitação expressiva; exercício de redação com auxílio ministrado pelo lente.
Parte Teórica

1. Gramática expositiva e divisão do seu estudo.
2. Os sons e as letras; vogais, consoantes, grupos vocálicos, grupos consonantais; sílaba; vocábulo; notações léxicas.
3. Acento tônico e quantidade.

4. Metaplasmos.
5. Estrutura da palavra: raiz; tema; flexão; afixos.
6. Classificação das palavras.
7. Estudo das palavras variáveis e das invariáveis.
8. Composição e derivação.
9. Sintaxe em geral.
10. Da proposição; coordenação; subordinação.
11. Regras principais relativas à sintaxe das palavras variáveis e das invariáveis.
12. Regras gerais sobre a ordem das palavras e das proposições.
13. Figuras de sintaxe. Partículas de realce.
14. Vícios de linguagem. Idiotismos.

Parte Prática

Leitura e recitação expressiva de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século atual; explicação do sentido geral do trecho lido ou recitado.
Exercícios ortográficos, sob ditado, em que entrem sinônimos, antônimos, homônimos, cognatos e parônimos. Exercícios fraseológicos para a aplicação das regras de pontuação. Análise léxica e sintática. Exercícios de redação, sobre assuntos fáceis, com auxílio ministrado pelo lente.
Livros:
Gramática Portuguesa de João Ribeiro (curso médio).
Seleção literária por F. Barreto e V. de Souza (2ª edição).

2° ANO

Português (2ª cadeira)

Estudo completo da gramática expositiva; leitura e recitação expressiva; exercícios de composição gradualmente mais difíceis, com subsídios ministrados pelo lente.

Parte teórica

1. Revisão das doutrinas ensinadas no ano anterior.
2. Fonologia: classificação das vogais, das consoantes, dos grupos vocálicos, dos grupos consonantais.
3. Acento tônico e quantidade. Metaplasmos.
4. Da ortografia.
5. Morfologia: estrutura e sentido das palavras.
6. Taxinomia ou classificação das palavras.
7. Estudo de cada uma das categorias gramaticais.
8. Família de palavras por identidade de raiz, por identidade ou similitude de forma e por associação de idéias.
9. Processos de formação das palavras no próprio cabedal da língua. Estudo detido dos prefixos e dos sufixos.
10. Sintaxe: Da proposição; coordenação; subordinação; classificação das proposições.
11. Particularidades sintáticas relativas às palavras variáveis e às invariáveis.
12. Do emprego dos modos e dos tempos. Correspondência dos tempos dos verbos nas proposições coordenadas e nas proposições subordinadas.
13. Sintaxe do verbo *haver* e do pronome *se*; emprego do infinito pessoal, do impessoal e das outras formas nominais do verbo.
14. Da ordem das palavras e das proposições. Notações sintáticas.
15. Da colocação dos pronomes pessoais em relação subjetiva e objetiva.
16. Figuras de palavras e de pensamento. Partículas de realce.
17. Vícios de linguagem. Idiotismo. Anomalias gramaticais; brasileirismos e provincialismos.
18. A sintaxe e o estilo.

Parte Prática

Leitura e recitação expressiva de trechos de escritores portugueses e brasileiros de nota; explicação do sentido de cada palavra do trecho lido ou recitado; exposição do conteúdo de cada trecho por outras palavras.
Exercício de conversão de verso em prosa e de mudança de estrutura de proposições; exercícios de composição gradualmente mais difíceis, com subsídios ministrados pelo lente. Análise léxica e sintática.
Livros:
Gramática de João Ribeiro (curso superior). Seleção literária por F. Barreto e V. de Souza.

3° ANO
Português (2ª cadeira)
Gramática histórica; exercícios de composição sem subsídio ministrado pelo lente.
Parte Teórica
1. Revisão das matérias ensinadas no 2° ano de português.
2. Observações sobre o que se entende por glotologia, filologia, gramática geral, gramática histórica e gramática expositiva.
3. Gramática histórica da língua portuguesa e divisão de seu estudo.
4. Teoria do vocalismo e do consonantismo. Modificações acidentais do sistema fonético.
5. Apreciação dos sistemas ortográficos; causas da irregularidade da ortografia portuguesa.
6. Da estrutura e do sentido das palavras; das mudanças de sentido.
7. Estudo comparado das categorias gramaticais.
8. Princípios em que se baseia a etimologia.
9. Etimologia das palavras variáveis e das invariáveis.
10. Elementos de composição e de derivação.
11. Constituição do léxico português. Formas divergentes.
12. Estudo comparativo geral da sintaxe latina e portuguesa.
13. Sintaxe histórica das palavras variáveis e das invariáveis. Estrutura oracional românica, especialmente da língua portuguesa.
14. Alterações mórficas e sintáticas.
15. Das anomalias gramaticais. Dialetos.
16. Do português falado no Brasil.
17. A sintaxe e o estilo.
18. História da língua portuguesa. Noções sucintas sobre a classificação das línguas.

Parte Prática
Durante o ano letivo os alunos deverão fazer análise etimológica e sintática de trechos de português moderno e antigo. O lente também exercitará os alunos na conversão de trechos de português arcaico em trechos de português moderno.
Exercícios de composição, sem subsídio ministrado pelo lente.
Livros:
Noções de gramática portuguesa por Pacheco Júnior e Lameira de Andrade.
Seleção Literária por Fausto Barreto e V. de Souza (2ª edição)
Antologia portuguesa por Teófilo Braga.

4° ANO
Português [idem a 1892]

5° ANO
Português [idem a 1892]

6° ANO
História da Literatura Nacional [idem a 1892]

1895

1° ANO
Português [idem a 1893, com exceção do quarto item, que passou para "4. Alterações fônicas."]
Livros:
Alfredo Gomes: - Gramática (5° edição).
Fausto Barreto e C. de Laet: - Antologia Nacional.
João Ribeiro: - Autores contemporâneos.

2° ANO
Português [idem a 1893, com exceção do quarto item, que substituiu "Metaplasmos" por "Alterações fônicas."]
Livros:
Os mesmos do 1° ano [1895].

3° ANO
Português [idem a 1893]
Livros:
Pacheco Junior e Lameira de Andrade: - Noções de gramática portuguesa (2° edição).
Fausto Barreto e C. Laet: - Antologia Nacional.
Teófilo Braga: - Antologia portuguesa.
João Ribeiro: - Autores contemporâneos.

6° ANO [idem a 1892]
Livros:
Silvio Romero: - História da literatura brasileira.
Teófilo Braga: - Curso de história da literatura portuguesa.

1897

1° ANO
Português [idem a 1893]

2° ANO
Português [idem a 1893]

3° ANO
Português [idem a 1893]

Revisões
Português
(4°, 5° e 6° anos)
4° ANO
1. Estudo histórico do vocalismo e do consonantismo.
2. Dos sistemas gráficos.
3. Estudo comparado das categorias gramaticais.

4. Função das palavras e das preposições.
5. Sintaxe e estilo.
6. Exercícios de composição; análise lógica e etimológica de trechos de português moderno e antigo.

5° ANO
1. Da estrutura e do sentido das palavras; mudanças de sentido.
2. Constituição do vocabulário português.
3. Anomalias gramaticais; dialetos.
4. Sintaxe e estilo.
5. Exercícios de composição; análise lógica e etimológica de trechos de português moderno e antigo.

6° ANO
1. Noções sobre a formação das línguas novo-latinas em geral, fases da língua portuguesa.
2. O português falado no Brasil.
3. Noções sucintas sobre a classificação das línguas.
4. Exercícios de composição; análise lógica e etimológica de trechos de português moderno e antigo.

Livros:
Pacheco Júnior e Lameira de Andrade - Noções de Gramática Portuguesa (2° edição).
Fausto Barreto e C. de Laet - Antologia Nacional.
Teófilo Braga - Antologia Portuguesa.

7° ANO
História da Literatura Nacional [idem a 1895, a qual era lecionada no 6° Ano]

1898

1° ANO
Português [Curso Realista e Curso Clássico]

Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século atual; explicação do sentido preciso de cada palavra, de cada oração e de cada período.

Exercícios ortográficos sob ditado de palavras que designem objetos conhecidos dos alunos; de períodos curtos sobre noções usuais; e de provérbios, máximas, sentenças e pensamentos morais.

Gramática: explicação pelo processo intuitivo das regras mais elementares; análise léxica e sintática de período simples.

Composição: exercícios fraseológicos, tendo por fim ensinar o aluno a completar e a construir períodos simples sobre assuntos a seu alcance: breves narrações seguidas de perguntas a que terão os alunos de responder de viva voz e por escrito.

Livros:
Elementos da gramática portuguesa, por Felisberto de Carvalho, (14° edição) e **Exercícios de língua portuguesa**, correspondentes à Gramática elementar, (4° edição) pelo mesmo autor.
Antologia Nacional, por Fausto Barreto e Carlos de Laet.
Autores Contemporâneos, por João Ribeiro.

2° ANO

Português [Curso Realista e Curso Clássico]

Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século atual; explicação do sentido preciso de cada período e de cada parágrafo.

Exercícios ortográficos sob ditado de trechos de prosa e verso para aplicação das regras dos acentos lexicológicos.

Gramática:

Revisão das matérias estudadas do ano anterior com desenvolvimento da fonologia; análise sintática e fonética de períodos compostos.

Composição:

Exercícios fraseológicos tendo por fim ensinar o aluno a completar e a construir períodos compostos sobre assuntos a seu alcance; breves narrações e descrições, que terão os alunos de redigir oralmente e por escrito, conforme o subsídio que o lente lhes proporcionar.

Livros:

Gramática portuguesa, pelo Dr. Alfredo Gomes, 7ª edição.
Antologia Nacional, por Fausto Barreto e Carlos de Laet.
Autores contemporâneos, por João Ribeiro.

3° ANO

Português [Curso Realista e Curso Clássico]

Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século XVIII; explicação do sentido geral de todo o trecho lido ou recitado.

Exercícios ortográficos sob ditado em que entrem homônimos e parônimos.

Gramática: revisão das doutrinas aprendidas no ano anterior com desenvolvimento da morfologia; noções de etimologia portuguesa, exercícios de composição e derivação de palavras sobre vocábulos de formação popular e de origem erudita; análise sintática e etimológica.

Composição: exercícios de redução de prosa literária à linguagem comum, de verso à prosa literária ou vulgar e de mudança de estrutura de orações e períodos; breves narrações, descrição e cartas conforme o subsídio que prestar o lente.

Livros:

Gramática portuguesa, pelo Dr. Alfredo Gomes, 7ª edição.
Antologia Nacional, por Fausto Barreto e Carlos de Laet.
Seleta Nacional, por Francisco Júlio de Caldas Aulete, 3ª parte, edição por Tomáz de Carvalho.

4° ANO

Português [Curso Realista e Curso Clássico]

Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século XVII; exposição do conteúdo de cada trecho por outras palavras.

Exercícios ortográficos sob ditado para aplicação das regras de pontuação.

Gramática:

Revisão das doutrinas estudadas no ano anterior, com desenvolvimento da sintaxe. Exercícios de agrupamento de palavras por famílias e de composição e derivação das mesmas; análise sintática e etimológica.

Composição:

Exercícios fraseológicos para emprego de expressões no sentido material e figurado; breves narrações, descrições e cartas, bem como escritos de uso comum conforme o auxílio que ministrar o lente.

Livros:

Gramática portuguesa, pelo Dr. Alfredo Gomes, 7ª edição.
Antologia Nacional, por Fausto Barreto e Carlos de Laet.
Seleta Nacional, por Francisco Júlio de Caldas Aulete, 1ª parte, edição por Tomáz de Carvalho.

5° ANO

Português [Curso Realista e Curso Clássico]

Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século XVI; exposição do conteúdo de cada trecho por outras palavras.

Exercícios ortográficos sob ditado para aplicação das regras de pontuação.

Gramática:

Revisão das matérias aprendidas no ano anterior; particularidades de construção, idiotismos; vícios de linguagem; arcaísmos; hibridismos; neologismos; provincialismos; brasileirismos; exercícios de agrupamento de palavras por família e por associação de idéias; análise sintática e etimológica.

Composição:

Exercícios fraseológicos pelos alunos, com pureza, propriedade e precisão de dicção, redação de escritos de uso comum sem subsídio ministrado pelo lente, mas sobre assunto que este indicar; imitação de narrações, descrições e cartas, modelos em seu gênero, à escolha do lente.

Livros:

Gramática Portuguesa, por M. Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade (2° edição).
Antologia Nacional, por Fausto Barreto e Carlos de Laet.
Antologia Portuguesa, por Teófilo Braga.

6° ANO

Português [Curso Realista e Curso Clássico]

Revisão das matérias aprendidas no ano anterior.

Breves noções sobre história da língua portuguesa.

Idades da língua portuguesa. Apreciação dos principais monumentos da língua, clássicos ou contemporâneos.

O lente exercitará os alunos na conversão de trechos de português antigo em trechos de português moderno.

Exercícios de composição da lavra própria dos alunos, mas sobre assunto designado pelo respectivo lente; paralelos de escritores de nota; análise do estilo de poetas e prosadores importantes e biografias dos grandes patriotas.

Livros:

Os mesmos do 5° ano.

7° ANO

História da Literatura Geral e da Nacional [só para o Curso Clássico]

1. Noções gerais: história literária, literatura, objeto, importância e utilidade de seu estudo; sua divisão - Crítica literária, seus diversos sistemas - Escolas literárias.
2. História literária do Oriente.
3. História literária da Grécia, do período fabuloso ao período áureo, exclusive.
4. Período áureo.
5. Do período alexandrino ao bizantino.
6. História literária de Roma, até ao século de Augusto, exclusive.
7. Século de Augusto.
8. Terceiro e quarto períodos.
9. História literária da Itália: período de formação e desenvolvimento, até o século XIV.
10. Período áureo (séculos XV e XVI). Decadência até a reforma (do século XVII ao século XIX).
11. História literária da França até o século XVI (período de formação e desenvolvimento).
12. Século áureo.
13. Século áureo até o século XIX (período romântico).
14. História literária da Espanha até o século XV (formação e desenvolvimento).
15. Período de grandeza (séculos XVI e XVII).
16. Período de grandeza até o período da reforma (séculos XVIII e XIX).
17. História literária da Inglaterra até o século XVII.
18. História literária da Inglaterra desde o século XVII até o século XIX.
19. História literária da Alemanha até o século XVI.

20. História literária da Alemanha do século XVII ao século XIX.
21. História literária Anglo-Americana.
22. Rápido estudo da história literária dos povos hispano-americanos.
23. Literatura Nacional - A literatura brasileira em relação à portuguesa - Influência da literatura portuguesa sobre o desenvolvimento literário do Brasil no período colonial - Necessidade do estudo sucinto da literatura portuguesa como introdução ao estudo da literatura brasileira. A literatura portuguesa - A nacionalidade portuguesa - Origem e formação da língua portuguesa - Origem da poesia peninsular - Poesia provençal - Os árabes - A poesia popular - Os trovadores - Os cancioneiros - Primeiros monumentos literários da língua - Rápido estudo dos séculos XII, XIII e XIV.
24. A literatura portuguesa no século XV - Cancioneiro geral de Garcia de Rezende - História, Filosofia, Ficções e Viagens - Imprensa.
25. A literatura portuguesa no século XVI - Progresso e grandeza de Portugal nesse século - Descobrimento do Brasil - Renascimento das letras e das artes - Período áureo da literatura portuguesa - Os quinhentistas - Primeiros gramáticos portugueses - Existência de um elemento tradicional e popular na literatura - Formas do lirismo popular - Criação do teatro português por Gil Vicente - Os bucolistas - Poetas da medida velha - Sá de Miranda e a introdução da escola italiana em Portugal - Antonio Ferreira, Caminha, Bernardes, D. Manoel de Portugal, André de Rezende - Luiz de Camões, seu parnaso; os Lusíadas - Líricos Camoneanos.
26. Literatura portuguesa no século XVII - A poesia lírica - As epopéias - Gabriel Pereira de Castro, Sá de Menezes, Vasco Mousinho de Quevedo - Poesia dramática - Historiadores e cronistas - Eloqüência sagrada - Padre Antonio Vieira - Filosofia moral, crítica dos costumes - Epistolografia - Academias particulares.
27. Literatura portuguesa no século XVIII - As academias literárias - A Arcádia Ulissiponense - Correia Garção, Antonio Diniz da Cruz e Silva, D. Reis Quita, Padre Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elisio), Nicolau Tolentino de Almeida - Academia Real das Ciências - Nova Arcádia - Bocage, José Agostiniano de Macedo. Curvo Semedo, etc. - Tendências de emancipação política e literária do Brasil.
28. Literatura brasileira - Característico nacional da literatura brasileira - Fatores da literatura brasileira - O meio - o povo - As raças - Tradições - Usos e costumes - Instituições políticas e sociais no período colonial e autonômico - Considerações econômicas, a indústria, o comércio, as artes, etc. - A educação, preconceitos - Alterações da língua portuguesa no Brasil - O desenvolvimento literário no Brasil assinalado em três épocas ou períodos.
29. Primeiro período da história da literatura brasileira - Período de formação (1509 a 1750) - Estado do país - Poetas e cronistas do século XVI - Escola baiana - Cronistas, oradores e poetas do século XVII - Poetas e escritores da primeira metade do século XVIII.
30. Segundo período da história da literatura brasileira - desenvolvimento autonômico (1750 a 1830) - Escola mineira: poesia épica - Poesia cômico-satírica - Poesia lírica - Oradores sagrados - Poesia religiosa e patriótica.
31. O Brasil no primeiro quartel do século XIX - Os acontecimentos políticos - A independência - retrospectos do movimento científico e artístico iniciado no século anterior e acentuado neste século - Os últimos poetas clássicos - Transição entre a poesia clássica e romântica.
32. Historiadores, economistas, jurisconsultos, biógrafos, teólogos e literatos que floresceram no Brasil de 1750 a 1830.
33. Terceira época ou período da literatura brasileira (1830 a 1870) - O romantismo - Poesia - Os épicos - Os poetas líricos - Os poetas dramáticos - Os prosadores - Os romancistas - Os críticos - Os historiadores - Os oradores - Os jornalistas - O movimento científico e artístico neste período.

Livros:

Adolfo Coelho - **Literatura antiga e medieval.**
Fernandes Pinheiro - **História Literária.**
Teófilo Braga - **Curso de história da literatura portuguesa.**
Silvio Romero - **História da literatura brasileira.**

1912

PORTUGUÊS

1ª Série (3 horas)

Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século XIX, explicação do sentido preciso de cada palavra, de cada oração e de cada período.

Exercícios ortográficos sob ditado de trechos de prosa e verso para a aplicação das regras dos acentos lexicológicos.

GRAMÁTICA EXPOSITIVA: explicação, pelo processo intuitivo, das regras essenciais; análise léxica e sintática.

Apreciação de trechos em que entrem provérbios, máximas e sentenças morais.

COMPOSIÇÃO: exercícios fraseológicos tendo por fim ensinar o aluno a completar e construir períodos sobre assuntos a seu alcance; breves narrações e descrições, que terão os alunos de redigir oralmente e por escrito, conforme o subsídio que o lente lhes proporcionar.

2ª Série (2 horas)

Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século XVIII; explicação do sentido geral de todo o trecho lido ou recitado.

Exercícios ortográficos sob ditado em que entrem homônimos e parônimos.

GRAMÁTICA EXPOSITIVA: revisão das doutrinas aprendidas no ano anterior com desenvolvimento da fonologia e da morfologia; exercício de composição e derivação de palavras; análise léxica e sintática.

COMPOSIÇÃO: exercícios de redução de prosa literária a linguagem comum, de verso a prosa literária ou vulgar, e de mudança de estrutura de orações e período; exercícios fraseológicos para emprego de expressões no sentido próprio e no figurado; breves narrações, descrições, bem como escritos de uso comum, conforme o auxílio ministrado pelo lente.

3ª Série (3 horas)

Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas dos séculos XVII e XVI: exposição do conteúdo de cada trecho por outras palavras.

Exercícios ortográficos sob ditado para aplicação das regras de pontuação.

GRAMÁTICA EXPOSITIVA: revisão das matérias aprendidas no ano anterior com desenvolvimento da sintaxe; particularidades de construção; idiotismo; vício de linguagem; arcaísmo; neologismo; provincialismo; brasileirismo; exercícios de agrupamento de palavras por família e por associação de idéias; análise léxica e sintática.

COMPOSIÇÃO: exercícios fraseológicos, pelos alunos, com pureza, propriedade e precisão da dicção; exercícios de redação de escritos sobre assunto de ordem literária anteriormente explicado pelo lente.

4ª Série (3 horas)

1º Revisão das matérias estudadas na 3ª série de português.

2º Observação sobre o que entende por gramática expositiva, gramática histórica, gramática geral, glotologia, filologia e literatura.

3º Gramática histórica da língua portuguesa e divisão do seu estudo.

4º Do vocalismo e do consonantismo. Modificações acidentais do sistema fonético.

5º Apreciação dos sistemas gráficos.

6º Da estrutura e do sentido das palavras; das mudanças de sentido.

7º Estudo comparado das categorias gramaticais.

8º Princípios em que se baseia a etmologia.

9º Etmologia das palavras variáveis e das invariáveis.

10.Elementos de composição e de derivação.

1. Constituição do léxico português. Formas divergentes.
2. Estudo comparado geral da sintaxe latina e portuguesa.
3. Sintaxe histórica das palavras variáveis e das invariáveis. Estrutura oracional românica, especialmente da língua portuguesa.
4. Alterações mórficas e sintáticas.
5. Anomalias gramaticais. Dialetos.
6. O português falado no Brasil.

7. História da língua portuguesa.
8. Teoria da composição literária.
9. Apreciação das principais épocas das literaturas portuguesa e brasileira.

PARTE PRÁTICA

O lente exercitará os alunos na conversão de trechos de português antigo em trechos de português moderno. Noções práticas elementares da declinação e da conjugação latinas. Análise sintática, etimológica e literária de escritores de nota, assim portugueses como brasileiros. Exercícios de composição de lavra própria dos alunos, mas sobre assunto designado pelo professor. Apreciação do estilo de poetas e prosadores importantes e biografia dos grandes patriotas.

1915

PORTUGUÊS

I ANO (3 horas) [idem a 1912]

II ANO (3 horas)

Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses do século XVI, XVII e XVIII; explicação do sentido geral de todo o trecho lido ou recitado.

Exercícios ortográficos sob ditado em que entrem homônimos e parônimos e para aplicação das regras de pontuação.

GRAMÁTICA EXPOSITIVA: revisão das doutrinas aprendidas no ano anterior com desenvolvimento da fonologia e morfologia; exercício de composição e derivação de palavras; análise léxica e sintática, particularidades de construção; idiotismo; vício de linguagem; arcaísmo; neologismo; provincialismo; exercícios de agrupamento de palavras por família e associação de idéias.

COMPOSIÇÃO: exercícios de redução de prosa literária a linguagem comum, de verso e prosa literária ou vulgar, e de mudança de estrutura de orações e períodos; exercícios fraseológicos para emprego de expressões no sentido próprio e figurado; breves narrações, descrições, bem como escritos de uso comum, conforme o auxílio ministrado pelo lente; exercícios fraseológicos, pelos alunos, com pureza, propriedade e precisão de dicção; exercícios de redação de escritos sobre assunto de ordem literária anteriormente explicado pelo lente.

III ANO (3horas)

1ª lição

Revisão das matérias estudadas na 3ª série de português.

2ª lição

Observação sobre o que entende por gramática expositiva, gramática histórica, gramática geral, glotológica, filologia e literatura.

3ª lição

Gramática histórica da língua portuguesa e divisão do seu estudo.

4ª lição

Do vocalismo e do consonantismo. Modificações acidentais do sistema fonético.

5ª lição

Apreciação dos sistemas gráficos.

6ª lição

Da estrutura do sentido das palavras; das mudanças de sentido.

7ª lição

Estudo comparado das categorias gramaticais.

8ª lição

Princípios em que se baseia a etmologia.

9ª lição

Etmologia das palavras variáveis e invariáveis.

10ª lição

Elementos de composição e de derivação.

11ª lição

Constituição do léxico português. Formas divergentes.

12ª lição

Estudo comparado geral da sintaxe latina e portuguesa.

13ª lição

Sintaxe histórica das palavras variáveis e das invariáveis. Estrutura oracional românica, especialmente, da língua portuguesa.

14ª lição

Alterações mórficas e sintáticas.

15ª lição

Anomalias gramaticais. Dialetos.

16ª lição

O português falado no Brasil.

17ª lição

História da língua portuguesa.

18ª lição

Teoria da composição literária.

19ª lição

Apreciação das principais épocas das literaturas portuguesa e brasileira.

PARTE PRÁTICA

O lente exercitará os alunos na conversação de trechos de português antigo em trechos de português moderno. Análise sintática, etimológica e literária de escritores de nota, assim portugueses como brasileiros. Exercícios de composição de lavra própria dos alunos, mas sobre assunto designado pelo professor. Apreciação do estilo de poetas e prosadores importantes e biografia dos grandes patriotas.

1916

PORTUGUÊS

1º ANO [idem a 1915]

2º ANO [idem a 1915]

3º ANO [idem a 1915]

1917

PORTUGUÊS

1º ano

Três horas por semana.

Leitura e recitação de trechos de prosadores e poetas contemporâneos, com a explicação do sentido.

Exercícios ortográficos sob ditado.

Gramática expositiva: princípios e regras essenciais, que deverão ser ensinados mais sobre trechos escritos e analisados no quadro preto do que pela recitação decorada de algum compêndio.

2° ano
Leitura e recitações de trechos de prosadores e poetas, preferidamente clássicos. Terá também cabida a notícia bio-bibliográfica de cada autor.
Exercícios ortográficos, também versando sobre pontuação.
Composição: exercícios gradualmente mais complexos e difíceis, sendo preferidas as descrições em que os alunos possam entrar com elementos da sua observação pessoal; e as narrativas, de sucessos históricos e de que se tirem lições morais.
Gramática expositiva: desenvolvimento das noções ministradas no ano anterior. Exercícios reputados de análise lógica e sintática.

3° ano
Composição: exercícios em que gradualmente se exijam, não somente correção gramatical, mas algumas qualidades estilísticas.
Gramática expositiva: revisão geral.
Gramática histórica:
1. Distinção entre gramática expositiva, histórica, comparada; glotologia, filologia, literatura.
2. História resumida da língua portuguesa.
3. Estudo sumário das leis fonéticas observadas na transição do latim ao português.
4. Alterações morfológicas: - obliteração dos casos; supressão do gênero neutro; graduação dos substantivos e adjetivos; modificações no quadro das conjugações; formação dos futuros e condicionais românicos; voz passiva.
5. Elementos formadores do léxico português.
6. Processos formativos de palavras. Estudo de prefixos e sufixos.
7. Etimologia. Formas convergentes e divergentes.
8. Mudanças que as alterações morfológicas introduziram na sintaxe e no estilo do idioma.
9. Anomalias gramaticais mais em uso no Brasil e em Portugal. Erros de pronúncia. Erros morfológicos. Erros sintáticos. Exercícios para a sua devida correção.
10. Noções sobre as principais fases literárias. (Não sendo possível, pela escassez do tempo letivo, fazer um verdadeiro curso de literatura, nacional, o professor dirá o essencial sobre alguns dos escritores típicos de cada época literária, tanto em Portugal como no Brasil).

Observação. - O programa de gramática histórica, reduzido ao indispensável, pressupõe noções, ainda que elementares, da língua latina, e deve ser exigido não só nos exames finais do Colégio como nos parcelados.

Rio de Janeiro, 2 de março de 1917.
Carlos M. P. de Laet.
Silva Ramos.

1926

Português
1° ANO

I - Como se exprimem os animais; suas vozes (vocabulário). Como fala o homem: palavras, gestos, sinais. Linguagem e línguas. A língua portuguesa e suas parentas (mostrar no mapa, elementarmente, onde se fala o francês, o provençal, o espanhol, o italiano, o romeno e escrever na lousa palavras e frases em cada uma dessas línguas).

II - Por que falamos o português; distribuição do português (com indicações no mapa). Nossa língua não foi sempre o que é hoje (leitura de versos do Crisfal, explicando a época e o autor; depois uma canção tirada de um cancioneiro).

III - Não basta falar e escrever corretamente; cumpre escrever **bem**. Que é gramática; o auxílio que nos presta na correção da linguagem. Divisão da Gramática.

IV - Que é escrever **bem**. Descrever, narrar, dissertar. Espécies de descrição. Qualidades do escritor.

V - Leitura. Requisitos de uma boa leitura. Pronúncia correta. Perfeita emissão das vozes e perfeita articulação das consonâncias. Timbre. Classificação das vogais quanto ao timbre.

VI - Diversos timbres do **a**, do **e** e do **o**.

Casos duvidosos. Pronúncia do **u** depois de **g** e do **q**. Ditongos **ai**, **ei**, **oi**. Hiatos **ea**, **eo**, **ia**, **io**, **ua**. Mudanças de timbre nos nomes e nos verbos.

VII - Articulação do **b**, do **c**, do **d**, do **q**, do **l**, do **m**, do **n**, do **r**, do **s** e do **x**. Pronúncia de consoantes dobradas. Pronúncia dos grupos consonânticos.

VIII - Ligação de palavras na frase. Vícios de pronúncia e sua correção.

IX - Acentuação. Palavras átonas, monótonas, ditonas, tritonas, oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Palavras de acentuação duvidosa (exemplos mais comuns). Enclíticas e proclíticas. Mudanças de acentuação nos nomes e nos verbos.

X - Grafia. Letras; sinais diacríticos.

XI - Taxionomia. Funções lógicas: subjetiva, objetiva, predicativa, adjetiva, adverbial e interjectiva. Partículas acessórias. (Aqui o professor começará os exercícios gradativos muito elementares de análise lógica).

XII - Classificação das palavras segundo suas funções lógicas; o nome, o modificativo, o conectivo, as partículas.

XIII - Classificação de substantivos. Coletivos especiais e numéricos (vocabulário).

XIV - Classificação dos adjetivos, pronomes e advérbios.

XV - Preposição. Estudo prático e reiterado das relações indicadas pelas preposições. Demonstração prática da importância desse estudo para a análise lógica.

XVI - Conjunção. Estudo prático e reiterado de cada classe e de cada conjunção com exercícios. Importância desse estudo na análise lógica.

XVII - Revisão da conjunção regular; tempos compostos, voz passiva.

XVIII - Verbos pronominados (com os pronomes **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos**, enclíticos; com pronomes **o**, **a**, **os**, **as**, enclíticos).

XIX - Verbos irregulares da 1ª conjugação: **dar** e **estar** com os seus compostos e cognatos.

XX - Verbo da 1ª conjugação, cujo tema termina em **e** (ex.: **passear**) e em **i** (ex.: **afiar**, **odiar**, **premiar**).

XXI - Verbos moscar-se, apiedar-se; verbos cujo tema termina em **o** ou **u** (ex.: **magoar**, **obliquar**). Verbos de conjugação viciada (ex.: **vexar**, **repugnar**, **endeusar**, etc.)

XXII - Verbos irregulares da 2ª conjugação cuja vogal da penúltima sílaba é **e** ou **o** (ex.: **ceder**, **correr**). O verbo **pôr**, sua inclusão na 2ª conjugação (ao lado de **doer**, **moer**, **roer**, **soer**); suas irregularidades.

XXIII - Verbos **caber** e **saber**; **haver** e **reaver**.

XXIV - Verbos ser e ter (com seus compostos).

XXV - Verbo **ver** e compostos (particularidade de **prover**).

XXVI - Verbos **dizer**, **fazer**, **trazer** com seus compostos; **jazer** e **aprazer** com seus compostos.

XXVII - Verbos querer e compostos; **crer** e **ler**, **valer**, **poder**.

XXVIII - Verbos da 2ª conjugação vulgarmente errados (**precaver-se**, etc.)

XXIX - Verbos irregulares da 3ª conjugação, cuja vogal da penúltima sílaba é **e** ou **o** (duas classes; ex.: **ferir**, **agredir**); os de vogal **u** (ex.: **fugir**); os de vogal **a** (ex.: **sair**).

XXX - Verbos **ir**, **vir** e compostos.

XXXI - Verbos **medir**, **pedir**, **impedir**, **expedir**, **despedir**.

XXXII - Verbos abundantes e defectivos. Particípios duplos. Particularidades gráficas de certos verbos.

XXXIII - Campenomia. Noção de flexão. Classificação das flexões.

XXXIV - Formação do feminino: por flexão, significação, acepção, heteronímia. Femininos difíceis. Casos duvidosos. Feminino dos adjetivos.

XXXV - Formação do plural; plurais dos compostos; nomes sem plural; outras particularidades (plurais dos nomes em **ão**, etc.). Plural dos adjetivos.

XXXVI - Formação dos graus. Aumentativos e diminutivos difíceis. Graus dos adjetivos. Comparativos e superlativos difíceis.

XXXVII - Formação dos tempos.

XXXVIII - Significação dos modos e tempos.

XXXIX - Adjetivos pátrios difíceis. Adjetivos de matéria (vocabulário). Adjetivos referentes a animais (vocabulário).

XL - Adjetivos numerais. Exercícios sobre ordinais.

Constará a parte prática de leitura, vocabulário, noções e regras de estilo, exercícios de redação e correção de textos errados.

Livros Indicados:
Carlos de Laet: **Antologia Nacional.**
Antenor Nascentes: **Análise gramatical e lógica.**
O idioma nacional. 1° vol.
José Oiticica: **Manual de análise.**
Otelo Reis: **Verbos.** para alg
Guia umas dificuldades da análise léxica. e
Textos para corrigir.
Said Ali: **Gramática elementar.**

2° ANO

(O fim essencial deste ano é consolidar a matéria do 1° ano e preparar os alunos para o estudo de gramática superior do 3° ano. Ao critério do professor ficará o número de aulas consagradas à revisão de cada matéria).

I - Revisão dos dois primeiros pontos do programa do 1° ano. (A revisão se fará por meio de sabatinas orais e escritas.)

II - Estudo completo da fonologia em revisão dos pontos IV e V do 1° ano.

III - Estudo completo dos encontros vocálicos e consonantais.

IV - Noções de métrica portuguesa; sua necessidade para aquisição da harmonia do estilo. Estudo de cada espécie de verso e sua aplicação à prosa. Pausas rítmicas.

V - Revisão dos pontos VII, VIII e IX.

VI - Ortoépia. Complemento das noções dadas no 1° ano.

VII - Prosódia. Sílaba, sua estrutura. Acento secundário. Palavras de acentuação duvidosa.

VIII - Revisão da taxionomia, especialmente das conjunções.

IX - Estudo minucioso da função subjetiva com exemplos de palavras, expressões e orações subjetivas. Frases sem sujeito.

X - Estudo da função predicativa. Do adjunto predicativo; seu característico de adjunto do sujeito. Predicativo do objeto.

XI - Estudo da função objetiva direta e indireta. Da oração substantiva.

XII - Estudo da função adjetiva. Do adjunto atributivo. Do adjunto denotativo. Da oração adjetiva. Da aposição.

XIII - Da função adverbial. Do adjunto adverbial. Revisão das relações indicadas pelas preposições (ponto XV do 1° ano). Da oração adverbial.

XIV - Da função interjectiva. Do vocativo. Do realce.

XV - Do período. Da construção lógica. Concordância. Dos três modos elementares da construção (coordenação, subordinação, correlação).

XVI - Da construção passiva (com verbo ser, com partícula se, com o infinitivo). Passiva de estado e de mudança de estado. Do complemento de causa eficiente.

XVII - Revisão dos verbos irregulares (por meio de sabatinas orais e escritas).

XVIII - Revisão do ponto XXXIII do 1° ano.

XIX - Revisão da campenomia (pontos XXXIV e XXXVII do 1° ano).

XX - Prefixos latinos (estudo sistemático; formas e acepções de cada prefixo).

XXI - Sufixos latinos (estudo sistemático; formas e acepções de cada sufixo).

XXII - Parônimos e homônimos.

XXIII - Colocação dos pronomes.

Livros Indicados:
Os mesmos do 1° ano e mais:
Said Ali - **Gramática secundária da língua portuguesa.**

3° ANO

I - Filiação do português ao latim, revelada pelo léxico, pela morfologia e pela sintaxe. Outros elementos formadores do léxico português.

II - Revisão dos prefixos latinos (por meio de sabatinas).

III - Prefixos e sufixos gregos (estudo sistemático; formas e acepções de cada um).

IV - Plural das palavras terminadas em **l, m, n, s** e do ditongo **ão**.

V - Classificação morfológica; palavras cognatas; famílias de palavras (exercícios práticos).

VI - Estudo sistemático de radicais verbais latinos que deram famílias de palavras em português. (Várias lições serão consagradas a esse estudo).

VII - Estudo sucinto das palavras de fonte árabe.

IX - Palavras de fonte germânica.

X - O elemento tupi. Onomástica e toponímia brasileira de fonte tupi.

XI - Elemento africano no léxico português.

XII - Concordância nominal.

XIII - Concordância verbal.

XIV - Emprego, omissão e repetição de artigo.

XV - Funções do pronome **se**.

XVI - Variedade e funções de **que**.

XVII - Significação e emprego dos tempos.

XVIII - Significação e emprego dos modos.

XIX - Emprego do infinito impessoal e pessoal.

XX - Emprego do gerúndio.

XXI - Figuras de sintaxe.

XXII - Vícios de linguagem.

XXIII - Pontuação.

(O professor completará neste ano a análise lógica tomando por texto os **Lusíadas** de Camões. Especial cuidado cumpre haver no estudo dos anacolutos).

Livros Indicados:
Os mesmos e mais:
Otoniel Mota - **O meu idioma**.
Júlio Nogueira - **O exame de português**.

LITERATURA
6° ANO

Noções Gerais de Literatura

A Literatura e os domínios. A poesia e a prosa: fatalidade de precedência da primeira sobre a segunda. O estilo e os seus processos. Gêneros literários. A crítica: sua instituição inicialmente empírica ou cronológica e posteriormente sistemática ou científica; seus métodos e finalidade.

Literatura Latina

Formação da literatura latina; sua subordinação estética e filosófica à literatura grega.

Período pré-clássico. Fase inicial e primeiros documentos: epigrafia latina. Ênio, Plauto, Terêncio e Lucílio.

Período clássico. Augusto e Mecenas. Desenvolvimento e apogeu da poesia latina; Lucrécio, Virgílio, Horácio, Tíbulo, Ovídio, Fedro, Lucano e Juvenal. Os grandes prosadores deste período: Cícero, Cesar, Salústio, Tito Lívio, Sêneca, Tácito e os dois Plínios.

Período post-clássico, do segundo século em diante. Tertuliano, São Jeronimo, Santo Agostinho, São Bernardo e São Tomás de Aquino. "A imitação de Cristo": Tomás de Kempis e João Charlier (Gerson).

Literatura Italiana

Prioridade da literatura italiana sobre as demais línguas românicas. Fase Inicial: São Francisco de Assis e os seus continuadores.

A literatura italiana do 12° ao 18° século. Os grandes poetas. Dante e o seu mestre Bruneto Latini. A "Vita Nuova", e a "Divina Comédia". Petrarca, Ariosto e Torquato Tasso. Os prosadores. Boccacio, Machiavel, Manzoni, Silvio Pélico e Leopardi.

Fase contemporânea: Mazzini, Cantú, Carducci, Steccheti, De Amicis, D'Annunzio, Matilde Seráo, Fogazzaro.

Literatura Romena

Fase inicial. Eustratias e Desotheu.

O surto nacionalista nos fins do século XVIII: Giorvici, Cichendela, Pedro-Major, Sincai, Miron Costin.

O historiador Radu Greceanu. O príncipe Demetrio Cantemir.

A independência do jugo estrangeiro e as conseqüências literárias. O abandono do rumaico. O espírito novo do século XIX. Georgio Lazar, Georgio Asacli e Eliade Radulescu, Basilio Alexandri, Mihail Eminescu e o ceticismo literário.

Bolintineau e o Lirismo. Carmem Silvia.

Literatura Francesa

Período de formação. Os primeiros documentos: **chansons de geste**, ciclos, **le roman de Renart**, **fabliaux**, **Langue d'oil e a langue d'oc**: **trouvères e troubadurs**, os principais líricos. O teatro religioso. Os cronistas.

A Renascença e os humanistas. **La Pléiade**. Influxo de Rabelais e Malherbe.

A literatura francesa no 17° século: Richelieu e a Academia. O palácio de Rambouillet, o preciosismo. A abadia de Port-Royal e o Jansenismo: Pascal.

Reinado de Luis XIV. **O teatro**: Corneille, Racine, Molière. **Os moralistas**: La Rochefoucauld, La Fontaine, La Bruyère. **A eloqüência sagrada**: Bossuet, Bourdaloue, Fléchier, Fénelon. **A filosofia**: Descartes e o "Discours sur la méthode". **A epistolografia**: Mme. De Sévigné e Mme. Maintenon. Boileau e a sua atuação literária.

Voltaire. A enciclopédia: D'Alembert, diderot, Dumarchais, Marmontel e de Jaucurt. Os grandes prosadores do século XVIII: Le Sage, Montesquieu, Prévost, Buffon, Rousseau, Vauvenargues, Bernardin de Saint Pierre.

Primeiros românticos: Mme. De Stäel, Chateaubriand, Lamartine, Alfred de Vigny, Victor Hugo e o prefácio do "Cromwell", Musset, Theophile Gauthier, George Sand.

Reação Parnasiana: Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, Heredia, François Copée, Stephane Malarmé, Verlaine. A poesia de Baudelaire.

O realismo literário: Balzac, Flaubert, Zola, os Goncourts, Guy de Maupassant, Alphonse Daudet.

Decadência da escola realista e as novas tendências do romance. O romance psicológico de Stendhal e de Paul Bourget, o exótico de Pierre Loti e o satírico-filosófico de Anatole France.

O teatro contemporâneo: Scribe, os dois Dumas, Emile Augier, Victorien Sardou, Paul Hervien, Edmund Rostand, Henri Bataille, Henry Bernstein, Miguel Zamaoïs.

A crítica nos dois últimos séculos: Villemain, Sainte-Beuve, Nisard, Taine, Brunetière, Sarcey, Jules Lemaître, Emile Faguet.

A historiografia: Auguste Thierry, Guizot, Thiers, Michelet, Renan.

Literatura Provençal

A Provença e a sua predominância na literatura da **langue d'oc**. A **gave science**.

A guerra dos albigenses. Os **jeux floraux**.

O moderno **félibrige**: Roumanille e Mistral - "Mireille".

Literatura Espanhola

Período inicial. O poema do Cid. Os romanceros. Os cronistas. Pedro Ayala.

Século XV. Influência da Renascença. Os **cancioneros**.

Apogeu da literatura espanhola no reinado de Carlos Quinto: Boscan e os petrarquistas Mendonza e Herrero:

Lope de Veja. Santa Thereza.

Calderon de la Barca. Luiz de Gôngora e a sua escola.

Quevedo. Cervantes.

A literatura contemporânea: Zorilla, Campoamor, Emilio Castellar, Perez Escrich, José Echegaray, Blasco Ibanez.

Autores hispano-americanos: **Cuba** - Del Casal, Jose Marti, Juana Borrero, Regino Boti. **México** - Nazera, Diaz Miron, Amado Nervo. **Guatemala** - Gomez Camillo. **São Salvador** - Francisco Gavidia. **Nicarágua** - Ruben Dario. **Venezuela** - Bello, Fombona, Diaz Rodrigues. **Colômbia** - Valencia, Assincion, Silva, Vargas Vila, Cornelio Hispano. **Equador** - Olmedo, Montalva. **Peru** - Santos Chocano, Riva Aguero. **Bolívia** - Ricardo Freyse, Alcides Arguedas. **Chile** - Bilbáo, Pedro Gonzales, Orrego Luco, Huneeus Gana, Angel Espejo, Leonardo Pena, Pedro Prado, Diaz Arrieda, Gana, Cifuentes. **Argentina** - Sarmiento, Ingenieros, Leopoldo Diaz, Lugones, Ugarte, enrique Banchs, Martin Aldao, Angel Estrada. **Uruguai** - Henrique Rondó, Arreguines, Carlos Reyles.

Literatura Portuguesa

Período de formação. Influência provençal. Os cancioneiros. Primeiros cronistas e historiadores.

Período clássico. Primeiros escritores. A Renascença em Portugal. Vultos proeminentes do século XVI: Camões, João de Barros, Gil Vicente, Diogo do Couto, Garcia da Orta.

Século XVII. O gongorismo e as suas características. Primeiras academias. Líricos e bucólicos. Principais escritores: Frei Luiz de Souza, Antonio Vieira, Manoel Bernardes.

As academias e arcádias do século XVIII. Escritores de maior vulto: Bocage, Filinto Elisio, Antonio José. Influência da literatura brasileira na metrópole. Historiadores e filólogos.

Introdução do romantismo em Portugal: Garrett, Herculano, Castilho. Os principais escritores dos últimos tempos: Pinheiro Chagas, João de Deus, Antero de Quental, Rebelo da Silva, Latino Coelho, Júlio Diniz, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro, Fialho de Almeida, Gervásio Lobato, Eça de Queiróz. Realistas decadentes. Os filólogos portugueses da época.

Literatura Brasileira

A sua formação e divisão em períodos. A ação de cada um dos três elementos étnicos que produziram a nova nacionalidade.

Século XVI. Anchieta e o seu teatro religioso. A época de Bento Teixeira Pinto. Os cronistas: Pero Magalhães Gandavo, Gabriel Soares. A importância político-econômica da Bahia. Os colégios dos jesuítas e a sua eficiência na instrução popular.

Século XVII. A escola baiana. Início de emancipação literária. Gregório de Matos. Influência do gongorismo.

Vieira no seu tríplice aspecto de catequista, político e pregador. Os seus discípulos: Antonio de Sá e Eusébio de Matos.

Primeira metade do século XVIII. Rocha Pita. Fundação do seminário jesuítico de Belém pelo padre alexandre de Gusmão. O padre Gabriel Malegrida e as suas fundações em o norte do Brasil. Antonio José da Silva.

Escola mineira. O bucolismo dos árcades. O soneto de Cláudio Manuel da Costa. Os poemas da época. Basílio da Gama e Santa Rita Durão.

Século XIX. A oratória sagrada: Souza Caldas, Monte Alverne, Júlio Maria.

O romantismo no Brasil: Domingos de Magalhães. O indianismo: Gonçalves Dias, José de Alencar. A escola condoreira: Castro Alves, Tobias Barreto; as pugnas literárias de Recife; a renovação dos estudos jurídicos. A escola nortista: Franklin Távora. O lirismo de Casimiro de Abreu.

Os parnasianos: Luiz Guimarães, Luiz Delfino, Raimundo Correia, Machado de Assis, Olavo Bilac, Emílio de Menezes. Os decadentes: Cruz e Souza. Tendências da poesia atual.

O romance nacional: Manoel de Almeida, Joaquim Manuel de Macedo, Visconde de Taunay, Teixeira e Souza. Os realistas: Júlio Ribeiro, Aluízio de Azevedo. O romance psicológico: Raul Pompéia. O romance atual.

Monografia nacional: Bernardo Guimarães, Virgílio Melo Franco, Couto de Magalhães, Araripe Júnior, Silvio Romero, José Veríssimo, Euclides da Cunha, Rui Barbosa.

O teatro nacional: Martins Pena, Agrário de Menezes, Macedo, França Júnior. A revista: Artur Azevedo e Moreira Sampaio. O teatro atual.

Cientistas, historiadores, geógrafos, jornalistas, oradores, críticos, filólogos.

A "Academia dos Esquecidos". A "Academia Brasileira dos Renascidos". A "Academia Brasileira de Letras".

Observação importante - Sempre que for possível, far-se-á em aula a leitura comentada de trechos característicos dos autores estudados ou no original, ou em antologia adrede publicada.

Livros Indicados:
H. e J. Pauthier - "Notions d'histoire littéraire".
Francisco Contreras - **"Les écrivains contemporains de l'amerique espagnole"**. (Especialmente para os autores hispano-americanos).
Mendes dos Remédios - **"Compêndio de Literatra Portuguesa"**.
Silvio Romero - **História da Literatura Brasileira**.
Ronald de Carvalho, **idem**.

1928

Português
1° Ano [idem a 1926, com o acréscimo de mais um livro].
Maximino Maciel - **Lições elementares de língua portuguesa**.

2° Ano [idem a 1926, com acréscimo de dois livros].
Antenor Nascentes: **O idioma nacional** - 2° volume.
José Oiticica: **Manual de estilo**.

3° ano [idem a 1926, com o acréscimo de mais um livro].
Antenor Nascentes - **O idioma nacional** - 3° volume.

4° ano
1. Gramática histórica. Método comparativo. Glotologia, filologia, literatura. Origem da língua portuguesa. As línguas afins.
2. Filiação do português ao latim, revelada pelo léxico, pela morfologia e pela sintaxe. Outros elementos formadores do léxico português. Neologismos, peregrinismos, gíria; arcaização, suas causas. Hibridismos.
3. Leis fonéticas. Metaplasmos.
4. Vocalismo. Vogais átonas, tônicas, pré-tônicas e pós-tônicas. Vogais no hiato. Ditongos.
5. Consonantismo. Grupos consonantais. O **h** e o **til**.
6. Particularidades fonéticas nas palavras de fonte árabe e germânica.
7. Estudo das formas convergentes e divergentes; suas causas. Formas eruditas, semi-eruditas e populares.
8. Histórico das flexões. Caso lexiogênico. Criações sintáticas resultantes da obliteração dos casos.
9. Redução das declinações latinas. Desaparecimento do neutro; vestígios. Masculino e feminino. Gênero dos derivados da terceira declinação. Formação do plural.
10. Grau dos substantivos; sufixos especiais. Grau dos adjetivos: vestígios do comparativo sintético. O superlativo sintétivo.
11. Etimologia dos adjetivos e pronomes; evolução de cada classe.
12. Flexões verbais; histórico das desinências.
13. Morfologia histórica do verbo **ser**.
14. **Idem** dos verbos: **estar** e **dar**.
15. **Idem** dos verbos: **ter, caber** e **saber**.
16. **Idem** dos verbos: **fazer, dizer** e **trazer**.
17. **Idem** dos verbos: **haver, jazer** e **morrer**.
18. **Idem** dos verbos: **pôr** e seus análogos (**soer, doer, moer**).
19. **Idem** dos verbos: **ver, perder** e **valer**.

20. **Idem** dos verbos: **ir** e **vir**.
21. **Idem** dos verbos: **medir**, **pedir**, **impedir** e cognatos, **mentir**, **ouvir**.
22. Modificações no quadro das conjugações. Futuro e condicional românicos. Expressão da passiva; espécies de passiva. A passiva com **se** nas línguas românicas. A passiva com o infinito.
23. Etimologia dos advérbios, preposições e conjunções; formas arcaicas.
24. Grafia, morfologia e sintaxe dos cancioneiros (estudo prático dos textos).
25. O português dos quinhentistas (estudo prático nos textos da **Antologia Nacional**).
26. **Idem** para os seiscentistas.
27. **Idem** para os árcades.
28. A construção clássica e a moderna. Estilo direto e indireto. Valor literário das orações reduzidas.
29. Particularidades do português popular no Brasil. Tendências dialetais. Influência indígena e africana.

Dissertações morais e literárias. Impressões de leituras feitas fora de classe. Cartas. Discursos.

Livros Indicados:
Antenor Nascentes - **Apostilas de português.**
Júlio Nogueira - **O exame de português.**
Said Ali: **Lexiologia do português histórico.**

Literatura Geral e Nacional (Especialmente a brasileira e a das línguas latinas).
6° ano

1. Noções gerais. Domínio - Poesia e prosa - Estilo - Gêneros - Crítica.
2. Evolução das literatura orientais até o desabrochar da literatura grega.

Literatura grega

3. Período Místico: Orfeu - Período Heróico: Homero - Hesíodo - Safo - Os trágicos: Ésquilo, Sóflocles, Eurípedes - A Comédia: Aristófanes - Anacreonte; Píndaro.
4. História: Heródoto; Tucídides, Xenofonte - Eloqüência: Demóstenes, Esquino - Filosofia: Platão; Aristóteles.
5. Período grego alexandrino e grego romano - Teócrito; Plutarco; Diodoro da Sicília; Dionísio de Halicarnasso; Luciano - Época bizantina; S. João Crisóstomo; Longus.

Literatura Latina

6. Sua formação e subordinação ao pensamento grego - Epigrafia - Poemas, tragédias e comédias.
7. Os precursores da grande época e o século de augusto.
8. Período post-clássico.

Literatura italiana

9. Origens e originaliade - Primitivos e Góticos - S. Francisco de Assis, Dante.
10. Renascença italiana: o humanismo; Petrarca. Boccacio. Machiavel - O mecenismo: Leonardo da Vinci e as cortes do norte da Itália; Boiardo; Ariosto.
11. Classicismo e decadência - Torquato Tasso - Guarini; Marini - Metastásio e a Arcádia - Alfieri.
12. O romantismo e a nova Itália - Silvio Pélico - Manzoni - Leopardi - Os contemporâneos: Carducci; d'Anunzio; Fogazzaro.

Literatura francesa

13. Elementos fundamentais da Idade Média francesa - A Religião e suas manifestações literárias - A epopéia heróica e a aurora da nacionalidade - Roland. A época cortez e a grande feudalidade: poemas célticos - A literatura satírica e popular - Os cronistas.
14. A Renascença francesa, sua originalidade - A pleiade - Montaigne e Rabelais.
15. O grande século clássico - O precursor; Malherbe - O reinado de Luis XIII; Academia e salões - Reinado de Luis XIV; Teatro, Moralista, Eloqüência Sagrada, Filosofia, Epistolografia. Fábula.
16. Século XVIII - Voltaire - A Enciclopédia - Romance, teatro, crítica e filosofismo precursor da Revolução - Le Contrat Social, L'Esprit des Lois - Os oradores da Revolução.

17. O romantismo francês, suas origens estrangeiras, sua evolução original - Mme. De Stäel e Chateaubriand. Lamartine. Vigny - Hugo, o prefácio de **Cromwell**. Hernani Musset - Gautier - O romance e o teatro históricos.
18. As reações contra o romantismo: O Parnaso - O Romance realista, a comédia moderna. A crítica e a história desde 1800. Taine, Brunetière.

Literatura provençal

19. Lingua d'Oc e gaye science - Jeux Floraux. Clemence Isaure - Influência européia na Idade Média - A corte de alianor da Aquitânia e a corte de Maria de França - Motivos de decadência - O moderno Felibrige. Roumanille e Mistral.

Literatura espanhola

20. Influências dos Bascos, dos Árabes e dos Judeus - Literatura no período inicial: auto de los Ryes Magos, Poema del Cid, Los Infantes de Lara - Afonso XI - El cantar de Rodrigo - Pero Lopez de Ayala - Época dos Reis Católicos: Amadis de Gaula.
21. O Século de Carlos V e de Felipe II - Influências recíprocas da Itália, de Portugal e da Espanha; Gil Vicente. O Romance picaresco: Lazarillo de Tormes - A História da Guerra de Granada de diego Hurtado de Mendoza - O Misticismo: Santa Tereza de Jesus.
22. Cervantes; Lope de Veja - O Século de Felipe IV e de Carlos II; Gôngora, Tirso de Molina, Calderon de la Barca.
23. Literatura contemporânea - Sorilla; Campoamor; Castellar; Perez Escrich; Blasco Ibanez.
24. Os autores da conquista: Correspondência de Cristóvão Colombo, Hernan Córtez - Bartolomé de las Casas.

O regionalismo americano: como se deu a evolução da alma espanhola no Novo Mundo; o sopro da Independência; a imitação romântica; modernas tendências.

Literatura portuguesa

25. Período de formação - Influência provençal - Os cancioneiros.
26. Período clássico: Camões, Gil Vicente, Diogo do Couto, Garcia da Orta.
27. Século XVII - O gongorismo. Líricos e bucólicos - Frei Luiz de Souza; Antonio Vieira; Manoel Bernardes.
28. Evolução da literatura portuguesa até nossos dias - Academias e Arcádias do século XVIII - Bocage - O Romantismo - Garrett, Herculano, Castilho - Os contemporâneos.

Literatura inglesa

29. Sua evolução e principais vultos: Chaucer; Shakespeare; Bacon; Milton; Dryden; Swift; Edmund Burke - Os românticos: Walter Scott; Byron; Shelley; Macaulay; Tennyson; Dickens; Carlyle; George Eliot; Dante Gabriel Rosseti e o pré-rafaelismo.

Literatura alemã

30. Sua evolução - Lendas da Idade Média - Principais vultos: Klopstock; Lessing; Kant; Herder; Goethe; Schiller; os irmãos Grimm; Humboldt; Hegel; Schopenhauer; Nietzche; o drama wagneriano.
31. Curta apreciação sobre as literaturas: romena, russa, norueguesa.

Literatura Brasileira

32. A sua formação e divisão em períodos - A ação de cada um dos três elementos étnicos que produziram a nova nacionalidade.
33. Século XVI. Anchieta e o seu teatro religioso. A Prosopopéia, de Bento Teixeira Pinto. Os cronistas: Pero Magalhães Gandavo, Gabriel Soares. A importância político-econômica da Bahia - Os colégios dos jesuítas e a sua eficiência na instrução popular.
34. Século XVII. A escola baiana. Início de emancipação literária. Gregório de Matos. Influência do gongorismo.Vieira no seu tríplice aspecto de catequista, político e pregador. Eusébio de Matos.
35. Primeira metade do século XVIII. Rocha Pita. Antonio José.
36. Escola mineira. O bucolismo dos árcades. Os sonetos de Cláudio Manuel da Costa. Os poemas da época. Basílio da Gama e Santa Rita Durão.
37. O Romantismo no Brasil: Domingos de Magalhães. O indianismo: Gonçalves Dias, José de Alencar. A escola condoreira: Castro Alves, Tobias Barreto; as pugnas literárias do Recife; a renovação dos estudos jurídicos. A escola nortista: Franklin Távora. O ceticismo de Álvares de Azevedo e Fagundes Varela. O lirismo de Casimiro de Abreu. Os parnasianos: Luiz Guimarães, Luiz Delfino, Raimundo Correia,

Machado de Assis, Olavo Bilac, Emílio de Menezes. Os decadentes: Cruz e Souza. Tendências da poesia atual.

38. Romance - Joaquim Manuel de Macedo, Visconde de Taunay, Júlio Ribeiro, Aluízio de Azevedo. O romance atual. Crítica e monografias - Araripe Júnior, Silvio Romero, José Veríssimo, Euclides da Cunha. Teatro - Gonçalves Dias; Macedo; França Júnior; Artur Azevedo. Rui Barbosa. História - Oliveira Lima; Capistrano de Abreu; etc.
39. "Academia dos Esquecidos"; A "Academia Brasileira dos Renascidos"; A "Academia Brasileira de Letras".

Observação importante - Sempre que for possível, far-se-á em aula a leitura comentada de trechos característicos dos autores estudados, ou no original, ou em antologia adrede publicada.

Livros Indicados:
Pauthier: **Littérature Générale.**
Mendes dos Remédios: **História de literatura portuguesa.**
Silvio Romero: **História da literatura brasileira.**
Ronald de Carvalho: **Pequena história da literatura brasileira.**
Petit de Julleville: **Histoire de la Littérature Française.**
Gustave Lanson: **Histoire de la Littérature Française.**

1929

Português
1° Ano [idem a 1928].

2° Ano [idem a 1928].

3° ano [idem a 1928].

4° Ano [idem a 1928, com a troca das *Apostilas de português* de Antenor Nascentes por] Antenor Nascentes - **O idioma nacional** - vol. IV.

5° Ano
1. Noção de arte. Arte literária. Estilo; espécies e qualidades. Sua aquisição.
2. Prosa e verso, característicos, distinção, ritmo e métrica. A questão da rima.
3. Tipos fundamentais de composição literária: a descrição, a narração, a dissertação. Combinação deles em qualquer gênero literário.
4. Qualidades fundamentais do estilo: correção, concisão, clareza, harmonia, originalidade, vigor. Vícios correspondentes.
5. Gênero descritivo. Evolução desse gênero em português.
6. Gênero narrativo. A prosa dos cronistas. Prosa dos historiadores modernos. A narração nos contos e romances modernos.
7. A dissertação. Estilo do padre Bernardes. Estilo de Manoel Aires. Estilo de Rui Barbosa. Dissertação didática; estilo de Francisco de Castro.
8. O gênero oratório. Estilo oratório do padre Vieira, seus característicos. A antítese em Vieira. Oratória de Rui Barbosa.
9. Gênero épico. O estilo dos Lusíadas. Estilo do Caramurú; seus característicos. Estilo épico de Castro Alves.
10. Gênero teatral. Tragédia e comédia. Estilo da tragédia romântica, a ênfase. Estilo do drama moderno. Estilo cômico de Gil Vicente.
11. A fábula; teoria. A composição modelar de La Fontaine e as deturpações dos seus tradutores em português.
12. Gênero epistolar. Estilo das cartas de Vieira. Estilo das cartas de Camilo Castelo Branco.

13. Gênero bucólico. A égloga, evolução do gênero em português.
14. A poesia dos cancioneiros. A moderna canção brasileira.
15. A poesia dialetal brasileira. característicos da poesia de Catulo da Paixão Cearense.
16. Gênero satírico. O epigrama.
17. Formas de composição poética: a ode, o soneto, as baladas, a oitava rima, a canção, os tercetos, as quintilhas, as sextilhas.
18. Evolução da técnica do verso.
19. Modernos ritmos poéticos. Verso livre.

Livro Indicado:
Noções de estilística e de literatura - Antenor Nascentes.

6° Ano
Literatura [idem a 1928]

1930

Português
1° Ano [idem a 1929].

2° Ano [idem a 1929].

3° Ano [idem a 1929].

4° Ano [idem a 1929]

5° Ano [idem a 1929].
Literatura

6° Ano [idem a 1929].

ANEXO I I

- **Programa de Ensino de 1856**
- **Programa de Português para os Exames Preparatórios de 1887.**
- **Programas de Ensino de 1931, 1936, 1942, 1943 e 1951.**
- **Organização das disciplinas e indicações para português, 1961.**

1856

Programa de ensino do Colégio Pedro II aprovado pela Portaria n°. 52 de 24 de janeiro de 1856.
[In: *Coleção das Decisões do Governo do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1857, p. 53, 78 e 86.]

PRIMEIRO ANO
No primeiro ano, o aluno, depois de algumas preleções de Gramática geral, aperfeiçoa-se na Gramática e Língua Portuguesa, e começa a estudar latim, francês e aritmética.

Línguas

O Conselho Diretor não estabelece já um sistema para o ensino das línguas.
De acordo com os professores do Colégio, prescreve para esta parte do programa os seguintes:

Livros:
Cirillo Dilermando: *Gramática da língua portuguesa.*
Frei Francisco de São Luiz: *Sinônimos.*
Barker: *Biblioteca juvenil.*
Padre Antonio Vieira: *Cartas seletas.*
Padre Caldas: *Poesias escolhidas.*
Padre Antonio Pereira: *Arte latina.*
Sévènne: *Gramática francesa.*
Fenelon: *Telemaque* (trechos escolhidos à vontade do Professor)
Fables choisies.

SEXTO ANO

Retórica
O respectivo Professor, depois de explicar durante o ano, as regras mais importantes da retórica, acompanhando-as sempre de exemplos dos principais escritores, oradores e poetas, antigos e modernos, e mais especialmente dos gregos, latinos e portugueses, as resumirá, no fim do curso, nas seguintes questões:

1. Em que difere a poesia da versificação: quais são as principais formas dos versos latinos e portugueses ?
2. Quais são os principais gêneros da poesia? Seus diversos caracteres ?
3. Quais são os gêneros de prosa ? Seus caracteres.
4. O que é e para que serve a arte oratória, ou retórica ? Quais são as suas diversas partes ?
5. Quais são as regras do discurso ? Quais são as suas partes ? Noção e uso delas.
6. Quais são, entre as regras da arte oratória, as que se aplicam a todas as composições ?
7. Quais são as qualidades gerais do estilo, com citações mais especiais dos clássicos de nossa língua ?
8. Quais são as principais figuras de pensamento e de palavras.

Livros:
Paula Menezes: *Lições de literatura.*

SÉTIMO ANO

Retórica
O professor exporá a seus discípulos os quadros de literatura nacional, fazendo-lhes sentir as belezas dos autores clássicos, tanto poetas, como prosadores.
Os alunos comporão trabalhos literários sobre diversos assuntos, exercitando-se assim em escrever elegantemente e procurando imitar os modelos indicados pelo professor.
Esta parte do programa será mais largamente desenvolvida depois que a experiência deste ano indicar ao Conselho o meio prático de sua realização.

Livro:
Paula Menezes: *Quadros da literatura nacional.*

1887

Programa de Português, elaborado por Fausto Barreto, para os Exames Preparatórios de 1887.
[In: Ribeiro, Júlio. Procelárias. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, s.d., p. 86-92.]

PROGRAMA DE PORTUGÊS

Prova escrita

A prova escrita consistirá em uma composição livre sobre o assunto que a sorte designar dentre os pontos organizados diariamente pela comissão julgadora.

Prova oral

A prova oral constará: 1°, de análise fonética, etimológica e sintática de um trecho de extensão razoável, escolhido pela comissão julgadora em uma página sorteada, na forma do regulamento vigente, de um dos livros abaixo indicados; 2°, da exposição de um dos pontos gramaticais seguintes, também sorteados na forma das disposições regulamentares.

"Sortear-se-á em cada dia um dos livros marcados no programa, bem como a centena de páginas, da qual se sorteará também a página em que cada aluno deverá ser examinado, escolhendo nela os examinadores o trecho para esse fim." (Art. 39 do decreto n. 6.130 de 1° de Março de 1876).

Livros de exame
Camões, *Lusíadas*, século XVI.
Lucena, *História do padre Francisco Xavier*, idem.
Fr. Luiz de Souza, *A vida do Arcebispo*, século XVII.
Gabriel de Castro, *A Ulisséia*, idem.
Santa Rita Durão, *O Caramurú*, século XVIII.
Padre Teodoro de Almeida, *O Feliz Independente*, idem.
João Francisco Lisboa, *Vida do Padre Antonio Vieira*, século XIX.
Barão de Paranapiacaba, *A Camoneana*, idem.

Indicação - Por ocasião da análise, o examinando também deverá ser argüido sobre o sentido preciso de cada palavra do trecho sorteado, e sobre o sentido geral do mesmo trecho. Um dos examinadores se ocupará desta parte do exame, e o outro das teorias gramaticais.

Pontos orais
1. Observações gerais sobre o que se entende por gramática geral, por gramática histórica ou comparativa e por gramática descritiva ou expositiva. Objeto da gramática portuguesa e divisão do seu estudo. Fonologia: os sons e as letras; classificação dos sons e das letras; vogaes; grupos vocálicos; consoantes; grupos consonantais; sílabas; grupos silábicos; vocábulos; notações léxicas.
2. Da acentuação e da quantidade.
3. Origem das letras portuguesas; leis que presidem à permuta das letras; importância destas transformações fônicas no processo de derivação das palavras.
4. Dos Metaplasmas.
5. Dos sistemas de ortografia e das causas de sua irregularidade.
6. Morfologia: estrutura da palavra; raiz; temas; terminação; afixos. Do sentido das palavras deduzido dos elementos mórficos que as constituem; desenvolvimento de sentidos novos nas palavras.
7. Da classificação das palavras. Do substantivo e suas espécies.
8. Da classificação das palavras. Do adjetivo e suas espécies.
9. Da classificação das palavras. Do pronome e suas espécies.
10. Da classificação das palavras. Do verbo e suas espécies.
11. Da classificação das palavras. Das palavras invariáveis.
12. Agrupamentos de palavras por famílias e por associação de idéias. Dos sinônimos, homônimos e parônimos.

13. Flexão dos nomes: gênero; número; caso. Noções de declinação latina. Desaparecimento do neutro latino em Português; vestígios de neutro em Português; vestígios da declinação em Português. Origem do *s* do plural.
14. Flexão dos nomes:grau do substantivo e do adjetivo; comparativos e superlativos analíticos.
15. Flexão dos nomes; flexão do pronome; declinação dos pronomes pessoais.
16. Flexão do verbo; conjugação; formas de conjugação.
17. Formação de palavras em geral: composição por prefixos e por justaposição. Estudo dos prefixos.
18. Formação de palavras em geral: derivação própria (por sufixos); derivação imprópria (sem sufixos). Estudo dos sufixos.
19. Das palavras variáveis formadas no próprio seio da língua portuguesa.
20. Das palavras invariáveis formadas no próprio seio da língua portuguesa.
21. Etimologia portuguesa; princípios em que se baseia a etimologia. Leis que presidiram à formação do léxico português.
22. Da constituição do léxico Português. Línguas que maior contingente forneceram ao vocabulário português.
23. Caráter diferencial entre vocábulos de origem popular e os de formação erudita; duplas ou formas divergentes.
24. Da criação das palavras novas. Hibridismos.
25. Etimologia do substantivo e do adjetivo. Influência dos casos na etimologia dos nomes.
26. Etimologia do artigo e do pronome.
27. Etimologia das formas verbais; comparação da conjugação latina com a portuguesa.
28. Etimologia das palavras invariáveis.
29. Da sintaxe em geral. Breves noções sobre a estrutura oracional, do Latim popular e do Latim culto. Tipos sintáticos divergentes na língua portuguesa.
30. Sintaxe da proposição simples. Espécies de proposição simples quantoà forma e à significação. Dos membros da proposição simples.
31. Sintaxe da proposição compsta ou do período composto. Coordenação. Subordinação. Classificação das proposições.
32. Regras de sintaxe relativas a cada um dos termos ou membros da composição.
33. Regras de sintaxe relativas ao substantivo e ao adjetivo.
34. Regras de sintaxe relativas ao pronome.
35. Regras de sintaxe relativas ao verbo. Do emprego dos modos e tempos, correspondência dos tempos dos verbos nas proposições coordenadas e nas proposições subordinadas.
36. Regras de sintaxe relativas às formas nominais do verbo.
37. Regras de sintaxe relativas às palavras invariáveis.
38. Sintaxe do verbo *haver* e do pronome *se*.
39. Da construção: ordens das palavras na proposição simples e das proposições simples no período composto.
40. Da colocação dos pronomes pessoais.
41. Das notações sintáticas; pontuação; emprego de letras maiúsculas.
42. Figuras de sintaxe. Partículas de realce.
43. Dos vícios de linguagem.
44. Das anomalias gramaticais; idiotismos; provincialismos; brasileirismos e dialeto.
45. Das alterações léxicas e sintáticas; arcaísmo e neologismo.
46. A sintaxe e o estilo.

1931

Programas do Curso Fundamental do Ensino Secundário expedidos pela portaria de 30 de junho de 1931.
[In: BICUDO, Joaquim de Campos. *O ensino secundário no Brasil e sua atual legislação* (de 1931 a 1941 inclusive) São Paulo: AIFES, 1942, p. 137-140.]

PORTUGUÊS

O programa desta cadeira tem por objetivo proporcionar ao estudante a aquisição efetiva da língua portuguesa, habilitando-o a exprimir-se corretamente, comunicando-lhe o gosto da leitura dos bons escritores e ministrando-lhe o cabedal indispensável à formação do seu espírito bem como à sua educação literária.

Nas duas primeiras séries do curso, o ensino será acentuadamente prático, reduzidas ao mínimo possível as lições de gramática e transmitidas por processos indutivos. A conversação bem orientada, as pequenas exposições orais e a reprodução livre de um trecho lido na aula darão ensejo a que o professor corrija a linguagem dos alunos e, assim, prepare os subsídios para a composição escrita, mais aconselhável nas séries superiores.

Desde o princípio do curso, o professor procurará tirar o máximo proveito da leitura, ponto de partida de todo o ensino, não se esquecendo de que, além de visar a fins educativos, ela oferece um manancial de idéias que fecundam e disciplinam a inteligência, prevenindo maiores dificuldades nas aulas de redação e estilo.

O conhecimento do vocabulário, da ortografia e das formas corretas fundar-se-á nos textos cuidadosamente escolhidos, e pelo exame destes se notarão, pouco a pouco, os fatos gramaticais mais importantes, cujas leis jamais serão apresentadas a priori, mas derivadas naturalmente das observações feitas pelo próprio aluno.

Apesar da preferência que nas duas primeiras séries se deve dar aos exercícios orais, convém se destinem, de quando em quando, uns quinze minutos da aula a breves trabalhos escritos, relacionados com a matéria ensinada.

Cumpre limitar razoavelmente o uso da análise e não a considerar finalidade, porém simples meio auxiliar que pode às vezes intervir na interpretação de uma frase ou na explicação de um período mais ou menos obscuro. Basta que o estudante se familiarize com as parte essenciais da proposição, desprezados, por inúteis, os pormenores e os subentendidos, que fazem perder tempo e nada adiantam a quem aprende um idioma. Todos os esforços do professor hão de convergir para o ensino da significação e da forma.

A análise lexicológica é inseparável da sintática, pois que as duas se completam e as palavras só têm verdadeira expressão quando combinadas na frase.

A coordenação dos fatos gramaticais observados será feita no início da 3ª série, prosseguindo com algum desenvolvimento o estudo da morfologia e da sintaxe, baseado sempre em exemplos tirados de livros ou preparados pelo professor.

Os exercícios orais continuarão como nas duas primeiras séries, reservando-se, entretanto, boa parte do tempo à redação de cartas e ao diálogo, escritos no quadro negro e compostos pela classe, sobre assunto por ela sugerido.

Somente na 4ª série começará a redação livre, dando-se-lhe daí por diante, até o termo do curso, maior atenção. Cerca de três quartas partes do tempo letivo deverá ser destinado à correspondência, às descrições e narrações, entremeadas com exercícios de estilo e análise literária de textos.

Os trabalhos de composição escrita serão preparados fora da classe, indicando-se ao aluno, tanto quanto possível, as leituras a que convém recorrer afim de melhor excutá-los. Para que a correção seja eficaz, recomenda-se ao professor recolher as provas e, fora da aula, nelas assinalar todos os erros, classificando em lista especial os mais comuns (erros de ortografia, pontuação, concordância, regência, impropriedades, etc.); na aula seguinte, mandando fazer, no quadro negro, as emendas necessárias, com a colaboração na classe, deve verificar se os interessados as transportam para as respectivas provas.

Na 4ª série caberá ainda, pelo estudo elementar da gramática histórica, a justificação dos preceitos hauridos na gramática expositiva. A feição arcaica da língua será ligeiramente considerada em excertos curtos e característicos, de que se dará a redação atual, seguida de rápidos comentários oportunos.

O ensino propriamente literário, subordinado ao da língua na 4ª série, tornar-se-á preponderante na 5ª série, expondo-se então as regras da composição literária e o estudo, ainda que sumário, das melhores obras de escritores nacionais e portugueses. Instituídos pela leitura dos textos, serão os alunos obrigados a tomar parte ativa na análise dos processos de cada autor, caracterizando-lhe a construção e o estilo, mencionando os conceitos e as passagens que mais os impressionaram, apontando as formas elegantes e vigentes ou as que, já arcaicas, não devem ser imitadas. Após o conhecimento fragmentário de uma obra, receberão sumária notícia das demais partes que a constituem, do plano a que obedece, do fim que se propõe, da individualidade do autor, corrente literária a que pertenceu e outras obras que produziu. Com respeito ao estudo de um escritor ou a propósito de um pensamento notável, colhido na leitura, desenvolverão temas literários ou assuntos de moral privada e social.

Enquanto não existir uma seleta organizada em harmonia com o programa da 5ª série, o critério do mestre regulará a extensão adequada à apreciação de cada autor. É preferível começar pelas obras modernas, porque somente elas, por mais comunicativas, provocam emoções sinceras e despertam o prazer dos estudos desta natureza. Como o que se pretende é, antes de tudo, educar o gosto literário, quase todo o ensino, para ser atraente, tem de gravitar em torno do pensamento hodierno, em ambiente conhecido, convindo, portanto, a preferência pelas obras modernas e deixando-se a análise das obras clássicas para o momento em que o aluno, dotado de algum senso crítico, estiver apto a assimilar com real proveito os velhos exemplares da boa linguagem.

Finalmente incumbe ao professor fazer a sinopse histórica e a apreciação geral da literatura portuguesa e da brasileira, de sorte que, ao concluir o curso fundamental, tenha o estudante indicações seguras para poder consolidar por si as noções adquiridas na escola.

PRIMEIRA E SEGUNDA SÉRIES
(4 horas)

Leitura de trechos de prosadores e poetas contemporâneos, escolhidos de acordo com a capacidade média da classe. Explicação dos textos. Estudo metódico do vocabulário. Reprodução oral do assunto lido.

Recitação de pequenas poesias, previamente interpretadas.

Composição oral; pequenas descrições de cenas comuns da vida humana e da natureza; breves narrativas, fábulas, contos populares.

Estudo gramatical baseado no livro de leitura; flexão nominal; graduação; numerais; emprego freqüente das formas verbais mais comuns, especialmente do imperativo; estudo simultâneo e moderado da análise lexicológica e da sintática; substituição de frases por outras de formas diversas e sentido equivalente; conversão de frases compostas em frases simples; transformação de orações coordenadas em subordinadas, e vice-versa; passagem de orações conjuncionais a reduzidas, e vice-versa; exercícios de concordância e regência; colocação dos pronomes oblíquos; exercícios ortográficos no quadro negro.

TERCEIRA SÉRIE
(3 horas)

Leitura de excertos de prosadores e poetas modernos. Explicações dos textos. Estudo metódico do vocabulário.

Composição oral: pequenas descrições de cenas da vida humana e da natureza: breves narrativas de episódios da história do Brasil; reprodução livre de assuntos lidos fora da classe.

Composição escrita; cartas e diálogos redigidos pela classe, em colaboração, e escritos no quadro negro.

Estudo gramatical; resumo sistemático das observações feitas nos anos precedentes; noções elementares de fonética; formação de palavras; particularidades sintáticas; sintaxe de colocação.

QUARTA SÉRIE
(3 horas)

Leitura e interpretação de trechos de poetas e prosadores dos dois últimos séculos. Análise literária elementar.

Exercícios escritos de composição oficial e narrações sobre assuntos variados; descrição de tipos e cenas.

Exercícios freqüentes de estilo no quadro negro.

Origem da língua portuguesa; seu domínio; constituição do léxico português; as línguas românicas. O português do Brasil.

Estudo elementar de fonética histórica.

Formas divergentes; suas causas.

As três declinações do latim popular. O caso lexicogênico. O desaparecimento do neutro.

Fatos devidos à analogia.

Justificação das regras referentes às flexões de gênero e número e à graduação sintática.

As três conjugações do latim popular; perdas sofridas pelo latim literário; criações românticas; fatos devidos à analogia. Explicação das formas verbais mais características, consideradas irregulares pela gramática expositiva.

Observações sobre a ortografia apoiadas nos conhecimentos de fonética histórica.

QUINTA SÉRIE
(2 horas)

I - Análise literária.

Estudo literário de obras em prosa e verso de autores pelo professor, predominando as modernas e excluindo-se as do período ante-clássico.

II - Literatura.

a) Noções preliminares - Literatura, Arte literária, Prosa e verso, Ritmo. Formas de exposição: narração, descrição e dissertação. Gêneros de composição em prosa e verso. Estudo de versificação. Estilo: virtudes estilísticas.

b) Sinopse de história literária - Formação e desenvolvimento da literatura portuguesa e da brasileira. Os fatores mais importantes. Divisão em períodos. Influência estrangeira. Escolas: origens, caracteres e principais representantes de cada escola.

III - Composição e estilo.

Dissertações morais. Dissertações literárias a propósito dos autores estudados. Impressões de leitura feitas fora da classe. Exercícios de estilo no quadro negro.

1936

Programas do Curso Complementar do Ensino Secundário expedidos pela portaria de 17 de março de 1936. [In: BICUDO, Joaquim de Campos. *O ensino secundário no Brasil e sua atual legislação* (de 1931 a 1941 inclusive) São Paulo: AIFES, 1942, p. 225-229 e 235-238.]

CURSO JURÍDICO

LITERATURA

Finalidade e orientação do ensino

O ensino de literatura no curso complementar deve ter, como principais objetivos, os seguintes:

1 - dar conhecimento aos alunos do que há sido a atividade humana no imenso campo do pensamento, manifestada pelas obras literárias de toda natureza;

2 - preparar e educar o espírito dos alunos para a apreciação inteligente e crítica dos fatos literários;

3 - elevar o nível de cultura literária que o aluno deve trazer do curso fundamental, despertando-lhe o gosto pela boa leitura e estimulando os pendores aproveitáveis que nele por ventura se revelem;

4 - auxiliar, na medida que as circunstâncias permitirem, o ensino das outras matérias, especialmente no tocante às línguas e às ciências sociais.

É claro que a enumeração desses objetivos não exclui outros que participem de sentido idêntico e que, portanto se enquadrem no espírito geral da cadeira.

A finalidade do ensino, exposta nos itens acima formulados, não permite que o estudo se transforme em mera decoração de nomes, datas ou seqüência de escolas literárias. Atendendo a que o objetivo essencial do ensino consiste em habilitar os discentes a conhecer e julgar da atividade intelectual do homem, bem como prosseguir, mais tarde, na conquista de mais alto grau de cultura geral, importa fornecer-lhes as bases para a formação do espírito crítico indispensável àquele julgamento.

PROGRAMA DE ENSINO

O curso de literatura compreenderá as seguintes partes:

1ª Série [4 horas]

I - Noções preliminares: conceito e significação da literatura e do fato literatura e do fato literário; suas condições; distinção dos gêneros literários;

II - Literatura geral.

2ª Série [6 horas]

III - Literatura portuguesa;

IV - Literatura brasileira;

V - Literaturas americanas e literaturas européias contemporâneas.

De acordo com as disposições legais em vigor, o ensino não constará exclusivamente de preleções de caráter expositivo. Sem dúvida estas formarão parte considerável do trabalho docente, e terão os requisitos de boa didática que o ensino exige e a natureza da disciplina amplamente permite. Mas o professor ilustrará as aulas não só com leituras cuidadosamente escolhidas e com os trabalhos orais ou escritos dos alunos, mas também, por outros meios que a moderna aparelhagem do ensino torna possíveis, como as projeções luminosas de vultos ou cenas da literatura, as dramatizações, etc.

A discriminação de assuntos, feita no programa a seguir, não significa a obrigação de ministrar o professor o ensino da matéria como **pontos**, obrigatoriamente esgotados em uma ou mais aulas. Desenvolvida a matéria essencial dentro do espírito da cadeira e das possibilidades do tempo, alguns dos temas pormenorizados poderão constituir objeto de trabalhos orais ou escritos dos alunos.

A citação de nomes, no programa, não é limitativa, tanto mais quanto se preferiu, sempre que possível, a designação de períodos e grupos literários à dos escritores. Apenas no período contemporâneo se encontrará certa abundância de citações, o que se justifica não só pelo caráter individualista da produção literária nesse período, como para imprimir à cadeira a indispensável orientação.

Especial relevo se dará à leitura de excertos das principais obras, quer colhidos no original, quer em antologias. O professor a seu critério determinará, quais os trechos cuja leitura comentada deva ser obrigatória, e quais os que poderão ser lidos quando algum interesse ocasional assim aconselhar.

Tratando-se de um curso complementar de literatura geral, - e não de história da literatura - é evidente que a parte biográfica e histórica, embora imprescindível, deverá ser limitada o quanto possível, cedendo a preeminência à parte de crítica e estudo das obras, escolas e gêneros.

Sem embargo, a biografia das grandes figuras merecerá especial desenvolvimento, dada a importância da vida do autor para a compreensão de sua obra.

O professor exigirá que todos os alunos executem, no decurso do ano letivo trabalhos atinentes à cadeira fornecendo-lhes, para esse fim, informações ou subsídios a seu alcance. Será conveniente que, na biblioteca escolar que o estabelecimento deve possuir, se organize uma seção especialmente consagrada à cadeira de literatura. Ali encontrará o aluno, em original ou em tradução, conforme a hipótese, as obras cuja leitura lhe seja útil, senão indispensável para a realização dos trabalhos que lhe forem cometidos.

Com o intuito de auxiliar a organização dessas pequenas bibliotecas especializadas, anexamos ao presente programa uma pequena resenha das obras que nelas devem figurar. É obvio que quanto mais opulenta for a coleção reunida, tanto mais valioso o serviço que prestará a professores e alunos.

Material de ensino

(Biblioteca para o curso de literatura)

Na escolha das obras indicadas, sobretudo em se tratando de tradução, deve haver o maior cuidado na escolha das edições. Edições truncadas ou viciadas, não devem fazer parte da biblioteca. Sempre que for possível, tratando de obras de leitura fora da classe, a biblioteca deve possuir mais de um exemplar. As obras inglesas, francesas e espanholas devem ser lidas no original. Afim, porém, de evitar alguma dificuldade em classe poderá existir antologia francesa e autores ingleses.

I - Literatura e os gêneros literários

Antologias francesas e inglesas;
Antologia francesas de autores alemães, ingleses e italianos;
Clássicos gregos (tradução);
Divina Comédia (tradução);
Canção de Rolando comentada;
Teatro de Shakespeare;
Teatro clássico francês;
Teatro de Ibsen (tradução);
Romances de Dostoiewski, Gogol e Turgueniev (tradução);
Obras poéticas de Schiller (tradução);
Fausto e romances de Goethe (tradução);
Poesia, romance e teatro de Victor Hugo;
Romance de Walter Scott e Dickens;
Teatro espanhol;
D. Quixote, de Cervantes.

II - Literatura portuguesa

Antologias portuguesas;
Os Lusíadas comentado;
Obras de Garrett;
Obras de Castilho;
Obras de Herculano;
Obras de Eça de Queirós;
Contos de Fialho de Almeida;
Poesias líricas de Augusto Gil e Eugênio de Castro;
Chrestomatia Arcaica;

III - Literatura brasileira

Antologias de autores brasileiros;
Clássicos brasileiros da edição da Academia Brasileira de Letras;
Cartas Jesuíticas;
Obras completas de Cláudio Manuel da Costa;

Obras completas de Alvarenga Peixoto;
Obras completas de Silva Alvarenga;
Confederação dos Tamoios, de Gonçalves de Magalhães;
Marília de Dirceu de Tomás Antonio Gonzaga;
Colombo de Porto Alegre;
Obras completas de Álvares de Azevedo;
Poesias completas de Fagundes Varela;
Poesias completas de Gonçalves Dias;
Romances de José de Alencar;
Romances de Manuel de Macedo;
Romances de Bernardo Guimarães;
Romances de Alfredo Taunay;
Memórias de um Sargento de Milícias, de Manuel Antonio de Almeida;
Obras de Joaquim Nabuco;
Poesias e romances de Machado de Assis;
O Ateneu de Raul Pompéia.

PRIMEIRA SÉRIE

Preliminares

1 - Conceito e significação de literatura e do fato literário; suas condições. Gêneros literários; a poesia, a prosa, o teatro, o romance, a história, a eloqüência, a sátira, o folclore; suas modalidades. A crítica, o ensaio, o jornalismo e outros gêneros. Apreciação das influências do meio, da época e dos costumes. Escolas literárias. Noção de estilo.

Literaturas orientais antigas

2 - Os monumentos literários da Índia antiga: os Vedas, os grandes poemas épicos e a literatura dramática. Caldéia. O código de Hamurabi. Os persas e o Zendavesta. Os hebreus e a Bíblia.

Literatura grega

3 - Período heróico - Homero e Hesíodo.

4 - Poesia lírica e pastoral. Alceu, Safo e Anacreonte. A ode; Píndaro. A tragédia e a comédia.

5 - História e filosofia. Heródoto, Tucídides e Xenofonte. Platão e Aristóteles. A eloqüência. Demóstenes.

6 - Período greco-alexandrino. Gênese de romance. O idílio: Heócrito. Período greco-romano. Políbio, Plutarco e Luciano. Influência do Cristianismo: São João Crisóstomo. Período bizantino; declínio do espírito grego.

Literatura latina

7 - Fase de formação: origem da poesia religiosa dos romanos. Influência do espírito grego. A epigrafia. A poesia épica e a satírica: Enio e Lucílio - A comédia: Plauto e Terêncio.

8 - Os precursores do período áureo: César, Cícero, Salústio. A poesia: Catulo e Lucrécio.

9 - O século Augusto. A poesia: Virgíli, Horácio e Ovídio. A história: Tito Lívio.

10 - Período pós-clássico: Quinto, Curcio, Sêneca. A poesia: Lucano e Macial. A sátira: Juvenal. A história: Tácito.

11 - Período da influência cristã - Tertuliano, São Jerônimo e Santo Agostinho. Última fase da poesia latina.

Renascença e literatura italiana

12 - A invasão dos bárbaros e suas conseqüências - Os primitivos códigos germânicos - A renascença carolíngea - Gênese das línguas e das literaturas dos povos modernos. A poesia popular e as epopéias.

13 - A origem da poesia italiana: o misticismo; São Francisco de Assis - Precursores da Renascença; Dante, Petrarca e Bocácio.

14 - A renascença italiana: O humanismo. Poetas e prosadores do século XVI.

15 - Período de classicismo e da decadência. A arcádia.

Literatura francesa

16 - A renascença francesa: Villo, Commines, Marot, Rabelais e a Pleiada - Prosadores políticos e moralistas - Montaigne.

17 - O século clássico - Malherbe - As academias e os salões - Descartes - O teatro - Corneille, Racine e Moliére - Moralistas. Eloqüência sagrada. A fábula. Os grandes prosadores. Pascal, La Bruyère, Fénelon.

18 - O século XVIII - Voltaire - A Enciclopédia - Os filósofos - Romance, teatro, história e crítica.

19 - O romantismo francês: sua origem e evolução - Poesia - O romance e o teatro históricos.

20 - A reação parnasiana. O realismo.

21 - Literatura provençal - Sua influência na Idade Média - O Felibrige - Roumanille e Mistral.

Literatura espanhola

22 - Origens da literatura espanhola - Período inicial - Os romances de cavalaria. O *Cid*. O Romanceiro. O *Amadis de Gaula*.

23 - A literatura espanhola no século XVI - A poesia: Quevedo e Gongora - Alonso e Ercília - Hurtado de Mendoza - O misticismo: Santa Tereza de Jesus.

24 - Cervantes e o *D. Quixote* - O teatro espanhol - Lope de Veja, Molina, Calderon de la Barca.

25 - Séculos XVIII e XIX - Prosadores: Antonio de Solis. O romantismo espanhol. Zorilla. Campoamor. Espronceda e Quintana, Castelar e Blasco Ibanez.

Literatura inglesa

26 - Período inicial - Chaucer e Gower. Era elisabetana - Spencer - Marlowe - Prosadores: Bacon e Burton.

27 - Século XVII - Milton e o "Paraiso Perdido". Dryden. O Classicismo: Addison e Pope. O romance inglês no século XVIII - Defoe, Swift e Goldsmith.

28 - O romantismo inglês - Scott, Byron, Shelley, Keats, Tennyson. Dickens - O pré-rafaelismo.

Literatura alemã

29 - Origens da literatura alemã: a epopéia heróica. Época da Reforma e da Renascença, Hans Sachs - Klostpcu, Lessing, Wieland, Kant e Herder.

30 - A literatura alemã no século XIX - Goethe - Schiller - Holderlin - Jean Paul - Novalis - Keist. Os irmão Grimm - Humboldt, Hegel e Schopenhauer - O drama wagneriano - Heine.

SEGUNDA SÉRIE

1 - Período medieval - formação da língua portuguesa. O lirismo provençal. O lirismo provençal; os trovadores. D. Diniz. Cancioneiros. Uma literatura palaciana. Novelas de cavalaria, seus ciclos; o *Amadis de Gaula*. Livros de linhagens. Influência espanhola: Garcia de Resende e o seu *Cancioneiro Geral*. O início da história: cronistas.

2-3 - Período clássico - O renascimento em Portugal. A medida nova e a medida velha. Influência italiana. Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Cristovão Falcão, Antonio Ferreira. Camões: os *Lusíadas*, epopéia de expressão marítima portuguesa. O lirismo camoneano. O teatro: Gil Vicente, suas fontes populares e influência social. A história: João de Barros.

4 - Período clássico - O seiscentismo gongórico e o arcadismo - Academias literárias. D. Francisco Manuel de Melo. As cartas de soror Mariana Alcoforado. A história e a eloqüência: Frei Luiz de Sousa, antonio Vieira, Manuel Bernardes. As arcádias: Garção, Filinto Elísio, Nicolau Tolentino. Bocage, lírico e satírico. O teatro: Antonio José da silva. A erudição: Viterbo.

5 - Período moderno - O romantismo em Portugal. Garrett, Herculano, Castilho. A poesia: Tomás Ribeiro, Guerra Junqueiro.

6 - Reação contra o romantismo - "Bom senso e bom gosto" - ou a Questão coimbrã. O simbolismo em Portugal. João de Deus, Antero de Quental, Antonio Nobre, Cesário Verde, Eugênio de Castro.

7 - O romance português no século XIX. Júlio Diniz, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Fialho de Almeida. Camilo romancista, romântico; suas experiências naturalistas. Os verdadeiros naturalistas. Importância de Eça de Queirós, sua influência.

8 - A história e a crítica. Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga. A filologia: Carolina Michaelis, Gonçalves Viana, Leite de Vasconcelos, J. J. Nunes.

9 - Atuais correntes literárias.

10 - Condições de formação da literatura brasileira. A língua portuguesa no Brasil, sua evoluçã autônoma e diferenciação. Incorporação e influência de elementos indígenas e africanos. O meio físico e o meio social. O fenômeno americano; transplantação do homem europeu.

11 - Fontes da literatura brasileira. Sobrevivências indígenas e africanas. Lendas americanas e negras do folclore brasileiro. Desenvolvimento desses estudos. Folcloristas. Contribuição de Couto de Magalhães e Nina Rodrigues.

12 - Primeiros escritos sobre a terra e o homem. Cronistas e viajantes. As letras jesuíticas na colônia. A poesia no século XVI: Anchieta e Bento Teixeira Pinto.

13 - O século XVII. A história e a poesia: Frei Vicente do salvador e Gregório de Matos.

14 - O século XVIII. Academias literárias. O arcadismo. A Escola Mineira: Tomás Antonio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa. As Cartas Chilenas. Tentativas de uma epopéia nacional: Basílio da Gama, Santa Rita Durão. Primeiros vestígios de influência das formas populares: Domingos Caldas Barbosa.

15 - O romantismo brasileiro. O espírito nativista. Declínio. Declínio da influência portuguesa. 1ª fase: Gonçalves de Magalhães e Porto Alegre.

16 - O romantismo, 2ª fase. O indianismo. Gonçalves Dias e José de Alencar.

17 - O romantismo, 3ª fase. Álvares de azevedo, Fagundes Varela, Junqueira Freire, Casemiro de Abreu.

18 - O romantismo, 4ª fase. Os condoreiros: Castro Alves, Tobias Barreto. A poesia social.

19 - Os romancistas românticos. Joaquim Manoel de Macedo, Bernardo Guimarães, o Visconde de Taunay, Franklin Távora e ainda José de Alencar. O teatro de Martins Pena. A crônica: França Júnior.

20 - O naturalismo. Um precursor: Manuel Antonio de almeida. Aluízio de Azevedo, Júlio Ribeiro, Raul Pompéia.

21 - Machado de Assis: o poeta, o "conteur", o romancista. A forma, o "humour", a penetração psicológica em Machado de Assis. Caráter excepcional e importância da sua obra.

22 - A poesia parnasiana. Raimundo correia, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira. O simbolismo: Cruz e Souza, Alphonsus Guimaraens. Outros poetas: Luiz Delfino e Vicente de Carvalho.

23 - O romance e o conto depois do naturalismo. Coelho Neto. Afonso Arinos. Lima Barreto. O regionalismo.

24 - A eloqüência e o jornalismo no Brasil. Mont'Alverne, Evaristo da Veiga, Hipólito de Araújo, Rui Barbosa. A erudição: o dicionarista Morais. O ensaio moral, social e político: Matias Aires, João Francisco Lisboa, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha. A história: Varnhagen, Oliveira Lima, Capistrano de Abreu. A crítica: Silvio Romero, José Veríssimo, João Ribeiro.

25 - O movimento modernista na poesia e na prosa. O romance contemporâneo. Correntes atuais.

Literaturas hispano-americanas

26 - Os povos americanos na época do descobrimento. Resistência à colonização. As línguas indígenas e a língua européia: reações. A ação dos jesuítas. Panorama das literaturas hispano-americanas nos períodos colonial e nacional. Traços comuns e caracteres distintivos. Movimentos de nacionalismo literários. Tendências e correntes contemporâneas nas literaturas hispano-americanas. Escritores e obras a destacar: Rubén Dario, sua repercussão na Espanha. O "Martin Fierro", de Hernandez; o "Facundo" de Sarmiento; o "Don Segundo Sombra", de Ricardo Guimaraldes; o grupo argentino de "Prôa"; Zorilla de San Martin, Silva Valdes, Juana de Ibarbourou, Ricardo Palma, Gabriela Mistral, Amado Nervo, Santos Chocano, o grupo mexicano do "Ateneo": Alfonso Reyes, José Vasconcelos, Antonio Caso, Pedro Henriques Uraña, Gonzales Martinez; "Los de abajo", de Mariano Azuela. Juana Inés de la Cruz, Herrara y Reissig, José Eustasio Rivera, Gutierrez Najéra.

27 - A literatura americana antes do grande desenvolvimento industrial. Longfellow, W. Irving, Fenimore Cooper, Mrs. Beecher Stowe. Emerson, Poe, Howthorne, Thoreau, Walt Whitman, poeta da democracia. O romance social e o romance de aventuras. O período do grande insustrialismo. A poesia. Os neo-realistas. O humorismo. O teatro. A poesia negra. O espírito e a reação da literatura. Grandes escritores contemporâneos.

As literaturas européias contemporâneas

28 - A literatura francesa desde os fins do século passado. Renovação da poesia: Baudelaire, Rimbaud, Verlaine, Mallarmé. O simbolismo. Claudel e a poesia católica. Paul Valéry. O Unanimismo. O grupo de abbaye. Alargamento da concepção poética de Apollinaire ao supra-realismo. O romance: Anatole France, Loti, Bourget, Barrés, Romain Rolland, Proust e Gide. O teatro: Cecque, Curel, Bataille, Lenormand, Jules Romain. Evolução do ensaio e da crítica; Saint-Beauve, Taine, Renan, Gourmont, Peguy, Maurras, Alain, Benda, Thibaudet. A filosofia: Bergson. Revistas literárias. Tendências atuais e escritores novos mais importantes.

Literatura alemã

29 - A literatura alemã desde o século XIX. A influência de Nietzche. O romance: Gottfried, Keller, Th. Fontane, os irmãos Mann, Jacob Wassermann. A poesia e o drama: Wedeáind, G. Hauptmann, Spitteler, Etefan George, Hugo von Hofmansthal, Rainer Maria Rilúe. O ensaio filosófico: Spengler e Keiserling. O expressionismo. Literatura da guerra. Correntes atuais.

Literatura inglesa

30 - O romance inglês na era vitoriana: Dickens e Thackeray. As irmãs Bronte e George Eliot, Disraeli, Samuel Butler, Meerdith e Hardy. Os eduardianos: George Moore, Gissing, Henry James, Kipling, Wells. Os georgeanos e os contemporâneos: Gallsworthy, Bennett, Lawrence, Swinnerton, Rorker, Huxley. O romance de aventuras de Stevenson a Conrad. Os irlandeses: James Stephen e Joyce. Mulheres romancistas: May Sinclair, Dorothy Richardson, Virginia Woolf, Katherine Mansfield. O ensaio e a crítica, de Carlyle, Newman, Ruskin, Pater a Chesterton e Middleton Murry. A poesia; influência de Willian Blake. Os Browning, Swinburne, Kipling, Thompson, Masefield, Yeats, T. S. Eliot. O teatro: Wilde, Shaw e Sommerset Maugham.

Literatura italiana

31 - A literatura italiana desde o romantismo: Alfiere, Foscolo, Leopardi, Manzoni, Carducci, Paacoli, Verga e o verismo, D'Annunzio, Panzini, Pallazzechi, Ungaretti, Marinetti e o futurismo. O teatro: Pirandello e Rosso di San Secondo. O romance de análise: Italo Svevo. A história, o ensaio e a crítica: Ferrero, Benedetto Croce, Papini. O novecentismo: Bentempelli.

Literatura espanhola

32 - Decadência da literatura espanhola na 2ª metade do século XIX. Escritores desse período: Alarcon, Valera, Pereda, Galdós. A geração de 98; Angel Ganivet, Unamuno, Baroja, Azorin, Valle-Inclan, antonio Machado. As gerações seguintes: Juan Ramón Jimenez, Perez de Ayala, Eugenio Drs. Ortega y Gasset e a Revista de Occidente. Ramón Gomez de la Serna e as "greguerias", Gabriel Miró. O ultarismo e as novas tendências poéticas. Ressurreição de Gongora. O teatro: Benevente. A erudição: Menendez y Pelayo, Menendez Pidal, Américo Castro. Escritores Novos.

Literatura russa

33 - Causas do aparecimento tardio da literatura na Rússia: histórias políticas, econômicas. Formação da língua. O folclore, riqueza e importância como fonte literária. Saga ou Canto de Igor. Epopéias. Lamonnosov, primeiro poeta considerável. Tentativas artificiais de ocidentalização. O romantismo, eclosão do gênio literário nacional: Puchkin, Lermontov. O romance russo, suas características, sua importância. Gogol, Turgueniev, Gontcharov, Tchekov, Dostoievski, tolstoi, Korolendo, Gorki. A crítica: Bielinski. Os romancistas contemporâneos: Gladkov, Pilniak, Ivanov, Ehrenbury, etc. A poesia: Soloviev, Balmont, Sologub, Biély, Essenin, Blok, Maiakovski. O teatro: Andreiex.

Literaturas nórdicas

34 - Importância e influência universal do teatro de Ibsen. Alguns escritores: Sóren Kirkegard, Andersen. Bjornson Bjornstiern, Etrindberg, Jorgsen, Hamsun, Selma Lagerlof, Siegfried Undeset. Georg Brandés, crítico e ensaísta.

Literaturas orientais

35 - Chinesa, Japonesa, Persa, Indú, Árabe. Características gerais. Alguns nomes: Confuncio, Lao-Tse, Li-Tai-Po, Khayyâm, Saâdi, Ferdôssi, Hafiz. As mil e uma noites. Antar Mahomet e o Corão. Kahlil Gibran, Gandi e Tagore. A atração do mundo ocidental pelo oriente. A ocidentalização dos povos e das literaturas orientais.

1942

Portaria Ministerial nº. 170, de 11 de julho de 1942, expediu os programas das disciplinas de línguas e de ciências do curso ginasial do ensino secundário.
[In: Ensino Secundário no Brasil: organização, legislação vigente, programas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952, p. 477-480]

PROGRAMA DE PORTUGUÊS

PRIMEIRA SÉRIE [4 horas por semana]

I - *Leitura* - Far-se-á em trechos, em prosa e em verso, que tenham por assunto principal a família, a escola e a terra natal.

II - *Gramática* - Com apoio nessa leitura, se tratará do seguinte:

Unidade I - 1. Oração. Sujeito e predicado. Oração sem sujeito, oração sem verbo. 2. Substantivo, artigos, adjetivo, numerais. 3. Gênero e número. Idéia de concordância nominal. Exercícios para o bom emprego dos artigos e dos numerais.

Unidade II - 1. Verbo: números, pessoas, tempos e modos. Vozes. 2. Verbos regulares e irregulares. Exercícios de conjugação, feitos por meio de frases. 3. Exercícios de concordância do verbo com o sujeito.

Unidade III - 1. Pronomes, advérbios. 2. Coordenação. Noção de conjunção coordenativa. 3. Estudo simultâneo e moderado da análise léxica e da sintática, não indo esta além do período composto por coordenação. 4. Exercícios para o bom emprego dos prnomes, sobretudo do relativo cujo e dos demonstrativos.

III - *Outros exercícios* - Além da leitura e dos exercícios próprios de cada unidade de gramática, haverá:

1 - Estudo do vocabulário, acompanhado de exercícios.

2 - Exercícios de ortografia e pontuação, ditado de pequenos trechos de assuntos instrutivo e educativo e de sentenças de conteúdo moral ou patriótico.

3 - Breves exposições orais, reprodução livre de trechos lidos na aula, redação escrita de frases curtas e pequenas descrições à vista de gravuras.

SEGUNDA SÉRIE [3 horas]

I - *Leitura* - Far-se-á em trechos, em prosa e em verso, que tenham por assunto principal a paisagem e a vida em cada uma das regiões naturais do Brasil.

II - *Gramática* - Com apoio nessa leitura, se tratará do seguinte:

Unidade I - 1. Preposições. Exercícios de regência para aquisição do bom uso das preposições. 2. Substituição de frases por outras diversas, mas equivalentes pelo sentido. 3. Primeiras noções de subordinação. 4. Estudo de análise léxica e sintática, um tanto mais desenvolvido que na primeira série.

Unidade II - 1. Predicado verbal, predicado nominal. O predicativo. 2. Aposição. O aposto. 3. Exercícios de conjugação dada especial ao imperativo, ao mais-que-perfeito simples do indicativo e ao futuro do subjuntivo. A forma mais-que-perfeito simples do indicativo com o valor de condicional e de imperfeito do subjuntivo. Exercícios. 4. Exercícios sobre verbos conjugados reflexamente e sobre verbos com o pronome *lo* ou o enclítico.

Unidade III - 1. O vocativo. Interjeições e locuções interjetivas. 2. Formação de palavras: composição, derivação. Prefixos e sufixos: exercícios. Formação parassintética. 3. Graus de significação do substantivo, do adjetivo e do advérbio: exercícios. 4. Comparação. Exercícios práticos sobre comparação.

III - *Outros exercícios* - Além da leitura e dos exercícios próprios de cada unidade de gramática, haverá:

1 - Estudo do vocabulário, acompanhado de exercícios.

2 - Exercícios de ortografia e pontuação.

3 - Exercícios de exposição oral e de redação.

4 - Estudo elementar da versificação a propósito das poesias lidas na aula.

TERCEIRA SÉRIE [3 horas]

I - *Leitura* - Far-se-á em trechos, em prosa e em verso, que, sempre subordinados à idéia geral de amor ao Brasil, tenham por assunto principal a conquista da terra, o melhoramento dela e a atualidade brasileira.

II - *Gramática* - Com apoio nessa leitura, se tratará do seguinte:

Unidade I - 1. Conjunções coordenativas. Exercícios sobre conjunções coordenativas. Estudo, mais minucioso e desenvolvido, do período composto por coordenação. 2. Exercícios de análise léxica e sintática. 3. Idéia da sintaxe ideológica e afetiva: alguns exemplos expressivos.

Unidade II - 1. Conjunções subordinativas. Exercícios sobre conjunções subordinativas. 2. Exercícios para o correto emprego do verbo "haver" e da partícula se em função passivadora, e para o bom uso do infinito pessoal e impessoal. 3. Exercícios de concordância do predicativo do sujeito e do predicativo do objeto direto.

Unidade III - 1. O período composto por subordinação. 2. Exercícios de emprego de modos e tempos na oração subordinada. 3. Exercícios de análise léxica e sintática. 4. Exercícios sobre a colocação das palavras na frase, principalmente sobre a dos pronomes átonos.

III - *Outros exercícios* - Além da leitura e dos exercícios próprios de cada unidade de gramática, haverá:

1 - Estudo do vocabulário, acompanhado de exercícios.

2 - Exercícios de exposição oral, de redação e composição.

3 - Estudo elementar da versificação a propósito das poesias lidas na aula.

QUARTA SÉRIE [3 horas]

I - *Leitura* - Far-se-á, por já aspirar a constituir uma iniciação literária, em excertos da literatura brasileira e portuguesa, distribuídos em três classes: cartas, prosa literária e poesia.

II - *Gramática* - Sempre aproveitando o material lingüístico encontrado nos textos de aula, tratar-se-á do seguinte:

Unidade I - 1. Vocabulário, sílaba, número de sílabas dos vocabulários, acento tônico, a situação do acento tônico. 2. Constituição das sílabas. Qualidades físicas do som. Vogais e consoantes. Ditongos. Tritongos. 3. Noção da ênclise e da próclise. Ação da ênclise e da prótese: alguns exemplos. 4. Exercícios de verificação e aplicação da matéria estudada.

Unidade II - 1. Latim vulgar. As três declinações do latim vulgar. Sobrevivência do acusativo. O desaparecimento do neutro. As três conjugações do latim vulgar na Península Ibérica. 2. Idéia da ação da analogia, ministrada por meio de alguns exemplos expressivos. 3. Criações românicas.

Unidade III - 1. Origem das línguas românicas. A língua portuguesa, seu domínio. Constituição do léxico português. 2. Estudo breve e elementaríssimo de fonética-histórica. Formas divergentes e convergentes. 3. O português do Brasil.

III - *Outros exercícios* - Além da leitura e dos exercícios próprios de cada unidade de gramática, haverá:

1 - Estudo do vocabulário, acompanhado de exercícios.

2 - Redação de cartas, bilhetes e telegramas, e de documentos oficiais.

3 - Exercícios de composição.

4 - Estudo elementar da versificação a propósito das poesias lidas na aula.

5 - Análise de períodos compostos por subordinação.

1942

Portaria Ministerial nº. 172, de 15 de julho de 1942, expediu e determinou as instruções metodológicas para execução do programa de português.
[In: *Ensino Secundário no Brasil*: organização, legislação vigente, programas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952, p. 480-487]

INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS PARA EXECUÇÃO DO PROGRAMA DE PORTUGUÊS

I - *Finalidades do estudo da língua portuguesa*

O programa de português no curso ginasial procura:

a) proporcionar ao estudante aquisição efetiva da língua portuguesa, de maneira que ele possa exprimir-se corretamente;

b) comunicar-lhe o gosto da leitura dos bons escritores;

c) ministrar-lhe apreciável parte do cabedal indispensável à formação do seu espírito e do seu caráter, bem como base à sua educação literária, se quiser ingressar no segundo ciclo ou fazê-la por si, autodidáticamente;

d) mostrar-lhe a origem românica da nossa língua e, portanto, a nossa integração na civilização ocidental, o que o ajudará a compreender melhor o papel do Brasil na comunhão americana e fora dela.

II - *Estrutura do curso de português*

1. Buscar-se-á alcançar essas finalidades mediante um ensino pronunciadamente prático, que compreenderá três partes paralelas: gramática, leitura explicada e outros exercícios.

2. A leitura se fará em todo o curso; a matéria gramatical, com os respectivos exercícios, vai repartida, em cada série, por três unidades, cada uma das quais se lecionará dentro de um trimestre; os trabalhos indicados no programa sob a denominação de "outros exercícios" se distribuirão por todo o ano letivo pelo modo que o professor julgar mais conveniente.

III - *O papel da leitura*

1. O professor se empenhará em obter o máximo proveito da leitura, um manancial de idéias que fecundam e disciplinam a inteligência e concorrem para acentuar e elevar, no espírito dos adolescentes, a consciência patriótica e a consciência humanística. Na leitura, explicada minuciosamente de todos os pontos de vista educativos, é que os alunos encontrarão boa parte da base necessária à formação da sua personalidade integral, bem como aquelas generalidades fundamentais donde eles poderão subir a estudos mais elevados de caráter especial.

2. O conhecimento do vocabulário, da ortografia, da pontuação e das formas e construções corretas será sobretudo adquirido mediante considerações expendidas a propósito dos textos de leitura; e dos fatos neles observados deduzirão os próprios alunos, auxiliados pelo professor, as regras da boa linguagem consignadas na gramática expositiva.

3. Qualquer exemplificação da matéria com que se procure enriquecer ou completar a que for tirada dos textos, será mais proveitosa ao intento da edução secundária se não se fizer só com frases da linguagem cotidiana, mas também com máximas morais e patrióticas e provérbios de conselhos atinentes à vida prática.

4. Recomenda-se que, no comentário da leitura, ou mesmo noutras ocasiões, o professor conduza as suas considerações de maneira que ache meio de falar, embora muito sumariamente, não só dos grandes vultos da civilização brasileira, principalmente os escritores, mas também das figuras mais eminentes das literaturas portuguesa e estrangeira. Isto para que o aluno não deixe o seu aprendizado ginasial, sem saber, por exemplo, quem foi Homero, Demóstenes, Dante, Petrarca, Cervantes, Goethe, Schiller, Tolstoi, Ibsen, Camões, Gil vicente, Garrett, Herculano, Antero de quental, João de Deus, etc. Ocasionalmente o professor poderá referir-se aos grandes nomes da literatura latina, da francesa e da inglesa (e norte-americana), mas não há necessidade de buscar ensejo para isso, visto que eles soarão suficientemente aos ouvidos dos alunos nas aulas de latim, francês e inglês.

IV - *O ensino na primeira série*

1. O professor dará as primeiras noções gramaticais partindo da oração, concebida como "a menor unidade do discurso dotada de sentido completo".

2. Assim, tomará um objeto que tenha ao seu alcance, e perguntará a vários alunos o que pensam, o que querem dizer ou saber, a respeito desse objeto. Obterá respostas diferentes. Destas, escolherá as mais simples e que melhor se prestem ao seu fito didático em relação a alunos que mal deixaram a escola primária.

Por exemplo:

O giz é branco.

O giz quebra-se facilmente.

Como se fabrica o giz ?

3. Dirá então aos alunos que as palavras, com que declaramos ou perguntamos alguma coisa, formam uma "oração". É, pois, uma oração: "O giz é branco"; é outra oração: "Como se fabrica o giz ?"

4. Depois, fará que os alunos, com a colaboração dele, vão apontando as orações, curtas e simples, que o texto de leitura contiver.

5. Realizando durante algumas lições esse exercício, passará o professor a mostrar que também formam oração as palavras com que exprimimos um desejo, como quando dizemos, no Padre Nosso:

"Venha a nós o vosso reino".

6. Dirá que ainda há oração quando se faz um pedido, se dá uma ordem ou uma incumbência:

Entregue este livro à sua irmã.

Faça direito o seu trabalho.

7. Durante alguns dias auxiliará os alunos a descobrirem, nos textos, todos esses tipos de oração; e quando vir que eles já tem adquirido certa prática de tais pesquisas, entrará a ministrar as noções de sujeito e de predicado, tudo, porém, de modo muito simples e adequado à tenra mentalidade de crianças de onze anos.

8. Assimiladas pelos alunos as noções rudimentares de oração, sujeito e predicado, o professor lhes mostrará, com exemplos, que pode haver oração sem sujeito e, mesmo, sem verbo, embora este se possa subentender. (O professor já pode falar em "verbo" graças ao preparo que os alunos trazem da escola primária).

9. Vencida essa primeira dificuldade, prosseguirá o professor nas suas lições de gramática, tendo o cuidado de reduzi-las ao mínimo possível, transmiti-las por processos indutivos e diligenciar extraí-las dos próprios textos de leitura.

10. Atenderá a que a matéria de cada unidade de gramática deve ser estudada num trimestre, mas que depois (e isto é um preceito que se aplicará a todo o curso), sempre que houver ocasião, serão recordadas as generalidades principais, não só para fixá-las na memória dos alunos, mas também para que estes se compreendam melhor à proporção que a sua inteligência se for desenvolvendo e educando.

11. Não se esquecendo de que a correção e propriedade no emprego da língua devem constituir preocupação constante, o professor encaminhará aos alunos a toda a sorte de atividade que lhe permita oportunidade de corrigir a linguagem dos mesmos e suprir as inevitáveis lacunas que deixaria um ensino teórico, por mais completo que fosse. São trabalhos deste gênero adequados a esta série: breves exposições orais, reprodução livre de trechos lidos na aula, pequenos ditados e exercícios elementares de redação.

12. O estudo do vocabulário consistirá em procurarem os alunos no dicionário, que o professor lhes ensinará a manejar, as palavras cujos significados ignorem ou nã conheçam com precisão. Os exercícios consistirão em construírem os alunos frases em que apareçam bem empregadas aquelas palavras.

13. Os exercícios de ortografia e pontuação terão por base o texto de leitura; mas, feitas pelo professor as considerações que ele julgar oportuno expender a propósito do texto, poderão ser preparadas, por ele e pelos alunos, frases em que entrem vocábulos cuja correta grafia e prosódia exijam alguma atenção.

V - *O ensino na segunda série*

1. O estudo gramatical inicia-se pelo capítulo das preposições.

2. O professor transmitirá a noção de preposição por meio do exame de frases lidas na aula, as quais figurem preposições.

3. Depois, ajudará os alunos a descobrirem preposições nas páginas de leitura. Alcançando certo desembaraço nesse trabalho, o professor iniciará os exercícios de regência para a aquisição do bom uso das preposições. Estes exercícios devem ocupar boa parte do trimestre reservado à unidade I de gramática, mas serão retomados, sempre que possível, em todo o resto do curso, por serem dos mais importantes à vernaculidade da expressão.

4. Na substituição de frases por outras diversas, mas equivalentes pelo sentido, assinalará o professor que a equivalência perfeita nem sempre se verifica. Pode à nova frase vir juntar-se um novo matiz. Entre as

orações "levaram o menino à escola" e "o menino foi levado à escola", uma ou outra pessoa sentirá alguma diferença embora sutil. Na segunda há, talvez, maior relevo dado à idéia do menino. Já se vê que tais reflexões só as fará o professor verificando que a classe, em sua grande maioria, já pode compreendê-las.

5. É ainda neste trimestre que vem as primeiras noções de subordinação: subordinação de um termo a outro por meio de uma preposição, subordinação de uma oração a outra por meio de uma conjunção ou de outra espécie de conectivo, como, por exemplo, o pronome relativo. Daí por diante, todas as vezes que, nesta segunda série e no primeiro trimestre da terceira, tiver de tratar de análise léxica e sintática, irá o professor conduzindo os alunos ao conhecimento prático de orações subordinadas, para, no segundo trimestre da terceira série, enfrentar o estudo sistemático das conjunções subordinativas e no trimestre seguinte aprofundar e esmiuçar a análise do período composto por subordinação.

6. No segundo trimestre, o professor, que, nos estudos anteriores de análise léxica e sintática, já terá tratado, mas um tanto por alto, do predicado verbal, do predicado nominal, do predicativo e do aposto de qualquer substantivo, deter-se-á agora um pouco mais no exame desses elementos da oração, procurando ampliar e sistematizar as noções que a respeito dos mesmos vinham sendo ministradas esparsamente.

7. No mesmo trimestre fará os exercícios, de óbvia utilidade indicados na unidade II de gramática sob os números 3 e 4.

8. No trimestre seguinte tratará logo do vocativo, e, para evitar que os alunos o confundam com o aposto, lhes recordará que em latim há, até um caso especial para o vocativo, ao passo que nessa língua o aposto, em regra geral, vai para o mesmo caso que o substantivo a que se refere.

9. Do vocativo passará o professor a um assunto que tem com a natureza do vocativo alguma afinidade: as interjeições.

10. A seguir versará a formação das palavras, os graus de significação e a comparação.

11. Nos exercícios de comparação, salientará aos alunos um fato comum, a respeito do qual devem estar atentos: a freqüente omissão de parte da oração comparativa ou mesmo de toda ela, que então apenas fica denunciada pela presença da conjunção (ele é mais valente do que o irmão, ele contou-me o caso como se eu fosse seu amigo).

12. Também lhes fará ver que não se diz: "Este quarto é mais grande do que o nosso"; mas que, se a comparação se fizer entre duas qualidades referidas à mesma pessoa ou coisa, há de se dizer: "Ele é mais grande do que pequeno".

13. A aquisição do vocabulário será feita como na primeira série, acrescentando-se aqui o estudo de sinônimos e antônimos; os exercícios de ortografia e pontuação seguirão os mesmos processos adotados na série anterior.

14. Continuarão os exercícios de exposição oral e começarão os exercícios francos de redação, e, a propósito das poesias lidas na classe, se darão noções elementares de versificação.

VI - *O ensino na terceira série*

1. O professor iniciará o ensino relativo à unidade I de gramática tratando das conjunções coordenativas. Como anteriormente já se ocupou do assunto de modo prático, aqui lhe caberá ordenar os conhecimentos adquiridos e desenvolvê-los, de modo que possa levar os alunos a um estudo mais minucioso do período composto por coordenação.

2. Da sintaxe ideológica e efetiva dará idéia mediante exemplos, que explicará convenientemente: o verbo posto no plural por se referir a um coletivo; a silepse de gênero e de pessoa; o complemento de interesse: "Digam-me a esse homem que eu já vou"; uma frase como esta de Garrett: "Sim, eu agora ando bom... E tu, meu Luís, como vamos de saúde? etc. etc.

3. Entretanto no ensino pertinente à unidade II de gramática, terá o professor de recapitular noções já ministradas praticamente (v. Programa, segunda série, unidades de gramática I, nº. 3 e 4, e III, nº. 4, e estas Instruções Metodológicas, v. 5), e consolidá-las no espírito dos alunos por meio de exercícios adequados.

4. Recorrendo a exemplos numerosos, mostrará como se emprega corretamente o verbo haver nas suas várias acepções e a partícula *se* em função passivadora, e quando se deve adotar o infinitivo pessoal, quando o pessoal e quando, do ponto de vista gramatical, é indiferente o uso de um ou de outro, dependendo a preferência de fatores de outra ordem, como a clareza, a ênfase, a harmonia do estilo.

5. Em complemento ao estudo nº. 3 da unidade I de gramática da primeira série, fará exercícios de concordância do predicativo do sujeito e do predicativo do objeto direto.

6. Entretanto na matéria relativa à unidade III de gramática, terá de desenvolver e aprofundar um pouco um estudo que foi iniciado na unidade I da segunda série: o do período composto por subordinação.

7. A seguir fará, satisfazendo a uma necessidade da boa linguagem, exercícios de emprego de modos e tempos na oração subordinada.

8. Continuam os exercícios de análise léxica e sintática, e vêm como últimos exercícios da unidade III de gramática os de colocação das palavras na frase. Aqui terá apropriado lugar a transcrição de numerosos exemplos de bons autores para serem acrescidos à lista dos que os alunos, por si, mas a pedido do professor, tiverem colhido no livro de leitura.

9. A respeito da colocação dos pronomes pessoais átonos evite-se estreiteza de visão. Recomende-se que na língua propriamente literária, não se comece o período por variação pronominal átona, mas tolere-se o fato no diálogo familiar e na correspondência íntima; aconselhe-se o uso da próclise nas orações negativas, mas admita-se a ênclise quando ela produza apreciável efeito estilístico, como sucede, por exemplo, no final do poema Pedro Ivo de Álvares de Azevedo:

Lava-se o poluir de um leito impuro,
Lava-se a palidez do vício escuro;
Mas não lava-se um crime!

O verso, como está, tem muito mais força de expressão do que teria com a próclise:

Mas não se lava um crime!

10. Também se aconselha a próclise nas orações subordinadas, bem como nas exclamativas e optativas de verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo (Deus te guarde, a terra lhe seja leve). Mas tudo sem rigor, e submetido mais ao gosto de quem escreve do que ao preceito gramatical.

11. Não se pense, porém, em liberdade absoluta de colocação do pronome átono em relação ao verbo. Há tendências respeitáveis, que a leitura dos bons autores ensinará, e, além disso, há colocações que o ouvido repele. Quem preferirá, por exemplo: "É impossível a compreender" a "É impossível compreendê-la"?

12. Das regras relativas à situação do pronome átono em relação ao verbo só uma tomemos como mais ou menos imperiosa: não usar nem próclise nem ênclise com os particípios passados.

13. Assinale-se a colocação invariável de um pronome em relação ao outro nas combinações usuais: mo, to, lho, no-lo, vo-lo, se me (em próclise), se-me (em ênclise), e, semelhantemente, se te, se-te, se lhe, se-lhe, se nos, s-nos, s vos, s-vos, se lhes, se-lhes.

14. Para a aquisição do vocabulário, haverá exercícios semelhantes aos da segunda série, a que acrescentarão os de agrupamentos de palavras designativas de idéias sugeridas por uma palavra que se tome para base. Por exemplo: sendo mar a palavra base, quais as idéias que ela irá sugerindo aos alunos? Vastidão, amplidão, imensidade, infinito; horizonte; mobilidade; planície; campo, azul, campina, cerúleo, campo; arar, mares nunca arados; friso, listão, esteira, tremulina; ondas, vagas, marouços, escarcéus, mar encapelado, empolado, agitado, alterado, revolto, crespo; carneirada; baixos, baixios, banco de areia, sirtes, vaus, marachões; fragas, penhascos, rochedos, penedos, rochas; penhas, cachopos, abrolhos, recifes, parcéis; maré, preamar, vazante, baixa-mar, ressacas, macaréus, pororocas; cachões, cachoeira; velas, panos, brins, grandes lenços, asa; embarcação, navio, lenho, madeiro, pau, pinho, faia; árvore, arvoredo, nau desarvorada; balançar ou balouçar, arfar, zimbrar, adernar, varar...

15. Haverá exercícios de exposição oral e de redação e composição e estudo elementar da versificação a propósito das poesias lidas.

VII - *O ensino na quarta série*

1. Na unidade I da gramática ministram-se noções de fonética necessárias à consecução de uma finalidade cultural que é objeto dos estudos das unidades II e III dessa série: o mostrar-se a origem românica da nossa língua e, portanto, a nossa integração na civilização ocidental.

2. Ainda aqui os textos de leitura é que fornecerão ao professor o ponto de partida das suas explicações, ou melhor, das suas conversas com os alunos a respeito da matéria do programa. Com efeito, ser-lhe-á fácil, tomando uma palavra do texto, separar as sílabas, contá-las, recordar a denominação dos vocábulos segundo o número de suas sílabas, assinalar a situação do acento tônico, recapitular a classificação dos vocábulos em oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos, e mostrar e caracterizar as várias espécies de fonemas componentes das sílabas, e, uma vez apreendidas pelos alunos as novas noções, aplicá-las ou verificá-las a propósito de outros vocábulos. O estudo da próclise habilitará o aluno a compreender formas vernáculas como san, depois são, de santo, bel, de belo, em bel prazer, e como o demonstrativo latino illum, acentuado na primeira sílaba, pode perdê-la quando em próclise, originando o nosso artigo *lo*, depois *o*. A ênclise lhe explicará fenômenos fonéticos como mostrá-lo por mostrar-lo, di-lo por diz-lo, fazê-lo por fazer-lo, temei-lo por temeis-lo e outros mais.

3. O soneto de Bilac em que o poeta chama à língua portuguesa "última flor do Lácio", aquele trecho de Garrett sobre a utilidade do conhecimento do grego e do latim, qualquer excerto em que haja alusão à origem romana do nosso idioma, abrirão ensejo ao estudo daquela parte do programa referente à diferenciação do latim vulgar nas línguas românicas e à constituição da língua portuguesa.

4. Termina a unidade III de gramática com o ponto sobre o português do Brasil. Aqui mostrará o professor que a língua portuguesa importada encontrou forte rival no tupi. Venceu-o, mas enriqueceu-se com ele, bem como com elementos lingüísticos africanos e outros de criação ou adoção puramente brasileiras. Tem pronúncia diferente da do português europeu atual, em parte graças a algumas inovações, em parte por conservar pronúncias arcaicas da mãe-pátria. Leves são as diferenças sintáticas na língua literária da de Portugal, e se há uma corrente que procura afastar nossa língua literária da de Portugal, há outra que se empenha em fazê-la conservar com a de Portugal a possível aproximação.

5. As páginas da literatura lusa contidas no livro de leitura permitirão aos alunos, pela facilidade com que eles as compreenderão, verificarem por si uma realidade: a unidade lingüística entre Portugal e Brasil; e um exame comparativo daquelas páginas com as de autores nossos talvez proporcione ao professor ocasião de surpreender, e então apontá-las aos discípulos, algumas das peculiaridades que caracterizam a modalidade brasileira do idioma comum. Se o resultado da pesquisa for nulo, o professor aproveitará o fato para sublinhar, no espírito dos estudantes, o quanto é verdadeira a afirmação da referida unidade lingüística luso-brasileira.

6. Haverá nesta série: estudo e exercícios de vocabulários semelhante aos da terceira série, e mais os de agrupamento de palavras enlaçadas pela comunidade da raiz; redação de cartas, bilhetes, telegramas e documentos oficiais; composição; estudo elementar de versificação sobre os textos de classe, e exercícios de análise de períodos compostos por subordinação para consolidar no espírito do aluno conhecimentos ministrados anteriormente.

VIII - *Observações gerais*

1. Em todo este curso de português o professor se esforçará por incutir nos alunos o amor da língua, o zelo dela traduzido no desejo de manejá-la bem e de protegê-la das forças dissolventes que estão continuamente a assaltá-la.

2. Sobretudo os fará respeitosos da sua modalidade mais nobre, a língua literária, visto ser esta a de mais importante papel social e político e, ao mesmo tempo, um dos mais fortes fatores do progresso, por constituir, através das idades, um fio de transmissão de geração para geração e, no espaço, um laço de aproximação dos contemporâneos, evitando, de um e outro modo, o estéril isolamento do homem.

3. Avivar-lhes-á, no espírito e no coração, o reconhecimento da necessidade de preservá-la, como instrumento de união e como e como patrimônio sagrado da coletividade nacional, num país como o nosso, de amplo território e aberto à imigração de estrangeiros das mais variadas procedências.

4. Ressaltar-lhes-á que zelar a língua literária é, para o Brasil, um dever de própria defesa e que seria condenável o menosprezá-la depois de ela ter atingido tão alta perfeição como a atual, graças ao lento, longo e laborioso processo de apuração das formas de expressão.

5. Entretanto, que não se descambe para o terreno das minúcias gramaticais e do purismo exagerado.

6. Fale-se e escreva-se sem afetação. Haja naturalidade no falar, e naturalidade no escrever. Mas tenha-se na lembrança que a naturalidade do falar nem sempre se admite no escrever, e que a naturalidade do escrever, transportada ao falar, pode converter-se em afetação ou pedantismo.

7. Olhem-se os fenômenos da língua com espírito alto, largo e generoso, e façam-se concessões ao pensamento, que às vezes reclama expressões de valor estilístico, mas afastadas das regras habituais da gramática.

8. Procure-se a correção e a propriedade, mas sem rigidez, e de par com a clareza, a expressividade e bom gosto.

IX - *Observações finais*

1. Para a realização do curso, além dos livros da biblioteca escolar, de que os alunos se devem utilizar para leituras e consultas, deverão eles ter consigo os seguintes compêndios:

a) livro de leitura, num volume para a primeira e segunda séries e noutro volume para a terceira e quarta;

b) gramática, em um volume para as quatro séries;

c) dicionário portátil, em um volume, também para as quatro séries.

2. O livro de leitura, nos seus dois volumes, deve conter, além das páginas que satisfazem, de um modo geral, à prescrição do programa para cada série, matéria de leitura orientada em dois sentidos: um, que interesse mais às meninas, e o outro, aos rapazes. Os textos destinados de preferência à atenção das meninas devem encarecer as virtudes próprias da mulher, a sua missão de esposa, de mãe, de filha, de irmã, de educadora, o seu reinado no lar e o seu papel na escola, a sua ação nas obras sociais de caridade, o cultivo daquelas qualidades com que ela deve cooperar com o outro sexo na construção da pátria e na ligação

harmônica do sentimento da pátria com o sentimento da fraternidade universal. Os excertos que visarem principalmente à educação dos alunos do sexo masculino procurarão enaltecer aquela têmpera de caráter, a força de vontade, a coragem, a compreensão do dever, que fazem os grandes homens de ação, os heróis da vida civil e militar e esses outros elementos, não menos úteis à sociedade e à nação, que são os bons chefes de família e os homens de trabalho, justos e de bem.

1943

Portaria Ministerial nº. 87, de 23 de janeiro de 1943, expediu o programa de português dos cursos clássico e científico do ensino secundário.
[In: *Ensino Secundário no Brasil*: organização, legislação vigente, programas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952, p. 487-490]

PROGRAMA DE PORTUGUÊS DOS CURSOS CLÁSSICO E CIENTÍFICO

PRIMEIRA SÉRIE

[4 horas no curso clássico sem grego, 3 horas no curso clássico com grego e no curso científico]

I - *Noções Gerais de Literatura*

Unidade I - 1. Conceito de literatura. 2. Apreciação das influências a que está sujeita. 3. Escolas literárias. 4. Linguagem figurada: metáfora, comparação, imagem e símbolo. 5. Estilo.

Unidade II - 1. Distinção essencial entre prosa e poesia. 2. Qualidades da boa prosa. 3. O verso e seus apoios rítmicos, especialmente número de sílabas, acentuação, rima, aliteração, encadeamento e paralelismo. 4. Estrofação; poemas de forma fixa.

Unidade III - Gêneros literários: 1. Lírico (poemas de forma fixa, poemas de forma livre). 2. Dramático (tragédia, comédia, tragicomédia, drama, farsa, mistério, auto, diálogo, monólogo). 3. Narrativo (épica, romance, novela, conto, fábula). 4. Oratória (sagrada e profana). 5. Didático (história, crítica, filosofia, moral, mística, jornalismo, folclore, etc.).

II - *Gramática*

Unidade I - 1. Sintaxe do substantivo. 2. Do adjetivo. 3. Dos numerais.

Unidade II - 1. Sintaxe dos pronomes pessoais. 2. Dos possessivos. 3. Dos demonstrativos. 4. Dos relativos. 5. Dos interrogativos. 6. Dos indefinidos. 7. Dos artigos.

Unidade III - 1. Sintaxe dos advérbios. 2. Das preposições. 3. Das conjunções.

III - *Leitura*

Far-se-á em páginas de autores de língua portuguesa, desde trovadores medievais até escritores do século XX, e será acompanhada de comentário filológico-gramatical, no qual se dará grande atenção ao estudo do vocabulário e da sintaxe e se recordarão as generalidades de gramática expositiva e histórica minstradas no curso ginasial.

IV - *Outros exercícios*

Além da leitura e dos exercícios próprios de cada unidade de noções gerais de literatura e de gramática, haverá:

1. Exercícios de exposição oral.
2. Exercícios de redação e composição sob a forma de cartas, documentos oficiais, narrativas, descrições e dissertações.
3. Exercícios de revisão de provas tipográficas.

SEGUNDA SÉRIE [3 horas]

I - *Noções de História da Literatura Portuguesa*

Unidade I - *Era medieval*: 1. A poesia: o lirismo de inspiração provençal, o lirismo de inspiração espanhola. 2. A prosa: os livros de linhagem, novelas de cavalaria, primeiros cronistas.

Unidade II - *Era clássica*: 1. Humanismo e Renascimento em Portugal. 2. A poesia de inspiração italiana. 3. O teatro. 4. A história. 5. Literatura moral e didática. 6. O século XVII. O cultismo. 7. O século XVIII: o arcadismo, a erudição.

Unidade III - *Era moderna*: 1. Romantismo em Portugal. 2. A renovação coimbrã de 1865. 3. O realismo. 4. O Simbolismo. 5. A filologia. 6. Correntes literárias depois do advento da República.

II - *Gramática*

Unidade I - 1. Concordância do verbo com o sujeito. Casos particulares. Irregularidade de concordância. Concordância ideológica. 2. Emprego do infinitivo pessoal e impessoal.

Unidade II - Estudo do emprego e regência de verbos que ofereçam interesse sintático.

III - *Leitura*

Far-se-á em páginas de autores portugueses de várias eras literárias e será acompanhada de comentário filológico-gramatical, no que se dará grande atenção ao estudo do vocabulário e da sintaxe e se recordarão as generalidades de gramática expositiva e histórica ministradas no curso ginasial.

IV - *Outros exercícios*

Além da leitura e dos exercícios próprios de cada unidade de história da literatura portuguesa e de gramática, haverá:

1. Exercícios de exposição oral.
2. Exercícios de redação e composição, constantes, sobretudo, de biografias de grandes vultos da literatura portuguesa, de pequenos estudos de fases e escolas literárias, e de ensaios de crítica.
3. Análise literária.

TERCEIRA SÉRIE [3 horas]

I - *Noções de História da Literatura Brasileira*

Unidade I - *Introdução*: 1. A língua portuguesa do Brasil. 2. Influências portuguesa, indígena e africana na língua, bem como na literatura popular.

Unidade II - *Era colonial*: 1. A literatura dos catequistas e dos viajantes no século XVI. 2. O século XVII. A poesia de Gregório de Matos, a prosa de Frei Vicente do Salvador. 3. O século XVIII. As academias literárias, o grupo mineiro, a influência da poesia popular em Domingos Caldas Barbosa, os trabalhos da história e genealogia, o dicionarista Morais.

Unidade III - *Era nacional*: 1. O Romantismo no Brasil. 2. A poesia de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Castro Alves. 3. O romance de Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antonio de Almeida, José de Alencar, Visconde de Taunay. 4. O teatro de Martins Pena e França Júnior. 5. Figuras menores na poesia, no romance e no teatro; historiadores, críticos e jornalistas. 6. A oratória política e sagrada.

Unidade IV - *Continuação da era nacional*: 1. Machado de Assis. 2. A renovação parnasiana na poesia: alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho. 3. A renovação realista no romance: Aluísio Azevedo, Raul Pompéia. 4. Historiadores, críticos, jornalistas, oradores. 5. O Simbolismo: Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimaraens, Mário Pederneiras. 6. A obra filosófica de Farias Brito. 7. O movimento modernista. Principais autores atuais.

II - *Leitura*

Far-se-á em páginas de autores brasileiros de uma e outra era e será acompanhada de comentário filológico-gramatical, no qual se dará grande atenção ao estudo do vocabulário e da sintaxe e se recordarão as generalidades de gramática expositiva e histórica ministradas no curso ginasial.

III - *Outros exercícios*

Além da leitura e dos exercícios próprios de cada unidade de história da literatura brasileira, haverá:

1. Exercícios de exposição oral.
2. Exercícios de redação e composição, constantes, sobretudo, de biografias de grandes vultos da literatura brasileira, de pequenos estudos de fases e escolas literárias, e de ensaios de crítica.
3. Análise literária.

1951

Portaria nº. 966, de 2 de outubro de 1951, aprovou os programas dos cursos ginasial e colegial, elaborados pela Congregação do Colégio Pedro II.
[In: *Ensino Secundário no Brasil*: organização, legislação vigente, programas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952, p. 522-523]

PROGRAMAS A QUE SE REFERE A PORTARIA Nº 966, DE 2 DE OUTUBRO DO CORRENTE ANO, PUBLICADA NO "DIÁRIO OFICIAL" DO MESMO MÊS.

PROGRAMA DE PORTUGUÊS

CURSO GINASIAL

1ª série [3 horas semanais]

1. *a*) Leitura e interpretação de excertos breves e fáceis de prosadores e poetas brasileiros dos dois últimos séculos. *b*) Vocabulário. *c*) Exposição oral. *d*) Recitação de pequenas poesias. *e*) Exercícios escritos de redação. *f*) Ortografia.

2. Com apoio no texto lido se tratará da seguinte matéria gramatical: *a*) A oração. *b*) Categorias gramaticais. *c*) Gênero, número e grau. *d*) Conjugação; vozes do verbo. *e*) Concordância e regência. *f*) Emprego dos pronomes átonos. *g*) O período de duas orações; valor das orações substantivas, adjetivas e adverbiais.

2ª série [3 horas]

1. *a*) Leitura e interpretação de excertos de prosadores e poetas brasileiros dos dois últimos séculos. *b*) Vocabulário. *c*) Exposição oral. *d*) Recitação de pequenas poesias. *e*) Exercícios escritos de redação. *f*) Ortografia.

2. Tratar-se-á da seguinte matéria, somente a propósito da leitura dos textos: *a*) Período composto. *b*) Categorias gramaticais. *c*) Gênero, número e grau. *d*) Conjugação; vozes do verbo. *e*) Concordância e regência. *f*) Sintaxe do verbo *haver*. *g*) Emprego dos pronomes átonos. *h*) Noções preliminares de composição e derivação.

3ª série [3 horas]

1. *a*) Leitura e interpretação de textos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses dos dois últimos séculos. *b*) Vocabulário. *c*) Exposição oral. *d*) Exercícios escritos de redação.

2. Partindo sempre dos textos lidos em aula, tratará o professor do seguinte: *a*) Recapitulação sistemática e estudo complementar da matéria gramatical das séries precedentes. *b*) Sintaxe de colocação. *c*) Emprego dos tempos e dos modos. *d*) Sintaxe do pronome *se*. *e*) Colocação dos pronomes átonos. *f*) Estudo elementar de versificação.

4ª série [3 horas]

1. *a*) Leitura e interpretação de textos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses dos dois últimos séculos. *b*) Vocabulário. *c*) Exposição oral. *d*) Exercícios escritos de redação.

2. Revisão: *a*) Quadros dos conectivos coordenativos e dos subordinativos; *b*) Quadros sinóticos da classificação das orações.

3. A propósito da leitura feita em aula, tratar-se-á dos seguintes assuntos: *a*) Análise sintática. *b*) figuras de sintaxe. *c*) Linguagem afetiva. *d*) Linguagem figurada. *e*) Noções elementares de fonética fisiológica. *f*) Estudo complementar da formação das palavras. *g*) Comentário gramatical. *h*) Versificação.

CURSO COLEGIAL

1ª série [3 horas]

1. *a*) Leitura, interpretação, análise literária elementar, comentário gramatical e estudo filológico elementar de textos de autores brasileiros e portugueses, a partir do século XVIII. *b*) Exercícios de exposição oral. *c*) Composição escrita. *d*) Organização de pequenas antologias, com auxílio do professor.

2. *a*) História resumida da língua portuguesa. *b*) Noções de fonética e morfologia históricas. *c*) Formação do vocabulário português. *d*) O português no Brasil. *e*) Leitura e interpretação de alguns textos brevíssimos de autores da época anteclássica. *f*) Arcaísmos.

2ª série [3 horas]

1. *a*) Leitura, interpretação, análise literária, comentário gramatical e estudo filológico elementar de textos de autores brasileiros e portugueses. *b*) Exercícios de exposição oral. *c*) Composição escrita. *d*) Revisão de provas tipográficas.

2. *a*) Literatura. *b*) Folclore. *c*) Escolas literárias. *d*) Gêneros de composição em prosa e verso.

3. *a*) Literatura portuguesa: divisão em períodos; *b*) Estudo das fases clássicas da literatura portuguesa, a propósito da leitura de textos cuidadosamente escolhidos. *c*) O Romantismo. *d*) O Realismo e o Naturalismo. A questão Coimbrã. *e*) O Parnasianismo e o Simbolismo. *f*) A fase contemporânea.

3ª série [3 horas]

1. *a*) Leitura, interpretação, análise literária, comentário gramatical e estudo filológico elementar de textos de autores brasileiros e portugueses. *b*) Exercícios de exposição oral. *c*) Composição escrita.

2. *a*) Literatura brasileira: formação e desenvolvimento, fases, caracteres de cada fase do período colonial. *b*) O Romantismo. *c*) A reação anti-romântica. *d*) O Parnasianismo. *e*) O Simbolismo e o movimento modernista. *f*) Leitura sistemática de autores expressivos desses movimentos.

1951

Portaria nº. 1.045, de 14 de dezembro de 1951, expediu os planos de desenvolvimento dos programas mínimos de ensino secundário e respectivas instruções metodológicas.
[In: *Ensino Secundário no Brasil*: organização, legislação vigente, programas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952, p. 551-57]

PLANOS DE DESENVOLVIMENTO DOS PROGRAMAS MÍNIMOS DE ENSINO SECUNDÁRIO

PORTUGUÊS

CURSO GINASIAL

1ª Série

1. *a*) Leitura e interpretação de excertos breves e fáceis de prosadores e poetas brasileiros dos dois últimos séculos. *b*) Vocabulário. *c*) Reprodução resumida e oral de assuntos lidos em aula; narração oral de fábulas e contos populares. *d*) Recitação de pequenas poesias já interpretadas. *e*) Breves exercícios escritos de redação feitos em aula, a propósito de textos lidos, com subsídios ministrados pelo professor. *f*) Ortografia.

2. Estudo gramatical a propósito da leitura: *a*) A oração. Tipos de oração. funções das palavras na oração; exercício de análise sintática. *b*) Conhecimento das categorias gramaticais mediante a análise léxica de textos já analisados sintaticamente; emprego dos numerais mais comuns. *c*) Gênero; número, exceto o plural dos compostos; graus do substantivo, do adjetivo e do advérbio, considerando-se apenas as formações analíticas e as sintéticas mais usuais. *d*) Conjugação; emprego freqüente dos verbos regulares principais, especialmente no imperativo e nos tempos derivados do tema do perfeito; vozes do verbo; redação de frases com verbos apassivados. *e*) Exercícios orais e escritos de concordância nominal e concordância verbal. *f*) Noções de sintaxe de regência; emprego dos pronomes átonos, especialmente *lo*, *o*, *no*; emprego da preposição *a* e do pronome *lhe* (objeto indireto); g) O período de duas orações: coordenação e subordinação; subordinadas introduzidas pelos conectivos mais correntes; valor das orações substantivas, adjetivas e adverbiais; exemplificação e prova.

2ª Série

1. *a*) Leitura e interpretação de textos em prosa e verso de autores brasileiros dos dois últimos séculos. *b*) Vocabulário. *c*) Reprodução resumida e oral de assuntos lidos em aula; narração oral de ocorrências da vida escolar e social. *d*) Recitação de pequenas poesias já interpretadas. *e*) Breves narrações escritas e cartas familiares, feitas em aula, com subsídios ministrados pelo professor. *f*) Ortografia.

2. Estudo gramatical a propósito da leitura: *a*) Análise sintática do período composto, escolhendo-se trechos breves e evitando-se as sutilezas e os subentendidos; o vocativo e a interjeição; o adjunto adnominal, o aposto, o predicativo e o adjunto adverbial; exercícios; substituição da subordinada adjetiva pelo adjunto atributivo ou pelo aposto; da substantiva pelo complemento ou sujeito não oracional; da adverbial pelo adjunto equivalente. *b*) Conhecimento das categorias gramaticais mediante exercícios de análise léxica de períodos já analisados sintaticamente. *c*) Gênero, insistindo-se nas palavras de duplo gênero e nas de gênero duvidoso; estudo do plural dos compostos; estudo complementar dos graus dos substantivos, adjetivos e advérbios. *d*) Conjugação: emprego dos verbos irregulares, especialmente no imperativo e nos tempos compostos; exercícios para o emprego dos tratamentos de *tu*, *você*, *o senhor*; vozes do verbo; conversão da voz passiva na ativa e vice-versa; o agente da passiva; distinção entre agente e sujeito. *e*) Exercícios orais e escritos de concordância verbal. *f*) Sintaxe de regência; estudo ocasional das preposições e locuções prepositivas mais comuns; emprego dos pronomes pessoais regidos de preposição; exercícios de regência verbal. Emprego dos pronomes átonos como na 1ª série. g) Formação de frases com o verbo *haver*, principalmente impessoal; outros verbos impessoais. *h*) Composição de palavras: exemplos de palavras de composição evidente. Derivação: ligeiras noções de derivação sufixal, prefixal e parassintética; afixos de uso mais freqüente.

3ª Série

1. *a*) Leitura e interpretação de textos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses dos dois últimos séculos. *b*) Vocabulário. *c*) Exercícios orais: impressões de leituras feitas fora da classe, narração de episódios da história do Brasil. *d*) Exercícios de redação, feitos em aula; descrições, narrações, dissertações, cartas, diálogos, correspondência social.

2. Tratar-se-á da seguinte matéria, a propósito dos textos lidos em aula: *a*) Recapitulação sistemática do gênero, número, grau; numerais; revisão dos verbos irregulares; conclusão do estudo da conjugação; estudo complementar da concordância nominal e da concordância verbal; exercícios para o emprego do tratamento: *você*, *vossa senhoria*, *vossa excelência*; exercícios de regência verbal; análise completa de períodos compostos; formação de palavras: prefixos e sufixos latinos e gregos. *b*) Observações essenciais sobre a colocação das palavras na oração e das orações no período. *c*) Emprego dos tempos e dos modos, principalmente do mais-que-perfeito simples e do infinitivo pessoal. *d*) Sintaxe do pronome *se*. *e*) Emprego e colocação dos pronomes átonos, simples ou aglutinados. *f*) Estudo elementar de versificação: verso, contagem das sílabas, acentuação, rima: a redondilha maior, a redondilha menor e o decassílabo.

4ª Série

1. *a*) Leitura e interpretação de textos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses dos dois últimos séculos. *b*) Vocabulário. *c*) Exercícios orais, impressões de leituras feitas fora da classe, narração de episódios da história do Brasil, exposição de pontos do programa, já tratados em aula. *d*) Exercícios escritos: descrição de paisagens, cenas e tipos; cartas, requerimentos, dissertações, notícias para jornais.

2. Revisão: *a*) Quadro das conjunções coordenativas e subordinativas; quadros dos demais conectivos subordinativos. *b*) Quadros sinópticos das orações coordenadas e das subordinadas conjuntivas; quadro das orações reduzidas.

3. A propósito da leitura feita em aula, tratar-se-á dos seguintes assuntos: *a*) Análise sintática; conversão de orações de forma conjuntiva em reduzidas. *b*) Figuras de sintaxe. *c*) Linguagem afetiva. *d*) Linguagem figurada. *e*) Noções elementares de fonética: o vocábulo, a sílaba, o fonema; fisiologia do aparelho fonador; classificação dos fonemas; hiatos, ditongos e tritongos; grupos consonantais. *f*) Estudo complementar da formação de palavras: composição, derivação, famílias etimológicas de origem latina; radicais gregos mais usados; hibridismos. *g*) Comentário gramatical de textos lidos; exercícios gramaticais, predominando os referentes à concordância, à regência e ao uso dos tratamentos. *h*) Estudo complementar da versificação.

CURSO CLÁSSICO E CURSO CIENTÍFICO

1ª Série

1. *a*) Leitura, interpretação, análise literária elementar, comentário gramatical e filológico de textos de autores brasileiros e portugueses, a partir do século XVIII. *b*) Exercícios de exposição oral: impressões de leituras feitas fora da classe. *c*) Composição escrita: dissertações sobre temas comuns da vida escolar e da vida social, provérbios e pensamentos célebres; elogio de feitos notáveis, de virtudes cívicas e domésticas; cartas; notícias para jornal. *d*) Organização de pequenas antologias pelos alunos, com auxílio do professor.

2. *a*) A língua portuguesa: sua origem, história e domínio. As demais línguas românicas. O latim vulgar, seus caracteres. *b*) Noções elementares de fonética histórica; acento tônico; alterações fonéticas; vocalismo e consonantismo. Formas divergentes. Justificação histórica de algumas regras de ortografia. O desaparecimento do neutro. Redução das declinações, os casos; sobrevivência do acusativo. Redução das conjugações. Fatos devidos à analogia. Desaparecimento de tempos; criações românicas. *c*) Formação do vocabulário português. *d*) O português no Brasil; contribuição brasileira para o léxico da língua; *e*) Leitura e interpretação de poucos textos brevíssimos de autores da época ante-clássica. *f*) Arcaísmos.

2ª Série

1. *a*) Leitura, interpretação, análise literária, comentário gramatical e filológico de textos de autores brasileiros e portugueses, a partir do século XVI. *b*) Exercícios orais: impressões de leituras feitas fora da aula; exposição da matéria do programa. *c*) Composição escrita: dissertações sobre temas sociais e assuntos literários; artigos para a revista escolar; pequenos ensaios de crítica. *d*) Revisão de provas tipográficas.

2. *a*) A literatura; influências a que está sujeita; a sua posição entre as demais artes. *b*) O folclore e a sua importância na literatura. *c*) Escolas literárias. O estilo: virtudes e defeitos. *d*) Gêneros de composição em prosa. Gêneros de composição em verso.

3. *a*) Períodos em que se pode dividir a história literária portuguesa; justificação histórica. *b*) As fases clássicas da literatura portuguesa; influências estrangeiras. As academias. *c*) O Romantismo e sua significação histórica e política. *d*) A reação anti-romântica e suas várias expressões. Estudo de textos dos autores mais notáveis. *e*) Parnasianismo e Simbolismo. *f*) A fase contemporânea e as grandes expressões modernas.

3ª Série

1.*a*) Leitura, interpretação, análise literária, comentário gramatical e filológico de textos de autores brasileiros e portugueses. *b*) Exercícios orais: resumos de assuntos lidos fora da classe; exposição de pontos de literatura. *c*) Composição escrita: dissertações morais e literárias, pequenos ensaios de crítica; artigos para a revista escolar; trabalhos de livre escolha do aluno.

2. *a*) Formação e desenvolvimento da literatura brasileira. A literatura dos viajantes e dos catequistas no século XVI. A poesia, a prosa e a oratória no período colonial. O chamado grupo baiano. Os poetas do grupo mineiro. *b*) O Romantismo no Brasil. Precursores. Caracteres do Romantismo brasileiro. *c*) A reação anti-romântica. Autores de transição. *d*) Os parnasianos e a sua técnica. *e*) O Simbolismo e as tendências modernas da poesia e da prosa brasileiras.

INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS PARA A EXECUÇÃO DO PROGRAMA DE PORTUGUÊS

O programa desta cadeira tem por objetivos:

a) habilitar o estudante a falar e escrever corretamente;
b) despertar-lhe o amor da língua portuguesa e o gosto literário;
c) contribuir para a sua educação moral e intelectual;
d) cooperar para a formação de sua consciência patriótica e de sua consciência humanística.

Leitura expressiva, vocabulário e ortografia

Nas duas primeiras séries, escolher-se-ão para a leitura textos muito simples de prosa e de verso, que tenham por assunto, principalmente, a terra natal, a escola, a família, exemplos de feitos heróicos e virtudes cívicas. Aconselham-se, por mais acessíveis à inteligência dos alunos, os contos populares, fábulas, poesias líricas, pequenas descrições de paisagens brasileiras, breves narrativas de fatos de nossa história, os quais ao mesmo tempo despertem o amor do idioma e concorram para a boa formação do espírito e da consciência patriótica.

Com esse caráter predominantemente educativo prosseguirá a leitura por todo o curso secundário; mas tão cedo quanto possível começará o professor a tirar dela tudo o que seja necessário para a cultura intelectual dos alunos, esforçando-se por estimular neles o gosto literário e exigindo-lhes, cada vez mais, expressão correta e elegante não só no falar, senão também no escrever.

Em todas as aulas, antes de se ocupar com as questões de gramática, deverá o professor pedir a interpretação do texto lido, a análise das idéias, a significação das palavras, a reprodução resumida e oral do pensamento do autor. Assim, além de habituar seus discípulos à observação e ao raciocínio, terá sempre ensejo de submetê-los a proveitosos exercícios de elocução e lhes corrigir a linguagem, proporcionando-lhes simultaneamente contribuições preciosas para os trabalhos escritos de redação, no Curso Ginasial, e de composição literária, no segundo ciclo.

O vocabulário será objeto de exercícios freqüentes e progressivos. A princípio insistirá o professor nos métodos de aquisição por sinonímia, antonímia, definição, emprego em frases curtas, organização de pequenos grupos analógicos. Quando verificar que os alunos já conhecem boa parte do vocabulário latino e os processos de formação de palavras, deverá propor-lhes questões referentes às famílias etimológicas mais importantes.

É indispensável a adoção de um dicionário da língua portuguesa.

O ensino da ortografia merecerá todo o cuidado e derivará naturalmente da leitura e das redações. Uma ou outra vez poder-se-á recorrer ao ditado de pequenos trechos adequados e atraentes, que serão escritos no quadro preto e copiados nos cadernos de aula.

Redação, composição e análise literária

Os trabalhos de redação, sempre muito fáceis, devem ser executados de preferência em aula, individual ou coletivamente, orientados pelo professor ou sugeridos pela leitura explicada. Como exercícios subsidiários são recomendáveis, entre outros, os seguintes:

a) formação de frases com aplicação do vocabulário ensinado;
b) substituição de frases por outras de forma diversa e sentido equivalente;
c) conversão de períodos compostos em períodos simples;

d) transformação de orações subordinadas em coordenadas e *vice-versa*; substituição de subordinadas adjetivas por adjuntos atributivos ou por apostos; de subordinadas de forma conjuntiva pelas reduzidas correspondentes, etc.;
e) conversão da voz passiva na ativa e *vice-versa*;
f) exercícios de concisão;
g) resumo oral de leituras feitas fora da classe;
h) paráfrases de textos breves;
i) correção de trabalhos apresentados pelos alunos, feita pela turma, sob a direção do professor.

Começará na 4ª série ginasial a composição livre, para a qual, além das indicações do professor, muito servem como recursos preliminares os exercícios de estilo e a análise literária elementar de textos breves, de preferência modernos.

A análise literária, que já se pode esboçar nesta série, não considera só o gênero da obra, o plano, o desenvolvimento, os processos estilísticos. Cabe-lhe principalmente interpretar o pensamento do autor, examinar as relações entre o conteúdo e a forma, fazer sobressair a idéia ou o sentimento fundamental, apreciar em seguida as idéias ou os sentimentos acessórios e conduzir ao juízo crítico, estudando a obra em seu conjunto e situando-a no seu tempo.

Gramática Expositiva

Nas duas primeiras séries do Curso Ginasial, o ensino de gramática será acentuadamente prático, ministrado à medida que os fatos ocorrerem, sempre baseado na leitura de textos já interpretados com a possível minúcia.

Recomendam-se pequenos exercícios orais e escritos de aplicação, sobretudo os referentes às flexões, às regras de concordância e regência e ao emprego das formas verbais mais freqüentes.

As observações gramaticais devem partir da oração para as suas partes. A análise sintática será feita com razoável sobriedade: convém evitar os excessos de nomenclatura, os pormenores, os subentendidos, as construções que, embora usuais e corretas, não estão sujeitas aos rigores da lógica. Não se perca de vista que o objeto da análise é orientar o estudante na inteligência dos textos e na correção dos erros que ele comete. Excelente processo de raciocínio, deve ela, entretanto, intervir com oportunidade, sem prejuízo do ensino prático e literário da língua.

São mais apropriados à análise léxica os períodos já analisados sintaticamente. Como é óbvio, não se pode, muitas vezes, sentir a categoria de uma palavra sem o conhecimento prévio de sua função na frase.

A sistematização dos fatos gramaticais, tratados até a 2ª série pelo método intuitivo, começará na série imediata, quando prosseguirá com algum desenvolvimento o ensino da morfologia e da sintaxe, motivado por exemplos colhidos no livro de aula ou formulados pelo professor.

O estudo das palavras invariáveis, da colocação dos pronomes, particularidades de construção, tropologia, linguagem afetiva, como em geral dos demais fatos do idioma, será feito ocasionalmente, sem a memorização de listas e definições, abundância de termos técnicos ou complicações inúteis. Antes de tudo a atenção dos alunos deve ser solicitada para a significação e a forma.

Gramática histórica

Caberá na 1ª série do segundo ciclo, pelo estudo elementar da gramática histórica, a justificação de várias normas ortográficas e de certos preceitos da gramática expositiva. A feição arcaica da língua portuguesa será conhecida pela leitura explicada de alguns textos breves, seguida de ligeiro comentário filológico.

Literatura

Freqüentemente serão interpretados e comentados textos escolhidos, em prosa ou em verso, tendo-se em vista habituar o aluno a observar as qualidades estilísticas de autores exemplares, e ainda despertar-lhe e desenvolver-lhe assim o gosto das boas leituras como o interesse pelos vultos mais representativos de nossas letras.

Na 2ª série, já se considera, em linhas gerais, a história da literatura portuguesa. A divisão em épocas é apresentada de maneiras diversas nos compêndios mais em uso, pelo que terá o professor de esclarecer dúvidas, mostrando como pode ela variar, sem que isso impeça criteriosa apreciação dos fatos, desde que é lícito tomar com base ora acontecimentos políticos e sociais, ora a evolução dos próprios gêneros literários,

das idéias filosóficas e dos processos artísticos. Além disso, a interpretação dos elementos admitidos a exame pode também variar, conforme o ponto de vista em que se coloque o historiador ou o crítico.

Escolhida e justificada cabalmente uma divisão, passar-se-á ao estudo das escolas e correntes literárias, insistindo-se em explicar as origens e caracteres de cada um.

Poderá o professor indicar os autores que deverão ser estudados durante o ano. Aconselha-se, todavia, que aos alunos se dê liberdade de escolher autores e obras, nos gêneros de sua preferência, para os seus trabalhos de pesquisa e de crítica.

É de toda conveniência, ao iniciar-se o estudo da literatura brasileira, seja ela considerada em face das literaturas hispano-americana e norte-americana.

Recordados aos alunos os aspectos característicos do meio americano na época do Descobrimento e da vida nas colônias; explicada sumariamente a luta entre as línguas indígenas e as línguas européias, refletindo ora o simples encontro, ora a fusão das civilizações que representavam; evidenciadas as concições em que se foram formando econômica, social e politicamente a América Latina e a América Inglesa, apontar-se-ão as fontes intelectuais que nutriam, obrigatoriamente, antes da Independência, o espírito das Américas: de um lado, Portugal, Espanha, Itália, França; do outro, a Inglaterra.

Serão reavivadas então as noções fundamentais de História da Civilização, nos séculos XVII e XVIII, do pensamento filosófico e político da Inglaterra e dos países europeus de língua latina, mostrando-se como penetraram em França as doutrinas inglesas, sob cuja influência se preparou, através da literatura, a Revolução de 1789, que tanta importância teve nos destinos dos povos da América.

Observar-se-á que, nos tempos coloniais, a literatura brasileira e as literaturas hispano-americanas apresentam os mesmos panoramas gerais, porque recebiam todas das mesmas fontes e quase sempre pelas mesmas vias as influências européias. Na América do Norte, onde, aliás, bem cedo se estabeleceu a imprensa e se desenvolveu o ensino popular, outro teria de ser, e realmente foi, o rumo das atividades intelectuais, graças ao espírito liberal inglês e às lições de cultura científica e assuntos de educação que a Inglaterra lhe oferecia.

Até a Independência pode ser a literatura brasileira estudada em comparação com a portuguesa, visto que dela não diverge em orientação. Apenas haverá o cuidado de assinalar em autores nossos o que mais diga respeito ao meio brasileiro e interesse à nossa história, como os poemas *Ilha da Maré*, de Manuel Botelho de Oliveira, *Descrição da Ilha de Itaparica*, de Fr. Itaparica, o *Caramuru*, de Santa Rita Durão, os rondós de Silva Alvarenga, e mais uma ou outra produção. Notar-se-á que a *História da América Portuguesa*, de Rocha Pita, é toda animada de profundo entusiasmo patriótico.

Prestar-se-á justiça à grande obra civilizadora dos Jesuítas, salientando-se a figura de anchieta, a quem devemos, além de tantos outros benefícios, a primeira gramática e o primeiro vocabulário de língua brasílica, e a de Antonio Vieira, o maior orador de seu tempo em língua portuguesa e defensor incansável dos direitos dos nossos indígenas.

No estudo da época verdadeiramente nacional de nossa literatura, a qual começa depois da Independência, com o Romantismo, usar-se-á o mesmo processo indicado para a 2ª série, sendo de notar, porém, que já se hão de requerer dos alunos observações mais profundas dos fatos literários e apreciações completas de autores e de obras. Além disso, convirá exercitá-los, quando possível, em trabalhos de seminário, para esclarecimento de assuntos que exijam investigação e possam suscitar debates.

Entre os estudos especiais da literatura brasileira, além dos relativos a autores e obras, sugerem-se os seguintes:

a) o nativismo na poesia e na prosa da época clássica (toda a época colonial);
b) o indianismo na poesia romântica;
c) o indianismo na prosa romântica;
d) a poesia social de Castro alves;
e) a poesia popular no Romantismo;
f) tendências românticas dos nossos parnasianos;
g) o teatro nacional;
h) lendas indígenas e africanas do folclore brasileiro;
i) o regionalismo no romance, no conto e na poesia;
j) a crítica literária na época realista-naturalista.

1961

Lei nº. 4.024 de 20 de dezembro de 1961. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) [Não foram prescritos nem currículo fixo nem programas de disciplinas, apenas "indicações" gerais de como deveria ser o ensino].

Art. 45, parágrafo 2º - [currículo da 3ª série colegial]
"haverá tantos currículos diversificados quantos queira o estabelecimento, segundo os cursos superiores a que se destinarem seus alunos".

Art. 46 [disciplinas obrigatórias e disciplinas complementares]
CURSO GINASIAL

Disciplinas obrigatórias:
1) Português (nas 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries).
2) História (idem).
3) Geografia (nas 1ª, 2ª e 3ª séries).
4) Matemática (nas 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries).
5) Ciências (nas 1ª, 2ª e 4ª séries).

Disciplinas complementares:
Para o currículo do tipo "A":
1) Organização social e política brasileira (nas 3ª e 4ª séries).
2) Desenho (nas 3ª e 4ª séries).

Para o currículo do tipo "B":
1) Uma língua estrangeira moderna (nas 3ª e 4ª séries).
2) Desenho (idem).

Para o currículo do tipo "C":
1) Uma língua estrangeira moderna (nas 3ª e 4ª séries).
2) Uma língua clássica (que evidentemente será o latim) (nas 3ª e 4ª séries).

Para o currículo do tipo "D":
1) Uma língua estrangeira moderna (nas 3ª e 4ª séries).
2) 2ª língua estrangeira moderna (idem).

CURSO COLEGIAL

Disciplinas obrigatórias:
1) Português (nas 1ª e 2ª séries dos tipos "A", "B", "C" e "D".
2) História (idem, idem)
3) Geografia (nas 1ª e 2ª séries do tipo "B", bem como na 1ª série do tipo "C" e do tipo "D").
4) Matemática (nas 1ª e 2ª séries do tipo "A").
5) Ciências (nas 1ª e 2ª séries do tipo "B", bem como na 2ª série do tipo "C" e nas 1ª e 2ª séries do tipo "D").

Disciplinas complementares:
1) Física (1ª e 2ª séries do tipo "A").
2) Química (idem, idem).
3) Biologia (idem, idem).
4) Filosofia (nas 1ª e 2ª séries do tipo "D")
5) Língua estrangeira moderna (nas 1ª e 2ª séries dos tipos "B", "C" e "D").
6) Língua clássica (nas de 1ª e 2ª séries do tipo "C").
7) Desenho (nas 1ª e 2ª séries do tipo "B").

Portaria 1, de 26 de fevereiro de 1962, da Diretoria de Ensino Secundário [comenta sobre o currículo da 3ª série colegial]

"Além da língua portuguesa as disciplinas da referida série deverão ser exigidas nos concursos de habilitação para ingresso nos diferentes estabelecimentos de ensino superior".

1961

AMPLITUDE E DESENVOLVIMENTO DAS MATÉRIAS OBRIGATÓRIAS

[...]

II - Os programas de Português, Matemática, História, Geografia e Ciências e o das atividades de Educação Física serão organizados pelas Escolas de nível médio, com observância das recomendações desta indicação, ora formuladas em caráter provisório, sem prejuízo de inovações que se lhe possam acrescentar desde que influídas pelo mesmo espírito desta Indicação.

III - É assegurada plena liberdade aos autores de livros didáticos.

PORTUGUÊS

IV - O ensino da Língua Portuguesa no curso Secundário tem em vista, primordialmente, proporcionar ao educando adequada expressão oral e escrita. Todas as atividades com ele relacionadas devem visar a esse objetivo.

Os estudos teóricos de gramática e de estilística são meramente subsidiários e, por conseqüência, hão de constituir apenas o meio para desenvolver, no discente, a sua capacidade de expressão.

Por isso, importa considerar:

a) no 1° Ciclo:

1° - Expressão oral

Nas duas primeiras séries ginasiais, escolher-se-ão, para leitura, textos simples, em prosa e verso, descritivos, com real valor literário, de autores brasileiros dos dois últimos séculos; na 3ª e 4ª séries ginasiais, textos, não só descritivos e narrativos, mas também dissertativos, de prosadores e poetas modernos, brasileiros e portugueses.

As observações de caráter gramatical e estilístico serão precedidas da leitura expressiva do texto e da exposição oral, resumida, uma vez esclarecido aquele em todas as suas dificuldades. Quando a unidade do texto não for completa, caberá ao professor situá-lo na obra de que foi extraído, a fim de que o aluno possa bem compreendê-lo e apreciá-lo.

2° - Expressão escrita

Nos exercícios escritos, procurar-se-á levar o aluno à utilização correta, ordenada e eficaz das palavras, a fim de que logre alcançar uma expressão clara do pensamento. Para isso, convirá partir da elaboração de frases breves, sem pretender, todavia, a uniformidade estilística. Cumpre resguardar, e até estimular, a liberdade de expressão individual, dentro das possibilidades de escolha permitidas pelo idioma.

Aos progressos por parte do aluno no domínio da sintaxe deve corresponder mais ampla liberdade na eleição dos temas para redação, abrindo-se oportunidade à prática da análise literária, que irá desenvolver-se no segundo ciclo.

3° - Gramática expositiva

O ensino da gramática, acentuadamente prática e derivado de exemplos concretos, fluirá, tanto quanto possível, dos textos. As noções hauridas, à medida que os fatos lingüísticos ocorrem, deverão ser progressivamente sistematizadas, a fim de assegurar ao discente um domínio sólido do idioma, quer quanto à expressão do pensamento lógico, quer quanto à dos valores efetivos.

Da oração se partirá para o estudo das classes de palavras.

O vocabulário será objeto de exercícios mais freqüentes, seja na sua forma, seja na sua significação, no contexto a que pertencer.

Nos estudos de fonética, atentar-se-á, particularmente, para a pronúncia normal brasileira e, em especial, para a entoação, por estar ela condicionada a colocação dos nomes átonos e, na escrita, o emprego dos sinais de pontuação.

Entende-se por pronúncia normal brasileira a que foi considerada padrão pelo *Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro*, realizado, em 1956, na cidade de Salvador, o qual ratificou, em suas grandes linhas, as conclusões do *Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*, reunido em 1937, em São Paulo. A descrição dessa pronúncia tida como normal consta dos *Anais* que se publicaram dos dois congressos.

b) *2° Ciclo:*

No 2° ciclo, a matéria será encarada nos seus aspectos culturais e artísticos, relacionados com a formação e desenvolvimento da civilização brasileira.

Assim sendo, os conhecimentos adquiridos no curso ginasial serão consolidados por um estudo mais aprofundado da gramática expositiva e complementados pelo da gramática histórica e da literatura brasileira e portuguesa, analisadas à luz dos textos de suas diversas fases.

ANEXO III

a) Tabelas de horário de 1838 e 1841, que estão no livro *O Ensino Secundário no Império Brasileiro* de Maria de Lourdes M. Haidar [São Paulo: Grijalbo/EDUSP, 1972];

b) Tabelas de horário de 1862 a 1893, e informações de carga horária de 1912 e de 1917, contidas nos já citados *Programas de Ensino do Colégio Pedro II*;

c) Tabelas de horário de 1901, 1915, 1925 e 1931 encontradas no ensaio de F. Venâncio Filho, "*O Conceito das Ciências Físicas e Naturais na Escola Secundária*". [In: PEIXOTO, Afrânio et alli. *Um Grande Problema Nacional* (Estudos sobre ensino secundário). Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti editores, 1940.];

d) Tabelas de horário de 1919, 1920, 1921 e 1922, extraídas dos *Relatórios do Colégio Pedro II* de Carlos de Laet, então diretor do Colégio. [Rio de Janeiro, pela Tipografia dos Tribunais, nos anos de 1920, 1921 e 1922.];

e) Tabela de horário de 1943, reproduzida de *O Ensino Secundário no Brasil e sua atual legislação* de Joaquim de Campos Bicudo. [São Paulo: Associação dos Inspetores Federais de Ensino Secundário de São Paulo, 1943.];

f) Tabelas de horário de 1946 e 1951, encontradas no livro *Ensino Secundário no Brasil* (organização-legislação vigente - programas). [Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1952.] e

g) Tabela de horário do Colégio Pedro II de 1961, publicada em FONTOURA, Amaral. *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. [3ª ed. Rio de Janeiro: Gráfica editora Aurora, 1968.].

1838

Regulamento no. 8 de 31 de janeiro de 1838, Cap. XIX, Art. 117: Os estudos do Colégio são os constantes das Tabelas seguintes.

TABELA PRIMEIRA
Aulas 8ª e 7ª: 24 lições por semana

Gramática Nacional	- cinco lições
Gramática Latina	- cinco lições
Aritmética	- cinco lições
Geografia	- cinco lições
Desenho	- duas lições
Música vocal	- duas lições

TABELA SEGUNDA
Aula 6ª: 24 lições

Latinidade	- dez lições
Língua Grega	- três lições
Língua Francesa	- uma lição
Aritmética	- uma lição
Geografia	- uma lição
História	- duas lições
Desenho	- quatro lições
Música	- duas lições

TABELA TERCEIRA
Aulas 5ª e 4ª: 25 lições

Latinidade	- dez lições
Língua Grega	- cinco lições
Língua Francesa	- duas lições
Língua Inglesa	- duas lições
História	- duas lições
História Natural	- duas lições
Geometria	- duas lições

TABELA QUARTA
Aula 3ª: 25 lições

Latinidade	- dez lições
Língua Grega	- cinco lições
Língua Inglesa	- uma lição
História	- duas lições
Ciências Físicas	- duas lições
Álgebra	- cinco lições

TABELA QUINTA
Aula 2ª: 30 lições

Filosofia	- dez lições
Retórica e Poética	- dez lições
Ciências Físicas	- duas lições
História	- duas lições
Matemática	- seis lições

TABELA SEXTA
Aula 1ª: 30 lições

Filosofia	- dez lições
Retórica e Poética	- dez lições
História	- duas lições
Ciências Físicas	- duas lições
Astronomia	- três lições
Matemática	- três lições

[**Atenção**: A " Tabela Primeira" indica a quantidade de aulas do 1° e do 2° Ano, da mesma forma que a "Tabela Terceira" indica as aulas do 4° e do 5° Ano. Isso foi considerado na soma da carga horária semanal (de todas as séries) reunida no Anexo IV. Portanto, o número de "lições" de "Gramática Nacional" no 1° e no 2° ano era de dez "lições" (e não cinco).]

1841

Tabela dos Estudos de cada ano para o Colégio de Pedro Segundo, e do número de lições que se devem dar por semana.

1° ANO

Gramática Geral e Gramática Nacional	5
Latim	5
Francês	5
Desenho Caligráfico	3
Desenho Linear	3
Música Vocal	4
Total	25

2° ANO

Latim	5
Francês	3
Inglês	5
Geografia Descritiva	3
Desenho Caligráfico	2
Desenho Figurado	3
Música Vocal	4
Total	25

3° ANO

Latim	6
Francês	2
Inglês	2
Alemão	3
Grego	5
Geografia Descritiva	1
História	4
Desenho Figurado	1
Música Vocal	1
Total	25

4° ANO

Latim	6
Francês	2
Inglês	2
Alemão	3
Grego	5
Geografia Descritiva	1
História	4
Desenho Figurado	1
Música Vocal	1
Total	25

5° ANO

Grego	4
Latim	3
Alemão	2
Inglês	1
Francês	1
Geografia Descritiva	1
História	3
Aritmética e Álgebra	5
Zoologia e Botânica	3
Desenho Figurado	1
Música Vocal	1
Total	25

6° ANO

Grego	3
Latim	3
Alemão	1
Inglês	1
Francês	1
Geografia Descritiva	1
História	2
Retórica e Poética	5
Filosofia	5
Geometria, Trigonometria Retilínea	3
Física e Química	3
Desenho Figurado	1
Música Vocal	1
Total	30

7° ANO

Grego	3
Latim	3
Alemão	1
Inglês	1
Francês	1
Geografia Descritiva	1
História	2
Retórica e Poética	5
Filosofia	5
Geografia, Matemática e Cronologia	2
Mineralogia e Geologia	2
Zoologia Filosófica	1
Desenho Figurado	1
Música Vocal	1
Total	30

1862

Na forma do Artigo 29 do Regulamento de 24 de Outubro de 1857, e segundo o plano de estudos que baixou com o Decreto n. 2.883 de 1° de Fevereiro de 1862.

IMPERIAL COLÉGIO DE PEDRO II

TABELA DA DISTRIBUIÇÃO DAS HORAS.

ANOS	HORAS	**Internato** - Segundas, Quartas e Sextas. **Externato** - Terças, Quintas e Sábados.	**Internato** - Terças, Quintas e Sábados. **Externato** - Segundas, Quartas e Sextas.
1°	9 às 10 10 às 11 11 às 12 12 à 1	Gramática latina. Idem. Exercícios de português. História Sagrada.	Geografia. Exercícios de português (Gramática). Leitura e Análise. Gramática latina.
2°	9 às 10 10 às 11 11 às 12 12 à 1	Latim. Idem. História antiga.	Francês. Idem. Geografia. Aritmética.
3°	9 às 10 10 às 11 11 às 12 12 à 1	Inglês. Idem. Latim. Idem.	História Romana. Geografia. Matemáticas. Francês.
4°	9 às 10 10 às 11 11 às 12 12 à 1	Latim. Idem. Inglês.	Matemáticas. História Média até o restabelecimento do Império do Ocidente Francês. Geografia e Cosmografia.
5°	9 às 10 10 às 11 11 às 12 12 à 1	Grego. Idem. Latim. Inglês.	Física e Química. Matemáticas. História Média até o fim. Física e Química (experiências)
6°	9 às 10 10 às 11 11 às 12 12 à 1	História Moderna. Idem. Grego. Filosofia.	Gramática Filosófica e Retórica. Idem. Latim. Idem.
7°	9 às 10 10 às 11 11 às 12 12 à 1	Hist. E Corografia do Brasil. Idem. Filosofia. Grego.	História Natural. Latim. Poética e Literatura. História Natural (experiências)

N.B. - Em todos os domingos e dias Santos, Doutrina Cristã para os alunos de todos os anos.
Nas Segundas, Quartas e Sextas, no Internato, Italiano; no Externato, Alemão; nas Terças, Quintas e Sábados, Alemão no Internato, Italiano no Externato.
Confere. - O secretário, bacharel T. N. Leão.

1863

Na forma do Artigo 29 do Regulamento de 24 de Outubro de 1857, e segundo o plano de estudos que baixou com o Decreto n. 2.883 de 1° de Fevereiro de 1862.

IMPERIAL COLÉGIO DE PEDRO II

TABELA DA DISTRIBUIÇÃO POR DIAS E HORAS DAS MATÉRIAS DO CURSO DE ESTUDOS, TANTO NO INTERNATO, COMO NO EXTERNATO DO IMPERIAL COLÉGIO DE PEDRO II.

ANOS	HORAS	**Internato** - Segundas, Quartas e Sextas. **Externato** - Terças, Quintas e Sábados.	**Internato** - Terças, Quintas e Sábados. **Externato** - Segundas, Quartas e Sextas.
1°	9 às 10 10 às 11 11 às 12 12 à 1	Geografia. Exercícios de Port Gram. Port. Leitura e Análise Port. Gramática latina.	Gramática latina. Idem. Exercícios de Port. Gram. Port. História Sagrada.
2°	9 às 10 10 às 11 11 às 12 12 à 1	(Vaga) Francês. Idem. Geografia.	Latim. História antiga. Latim. Aritmética.
3°	9 às 10 10 às 11 11 às 12 12 à 1	Francês. Geografia. Latim. Idem.	Matemáticas. Inglês. Idem. História Romana.
4°	9 às 10 10 às 11 11 às 12 12 à 1	Latim. Idem. Geografia e Cosmografia. Francês.	Inglês. História Média. Matemáticas. (Vaga)
5°	9 às 10 10 às 11 11 às 12 12 à 1	Grego. Idem. Latim. Física e Química.	(Vaga) Matemáticas. História Média. Inglês.
6°	9 às 10 10 às 11 11 às 12 12 à 1	Latim. Idem. Grego. Filosofia.	História Moderna. Gramática Filosófica e Retórica. História moderna. Gramática Filosófica e Retórica.
7°	9 às 10 10 às 11 11 às 12 12 à 1	Hist. e Corografia do Brasil. Idem. Filosofia. Grego.	(Vaga). Latim. Poética e Literatura. História Natural.

N.B. - Em todos os domingos e dias Santos, Doutrina Cristã para os alunos de todos os anos.
Nas Segundas, Quartas e Sextas, no Internato, Italiano; no Externato, Alemão; nas Terças, Quintas e Sábados, Alemão no Internato; Italiano no Externato. Desenho, música, dança e ginástica às tardes nos dias e horas designados pelos Reitores.
Confere. - O Secretário, Bacharel Teófilo das Neres Leão.

1865

Na forma do Artigo 29 do Regulamento de 24 de Outubro de 1857, e do Decreto n. 2.883 de 1° de Fevereiro de 1862.

IMPERIAL COLÉGIO DE PEDRO II

TABELA DAS AULAS DE 1865.

ANOS	HORAS	**Internato.** Segundas, Quartas e Sextas. **Externato.** Terças, Quintas e Sábados.	**Internato.** Terças, Quintas e Sábados. **Externato.** Segundas, Quartas e Sextas.	
1°	9 às 10	Latim.	9 a 10	Latim.
	10 às 11	Latim.	10 a 11	Português.
	11 às 12	História Sagrada.	11 a 12	Português.
	12 à 1	Geografia.	12 a 1	*Vaga.*
2°	9 às 10	Geografia.	9 a 10 1/2	História antiga.
	10 às 11	Francês.	10 1/2 a 12	Latim.
	11 às 12	Aritmética.	12 a 1	*Vaga.*
	12 à 1	*Vaga.*		
3°	9 às 10	*Vaga.*	9 a 10 1/2	Latim.
	10 às 11	Geografia.	10 1/2 a 12	História antiga.
	11 às 12	Francês.	12 a 1	Inglês.
	12 à 1	Arit. e Álgebra.		
4°	9 às 10	Francês.	9 a 10	História Média.
	10 às 11	Geom. Plana.	10 a 11	Inglês.
	11 às 12	Geografia.	11 a 12	Latim.
	12 à 1	*Vaga.*	12 a 1	*Vaga.*
5°	9 às 10	Geom. sol. e Trig. Ret.	9 a 10	Latim.
	10 às 11	Grego.	10 a 11	História Média.
	11 às 12	Física e Química.	11 a 12	Inglês.
	12 à 1	Física e Química.	12 a 1	*Vaga.*
6°	9 às 10	Gram. Filosófica.	9 a 10	Filosofia.
	10 às 11	Retórica.	10 a 11	Latim.
	11 às 12	Grego.	11 a 12	História moderna.
	12 à 1	*Vaga.*	12 a 1	*Vaga.*
7°	9 às 10	H. e Cor. do Brasil.	9 a 10	Latim.
	10 às 11	H. e Cor. do Brasil.	10 a 11	Filosofia.
	11 às 12	Poét. e Lit. Nacional.	11 a 12	História Natural.
	12 à 1	Grego.	12 a 1	História Natural.

Doutrina Cristã: para os alunos de todos os anos, todos os domingos e dias santos.
Alemão: Internato, Segundas, Quartas e Sextas: Externato, Terças, Quintas e Sábados; das 3 às 5 horas.
Italiano: Internato, Terças, Quintas e Sábados: Externato, Segundas, Quartas e Sextas; das 3 às 5 horas.
Desenho, Música, Dança e Ginástica: às tardes, nos dias e horas designados pelos Reitores.

1870

Decreto 4468 de 1° de Fevereiro de 1870.

EXTERNATO

1° ANO

Religião e história sagrada: 3 lições de 1 1/2 hora cada uma.	4,5 h
Português: 5 lições, sendo 1 de 2 horas, 1 de 1 1/2 hora e 3 de 1 hora.	6,5 h
Aritmética: 4 lições, 2 de 1 1/2 hora e 2 de 1 hora.	5,0 h
Geografia: 3 lições, 2 de 1 1/2 hora e 1 de 1 hora.	4,0 h
Total	20,0 h

2° ANO

Português: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Latim: 5 lições, 1 de 1 1/2 hora e 4 de 1 hora.	5,5 h
Francês: 2 lições de 1 hora.	2,0 h
Aritmética: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Geografia: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
Total	18,0 h

3° ANO

Português: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
Latim: 4 lições, 1 de 1 1/2 hora e 3 de 1 hora.	4,5 h
Francês: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Aritmética e álgebra: 3 lições, 2 de 1 1/2 hora e 1 de 1 hora.	4,0 h
Geografia: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Total	19,0 h

4° ANO

Latim: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
Francês: 2 lições, 1 de 1 1/2 hora e 1 de 1 hora.	2,5 h
Inglês: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Álgebra e geometria: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
História antiga: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
Zoologia e botânica: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Total	22,0 h

5° ANO

Latim: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
Francês: 1 lição de 1 hora.	1,0 h
Inglês: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Grego: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Geometria e trigonometria: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
História média: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Física e química: 2 lições, 1 de 1 1/2 hora e 1 de 1 hora.	2,5 h
Total	21,5 h

6° ANO

Latim: 1 lição de 1 1/2 hora.	1,5 h
Francês: 1 lição de 1 hora.	1,0 h
Inglês: 2 lições, 1 de 1 1/2 hora e 1 de 1 hora.	2,5 h
Grego: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
História moderna: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
Filosofia: 3 lições, 2 de 1 1/2 hora e 1 de 1 hora.	4,0 h
Retórica e poética: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Química: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Total	22,5 h

7° ANO

Latim: 1 lição de 1 hora.	1,0 h
Francês: 1 lição de 1 hora.	1,0 h
Inglês: 1 lição de 1 1/2 hora.	1,5 h
Grego: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Cosmografia: 2 lições de 1 hora.	2,0 h
História e corografia do Brasil: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
Filosofia: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Literatura: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Mineralogia e geologia: 2 lições, 1 de 1 1/2 hora e 1 de 1 hora.	2,5 h
Total	21,5 h

INTERNATO

1° ANO

Religião e história sagrada: 3 lições por semana de 1 1/2 hora cada uma.	4,5 h
Português: 5 lições, sendo 1 de 2 horas, 1 de 1 1/2 hora e 3 de 1 hora.	6,5 h
Aritmética: 4 lições, 2 de 1 1/2 hora e 2 de 1 hora.	5,0 h
Geografia: 3 lições, 2 de 1 1/2 hora e 1 de 1 hora.	4,0 h
Total	20,0 h

2° ANO

Português: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Latim: 5 lições de 1 hora.	5,0 h
Francês: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Aritmética: 3 lições, 1 de 1 1/2 hora e 2 de 1 hora.	3,5 h
Geografia: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
Total	19,0 h

3° ANO

Português: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
Latim: 4 lições, 1 de 1 1/2 hora e 3 de 1 hora.	4,5 h
Francês: 2 lições de 1 hora.	2,0 h
Aritmética e álgebra: 3 lições, 2 de 1 1/2 hora e 1 de 1 hora.	4,0 h
Geografia: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Total	18,0 h

4° ANO

Latim: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
Francês: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Inglês: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Álgebra e geometria: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
História antiga: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
Zoologia e botânica: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Total	21,0 h

5° ANO

Latim: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
Francês: 1 lição de 1 hora.	1,0 h
Inglês: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Grego: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Geometria e trigonometria: 3 lições, 2 de 1 1/2 hora e 1 de 1 hora.	4,0 h
História média: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Física e química: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Total	21,5 h

6° ANO

Latim: 1 lição de 1 1/2 hora.	1,5 h
Francês: 1 lição de 1 hora.	1,0 h
Inglês: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Grego: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
História moderna: 3 lições, 2 de 1 1/2 hora e 1 de 1 hora.	4,0 h
Filosofia: 3 lições, 2 de 1 1/2 hora e 1 de 1 hora.	4,0 h
Retórica e poética: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Química: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Total	22,5 h

7° ANO

Latim: 1 lição de 1 1/2 hora.	1,5 h
Francês: 1 lição de 1 hora.	1,0 h
Inglês: 1 lição de 1 1/2 hora.	1,5 h
Grego: 2 lições, 1 de 1 1/2 hora e 1 de 1 hora.	2,5 h
Filosofia: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
História e corografia do Brasil: 3 lições de 1 1/2 hora.	4,5 h
Literatura: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Cosmografia: 2 lições de 1 hora.	2,0 h
Mineralogia e geologia: 2 lições de 1 1/2 hora.	3,0 h
Total	22,0 h

1877

Decreto n. 6130 de 1° de Março de 1876.

HORÁRIO DAS LIÇÕES DO IMPERIAL COLÉGIO DE PEDRO II.

Anos	Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
1°	9-10 10-11 11-12	Português Português Religião	Português Português Hist. sagrada	Português Português Religião	Português Português Hist. sagrada	Português Português Religião	Geografia Aritmética Hist. sagrada
2°	9-10 10-11 11-12	Português Francês Latim	Português Francês Latim	Português Francês Latim	Português Francês Latim	Português Francês Latim	Português Francês Latim
3°	9-10 10-11 11-12	Geografia Latim Francês	Geografia Latim Francês	Geografia Latim Francês	Geografia Latim Francês	Geografia Latim Francês	Geografia Latim Francês
4°	9-10 10-11 11-12 12- 1	Latim História antiga e média Aritmética e álgebra Filosofia	Latim História antiga e média Aritmética e álgebra Filosofia	Latim História antiga e média Aritmética e álgebra Filosofia	Latim História antiga e média Aritmética e álgebra Filosofia	Latim História antiga e média Aritmética e álgebra Filosofia	Latim História antiga e média Aritmética e álgebra Filosofia
5°	9-10 10-11 11-12 12- 1	Retórica e poética Geometria e trigonometria Hist. moderna e contemporânea Inglês	Retórica e poética Geometria e trigonometria Hist. moderna e contemporânea Inglês	Retórica e poética Geometria e trigonometria Hist. moderna e contemporânea Inglês	Retórica e poética Geometria e trigonometria Hist. moderna e contemporânea Inglês	Retórica e poética Geometria e trigonometria Hist. moderna e contemporânea Inglês	Retórica e poética Geometria e trigonometria Hist. moderna e contemporânea Inglês
6°	9-10 10-11 11-12 12- 1	Física e Química Cosmografia Grego Alemão	Física e Química Corografia do Brasil Grego Alemão	Física e Química Cosmografia Grego Alemão	Física e Química Corografia do Brasil Grego Alemão	Física e Química Cosmografia Grego Alemão	Física e Química Corografia do Brasil Grego Alemão
7°	9-10 10-11 11-12 12- 1	História natural Hist. do Brasil Alemão Grego	História natural Literatura Alemão Grego	História natural Hist. do Brasil Alemão Grego	História natural Literatura Alemão Grego	História natural Hist. do Brasil Alemão Grego	História natural Literatura Alemão Grego
	4 - 5	Música	Desenho	Ginástica	Música	Desenho	Ginástica

1882

Organizado de conformidade com o Art. 2° do Decreto n. 8227 de 24 de Agosto de 1881.

HORÁRIO DAS AULAS DO IMPERIAL COLÉGIO DE PEDRO II PARA O ANO DE 1882.

Anos	Dias - Horas	Segunda-feira - Cadeiras	Terça-feira - Cadeiras	Quarta-feira - Cadeiras	Quinta-feira - Cadeiras	Sexta-feira - Cadeiras	Sábado - Cadeiras
Primeiro	9 - 10 10 1/4 - 11 1/4 11 1/2 - 12 1/2 12 3/4 - 1 3/4 2 - 3	Português Matemática prática Desenho Música Ginástica	Religião Português Geografia elementar Desenho Música	Português Matemática prática Desenho Música Ginástica	Religião Português Geografia elementar Desenho Música	Português Matemática prática Desenho Música Ginástica	Religião Português Geografia elem. Desenho Música
Segundo	9 - 10 10 1/4 - 11 1/4 11 1/2 - 12 1/2 12 3/4 - 1 3/4 2 - 3	Matemática Francês Religião Desenho Ginástica	Francês Latim Português Música Desenho	Matemática Francês Religião Música Ginástica	Francês Latim Português Música Desenho	Matemática Francês Religião Desenho Ginástica	Francês Latim Português Desenho Ginástica
Terceiro	9 - 10 10 1/4 - 11 1/4 11 1/2 - 12 1/2 12 3/4 - 1 3/4 2 - 3	Francês Português Geografia Desenho Ginástica	Matemática Francês Latim Música Desenho	Francês Português Geografia Música Ginástica	Matemática Francês Latim Música Desenho	Francês Português Geografia Desenho Ginástica	Matemática Francês Latim Desenho Ginástica
Quarto	9 - 10 10 1/4 - 11 1/4 11 1/2 - 12 1/2 12 3/4 - 1 3/4 2 - 3	Português Geografia e Cosmografia Latim Desenho Ginástica	Inglês Matemática Geografia e Cosmografia Música Desenho	Português Geografia e Cosmografia Latim Música Ginástica	Inglês Matemática Geografia e Cosmografia Música Desenho	Português Geografia e Cosmografia Latim Desenho Ginástica	Inglês Matemática Geografia e Cosmografia Desenho Ginástica
Quinto	9 - 10 10 1/4 - 11 1/4 11 1/2 - 12 1/2 12 3/4 - 1 3/4 2 - 3	Física e Química Inglês História geral Latim Música	Física e Química Inglês História geral Português Ginástica	Física e Química Inglês História geral Latim Desenho	Física e Química Inglês História geral Português Ginástica	Física e Química Inglês História geral Latim Música	Física e Química Inglês História geral Português Desenho
Sexto	9 - 10 10 1/4 - 11 1/4 11 1/2 - 12 1/2 12 3/4 - 1 3/4 2 - 3	História natural Grego Retórica, Poética e Literatura nacional História geral Música	História natural Grego Alemão Filosofia Ginástica	História natural Grego Retórica, Poética e Literatura nacional História geral Música	História natural Grego Alemão Filosofia Ginástica	História natural Grego Retórica, Poética e Literatura nacional História geral Música	História natural Grego Alemão Filosofia Desenho
Sétimo	9 - 10 10 1/4 - 11 1/4 11 1/2 - 12 1/2 12 3/4 - 1 3/4 2 - 3	História e Corografia do Brasil Alemão Grego Filosofia Música	Grego Alemão Português e História Literária Italiano Ginástica	História e Corografia do Brasil Alemão Grego Filosofia Música	Grego Alemão Português e História Literária Italiano Ginástica	História e Corografia do Brasil Alemão Grego Filosofia Música	Grego Alemão Português e Hist. Literária Italiano Desenho

Observações:

1° Cada aula tem a duração de *uma hora.*
2° Entre duas aulas consecutivas haverá sempre o intervalo de *um quarto de hora.*
3° As aulas de ciências e letras precederão sempre às aulas de artes.
4° A aula de ginástica será sempre a última das aulas de artes.
5° Os quatro primeiros anos não terão mais de três aulas diárias de letras e ciências, nem menos de duas de artes.

6° Os três últimos anos não terão mais de quatro aulas de letras e ciências, nem mais de uma aula de arte.
7° Nas aulas de música e desenho os sete anos ficaram distribuídos em três turmas: compreendendo a 1° o 1° ano, a 2° o 2°, 3° e 4° anos, e finalmente a 3° o 5°, 6° e 7° anos.
8° Na aula de ginástica a divisão será em duas turmas, compreendendo a 1° o 1°, 2°, 3° e 4° anos, e a 2° o 5°, 6° e 7° anos.
9° As aulas de artes relativas a diferentes anos e indicadas nas mesmas horas compreendem a mesma turma.
10° É premitido aos professores permutarem as horas de suas aulas, com autorização do Inspetor Geral.

A comissão:

J. G. Guillen.
J. F. Halbout.
L. P. Draco.
Rosendo Muniz.
S. Castrioto.

1890

Decreto N. 981 de 8 de novembro de 1890 (Aprova o Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal).

Primeiro Ano
Aritmética (6 horas)
Português (3 horas)
Francês (3 horas)
Latim (3 horas)
Geografia (3 horas)
Desenho (2 horas)
Ginástica (2 horas)
Música (2 horas)

Segundo Ano
Geometria (6 horas)
Português (3 horas)
Francês (3 horas)
Latim (3 horas)
Geografia (3 horas)
Desenho (2 horas)
Ginástica (2 horas)
Música (2 horas)

Terceiro Ano
Geometria geral (6 horas)
Geometria descritiva (3 horas)
Francês (2 horas)
Latim (2 horas)
Inglês ou Alemão (3 horas)
Desenho (2 horas)
Ginástica (2 horas)
Música (2 horas)
Revisão: português e geografia, 1 hora por semana.

Quarto Ano
Mecânica e astronomia (6 horas)
Inglês ou Alemão (3 horas)
Grego (3 horas)
Desenho (2 horas)
Ginástica (2 horas)
Música (2 horas)
Revisão: cálculo e geometria, português, francês, latim e geografia, 1 hora por semana para cada matéria.

Quinto Ano
Física e Química (6 horas)
Inglês ou Alemão (3 horas)
Grego (3 horas)
Desenho (2 horas)
Ginástica (2 horas)
Música (2 horas)
Revisão: cálculo e geometria, mecânica e astronomia, geografia, português, francês e latim, 1 hora por semana para cada matéria.

Sexto Ano
Biologia (6 horas)
Meteorologia, mineralogia e geologia (3 horas)
História universal (5 horas)
Desenho (1 hora)
Ginástica (1 hora)
Revisão: cálculo e geometria, mecânica e astronomia, física e química, francês, latim, inglês ou alemão, grego e geografia: 1 hora por semana para cada matéria.

Sétimo Ano
Sociologia e moral (6 horas)
História do Brasil (3 horas)
História da literatura nacional (3 horas)
Revisão: cálculo e geometria, mecânica e astronomia, física e química, biologia, meteorologia, mineralogia e geologia, história universal, geografia, francês, inglês ou alemão, latim e grego: 1 hora por semana para cada matéria.

1893

Pelo Plano de Reforma de 28 de Dezembro de 1892.

HORÁRIO DAS AULAS DO 1° EXTERNATO DO GINÁSIO NACIONAL PARA 1893.

Anos	Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
1°	9-10	Aritmética	Aritmética	Aritmética	Português	Aritmética	Português
	10-11	Português	Música	Português	Aritmética	Português	Aritmética
	11-12	Francês	Francês	Desenho	Francês	Francês	Francês
	12- 1	Desenho	Geografia	Ginástica	Geografia	Geografia	Geografia
	1- 2	.....	.....	.....	Música	.....	Ginástica
2°	9-10	Português	Música	Português	Português	Português	Português
	10-11	Aritmética e Álgebra	Latim	Aritmética e Álgebra	Latim	Aritmética e Álgebra	Latim
	11-12	Latim	Geografia	Latim	Geografia	Geografia	Geografia
	12- 1	Francês	Francês	Ginástica	Francês	Desenho	Francês
	1- 2	.....	Desenho	.....	Música	.....	Ginástica
3°	9-10	1° Cadeira	2° Cadeira	3° Cadeira	4° Cadeira	5° Cadeira	Desenho
	10-11	Geometria e	Português	Francês	Latim	Inglês	Música
	11-12	Trigonometria	?	?	?	?	?
	12- 1?	?					
4°	9-10	Geometria e Trigonometria	Geografia	Geometria e Trigonometria	Geografia	Geometria e Trigonometria	Geometria e Trigonom.
	10-11	Latim	Português	Latim	Português	Latim	Português
	11-12	Inglês	.....	Inglês	.....	Inglês	
	12- 1	Geografia	.....	Geografia	.....		
5°	9-10	Latim	Física e Química	Latim	Física e Química	Física e Química	Fís. e Quím.
	10-11	História Geral	Português	História Geral	Português	História Geral	Português
	11-12	Física e Química	Inglês	Física e Química	Inglês	Latim	Inglês
	12- 1	Inglês	.....	Inglês	.....	Inglês	.....
6°	9-10	Grego	Alemão	Grego	Alemão	Grego	Alemão
	10-11	Literatura Nacional	Grego	Literatura Nacional	Grego	Literatura Nacional	Grego
	11-12	História Geral	História Natural	História Geral	História Natural	História Geral	Hist. Natural
	12- 1	História Natural	.....	História Natural	.....	História Natural	.....
7°	9-10	História do Brasil	Grego	História do Brasil	Grego	História do Brasil	Grego
	10-11	Grego	.....	Grego	.....	Grego	.....
	11-12	Alemão	.....	Alemão	.....	Alemão	.....

[Obs.: Como o horário das aulas do 3° Ano foi omitido no texto original, eu coloquei as disciplinas que eram lecionadas no 3° Ano, pois constam do Programa, com um ponto de interrogação, para indicar que não foi possível apurar a carga horária do 3° Ano.]

1898

Regulamento para o Ginásio Nacional e ensino secundário nos estados, aprovado pelo Decreto 2.857 de 30 de março de 1898.

1° ANO

I Aritmética	3	horas	por	semana
II Português	5	"	"	"
III Francês	5	"	"	"
IV Inglês ou alemão	5	"	"	"
V Geografia	3	"	"	"
VI Desenho	2	"	"	"
VII Música	2	"	"	"
VIII Ginástica, etc.	1hora		"	"
	26			

2° ANO

Curso Realista

I Aritmética	3	horas	por	semana
II Português	5	"	"	"
III Francês	5	"	"	"
IV Inglês ou alemão	5	"	"	"
V Geografia	3	"	"	"
VI Desenho	2	"	"	"
VII Música	2	"	"	"
VIII Ginástica, etc.	1	"	"	"
	26			

Curso clássico

IX Latim	3	horas	"	"
	29			

3° ANO

Curso Realista

I Aritmética	1	horas	por	semana
II Álgebra	3	"	"	"
III Português	5	"	"	"
IV Francês	5	"	"	"
V Inglês ou alemão	5	"	"	"
VI Geografia	2	"	"	"
VII Desenho	2	"	"	"
VIII Música	2	"	"	"
IX Ginástica, etc.	1 hora		"	"
	26			

Curso clássico

X Latim	3	horas	"	"
	29			

4° ANO

Curso Realista

I Aritmética	1 hora por semana
II Álgebra	1 " " "
III Geometria e trigonometria	2 horas por semana
IV Português	5 " " "
V Francês	5 " " "
VI Inglês ou alemão	5 " " "
VII Geografia	2 " " "
VIII Zoologia e botânica	3 " " "
IX História universal	2 " " "
X Desenho	1 hora " "
XI Música	1 " " "
XII Ginástica, etc.	1 " " "
	26

Curso clássico

XIII Latim	3 horas " "
	29

5° ANO

Curso Realista

I Aritmética	1 hora por semana
II Álgebra	1 " " "
III Geometria e trigonometria	1 " " "
IV Cálculo e geometria descritiva	3 horas " "
V Física e química	3 " " "
VI Zoologia e botânica	2 " " "
VII Português	3 " " "
VIII Francês	3 " " "
IX Inglês ou alemão	3 " " "
X Geografia	1 hora " "
XI História universal	2 horas " "
XII Desenho	1 hora " "
XIII Música	1 " " "
XIV Ginástica, etc.	1 " " "
	26

Curso clássico

XV Latim	1 " " "
XVI Grego	3 horas " "
	29

6° ANO

Curso Realista

I Aritmética	1	hora	por	semana
II Álgebra	1	"	"	"
III Geometria e trigonometria	1	"	"	"
IV Cálculo e geometria descritiva	1	"	"	"
V Mecânica e astronomia	3	horas	"	"
VI Física e química	2	"	"	"
VII Mineralogia, geologia e meteorologia	2	"	"	"
VIII Biologia	1	hora	"	"
IX Português	2	horas	"	"
X Francês	2	"	"	"
XI Inglês ou alemão	2	"	"	"
XII Geografia	2	"	"	"
XIII História universal	2	"	"	"
XIV História do Brasil	2	"	"	"
XV Geografia	1	hora	"	"
XVI Desenho	1	"	"	"
XVII Música	1	"	"	"
XVIII Ginástica, etc.	1	"	"	"

26

Curso clássico

XVI Latim	1	"	"	"
XVII Grego	3	horas	"	"

30

7° ANO

Curso clássico

I Aritmética	1	hora	por	semana
II Álgebra	1	"	"	"
III Geometria e trigonometria	1	"	"	"
IV Cálculo e geometria descritiva	1	"	"	"
V Mecânica e astronomia	1	"	"	"
VI Física e química	1	"	"	"
VII Mineralogia, geologia e meteorologia	1	"	"	"
VIII Biologia	1	"	"	"
IX Francês	1	"	"	"
XI Inglês ou alemão	2	horas	"	"
XVI Latim	1	hora	"	"
XVII Grego	3	horas	"	"
XII Geografia	1	hora	"	"
XIII História universal	2	horas	"	"
XIV História do Brasil	2	"	"	"
XV História da literatura geral e nacional	3	"	"	"
XVI História da filosofia	1	hora	"	"
XVIII Desenho	1	"	"	"
XIX Música	1	"	"	"
XX Ginástica, etc.	1	"	"	"

27

1899

Regulamento do Ginásio Nacional aprovado pelo decreto 3.251 de 8 de abril de 1899.

1° Ano	2° Ano	3° Ano	4° Ano	5° Ano	6° Ano
Arith 4	Alg.	Geom. 3	Trig.	Mec. E Astr. 3	
Geogr. 3	Arith	Alg. 2	Geom. 3	.....	
Port. 3	Geogr. 3	.....	Alg.	.....	
Fr. 4	Port. 3	Geogr. 1	.....	.....	Math. 2
Des. 3	Fr. 3	Port. 2	.....	.....	Geogr. 1
17	Des. 3	Fr. 2	Port. 2	.....	.....
	Ing. 3	Des. 2	Fr. 1	.....	Fr. 1
	17	Ing. 3	Des. 2	Des. 1	Des. 1
		All. 3	Ing. 2	Ing. 1	Ing. 1
		Lat. 3	All. 3	All. 3	All. 1
		21	Lat. 3	Lat. 3	Lat. 1
			Greg. 3	Greg. 3	Greg. 2
			Hist. 3	Hist. 3	Hist. do Br.. 3
			22	Phys. e Ch. 5	Phys. e Ch. 1
				Litt. 2	Litt. 2
				22	Hist. Nat. .. 5
					Lógica 3
					24

1901

Decreto N. 3.914, de 26 de Janeiro de 1901.

(Reforma Epitácio)

Número de aulas semanais no curso secundário

DISCIPLINAS	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano	5° ano	6° ano
Português	3	3	2	2	-	-
Literatura	-	-	-	-	2	2
Francês	4	3	2	1	-	1
Inglês	-	3	3	2	1	1
Alemão	-	-	-	3	3	2
Latim	-	-	2	3	3	1
Grego	-	-	-	3	3	2
Lógica	-	-	-	-	-	3
Geografia, especialmente do Brasil	3	3	2	-	-	1
História, especialmente do Brasil	-	-	-	3	3	3
Matemática elementar	4	3	4	4	-	2
Elementos de Mecânica e Astronomia	-	-	-	-	3	-
Física e Química	-	-	-	-	4	3
História Natural	-	-	-	-	2	5
Desenho	3	3	3	2	-	-

1911

Regulamento do Colégio Pedro II aprovado pelo decreto 8.660 de 5 de abril de 1911.

1ª série

Aritmética	4
Geografia	3
Português	3
Francês	3
Desenho	3
Ginástica	3
	19

2ª série

Aritmética e álgebra	4
Geografia	3
Português	3
Francês	3
Inglês ou alemão	3
Desenho	3
Ginástica	3
	22

3ª série

Geometria	
Álgebra	
Geografia	3
Português	3
Francês	3
Inglês ou alemão	3
Desenho	2
Ginástica	3
	21

4ª série

Álgebra, geometria e Trigonometria	6
Português	3
Inglês ou alemão	4
Desenho	4
Ginástica	3
	20

5ª série

Higiene	3
Latim	5
Grego	3
História universal	4
Física e química	3
História natural	3
	21

6ª série

Latim	5
Grego	3
História universal	4
Física e química	3
História natural	3
Instrução cívica	3
	21

1912

Série	Português	Francês	Inglês	Alemão	Latim	Grego	Geografia	História Universal
1ª	3 horas	3 horas					3 horas	
2ª	2 horas	3 horas	3 horas	3 horas			3 horas	
3ª	3 horas	3 horas	3 horas	3 horas			3 horas	
4ª	3 horas		4 horas	4 horas				
5ª					5 horas	3 horas		3 horas
6ª					5 horas	3 horas		4 horas
Total	11 horas	9 horas	10 horas	10 horas	10 horas	6 horas	9 horas	7 horas

Série	Matemática	Física e Química	História Natural	Higiene	Instrução Cívica e Noções Gerais de Direito	Desenho	Ginástica	
1ª	4 horas					3 horas	3 horas	
2ª	4 horas					3 horas	3 horas	
3ª	4 horas					2 horas	3 horas	
4ª	6 horas					4 horas	3 horas	
5ª		3 horas	3 horas	3 horas				
6ª		3 horas	3 horas		3 horas			
Total	18 horas	6 horas	6 horas	3 horas	3 horas	12 horas	12 horas	

1915

Decreto N. 11.530, de 18 de Março de 1915.

(Reforma Maximiliano)

Número de aulas semanais no curso secundário

DISCIPLINAS	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano	5° ano
Português	3	3	3	-	-
Latim	3	3	3	-	-
Francês	3	3	3	-	-
Inglês ou Alemão	3	3	3	-	-
História Universal	-	-	-	3	-
História do Brasil	-	-	-	-	3
Geografia Geral	3	-	-	-	-
Corografia do Brasil e Noções de Cosmografia	-	3	-	-	-
Aritmética	3	3	-	-	-
Álgebra	-	-	3	-	-
Geometria Plana	-	-	3	-	-
Geometria no Espaço	-	-	-	3	-
Trigonometria	-	-	-	3	-
Física e Química	-	-	-	3	3
História Natural	-	-	-	-	3

1916

Decreto n. 11.530 de 18 de Março de 1915.

Ano	Português	Francês	Inglês	Alemão	Latim	Geografia	História Universal	Historia do Brasil
1°	3 horas	3 horas	.....	.....	3 horas	3 horas	.....	.....
2°	3 horas	3 horas	.....	.....	3 horas	3 horas	.....	.....
3°	3 horas	3 horas	3 horas	3 horas	3 horas	.....	.....	.....
4°	.....	.....	3 horas	3 horas	.....	.....	3 horas	.....
5°	.....	.....	3 horas	3 horas	.....	.....	.....	3 horas
Total	9 horas	9 horas	9 horas	9 horas	9 horas	? horas	3 horas	3 horas

Ano	Aritmética	Álgebra e Geometria Plana	Geometria no Espaço e Trigonometria	Física e Química	História Natural	Psicologia, Lógica e História da Filosofia	Desenho	Ginástica
1°	.....	.....	3 horas	.....	.....	.....	3 horas	? horas
2°	3 horas	.....	.....	.....	.....	.....	3 horas	? horas
3°	.....	3 horas	.....	.....	.....	.....	3 horas	? horas
4°	.....	.....	.....	3 horas	.....	.....	3 horas	? horas
5°	.....	.....	.....	3 horas	3 horas	? horas	.....	.....
Total	3 horas	3 horas	3 horas	6 horas	3 horas	? horas	12 horas	? horas

1919

HORÁRIO DAS AULAS DAS TURMAS EFETIVAS DO EXTERNATO

Anos	Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
1° ano	10-10.50 11-11.50 12-12.50	Aritmética Português Geografia	Francês Desenho Ginástica	Aritmética Português Geografia	Francês Desenho Ginástica	Aritmética Português Geografia	Francês Desenho Ginástica
2° ano	10-10.50 11-11.50 12-12.50 13-13.50	Português Latim Desenho Geografia	..... Francês Aritmética e álgebra Ginástica	Português Latim Desenho Geografia	..... Francês Aritmética e álgebra Ginástica	Português Latim Desenho Geografia	..... Francês Aritmética e álgebra Ginástica
3° ano	10-10.50 11-11.50 12-12.50 13-13.50 14-14.50	Latim Alemão Português Desenho Ginástica	Inglês História universal Francês Álgebra e geometria Instrução militar	Latim Alemão Português Desenho Ginástica	Inglês História universal Francês Álgebra e geometria Instrução militar	Latim Alemão Português Desenho Ginástica	Inglês História universal Francês Álgebra e geometria Instrução militar
4° ano	10-10.50 11-11.50 12-12.50 13-13.50 14-14.50	História universal História natural Latim Alemão Instrução militar	Física e química Inglês Desenho Geometria e trigonometria	História universal História natural Latim Alemão Instrução militar	Física e química Inglês Desenho Geometria e trigonometria	História universal História natural Latim Alemão Instrução militar	Física e química Inglês Desenho Geometria e trigonometria .....
5° ano	10-10.50 11-11.50 12-12.50 13-13.50	Cosmografia História do Brasil Alemão Instrução militar	História natural Física e química Inglês Filosofia	Cosmografia História do Brasil Alemão Instrução militar	História natural Física e química Inglês Filosofia	Cosmografia História do Brasil Alemão Instrução militar	História natural Física e química Inglês Filosofia

1920

EXTERNATO

1920

HORÁRIO DA AULAS DAS TURMAS EFETIVAS

Anos	Horas	Dias	
		2as., 4as. E 6as.	3as., 5as. e Sábados
1° ano	10-10.50 11-11.50 12-12.50	Aritmética Português Geografia	Francês Desenho Ginástica
2° ano	10-10.50 11-11.50 12-12.50 13-13.50	Português Latim Desenho Geografia	- Francês Aritmética Ginástica
3° ano	10-10.50 11-11.50 12-12.50 13-13.50 14-14.50	Latim Alemão Português Desenho -	Inglês Álgebra Francês História universal Ginástica
4° ano	10-10.50 11-11.50 12-12.50 13-13.50 14-14.50	História universal História natural Latim Alemão -	Física e química Inglês Desenho Geometria e trigonometria Espanhol
5° ano	10-10.50 11-11.50 12-12.50 13-13.50	Cosmografia História do Brasil Alemão Italiano	História natural Física e química Inglês Filosofia

1925

Decreto N. 16.782-A, de 13 de Janeiro de 1925.

(Reforma Rocha Vaz)

Número de aulas semanais no curso secundário

DISCIPLINAS	1° ano	2° ano	3° ano	4° ano	5° ano	6° ano
Português	3	3	3	3	3	-
Latim	-	3	3	3	3	-
Literatura brasileira	-	-	-	-	-	3
Literatura das línguas latinas	-	-	-	-	-	3
Francês	3	3	3	-	-	-
Inglês	3	3	3	-	-	-
Alemão (facultativo)	-	3	3	-	-	-
Italiano (facultativo)	-	-	-	3	-	-
Filosofia	-	-	-	-	3	-
História da filosofia	-	-	-	-	-	3
Sociologia	-	-	-	-	-	3
Instrução Moral e Cívica	3	-	-	-	-	-
História Universal	-	3	3	-	-	-
História do Brasil	-	-	-	3	-	-
Geografia Geral	3	-	-	-	-	-
Corografia do Brasil	-	3	-	-	-	-
Cosmografia	-	-	-	-	3	-
Aritmética	3	3	-	-	-	-
Álgebra	-	-	3	-	-	-
Geometria e Trigonometria	-	-	-	3	-	-
Desenho	3	3	3	3	3	-
Física	-	-	-	3	3	-
Química	-	-	-	3	3	-
História Natural	-	-	-	3	3	-

1931

Decreto 19.890, de 18 de Abril de 1931.

(Reforma Francisco Campos)

Número de aulas semanais das disciplinas do ***Curso Secundário Fundamental***

DISCIPLINAS	1ª série	2ª série	3ª sérieo-	4ª série	5ª série
Português	4	4	3	3	2
Francês	3	3	2	1	-
Inglês	3	3	2	1	-
Alemão (facultativo)	3	3	2	1	-
Latim	-	-	-	3	3
História da Civilização	2	2	2	2	2
Geografia	3	2	2	2	2
Matemática	3	3	3	3	3
Ciências Físicas e Naturais	2	2	-	-	-
Física	-	-	2	2	2
Química	-	-	2	2	2
História Natural	-	-	2	2	3
Música (C. Orf.)	2	2	1	-	-
Desenho	3	3	2	2	2

Decreto 19.890, de 18 de Abril de 1931.

(Reforma Francisco Campos)

Número de aulas semanais das disciplinas do ***Curso Secundário Complementar***

DISCIPLINAS	CLASSES DIDÁTICAS					
	Curso Jurídico		Cursos de Medicina, Farmácia e Odontologia		Cursos de Engenharia, Arquitetura e Química Industrial	
	1ª série	2ª série	1ª série	2ª série	1ª série	2ª série
Latim	6	6	-	-	-	-
Literatura	4	6	-	-	-	-
Alemão ou Inglês	-	-	3	3	-	-
História da Civilização	4	-	-	-	-	-
Sociologia	-	4	-	3	-	3
Psicologia e Lógica	6	-	4	-	4	-
História da Filosofia	-	4	-	-	-	-
Geografia	-	3	-	3	-	-
Noções de Economia e Estatística	4	-	-	-	-	-
Geofísica e Cosmografia	-	-	-	-	3	-
Matemática	-	-	4	-	6	6
Física	-	-	5	5	3	4
Química	-	-	6	6	4	5
Biologia Geral	3	-	-	-	-	-
História Natural	-	-	6	6	4	4
Desenho	-	-	-	5	-	6
Higiene	-	3	-	-	-	-

1943

[Reforma Capanema]

QUADRO Nº. 1
CURSO GINASIAL

SÉRIES	I	II	III	IV
I. Línguas:				
1. Português	4	3	3	3
2. Latim	3	3	4	4
3. Francês	3	3	3	3
4. Inglês	-	3	3	3
II. Ciências				
5. Matemática	3	3	3	3
6. Ciências naturais	-	-	3	3
7. História geral	2	2	-	-
8. História do Brasil	-	-	2	2
9. Geografia geral	2	2	-	-
10. Geografia do Brasil	-	-	2	2
III. Artes				
11. Trabalhos manuais	3	2	-	-
12. Desenho	2	2	1	1
13. Canto orfeônico	2	2	1	1
IV. Educação física	3	3	3	3
Números totais de horas semanais	27	28	28	28

QUADRO Nº. 2
CURSO CLÁSSICO COM GREGO

SÉRIES	I	II	III
I. Línguas:			
1. Português	4	3	3
2. Latim	4	3	3
3. Grego	4	3	3
4. Francês ou inglês	3	2	-
5. Espanhol	2	-	-
II. Ciências e filosofia			
6. Matemática	3	3	2
7. Física	-	3	2
8. Química	-	2	3
9. Biologia	-	-	4
10. História geral	3	2	-
11. História do Brasil	-	-	3
12. Geografia geral	2	2	-
13. Geografia do Brasil	-	-	2
14. Filosofia	-	4	2
III. Educação física	3	3	3
Números totais de horas semanais	28	30	30

QUADRO Nº. 3
CURSO CLÁSSICO SEM GREGO

SÉRIES	I	II	III
I. Línguas:			
1. Português	4	3	3
2. Latim	4	3	3
3. Francês	3	2	-
4. Inglês	3	2	-
5. Espanhol	2	-	-
II. Ciências e filosofia			
6. Matemática	3	3	2
7. Física	-	3	2
8. Química	-	2	3
9. Biologia	-	-	4
10. História geral	3	2	-
11. História do Brasil	-	-	3
12. Geografia geral	2	2	-
13. Geografia do Brasil	-	-	2
14. Filosofia	-	4	2
III. Educação física	3	3	3
Números totais de horas semanais	27	29	27

QUADRO Nº. 4
CURSO CIENTÍFICO

SÉRIES	I	II	III
I. Línguas:			
1. Português	4	3	3
2. Francês	3	2	-
3. Inglês	3	2	-
4. Espanhol	2	-	-
II. Ciências e filosofia			
6. Matemática	4	4	4
7. Física	3	3	3
8. Química	3	3	3
9. Biologia	-	3	3
10. História geral	3	2	-
11. História do Brasil	-	-	3
12. Geografia geral	2	2	-
13. Geografia do Brasil	-	-	2
14. Filosofia	-	-	4
III. Arte			
15. Desenho	-	2	2
IV. Educação física	3	3	3
Números totais de horas semanais	30	29	30

1946

QUADRO Nº. 1
CURSO GINASIAL

SÉRIES	I	II	III	IV
I. Línguas:				
1. Português	4	3	3	3
2. Latim	2	2	2	2
3. Francês	3	2	2	2
4. Inglês	-	3	3	3
II. Ciências				
5. Matemática	3	3	3	3
6. Ciências naturais	-	-	3	3
7. História geral	2	2	-	-
8. História do Brasil	-	-	2	2
9. Geografia geral	2	2	-	-
10. Geografia do Brasil	-	-	2	2
III. Artes				
11. Trabalhos manuais	2	2	-	-
12. Desenho	2	2	1	1
13. Canto orfeônico	1	1	1	1
IV. Educação física	2	2	2	2
Números totais de horas semanais	23	24	24	24

QUADRO Nº. 2
CURSO CLÁSSICO COM GREGO

SÉRIES	I	II	III
I. Línguas:			
1. Português	3	3	3
2. Latim	4	3	3
3. Grego	4	3	3
4. Francês ou inglês	3	2	-
5. Espanhol	2	-	-
II. Ciências e filosofia			
6. Matemática	3	3	2
7. Física	-	3	2
8. Química	-	2	3
9. Biologia	-	-	3
10. História geral	2	2	-
11. História do Brasil	-	-	2
12. Geografia geral	2	2	-
13. Geografia do Brasil	-	-	2
14. Filosofia	-	3	3
III. Educação física	2	2	2
Números totais de horas semanais	25	28	28

QUADRO Nº. 3
CURSO CLÁSSICO SEM GREGO

SÉRIES	I	II	III
I. Línguas:			
1. Português	4	3	3
2. Latim	5	3	3
3. Francês	3	2	-
4. Inglês	3	2	-
5. Espanhol	2	-	-
II. Ciências e filosofia			
6. Matemática	3	3	3
7. Física	-	3	2
8. Química	-	2	3
9. Biologia	-	-	4
10. História geral	2	2	-
11. História do Brasil	-	-	3
12. Geografia geral	2	2	-
13. Geografia do Brasil	-	-	2
14. Filosofia	-	3	3
III. Educação física	2	2	2
Números totais de horas semanais	26	27	28

QUADRO Nº. 4
CURSO CIENTÍFICO

SÉRIES	I	II	III
I. Línguas:			
1. Português	3	3	3
2. Francês	2	2	-
3. Inglês	2	2	-
4. Espanhol	2	-	-
II. Ciências e filosofia			
6. Matemática	4	4	3
7. Física	3	2	3
8. Química	3	3	3
9. Biologia	-	3	3
10. História geral	2	2	-
11. História do Brasil	-	-	3
12. Geografia geral	2	2	-
13. Geografia do Brasil	-	-	2
14. Filosofia	-	-	4
III. Arte			
15. Desenho	2	2	1
IV. Educação física	2	2	2
Números totais de horas semanais	27	27	27

1952

QUADRO Nº. 1
CURSO GINASIAL

SÉRIES	I	II	III	IV
I. Línguas:				
1. Português	3	3	3	3
2. Latim	2	2	2	2
3. Francês	3	2	2	2
4. Inglês	-	3	2	2
II. Ciências				
5. Matemática	3	3	3	3
6. Ciências naturais	-	-	3	3
7. História do Brasil	2	-	-	2
8. História geral	-	2	2	2
9. Geografia geral	2	2	-	-
10. Geografia do Brasil	-	-	2	2
III. Artes				
11. Trabalhos manuais	2	2	-	-
12. Desenho	3	2	2	1
13. Canto orfeônico	1	1	1	1
IV. Educação física	3	2	2	1
Números totais de horas semanais	24	24	24	24

QUADRO Nº. 2
CURSO CLÁSSICO COM GREGO

SÉRIES	I	II	III
I. Línguas:			
1. Português	3	3	3
2. Latim	3	3	3
3. Grego	3	2	3
4. Francês ou inglês	3	3	-
5. Espanhol	2	-	-
II. Ciências e filosofia			
6. Matemática	3	2	2
7. Física	-	2	2
8. Química	-	2	2
9. História natural	-	-	3
10. História geral	3	2	-
11. História do Brasil	-	-	3
12. Geografia geral	2	2	2
13. Geografia do Brasil	-	-	2
14. Filosofia	-	3	3
III. Educação física	3	2	1
Números totais de horas semanais	24	28	28

QUADRO Nº. 3
CURSO CLÁSSICO SEM GREGO

SÉRIES	I	II	III
I. Línguas:			
1. Português	3	3	3
2. Latim	3	3	3
3. Francês	3	2	-
4. Inglês	3	2	-
5. Espanhol	2	-	-
II. Ciências e filosofia			
6. Matemática	3	3	3
7. Física	-	2	3
8. Química	-	2	3
9. História natural	-	-	3
10. História geral	2	2	2
11. História do Brasil	-	2	2
12. Geografia geral	2	2	-
13. Geografia do Brasil	-	-	2
14. Filosofia	-	3	3
III. Educação física	3	2	1
Números totais de horas semanais	24	28	28

QUADRO Nº. 4
CURSO CIENTÍFICO

SÉRIES	I	II	III
I. Línguas:			
1. Português	3	3	3
2. Francês	2	2	-
3. Inglês	2	2	-
4. Espanhol	2	-	-
II. Ciências e filosofia			
6. Matemática	3	3	3
7. Física	3	3	3
8. Química	3	2	3
9. História natural	-	3	3
10. História geral	2	2	2
11. História do Brasil	-	2	2
12. Geografia geral	2	2	-
13. Geografia do Brasil	-	-	2
14. Filosofia	-	-	3
III. Arte			
15. Desenho	2	2	3
IV. Educação física	3	2	1
Números totais de horas semanais	27	28	28

1961

Lei 4.024, de 20.12.61- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
CICLO GINASIAL

TIPOS DE CURRÍCULO	SÉRIES			
1° Currículo (A)	I	II	III	IV
Português	5	5	5	5
História	2	2	3	3
Geografia	3	3	3	-
Matemática	4	4	4	3
Iniciação às Ciências	2	2	-	-
Ciências (Físicas e Biológicas)	-	-	-	3
Organização Social e Política	-	-	-	2
Língua estrangeira moderna	3	3	3	2
Desenho	2	2	3	3
Educação Física	1	1	1	1
Técnicas artísticas, comerciais, industriais	2	2	2	2
Total de aulas semanais	24	24	24	24

1° Currículo (B)	I	II	III	IV
Português	5	5	5	5
História	2	2	3	3
Geografia	3	3	3	-
Matemática	3	4	4	3
Iniciação às Ciências	2	2	-	-
Ciências (Físicas e Biológicas)	-	-	-	4
Língua estrangeira moderna	-	-	3	3
Língua estrangeira moderna	3	3	3	3
Desenho	2	2	-	-
Educação Física	1	1	1	1
Técnicas artísticas, comerciais, industriais	2	2	2	2
Total de aulas semanais	24	24	24	24

1° Currículo (C)	I	II	III	IV
Português	5	5	5	5
História	2	2	3	3
Geografia	3	3	3	-
Matemática	4	4	3	3
Iniciação às Ciências	2	2	-	-
Ciências (Físicas e Biológicas)	-	-	-	4
Latim	-	-	5	5
Língua estrangeira moderna	3	3	3	2
Desenho	2	2	-	-
Educação Física	1	1	1	1
Técnicas artísticas, comerciais, industriais	2	2	1	1
Total de aulas semanais	24	24	24	24

CICLO COLEGIAL

TIPOS DE CURRÍCULO Currículo A	MEDICINA		ENGENHARIA	
	Séries		Séries	
	I	II	I	II
Português	4	4	4	4
História	3	3	3	3
Geografia	2	2	3+2	3+2
Matemática	4	4	4	3
Física	3	3	3	3
Química	3	3	3	3
História Natural	3+1	3+1	2	-
Língua estrangeira moderna	2	2	2	3
Desenho (vocacional)	2	2	2+2	2+2
Educação Física	1	1	1	1
Técnicas artísticas, comerciais, industriais	1	1	1	1
Total de aulas semanais	24+1	24+1	24+4	24+4

Currículo B	I	II
Português	4	4
História	3	3
Geografia	3	2
Ciências (Físicas e Biológicas)	3	2
Literatura	-	2
Língua estrangeira moderna	3	3
Língua estrangeira moderna	3	3
Desenho ou Filosofia (Voc.)	2	2
Educação Física	1	1
Técnicas artísticas, comerciais, industriais	2	2
Total de aulas semanais	24	24

Currículo C	I	II
Português	5	5
História	3	3
Latim	5	5
Grego	2	2
Filosofia	2	2
Literatura	-	3
Língua estrangeira moderna	3	2
Problemas Brasileiros (Voc.)	2	-
Educação Física	1	1
Técnicas artísticas, comerciais, industriais	1	1
Total de aulas semanais	24	24

ANEXO I V

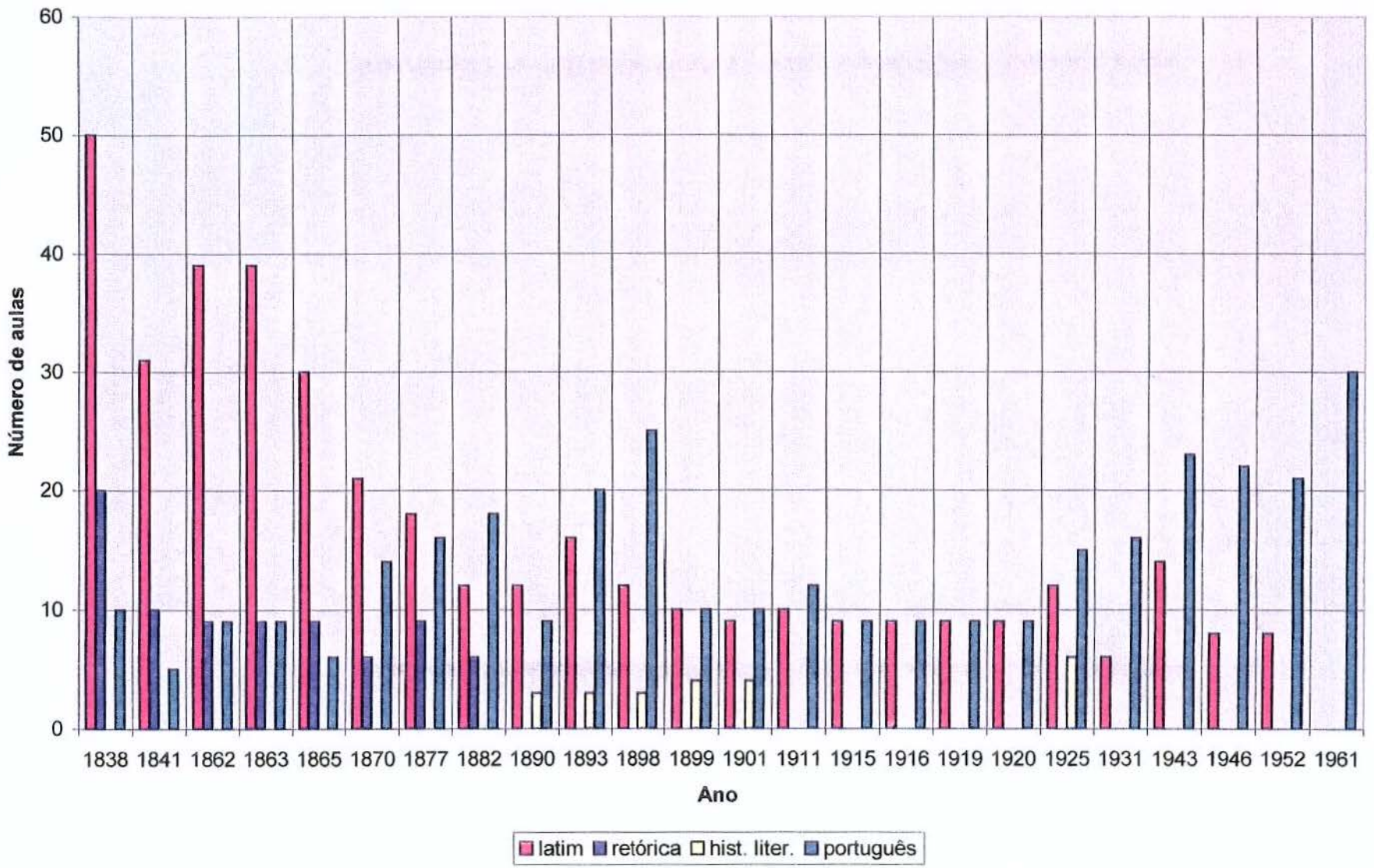
- Quadro do número de aulas semanais (em todas as séries) do curso secundário.

QUADRO DO NÚMERO DE AULAS SEMANAIS (EM TODAS AS SÉRIES) DO CURSO SECUNDÁRIO

DISCIPLINAS	1838	1841	1855	1862	1863	1865	1870	1877	1882	1890	1893	1898	1899	1901	1911	1915	1916	1920	1925	1931	1943	1946	1952	1961	1971
Grego	18	20	X	12	12	9	9	12	9	8	12	9	8	8	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Latim	50	31	X	39	39	30	21	18	12	12	16	12	10	9	10	9	9	9	12	6	14	8	8	-	-
Retórica e Poética	20	10	X	9	9	9	6	9	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
História da Lit. Nacional	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	3	4	4	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-	-
Português	10	5	X	9	9	9	14	16	19	9	20	25	10	10	12	9	9	9	15	16	23	22	21	30	X
Francês	5	15	X	12	12	9	10	12	12	12	12	26	11	11	9	9	9	9	9	9	17	13	13	15	-
Inglês	5	12	X	12	12	9	10	6	9	11	12	27	10	10	10	9	9	9	9	9	9	9	7	15	X
Alemão	-	10	X	?	?	6	-	12	9	11	6	27	10	8	10	9	9	9	6	9	-	-	-	-	-
História	12	15	X	24	24	24	16	18	12	9	9	12	9	9	8	6	6	9	9	12	16	14	20	16	X
Geografia	11	8	X	9	12	12	16	10	12	11	12	14	8	9	9	6	6	9	9	11	14	14	14	9	X
Filosofia	20	10	X	6	6	6	7	6	6	-	-	1	3	3	-	-	?	3	6	-	4	4	3	-	-
Matemática	29	10	X	12	12	12	21	13	12	25	17	28	17	17	18	18	9	12	12	15	20	20	19	14	X
Ciências Naturais Física, Química, etc.	9	5	X	6	3	6	8	6	6	17	6	10	6	10	6	3	6	6	12	16	16	16	14	4	X
História Natural	4	4	X	6	3	6	3	6	6	10	6	7	5	7	6	3	3	6	6	7	4	3	3	3	X
Desenho	8	16	-	-	?	?	-	2	25	11	?	10	12	11	12	-	12	12	15	12	6	6	8	4	-
Música	6	13	-	-	?	?	-	2	23	10	?	10	-	-	-	-	-	-	-	5	6	4	4	-	-
Ginástica	-	-	-	-	?	?	-	2	21	12	?	7	-	-	12	-	?	9	-	-	21	14	14	6	X
Religião	-	-	-	3	3	3	4	6	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	3	3	-	6	-	-	-	6	-	-	-	-	8	X
Total	207	184	X	159	156	147	145	156	204	177	131	231	126	126	132	81	87	111	132	125	170	147	148	109	X

ANEXO V

- **Gráfico das aulas de Latim, Retórica, Português e História Literária.**


Aulas semanais obrigatórias do curso secundário
Número de aulas
60
50
40
30
20
10
0
1838 1841 1862 1863 1865 1870 1877 1882 1890 1893 1898 1899 1901 1911 1915 1916 1919 1920 1925 1931 1943 1946 1952 1961
Ano
latim
retórica
hist. liter.
português

ANEXO V I

- **LISTA GERAL de Autores e Excertos da *ANTOLOGIA NACIONAL***

- **TABELAS (de 1 a 15)**

LISTA GERAL de Autores e Excertos da *ANTOLOGIA NACIONAL*

Legenda:

IC *Íris Clássico* de José Feliciano de Castilho, 1859. [5ª ed., 1868]
[adotado nas aulas de português do Colégio Pedro II de 1860 a 1869]

FP *Curso Elementar de Literatura Nacional* do Cônego Fernandes Pinheiro, 1862
[adotado nas aulas de Retórica, poética e literatura nacional do Colégio Pedro II de 1862 a 1875]

SN-I *Seleta Nacional* de Francisco Júlio Caldas Aulete. Vol. I - Literatura, 1873. [17ª ed., 1909]
SN-II id., Vol. II - Oratória, 1875. [3ª ed.,1915]
SN-III id., Vol. III - Poesia, 1877. [6ª ed., 1912]
[adotada sobretudo nas aulas de português, mas também nas de retórica, do Colégio Pedro II, de 1877 a 1886]

MM *Curso de Literatura Brasileira* de Melo Moraes Filho, 1876. [2ª ed. 1881, 4ª ed., 1902]
[adotado nas aulas de português do Colégio Pedro II de 1881 a 1886]

SL *Seleção Literária* de Fausto Barreto e Vicente de Souza, 1887. (2ª ed., 1891)
[adotada nas aulas de português e nas aulas de línguas estrangeiras para versão, do Colégio Pedro II, de 1887 a 1894]

* autores acrescentados na 6ª edição da ***Antologia Nacional*** (1913).

** autores acrescentados na 7ª edição da ***Antologia Nacional*** (1915).

*** autores acrescentados na 25ª edição da ***Antologia Nacional*** (1945).

PARTE I - PROSA

Fase Contemporânea - (Século XIX, depois de 1820).

Escritores Brasileiros

1. J. F. Lisboa (1812-1863)
   A) Vocação de Vieira
   B) Importância política de Vieira
2. Torres Homem (1812-1876)
   A) Colonização
3. **Martins Pena (1815-1848)
   A) O Juiz de paz da roça
4. Porto Seguro [Varnhagen] (1816-1878)
   A) Escritores do reinado de D. João VI
5. *Pereira da Silva (1818-1897)
   A) A revolução de 1831 corte de 4 páginas na 25ª ed.
6. J. M. de Macedo (1820-1882)
   A) O torrão natal
   B) Itaboraí excluído na 25ª ed.

7. *Joaquim Norberto (1820-1891)
   A) Alvarenga Peixoto e a Inconfidência
8. Francisco Otaviano (1825-1889)
   A) Minas
9. José Bonifácio (o segundo) (1827-1886)
   A) Contra o protecionismo
10. José de Alencar (1829-1887)
    A) Iracema e o guerreiro branco **SL**
    B) A prece **SL**
11. ***M. A. de Almeida (1830-1861)
    A) Entrada para a escola
12. D. Antonio de Macedo Costa (1830-1901)
    A) Restauração religiosa
13. *Visconde de Ouro Preto [Afonso Celso de Assis Figueiredo] (1837-1912)
    A) A batalha de Riachuelo corte de 2 páginas na 25ª ed.
14. *Couto de Magalhães (1837-1898)
    A) O idioma tupi
15. ***França Júnior (1838-1890)
    A) Como se fazia um deputado
16. *Machado de Assis (1839-1908)
    A) Quincas Borba
    B) Visconde do Rio Branco
17. *Franklin Távora (1842-1888)
    A) A cruz do patrão corte de 2 páginas na 25ª ed.
18. *Visconde de Taunay (1843-1899)
    A) Aspectos do sertão
19. *Barão do Rio Branco [José Maria da Silva Paranhos] (1845-1912)
    A) O Barão de Cerro-Largo corte de 5 páginas na 25ª ed.
20. *Joaquim Nabuco (1849-1910)
    A) Massangana
21. ***Rui Barbosa (1849-1923)
    A) A paixão da verdade
    B) A oração do filho
    C) A liberdade
    D) A couve e o carvalho
    E) Bustos e estátuas
    F) O trabalho e a oração
22. *José do Patrocínio (1851-1905) excluído na 25ª ed.
    A) Jesus
23. **Silvio Romero (1851-1914)
    A) O romantismo no Brasil
24. ***Aluísio de Azevedo (1857-1913)
    A) O coruja
25. *Eduardo Prado (1860-1901)
    A) A história do Brasil

26. *Raul Pompéia (1863-1895)
    A) Uma noite histórica

27. ***Coelho Neto (1864-1934)
    A) A primeira palavra
    B) Energia
    C) Insone
    D) Miragem

28. ***Farias Brito (1864-1917)
    A) (sem título)
    B) (sem título)

29. ***Olavo Bilac (1865-1918)
    A) Santos Dumont
    B) Aos jovens brasileiros
    C) A Alberto de Oliveira

30. *Euclides da Cunha (1868-1909)
    A) O sertanejo

31. ***Graça Aranha (1868-1931)
    A) No outeiro
    B) O espírito moderno

Escritores Portugueses

32. Garrett (1799-1854)
    A) O grego e o latim

33. A. F. de Castilho (1800-1875)
    A) O padre Manuel Bernardes **SN-I-270, SL** corte de 1 página na 25ª ed.
    B) Paralelo entre Bernardes e Vieira
    C) Conselhos do Conde D. Henrique a seu filho **SL**

34. Alexandre Herculano (1810-1877)
    A) Alcácer do Sal **SN-I-95, SL** excluído na 25ª ed.
    B) Perseguição religiosa **SN-I-271, SL**
    C) O rei e o arquiteto
    D) Morte de Afonso Domingues excluído na 25ª ed.

35. José Estevão (1809-1863)
    A) Heróis **SN-II-315**

36. Silva Túlio (1817-1884) excluído na 25ª ed.
    A) Infinitivo pessoal e impessoal

37. Rebelo da Silva (1822-1871)
    A) Última corrida de touros em Salvaterra **SN-I-109**

38. Latino Coelho (1825-1891)
    A) A palavra **SN-I-338, SL**
    B) América e Portugal

39. Camilo Castelo Branco (1826-1890)
    A) Suplício da Marquesa de Távora
    B) Noite escura
    C) Casamento de Sá de Miranda excluído na 25ª ed.

40. Júlio Diniz (1839-1871) ou Joaquim Guilherme Gomes Coelho
    A) O solar e o casal

41. *Pinheiro Chagas (1842-1895) excluído na 25ª ed.
    A) Origens de Portugal
42. Oliveira Martins 1845-1894)
    A) Portugal em 1580
43. *Eça de Queirós (1846-1900)
    A) Tormes
44. *Gervásio Lobato (1850-1895) excluído na 25ª ed.
    A) Cenas de Lisboa

Fase Acadêmica - (Século XVIII e princípios do fluente)

45. Barbosa Machado (1682-1772)
    A) Santo Antonio
46. Antonio José (1705-1739)
    A) Visita de médico **FP-448**
47. Fr. São Carlos (1763-1829)
    A) Que tesouro **FP-481, MM-202**
48. Fr. Sampaio (1778-1830)
    A) Dies irae **FP-486, SN-II-232**
49. Fr. Monte Alverne (1784-1858)
    A) Causas das revoluções **FP-494, SN-II-229**
    B) É muito tarde **FP-498,SN-II-221, MM-208**
    C) Missão caridosa da igreja **FP-499** excluído na 25ª ed.
    D) Morte de S. Pedro de Alcântara **FP-500** excluído na 25ª ed.
50. Rocha Pita (1660-1738)
    A) Belezas e opulência do Brasil **FP-286, SL**
    B) Combate entre os portugueses e os índios no Rio de Janeiro **FP-287, SL**
51. Alexandre de Gusmão (1695-1753)
    A) Carta a um enviado de Portugal na corte de Inglaterra **FP-507, SN-I-415, SL**
    B) Carta a Diogo Barbosa Machado **FP-507**
    C) Da resposta que deu ao Brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcelos **FP-508**

Fase Seiscentista - (Século XVII)

52. Fr. Luís de Souza (1555-163-)
    A) O Arcebispo e o pastorinho **SN-I-49**
    B) Caridade do Arcebispo **SN-I-48**
    C) A fonte de Sátiro **SN-I-97, SL** excluído na 25ª ed.
    D) Fome em Portugal **SL**
53. **Fr. Amador Arrais (1545-1600)
    A) Adivinhos
54. Frei Vicente do Salvador (1564-entre 1636 e 39)
    A) Fundação do Rio de Janeiro
55. **Frei Antonio Brandão (1584-1637)
    A) Egas Moniz
56. Freire de Andrade (1597-1657)
    A) Morte de D. João de Castro **IC-34, FP-270, SN-I-267**
57. Rodrigues Lobo (? - entre 1624 e 27)
    A) Contente com a sorte **SN-I-178, SL**
    B) Sobre a língua portuguesa **IC-19, FP-236, SN-I-366**

58. Pe. Antonio Vieira (1608-1697)
    A) Apóstrofe atrevida **FP-243, SN-II-123, SL**
    B) Conjugação do verbo rápio
    C) A El-Rei **SL**

59. Francisco Manuel de Melo (1611-1666)
    A) Revolução pernambucana
    B) A um parente moço que partia para a guerra **SN-I-408**

60. Manuel Bernardes (1644-1710)
    A) Os três risos **IC-195**
    B) Consolação (discurso sagrado) **IC-194**
    C) Quem quer vai **IC-191, SN-I-16**
    D) Amigos excluído na 25ª ed.
    E) Vaidades feminis **SL**
    F) Generosidade excluído na 25ª ed.
    G) Impostores de ciência **SL**
    H) Contemplação **IC-309, SN-II-183, SL** excluído na 25ª ed.
    I) Como passa o tempo... **SN-I-148, SN-II-180** excluído na 25ª ed.

Fase Quinhentista - (Século XVI)

61. Bernardim Ribeiro (1475-1553)
    A) Solidão e tristeza **FP-117, SN-I-154, SL**

62. Sá de Miranda (1495-1558)
    A) Misteres das diversas profissões **FP-90, SL**

63. Antonio Ferreira (1528-1559)
    A) Astúcia de um lisonjeiro **FP-101, SL**

64. João de Barros (1496-1570)
    A) Descoberta do Brasil
    B) Excelência da paz **IC-33, SN-I-144**

65. Damião de Góes (1501-depois de 1578)
    A) Antigualha na ilha do Corvo

66. F. Mendes Pinto (1509-1580)
    A) Um tribunal chinês **FP-171**
    B) Muralha da China
    C) Descrição de Nanquim excluído na 25ª ed.

67. Francisco de Morais (1499 ou 1501-1572)
    A) O cavaleiro das donzelas e o guardador do vulto de Miraguarda **SL** excluído na 7ª ed.
    B) O gigante Almourol e o cavaleiro das donzelas **SL**

68. Fr. Heitor Pinto (? -1584)
    A) Louvores da justiça **FP-128, SL**
    B) Prática com um ermitão corte de 1 página na 25ª ed.

69. João de Lucena (1549-1600) excluído na 25ª ed.
    A) Do bem natural da gente do Japão **SL**

70. Fernão Cardim (1540-1625)
    A) Costumes dos índios

71. Duarte Nunes de Leão (? -1608)
    A) Cativeiro e morte do Infante D. Fernando **IC-277** corte de 2 páginas na 25ª ed.

72. Diogo do Couto (1542-1616)
    A) Jornada de Maluco e descoberta da ilha dos Papuas **SL** excluído na 25ª ed.

B) Naufrágio do Sepúlveda **FP-282, SN-I-260**

***Fase Medieval - (Princípio do Século XVI ao Século XIII)**

73. ***D. Afonso II (1185-1223)
    A) Testamento de D. Afonso II (Séc. XIII)

74. ***Ciclo Bretão
    A) Revolta de Mordaret (Séc. XIII)
    B) Desaparece El Rey Artur
    C) Fábula, O Leão velho, o asno, o touro e o porco (Séc. XIV)
    D) Lenda do Rei Leir (Séc. XV)

75. ***D. Duarte (1391-1438)
    A) Da virtude da prudência em special (Séc. XV)
    B) Bem Cavalgar (Séc. XV)

76. ***Fernão Lopes (1380 ?-1450 ?)
    A) Uma caçada (Séc. XV)

77. ***Garcia de Resende (1470-1536)
    A) Do que EL-Rei disse a um homem que bebia vinho... (inícios do Séc. XVI)

PARTE II - POESIA

Fase Contemporânea - (Século XIX, depois de 1820)
Poetas Brasileiros

1. Domingos de Magalhães (1811-1882)
    A) O Amazonas **MM-411, SL**
    B) Rio de Janeiro e Nápoles
    C) Napoleão **SN-III-318, SL**

2. Araújo Porto-Alegre (1806-1879)
    A) O triunfo
    B) O préstito
    C) Fala de Boabdil
    D) Descoberta da América

3. Gonçalves Dias (1823-1864)
    A) Canto do Piaga **FP-547, SN-III-323, MM-448, SL**
    B) Canção do Tamoio
    C) O mar **SL**

4. Odorico Mendes (1799-1864)
    A) Tempestade **SN-III-187**

5. J. M. de Macedo (1820-1882) prosador
    A) A harpa quebrada

6. Dutra e Melo (1823-1846)
    A) Madrugada na ilha dos Ferreiros

7. Francisco Otaviano (1825-1889) prosador
    A) Para que ver?
    B) A ponte dos suspiros

8. Laurindo Rabelo (1826-1864)
    A) Adeus ao mundo

9. **Paranapiacaba [João Cardoso de Meneses e Sousa] (1827-1915)
    A) A serra de Paranapiacaba

B) O rato da cidade e do campo excluído na 25ª ed.

10. Álvares de Azevedo (1831-1852)
    A) Tristeza

11. Junqueira Freire (1832-1855)
    A) O hino da Cabocla **MM-451**

12. Casimiro de Abreu (1837-1860)
    A) Meus oito anos **SN-III-68**

13. *Machado de Assis (1839-1908) prosador
    A) A mosca azul
    B) Círculo vicioso **SL**
    C) A Carolina

14. Fagundes Varela (1841-1875)
    A) Cântico do Calvário **MM-498**

15. *Luís Guimarães (1845-1897)
    A) Fora da barra **SN-III-148**
    B) Noite de S. João
    C) A borralheira

16. Castro Alves (1847-1871)
    A) O livro e a América

17. *Artur Azevedo (1855-1908)
    A) O badejo

18. ***Alberto de Oliveira (1859-1937)
    A) A palmeira da Serra
    B) Um canto ainda
    C) Velhice
    D) ? / Os Caniços
    E) Crescente de agosto
    F) Excelsitude
    G) Alto da serra

19. *Raimundo Correia (1860-1911)
    A) Anoitecer
    B) As pombas
    C) Mal secreto
    D) A cavalgada
    E) Peregrino

20. ***Cruz e Sousa (1862-1898)
    A) Siderações
    B) Canção da formosura
    C) Assim seja!

21. ***Olavo Bilac (1865-1918) prosador
    A) Vanitas
    B) Inania verba
    C) O caçador de esmeraldas
    D) Aos meus amigos de São Paulo
    E) Benedicite

22. ***Vicente de Carvalho (1866-1924)
    A) Esperança
    B) Das cantigas praianas
    C) A um poeta moço

D) Sonho póstumo

23. ***Mário Pederneiras (1867-1915)
    A) Meu casal
    B) Dor suprema
    C) Crepúsculo

24. ***Alphonsus Guimaraens (1870-1921)
    A) Tercetos de amor
    B) Soneto XXV
    C) Ismália

25. ***Augusto dos Anjos (1884-1913)
    A) O lamento das coisas
    B) Ricordanza della mia gioventù
    C) O sarcófago

26. ***Hermes Fontes (1888-1930)
    A) Suave amargor
    B) Perfeição
    C) A formiga

Poetas Portugueses

27. Garrett (1799-1854) prosador
    A) A visão **SL**
    B) Morte de Camões **SN-III-453** excluído na 25ª ed.
    C) Retrato

28. A. F. de Castilho (1800-1875) prosador
    A) Cântico da noite **SN-III-250**

29. Alexandre Herculano (1810-1877) prosador
    A) A cruz mutilada **SN-III-209, SL**

30. Mendes Leal (1818-1886)
    A) Ave, César! **SN-III-312**

31. João de Lemos (1819-1890) excluído na 25ª ed.
    A) A lua de Londres **SN-III-44**

32. *João de Deus (1830-1895)
    A) Hino de amor
    B) A vida

33. *Tomás Ribeiro (1831-1901)
    A) A Portugal
    B) A hera e o muro excluído na 25ª ed.
    C) Mocidade

34. *Antero de Quental (1842-1891)
    A) Alma extinta
    B) Visão
    C) Na mão de Deus **SN-III-377**

35. Gonçalves Crespo (1845-1883)
    A) O minuete **SN-III-69**

Fase Acadêmica - (Século XVIII e princípios do atual)

36. Fr. Santa Rita Durão (entre 1718 e 1720-1784)
    A) Exórdio do poema "Caramuru" **FP-428, SN-III-448**
    B) Idéia de Deus **FP-431, SN-III-450**
    C) Moema **FP-433, MM-384, SL**

37. Correia Garção (1724-1772)
    A) Dido **FP-309, SN-III-253, SL**

38. D. Reis Quita (1726-1770)
    A) A manhã **FP-301, SL**

39. Cláudio M. da Costa (1729-1789)
    A) Temei, penhas ...

40. Antonio Diniz da C. e Silva (1731-1799)
    A) Fala de Van Schkopp aos seus soldados **FP-314**
    B) O templo das Bagatelas **FP-376**

41. Filinto Elisio [Francisco Manuel do Nascimento] (1734-1819)
    A) Aeronautas **FP-317**
    B) Netuno aos portugueses **SL**

42. Basílio da Gama (1740-1795)
    A) Exórdio do poema "Uraguai" **FP-416**
    B) Lindóia **FP-420, SN-III-445, MM-388, SL**

43. ***Domingos Caldas Barbosa (1740-1800)
    A) O que é amor
    B) Retrato de Lucinda

44. Nicolau Tolentino (1741-1811)
    A) Autobiografia **SN-III-153**

45. Tomás Gonzaga (1747-1809)
    A) Lira XXVIII **FP-334, SL**

46. José Agostinho de Macedo (1761-1831)
    A) Combate do Gama com Timoja **FP-410**

47. Pe. Sousa Caldas (1762-1814)
    A) Salmo 18° [Salmo de Davi] **SN-III-221**
    B) Outra versão do Salmo 18° [Salmo de Davi] **SN-III-226** excluído na 2ª ed.

48. M. M. B. du Bocage (1765-1805)
    A) Deus **FP-392, SL**
    B) Docura da vida campestre **FP-393, SL**
    C) Resignação do sábio **FP-391**
    D) Um condenado à morte **FP-394, SN-III-192, SL**
    E) Contrição **FP-393**

49. José Bonifácio (1765-1838)
    A) Ode aos baianos

Fase Seiscentista - (século XVII)

50. Mousinho de Quevedo (? - ?)
    A) O oceano festejando a armada portuguesa **SL**
    B) Súplica de Zara **SN-III-456, SL** excluído na 2ª ed.

51. Francisco de Sá de Menezes (1600-1644)
    A) Viagem de Afonso de Albuquerque **FP-212**

52. Gabriel P. de Castro (1571-1632)
    A) Helena **FP-205, SL**

53. Gregório de Matos (1623-1696)
    A) Anjo bento **FP-198**

54. **M. Botelho de Oliveira (1636-1711)
    A) Frutas do Brasil **FP-189**

Fase Quinhentista - (Século XVI)

55. Gil Vicente (1460-1536)
    A) Auto da Mofina Mendes **FP-86, SL**

56. Bernardim Ribeiro (1475-1553) prosador
    A) A ama **SL**
    B) Égloga **SL** corte de 4 páginas na 2ª ed.

57. Sá de Miranda (1495-1558) prosador
    A) Carta a D. João III **FP-55** corte de 4 páginas na 2ª ed.
    B) Soneto célebre **FP-60**

58. Luís de Camões (1524-1580)
    A) Episódio de Inês de Castro **FP-72**
    B) Tromba marinha **FP-66 , SN-III-171**
    C) Episódio do Adamastor **FP-70**
    D) Os doze de Inglaterra **SL**
    E) Martírio de S. Tomé **SL** excluído na 2ª ed.
    F) Epílogo **FP-74, SL**
    G) Soneto 19 **SN-III-262**
    H) Soneto 29 **SN-III-262, SL**
    I) Ode 9 **SL**

59. Antonio Ferreira (1528-1559) prosador
    A) Notícia fatal **SN-III-398**

***Fase Medieval**

60. ***Trovadores
    A) Cantiga de amor
    B) Cantiga de amigo
    C) Cantiga religiosa
    D) Cantiga d'amigo
    E) De D. Dinis
    F) Cantiga de amigo
    G) Do infante D. Afonso Sanches
    H) Cantiga, partindo-se
    I) De Sancho de Pedrosa a Maria Jacome
    J) Cantiga de D. Anrrique de Saa
    K) De Jorge d'Aguyar
    L) A D. Felypa d'Abreu

TABELA 1 - AUTORES DA ANTOLOGIA NACIONAL

AUTORES	1ª ed. 1895	6ª ed. (+)	Total 6ª ed. 1913	7ª ed. (+)	Total 7ª ed. 1915	25ª ed. (+)	25ª ed. (-)	Total 25ª ed. 1945
Prosadores bras. Séc. XIX e XX	8	13	21	2	23	8	-1	30
Prosadores port. Séc. XIX e XX	10	3	13		13		-3	10
Prosadores bras. Séc. XVIII	6		6		6			6
Prosadores port. Séc. XVIII	1		1		1			1
Prosadores bras. Séc. XVII	1		1		1			1
Prosadores port. Séc. XVII	6		6	2	8			8
Prosadores port. Séc. XVI	12		12		12		-1	11
Prosadores port. Séc. XV-XIII						9		9
Sub-total prosadores	**44**	16	**60**	4	**64**	17	-5	**76**
Poetas bras. Séc. XIX e XX	13	4	17	1	18	8		26
Poetas port. Séc. XIX e XX	6	3	9		9		-1	8
Poetas bras. Séc. XVIII	6		6		6	1		7
Poetas port. Séc. XVIII	7		7		7			7
Poetas bras. Séc. XVII	1		1	1	2			2
Poetas port. Séc. XVII	3		3		3			3
Poetas port. Séc. XVI	5		5		5			5
Poetas port. Séc. XV-XIII						12		12
Sub-total poetas	**41**	7	**48**	2	**50**	21	-1	**70**
TOTAL DE AUTORES DA *ANTOLOGIA NACIONAL*	**85**	23	**108**	6	**114**	38	-6	**146**

Obs.: os AUTORES que apareceram na parte de prosa e na parte de poesia foram considerados DUAS vezes.

TABELA 2 - BRASILEIROS E PORTUGUESES NA ANTOLOGIA NACIONAL

AUTORES	1ª ed. 1895	6ª ed. (+)	Total 6ª ed. 1913	7ª ed. (+)	Total 7ª ed. 1915	25ª ed. (+)	25ª ed. (-)	Total 25ª ed. 1945
Prosadores brasileiros	15	13	28	2	30	8	-1	37
poetas brasileiros	20	4	24	2	26	9		35
Total de brasileiros	**35**	**17**	**52**	**4**	**56**	**17**	**-1**	**72**
%	**41%**		**48%**		**49%**			**49%**
Prosadores portugueses	29	3	32	2	34	9	-4	39
poetas portugueses	21	3	24		24	12	-1	35
Total de portugueses	**50**	**6**	**56**	**2**	**58**	**21**	**-5**	**74**
%	**59%**		**52%**		**51%**			**51%**
TOTAL DE AUTORES DA *ANTOLOGIA NACIONAL*	**85**	23	**108**	6	**114**	38	-6	**146**

Obs.: os AUTORES que apareceram na parte de prosa e na parte de poesia foram considerados DUAS vezes.

TABELA 3 - PROSADORES E POETAS NA ANTOLOGIA NACIONAL

AUTORES	1ª ed. 1895	6ª ed. (+)	Total 6ª ed. 1913	7ª ed. (+)	Total 7ª ed. 1915	25ª ed. (+)	25ª ed. (-)	Total 25ª ed. 1945
prosadores brasileiros	15	13	28	2	30	8	-1	37
prosadores portugueses	29	3	32	2	34	9	-4	39
Total de prosadores	**44**	**16**	**60**	**4**	**64**	**17**	**-5**	**76**
%	**52%**		**55%**		**56%**			**52%**
poetas brasileiros	20	4	24	2	26	9		35
poetas portugueses	21	3	24		24	12	-1	35
Total de poetas	**41**	**7**	**48**	**2**	**50**	**21**	**-1**	**70**
%	**48%**		**45%**		**44%**			**48%**
TOTAL DE AUTORES DA *ANTOLOGIA NACIONAL*	**85**	23	**108**	6	**114**	38	-6	**146**

Obs.: os AUTORES que apareceram na parte de prosa e na parte de poesia foram considerados DUAS vezes.

TABELA 4 - AUTORES DIVIDIDOS POR SÉCULOS NA ANTOLOGIA NACIONAL

AUTORES	1ª ed. 1895	6ª ed. (+)	Total 6ª ed. 1913	7ª ed. (+) (-)	Total 7ª ed. 1915	25ª ed. (+)	25ª ed. (-)	Total 25ª ed. 1945
Século XV-XIII						21		21
Século XVI	17		17		17		-1	16
Século XVII	11		11	+3	14			14
Século XVIII	20		20		20	1		21
Século XIX e XX	37	23	60	+3	63	16	-5	74
%	**43%**		**55%**		**55%**			**51%**
TOTAL DE AUTORES DA *ANTOLOGIA NACIONAL*	**85**	23	**108**	6	**114**	38	-6	**146**

Obs.: os AUTORES que apareceram na parte de prosa e na parte de poesia foram considerados DUAS vezes.

TABELA 5 - EXCERTOS DA ANTOLOGIA NACIONAL

EXCERTOS	**1ª ed. 1895**	6ª ed. (+)	**Total 6ª ed. 1913**	7ª ed. (+)	**Total 7ª ed. 1915**	25ª ed. (+)	25ª ed. (-)	**Total 25ª ed. 1945**
Prosadores bras. Séc. XIX e XX	11	14	25	2	27	20	-2	45
Prosadores port. Séc. XIX e XX	18	3	21		21		-6	15
Prosadores bras. Séc. XVIII	12		12		12		-2	10
Prosadores port. Séc. XVIII	1		1		1			1
Prosadores bras. Séc. XVII	1		1		1			1
Prosadores port. Séc. XVII	21		21	2	23		-5	18
Prosadores port. Séc. XVI	18		18	-1	17		-3	14
Prosadores port. Séc. XV-XIII						9		9
Sub-total exc. prosadores	**82**	**17**	**99**	**3**	**102**	**29**	**-18**	**113**
Poetas bras. Séc. XIX e XX	21	12	33	2	35	31	-1	65
Poetas port. Séc. XIX e XX	8	8	16		16		-3	13
Poetas bras. Séc. XVIII	10		10		10	2	-1	11
Poetas port. Séc. XVIII	13		13		13			13
Poetas bras. Séc. XVII	1		1	1	2			2
Poetas port. Séc. XVII	4		4		4		-1	3
Poetas port. Séc. XVI	15		15		15		-1	14
Poetas port. Séc. XV-XIII						12		12
Sub-total de exc. poetas	**72**	**20**	**92**	**3**	**95**	**45**	**-7**	**133**
TOTAL DE EXCERTOS DA *ANTOLOGIA NACIONAL*	**154**	37	**191**	6	**197**	74	-25	**246**

TABELA 6 - EXCERTOS BRAS. E PORT. NA ANTOLOGIA NACIONAL

EXCERTOS	1ª ed. 1895	6ª ed. (+)	Total 6ª ed. 1913	7ª ed. (-) (+)	Total 7ª ed. 1915	25ª ed. (+)	25ª ed. (-)	Total 25ª ed. 1945
prosadores brasileiros	24	14	38	2	40	20	-4	56
poetas brasileiros	32	12	44	3	47	33	-2	78
Total excertos brasileiros	**56**	**26**	**82**	**5**	**87**	**53**	**-6**	**134**
%	**36%**		**43%**		**44%**			**54%**
prosadores portugueses	58	3	61	-1 +2	62	9	-14	57
poetas portugueses	40	8	48		48	12	-5	55
Total excertos portugueses	**98**	**11**	**109**	**1**	**110**	**21**	**-19**	**112**
%	**64%**		**57%**		**56%**			**46%**
TOTAL DE EXCERTOS DA *ANTOLOGIA NACIONAL*	**154**	37	**191**	6	**197**	74	-25	**246**

TABELA 7 - EXCERTOS DE PROSA E POESIA NA ANTOLOGIA NACIONAL

EXCERTOS	1ª ed. 1895	6ª ed. (+)	Total 6ª ed. 1913	7ª ed. (-) (+)	Total 7ª ed. 1915	25ª ed. (+)	25ª ed. (-)	Total 25ª ed. 1945
prosadores brasileiros	24	14	38	2	40	20	-4	56
prosadores portugueses	58	3	61	-1 +2	62	9	-14	57
Total de excertos de prosa	**82**	**17**	**99**	**3**	**102**	**29**	**-18**	**113**
%	**53%**		**52%**		**52%**			**46%**
poetas brasileiros	32	12	44	3	47	33	-2	78
poetas portugueses	40	8	48		48	12	-5	55
Total de excertos de poesia	**72**	**20**	**92**	**3**	**95**	**45**	**-7**	**133**
%	**47%**		**48%**		**48%**			**54%**
TOTAL DE EXCERTOS DA *ANTOLOGIA NACIONAL*	**154**	37	**191**	6	**197**	74	-25	**246**

TABELA 8 - EXCERTOS DIVIDIDOS POR SÉCULOS NA ANTOLOGIA NACIONAL

EXCERTOS	1ª ed. 1895	6ª ed. (+)	Total 6ª ed. 1913	7ª ed. (-) (+)	Total 7ª ed. 1915	25ª ed. (+)	25ª ed. (-)	Total 25ª ed. 1945
Século XV-XIII						21		21
Século XVI	33		33	-1	32		-4	28
Século XVII	27		27	+3	30		-6	24
Século XVIII	36		36		36	2	-3	35
Século XIX e XX	58	37	95	+4	99	51	-12	138
%	**38%**		**50%**		**50%**			**56%**
TOTAL DE EXCERTOS DA *ANTOLOGIA NACIONAL*	**154**	37	**191**	+7 -1	**197**	74	-25	**246**

Legenda para as TABELAS 9, 10, 11, 12 e 13:

IC *Íris Clássico* (1859) de José Feliciano de Castilho

FP *Curso Elementar de Literatura Nacional* (1862) do Cônego Fernandes Pinheiro.

SN *Seleta Nacional* (1873-77)de Francisco Júlio Caldas Aulete. Vol. I, II e III.

MM *Curso de Literatura Brasileira* (1876) de Melo Moraes Filho.

SL *Seleção Literária* (1887) de Fausto Barreto e Vicente de Souza.

AN ***Antologia Nacional*** (1895) de Fausto Barreto e Carlos de Laet.

TABELA 9 - EXCERTOS DA ANTOLOGIA NACIONAL PRESENTES EM COMPÊNDIOS ANTERIORES

EXCERTOS	**1ª ed. 1895**	6ª ed. (+)	**Total 6ª ed. 1913**	7ª ed. (+)	**Total 7ª ed. 1915**	25ª ed. (+)	25ª ed. (-)	**Total 25ª ed. 1945**
TOTAL DE EXCERTOS DA ANTOLOGIA NACIONAL	**154**	37	**191**	6	**197**	74	-25	**246**
Excertos Novos	48 31%	34	82 43%	6	88 45%	74	-12	150 61%
Presentes em compêndios anteriores (**FP, IC, SN, MM**)	54	2	56	1	57		-6	51
Presentes na *Seleção Literária* (**SL**) e conservados na **AN**	52	1	53	-1	52		-7	45
Total de excertos presentes em compêndios anteriores	**106 69%**	3	**109 57%**	0	**109 55%**		-13	**96 39%**

TABELA 10 - EXCERTOS DO SÉCULO XVI PRESENTES EM COMPÊNDIOS ANTERIORES

EXCERTOS	**1ª ed. 1895**	6ª ed. (+)	**Total 6ª ed. 1913**	7ª ed. (+) (-)	**Total 7ª ed. 1915**	25ª ed. (+)	25ª ed. (-)	**Total 25ª ed. 1945**
TOTAL DE EXCERTOS DA ANTOLOGIA NACIONAL	**154**	40	**191**	+7 -1	**197**	74	-25	**246**
Total de excertos do Século XVI na Antologia Nacional	**33**		**33**	-1	**32**		-4	**28**
Excertos Novos	6 18%		6 18%		6 19%		-1	5 18%
Presentes em compêndios anteriores (**FP, IC, SN, MM**)	12		12		12			12
Presentes na *Seleção Literária* (**SL**) e conservados na **AN**	15		15	-1	14		-3	11
Total de excertos presentes em compêndios anteriores	**27 82%**		**27 82%**	-1	**26 81%**		-3	**23 82%**

TABELA 11 - EXCERTOS DO SÉCULO XVII PRESENTES EM COMPÊNDIOS ANTERIORES

EXCERTOS	1ª ed. 1895	6ª ed. (+)	Total 6ª ed. 1913	7ª ed. (+) (-)	Total 7ª ed. 1915	25ª ed. (+)	25ª ed. (-)	Total 25ª ed. 1945
TOTAL DE EXCERTOS DA ANTOLOGIA NACIONAL	**154**	40	**191**	+ 7 -1	**197**	74	-25	**246**
Total de excertos do Século XVII na Antologia Nacional	**27**		**27**	3	**30**		-6	**24**
Excertos Novos	5 18%		5 18%	2	7 23%		- 2	5 21%
Já presentes em compêndios anteriores (**FP, IC, SN, MM**)	11		11	1	12		-1	11
Presentes na *Seleção Literária* (SL) e conservados na **AN**	11		11		11		-3	8
Total de excertos presentes em compêndios anteriores	**22 82%**		**22 82%**	1	**23 81%**		-4	**19 79%**

TABELA 12 - EXCERTOS DO SÉCULO XVIII PRESENTES EM COMPÊNDIOS ANTERIORES

EXCERTOS	1ª ed. 1895	6ª ed. (+)	Total 6ª ed. 1913	7ª ed. (+)	Total 7ª ed. 1915	25ª ed. (+)	25ª ed. (-)	Total 25ª ed. 1945
TOTAL DE EXCERTOS DA ANTOLOGIA NACIONAL	**154**	40	**191**	6	**197**	74	-25	**246**
Total de excertos do Século XVIII na Antologia Nacional	**36**		**36**		**36**	2	-3	**35**
Excertos Novos	3 8%		3 8%		3 8%	2		5 14%
Presentes em compêndios anteriores (**FP, IC, SN, MM**)	21		21		21		-3	18
Presentes na *Seleção Literária* (SL) e conservados na **AN**	12		12		12			12
Total de excertos presentes em compêndios anteriores	**33 92%**		**33 92%**	1	**33 92%**		-4	**29 86%**

TABELA 13 - EXCERTOS DOS SÉCULOS XIX e XX PRESENTES EM COMPÊNDIOS ANTERIORES

EXCERTOS	1ª ed. 1895	6ª ed. (+)	Total 6ª ed. 1913	7ª ed. (+) (-)	Total 7ª ed. 1915	25ª ed. (+)	25ª ed. (-)	Total 25ª ed. 1945
TOTAL DE EXCERTOS DA ANTOLOGIA NACIONAL	**154**	37	**191**	+ 7 -1	**197**	74	-25	**246**
Total de excertos do Século XIX na Antologia Nacional	**58**	37	**95**	4	**99**	51	-12	**138**
Excertos Novos	34 59%	34	68 71%	4	72 73%	51	-9	114 83%
Presentes em compêndios anteriores (**FP, SN, MM**)	11	2	13		13		-2	11
Presentes na *Seleção Literária* (SL) e conservados na **AN**	13	1	14		14		-1	13
Total de excertos presentes em compêndios anteriores	**24 31%**		**27 29%**	1	**27 27%**		-3	**24 17%**

TABELA 14 - AUTORES DOS SÉCULOS XIX e XX NA ANTOLOGIA NACIONAL

1ª edição (1895) 21 autores brasileiros 16 autores portugueses	6ª edição (1913) 38 autores brasileiros 22 autores portugueses	7ª edição (1915) 41 autores brasileiros 22 autores portugueses	25ª edição (1945) 56 autores brasileiros 18 autores portugueses
Parte I - PROSA João Francisco Lisboa Torres Homem Varnhagen J. M. de Macedo Francisco Otaviano José Bonifácio (2°) José de Alencar D. Antonio de M. Costa **8 autores brasileiros**	**Parte I - PROSA (+)** Pereira da Silva Joaquim Norberto Visconde de Ouro Preto Couto de Magalhães Machado de Assis Franklin Távora Visconde de Taunay Barão do Rio Branco Joaquim Nabuco José do Patrocínio Eduardo Prado Raul Pompéia Euclides da Cunha **+ 13 autores brasileiros**	**Parte I - PROSA (+)** Martins Pena Silvio Romero **+ 2 autores brasileiros**	**Parte I - PROSA (+)** Manuel A. de Almeida França Júnior Rui Barbosa Aluísio de Azevedo Coelho Neto Farias Brito Olavo Bilac Graça Aranha **+ 8 autores brasileiros**
Almeida Garrett A. F. de Castilho Alexandre Herculano José Estevão Silva Túlio Rebelo da Silva Latino Coelho Camilo Castelo Branco Júlio Diniz Oliveira Martins **10 autores portugueses**	Pinheiro Chagas Eça de Queirós Gervásio Lobato **+ 3 autores portugueses**		**FORAM EXCLUÍDOS (-)** José do Patrocínio **- 1 autor brasileiro** Silva Túlio Pinheiro Chagas Gervásio Lobato **- 3 autores portugueses**
Parte II - POESIA Domingos de Magalhães Araújo Porto-Alegre Gonçalves Dias Odorico Mendes J. M. de Macedo Dutra e Melo Francisco Otaviano Laurindo Rabelo Álvares de Azevedo Junqueira Freire Casimiro de Abreu Fagundes Varela Castro Alves **+ 13 autores brasileiros**	**Parte II - POESIA (+)** Machado de Assis Luís Guimarães Artur Azevedo Raimundo Correia **+ 4 autores brasileiros**	**Parte II - POESIA (+)** Paranapiacaba **+ 1 autor brasileiro**	**Parte II - POESIA (+)** Alberto de Oliveira Cruz e Sousa Olavo Bilac Vicente de Carvalho Mário Pederneiras Alphonsus Guimaraens Augusto dos Anjos Hermes Fontes **+ 8 autores brasileiros**
Almeida Garrett A. F. de Castilho Alexandre Herculano Mendes Leal João de Lemos Gonçalves Crespo **+ 6 autores portugueses**	João de Deus Tomás Ribeiro Antero de Quental **+ 3 autores portugueses**		**FOI EXCLUÍDO (-)** João de Lemos **- 1 autor português**

Obs.: os AUTORES que apareceram na parte de prosa e na parte de poesia foram considerados DUAS vezes.

TABELA 15 - EXCERTOS BRAS. E PORT. DOS SÉCULOS XIX e XX NA ANTOLOGIA NACIONAL

EXCERTOS	1ª ed. 1895	6ª ed. (+)	Total 6ª ed. 1913	7ª ed. (-) (+)	Total 7ª ed. 1915	25ª ed. (+)	25ª ed. (-)	Total 25ª ed. 1945
de prosadores brasileiros	11	14	25	2	27	20	-2	45
de poetas brasileiros	21	12	33	2	35	31	-1	65
Total de excertos brasileiros	**32**	**26**	**58**	**4**	**62**	**51**	**-3**	**110**
%	**55%**		**61%**		**63%**			**80%**
de prosadores portugueses	18	3	21		21		-6	15
de poetas portugueses	8	8	16		16		-3	13
Total de excertos portugueses	**26**	**11**	**37**		**37**		**-9**	**28**
%	**45%**		**39%**		**37%**			**20%**
Total de excertos do Século XIX na Antologia Nacional	**58**	37	**95**	4	**99**	51	-12	**138**

ANEXO V I I

- **Xerocópia da Carta da Livraria Francisco Alves a Carlos de Laet**

FRANCISCO ALVES & C.ª
Livreiros-Editores
166 RUA DO OUVIDOR 166
RIO DE JANEIRO
Caixa do Correio n. 658
Endereço Teleg. — ALVESIA
FILIAES
LIBERO BADARÓ N. 129 S. Paulo
RUA DA BAHIA N. 1055 Bello Horizonte

Rio de Janeiro, 14 de [illegible]

Exmº. Sr. Conde de Laet

COPIA

Nesta.

Respeitosas saudações.

Acabamos de receber sua carta de hontem na qual V. Ex. reclama contra a publicação de "varias dições" do livro Anthologia Nacional "sem o cumprimento do contracto", e nos pede qualquer explicação sobre o facto.

Vamos dar a V. Ex. todas as explicações que podemos encontrar nos documentos existentes no archivo desta casa:

A edição para que V. Exa. fez accrescimos e que reviu em 1915, trabalho pelo qual lhe foi paga a quantia de Rs.-2:500$000-a que VExa. se refere, foi a setima. Depois só foi feita a oitava edição, que foi impressa em 1918, e não"varias edições".

Quanto ao"cumprimento do contracto" de publicação dessa obra, devemos dizer a V.Exa. que não encontramos em nosso archivo contracto algum que tenha sido infligido. Consta dos documentos em nosso poder o seguinte: compramos a plena propriedade da "Anthologia Nacional" á Livraria Azevedo que nos entregou o seguinte documento como prova de que o livro lhe pertencia:

> Recebi do Sr. J. G. de Azevedo a quantia de um conto de reis (1:000$000) pela qual lhe cedo a propriedade de uma compilação feita por mim e pelo meu collega o Sr. Fausto Barreto, sob o titulo "Anthologia Nacional", compilação que fica pertencendo ao mesmo Sr. J.G. de Azevedo. Polo presente me obrigo a não publicar, sob este titulo ou qualquer outro, trabalho congenere que ao editor possa prejudicar a venda do seu livro; e bem assim a rever as provas até a conclusão da obra. E para clareza lhe passo o presente recibo, que desejo tenha o valor de escriptura publica, tanto por mim como por meus legitimos herdeiros ou successores.
>
> Rio de Janeiro, 17 de Janeiro de 1895
>
> (assignado): Carlos de Laet
>
> Recebi nas mesmas condicções acima a quantia de 1:000$000
>
> (assignado): Fausto Carlos Barreto
>
> Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1895.
>
> Recebi mais a quantia de quinhentos mil reis (500$000) por novo prefacio, revisão de provas etc. da 2.ª edição da obra acima pelo que assigno este nas mesmas condicções.

Depois de ter esta livraria adquirido a propriedade da obra em questão, encontramos mais os seguintes documentos:

Continua

...CISCO ALVES & C.
(Livreiros Editores)
166 RUA DO OUVIDOR 166
RIO DE JANEIRO
Caixa no Correio n. 658
Endereço Teleg.—ALVESIA
FILIAES
R. LIBERO BADARÓ N. 129 S. Paulo
RUA DA BAHIA N. 1055 Bello Horizonte

Continuação

Rio, 14/5/19.

Recebi dos Srs. Francisco Alves & Comp. do Rio de Janeiro a quantia de um conto e quinhentos mil reis pelos accrescimos e alterações feitos para a quinta edição do livro "Anthologia Nacional", de que sou autor juntamente com o Sr. Dr. Carlos de Laet; accrescimos estes que ficam pertencendo para todos os effeitos aos mesmos Srs. Francisco Alves & C. Ratifico em tudo os dizeres do meu recibo de um conto de reis ao Sr. J. G. de Azevedo em 15 de Fevereiro de 1895 sobre este mesmo livro Anthologia Nacional.
Firmo o presente em duplicata, ambos para um só effeito.
Rio de Janeiro, 27 de Agosto de 1918.
(assignado) Fausto Barreto

Recebi dos Srs. Francisco Alves & Comp. a quantia de dois contos de reis-2:000$000-pelos accrescimos e alterações que fiz para a setima edição do livro Anthologia Nacional, de que sou autor, juntamente com o Sr. professor Fausto Barreto, accrescimos esses que ficam pertencendo, para todos os effeitos, aos mesmos Srs. Francisco Alves & Comp.
Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1915
(assignado) Carlos Maximiano Pimenta de Laet

Recebi dos Srs. Francisco Alves & Comp. a quantia de quinhentos mil reis (500$000), que ex-vi de um contracto com os mesmos Srs. me é devida pela minha parte de revisão da setima edição do livro "Anthologia Nacional", do qual sou autor juntamente com o Sr. Professor Fausto Barreto.
Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1915
(assignado) Carlos Maximiano Pimenta de Laet

Em vista da sua reclamação agora feita estamos persuadidos que ha ainda algum contracto ou accordo entre V.Exia. e esta livraria, talvez feito verbalmente e por isto não existente em nosso archivo. Pedimos a V.Exia. o obsequio de nos scientificar do que houver a respeito afim de darmos cumprimento ás obrigações a que esta livraria esteja sujeita, mas que a actual gerencia ignora por não constarem dos documentos acima transcriptos.

Não só esperamos, como V.Exa., mas temos certeza de que esta ou qualquer outro incidente terá sempre solução razoavel e amistosa, desde que tal resultado dependa de nós.

Aguardando sua resposta, pedimos permissão para nos subscrever

de VXa. Amgs. Ddos.

p. Francisco Alves & Comp.